

GRAMMATICA PORTUGUEZA

Obras do mesmo Autor

Propriedade da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Exame de Admissão para os Gymnasios, promptuarios das materias exigidas para o exame de admissao no Collegio Pedro II	6\$000
Historia do Brasil , para Gymnasios e Escolas Normaes, curso superior, 3. ^a edicao, 1 vol. — br. 4\$000 — cart. 5\$000 — enc.	6\$000
Historia do Brasil , para Escolas Primarias adoptada para uso das Escolas do Estado de Minas, curso medio. 1 vol. cart.	1\$500
Historia do Brasil (Rudimentos de), para Escolas Primarias, curso primario. 1 vol. cart.	1\$500
Autores Contemporaneos . Selecta dos autores do seculo XIX, adoptada pelo Governo para os exames das linguas franceza, ingleza e allemã. Edicao contendo numerosas annotacoes philologicas. 1 vol. cart.	4\$000
Grammatica Portugueza , da infancia, curso primario (1. ^o anno). 1 vol. cart.	1\$500
Grammatica Portugueza , elementar, curso medio, (2. ^o anno). 1 vol. cart.	2\$500
Diccionario Grammatical , 1. vol. cart. (em reimpressao).	
Livro de Exercicios , para servir com a Grammatica do 1. ^o anno. 1 vol. cart. (em reimpressao).	
Selecta Classica — Periodo archaico, periodo classico; quinhentistas e seiscentistas; com annotacoes philologicas e grammaticaes. 1 vol. cart.	6\$000
Historia Antiga (Oriente e Grecia). 1 vol. cart. (esgotada).	
Frazes Feitas (Explicacao de proverbios e modismos vernaculos). Primeira serie. 1 vol. br. 2\$000 — enc.	4\$000
Segunda serie das Frazes Feitas . 1 vol. (em reimpressao).	

JOÃO RIBEIRO

Grammatica Portugueza

CURSO SUPERIOR

ADOPTADA EM VARIOS GYMNASIOS E ESCOLAS NORMAES
DO PAIZ

22.^a EDIÇÃO

Inteiramente refundida

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

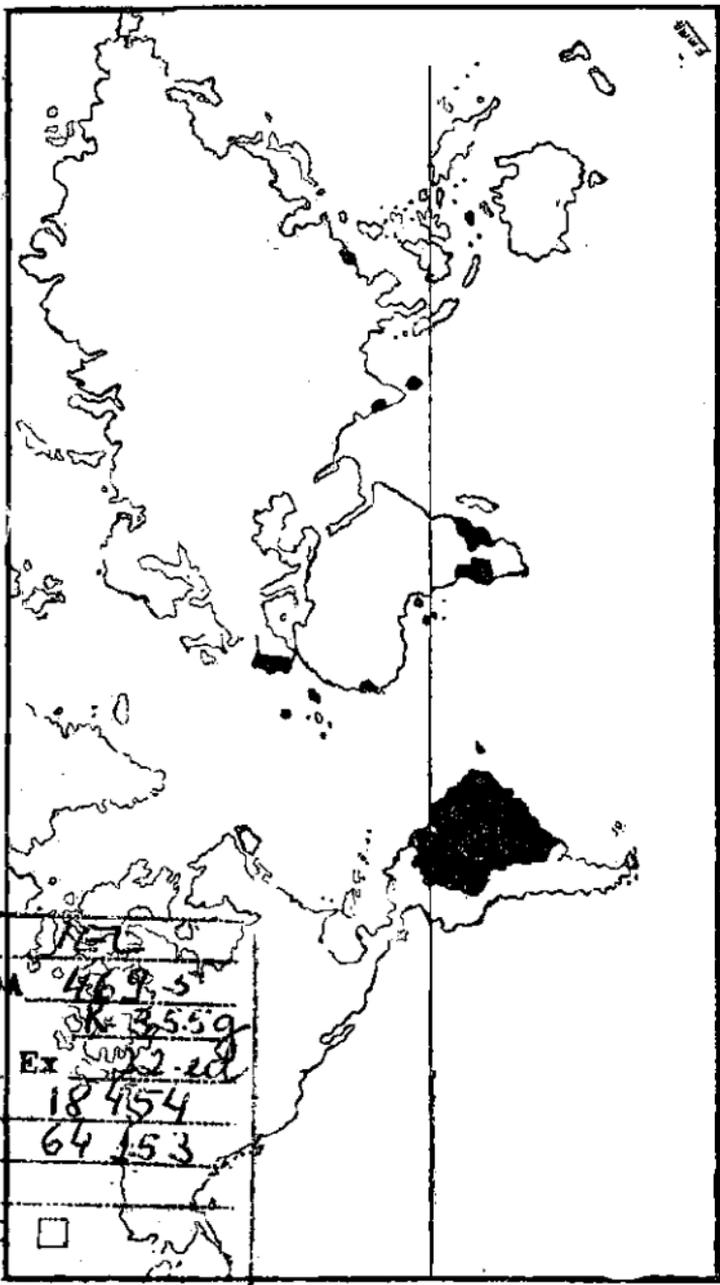
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Valério Badaró | Rua da Bahia, 1052
UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
1953

Biblioteca Central



UNIDADE	
N.º CHAMADA	4695
V	Ex 3559
TOMBO/BC	18454
TOMBO/IEL	64153
PROC.	
G <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PREÇO	
DATA	
N.º CPD	

ADVERTENCIA

A *Grammatica portugueza* nesta 21ª edição foi inteiramente refundida pelo autor, que buscou eleva-la ao nível das informações da philologia romana.

Tivemos que compulsar os trabalhos mais notaveis de mais recente data, nacionaes, portuguezes, espanhoes, allemaes, francezes e inglezes, e aproveitámos todas as lições que nos pareceram uteis ao intento almejado.

Entre os autores de que mais nos utilizamos estão: Schuchardt (*Brevier, Vokalismus e Roman. Studien*), Leo Spitzer (*Aufs. z. rom. Syntax, Roman. Wortbild*), Meyer-Lübke (*Gramm. des l. rom. e a Introd. á glottal* na ed. espanhola de A. Castro) o compendio de A. Zauner (*Rom. Spr.*), Tobler (quanto ao francez, Bourciez, Vendryes, Meillet (em varios e conhecidos trabalhos francezes), Stoltz, Dräger (quanto ao latim), Savi-Lopez (*Origine neo-lat.*), Haussen, M. Pidal (grammatica hist.), Cejador y Frauca, Brucke, Stricker, H. Sweet, Otto Jespersen, Victor Sievers, abbé Rousselot (quanto ás questões da phonetica experimental), Grandgent (*Introd. to v. Latin*), Ries (*Was ist Syntax?*), Suchier, Baist, Gröber, Koerting, etc., e todos os outros anteriormente aproveitados.

Obras geraes como as de Wundt (*Voelkerpsychol.*), ou Th. Ziehn (*Phys. Psych.*), ou Kaemmerer (*Biologie*), O. Weise (*Aesthetik d. d. Sprache*), H. Bradley (*The Making of English*), E. Weekley (*Romance of Words*), F. Kluge (*Wortforschung, Unser Deutsch, etc.*, mais concernentes ao

alemão), Fritz Mauthner (*Kritik der Sprache*), Skeat (*Notes on Etym.*), Kleinpaul (*Spr. ohne W.*), foram consultadas, como se verá do texto e da doutrina.

A philologia portugueza tudo deve a Carol. Michaëlis, Gonçalves Vianna, J. J. Nunes, Leite de Vasconcellos, Julio Moreira, Ep. Dias, Candido de Figueiredo e R. Dalgado, sem falar nos estrangeiros que se dedicaram ao estudo da lingua Reinhardtstoettner, J. Cornu, Monaci e d'Ovidio, Prestage, Aubrey Bell e Henry Lang, principalmente.

Os cultores da philologia no Brasil que não queremos citar para não commetter omissões involuntarias, têm nos lugares proprios deste livro citados os seus nomes acatados e illustres (1).

Esta não é uma *Grammatica historica*, thema mais do ensino universitario, que não temos; mas foi ella, desde as suas primeiras edições, inspirada no plano de A. Bain, no methodo historico-comparativo, com a discreta moderação que a tornou quasi popular no ensino secundario do Brasil.

Esperamos que o favor publico, apenas interrompido e excepto raros casos pessoaes explicaveis, continue a acolhida geral em todo paiz como sempre. Essa é e será a verdadeira prova e experiencia a que sujeitamos a *Grammatica portugueza*. Mais de vinte edições dispensam palavras inuteis.

1925.

(1) Durante a impressão deste trabalho lemos com proveito Sousa Silveira, Antenor Nascentes, Otoniel Motta e outros mestres.

PROLEGOMENOS

PROLEGOMENOS

1. Grammatica é a coordenação e exposição das regras da linguagem.

Esta definição decorre da observação dos factos da linguagem. A analyse revela que toda a lingua tem grammatica, porque os vocabulos que servem para a expressão das idéas tomam variações de fórma, de collocação e de sentido susceptíveis de serem generalizadas, isto é, de serem construídas sob o typo de *leis* ou *regras*. O systema geral destas leis constitue a *grammatica*.

Deve entender-se, porém, que não ha *leis* propriamente como ainda ha pouco queriam os neo-grammaticos com o character imperativo que provocou a reacção dos philologos mais autorizados de hoje.

As leis representam *tendencias* em dado grupo ethnico e linguístico.

O objecto da *grammatica* é sempre o *grupo de palavras* e a *regra* respectiva. Apesar disso, é costume indicar nas grammaticas, além dos factos geraes que se applicam a grupos de palavras (como o *s* do plural), factos *isolados* que só a pratica da linguagem viva ou o *diccionario* poderiam ensinar (como, por exemplo, o saber que *mulher* é feminino de *homem* ou *marido*). Abrange, pois, o estudo de regras geraes e de casos especiaes que convêm conhecer para o emprego legitimo e bom uso da lingua.

A definição corrente e muito gabada de que a grammatica é a sciencia dos *factos* da linguagem, é viciosa por imperfeita ou obscura, salvo se a *factos* damos o sentido de generalizações. Individuadamente, os *factos*, como quaesquer phenomenos, por si sós expressam apenas os elementos e os materiaes do estudo ou da sciencia.

Não são os factos, mas as suas relações que constituem a grammatica.

A grammatica pode ser *geral* e *particular*.

Grammatica geral é a que expõe os principios logicos da linguagem. Era o antigo conceito da chamada grammatica philosophica. Grammatica particular é a que expõe os principios e as particularidades especiaes de cada idioma. — Grammatica historica é a que estuda os factos da lingua em seus diversos periodos, desde a origem e formação até a época actual. — Grammatica comparativa, que é hoje a verdadeira *grammatica geral*, é a que estuda os factos communs ou differentes, em grupo de linguas que têm a mesma origem.

Tanto o estudo *historico* como o *comparativo* são inseparaveis e constituem applicações do *methodo historico-comparativo*, essencial á sciencia das linguas. No caso da lingua portugueza, os elementos *historicos* são fornecidos pelo latim, pelo portuguez antigo e pelas influencias das linguas estranhas, em diversas épocas; os elementos *comparativos* acham-se na analyse das linguas romanas, no italiano, no francez, no espanhol, que todas se originam do latim barbaro da idade média ou *latim vulgar*.

A *grammatica geral* ou *philosophica*, de antigo teor, tem já caído em desuso. Comtudo, não é um estudo esteril quando se funda no conceito da *historia* e da *comparação* hoje indispensavel no estudo superior das linguas.

Grammatica descriptiva, ou *expositiva*, ou *pratica*, é a arte que ensina a falar e a escrever correctamente, isto é, segundo o uso das pessoas doudas.

A grammatica pratica, como arte que é, contém preceitos não raro anti-scienficos, por isso que, ás vezes, de seu interesse é apontar meios mecanicos e mnemonicos que facilitem o estudo. Assim, a *grammatica pratica* denomina irregulares os verbos que, scientificamente, no sentido da filiação historica, conservam a regularidade etymologica primitiva. Quasi se pôde dizer o mesmo a respeito de todas as irregularidades, excepções e anomalias, em grammatica.

2. A grammatica portugueza divide-se em quatro partes principaes: *Phonetica*, *Morphologia*, *Classificação* (ou *Taxinomia*) e *Syntaxe*. As tres primeiras referem-se ao estudo do VOCABULO, e por isso tambem se chamam *lexilogia*; a ultima, ao da PHRASE ou *proposição*.

Essas subdivisões de grande commodidade para o estudo não têm suscitado criticas e divergencias apreciaveis. Coisa possivel é adoptar a *classificação* (*taxinomia*) e dentro della incluir a *morphologia* e a *syntaxe*, e como estudo complementar *phonologia*. Este é, em geral, o processó inevitavel, pois que são de natureza artificiosa essas divisões.

Trata-se, pois, de mera conveniencia a distribuição tradicional das materias.

Philologos modernos, como A. Zauner, dividem a grammatica em *phonologia* (*Lautlehre*), estudo dos sons e estudo das *palavras* (*Wortlehre*) e *Syntaxe*. No estudo da *palavra* ou *vocabulo* ha que distinguir as formas (*Wortformen*) a significação (*Wortbedeutung*) e a derivação e formação (*Wortbildung*). Mas, nenhuma destas partes é independente; no estudo dos sons, que parece mais alheio á significação do vocabulo, a *analogia* é elemento indispensavel na *phonetica* mais restricta. Em resumo, a palavra, em seus elementos sonoros, na sua *significação* e na *phrase*, abrange as divisões geraes de qualquer grammatica.

O estudo do sentido do vocabulo chama-se *Semantica*, e o da origem e historia das fórmas primitivas, *Etymologia*; quanto muito dependentes da grammatica, della não fazem commummente parte a *Etymologia*, nem a *Semantica*, e antes representam divisões da philologia geral.

Phonetica é o estudo dos sons que compõem as palavras (1).

(1) Na *Grammatica* do 2º, como na do 1º anno, acham-se as regras mais elementares da *phonologia* ou *prosodia*. Este estudo, porém, com maior desenvolvimento, sob o aspecto linguistico e historico, como observa Sweet (*A new engl. Grammar logical and historical*), não deve fazer parte da grammatica e é antes um ramo muito especial da philologia.

O estudo dos sons envolve o estudo das letras e sym-bolos que os representam. D'ahi a *Orthographia*, que ensina a representar graphicamente e com exactidão os vocabulos: a *Orthoepia* ou a *Prosodia* (ou ainda *Phonética*), que ensina a pronuncial-os segundo o bom uso, e, nesta materia, é considerada de bom uso a prosodia da capital do paiz; pelo menos esta é a que se impõe inevitavelmente.

A *prosodia portugueza* normal não é seguida no Brasil, que tem prosodia nacional algo distincta da européa.

No lugar proprio assignalamos as distincções mais caracteristicas.

Morphologia é o estudo do vocabulo considerado como composto de elementos significativos.

A *morphologia* corresponde ao que nas sciencias biologicas tem sido varias vezes denominado *Organographia*. Os elementos morphicos não são simples letras ou syllabas; são partes do vocabulo que representam a idéa principal ou accessoria:

amar-ei
con-de-scend-ente
bon-d-oso
livro-s
pro-vid-enc-iar.

Cada um d'estes elementos em separado é como orgão que tem função ou sentido, e todos concorrem para determinar a significação total do vocabulo, determinando-lhe ao mesmo tempo a historia e a formação.

Classificação (ou taxinomia) é distribuição dos vocabulos por familias e especies, segundo o sentido ou a formação na phrase.

A classificação toma por base a idéa, por ser esta o attributo mais notavel do vocabulo. Segundo este systema, as palavras são classificadas em familias, que têm as denominações de *substantivos*, *verbos*, etc.

Está claro que essa idéa não pôde significar senão a sua função na phrase ou no juizo, porque, é trivial, a palavra

vive e só existe na phrase, mas é a função considerada em si propria, sem o que se confundiria com o conceito da syntaxe.

Syntaxe é o estudo dos vocabulos em coordenação, isto é, considerado na phrase (1). Os vocabulos, considerados uns com os outros, na proposição, mantêm entre si tres especies de relações: a de ordem ou collocação; a de *subordinação* ou (mais restrictamente) dependencia; e a de *concordancia*, que é um aspecto especial da dependencia.

Fica incluído na syntaxe o estudo da classificação das phrases (*Analyse logica*).

Entre os nossos autores e mestres da lingua ha verdadeiro abuso no estudo absorvente e improductivo da *Analyse logica*.

(1) O conceito da *Syntaxe* não é muito preciso, porque em rigor toda linguagem está na syntaxe. assim como toda a palavra só existe realmente na phrase, e fóra della é uma abstracção que só se justifica pelas necessidades dos methodos de estudo (Ries — *Was ist Syntax?* ensaio critico). De consideração é a contribuição de Leo Spitzer (*Ein crsatzwort für Syntax* em que se estuda a materia. Veja nesta grammatica no lugar proprio o que escrevemos.



PHONETICA

(ESTUDO PRELIMINAR)

A *phonetica* é sem duvida inseparavel no estudo da *grammatica historica*. Nesta que nas suas idéas geraes foi composta sob a inspiração do methodo historico-comparativo na medida em que é applicavel ao ensino secundario, tratamos do assumpto sem descer a individuações mais proprias do ensino universitario da philo'ogia.

E' o estudo preliminar que julgamos indispensavel ao nosso *Curso Superior da Grammatica*

I

Phonetica. As letras

Phonetica é o estudo da palavra considerada em seus elementos literaes como um composto de sons, consideradas as leis a que estes obedecem em suas aberrações. Os sons são representados por letras e symbolos, ex.: *m, b, a, i, ã, ó*. O conjunto das letras tem o nome de *alphabeto*.

Reserva-se hoje especialmente o nome de *Phonetica* ao estudo exacto dos sons, sob o aspecto especial da pronuncia: o nome *Phonologia* é mais amplo e comprehende o estudo historico. (1)

O alphabeto moderno é summamente defeituoso. Faltam-lhe symbolos especiaes para certos sons, como *á, é, ó*, que são, ás vezes, suppridos por accentos; ao mesmo tempo possui caracteres superabundantes, como *g e j; c, k, q*, etc. Muitas das alterações das palavras são devidas a defeitos do alphabeto: ficar, *fiquel, etc. Desta arte devem entender-se algumas divergencias como simples questões de escripta ou orthographia.

(1) *A phonetica* ou prosodia nacional tem merecido a attenção de varios escriptores nossos. Mas não ha ainda um systema integral da prosodia brasileira, por isso mesmo que ella é muito variavel com os lugares do extenso territorio. São, entretanto, dignos de nota nesta especie algumas contribuições excellentes: *Repasse critico* de Martinz de Aguiar (para a região do Norte), o *Linguajar carioca* de Antenor Nascentes, o *Dialecto caipira* de Amadeu Amaral, a *Geringonça* de R. Pedrneiras e outras observações menos systematicas e avulsas de estudiosos e philologos nas revistas e folhas periodicas, taes as de C. Jucá filho.

I

Phonetica. As letras

Phonetica é o estudo da palavra considerada em seus elementos literaes como um composto de sons, consideradas as leis a que estes obedecem em suas aberrações. Os sons são representados por letras e symbolos, ex.: *m, b, a, i, õ, ó*. O conjuncto das letras tem o nome de *alphabeto*.

Reserva-se hoje especialmente o nome de *Phonetica* ao estudo exacto dos sons, sob o aspecto especial da pronuncia: o nome *Phonologia* é mais amplo e comprehende o estudo historico. (1)

O alphabeto moderno é summamente defeituoso. Faltam-lhe symbolos especiaes para certos sons, como *á, é, ó*, que são, ás vezes, suppridos por accents; ao mesmo tempo possui caracteres superabundantes, como *g* e *j*; *c, k, q*, etc. Muitas das alterações das palavras são devidas a defeitos do alphabeto: ficar, fiquel, etc. Desta arte devem entender-se algumas divergencias como simples questões de escripta ou orthographia.

(1) *A phonetica* ou prosodia nacional tem merecido a attenção de varios escriptores nossos. Mas não ha ainda um systema integral da prosodia brasileira, por isso mesmo que ella é muito variavel com os lugares do extenso territorio. São, entretanto, dignos de nota nesta especie algumas contribuições excellentes: *Repassé critico* de Martinz de Aguiar (para a região do Norte), o *Linguajar carioca* de Antenor Nascentes, o *Dialecto caipira* de Amadeu Amaral, a *Geringonça* de R. Pederneiros e outras observações menos systematicas e avulsas de estudiosos e philologos nas revistas e folhas periodicas, taes as de C. Jucá filho.

Verifica-se que os timbres vocalicos são *ascendentes*, de A até I, e *descendentes* de A até O e essa divergencia resulta do movimento da lingua que no primeiro na sua parte anterior se eleva gradualmente ao palato, ao passo que na série *descendente* é a parte posterior da lingua que move no mesmo sentido. As vogaes são, pois, todas ellas *linguo-palataes* na sua producção, excepto o A, que marca o momento de inercia e é o ponto de partida dos varios timbres. Se examinarmos attentamente os varios timbres, encontramos na linha *ascendente* os matizes phoneticos que se seguem:

A ——— â ——— e ———
má (medo) (se) (vi)

Na linha *descendente*:

A â u ô ó
 (má) (para) (tudo) (flor) (só)

Ha muitos phonetistas que divergem quanto á direcção *descendente* collocando U no extremo da linha.

Segundo o diagramma

A ——— ô ——— u.

A verdade é que tanto U como I se afastam acentuadamente nas duas direcções e podem passar por vogaes de formação independente, por isso mesmo, têm ambas um timbre quasi invariavel, mormente no portuguez que não possui o *ü* muito proximo do *i* da outra escala.

E' util observar que na phonetica brasileira escapam certas variedades de timbre observaveis no portuguez europeu: o *á* aberto é entre nós o unico das vozes indigenas (*já cá, Pará*) e apenas se distingue do *a* atono nas vozes portuguezas: *cá sa, pá ta*. Nas escolas é costume ensinar a proodia do *a* grave em *mas* (conj.), *para* (preposição), *a* (ar-

tigo distincto de *á*); essas distincções escolares não correspondem á pronuncia brasileira. (1)

O *e* tem entre nós os sons *é* (pé), *ê* (medo) e *e* atono quasi equivalente a *i* (cidade).

A distincção *ê* (prêgar) (pêgada) não existe; pronunciamos como *é* aberto de *fé*, *petipé*, *café*. Tambem não conhecemos o *e* brevissimo portuguez: *pedido* (p'dido) e por isso não commetemos os erros graphicos: *vezinho*, *Felipe*, *Felinto*, tão communs entre os portuguezes.

O *o* tem entre nós os timbres: *ó* (pó), *ô* (todo) e *o* atono, equivalente a *u* (rato, lindo). Aqui não divergimos dos portuguezes, salvo quando segue nasal: Antonio (antônio e não antóhnio), mórmente nas palavras esdruxulas. Divergimos, porém, no *o* pretonico, que entre nós vale *ô* e não *u*: *sóbrado* e não *subrado*. Comtudo em varios lugares sôa *u*: *chuver*, *tumar*, em poucas palavras.

Das *nasaes* trataremos em lugar apropriado. A *nasal* é sempre mais extensa e intensa no Brasil.

Podemos denominar (por approximação, já se entende) o *a* como *guttural*, o *o* e *u* como *labiaes*, *i* e *é* como *palataes*; todas as vogaes, porém, são linguo-palataes, ainda que não haja contacto no tubo vocal.

(1) Nas indicações de distancia no linguaajar do sertanejo, são differentes os timbres do *a* em *ca* ou *la*; observação igual fez Wundt a respeito de certas linguas barbaras africanas: In manchen Sudansprachen werden in dieser Weise drei Abstufungen der Entfernung (oder der Grösse) geschieden. Demnach erscheint das *dort in der Ferne* im tiefsten Ton, das *dort in mittlerer Entfernung* in einer mittleren und das *hier in der höchsten Tonlage*. Wundt — *Voelkerpsychologie*, 66.

O mesmo factó observou Montoya na lingua dos indios quanto aos diminutivos *con*, o *i* final muito prolongado.

As vogaes podem ser nasaes quando a expiração passa pelo nariz:

ã, an, am — irmã, santo, campo

e assim as outras: *ê, ĩ, ô, ũ*, com a só differença de que na escripta o *til* hoje se usa sobre o *a* e *o*, mas antigamente podia recair sobre todas as vogaes.

Observemos que o *m* entre portuguezes é nasal quando precede a labial: *campo*. No Brasil sempre nasaliza a syllaba anterior: remo (rêmo).

DIPHTHONGOS

As vogaes podem combinar-se com outras formando *diphthongos*: em geral a combinação põe em segundo lugar *i* (ou *e*) e *u* (ou *u*); d'ahi a serie *decescente*:

Na serie *decescente* a primeira vogal é a preponderante (ou *prepositiva*). Na serie *crescente* são as vogaes *subjunctivas* da primeira serie que occupam o primeiro lugar:

ia, ea, ya
ua, oa,
ie, io, iu, yo.

Essas subjunctivas fazem o effeito de *semi-consoantes*. (1)

(1) A existencia de diphthongos têm sido contestada por varios philologos de porte. No latim vulgar que originou os romances modernos só havia distinctamente os diphthongos *ae*, *oe* (ambos tratados como *e*) *au* que degenerou em *ô*, *ou* em portuguez, *ai* em *ê* (primariu—primairu—*primêro* ou primeiro); *au* atono em syllaba vizinha, em *u* desapareceu por dissimilação *agosto*, *agouro* (*angu*—) da junção *ie* resultou *ê*: *quêdo* (quietu), *parede*. Nas linguas romanas, porém, os diphthongos são mais numerosos e característicos, se bem que em qualquer união de vogaes uma dellas naturalmente consonantiza a outra. Leitura interessante é a da doutrina de V. Henri perfilhada por Antenor Nascentes e da contestação que lhe oppõe J. Oiticica. *Rev. de Filol. port.*, ns. 1 e 8 (1924).

O agrupamento pôde ser de tres vogaes *trithongos*:

iau, uai, uae, iao
uei, oei,

como se observa nas palavras: *piau, poeira, suão, Paraguai*, etc.

A's vezes o diphthongo é de simples apparencia; é um *digrapho* (duas letras) que só representam um sóm unico: pouco (=pôco), mouro (=môro).

Outras vezes, a subjunctiva *i* intercala-se, como na prosodia do Brasil: *tem* = tein, *vem* = vein. Em Portugal esse caso tem o som especial do diphthongo *æe*: tambem (no Brasil, *tambem*; em Portugal, *tambæe*). A prosodia brasileira era a mesma do tempo de Camões. (1)

Neste exame dos diphthongos convem considerar o caso do *hiato* (dierese), que é o da separação prosodica das vogaes:

riu, do verbo *rir* (*diphthongo*)
rio, subst. (*hiato*)
ai ou *ae* — *paie* (*diphthongo*)
saia (*sahia*), v. (*hiato*).

CONSOANTES

As *consoantes* classificam-se segundo o modo de formação e produção. A corrente expiratoria pode soffrer modificações intercorrentes ao passar pelo tubo vocal.

A classificação que adoptamos sem grande tempenho, porque são muitas as divergencias entre as phoneticas é a que considera uma primeira divisão entre as *explosivas* ou *instantaneas*. (*p, b, t, d,*) que não tem som a não ser com vogal de apoio, e as *continuas* que vibram com algum ruído antes da vogal de apoio (*x = ch, ss, rr* e as nasaes *m, n,*) Esses dois grupos geraes subdividem-se segundo o órgão que

(1) Nos poetas quinhentistas não se observa a rima *mãe* e *bem* (*bæe*).

prepondera na produção das consoantes, em outros menores: *gutturales* (velares), *dentales*, *bilabiales*, *palatales* (1).

Ha outras subdivisões, alem destas, e todas ellas podem reunir-se no seguinte quadro schematico que abrange a variedade dos sons consoantes:

Segundo o orgão	EXPLOSIVAS OU INSTANTANEAS		CONTINUAS					
	Surdas (fortes)	Sonoras (brandas)	Spirantes		Líquidas	Vibrantes	Semi-vogaes	Nasaes
			Surdas (fortes)	Sonoras (brandas)				
Labiales.....	p	b	f	v	—	—	w	m
Dentales (linguo-dent.)	t	d	s	—	—	rr	—	n
Gutturales.....	e, k	gh	—	—	—	—	—	—
Palatales (marginales).	—	—	x, ch	j	l	—	y	—

(1) Como as vogaes podem usar-se como interjectivas *ah*, *oh*, *ó*, *ai*, *ui*, etc., tambem as consoantes podem ser interjectivas: *s*, *ss*, para concitar ao silencio; *f*, *ff*, para soprar o que está quente; *psst* para chamar, etc. (Von Konsonanten verwendet man *s* um Stille zu gebieten, *f* um etwas Heiszes kalt zu blasen u. s. w. — Sütterlin — *Lautbildung*, 126).

Não é menos certo como affirma Th. Ziehen, que os rudimentares movimentos mais simples na expressão *affectiva* e *immediata* se tornam naturalmente mais complexos na linguagem e communicação das idéas. "Waerend diese letzteren, also Lachen, Weinen *usf.* meist speziell effekte ausdruecken, werden die *Sprechbewegungen* zum Ausdruck aller unserer Empfindungen und Vorstellungen erfordert natürlich auch eine grosse Variabilität der *Sprechbewegungen*". — Th. Ziehen — *Physiol. Psychol.* 513.

Como não temos ainda uma terminologia assentada, oferecemos o seguinte schema adoptado por J. J. Nunes, na sua *Grammatica historica*:

Modo da articulação	Lugar da articulação	Labiais		Dentais ou linguo-dentais	Palatais ou linguo-palatais		
		Bi-labiais	Dento-labiais		Pótero-palatais (Gutturais)	Medio-palatais	Antero-palatais
oclusivas	sonoras	b		d	g		
	surdas	p		t	c (k, p)		
Constrictivas	sonoras	u	v	s, z		l	g, j
			f	s, ç			ch, x
	sonoras			r			
	sonoras			l			lh
nasais	sonoras	m		n			nh

Confrontando-se os dous quadros, vê-se que, por exemplo, classifico as *labiaes* *p*, *b*, *f*, *v*., ás quaes J. J. Nunes chama, ás duas primeiras, *b*, *p* — bilabiaes, e ás duas outras *dento-labiaes*, expressões exactas e claras.

A *explosivas* corresponde o termo *oclusivas* e ás *continuas* o de *constrictivas* e *fricativas*, synonymia util.

E', todavia, uma imperfeição excluir os sons *gutturales* ou substituil-os por *palataes*. Nesta materia, em verdade, é impossivel ser completo, porque os sons estão condicionados a varias circumstancias prosodicas e certos movimentos musculares que não costumamos mencionar como o dos musculos da face.

Outras circumstancias como a do *registro* da voz tem sido motivo de divergencias entre os mais autorizados phonetistas. Veja-se o que diz Sütterlin (*Laut-bildung*, 46) a este respeito, quanto á *voz de peito*, o *falsete*, *fistelstimme*, *kopfst*, *bruststimme*, foi varia e contradictoriamente entendida por Sievers, Techmer e Victor.

Como illustração da formação phonetica das vogaes e consoantes apresentamos as gravuras expressivas de E. Richter (1), applicaveis ás nossas condições de phonação:

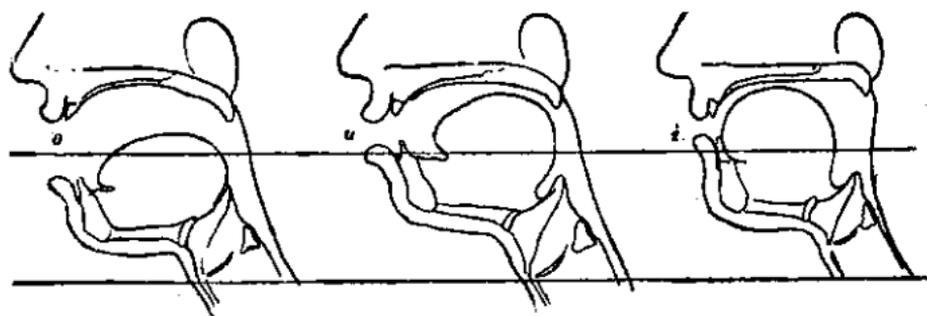


Fig. 1. — A gravura representa schematicamente a produção das vogaes extremas: *a*, *i*, *u*. Nota-se a constricção do canal na produção de *u* e *i*, com movimento da epiglote, e a elevação da lingua até quasi ao palato.

(1) Dr. E. Richter — *Wie wir sprechen*, Teubner. Cf. com Techmer — *Phonetik*; Brücke — *Grundzüge der Physiol. der Sprachlaute*.

Excelente explicação dentro do proprio idioma, antigo e moderno, temos toda a parte consagrada aos sons na *Lexologia do port. historico* de M. Said All, pgs. 1—23.

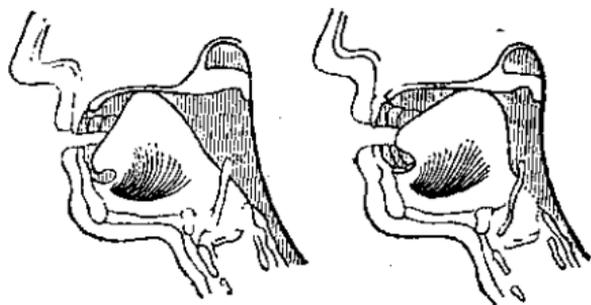


Fig. 2. — Produção das gutturaes k, g (gh) antes de a e i (gala, guia). É a direita a produção das mesmas antes de o e u (Brücke — *Grundz. der Physiol. der Sprachlaute*).

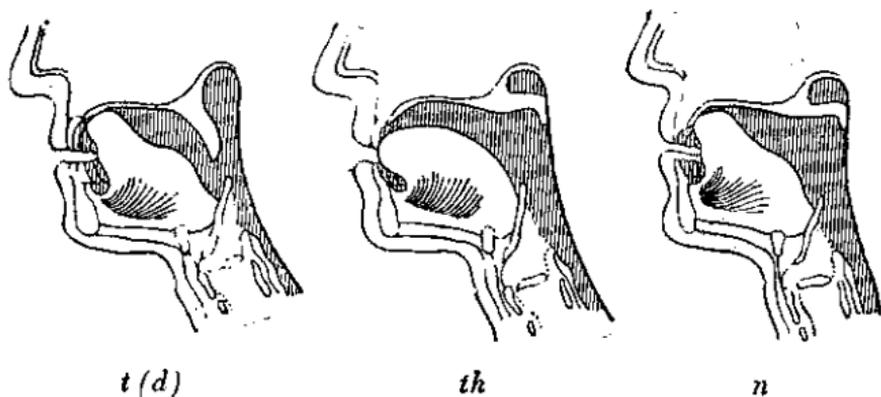


Fig. 3. — Produção das dentaes e dento-labíaes: t, d, th (ingl.) n (Segundo E. Richter — *Wie wir sprenchen*). A articulação th (entre d e z) não a possuímos.

No *latim vulgar* as consoantes são as mesmas da lingua classica, com a perda do *h* que se tornou mero signal ou desapareceu (aprehendere) aprender; e a troca frequente de *b* e *v*, como se dá ainda em varios romances e no portuguez. Tambem é digno de nota no *latim vulgar* a perda da nasal *n* no grupo *ns*: mesa (*mensa*), peso (*pensum*).

Não escrevendo para estrangeiros, não temos necessidade de adoptar as convenções internacionaes quanto ao valor das vogaes e consoantes: $\varphi, \varrho = \acute{e}, \acute{o}$; $l' n' = lh, nh$; $\acute{e}, \acute{o} = \hat{e}, \hat{o}$, e outros caracteres gregos ou especiaes convenios para o estudo comparativo da phonetica nas linguas cultas. Para nós, os accentos graphicos bastam quanto ás vogaes de timbres variaveis e as nossas consoantes variaveis não necessitam convenção: $\acute{g} = g = j$, palatal; e assim $\acute{s} = x = ch$. Não temos o γ (no allemão, *ach*) nem o p corresponde o *th* inglez e ao *c* espanhol antes de *e* e *i*.

Vocalismo (1). Factos principaes:

a) conservação do timbre da vogal latina: *capu*, cabo; *letu*, ledo; *rota*, roda; *muru*, muro;

b) nasalização por influxo da consoante nasal: *lã de lana*; mão de *manu*;

c) no diphthongo *au = ou*: ouro, *auru*; pouco, *paucu*;

d) diphthongação nos grupos *pt, ct*: peito, *pectu*; fruto, *fructu*; auto, *actu*; conceição, *conceptionem*.

Consonantismo. Factos principaes:

a) conservação desde o latim da consoante inicial *ca*, *ma*, *to*, *ve*o;

b) abrandamento de *c, k = g, p = b, t = d*: *cacu*, cego; *capu*, cabo; *rete*, rede; amigo, *amicu*; pedra, *petr.*;

c) quêda da consoante intervocalica *l, n, g, d*: pau, *paulu*; cão, *cane*; lei, *lege*; rei, *rege*; nó, *nodu*; areia, *arena*; dedo, *digitu*; povo (poboo), *populu*;

d) nos grupos: *pl = ch, x* ou *pr*; cheio, preio, plenu; *fl* e *cl = ch*: *chamma* (*flamma*), *chave* (*clave*);

e) vocalização do *c* ou *p* nos grupos *ct, pt* (V. acima — Vocalismo — d).

(1) Mais desenvolvidamente o *vocalismo* e o *consonantismo* no capt. *Origem das Letras* e *in fine* nos quadros phoneticos do *appendice*.

Breves e longas. Ao passo que *a* e *i* conservam geralmente o mesmo timbre, deve notar-se que á vogal longa, *ē*, *ō*, corresponde o som fechado, já existente no latim vulgar:

	ratione — razão,
mas,	
ê = ē	metu — mêdo pena — pena
é = ē	febrem — fébre sedem — séde, sé
ô = ō	totum — tôdo florem — flôr
ó = ō	nodum — nó rota — róda.

Outras mudanças de timbre occorrem, sob condição, com *i* e *u* geralmente inalteráveis:

i — ē	— cito — cêdo pira — pêra
u — ô	— turrim — tôrre.

Phonetica da phrase. Incluem alguns phonetistas, como A. Zaune, como phenomenos de phonetica phraseologica, as contracções com *dom*, *gran*, *cem*, *fi* (fidalgó). sobrinho (consobrinho, nhor, sôr (senhor), frei, você (vossa mercê, vosmecê), que já estudámos em outra oportunidade e de que existe grande cópia nas linguas romanas. Nesta classe incluem os phenomenos de *liaison*, principalmente do *s* final, portuguez. (1)

(1) Por sua muito proveitosa leitura nesta materia aconselhamos os livros vernaculos: *Chrestomathia archaica* de J. J. Nunes, *Lexicologia* do port. de Said Ali.

II

Transformações phoneticas e historicas

Constitue a phonologia historica o estudo da evolução dos sons vocabulares desde o *latim vulgar* até a constituição do *romance* e da mesma lingua actual. Até a época do *romance* (lingua antiga), que se pôde fixar entre os seculos XII e XIII para o portuguez, a evolução foi *organica*, isto é, operou-se sob o regimen das causas naturaes e inconscientes das linguas. D'ahi ao diante, porém, a cultura literaria, a disciplina grammatical e o cuidado pelos estudos philologicos tornaram-se agentes psychologicos, ora em reacção, ora em concurrencia com o movimento organico primitivo, que foi e vae perdendo cada vez mais a intensidade propria, sem comtudo annullar-se totalmente.

As forças que pouco a pouco minavam e produziam a dissolução dos phonemas latinos, tomavam aspectos especiaes que variavam segundo os logares e os tempos. Todavia as transformações que o idioma soffria, deixavam claramente observaveis varias tendencias espontaneas que até ha bem pouco chamavamos exageradamente LEIS PHONETICAS. (1)

Uma vez instituidas estas correntes diversas e contrarias, tornou-se possivel o equilibrio. A' medida que pela *decomposição* se davam o enfraquecimento e a perda consecutiva dos valores phoneticos, novas forças surgiam, que, alliadas ao trabalho mental e obvolvidas umas sobre outras, se iam oppondo á differenciação da lingua.

(1) Falamos em *tendencias* que se devem considerar espontaneas em cada grupo de lingua e povo, mas não de *leis* com o sentido imperativo e absoluto que lhe deram principalmente os *neo-grammaticos*. Leis taes mereceram o conceito de descredito.

Assim, pois, a *phonologia* que deve ser sempre entendida conjunctamente com o estudo literario da lingua, comprehende o estudo das duas forças geraes permanentes. que mantêm a lingua em equilibrio embora instavel: a *decomposição* e a *reconstrucção* (ou *analogia*).

Precisamos convir que o *latim vulgar* não é senão o verdadeiro latim, a lingua viva dos romanos e não é uma corruptela do *latim classico* e *literario*; este é que é em verdade uma creação por vezes artificial sempre estilizada sobre o modelo popular.

1. — TENDENCIAS PHONETICAS

a) *Decomposição*

Os phenomenos de *decomposição*, cujo maximo resultado foi differenciar e dar individualidade original ás linguas modernas, acham explicação em muitas e mui variadas causas.

Entre estes factores são de notar as *raças* e *linguas* primitivas ou posteriores, que pela invasão se superpozeram ao dominio latino na península. Taes foram o celtico, o gothico e o arabe.

Bem se vê que semelhante factor offerece sérias difficuldades de analyse, mas alguns factos ha que resistem a qualquer controversia. E' sabido que alguns sons gutturaes e aspirados são devidos á influencia arabe. Outros phenomenos phoneticos derivam da mesma origem, taes como as *protheses*, outr'ora innumeraveis da letra *a* nos substantivos portuguezes *alagôa*, *alicornio*, *alampada*, *aluguer*, *alanterna*. Ainda mais: ninguem contesta a procedencia gothica das transformações *gu*, *gh*, dos sons *w*, *v*. exemplos:

gastas	— vastare
vomitare	— gonitare
guai!	— Væ!

(Segundo o gothico: *werra* — *guerra*).

D'essa classe participam os termos *Guadalquivir*, *Guardiana*, *Guimarães*, *guiza* (ant.), etc., etc.

Além das *raças e linguas*, convém não esquecer um factor de importancia limitada, designado sob o nome de *meio* ou *condições mesologicas*, entre as quaes a principal é incontesavelmente o *clima*.

A *mesologia* abrange o estudo do clima, dos accidentes e contornos do sólo e das aguas, da alimentação, do *modus vivendi* material dos homens. Entre estas condições avulta o *clima* por ser a causa mais geral, e que pôde explicar a existencia das restantes. Alguns observadores, como pondera Hardy, têm procurado definir a influencia *mesologica* ou *climaterica*, induzindo dos factos a verdade que os *sons se tornam mais agudos á medida que cresce a latitude* ou baixa a temperatura. Assim, os phonemas latinos, italianos e peninsulares em A, tornam-se mais agudos na zona média, na França e attingem a maxima acuidade na zona septentrional e mais fria. A progressão pôde ser notada nos exemplos seguintes:

A (sul)	~~~~~	E (francez)	I (inglez)
Cabo			
Capo		— Chef —	— Chief (<i>txif</i>).
Caput			
Labio			
Labbro		— Lèvre —	— Lip.
Labrum			
Aquila			
Agua		— aigle —	— eagle (igl').

Estes exemplos, que nos aponta Hardy, justificam a *progressão aguda* dos valores phoneticos, do sul para o norte europeu, produzida pela acção do clima. Ainda que o elemento latino só através do francez passasse á Inglaterra, comtudo é sufficiente e irrecusavel em termos geraes.

Os factos *mesologicos* são os que notificam a variedade physionomica das linguas, e que a umas dão preferencias por certos sons, que em outras escasseiam. O som chiante do s final e os diphthongos em *ão* caracterizam o portuguez; os sons velares do *ch* dão especial parecer ao allemão, como o sibilo dental ao inglez, a nasalidade ao francez e o excessivo vocalismo ao italiano. Assim, cada lingua tem a sua orga-

nização ou indole phonetica de tal arte ordenada, que se pôde ouvir confusamente um trecho declamado, e dizer em que lingua está composto, ainda quando se não perceba uma só palavra ou phrase. As differenças prosodicas entre o falar portuguez e o brasileiro, devem em grande parte ser referidas ao factor mesologico ao lado do ethnico.

A acção *mesologica* é, sobretudo, profunda no dominio biologico. Não se deve dar exaggerado peso á influencia do *clima* sobre o trabalho mental; mas é claro que a actividade cerebral e as funcções do apparelho vocal dependem immediatamente do estado physiologico dos orgãos que vivem sob a continuada acção do *meio*.

Todos os factores que contribuem para a differenciação da lingua em qualquer direcção, quer impulsores, quer obstinentes, refluem e vão ter ao principio geral de economia physiologica, conhecido pelo appellido de *lei do menor esforço*.

Esta lei (no sentido discreto que já definimos para as *leis phoneticas*) de character generalissimo pôde em verdade conter os phenomenos, não só de *decomposição*, mas os de *reconstrucção* phonica; é ella todavia applicada mais restrictamente á série de transformações que se distinguem por decrescentes reduções dos valores prosodicos.

De sorte que o principio pôde ser formulado, em phonologia, do seguinte modo:

Na decomposição da lingua, todo o som tende a diminuir de força ou a abrandar até o extremo limite: a desaparição ou quêda.

D'ahi evidentemente se infere que os sons comportam duas especies determinadas de redução:

1.^a O *abrandamento*. (Ex.: c = g: *lacunam*, baixo latim *lagona*, lagôa). (1)

2.^a A *quêda*. (Ex.: l: *ma-l-um*, máu).

Estas duas ordens de factos assignalam os dous modos essenciaes da decomposição. Sem que se exerçam discricionariamente, é licito lembrar que o *abrandamento* e a *perda* acontecem sob a occurrencia de outras causas e circumstancias de que faremos analyse.

(1) Seria talvez preferivel dizer simplesmente *troca* ou *mudança* por ser o caso mais geral.

A expressão mais geral da degeneração phonetica é a chamada *Lei de Grimm*, do nome do eminente philologo que a divulgou (1).

b) Reconstrucção

E' manifesto que chegaríamos á ruina do idioma, dado que fosse exclusiva a acção das leis degeneradoras. Sem sair do mesmo dominio unico da phonetica, os estragos produzidos pela *decomposiçào* seriam excessivos; os sons fortes e in-

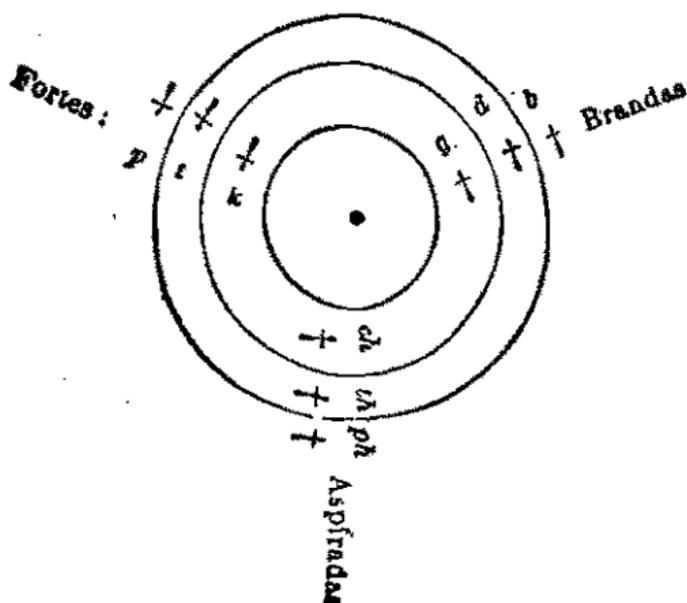
(1) A *Lei de Grimm* (assim chamada, mas determinada antes por Rask, philologo dinamarquez) rege as variações das consoantes nas tres familias das linguas indo-germanicas.

I Grego e sanscrito, latim (e l. romanas).

II Antigo alto allemão.

III Baixo allemão, anglo-saxonio (e inglez).

A ordem em que variam é representada por estes circulos concentricos:



tensos enfraqueceriam e os sons fracos e brandos ficariam de continuo sujeitos a perdas inevitaveis.

Mas, ainda ahi, verificou-se o principio que o transformismo biologico denominou: *a lucta pela existencia*. O conflicto produziu-se entre as forças que arrastavam a degeneração dos vocabulos, e as forças que se oppunham a essa degeneração, provenientes as ultimas, do momento psychologico, dos elementos de resistencia propria dos sons, da intervenção do espirito humano, que naturalmente procurava manter a integridade da linguagem.

De feito, os vocabulos contêm em si proprios bases estaveis de resistencia e de reacção: *a euphonia, o tamanho, as letras iniciaes e especialmente o accento tonico* foram elementos que os deixaram em perfeita seguridade contra a onda destruidora da decomposição phonetica. Por outra parte, o espirito do homem, interessado na manutenção indeclinavel da lingua, exercia a integração dos vocabulos pela *emphase*, reforçando-os e ampliando-os, conforme impunha a necessidade.

Vê-se do que fica acima declarado, que a *reconstrucção* da lingua se effectuou por meio de processos bilateraes: de um lado, a reacção negativa expressa pela resistencia á decomposição, pelo *accento*, pela *grandeza* (ás vezes pela pequenez do vocabulo), pelas letras iniciaes, pela *euphonia* e facilidade prosodica; de outro lado, nota-se a reacção positiva, caracterizada pela novidade dos expedientes, pelo reforçamento e pela criação consciente de sons novos, que ampliavam e compunham os vocabulos e facilitavam a pronuncia, tornando-os mais euphonicos e cultos.

Em summa, coexistiram no conflicto um momento *physiologico* e outro *psychologico*, ambos reactores e sufficientes para a elaboração do equilibrio e da restauração da linguagem.

Superficial analyse põe a limpo immediatamente as direcções systematicas d'aquella reacção constructora. Aos dous principios da decomposição, o *abrandamento* e a *quêda*, oppunham-se respectivamente os principios antagonicos, o *reforço* e o *neophonema*, ou a introducção de novos elementos phoneticos; letras adventicias e figurativas, interpolações, suffixações e elementos adicionaes.

Como já fizemos sentir opportunamente, na propria acção dos elementos reconstructores, aqui e acolá, á parte algumas intermittencias, observa-se o principio do *menor es-*

forço, mas do menor esforço espiritual, se podemos chamar-lhe assim, á analogia.

A deformação, o destroço das fórmãs materiaes e dos symbolos de flexão augmentaria, de certo, as ellipses, o trabalho da percepção, emfim, a energia mental, cujo trabalho ficou diminuído pela reconstrucção e pela consequente clareza e abundancia das fórmãs.

Ordenando summariamente os factos essenciaes da reconstrucção phonetica, temos:

- I. O accento tonico persiste ou escapa á decomposição.
- II. A letra inicial persiste.
- III. Os vocabulos de maior grandeza, preferidos, sobrevivem.

Além d'esses principios de resistencia negativa, a que se podem aggregar o da *euphonia*, e outros menos importantes, notam-se os dous modos culminantes da emphase:

- IV. — 1) A derivação pela analogia.
- V. — 2) Os *nephonemas* ou sons addicionaes (muito commum).

D'estes principios faremos em outro logar minuciosa analyse. Convém, entretanto, desde já esclarecer que os phenomenos de reconstrucção ora referem-se aos sons, e fazem parte do estudo que esboçamos, ora referem-se aos vocabulos *in totum*, e constituem o estudo lexicologico dos *archaismos* e *neologismos*, morphologia, objectos estranhos á phonologia, embora com esta mantenham constantes pontos de contacto.

2. — ANALOGIA

Em profundo desacerto cairia aquelle que viesse explicar todas as modalidades phoneticas pelo simples recurso da decomposição. O factor de alteração phonetica é victima de perturbações, de casos especiaes que interceptam, modificam e por vezes lhe annullam toda a effectividade. Não raro se observa que á perda de um elemento succede o reforçamento compensativo de outro. No latim, para exemplo, a quêda do *d*, em *dis*, *dvellum*, foi compensada pelo reforçamento do *v*, em *bis*, *bellum*.

Assim, existem factores de grande e extensissima funcção, communs tanto á corrente degeneradora como muito

principalmente á reconstructiva. São os *factores interferentes*, cuja acção, embora limitada, nem por isso deixa de ser importante.

Em primeiro logar deve-se nomear o *princípio de analogia*, que opera, pouco a pouco, a uniformidade e perfeição pratica das linguas. E' intuitivo que, sendo a *analogia* a tendencia para uniformar e methodizar, no dominio das fórmas da morphologia é que ella se manifesta com a maior intensidade. Nas linguas cultas, a *analogia* é factor principal e por isso é por assim dizer um pouco lenta e tardia nas suas mais largas manifestações.

Outros principios derivados da analogia intercorrem e complicam a evolução phonetica: taes são os phenomenos de attracção ou *sympathia* conhecida pelo termo de *assimilação*, e os seus oppostos, de *dissimilação* e *transposição* ou *metathese*.

1) A *analogia* funciona como força de systematização e por isso reduz ao *mínimum* possível a variabilidade de fórmas e de expoentes morphicos. Além da função negativa de redução, opéra como força creadora, inventando, sobre os moldes mais communs, os typos que a necessidade e progresso das linguas reclamam.

No portuguez, a analogia dos infinitos em *ar* e em *ir* tornou agudos todos os infinitos em *er* (de *êre* e de *êre*); reduziu as flexões verbaes e substituiu-as por tempos compostos, no futuro, condicional, e nas vozes passivas.

Desenvolvida a phase *analytica* das linguas romanas, deu ás fórmas nominaes um unico caso, cujo typo etymologico é o accusativo latino.

Na formação do *genero* fez preponderar como expoentes do masculino e do feminino as letras *o* e *a*. D'ahi a derivação, aparentemente anormal, dos neutros latinos, cujo genero se perdera, do plural em *a*: *folia*, de *folium*, etc.

A flexão em *o*, tornando-se o typo geral dos masculinos e correspondendo á segunda declinação latina, tornou masculinos analogicamente os femininos da segunda declinação: *louro*, de *laurum*; *choupo*, de *populum*, etc. Foi ainda a *analogia* que procurou determinar o genero sómente pela flexão, creando os femininos *freira*, *patrôa*, apesar de só existirem os masculinos *freire*, *patrão*. A *analogia* creou flexões femininas para os nomes communs, dizendo: *princeza*, *parenta*, *infanta*, de *princeps*, *parens*, *infans*, communs aos dous sexos.

E o que é mais curioso, muitas vezes, o masculino originou-se de um typo feminino, como: *frango*, de *franga*; *mono*, de *mona* (ital.); *pombo*, de *pomba*.

Nota-se que, por natureza propria, a funcção da *analogia* não é começar, mas continuar e fazer progredir uma tendencia já existente. Sendo de creação popular e inconsciente, a analogia é muitas vezes grosseira e falsa, submettendo á uniformidade alguns factos de origem e indole diversas; como, por exemplo, dando a *pedir* e *impedir* a mesma flexão *peço* e *impeço*; formando nomes, como *Tiago*, em vez de *Iago*. Sant' (Iago), etc.

2) Outra força analogica existe que constantemente re-flue contra as correntes normaes da evolução das linguas, e é a que denominamos a *influencia erudita ou literaria*.

A influencia erudita procurou approximar a lingua do latim classico, (que não é a fonte da lingua moderna), e com este criterio destruiu muitas indecisões e schismas que necessitavam de fixação e de disciplina.

Se a *analogia* por uma parte a principio generalizou a regra dos femininos em *a*, tornando taes os nomes *cometa*, *planeta*, etc., a disciplina erudita do seculo XVI em diante restituiu o genero masculino áquelles vocabulos.

Perdida a fôrma dos superlativos proprios em *issimo*, a influencia erudita revocou-os do latim, desde o seculo XVI. (1)

A's elaborações phoneticas puras foram contrapostos os neologismos literarios, creando fôrmas divergentes: *macula* e *magoa*; *primeiro* e *primario*. Muitas vezes succedeu que a fôrma erudita supplantou o typo popular, como se vê em *seculo* sobre *segre*; *plantar* sobre *prantar* e *chantar*, etc. Outras vezes, a fôrma popular só se denuncia em algum vestigio; assim, o adjectivo *preto*, divergente com *pleno*, ficou immobilizado na expressão: *preciamar*. A palavra *mar* era feminina outr'ora, como ainda o é hoje no francez e na mencionada locução portugueza.

Foi ainda a influencia erudita que modificou a pronuncia do *x*, de *ch* chiante para *ks* (*fiche*, *ficho*, *fixo*, *fikso*); identica transformação prosodica operou no grupo *qu*, que nos primeiros tempos soava como *c* duro ou *k*, pelo que attestam

(1) Antes disso, são raros os superlativos em *issimo*. Cita-se, por exemplo, *santissimo*.

as fórmãs antiquadas: *casi* (quasi), *contia* (quantia), *córesma* (quaresma, *quadragesima*), *calidade* (qualidade), *car* (de *quare*).

A influencia erudita restabeleceu as suffixações em *ario*, que por metathese se quedaram em *airo*: *rosario*, *primario*, de *rosairo* e *primairo*.

Mas, nem sempre o factor da disciplina erudita conseguia destruir as fórmãs usuaes; se o antigo adjectivo *bão*, *boa*, pôde ser latinizado na fórmula *bom*, todavia, com a primeira pessoa do presente do verbo *ser*, de typos indecisos *som* e *son* nos seculos XV e XVI, apezar da auctoridade de João de Barros, deu-se a victoria da ultima fórmula, mais afastada do exemplar latino, *sum*.

3) Não nos devemos esquecer, afinal, das chamadas leis phoneticas, communs a toda especie de idioma, e conhecidas por tendencias de *assimilação* e *dissimilação*.

Antes da *assimilação* dos sons, notada francamente desde o latim, como se vê em *attendere* (*attendere*, de *ad* + *tendere*), é pelo menos theoreticamente admissivel uma phase preliminar de transição. De facto, o *accommodamento* é um esboço da *assimilação*, que é muito commum na coalescencia das vogaes. Cuplas antigas (má — maa, ler — leer); e mais claramente se mostra entre as consoantes e grupos respectivos, que, sem se assimilar, tomam fórmãs mais euphônicas e adaptaveis ás letras procedentes: tal é a nasal de *exame*, *ensaio* (*examen*, *exagium*), e dos proprios elementos não latinos *enchorar* (do inglez *a-shore*). A fórmula *factum* produziu *fato* (pop.) e *feito*, e só artificialmente o especimen erudito *facto*.

A *assimilação* perfeita, isto é, a que produziu a substituição da letra assimilada por outra igual á precessora e assimilante, exemplifica-se abundantemente nos vocabulos de prefixação de *ab*, *ad*, *in*, etc.: *attendere*, *assistir*, *applicar*, *illegivel*, etc.

Não se ha de esquecer, porém, quanto ao elemento arábico, o facto curioso de que a *assimilação* só se produz na junção das letras chamadas solares: *ç*, *s*, *z*, *ç*.

Taes são as *assimilações* do artigo *al*:

Açúcar (as-sucar)
Az-zeite
Ar-rabil
A-çude (as-sude).

É claro que os phenomenos de *assimilação* ou *sympathia phonetica* interferem frequentemente dentro da orbita das leis geraes da phonologia, creando excepções e casos especialissimos, inexplicaveis muitas vezes pela simples filiação historica.

O progresso dos estudos philologicos aconselha substituir a *noção de leis* para evitar-se o erro de lhes attribuir o character *imperativo e sem excepção*, como o fizeram ainda ha pouco tempo os neo-grammaticos. O que convem comprehender é o character *a posteriori* das leis phoneticas dentro de cada lingua ou dialecto, como expressão de uniformidade em dado periodo de tempo, após o qual as leis perdem toda força de mutações phoneticas. No espaço e no tempo a *lei* representa uma *média*, como se diz em mathematica. (Veja Schuchardt - *Brevier*, 43, 103, etc.; Wendryes Delbrück e Fritz Mauthner — *Zur Sprachwiss*, 94 e outros lugares.)

III

Do accento e da quantidade

Na degeneração do latim foi-se pouco e pouco obliterando a acção de quantidade em proveito da do *accento*, que se tornou,⁹ como diz Frederico Diez, o centro de gravidade da palavra.

O *som* tem *duração* e tem *altura*. Na *duração* baseia-se o conceito de quantidade, e neste caso os sons podem ser *longos* ou *breves*, podem ser pronunciados em maior ou em menor espaço de tempo.

E' sobre a *altura* ou *acuidade* dos sons que se baseia o conceito do *accento*. A vogal, e por extensão a *syllaba* mais intensa, diz-se *tonica*, *accentuada* ou *syllaba* predominante. As vogaes e *syllabas* menos intensas ou graves dizem-se *atonas*.

Os vocabulos que têm o *accento* na ultima *syllaba*, dizem-se *agudos*: *café*, *immortal*. Os que têm o *accento* na penultima, são *graves*: *casa*, *verdade*. Os que têm o *accento* na ante-penultima, são *esdruxulos*: *celebre*, *philosopho*. (1)

O *accento*. — O *accento latino* foi, em regra geral, *conservado nas linguas romanas*, conseguintemente, na lingua portugueza. Esta tendencia é a mais geral da phonologia neolatina. Exemplos da lingua portugueza:

Praça	<i>plateam</i> .
Lebre	<i>lépore</i> .
Janeiro	<i>januarium</i> , <i>janarium</i> .
Piedade	<i>pietatem</i> .
Joelho	<i>genuculum</i> (ant. <i>geólho</i>).
Cabido	<i>capitulum</i> .

(1) Ha as denominações gregas *oxytono* (agudo), *paroxytono* (grave) e *propoxytono* (esdruxulo), que nenhuma vantagem apresentam em relação ás antigas.

Convém observar que os vocabulos agudos (taes não existiam no latim) tambem representam a accentuação primitiva latina:

Amor	<i>amorem</i>
Jazer	<i>jacere</i>
Razão	<i>rationem</i>
Côr	<i>colorem</i>
Fiel	<i>fidelem</i>

Ainda os compostos conservam frequentemente o accento dos seus radicaes, resultando d'ahi, muitas vezes, a *accentuação dupla*: *reciprocamente*; *tropegamente*; *physico-chimica*, etc.

A prosodia vernacula deve sempre fixar a verdadeira accentuação das palavras ainda que eruditas ou literarias: *incide*, *batávo*. (1)

Existe tambem o accento proprio da phrase em prosa ou em verso, o *accento oracional*, muito sensível na conversação ou na declamação.

As excepções da *lei de persistencia do accento tonico* são assáz numerosas, embora representem pequeno *minimum* ao lado de todo o vocabulario da lingua. Aqui mostraremos os casos mais geraes da *deslocação do accento* nas palavras portuguezas:

1º) A analogia deslocou o accento em grande numero de *fórmãs verbaes*.

Como das quatro conjugações latinas, tres possulam os infinitivos graves, em *are*, *ere*, *ire*, a ultima *ere atono*, foi impellida para o caso mais geral. Assim explicam-se as deslocações do accento em:

<i>caber</i>	—	<i>cápere</i> (<i>capêre</i>)
<i>dizer</i>	—	<i>dicere</i> (<i>dicêre</i>)
<i>fazer</i>	—	<i>fácere</i> (<i>facêre</i>), etc.

Da persistencia do accento, porém, restam vestígios, nas fórmãs do futuro de alguns verbos: *far-ei*, *dir-ei*, etc., em

(1) Lembramos com estes exemplos a excellente contribuição de Ferreira dos Santos — *Duvidas e conjecturas* (1919) e *Controversias grammaticaes* — 1920. Trata o autor da accentuação de *getulo*, *batavo* e *incide* e responde a todas as criticas.

que os themas *far, dir*, apresentam a accentuação de *facere, dicere*.

A seu turno, infinitivos uma vez degenerados constituíram-se themas fixos das conjugações, a damno do accento latino:

Considerar (considerare). *Considéro* (considero).
ant. *considro*.

Imaginar (imaginare). *Imagino* (*Imágin*o).
Imaginas.

Este facto pôde ser interpretado segundo o principio: as *fórm*as de flexões conservam a accentuação do thema respectivo. Por exemplo, o accento de *amava* persiste nas variações *amávamos* (*amabámus*), *amaveis*, etc. Essa tendencia é tão geral que induz o povo a dizer no subjunctivo: *suppónhamos* em vez de *supponhám*os.

2º) A tendencia para evitar o hiato e o esdruxulo, sempre de prosodia difficil, operou a deslocação do accento. O accento passa á vogal mais clara:

Lençol	<i>lintéolum</i> .
Mulher	<i>mulierem</i> .
Parede	<i>Parietem</i> .

Em verdade, essa transformação não é romanica; era do *latim vulgar*: *linteolum, filiolum*, etc.

3º) A tendencia para evitar o maior esforço da articulação é uma das causas mais notaveis na deslocação do accento. D'este modo, nota-se a influencia regressiva dos grupos *br, tr, cr, dr*, de pronuncia difficil e que frequentemente attraem o accento. (Era a *positio debilis* do *latim culto*.)

Alvedrio	<i>arbitrium</i> .
Cadeira	<i>cathedram</i> .
Inteiro	<i>integrum</i> .
Alegre	<i>alacrem</i> , med. <i>alecrum</i> .
Trevas	<i>ténebras</i> .

Já tinham este accento no *latim vulgar*: *tenébras, cathédra*.

Note-se ainda:

4º) Quando occurriam fórmulas gregas e latinas, em geral houve obediência à accentuação latina. Em alguns casos, porém, a accentuação grega tornou-se predominante, como se vê dos seguintes exemplos:

Aconito	<i>aconitum</i>
Idolo	<i>idólum</i>
Tisana	<i>ptisana</i>
Elogio	<i>elógium</i>
Diatrise	<i>diátrise</i>
Heléna	<i>Hélena</i>

A obediência ao accento foi sobretudo notável nas fórmulas eruditas que contêm o suffixo *ia*: *academia*, *geometria*, *philosophia*, *geographia*, etc. São esdruxulos, entretanto, *comédia*, *policia* (ant. *policia*), *encyclopédia*, *hematuria*, *geodésia*, *estratégia*, *nigromância*, *filauca*, *pharmacia*, *malacia*. Não se justificam essas exceções com a prosódia latina, que em alguns casos diverge: *nigromancia*, *encyclopédia*, etc. (1)

Por influencia da prosódia franceza tem sido adoptada a pronuncia erronea de alguns vocabulos: *resedá*, *genése*, *aerostáto*.

O mesmo devia succeder com os arabismos de origem franceza como *alcázár* por *alcácer*.

Os indios no Brasil, de conformidade com a lingua tupi, tornavam *agudos* os vocabulos portuguezes: *cabará* (cabra), *cabará* (cavallo), *curusú* (cruz), etc.

A prosódia dos nomes proprios de origem grega, oriental e hebraica, etc., nunca foi definida. D'ahi a variedade de accentuações: *Dário* (Camões, III, 41; X, 21), *Cleopátra* (III, 141), *Heliogabalo* (III, 92), *Annibál* (X, 153), *Próteo* (I, 19), *Némesis* (III, 71), *Eólo* (III, 8), *Diomédes* (II, 62).

(1) A lingua latina collocava sempre o accento na vogal penultima, se esta era longa, e na ante-penultima, se a penultima era breve. Ao tomar as palavras gregas (em *eia*), se a penultima era *eta* (e grande), ahi punha o accento; se era *epsilon*, recuava-o para a ante-penultima. A mesma regra seguia quanto ao *micron* e o *omega* (longo no latim).

Deve-se preferir a prosodia latina e dizer: *Cleópatra, Agáthocles, Sóphocles, Dámocles*.

Ha casos de deslocação do accento difficilmente explicaveis: *dativa*, de *dativa*; *bahú*, de *bájulus*; *figado*, de *fi-cátum*.

Outros são meros erros de prosodia, que, apesar de combatidos, se têm vulgarizado, como *décano*, *pégada*, *bátavo*.

Notem-se a respeito da prosodia das vogaes as seguintes particularidades de alteração interna (*umlaut*):

1. A *vogal pura*, accentuada, tem o som agudo: *António*, *hómem*, *evangélho* (no Brasil *An-ton-nio*).

2. A *vogal*, quando é affectada pelo som nasal, são *reclámo*, *gánhar*, *sónhar*. Exceptua-se o caso do preterito perfeito *jantámos*, differente do tempo presente *jantamos*. Em algumas palavras a vizinhança da nasal não affecta a vogal: *Venus*, *Rheno*, *Magdalena* (onde o *e* não é nasal, mas puro).

3. Nos verbos, o som do *e* na primeira conjugação é agudo: *bérra*, *espérra*, *cérra*, *invéjo*, *néga*. Excepções: *chêgo*, *chêga*, *apedrêjo*, *alvéjo*, *fêcho*, *gargarêjo*, *desêjo*.

Na 2ª conjugação, varia. Diz-se: *merêgo*, *merêces*, *me-rêce*. *Parêgo*, *parêces*, *parêce*. *Cêdo*, *cêdes*, *cêde*. *Fâgo*, *fâzes*. *Côrra*, *côrras*. Exceptuam-se as variações de *pedir*, *pêgo*, *pêdes*, e as de *poder* e *querer*: *quêro*, *quêres*; *pôssô*, *pôdes*; *pêrco*, *pêrdes*.

4. Em geral o *E* dos substantivos tirados do verbo (e para distinguirem-se d'estes) tem o som grave: *interêsse*, *arremêdo*, *gêlo*, *modêlo*, *requêbro* (tambem *requêdro*), *es-mêro*. Nas palavras femininas ha *e* agudo: *rêga*, *rêza*, *sêca* (para distinguir-se d'esta ultima, *sêcca*), *sôbra*, *prôva*.

5. Em geral o accento agudo é um recurso para distincção de vozes differentes. E' recurso nos femininos (vide regra 4ª): *formôso*, *formôsa*. E' recurso no plural: *formôso*, *formôsos*. Mas a este respeito observaremos ainda:

a) Os nomes em *oso* têm o accento grave (*brîoso*), e mudam-n'o em agudo: *brîosos* e *brîosa*.

b) Os em *or*, *oi*, *ou* conservam sempre o accento grave: *doutôres*, *doutôra*, *senhêra*; *noivo*, *boi*, *moiro*, *coisa*.

c) Todos os demais adoptam no plural ou no feminino o accento agudo que não tinham: *pórtos*, *glóbos*, *gróssos* e *gróssa*; *carôços*, *óvos*, *ólhos*, *trêcos*.

Conservam o O grave os seguintes: espôsas, môças, rolas, roscas, moscas; aljofre, goia, estopa, arroba, alcova, sopa, brôa, estofa, fôrma (distincto de *fôrma*), mariposa, dorso, garoto, minhoto, perdigoto, piloto, repollo, namoro, tosco, esgoto, soco, ceroto. São ainda incertos: logro, sogro. No Brasil dizemos *lôgras, sógras e senhôra*.

a) O E ás vezes varia o timbre nas palavras que variam de genero: êste, ésta; aquêlle, aquêlla. (No Entre Douro e Minho, *êsta* por *êsta*.) A regra, porém, é conservar o *accento*: vêsgo, vêsga, cabeça, cabêça; vêlho, vêlha; cêpo, cêpas; travesso, travêssa.

Muda o timbre para distinguir palavra differente: fêz, revêz, travêssa, pêz.

6. A terminação *eda* tem o é agudo: verêda, alamêda. Os classicos diziam *moêda* (F. J. Freire, *Reflexões*, II, 107), como ainda hoje no Minho: moêda, alamêda, bodêga, verêda.

7. Contra a prosodia portugueza de hoje, dizia Duarte N. de Lião: *côros, hôrto, pôços*; e diziam-se no seu tempo: *rôgos, confôrto, accôrdo, esforço, destrôço, estôrvo, alvorôto, contôrno, transtôrno, soccôrros*. Foi essa a prosodia até o seculo XVIII, conforme attestam João de Barros, Lião, F. J. Freire, Madureira, etc. J. Soares Barbosa ainda pronuncia *contôrno*, e em Lisboa ainda o povo diz *almôços, alvorôços*, e os letrados *almôgos, alvorôgos*.

De tal ordem se definiu a supremacia do *accento* que, em regra, a quantidade só não foi violada quando coincidiu com a *accentuação* da mesma syllaba.

Facto que bem poderia representar a noção de *quantidade* na lingua é o *rhythm*o prosodico das syllabas, resultante e dependente do *accento* em qualquer vocabulo. Na pronuncia de qualquer palavra notam-se alternadamente uma syllaba forte e logo outra fraca em toda a extensão do vocabulo:

Ci-vi-li-sa-ção
Re-gu-la-ri-da-de, etc.

A observação mostra que estes vocabulos são pronunçados como o seriam as phrases imaginaveis seguintes: *cive lisa ção; rego lore dade*. Isto prova que existe um *rhythm*o

que não pôde ser destruído, nem tão pouco ser transformado em outro, v. g.: *civi lisá ção*; *regu lari dade*, etc.

E' clara a existencia do *rhythm*, e as cesuras ou accentos secundarios são dispostos alternadamente, conforme o *accento principal*. Se este cae sobre a *syllaba* ímpar, as cesuras tambem recaem sobre *syllabas* ímpares.

1 2 3 4 5 6
Ca-pil-la-ri-DA-de
Cápe lare dade

Quando o *accento principal* cae sobre a *syllaba* par, as cesuras são tambem pares:

1 2 3 4 5
Ca val ga dú ra

As excepções notam-se apenas nas *palavras compostas*, cujos elementos já têm os seus *accentos* determinados. Por isso não se dirá *contradizer* e sim *contradizer*.

De tudo isso se conclue que ha effectivamente tres *accentos*: a *quantidade* (duração), o *accento* propriamente dito (*altura do som*) e a *intensidade* (amplitude do som). E' esta ultima que engendra os *phenomenos* de *rhythm* acima notados.

Comquanto pouco sensiveis na *prosodia* brasileira, são alguns *valores quantitativos*, longos e breves, dignos de observancia na *recta pronunciação* das *palavras*, a qual não se satisfaz meramente com a observancia do *accento*.

Aqui pomos as seguintes regras como sufficientes para a quasi totalidade dos casos.

São LONGAS:

a) todas as vozes nasaes, quer *accentuadas*, quer não: *orgão*, *entender*, *amaram*, *anterior*, *homem*.

ð) todas as vozes *accentuadas*, v. g., as dos exemplos anteriores.

c) todos os *diphthongos* e vozes conjunctas: *requiejão*, *taikum*, *autor*, *coitado*, *suicidio*.

d) Na *poesia*, as vozes que se contam unidas (*luar*, *cair*, *safa*, *paul oriente*, *diurnal*) são tambem longas em virtude da *contracção*.

e) São ainda longas por *posição* quando a vogal se lhe seguem duas consoantes ou, o que é o mesmo, a dupla x = ks: *amalgamar, atroz, retrato, reflexão, factício, pedregulho.*

São syllabas BREVES:

a) Salvas as excepções anteriores do accento e nasalidade, ás syllabas que constam de uma só vogal ou de vogal e uma só consoante: *mundo, cidade, villa, acaso, idiota.*

b) Todas as palavras enclíticas e proclíticas, em geral de uma syllaba, e os artigos: *o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhes, lhe.*

IV

Origem das letras. Leis phoneticas geraes

Origem das letras. — O nosso alphabeto é o mesmo do latim.

A orthographia dos sons gregos foi-nos legada pelos escriptores romanos. Taes são os caracteres compostos: *ch*, *ph*, equivalentes a *c* e *p* aspirados, como se vê nos vocabulos: *monarcha*, *Phebo*, etc.

Os caracteres *j* e *v* foram criados nos tempos modernos para designar os sons consoantes do *i* e do *u*.

O *w*, de origem gothica, só apparece em vocabulos estranhos á lingua. Nos vocabulos allemães tem o som de *v*: *wagon*, *walsa*; nos vocabulos ingiezes tem o som de *u*: *tramway*, *water-closet*, *whist*.

O *h* serviu desde o latim para exprimir o espirito rude (notação prosodica) dos termos gregos: *rhetorica*, *rheumatismo*.

No portuguez antigo e no mesmo periodo classico, o *h* é um symbolo de aspiração de vogal ou hiato: *távoha*, *meheu*, *taboa*, *meu*. Ainda é usado com equal intuito em: *cahia* (*cair*), *sahiu*, *bahia*.

Os valores *c* e *g* do latim antigo abrandaram antes de *e* e *i* no latim barbaro e em todas as linguas romanas. Dest'arte antes do *e* e *i* o *c* = *s*, e o *g* = *j*.

Os sons molhados *ih* e *nh* formaram-se no dominio das linguas romanas, e não ha certeza de que fossem desconhecidos no latim. E' certo que em portuguez equivalem a *hi*, *ni* (sendo o *i* brevissimo): *filho*, *filio*; *venha*, *venia*; *sanha*, *sania*.

LEIS PHONETICAS

A transformação que soffreram as fórmulas latinas para chegar ao estado actual obedeceu á condição geral: realizou-

se, em regra, entre os sons *homorganicos*, isto é, entre aquelles que são produzidos por um mesmo órgão. Assim, é natural a permuta entre as *dentales*: *t*, *d*; entre as *gutturaes*: *c* e *g*, etc.

As leis de transformação, porém, não são simples quanto poderia parecer, porque são de duas ordens. As leis por assim dizer *naturaes* e espontaneas, obram no sentido da degeneração, isto é, *abrandam* os sons fortes em certos casos definidos; e em outros, também definidos, *eliminam*. Essas são as tendencias da linguagem no seu desenvolvimento natural.

Outras leis, porém, oriundas do espirito, da logica commum ou da literatura, contrariam as tendencias naturaes, *restituem perdas* onde as houve, *reforçam* sons que correriam risco de enfraquecer, e por *analogia* procuram uniformizar tendencias anteriormente estabelecidas.

Estudaremos, pois, umas e outras. Eis as mais notaveis das transformações:

1.^a **Abrandamento.** — As consoantes fortes ou surdas abrandaram-se em homorganicas sonoras. Essa transformação é peculiar ás consoantes aqui indicadas. Exemplos:

dentales	t = d	<i>vitam</i>	— vida
		<i>latum</i>	— lado
gutturaes	c = g	<i>hac hora</i>	— agora
		<i>periculum</i>	— perigo, perigoo
labiaes	p = b	<i>operam</i>	— obra
		<i>capere</i>	— caber
	b = v	<i>habere</i>	— hayer
		<i>caballum</i>	— cavallo
	f = v	<i>aurificem</i>	— ourives
		<i>defensa</i>	— deveza
dent. sibil. -s	= z	<i>mensam</i>	— mesa, mês
		<i>pensum</i>	— peso, pês

2. **Quêda** ou *syncope*. A vogal ou consoante desaparece; em geral a consoante média isolada, isto é, entre vogaes,

é eliminada, mas nem todas, como se vê destas em que a *quêda* é geral.

l	—	céo	—	cœlum
	—	pau	—	palum
n	—	lua	—	lunam, lūa
	—	cêa	—	cenam
d	—	cair	—	cadere, caer
	—	ser	—	sedere, seer
v	—	rio	—	rivum
		vazio	—	vacivus

Vê-se que a syncope ou *quêda* da consoante média restringe-se a *consoantes brandas* e nem todas que em geral persistem alteradas ou não. A *quêda* é frequente para o *l*, o *d*, o *n*.

3.^a **Reforço.** — E' phenomeno contrario ao abrandamento: é por isso raro na evolução de qualquer lingua, e deve ser considerado como uma reacção.

Leixar, deixar	—	<i>laxare</i>
Nembrar, lembrar	—	<i>memorari</i> .

Nesta classe entram certos vicios prosodicos e provincialismos, como a confusão tumultuaria do *b* e *v* em *boda*, *voða*, *bcspa*, *vespa*, *cobarde*, *covarde*, *taberna*, *taverna*, etc.

Os casos mais notaveis do reforço são:

a) A substituição do *l* por *r* nos grupos, talvez por facilidade da prosodia popular:

Cravo	—	<i>clavum</i>
Empregar	—	<i>implicare</i>
Prazer	—	<i>placere</i>
Fróco	—	<i>flocum</i>
Grude	—	<i>gluten</i>

Era mais commum na lingua antiga, *frol* (flôr), *goria* (gloria), etc. O *l* nesses grupos não conserva a analogia com *tr*, *dr* (por ausencia de *tl* e *dl*).

b) O reforço das continuas, *x* — *ss*:

Paixão	—	<i>Passionem</i>
Bexiga	—	<i>Vessicam</i>

cf. *Ximenes e Simões*,

4ª Assimilação. — Consiste na alteração que um som exerce sobre outro, dando-lhe o proprio valor phonetico. E' resultado do sentimento da euphonia e da analogia.

A *assimilação* na maioria dos casos veio do latim, onde é frequentissima.

Exemplos de assimilação encontram-se quando occorrem os prefixos *ob*, *ad*, *in*, *per*, *sub*, *cum* e nos grupos *et*, *pt*:

ob	—	omittir, por <i>ob-mittir</i>
	—	ocasião
ad	—	attender
	—	accusar
in	—	illegal
	—	immoral
	—	irradiar
sub	—	sopapo (sob + papo)
	—	sustar (substare)
cum	—	commissão
	—	collateral
pt	—	sete — <i>septem</i>
	—	roto — <i>ruptum</i>
ps	—	esse — <i>ipse</i>
	—	gesa — <i>Gypsum</i>
bs	—	esconder — <i>absconare</i>
	—	sustar — <i>substare</i>
rs	—	pessoa — <i>personam</i>
	—	pessego — <i>persicum</i>

E' frequente a *vocalização* da consoante em varios grupos: auto, autor e actor, conceição, concepção, peito (pecto), o antigo *julgar*, julgar (*judicare*), fruto.

Muitas vezes a *assimilação* é incompleta, como quando não se produz a attracção de sons identicos, mas de outros differentes. Exemplos: almoço (*ad-morsum*), caixa, *capsam*; bautisar, de *baptisare*; *consome* por *consume*.

A *assimilação* é *progressiva* ou *regressiva*. E' *progressiva*, quando a attracção entre duas letras, se exerce da precedente para a que se lhe segue. Ex.: *dozentos* (dois-centos), *trezentos* (tres-centos). E' *regressiva* no caso contrario, isto é, quando a letra que se transfórma em primeiro logar. Ex.: em *illogico*, foi a attracção do *l* da segunda syllaba que transformou o prefixo *in* em *il*. E' o caso mais vulgar.

A influencia *regressiva* nota-se ainda nas derivações *chuchar* (suchar, de *suctiare*), *choco* (socho, de *suctus*), *isso* (de *ipsum*), *gesso* (de *gypsum*).

O artigo *al* tem varios exemplos de assimilação:

as-sucar
ar-roba
az-zeite (azeite).

5.^a Conservação. — Ha sons que persistem e resistem ás transformações phoneticas; são as consoantes iniciais.

a) *A consoante inicial persiste quasi sempre, raras vezes se transforma e quasi nunca desaparece*: *fresta, fenestram; quente, calentem*, etc.

A's vezes notam-se transformações homorganicas, v. g. entre as gutturaes: *gato, cattum*. A quèda da consoante inicial, sempre rara, realiza-se em casos especiaes, que examinaremos quando se tratar da *apherese*.

6.^a Tonalidade. — A tonalidade das vogaes depende, em geral, da origem: o *ē* longo latino corresponde a *é* (*habere*, haver; *frenum*, freio); o *ĕ* breve, a *e* (*pedem*, pé; *equam*, égua). A mesma equivalencia se nota entre *ō* e *ó* e *ö* e *ó*: *rosa, rósa; módo; tôdo*.

7.^a São dignos de nota os grupos consonantes em *l*, que apresentam variações caracteristicas:

pl = *ch* — *planum* — chão
— *plorare* — chorar
= *pr* — *planum* — praino
— *plantare* — prantar (e chanitar)
cl = *cr* — *clavum* — cravo
ch — *clamare* — chamar
lh — *auric'la* — orelha
tl — *rotula* — rolha.

A variedade dessas tendencias necessita ainda estudo que não foi feito até hoje.

Do que fica exposto, facil é concluir a importancia que decorre das leis phoneticas, que devem ser estudadas nos tratados especiaes.

Sem essas leis, induzidas da analyse dos factos, seria impossivel constituir a sciencia da *etymologia*, outr'ora tão entregue á arbitrariedade dos doutos e dos ignorantes.

Por meio d'ella explica-se harmoniosamente toda a evolução da phonetica do latim ás linguas modernas, evolução que se traduz pelo *abrandamento* continuo dos sons e *perda* de sons isolados e medios ao lado da *conservação* do accento e dos sons iniciaes.

Fóra d'essas tendencias, as excepções apparentes são raras e explicaveis; ora é a *euphonia* corrigindo os defeitos ou difficuldades de prosodia, ora é a acção da *analogia* procurando uniformizar, como nos verbos, todas as variações (comprimido, absolvido, em vez do latino compresso, absoluto), ora é a *acção litteraria* dos escriptores intervindo, remontando ás fontes classicas e contrariando a geração natural das fórmas vocabulares (por exemplo: *legal* em vez de *leal*), ou ainda é o influxo de vocabulos estrangeiros.

Os neologismos e as fórmas de derivação erudita não se submeteram á acção das leis, e, antes, apresentam intacto o caracter das fórmas originarias latinas. Assim, na derivação popular o suffixo *aticus* apresenta as fórmas *agem* e *age*: selvagem, viagem (de *silvaticus*, *viaticus*); mas o mesmo suffixo não soffre alteração nos vocabulos de origem litteraria; taes são os exemplos: *viatico*, *silvatico*.

Não é aqui o logar de desenvolver o estudo de questões que são proprias das *grammaticas historicas* (1) e dos tratados especiaes.

(1) Em portuguez, ha uma *Grammatica historica* de Ribeiro de Vasconcellos, mas tão commedida que é mais escassa que esta nossa, que aliás não pretende ser *historica* ou *comparativa*, mas apenas moderna e escripta segundo os principios d'aquelle methodo. Aconselhamos como leitura util o trabalho de J. Cornu, já citado, e a *Gram. hist. española* de R. Menendez Pidal (1902).

Ao rever esta edição temos o prazer de consignar a existencia de uma *Grammatica historica*, a de J. J. Nunes, Lisboa, 1919 — cuja leitura aconselhamos aos que desejarem completar os estudos da phonologia em suas varias particularidades e o recente *Idioma nacional* de Antenor Nascentes.

V

Alterações phonicas especiaes

O estudo d'essas alterações, que tinham o nome de *figuras de dicção*, não se distingue do das *leis geraes* já indicadas no capítulo antecedente, mas é uso consagrar-lhes a tenção especial.

ACCRESCENTAMENTO

As figuras de accrescentamento são as seguintes:

1. **Prothese.** — E' o augmento de sons no principio do vocabulo. Ex.: *alevantar*, *alagôa*, por *levantar*, *lagôa*.

Em Camões:

Assi que um pela infamia que *arrecêa*

Lus., I, 34.

Tornar a seu caminho *acostumado*

Lus., I, 95.

Muitos vocabulos latinos receberam a *prothese* no portuguez:

speciem — especie

spasmus — espasmo

scribere — escrever

Analysando os casos em que se realizou a *prothese*, vê-se que constituem duas classes numerosas:

1.ª Certos nomes que começam por *l* receberam o augmento de um *a*. E' muito provavel que a analogia e a reminiscencia das palavras arabes prefixadas de *al* contri-

buissem para as formações como *lanterna*, *alagôa*, etc., de origem latina.

2.ª Recebem vogal os nomes que começam por *s* impuro, isto é, seguido de consoante. Este facto explica-se pela natural dificuldade que ha na pronuncia d'aquelle *s*; *espasmo*, *especie*. De sorte que ou o *s* augmenta-se de uma vogal, *espasmo*, ou desaparece: *pasmo*, *sciencia* (que se lê *siencia*). Por isso é que houve prothese de *e*, vogal surda, em *csphera* (*sphera*); *esperança* (*sperantiam*), *espada* (*spatha*), *estar* (*stare*), etc.

2. Epenthese. — E' a addição de sons no meio dos vocabulos. Ex.: *caravelha*, em vez de *cravelha*. Em Camões:

E depois que ao Rei apresentaram

Lus., II, 9.

Nota-se a *epenthese* na etymologia de varias palavras:

garupa — *clupeam*

fevereiro — *februarius*, *febrarius*

lanterna — *laternam*

mancha — *maculam* (e *manculam* do lat. v.)

minha — *meam*.

Pretendem alguns explicar a presença epentethica do *n*, como sendo a transposição da flexão *m*, nasal, do accusativo:

maculam — *manculam* — *mancha*

Em taes casos, parece mais razoavel admittir a prolongação da nasalidade do *m* inicial: *ma mã*. Cf. *muíto*, onde o nasal sôa no começo e no fim da primeira syllaba (*muí*).

3. Epithese ou *paragoge*. — E' a addição de sons no fim do vocabulo. E' rara na lingua escripta, porém frequentemente observada nos provincialismos e entre os vícios pro-sodicos: *martyre*, por *martyr*.

A epithese do *s* occorre na formação das particulas:

antes — ante

O povo diz ainda, *aíndas*, *certamentes*, etc. Veja *Particulas* e o *s* característico. E' um facto das linguas românicas.

Entre as figuras de accrescimo devem ser incluídos os dous casos especiaes conhecidos sob os nomes de *tmese* e *dierese*.

A *tmese* em portuguez consiste na intercalação dos pronomes enclíticos nas fórmulas do futuro e do condicional: *farte-ia, amar-te-ia*.

A *dierese* não consiste em adição de elementos phonicos, mas na aspiração da vogal, para evitar um diphthongo. Ex.:

caia e cahia
sairam e sahiram
traição e trahição (*Lus.*, II, 17)

O phenomeno opposto chama-se *synerese*, que é quando se ajuntam vogaes separadas. Hoje diz-se: *sau-da-de*. Camões dizia sempre *sá-u-da-de*.

Ha um processo popular, denominado pelos antigos grammaticos *parectase*, que consiste na adjuncção de elementos phonicos intermedios, por necessidade de euphonia. Já notado no latim:

drachume — gr. *drachmé*.

Esta tendencia ampliou-se na decadencia da lingua, nos romances que deram origem ás linguas *neo-latinas* e nos textos aljamiados do espanhol e portuguez. Foi feita pela *parectase* que se dissolveram muitos grupos consoantes:

Caravana — *harvorn* (arabe)

A acção erudita tem concertado os destroços d'esta tendencia, mas arbitrariamente o povo diz: *baravo* e *bravo*, *periquito* e *prequito*, *talara-avô* e *tatra-avô*, *caravelha* e *cravelha*, *brôa* e *borôa*, *crôa* e *corôa* *taramela* e *tramela*, *glotão* e *golo-tão*.

SUPPRESSÃO

As figuras de suppressão são as seguintes:

1. *Apherese*. — A *apherese* consiste na subtracção dos sons iniciaes do vocabulo. Ex.: *postema*, por *apostema*; *letria*, por *aletria*

Nos poetas não é raro encontrar *esmaiar* por *desmaiar*, *espedaçar* e *despedaçar*.

E em Camões *estruir* por *destruir*:

Mas seguindo a victoria *estruie* e mata

Lus., I, 90.

E tambem *li* e *até li* (ali) ainda hoje usual:

O que delle *até li* não entendera.

Nota-se a apherese na degeneração de varios vocabulos latinos:

Pasmo	de	<i>spasmus</i>
Tisana	"	<i>ptisanam</i>
Botica	"	<i>apothecam</i>
Gume	"	<i>acumem.</i>

E perdas de syllabas inteiras no correr das transformações da lingua: *beira* (de ribeira), *fundo* (profundo), *Tiago* (Sant'Iago), *costrar* (de recobrar).

Um facto digno de nota é a apherese dos elementos *o*, *a* e *l*. Estas letras, como se sabe, representam o artigo vernaculo: *o*, *a* e a fórma archaica *lo*. D'ahi, os resultados *bo-dega*, por *abodega*; *dispo*, por *obispo* (como no castelhano); *onça*, por *lonça* (no lat. *lynxem*); *azul*, por *lazul* (pers. *lazuerd*), etc.

Essa conjectura não é destituída de fundamento, pois deve-se ter em conta que o *l* é a unica consoante que soffre apherese, e porque é a unica? As outras só experimentam apherese nos raros casos em que não se ligam á vogal, e constituem um grupo barbaro, quasi impronunciavel, v. g.: *pt* em *ptisana*. (1)

2. **Syncope.** — E' a suppressão de sons no meio do vocabulo. Ex.: *mór*, em vez de *maior*, e *benino* (benigno).

(1) O *l*, dissemos, é a unica consoante que soffre a apherese. Em *germanus* (irmão) não houve apherese de *g*; a palavra *irmão* ou *ermão* é provavelmente a fórma castellana *hermano*, e, se o não fôr, o som de *g* é aqui igual ao de *j*, e consequentemente uma semi-vogal: *fermão*, *terrnão*, *ermão*. O caso da suppressão do *d* explica-se pela analogia dos prefixos *des* e *ex*: *esmaiar*, *desmaiar*.

Em Camões:

Que a ilha é possuída da malina
Gente.

Lus., I, 99.

Da barra *imiga* e terras suspeitosas

Lus., II, 59.

Que a neve está *contino* pelos montes

Lus., III, 8.

E' preciso notar que *imigo* é a fôrma primitiva na lingua. *Inimigo* é uma instituição literaria.

O mesmo succedeu a *perla* transformada depois em *perola*.

Dest'arte em geral a *syncope* é um phenomeno anterior e primitivo.

A *syncope* é um des phenomenos mais communs da phonologia historica. Exemplos:

ver	—	<i>videre</i>
leal	—	<i>legalem</i>
mealha	—	<i>metalliam</i>
véo	—	<i>velum</i>

E' um dos recursos da euphonia: *idolatra* por *idololatra*.

Sempre existem na lingua antiga os exemplos que attestam a transição d'essa lei: *veer*, depois *ver*; *maao*, depois *mão*. *Imos* e *is* (*Lus.*, IV, 91) por *ides*.

3. **Apocope.** — Consiste na suppressão de sons ao fim do vocabulo. Ex.: *carcer*, *marmor*, em vez de *carcere*, *marmore*.

Quando Jupiter alto *assi* dizendo

Lus., I, 23.

O uso de *lhe* por *lhes* é de todos os classicos antigos.

São *apocopes* conhecidas: *são* (santo), *cem* (cento), *tam* (tanto), *gran* (grande), etc., estudadas como formas contractas.

A *apocope* ou queda de sons finais é um dos phenomenos caracteristicos na formação de todas as linguas romanas:

ama — *amat*
amam — *amant*
nunça — *nunquam*
causa — *causam*

Em geral essas perdas datam do latim barbaro.

E perdas de syllabas: *dom* (de *domno*, *dominus*), frei (freire), (*Leal Cons.*: segum fama, segum diz), Fonseca, Castel Verde, Monforte, Monreal.

Entre os casos de subtracção devemos considerar as seguintes figuras:

Elisão ou *Synalepha*. — E' um caso especial da apocope, e consiste na subtracção da vogal final de um vocabulo, quando se lhe segue outra palavra que começa por vogal.

Exemplos:

minh'alma — minha alma
d'Almeida — de Almeida.

O habito da *synalepha* na pronuncia fazia com que os classicos escrevessem *dalmeida*, *dalvarez*; etc. Ainda hoje se escrevem *Dantas* (d'Antas), *Dornellas* (d'Ornellas) e o cognome italiano *Doria* (d'Oria).

Ecthlipse. — E' a propria *synalepha*, e dá-se quando a vogal que termina o vocabulo é nasal. Nos *Lusiadas*:

Co'o sangue mouro barbaro e nefando (III, 75).

Camões foi até empregar *se*, por *sem*:

Se aproveitar dos homens força e arte.

Lus., VI, 73.

Este caso deve ser interpretado pela *liaison* da nasal, muito commum na metrica camoniana, que os poetas de hoje não admittem.

TRANSPOSIÇÃO

Os phenomenos de transposição foram muito frequentes nos antigos tempos da lingua, e são conhecidos sob o nome de

Metathese. — Consiste na transposição dos sons do vocabulo. Exemplos: *rosairo*, em vez de *rosario*; *pormenor*, em vez de *promenor* (1); *geolho* e *joelho*, *chimpar* e *pinchar*, *tanchar* e *chantar*.

Eis alguns exemplos historicos:

andorinha	—	<i>hirundinam</i>
primeiro	—	<i>primarium</i>
choupo	—	<i>pop'lum</i> (<i>pl</i> = <i>ch</i>)
trevas	"	<i>tenebras</i>
copo	—	<i>poculum</i>
moela	—	<i>medullam</i> (miolo).

(1) Em Portugal: *esburgar*, *estrovar*, *cravão*, *cravinho*, *detreminar*, na pronuncia vulgar.

VI

Sobre a elisão e outros factos da prosodia

No enunciado da phrase ligam-se as palavras, observando-se a elisão das vogaes.

1. Todas as sortes de **a** em concurrencia produzem o som **a** longo: *está além do rio* (=stãlem do rio); *vá abrir* (=vãbrir); *falta a agua* (=faltãgua).

a+e (quando o **a** não é accentuado) se contraem na phrase em **e**: *toda esta gente*; *inda é cedo* (tod'esta gente, ind'é cedo); *cousa é sabida* (cois'é sabida).

2. **A+o** não se unem em geral: *esta obra* (=estaobra). Mas diz-se: *outr'ora*, *ess'hora*, *aquell'outra*. Parece ser um phenomeno antigo e morto.

3. **A+u** produzem o som **ô**: *passa o tempo* (passôtempo), *seja o que fôr* (sejô-kefôr).

4. **E+a** unem-se: *vire a pagina* (vir'apagina); porém **e+a** não se unem, *a sé antiga* (sé-antiga), dizendo-se, entretanto, *até'li*, *até'gora*.

5. **U+i** unem-se pronunciados distinctamente: *nosso irmão* (nossuirmão). **U+e** fundem-se: *tud'é possível* (e tudo é possível). O **u** (=o) desaparece em *Pedralvares*, *Santiago*, *Portalegre*, *Santamaro*. No seculo XVI o **oo** dobrado sôa como *ou* (F. d'Oliveira, Gr.).

6. **O+i** ou **o+e** mudo conservam a sua prosodia distincta: *pobre homem* (pobri omem), *torre alta* (torri alta). Mas igualmente desaparecem em algumas expressões: *sobr'o mar*, *tard'ô cedo*, *entr'a gente*, *pód'haver*, *ell'usa*, e o plebeismo *nov'horas*. Nos pronomes *me*, *te*, *se*, *lhe*, a elisão é frequente: *vait embora dê'm'a chave*.

7. Com a particula *de* ha elisão: *praça d'Elvas*, *villa d'Almeida*. Em *d'esse*, *d'esta*, *d'aqui*, *d'alli*, *d'um*, *d'outro*.

Fóra d'estes casos, o E=I sempre sôa: fazer *di atreviao*, chamar *di orgulhoso*.

8. As particulas *me, te, se, lhe*, em geral, deixam soar, ainda que levemente o *e* final: *te amasse, me arguisse* (e não: *t'amasse*, etc.). Mais claramente na intercalação: *amar-te-ei* (e não: *amar-t'-ei*), *calar-me-ei* (e não: *calar-m'-ei*). A elisão, entretanto, se faz com as palavras complementares *Chegat'aqui; conte-m'a historia; cegou-t'a luz*.

9. Que; o E+I sôam geralmente =i= *que idade, que é isso? que era aquillo?* São plebeismos: *qu'idade, qu'isso? sem qu'outro, diz qu'há*, etc.

Segundo Gonçalves Vianna, as elisões do *e* mudo são muito caprichosas: "Lorsque la voyelle initiale du mot suivant est accentuée, la prononciation, la plus commune rejette d'élision". Não se deve, pois, dizer: *qu'é? porq'é que...* etc. (1)

Provincianismos na prosodia portugueza são:

— O som *qu=k*, proprio do Minho: *carenta, carto, canto, caresma*. E por igual *gu=g* em *guardar, guarnecer*.

Não, no Minho, *nu*; em Lisboa, *nã*: *num quero, nã quero*.

— *ch* soava *tx*. Nos seculos passados D. N. Lião comparava-o ao italiano *ce, ci*, e Caetano de Lima ao inglez em *church*. Ainda hoje *ch* e *x* soam *tx* na Beira: *txave, txapéo*.

— Os orthographos até o seculo XVIII (Madureira, Fr. L. do Monte Carmelo) distinguiam o *c* do *s* e tambem differencavam o *x* do *s* entre vogaes. Nota-se ainda essa differença difficil de representar, no Minho e em Traz os Montes.

— Em todo o sul e na parte média do reino, diz G. Vianna, distinguem-se *b* e *v*. No Porto e provavelmente em toda a região circumvisinha trocam-se estas letras (como o

(1) Leia-se Gonçalves Vianna — *Ess. de phonétique — Romania*, XII, J. Cornu — apud. GRÖBER — *Grundriss der rom. Phil.*, d'onde se tiraram estas observações. Nem sempre são applicaveis ao Brasil e nem (em alguns casos) a Portugal. Veja-se a nota 167 da minha *Selecta Classica* sobre as contracções para *quê*, etc.

v e *w* em Londres). Para as duas predomina o *b* em Traz os Montes.

— O *λ*, em Entre-Douro, Minho, Beira, quando concorrem dous *a*, ha intercalação de um *y*: *a-y-agua*, *aquella-y-agua*.

— Em todo Portugal, o povo omitta na pronuncia o *e* depois do *ll*: *folll'*, *moll'*, *pell'*; e ao mesmo tempo augmenta de um *i* ao *l* final simples: *sule*, *vile*, *papéle*, *arrátele*, *amá-vele*. (Vide J. Cornu, *apud*. Gröber — *Op. c.*, 778.)

— No Alemtejo e Algarve mudam o diphthongo *eu* em *ei* frequentemente: *mei pae*.

— Os da Madeira intercalam *a* antes das terminações: *ôo*, *ôa*: *baôa*, *maôo* (*boa*, *mão*).

No Brasil os vicios mais communs são: o valor *s=z* do *s* final que não sôa como *x* em Portugal (*armas* e não *armax*); mais de um accento em cada palavra: *pápél*, *pápélão*, *ci-dáde*, etc.; a suppressão (plebeísmo) do *r* final: *prazê*, *ficá*, *andá*, sendo que entre os mesmos letrados, tanto o *r* como o *l* fínaes não se pronunciam com a prolação que têm (*amír*, por *amarê*; *sól*, por *solê*); a vocalização do *lh* em *i*, plebeísmo sobretudo do norte (*bacaiáo*, *mio*, *páia*); a accentuação das vogaes entre paulistas sertanejos: *está cidade*; pronuncia quasi accentuada dos pronomes atonos: *me*, *te*, *lhe*, *se*: *mi faça*, *mi dê*; perfeita indifferença pela *quantidade* das syllabas, pois quasi se não distinguem longas e breves. E outros vicios que não concernem á prosodia.

Muitas das singularidades da prosodia brasileira (exceptuados os plebeísmos de origem americana ou africana) representam a pronuncia archaica dos seculos XV e XVI qual se entrevê nos escriptores e poetas portuguezes: por exemplo, a *rima* de *mãe* e *tambem*, que é moderna, não era dos antigos classicos, e não é toleravel no Brasil.

O VOCABULO

Comprehende: 1º, o estudo da classificação (*Taxinomia*); 2º, o estudo das formas e variações de forma (*Morphologia*)

O vocabulo existe naturalmente na phrase. E' de mera conveniencia do estudo separar os vocabulos para os estudar sob aspectos mais elementares de *classificação* e de *formação* (taxinomia e morphologia).



A CLASSIFICAÇÃO



I

Primeira Classe. — Substantivos e suas especies

A Taxinomia é a parte da grammatica que estabelece a classificação das palavras (1).

Classificar as palavras consiste em distribuir por classes ou grupos os vocabulos que têm entre si certos caracteres communs. Na boa classificação, a logica determina que se observe a subordinação dos caracteres; isto é, os *caracteres mais importantes* são os que devem servir de base á classificação. Por isso é que quasi todas as classificações em grammatica respeitam o mais importante dos caracteres ou attributos dos vocabulos: a idéa.

1. O processo de classificação pôde ser feito considerando-se qualquer attributo dos vocabulos.

Tomado por fundamento a *fôrma* historica dos vocabulos, estes se dividem em *primitivos* e *derivados*.

Primitivos são aquelles que se não originam de outros da mesma lingua: *trovão*, *livro*.

Derivados são os qua se formaram dos primitivos: *trovada*, de *trovão*; *livraria*, de *livro*.

Na pratica não convém levar ao exaggero o rigor d'este processo. Alguns nomes se tomam por derivados, embora tenham vindo do latim directamente, como *annual*, *pedreira*, que derivam de *annualis*, *petraria* e não de *anno* e *pedra*.

(1) Pôde parecer a muitos mal soante ou excentrico o vocabulo taxinomia. Improprio ou desnecessario é que não é. Basta a proposito lembrar que os grammaticos antigos classificavam os vocabulos em suas categorias logicas sob o titulo *Etymologia* (!) E será este menos hellenico que o outro?

2. Tomando por base de classificação a quantidade extensiva, os vocabulos são: *monosyllabos*, *dissyllabos*, *trisyllabos* e *polysyllabos*, conforme são de uma, duas, tres ou mais de tres syllabas. Ex.: *mar*, *pedra*, *soccorro*, *extraordinario*.

Este processo de classificação é puramente material e tem poucas applicações, fóra da orthographia e da prosodia.

3. Tomando por base as variações que se observam em muitos vocabulos, tambem é possível classificar-os em dous grandes grupos:

Palavras variaveis — são as que soffrem diversas variações na terminação, para exprimir o genero, o numero, o tempo, etc. Taes são os substantivos, artigos, pronomes e verbos. *Palavras invariaveis* — são aquellas cuja estrutura já-mais apparece modificada. Taes são os adverbios, as preposições, as interjeições e conjunções.

O caracter de *variabilidade* não é muito definido. Sabe-se que primitivamente os adverbios e preposições tinham variações de gráo, frequentissimas. Ainda temos varias palavras que representam vestigios curiosos do latim. A preposição *pro* tem o comparativo *prior* e o superlativo *primus*. A preposição *in* tem o comparativo *inter* e o superlativo *imus* ou *intimus*. Assim, as expressões vernaculas *em*, *entre*, *imo*, *intimo*, *primo*, etc., são verdadeiros vestigios de gráos, que sobreviveram no latim e nas linguas modernas. Os proprios adverbios em *mente* podem receber a flexão do adjectivo componentemente, quando este se torna superlativo: *certamente*, *certissimamente*, etc.

4. Tomando por base a comparação de vocabulos entre podemos classificar-os nos seguintes grupos:

Synonymos — são os que têm mais ou menos a mesma significação: *casa*, *mansão*, *lar*, *domicilio*. O estudo dos *synonymos* é de grande importancia para a analyse do pensamento e dos variados recursos da linguagem. *Antonymos* — são os que têm significados oppostos: *luz*, *trevas*; *riso*, *lagrimas* (1).

(1) Nota que me communica o douto philologo Firmino Costa:

“Entre os *antonymos* podemos incluir uma classe interessante de palavras, que exprimem as partes oppostas de uma mesma cousa, como: o *direito* e o *avesso* da chita; a *palma* e as *costas* da mão; a *flôr* e o *carnal* ou *carnaz* do couro; o *petto* e a

Os grammaticos que mais cultivam a mania de classificações ainda distinguem vamente os:

Homonymos — vocabulos semelhantes entre si: *bota*, calçado; *bota*, do verbo botar. Os **homonymos** são chamados *homographos* quando se escrevem com as mesmas letras, como no exemplo acima. São chamados *homophonos* quando apenas têm a mesma prosodia ou pronuncia: *cesta* e *sesta*. **Paronymos** — são palavras pouco differentes entre si: *relevar* *differir* e *deferir*.

Todas as classificações mencionadas, sem deixar de confessar que muitas d'ellas são inuteis e fastidiosas, são utilizadas frequentemente pelos grammaticos, e por isso aqui se mencionam nesta annotação; mas é certo que, com excepção de poucas, são inteiramente superfluas; em geral, são incompletas ou apenas applicaveis a fins restrictos e especiaes. O character ou attributo essencial de qualquer vocabulo é a idéa ou a significação. Analysando o lexico de qualquer lingua, acharemos palavras que indicam seres (*substantivos*), palavras que indicam os factos, as acções (*verbos*), etc. E' este o processo mais geralmente adoptado na *taxinomia* ou classificação grammatical, e é essa discriminação a que mais aproveita aos estudos grammaticaes.

Substantivo — é a palavra que indica um ser, seja cousa, pessoa ou animal. Ex.: *preguiça*, *Julio*, *avestruz*.

Tudo o que existe na natureza ou no entendimento é substantivo: *flôr*, *gloria*. A noção de *ser* ou *substantivo* só pôde resultar do exame das qualidades que são representadas pelos

planta do pé; o *castão* e a *ponteira* da bengala; o *gargalo* e o *fundo* da garrafa; a *cabeça* e a *ponta* ou *bico*, do alfinete; a *nascente* e a *foz* do rio; o *anverso* ou *face* e o *reverso* da medalha; o *côrte*, *fio* ou *gume* e a *cota* da faca.

Na sua *Gramm.*, o autor aponta liberalmente varios exemplos. Entre elles, por mais significativos citamos: *lume*, flôr d'agua é *fundo*; *rosto* e *sola* do sapato; *proa* e *popa* da embarcação; *macho* e *femea* da dobradiça (e outros ferros) *lume* e *ago* do espelho.

qualificativos. Assim, todo o substantivo representa uma synthese de attributos (*flôr*), ou um mesmo attributo (*brancura, belleza, etc.*).

1. Os substantivos dividem-se em *abstractos* e *concretos*.

Abstractos — são os seres que só existem na imaginação, no pensamento do homem: *sciencia, medo*.

Concretos — são os seres que têm existencia supposta fóra do entendimento: *casa, pedra, rua, céo*.

Os *abstractos*, em grande numero, são por natureza do singular; mas é uma das bellezas da nossa lingua dar-lhes o plural; as *iras, as coleras, as esperanças*.

Se considerarmos a origem dos *abstractos* veremos que derivam de adjectivos (*brancura* de branco, *brevidade* de breve) de verbos (viveres, haveres, nascença, progresso) frequentes vezes.

2. Attendendo á extensão da idéa, veremos que há substantivos que se applicam a um só individuo, e outros que se applicam á classe inteira de individuos.

Nas linguas arianas só ha o *substantivo proprio*. Em outras linguas pôde haver adjectivos e verbos *proprios*, isto é, que só podem exprimir um acto individual ou uma qualidade de um só individuo. E' o que se dá nas linguas primitivas, no guaraní, por exemplo, em que existem designativos, que sómente podem ser usados pelas mulheres ou pelos homens exclusivamente.

O substantivo proprio — é aquelle que designa individualmente cousa ou pessoa (ou animal), distinguindo-a de todas as outras da mesma especie: *Antonio, Rossinante, Paris, Bahia*.

Quanto aos nomes de pessoas convém distinguir o *pre-nome* e o *cognome*. O *pre-nome* é o primeiro nome ou nome da *pia*: João, Pedro. O *cognome* é o nome de família: Souza, Azevedo. Na idade média era costume juntar ao prenome do indivíduo o nome paterno, o que deu origem aos nomes patronymicos: *Rodríguez*, dos *Rodrigos*; *Fernandez*, dos *Fernandos*. Os patronymicos tornaram-se, pois, verdadeiros cognomes.

No Brasil, no tempo da independência, muitos patriotas adoptaram cognomes derivados de palavras indigenas: *Utiguassú*, etc.

Mas na maioria dos casos, permaneceram os cognomes portuguezes (1).

Os *proprios* escrevem-se com a inicial maiuscula. Muitos d'elles são *latinos*: Antonio, Bento, Benedicto, Pedro, Marco, Julio; são outros *gregos*: Ambrosio, André, Jeronymo, Dionysio e Diniz; ainda outros *hebraicos*: Adão, Eva, Jayme, João, Maria; *germanicos*: Frederico, Rodrigo, etc.; ou são *nomes communs*, sobretudo nos cognomes: Carvalho, Ferreira, Lobo, Leão, etc.

E' frequente a contracção, como em *Vaz* (Vasco), *Ruy* (Rodrigo), *Men* (Mendo), *Fernão* (Fernando). A's vezes a contracção apparece em compostos: Monsanto (monte), FONSECA (fonte), Castelvedro.

De *nomes e cognomes* fizeram-se nomes de família ou patronymicos com um genitivo de origem germanica em *ez* ou *is*, ou *es*: *Lopez*, filho de Lopo; *Martinz* (Martinez), filho de Martinho; *Perez*, filho de Pero; *Ennez* e *Bannez*, de João. Pensam outros que os patronymicos se originam de ablativos do plural latinos: *Pelagius*, de *Pelagius* = Paez.

Os antigos *cognomes* de homens celebres passam frequentemente a *prenomes* na posteridade: *Virgilio*, *Cicero*, *Horacio*, *Tasso*, *Lamartine*, são hoje *prenomes*.

O substantivo commum é o que designa qualquer ser de uma especie ou de um genero. E' o substantivo que convém a muitas cousas, pessoas

(1) Muitas vezes o cognome de homem celebre se torna *pre-nome* para os seus posterios, e foi o que succedeu a *Virgilio* (Publio), *Cicero* (Marco Tullio), *Cesar* (Julio), *Pompeu* (Cueo), *Mario* (Calo), cujos cognomes são hoje verdadeiros *prenomes*.

ou animaes: *rio, homem, pastor, cão*. Tambem se chama APPELLATIVO.

Todos os nomes abstractos são *appellativos*, ou *communis*. A razão é que o abstracto nunca representa um individuo determinado, e por isso não póde ser nome proprio.

Collectivos são os substantivos *communis* que indicam collecção ou aggregado de seres: *laranja, tropa, assembléa, familia, clero*.

Os collectivos são *determinados*, quando exprimem numero positivo: *milhão, dúzia, groza*. Indeterminados dizem-se quando não designam o numero exacto da collecção: *confraria, clero*. Muitas vezes a *indeterminação* só existe na intenção da phrase. Ex.: "*mil vezes*" em vez de *muitas vezes*. "*Dizer tres palavras*". Inversamente, a determinação do numero ás vezes desaparece, como succedeu ao termo *corja*, que designava vinte; *ponche*, que designava cinco (ingredientes) (1).

Na classificação de substantivos, alguns fazem excessiva e inutil distincção entre os que têm existencia real, como *flór, rosa*, e os *ficticios*, que têm existencia objectiva imaginaria: *mãe d'agua, lobis-homem*, etc.; e os nomes de *materia*: ouro, ferro, leite, agua. Esses nomes de *materia* recebem o plural excepcionalmente para indicar qualidades varias da substancia: os *assucares*, os *méis*, os *vinhos*, as *aguas* (mineraes ou outras em quantidade grande).

3. Os substantivos, segundo o gráo ou intensidade de significação: **Augmentativos** são os que exprimem o augmento material ou moral dos se-

(1) A palavra *corja* veio da India, e encontram-se nós classicos phrases como esta: *uma corja de sedas* (vinte peças). Quanto ao vocabulo *ponche*, é persico *panj* e corresponde a *penete* grego (cinco). Essa origem asiatica é incontestavel; mas já os gregos tinham uma taça *qintupla* de cinco bebidas misturadas — *pentaploua* — citado em Atheneu.

res: *homemzarrão, mulherça*; Diminutivos são os que exprimem a diminuição material ou moral dos seres: *homemzinho, boletim (bulla), folhinha*. A diminuição na fôrma pôde traduzir a intensidade na idéa. Assim, *sósinho* não diminue, antes augmenta a idéa de só.

Os *augmentativos* exprimem, por ironia, a pequenez moral e a negação da idéa: *valentão*, etc. Esta translação para o opposto sentido chama-se *tendencia pejorativa*. Para conhecer a influencia das linguas romanicas na formação dos diminutivos, notemos que o suffixo castelhaano mais commum é *ito*, e é de etymo obscuro:

bonito	bom
mosquito	mosca
periquito	peruca

Os suffixos italianos são numerosissimos, e alguns se entreostram no portuguez:

eto	—	<i>libreto</i>	—	livro
	—	<i>quarteto</i>	—	quarto
	—	<i>soneto</i>	—	som
eta	—	<i>gazeta</i>		gaza (moeda)
	—	<i>careta</i>	—	cara

O diminutivo francez entre outros, tem o suffixo *on*, que se assemelha ao nosso augmentativo:

— *mignon* —

— Ha analogia entre o *diminutivo* e o genero *feminino*; por isso que têm em commum certos suffixos, *ino, ina, inha*. Alguns femininos são de facto diminutivos: gallo, gallinha; rei, rainha.

E é provavel que os diminutivos em *ito*, segundo se deprehende de antigas inscripções, provenham de nomes de mulheres, como expressão de carinho.

— O uso de formar diminutivos analyticos com o adjectivo *pequeno* (pequena casa — czinha) era mais *extensivo*

no antigo portuguez onde se encontram exemplos como *pequena hora* (menos de uma hora), analogos aos do francez.

“Em pequena hora venceria os christãos”. (Coll. dos Nobres, *Port. Mon. Hist.*).

— Os diminutivos em *ejo* trazem sempre a idéa de menospreço: *logarejo*, *animalejo*.

Voltaremos a examinar a questão na parte da morphologia (1).

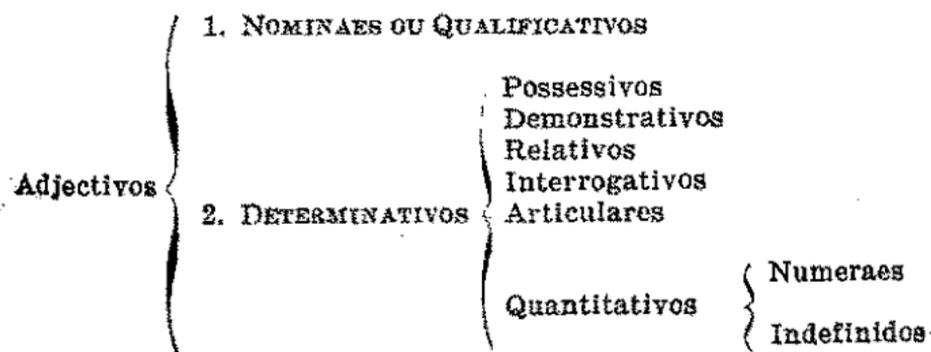
(1) Com agudeza nota Firmimo Costa que ha muitas phrases expressivamente formadas com *diminutivos*: Para cá vem de *carrinho*, fazer *fosquinhas*, ter *cabellino* na *venta*, cair como um *patinho*, estar de casa e *pucarinha*, com a *canninha* n'agua.

II

Segunda classe. Qualificativos

Qualificativo é a palavra que serve para qualificar os objectos. Qualificar, isto é, mostrar uma qualidade do objecto, ou descrevel-o: homem *bel-lo*; casa *grandiosa*.

Os adjectivos dividem-se, na commum opinião dos grammaticos, em duas grandes classes: nominaes (ou qualificativos) e pronominaes (ou determinativos).



Por este schema se vê que os *indefinidos*, embora não possam ser rigorosamente *determinativos*, exprimem uma determinação negativa: *nenhum, cada, todos*. Os *interrogativos* são determinados mais pela intenção de quem fala ou escreve e pela inflexão da voz, do que pela natureza do vocabulo.

Pensamos, todavia, que é visivelmente illogica a reunião dos *qualificativos* e *determinativos* no mesmo grupo com o nome geral de *adjectivos*.

Alguns grammaticos (p. ex. Nesfield) chamam PROPRIOS os adjectivos gentilicos: *francez*, *inglez*, de que trataremos adiante. A denominação é excellente porque facilita a inclusão dos que correspondem aos nomes proprios: *ciceroniano*, *hugoano*, *dantesco*, *camoniano*, etc.

O *qualificativo* é o que exprime a qualidade do objecto: *casa assoalhada*.

A função do qualificativo é mostrar como são os objectos: *grande*, *vermelho*, *pendente*, *luminoso*. Succede, no entanto, que o qualificativo muitas vezes exerce a função determinativa do objecto, distinguindo-o de outros: SÃO PEDRO, a BELLA Helena. Nestes casos vem ordinariamente anteposto. A collocação dos adjectivos não é arbitraria, como se ha de vêr na syntaxe.

Dos *qualificativos* existem varias formas contraídas, que ainda se acham em uso. *Grão*, *bel*, *mal*, *recem*, *são*, *dom*. Ex.: *bel prazer*, *maicriação*, *malgrado*, *São Pedro*, *Dom João*. São os que habitualmente precedem os nomes e em grande parte perdem a syllaba final em *t* ou *d* (*gran*, *grande*, *cem*, *cento*, *quam*, *quanto*, *mui muito*) (1).

A forma *São* precede os nomes que começam por vogal. Uso classico, entretanto, é dizer-se *Santo Thomaz*, *Santo Thyroso*, *Santo Christo* e *Santo Thomé*.

Aquella categoria pertencem *frei* por *freire* (Fr. Luis), *mano* por *ermano*, irmão; *recem* em vez de recente e recentemente (adverbio); *cem* por cento, que é usado junto d'outro *adjectivo* numeral (excepto antes do numeral substantivo: *cem mil*, *cem milhões*, etc., *cento* e vinte, quatro *centos*); *beira* em

(1) D'estas formas *contractas*, escrevi na minha *Selecta Classica* (annotações n. 58 e 143).

vez de *ribeira* (substantivo), e *fundo* em vez de *profundo*, que eram as palavras originaes. *Grão* é dos dous generos:

Assi que ó Rei se minha *grão* verdade,
Tens por qual é.

Lus. VIII, 75

Locuções adjectivas são qualificativos expressos analyticamente por duas ou tres palavras:

Quarto DE DORMIR
Mesa DE MARMORE
Véla DE CERA
Navio DE VÉLA
Navio DE VAPOR (2)
Animal DE DOUS PÉS

Estas *locuções* se chamam adjectivas, porque mais ou menos podem ser substituidas por um qualificativo (*mesa marmorea*, animal *bipede*), ainda que com alguma differença de sentido (conforme se acha explicado na minha *Selecta Classica*, ann. 97).

(2) Haverá necessidade de naturalizar os gallicismos; navio a vela, navio a vapor? *Navio de vela* é como se diz; e quanto ao segundo basta a expressão usual; *vapor*,

III

Terceira Classe. Determinativos

Determinativos são os que marcam a referência dos nomes sem indicar nenhuma qualidade. Também se chamam PRONOMNAES, na maioria dos casos.

Em verdade, os adjectivos determinativos são, em muitos casos, adjectivos e pronomes. A discriminação de funcções é apenas apreciavel no texto da phrase. A distincção consiste em que o *adjectivo* vem junto ao substantivo, e o *pronome* vem desacompanhado. Assim, nas phrases: "*Que* cousa? — *Meu* tio", as partes *que* e *meu*, são adjectivos. Nest'outra phrase: "*O chapéo que* achaste é *meu*", os termos *que* e *meu* são verdadeiros *pronomes*. Pelas mesmas razões, na phrase: "*Os soldados são sete*", a palavra *sete* porque não haveria de ser ahí considerada um pronome? Para evitar semelhantes confusões é que nos pareceu judicioso só considerar pronomes os *personaes*, deixando á margem as variações que só dependem do emprego e uso das palavras. Também *verbos*, *adverbios* podem ser empregados como substantivos e nem com isso se auctoriza uma nova classificação d'essas palavras (1).

(1) Desde muito tempo, desde as primeiras edições desta *Gramm.* superior e da elementar sustento essa doutrina de que a distincção de determinativos adjectivos e pronomes é puramente arbitraria, e depende apenas do phenomeno syntactico na composição da phrase. Muito me desvaneceu verificar que posteriormente Nesfield, autor de uma das melhores grammaticas inglezas, é de opinião igual a minha e que desenvolveu apreciando as conclusões da de *Joint Committee on grammatical terminology* que trabalhou pela uniformidade das classificações das palavras e das phrases (ou *analyses*) nas linguas cultas ensinadas na Inglaterra.

Possessivos são os que determinam a pessoa grammatical a que pertencem ou concernem os objectos: *meu, teu, seu, nosso, vosso, seu (delle), seu (d'elles)*.

O sentido mais ou menos lato da *posse* ou idéa equivalente, nem sempre pôde ser indicado pelo possessivo. Não se poderia dizer *meu traidor* (como no antigo francez *mon traïtor*), podendo-se todavia dizer: *meu amigo, seu assassino, novas suas, ao meu encontro*.

O pronome *seu* é tanto do singular, como do plural; e assim o era no latim; os francezes tem *son* e *leur*; os italianos *suo* e *loro*, cada um para cada numero. E' provavel que o portuguez archaico possuísse a fórma *lures*, que existiu no castelhano antigo.

No portuguez antigo os possessivos não pronominaes tinham as fórmas contraídas quando pretonicos ou antepostos. Ex.: *ma senhor, senhor minha* (minha senhora). A palavra *senhor* era naquelle tempo commum de dous generos. Exemplos taes occorrem nos antigos cancioneiros.

Os adjectivos *gentilicos* ou *proprios* são uma especie de *possessivos* e exprimem a nacionalidade de pessoas e cousas: *brasileiro, do Brasil; francez, de França*.

Os nomes *gentilicos* offerecem algumas particularidades dignas de nota. Alguns têm fórmas duplas distinctamente (mas nem sempre) para pessoas e para cousas: *godo* (pessoa), *gothico* (cousa); *scita, scitico*; *inglez e anglo*; *ibero, iberico e espanhol*, etc. Os nomes de lingua ora tomam uma ou outra fórma: *o inglez, o allemão, o arabe* (e raro *o arabico*), *o latim* e não *o latino*, *o romance* e não *o romano*, *o persa* e raro *o persico*. No emtanto diz-se *o hebraico* e *o hebreu*, *o germanico*, *o syriaco*, *o ceitico*, etc.

Tambem entre nós observamos talvez essas distincções: *bahiano* (pessoa), *bahiense* (cousa); *sergipano* (pessoa), *ser-*

gipense (cousa); *alagoano* (pessoa), *alagoense* (cousa) nas sem rigor. O escriptor Varnhagem insurgiu-se contra o nome *brasileiro* cujo suffixo é antes de nome de officio do que gentilico; em verdade *brasileiro* era a principio o que extraía o *brasil*, como analogamente se diz hoje do *seringueiro* do Amazonas. Todavia a expressão *brasiliano* não foi adoptada e a de *brasilico* parece referir-se a cousas do indigena ou da natureza.

Muitos dos gentilicos são formados de radicaes latinos: *braccarense* (de Braga), *fluminense* (Rio), *hispalense* (Sevilha), *genuense* (Genova), *eborensis* (Evora e York), *gaulez* do antigo *Gaula*, *mancheço* (Mancha espanhola).

Demonstrativos são os que determinam e *apontam* o lugar dos objectos no espaço, no tempo e no discurso: *este, esse, aquelle; isso, isto, aquillo*.

E' de notar que o genero neutro foi determinado por uma flexão interna, (*umlant*), por mudança de letra na raiz do vocabulo: *isto, aquillo* (ant. *esto, aquelle*). O mesmo aconteceu com o indefinido *tudo, de todo*. As fórmulas neutras não se acompanham do substantivo. Tambem a variação do genero altera a vogal do masculino: *êste, ésta; aquêlle, aquêlla*.

Relativos são os que se referem a nome ou pronome, que é determinado ou qualificado pela proposição: "Eu que sou criança. A gloria de Deus a qual não se pôde escurecer", etc.

São relativos *que, qual, quem*. Tambem se chamam *conjunctivos*.

Vê-se, pois, que o *relativo* substitue o nome e ao mesmo tempo faz as vezes de conjuncção, ligando o nome determinado com a proposição determinante que se segue. Por isso, pôde tambem ser denominado *nome conjunctivo*. A palavra ou phrase a que se refere o relativo, chama-se *antecedente*. Nos exemplos citados são antecedentes *eu* e a *gloria*.

Interrogativos são os que exprimem indefinidamente os objectos, como indagando a sua indi-

vidualidade ou natureza: *que? que homem? quem? qual?*

São interrogativos *que, qual, quem*.

Articulares são os que acompanham os nomes, como indicando genero ou especie: *O homem; um leão*.

Praticamente assignalam o genero e o numero dos nomes.

Em geral, são chamados *artigos*. E neste caso dividem-se em:

Artigo definido — o que designa classe, especie ou individuo: *O homem, os ánímaes, as mulheres, os dias*.

Indefinido. — E' o artigo *um, uma, uns e umas* que expressam sem indicação de numero qualquer coisa ou pessoa: *um cidadão, uma casa*.

Do artigo definido a antiga fórma *lo, la, los, las*, ainda subsiste em vestígios: *amá-lo, eu vo-lo digo, etc*.

Conviria ajuntar o *partitivo*: —*do, da, dos, das* (Beba do leite) de que falaremos na syntaxe, no lugar proprio.

Os quantitativos são INDEFINIDOS OU POSITIVOS (numeraes). **Indefinidos** são os que dão aos nomes uma determinação vaga, sem indicar o numero certo ou a qualidade: *muitos, poucos, diversos, diferentes, varios, alguns, algo, tantos, quantos, quaes, todos, cada, nenhum, uns, outros, restantes, os mais, mais, menos*.

E' digno de nota que *qualificativos*, por translação de sentido e de uso, passam a indefinidos: *diversos, varios, etc*.

Qual só é indefinido quando significa algum: "*qual se levantou, qual ficou deitado*". *Algum e nenhum*, quando tomam as variações *alguem, ninguém*, que só se referem a pes-

soas. *Cada* póde determinar unidade ou collecção indeterminada.

Note-se que *quem* póde referir-se a cousas:

Co' um delgado sendal as partes cobre
De *quem* vergonha é natural reparo

(*Lus. II*, 37).

E' uso que se vae tornado raro.

Os indefinidos *cada*, *qualquer*, *alguns*, *poucos*, *muitos*, têm sido chamados *partitivos* ou *distributivos*. *Todo e nenhum* têm sido denominados *absolutos* ou *universaes*.

— Existiu o partitivo *delles*, desde a antiga lingua, como se vê de um documento do seculo XIV:

“Saem todos juntamente, *deles* em magotes e *deles* em aazes longas e *deles* em aazes coinha...”

L. de linh. do Coll. dos Nobres
(*Port. Mon. Hist. I.*)

O partitivo *delles* ainda abunda nos auctores classicos e é usado por Barros:

Acompanhado de 200 homens de pé, *delles* para levarem o fato dos nossos e *delles* que serviam de espada”.

BARROS, I—IV—8.

O mesmo se dirá de *qual* em certos usos, como o de Camões, nos *Lusiadas*:

Qual do cavallo voa, que não desce,
Qual co cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas
Qual cos pennachos do elmo açouta as ancas.

VI—64.

Numeraes são os que indicam o numero, determinando a quantidade exacta: *um*, *tres*, *milesimo*.

Dividem-se em *ordinaes* e *cardeaes*.

Cardeaes são os que indicam o numero de unidades: 1, um; 2, dois; 25, vinte e cinco; 3412, tres mil quatrocentos e doze.

Os numeros na escripta podem ser representados por palavras ou por symbolos, algarismos ou letras romanas: 5 e V, cinco e quinto.

Na composição dos numeros ligam-se os elementos dos compostos com a palavra *e*: *mil novecentos e um*; *cento e noventa*, *mil e uma noites*.

Bilhão designa *mil milhões* (e não milhão de milhão).

Muitos dos numeræes são antes substantivos: *cento*, *mil*, *milhão*.

Ordinaes são os que exprimem o numero conforme a ordem das cousas: *primeiro*, *vigesimo*, etc.

Os ordinaes tambem exprimem a fracção: *o centesimo*, *a decima oitava parte*; e podem ser substantivos.

Na sciencia mathematica adoptou-se na leitura das fracções o suffixo *avos*, do termo *oitavo*, para designar o divisor de 11 para cima: *quiz'avos*. Conservaram-se dos numeros ditos as denominações usuaes: *meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, etc.

Convém notar que os *cardeaes*, algumas vezes, sobretudo nos numeros altos, substituem com bom uso os ordinaes: Luiz *dezoito*, seculo *dezenove*, pagina *vinte e cinco*, capitulo *vinte e um*.

Entre os ordinaes existem series diversas de derivação:

A. — Com o suffixo *eiro* (*arius*):

Primeiro *Milheiro* (subst.)
Terceiro

B. — Com a fórma latina pura:

Segundo *Terço* (subst.)
Quarto *Primo* (subst.)
Quinto
Sexto
Setimo, etc.

Note-se que o vocabulo *terço* é adjectivo hoje só na fórma feminina; diz-se a *terça parte*, mas não *terço* quinhão e

térço logar, e sim o *terceiro logar*. Diz-se: *terço estado* (*tiers-état*) por imitação do francez.

C. — Com o suffixo *esimo* (o *s* d'esta terminação sôa como *ss*):

Vigesimo
Trigesimo
Centesimo

Todas estas fórmãs foram criadas sobre o modelo de *decimo* (*decimus*); cf. *dizimo*, *sesmaria*, *quaresma*.

D. — Com o suffixo *ão* ou *ã*, do latim *anus*. Os exemplos são raros na lingua actual e persistem em algumas expressões: febre *terçã*, febre *quartã*, febres *sezões* (de 3 em 3, de 4 em 4 dias); melhormente de *sazão* (estação) sob influxo de *seis*.

Não obstante, existem varias fórmãs com a terminação *ena*: *novena*, *trezena*, *quinzena*, *vintena*, *centena*, *dezena*, *quarentena*, etc., que são substantivos. E tambem se empregavam *onzeno* por *undecimo* ou *decimo primeiro* e *dozeno*.

Entre os numerães convém notar os MULTIPLICATIVOS; são substantivos que representam o numero de vezes da unidade:

<i>Simple</i>	— 1 vez.
<i>Dobro, duplo</i>	— 2 vezes.
<i>Tresdobro, triplo</i>	— 3 vezes.
<i>Multiplo</i>	— muitas vezes (1).

E tambem os modos de dizer: *dous tantos*, *tres tantos*, *outros tantos*. No *Graal* (17) já se encontra:

dous tantos mais claro.

A fórmula *ambos* indica a dualidade natural ou habitual: *ambas* as mãos, as mãos *ambas*; os *dous ambos* (no italiano, *ambidue*). *Ambos de dous*: é locução classica, usada uma vez em *Camões*,

“De *ambos de dous* a fronte coroada.

(1) *Simple* — *sine plice*, sem dobra: *duplex*, dobrado em *dous*, etc. A palavra *simple*, porém, perdeu o sentido etymologico; e com esse significado emprega-se *single*, por opposição a *duplo* ou *multiplo* ou *ornado*

Algumas vezes os numeraes são substituidos por substantivos collectivos: *par* = 2; *duzia* = 12; *groza* = 12 × 12.

Em composição, notam-se no portuguez frequentemente, nos vocabulos eruditos, os numeros gregos: *penete*, *deca*, *myria*, *hecto*, (hecaton), correspondentes a 5, 10, 10.000, 100; e varios outros. Exemplos: *pentagono* (cinco angulos), *hectometro* (cem metros). Os numeraes italianos subsistem nos termos *duetto*, *duo*, *trio*, *tercetto*, *quartetto*, *quatuor*, *quintetto*.

O numeral arabe *ar-rub* (a 4.^a parte) subsiste na palavra *arroba*, Arroba é a 4.^a parte do quintal, unidade antiga.



N. B. — Notemos desde já entre os qualificativos: os derivados de verbos (*amante*, *ardente*, *lisongeador*); os derivados de substantivos (*braçal*, *trabalhoso*); os derivados de outros qualificativos (*romanico*), *hellenico*, *eternal*); e os derivados de adverbio: *hodierno* (*hodie*, hoje), ou de particula: *anterior*, *contrario*, *postumo*.

Nos lugares proprios volveremos a estudar essas diferentes especies.

O grammatico Adriano Grivet que viveu entre nós e escreveu uma muito apreciada *Grammatica Analytica* adopta entre os determinativos e pronomes a classificação em dois grupos, o de *instaveis* ou *estaveis*, distincção que lhe pareceu indispensavel: os *instaveis* são os que variam de forma, *este*, *seus*, *elle*, *aquelle*, etc. e *estaveis* os que conservam perpetuamente a mesma forma: *alguem*, *ninguem*, *isto*, *aquillo*, *tudo*, *se*.

Essa distincção, embora cabivel, tem o defeito de separar palavras congenitas como *ninguem* e *nenhum*, *este* e *isto*, *tudo* e *todo*. A variabilidade não é um caracter de grande importancia.



IV

Quarta classe. Pronomes

Pronome é a palavra que lembra o nome, em relação á sua pessoa grammatical.

Embora, a especie — *pronome* — possa applicar-se como o tem sido aos adjectivos relativos ou conjunctivos, demonstrativos e interrogativos, entretanto neste capitulo só consideramos os *pronomes pessoas*. Veja-se o que dissemos no capitulo anterior.

A pessoa grammatical consiste na posição que representa uma pessoa ou cousa no dialogo ou no discurso. O pronome é, como disse um philologo, uma designação *subjectiva* que suppre a designação definida de qualquer cousa, e esse modo de ver estende-se a todos os *determinativos*. "Todos os pronomes têm por função situar cousas e pessoas no tempo ou no espaço; parecem deixar subentender um gesto, e, se a expressão não fosse paradoxal, poder-se-ia chamal-os *gestos faluãos*" (Darmesteter).

Ha tres pessoas grammaticaes. *A primeira*, que é a pessoa que fala: *eu, nós*. *A segunda*, que é a pessoa a quem se fala: *tu, vós*. *A terceira*, que é a pessoa ou cousa de quem se fala: *elle, ella*, etc.

No portuguez, a *terceira pessoa* é usada pela segunda grammatical nas expressões: *Você*, o *Senhor*, *V. Mercê*, etc., proprias do dialogo ou do estylo epistolar.

O pronome é um simples determinativo. Quando digo: *livro* — este ser apparece á mente com todos os seus attributos. O pronome *elle*, porém, póde designar qualquer individuo independentemente dos attributos.

Os pronomes pessoaes conservam os vestígios da declinação que tinham no latim; d'ahi, as *variações* que soffrem em todas as pessoas: *eu, me, mim*, etc.

Primeira pessoa

S. Nominativo	— <i>Eu</i>	— no latim	<i>ego</i>
Dativo	— <i>Mim, mi</i>	—	<i>mihi</i>
Accusativo	— <i>M'e</i>	—	<i>me</i>
Ablativo	— <i>Com-migo</i>	—	<i>mecum</i>
P. Nominativo	— <i>Nós</i>	—	<i>nos</i>
Accusativo	— <i>Nos</i>	—	<i>nos</i>
Ablativo	— <i>Com-nosco</i>	—	<i>noscum</i>

A fôrma antiga do dativo era *mi*; e a do ablativo, *comego*.

Nos ablativos da 1.^a e 2.^a pessoas notaremos a anteposição pleonastica da preposição *com*, nas fôrmas: *commigo*, derivadas de *cum-mecum*, *cum-tecum* (ant. *meço, migo, co meço*).

Segunda pessoa

S. Nominativo	— <i>Tu</i>	— no latim	<i>tu</i>
Dativo	— <i>Ti</i>	—	<i>tibi</i>
Accusativo	— <i>Te</i>	—	<i>te</i>
Ablativo	— <i>Com-tigo</i>	—	<i>tecum</i>
P. Nominativo	— <i>Vós</i>	—	<i>vos</i>
Accusativo	— <i>Vos</i>	—	<i>vos</i> (ant. <i>vus</i>)
Ablativo	— <i>Com-vosco</i>	—	<i>voscum</i>

NOTA. — As fôrmas *noscum*, *voscum*, são contraídas de *nobiscum*, *vobiscum*. Esta segunda pessoa tem dous radicaes, *tu* e *vos*, dos quaes se originam as variações ou vestígios de casos. Formas antigas: *nosco*, *vosco*, *vusco*.

Terceira pessoa

S. Nominativo	— <i>El, elle, ella</i>	—	<i>ille, illa</i>
Dativo	— <i>Lhe</i>	—	<i>illi</i>
Accusativo	— <i>Lo, la, o, a</i>	—	<i>illum, am</i>

P. Nominativo	— <i>Elles</i>	— <i>illi</i>
Dativo	— <i>Lhes</i> (lhe)	— <i>illis</i>
Accusativo	— <i>Los, las, os, as</i>	— <i>illos, as.</i>

NOTA. — Este pronome só tem um radical no latim, mas produziu tres classes de palavras no portuguez:

1.º O pronome *elle*, com suas variantes.

2.º O artigo, *o, a*, vestigio do accusativo (*illum*), cujas fórmas antigas foram *lo, la*, que ainda são conservadas por euphonia em alguns casos: *amal-o, vol-o*, etc.

3.º O artigo *el*, que existiu commummente no castelhana, no portuguez antigo e é só usado na expressão *El-Rei* e no vocabulo espanhol *el-dorado*, formas castelhanas; não é usado como pronome pessoal. Encontra-se, mas raro, apposto a um alto titulo: *el-duque, el-conde*.

Notemos ainda que o accusativo (*me, te, vos*) no portuguez tambem exerce funcção de dativo (*deu-me, dedit mihi*, deu a mim) na primeira e na segunda pessoa. Por isso talvez se estendeu a mesma analogia á terceira pessoa, dizendo-se *vi-lhe*, por *vio-o*; este uso, aliás antigo, já se encontra até o seculo XV; mas não deve ser imitado, pois não tem authorização dos melhores classicos, a não ser em um ou outro exemplo duvidoso.

E' usual no Brasil: *vi elle, encontre elle* — modos de dizer archaicos como se vê de exemplos da era ante-classica, nos documentos dos seculos XIII a XV, facto hoje reconhecido pelos proprios philologos portuguezes. Veja a — *Syntaxe*.

Ha ainda a fórma da terceira pessoa pronominal denominada *pessoa reflexiva*, que é a que ocorre no discurso indicando relação de identidade com o sujeito. Esta pessoa é determinada pelos accusativos das duas primeiras, *me, te*, e por uma fórma *se*. As fórmas *me* e *te*, já são conhecidas; aqui daremos o paradigma da fórma *se*:

Dativo	— <i>Si</i>	— <i>sibi</i>
Accusativo	— <i>Se</i>	— <i>se</i>
Ablativo	— <i>com-sigo</i>	— <i>cum-secum</i>

Já vimos que muitas palavras, como os determinativos (V: a lição precedente) *indefinidos*, *possessivos*, podem exercer a função de pronomes:

Quem aqui escreve, afirma.

— Eu affirmo, etc.

Todas as locuções d'esta especie devem ser denominadas *equivalentes logicos do pronome*.

— Também possuímos as fórmulas emphaticas *nós outros*, *vós outros*, quando nos apraz distinguir um grupo de pessoas de outro ou quando affirmamos as ditas pessoas com emphase. No espanhol *nosotros* e *vosotros* são as pessoas normaes, ao passo que *nos* e *vos* formas antigas ou poeticas.

Fórmulas antigas. — 1.^a O pronome *Eu* teve varias fórmulas: *eu*, *ei*, *Geu* em nanjeu = não + já + eu (Leile de Vasconcellos).

Variações — nos, *nus*;
me, *mi*;
migo, *nosco*.

2.^a A variação *te* apparece algumas vezes no portuguez antigo com a fórmula *che, xe*: *bem che quero. Mais vale um aveche que dous che darei*. E' o chamado *dativo ethico*. A fórmula *vosco* precede a *comvosco*.

3.^a As fórmulas *le, li, lhe*, como *se*, uniam-se a outras palavras, como *enlhe, nelhe*. O *se* tem exemplos da fórmula *ge*, a crêr no que afirma Viterbo. (II, 19) e frequentemente *xe* nos Cancioneiros antigos.

No dialecto indo-portuguez, os pronomes estão sempre aglutinados á palavra *outro*, no plural: *ellesoutro, nosoutro*, (*Ellesoutro tinha nó* — Elles estavam nós. — *Biblia de Ceylão Gen. II*).

Pronomes adverbiaes archaicos do portuguez, eram:

1.^o *Ende* (no francez *en*, Canc. da Vat. 1195).

E poys *end'*as novas saber
Tambem pos'eu

(E tambem posso saber as noticias d'elle).

2.º O pronome Y, no francez *y*, existiu durante muitos seculos, notavelmente com a fórma *hi*. Confunde-se com o adverbio:

... veno a vos senhor
Que me digades que farei eu y.

(*Trovas e cant.* 259).

Póde ser interpretado como adverbio (tanto no portuguez como no francez; como no italiano *ci* e *vi*).

A formula mais vulgar do *tratamento* é a terceira pessoa representada por

Vossa Excellencia (vossencia)
Vossa senhoria
Vossa Mercê
Você

A primeira é muito usual, com alguma cerimonia. *Você* que provem de *Vossa mercê*, *Vosmecê* é de uso mais intimo e familiar.

O tratamento por *vós* (em Portugal na Beira, no Brasil em S. Paulo e outros lugares do interior) tambem é de uso regional. E' mais uma forma litteraria que popular.

V

Quinta classe — Verbos e suas especies

Verbo é a palavra pela qual póde uma acção, estado ou qualidade ser attribuida a um ser.

Este ser é o *sujeito* do verbo. As relações de estado ou acção devem ser naturalmente numerosas, e o seu conjuncto constitue a *conjugação* (1).

A difficuldade de definir o verbo tem feito com que alguns grammaticos o caracterizem como sendo a *palavra que denota o predicado*, circumloquio obscuro e incomprehensivel como idéa preliminar, mas acceptavel se tivermos de iniciar o estudo da grammatica pela *proposição* e seus termos essenciaes.

Conjugação é o systema de todas as variações do verbo. As variações do verbo são mais ou menos uniformes e obedecem a quatro modelos ou *paradigmas*, que terminam em *ar, er, ir, or*, no infinito; taes são: *amar, receber, punir, pôr*.

A quarta conjugação em *or*, é composta do verbo *pôr* e seus derivados; é uma conjugação contraída da segunda em *er*. A antiga fórma de *por* era *poer*.

(1) Convém lembrar, que materialmente o verbo divide-se em duas partes: o *radical*, que representa a idéa principal, e a *desinencia*, que é sempre variavel e exprime a idéa accessoria. Em *am-ar, receb-er*, as partes *am, receb*, são os radicaes ou themas.

Verbos irregulares são os que se afastam dos respectivos modelos de conjugação.

Historicamente, os irregulares são os que conservam a maior regularidade, isto é, conservam pela filiação histórica as formas latinas de onde se originaram. Assim, o presente *venho* do verbo *vir*, é regularíssimo, se atendermos á origem latina: *venio*.

Também se definem VERBOS IRREGULARES, os em que o radical ou thema varia: *dorm-ir*, *durm-o*.

Esta definição é pouco aceitável; no verbo *vir* o radical é a letra *v*, que existe em todos os tempos, embora o verbo *vir* seja irregular. A irregularidade do verbo tem que vêr com os radicacs ou themas.

Na conjugação do verbo notam-se as seguintes circumstancias.

1. O modo. — A acção ou estado podem ser indicados como certos, incertos, suppostos ou obrigatórios.

D'ahi, a idéa de MODO e suas divisões. O MODO é, pois, a qualidade, o *como* da affirmação: *se eu quizesse; querias; quero, quizera*. Os modos são das seguintes especies:

Indicativo. — E' o que indica a *realidade* da acção ou estado, qualquer que seja o momento: *amo, não vieste, amei, amarei*.

Imperativo. — E' o que indica acção ou estado ordenado ou pedido: *vae, perdoae*.

Subjunctivo. — E' o que indica incerteza, duvida, supposição: *se trabalhasses; quando trabalhares*.

Condicional. — E' o modo de indicar a affirmação, dependente de uma condição não realzada: *eu faria, amaria, louvaria*.

Nas linguas primitivas, os *tempos* são mais importantes que os *modos*. Nas linguas modernas, os limites dos modos não são bastante definidos, e o *condicional* é uma maneira média e commum ao indicativo e ao subjunctivo. As linguas romanas criaram o modo *condicional*, que não existia discriminadamente no latim. Poder-se-ia supprimir o *condicional* d'entre os *modos*, mas havia que classifical-o entre os *tempos*; sem vantagem, por que a *condição* é mais um conceito de modo do que de época ou momento da acção.

2. Os tempos. — A acção ou o estado realizam-se em diversas épocas. O *tempo* é a variação que indica a época da acção ou do estado. Os tempos são, em rigor, tres:

O **preterito**. — Indica o momento passado: *amava, amou, viesse*.

O **presente**. — Indica o momento supposto actual ou verdadeiramente actual: *amo*.

O **futuro**. — Indica o tempo por vir: *cantarei*; quando eu *vier*.

Todos os *tempos* são *simples*, quando constam de um só vocabulo: *leio, li*; são, porém, *compostos*, quando são representados por mais de um vocabulo: *estou lendo, tenho lido, tivesse lido*.

As linguas romanas perderam alguns dos tempos latinos (o futuro do indicativo *cantabo*, o imperfeito do subjunctivo *cantarem* (que se mudou em *infinito pessoal*, conforme veremos no lugar proprio) e muitas fórmas infinitivas), e criaram tempos novos os futuros em *ei* (de *hei*, haver) e grande numero de tempos compostos de toda a sorte.

Pensam alguns que o chamado infinito pessoal do portuguez é o imperfeito do subjunctivo latino, hypothese que não repugna quanto ás leis phoneticas, mas obscura quando se attende ao sentido. E' certo que o sentido podia variar, mas não é necessario imaginar gratuitamente essa variação. O infinito pessoal não se distingue do infinito nem pela fórma

nem pela idéa; só o uso diverge e ainda assim esse uso é hesitante e indeterminado. Mais valeria explicá-lo pela euphonia e necessidade de clareza, comtudo, os ultimos resultados da philologia comparativa tornam indubitavel a origem do infinito pessoal derivado do imperfeito do subjunctivo.

3. Pessoa. — E' a variação que indica a pessoa grammatical do sujeito: *am-as* (tu), *am-ae* (vós).

4. Numero. — E' a variação que indica ao mesmo tempo a pessoa, a unidade d'esta ou a sua pluralidade: *ama*, *amaste* (singular), *amaram*, *amastes* (plural.)

Existe um verbo unico que não tem idéa attributiva, isto é, o attributo vem d'elle sempre separado, e este verbo apenas exprime a *existencia* em absoluto. E' o chamado verbo *substantivo*: *ser* (1).

Todos os outros verbos são *attributivos*, isto é, encerram uma idéa predicativa do sujeito.

— **Transitivos.** — São aquelles que têm complemento no qual se emprega *directamente* a acção predicativa: *amo a virtude*.

Chama-se *transitivo relativo* o que tem dois objectos: *dei-lhe um livro*.

(1) Tambem chamado *verbo abstracto*, *verbo absoluto*. Comtudo ha sempre um resquicio de acção transitiva no verbo *ser*, pois que doutra forma não se comprehenderiam construcções como esta: Julio foi um heroe mas Antonio não o foi.

O pronome — *o* — não pode deixar de ser objecto; seria absurdo considerá-lo um nominativo.

— **Intransitivos.** — São os que exprimem predicação por si só completa ou com complemento indirecto: *durmo; vou a Roma.*

Todos os *transitivos* ou *intransitivos* podem entre si mudar de categoria. Por esta virtualidade immanente a toda a acção, é possível dizer-se: *chorei lagrimas*, ou, de modo absoluto: *escrevo*, isto é, *sei escrever; leio, sei ler.*

As diversas maneiras de ser do sujeito indicam as vozes do verbo.

Voz passiva. — E' aquella em que o sujeito soffre a acção: *sou amado.*

Voz activa. — E' aquella em que o sujeito é o agente da acção: *eu amo.*

Voz reflexa. — E' aquella em que o sujeito exerce a acção, ao mesmo tempo que esta reverte ao sujeito: *eu me enganei; tu te voltaste.*

Havia, além d'estas vozes, a *depoente*, no latim: *admirari, mori, sequi*, que se foram tornando em *admirare, morire, sequere*, etc. No portuguez, só alguns participios têm o valor de depoentes: *calado, agradecido, viajado* (que agradece, que viaja ou viajou, etc.).

O sentido *passivo* pode existir sob fórmulas activas: o pecego *sabe* muito bem.

Tambem a *passiva* perdeu as fórmulas simples nas linguas modernas e forma-se com o auxiliar *ser*, ou, em certos casos, com o pronome *se*, conforme analysaremos na syntaxe. Notaremos no mesmo logar que muitas vezes a voz activa tem o valor da passiva (E' de *crer* que = é de *crer-se* que...).

Os verbos que vêm, não casualmente, mas sempre, com os dous pronomes, chamam-se **pronominaes**: *eu me arrependo; arrepende-se.*

Defectivos ou impessoaes. — São verbos a quem faltam alguns tempos ou pessoas da conjugação: *chove, troveja*.

A omissão de flexões dos defectivos explica-se geralmente pela impossibilidade que têm a 1.^a e 2.^a pessoas de receberem certas attribuições. Não se pôde dizer: *eu trovejo, tu nevas*, a não ser em sentido figurado. Succede tambem que a euphonia rejeita certas fórmãs, como: *eu abulo* ou *abolo*, do verbo *abolir*; ou *eu coloro*, de *colorir*. Outras vezes, o caracter de *impessoal* é momentaneo, como em *haver*, apenas *impessoal* em determinado uso e emprego.

Verbos inchoativos — (frequentativos e reiterativos). Expressam a acção prolongada ou repetida: *florescer, esmorecer* (morrer), *branquejar, passear* (passar), *agitar* (agir), *saltitar* (saltar), etc.

Propriamente são *inchoativos* os que indicam acção começada e incompleta: *embranquecer, crescer, revivescer* (em geral não tinham, pela maior parte, supino); *frequentativos* são os que multiplicam ou reiteram a acção: *pipilar, saltitar*.

Derivados verbaes. — São tres:

O INFINITO. — E' o derivado verbal equivalente ao *substantivo*: *amar, viver, rir-se*, etc. Termina em *r*.

O PARTICÍPIO. — E' o derivado verbal equivalente ao *adjectivo*: *amado, lido, amante*, etc. Termina em *do* ou *te* (1). Considera-se *supino* quando invariavel e em composição: tenho *amado*.

(1) O *participio* pôde ser do passado, *amado*; do presente, *amanté*. E alguns ha do futuro, em *ouro* ou *eiro*: *vindouro, mandareira*.

O GERÚNDIO É o derivado verbal equivalente ao adverbio: *amando, vivendo*, etc. Termina sempre em *ando, endo, indo* ou *ondo*.

Locução verbal. — É o verbo composto de dous elementos: *ter andado, ir andando*, etc. A conjugação respectiva denomina-se **CONJUGAÇÃO PERIPHRASTICA**.

A impossibilidade de definir sufficientemente o *verbo*, resulta de que toda a definição é uma locução substantiva, e nenhum substantivo pôde manter equipolencia com o verbo. De sorte que a definição mais clara seria: "Verbo é a palavra que significa *ser, estar* ou *fazer* qualquer cousa". (Cf. Flores, *Gram. esp.*).

Outras noções essenciaes encontram-se na morphologia e syntaxe.

VI

Palavras invariáveis (6.^a, 7.^a e 8.^a classes)

As *palavras invariáveis*, communmente chamadas *partículas*, distribuem-se por quatro *classes*: os *advérbios*, as *preposições*, as *conjunções* e as *interjeições*. Exceptas estas ultimas, que são verdadeiras phrases, as demais são palavras que exprimem relação. E' util considerar que, se a *interjeição* representa por si um juizo, o advérbio representa um fragmento completo d'elle, isto é, um talho de phrase, aquillo que se chama por vezes *complemento* ou cousa equivalente: *neste logar* é o equivalente de *aqui*; *nesta hora presente* — agora (*hac hora*).

1.

Advérbio — é a palavra que exprime qualquer circumstancia da acção ou da qualidade: *hoje* escreverei; *grandemente* sabio; *muito* ligeiramente (1).

(1) Dizer que "advérbio é a palavra que modifica o adjectivo, ou outro advérbio" é um erro, é uma espécie de círculo vicioso. Se eu não sei o que é *advérbio*, como é que me dizem "ser a palavra que modifica o advérbio"? E não poderá o advérbio modificar o nome substantivo e o pronome? Sem dúvida que sim. Se disséssemos "deus é só bom" ou "deus — só é bom", afirmaríamos loucamente que Deus só tinha uma qualidade, a da bondade. Quando, porém, dizemos "só Deus é bom"

O adverbio modifica o sentido do verbo, do adjectivo e de outro adverbio. Quando a circumstancia é expressa por um grupo de palavras, cabe o nome de *locução adverbial*:

Amo com ardor.
Existe em algum lugar.
Virá depois de amanhã.

Ha varios generos de adverbios.

De lugar. — *Aqui, lá, acolá, em cima, além, onde*, etc.

De tempo. — *Hoje, agora, immediatamente, recentemente, antes, tarde*, etc.

De modo. — *Assim, como, bem, mal*, e a maioria dos adverbios em *mente*.

De quantidade. — *Tão, tanto, muito, nada, tudo, completamente*, etc.

ou "deus só — é bom", afirmamos que só há um ente bom, Deus. No primeiro caso, só modifica ao verbo *é*; no segundo, ao nome *Deus*. Podendo determinar o nome, pode fazê-lo quanto ao pronome: *só éle é bom*. Os advérbios que têm a propriedade de determinar a nomes substantivos e pronomes são: *só, somente, também, apenas, ainda, como* e palavras equivalentes. O advérbio corresponde, pela origem e significação, a nomes ou pronomes, de alguma de cujas formas de flexão se destacou, e por isso se divide em *nominais e pronominais*. *Belamente* quer dizer de modo "belo", é um advérbio nominal; *onde* quer dizer em "que", é um advérbio pronominal. E' de todo o ponto necessária esta distincção, para que não caíamos no erro tão comum de considerar pronomes relativos o *onde* e o *quando*. Das frases "a casa onde moro e o momento quando cheguei". Não, essas palavras não são pronomes relativos, mas advérbios pronominais-relativos, isto é, advérbios que não perderam a sua função própria e adquiriram a de pronomes relativos". MARTINS DE AGUIA — *Repasse crítico da Grammatica Portugueza*, pags. 69-70.

De modalidade ou de affirmação. — São os que exprimem duvida, affirmação ou negação.

De *duvida*: talvez, provavelmente.

De *negação*: não.

De *affirmação*: decididamente, effectivamente, sim.

Os adverbios em *mente* representam sempre o caso ablativo latino:

Boamente — *bona mente*.

Este processo era pouco commum no latim; tornou-se mais vulgar no latim barbaro e superabundante no francez. No portuguez antigo, os adverbios em *mente* são raros. Note-se aqui que nas formações em *mente* os adjectivos em *ez* ficam (como eram outr'ora) invariaveis: *portuguezmente*, e não *portuguezamente*. O adjectivo pode ser usado como adverbio; fala *alto*, vende *caro*.

2.

Preposição é a parte que posta entre dous vocabulos determina a natureza da relação que existe entre elles.

A relação póde ser de:

Posse. — Casa *de* João.

União. — Seguiu *com* o cavalleiro.

Separação. — Seguiu *sem* o cavalleiro.

Tempo. — Viveu *durante* dez annos.

Causa. — Desmoronou *com* a chuva. Ferido *por* um raio.

Conveniencia. — Estudou *conforme* a regra; escreveu *segundo* a logica.

Opposição. — Falou *contra* todos.

Fim. — Orae *por* elle.

Logar. — Esteve *no* campo.

Locução prepositiva é o grupo de palavras que exerce a função de preposição: *conforme a, máo grado, etc.* (1).

No latim e em outras linguas existem vestigios de gráo das preposições. São comparativos: *inter*, de *in*; *extra*, de *ex*; *contra*, de *cum*; *præter*, de *præ*, etc. São superlativos: *extremus* (*exterimus*), de *ex*; *intimus*, de *in*; *primus*, de *præ*; *supremus* (*superimus*), de *super*. Da mesma fórma em inglez o positivo *for* tem o comparativo *fore* e os superlativos *first* e *foremost*. Dos gráos latinos é facil concluir a existencia de alguns vestigios no portuguez.

As preposições *por, de, em, a*, juntas ao artigo, affectam as fórmas *pelo, do, no, ao, etc.* A preposição *a* concorrendo com o artigo feminino, *a*, orthographa-se côm o accento: *á* (2).

3.

Conjunção é a palavra que serve para indicar as relações entre duas proposições: “Vive, *mas* sê sabio. Elle é justo *e* sabio.” Muitas vezes a proposição é elliptica, como no ultimo exemplo. Mas a analyse ahi descobre duas proposições: *elle é justo; elle é sabio.*

Segundo o sentido, dividem-se estas particulas em conjunções de *subordinação* e conjunções de *coordenação*.

1. De *coordenação* são as conjunções que indicam relações entre proposições que têm a mes-

(1) Das *preposições componentes* — *pre, ob, abs, per*, etc., trataremos quando nos occuparmos com os elementos de derivação e composição (prefixos).

(2) «O artigo *el*, ao que parece, contraía-se tambem com a preposição *a*, conforme se vê no *Palmerim*, de Francisco de Moraes, tomo 1º; fizeram sua cortezia *al* imperador Trineo e *al* rei Arnedos, pags. 296; depois que se despediu de D. Duardos e Florida, se foi *alret*, pag. 336; se foi caminho de Londres levar novas *al* rei, pag. 348.» (Nota de FIRMINO COSTA). Veja-se tambem a minha *Selecta Classica*, annotada.

ma funcção na phrase: *Vae ou volta; nem sae, nem entra; quero porque* tenho direito; *soffre, logo* está doente.

As conjuncções de coordenação mais notaveis são:

As copulativas: e, tambem.

Disjunctivas: nem, ora... ora, quer.

Adversativas: porém, mas, todavia.

Conclusivas: ora, logo.

De subordinação são as conjuncções que unem proposições das quaes uma tem funcção differente, isto é, serve de complemento ou sujeito da outra.

As principaes são: *logo que, pois que, quando, depois que, antes que, de sorte que, afim de que, se.*

Quasi todas as conjuncções de subordinação são verdadeiras *locuções* e contêm o elemento *que*.

A conjuncção exerce ás vezes a funcção de preposição. A expressão *sete e oito* equivale a *sete com oito* (1).

Comquanto a conjuncção ligue sempre proposições, estas nem sempre são susceptiveis de resolução por meio da analyse logica. Assim, a proposição contracta: *Paris está entre Bruxellas e Marselha*, não soffre a divisão *analytica* em duas orações: *Paris está entre Bruxellas* e *Paris está entre Marselha*. Estas *locuções* só têm valor como phrase composta; são abreviaturas irresolueis.

4.

A Interjeição é mais phrase do que simples vocabulo. E' expressão breve da emoção, do sentimento: *oh! olá! psiu!*

(1) A verdade é que *e* equivale a *a* e n'estes casos é preposição, como se vê em pouco e pouco, pouco a pouco; dezeseis, dezaseis. A respeito escrevi na minha *Selecta Classica*, nota 174. Alguns philologos derivam este *a* do latim *ac*.

As interjeições *simples e primitivas* são verdadeiras exclamações: *ah! oh! ui!* As interjeições *secundarias* ou *derivadas* de outras palavras são improprias, ou *locuções interjectivas*, apenas utilizadas como meio de exprimir accentuadamente a emoção: *muito bem! bravo! caluda! fóra!* etc.

A classificação das interjeições é a mesma dos sentimentos que representam: de *dôr*, de *alegria*, de *aversão*, de *aprovação*, *surpreza*, etc.

A interjeição não entra como parte na construção do discurso. E' uma proposição por si mesma de caracter elliptico, frequentissima nas linguas primitivas, nas quaes era mais extensa e intensa a expressão sentimental. Ha certas interjeições que apenas se empregam quando o homem trata com animaes: *bit! sape!* e até outras cujos ruidos quasi não podem ser representados pela escripta.

A *preposição* é uma palavra relativa, que com o seu complemento necessario fórma um adverbio ou *locução adverbial*: *com ardor = ardentemente*, etc.

O *adverbio* é uma fórma synthetica, contendo logicamente a preposição com o complemento: *ardentemente* = com ardor. Mas se no adverbio ha apenas a synthese de um grupo de palavras, na *interjeição* ha a synthese completa de todo um juizo.

Como quer que seja, tratamos aqui apenas da classificação; a importancia, porém das particulas só se manifesta no estudo da syntaxe, onde teremos que as estudar com mais devida individuação.

E' de igual interesse lêr a parte da etymologia.

VII

Famílias e grupos de palavras

Raizes, Synonymos, homonymos e paronymos

(LIÇÃO DO MESTRE)

Na parte preliminar da taxinomia ou *classificação*, vimos que as palavras se distribuem em classes ou grupos, conforme a idéa que representam. Os vocabulos tambem podem ser agrupados em classes ou *famílias*, conforme seus caracteres de afinidade etymologica ou de origem.

Familia de palavras é o conjunto de termos que têm raiz ou radical commum.

Ha, portanto, dous modos de comprehender uma *familia de vocabulos*. Se se considera a *raiz*, cada familia contém grande numero de palavras; se, porém, considerarmos o *radical* ou *thema*, as familias abrangem numero de termos relativamente pequeno.

O agrupamento de familias de termos que têm *raiz* commum, além de algumas vezes impossivel, é quasi sempre difficil de determinar para os que não conhecem duas ou tres das linguas arianas. Assim, a exemplo do que fizeram Bailly e M. Bréal para o latim e Stappers para o francez, nos seus dictionarios, basta considerar as palavras que têm apenas o *radical* ou *thema* commum.

Não obstante, damos neste logar dous exemplos em que se toma por base de agrupamento a raiz. São as raizes;

FL — correr

Fluxo
Fluir
Affluente
Chuva
Fluvial
Affluir
Pluvioso
(*Pluvia, fluere*)

MAN — pensar

mente
lembrar
memorar
imagem
imaginar
mentir
lembrança
Minerva

Cada uma d'estas raizes tem um numero consideravel de derivados ou cognatos, no allemão, no grego, no latim, etc., e todos os derivados constituem uma familia.

Revela a analyse que em nosso proprio idioma muitos vocabulos ha que constituem familias, isto é, possuem thema commum.

1. Do thema **am**, temos os vocabulos:

Am-or
Am-ante
Am-ador
En-am-orado
Am-avel
Am-izade
Am-igo
Am-ar
Des-am-or
N-am-orar (en-am-or-ar)
In-im-igo (ant. *imigo*)

2. Do thema **musa**, contam-se, entre outros:

Musa
Musaceas
Musica
Musical
Museu

3. Do thema *ver* e *vid*, notam-se:

Ver
Evidente
Previdencia
Providencia
Provido
Visão, viso, visar
Vista

4. Do thema *VICE*, notam-se:

Vice
Vez
Vice-rei
Vizo-rei
Visconde
Vigario (*vicarius*)

5. Do thema *ANNO* e *ENNIO*, que significam a mesma cousa, temos:

Biennio
Quadriennio
Centenario
Octogenario
Solemne
Perenne
Annual

Na composição d'esses termos latinos, a quasi sempre se permutava em *e*; assim, de *arma*, *inermis* — sem armas; de *barba*, *imberbe* — sem barba, etc.

Por isso a fórma *anno* se transformou em *ennio*.

Solemne, composto de *solus* e *annus*, significava aquillo que só se devia fazer uma vez no anno, e ainda por isso não se justifica a orthographia *mn*, que é a do uso geral: *perenne*, de *per* e *annus*, significava o que devia durar o anno inteiro (1).

A fórma *octogenario* é abreviada de octogintenario.

(1) Ha quem conteste este etymo e approxime *mne* de *amphi*, *amb*, neste caso particular de *solemne*. V. ALOYS WALDE — *Dicc. etym. lat*

6. Do thema latino **CAP** ou **CAB**, ha a numerosa familia:

Capitão
 Cabeça
 Cabeçada
 Capitel
 Capitulo
 Cabido (capitulum)
 Capello
 Cabo
 Cabello
 Acabrunhar
 Acabar
 Chapéo

D'estas palavras algumas offerecem difficuldades de analyse. *Acabar* é um verbo derivado de *cabo*, isto é, o fim, a ponta. *Acabar* quer dizer: fazer o fim ou termo, terminar. *Acabrunhar* é um composto (*caput + pronare*), dobrar a cabeça. A palavra *chapéo* veio do francez (*chapeau*), como todas em que *c* forte se tornou em *ch* brando, como, por exemplo, *chaminé* (de *cheminée, camminata*), *chefe* (de *chef*).

7. Do thema grego **anthropos**, que significa "homem" temos a familia:

{	sciencia	do homem	{	Anthropologia
	inimigo	do —		Misanthropo
	amigo	do —		Philanthropo
	semelhante ao	—		Anthropoide

8. Do thema germanico **ban**, que significa divulgar, mostrar, temos os vocabulos:

Bando
 Bandeira
 Banhos
 Banal, banalidade

A palavra *banhos* (por *bandos*) na expressão *banhos matrimoniaes*, é germanica. *Banho* (lavagem) vem do latim

(*balneum*). A palavra *banal* é gallicismo, já muito usado pelos escriptores contemporaneos.

Os exemplos de familias dos vocabulos citados são sufficientes para dar noção clara do assumpto.

Classificando por idéas associadas, veremos que existem as seguintes classes:

Proprias — São as palavras que têm o sentido exacto e são usadas como taes: *boi*, *cão* (animal). **Translatas** — *metonymicas* ou *figuradas* são aquellas que se empregam em sentido differente do primitivo ou normal: *cão* (de *espingarda*); *argento*, em vez de *mar*; *Diana*, em vez de *lua*; *lar* ou *fogo*, em vez de *casa*.

A classificação em *synonymos*, *antonymos*, etc., já foi anteriormente feita.

Os *homonymos* dividem-se em *homophonos* e *homographos*. *Homophonos* são os que têm a mesma pronuncia, tendo orthographia qualquer: *cêsta* e *sexta* inversamente, *homographos* são os que têm identica orthographia: como *pêso* (verbo) e *peso* (gravidade).

Os *synonymos* são poderosas fontes de archaismos. É natural que, havendo muitas palavras para a expressão unica de uma só idéa, algumas se tornem inuteis e desusadas com o tempo. Assim, a palavra mais euphonica sobrevive a outras que o são menos. Em alguns casos, como é facil notar, as palavras de pequena extensão desaparecem diante de outras: como *os*, que se archaisou, ao passo que permaneceu *bucca* (*bocca*); *res* desapareceu ao lado de *causa* (*cousa*), etc.

Quando se formaram na lingua dos seculos XV e XVI os neologismos alatinados *seculo*, *ocasião*, *rosario*, desapareceram por inuteis as velhas fórmulas vernaculas *segre*, *cajon*, *rosairo*, etc. As fórmulas que persistiram, tambem conservaram uma differença de sentido: *rezar* e *recitar* (de *recitare*), conforme o que foi explanado na Introducção a esta *Grammatica*.

Os *homonymos* podem em certos casos ser factores de archaismos; mas esta asserção está longe de ser provada. Parece, muito ao contrario, que entre os termos *sella* e *cella* só.

existe porventura confusão para o ouvido dos grammaticos. Os vocabulos têm vida independente, e jámais na linguagem vulgar occorrem simultaneos com frequencia tal que occasionem a presumida confusão. Assim, a semelhança ou identidade phonetica só em rarissimos casos poderia ser causa de archaismos ou de esquecimento de vocabulos.

No ensino da lingua a questão dos synonymos é da maxima importancia pois equivale ao estudo do vocabulario.



ESTUDO DA FORMAÇÃO DOS VOCABULOS
(MORFOLOGIA)



A estrutura do vocabulo. Raiz e affixos

A **Morphologia** estuda o vocabulo considerado em sua estrutura como um composto de órgãos ou partes significativas.

Orgão de um vocabulo, aqui se chama a qual-quer parte d'elle que exerce funcção ou tem sentido. Assim, na palavra *semi-deuses*, a analyse descobre tres elementos:

Semi-deus-es

O primeiro, *semi*, indica: metade ou meio.

O segundo, *Deus*, exprime a pessoa suprema; é a idéa principal (raiz).

O terceiro, *es*, exprime a pluralidade do ser.

A reunião d'estas partes constitue o que chamamos *estructura* do vocabulo. Os *elementos morphologicos* dotados de sentido são, pois, muito diferentes dos *elementos phoneticos*, puramente materiaes e sem sentido, sons, letras ou syllabas.

Thema e terminação.

Chama-se *thema* o todo do vocabulo, excepto a *terminação* ou *desinencia*:

cant-ar
cant-avam
Deus-es
prev-er
contradiz-er
prop-or

As partes *cant* — *prev* — *prop* — *contradiz*, são *themata* ou fórmulas que, em geral, não soffrem variação ou flexão.

Desinencia é a parte variavel do vocabulo, e é por conseguinte a que exprime os accidentes da flexão:

Cant-ar
Cant-avam
Deus-es
Prev-er
Contradiz-iam
Prop-unha

As partes elementares *ar*, *avam*, *es*, *er*, *iam*, *or*, são as *desinencias* ou terminações dos vocabulos, e exprimem, ora a flexão de tempo, ora de numero, de genero, pessoa.

Synonymia.—Terminação é qualquer porção final do vocabulo, é termo geral, *Suffixo* é especialmente a terminação dos derivados: *pedr-aria*, *form-oso*, etc. *Desinencia* ou *flexão* é o *suffixo* variavel dos nomes e verbos: *ric-o*, *rica*; *am-ei*, *am-avam*.

Por esse motivo, alguns autores dividem as palavras em duas classes *flexivas* (variaveis) e *inflexivas* (invariaveis).

Raizes e affixos.

Affixos são os elementos *morphologicos* (ou *orgãos*) que se appõem ao vocabulo, modificando-lhe a significação.

Os *affixos* dividem-se em *prefixos* e *suffixos*.

São *prefixos* os elementos significativos que antecedem a palavra principal. Taes são: *anti*,

per, ob, pre, sub, etc., na composição dos vocabulos. Ex.:

per-furar
anti-Christo
ob-turação
pre-juizo
sub-metter, etc.

Suffixos são os elementos que prolongam e modificam a palavra principal. Taes são, entre outros: *eiro, oso, ade, ico, ino, etc.* Exemplos:

pinh-eiro
form-oso
felicid-ade
analyt-ico, etc.

Convém observar que o *prefixo* tem uma noção definida e mais positiva do que o *suffixo*. Assim, os prefixos *pre, sub* denotam sempre, ao menos quasi sempre, a antecipação, o logar inferior, etc. Os *suffixos*, porém, têm função menos definida e tomam varias accepções, conforme o uso estabeleceu. O *suffixo eiro* tem diversos significados, como dos exemplos seguintes se vê:

Expressando o *continente*:

tinteiro-tinta

Expressando *factor* de objectos:

sapateiro—sapato
caldeireiro-caldeira

Expressando o *agente* da acção:

caminheiro—o que caminha
cavalleiro—o que anda a cavallo
romeiro—o que vae a Roma (peregrino)

Exprimindo a *arvore* em relação ao fructo:

pinh-eiro
tomat-eiro
mamo-eiro
etc., etc.

As tres ultimas accepções indicam sempre a actividade ou os agentes da producção.

Note-se, além d'isto, que em alguns brasileirismos o suffixo *eira* ou *éra* representa vocabulo tupi-guarani *cuéra*, *cuér*, *gué*, e donota o tempo passado, nos substantivos que d'esta arte se conjugam como se foram verbos. Taes são os dous exemplos:

Tap-éra, aldeia que existiu, aldeia em ruinas.
Capo-eira—matto que existiu, agora matto novo.

Esses derivados provêm respectivamente de *tap* (taba, e *cap* (ca-paum). Veja-se o que desenvolvidamente escrevemos na *Lingua Nacional*, pags. 34-35 e nota no appendice.

Entre os *affixos* podem-se considerar as letras e fórmãs *infixas*, embora esporadicãs, como as que se notam nos futuros:

far-vos-ei
dir-te-ei

Nestes especimens, os pronomes *vos*, *te*, são verdadeiros *infixos*.

Convém observar que o *prefixo* foi especialmente consagrado aos elementos prepositivos, com exclusão dos demais elementos componentes dos vocabulos. Assim, em *beija-flor*, *bem-te-vi*, os termos *beija* e *bem* não são considerados prefixos e sim simples palavras elementares. O *prefixo* pôde ser qualquer vocabulo, comtanto que seja frequentemente utilizado como elemento de composição e não possua de per si e senão raras vezes o valor de palavra.

Desta arte, é de todo inconveniente registrar como *prefixos* as simples palavras gregas habituaes em compostos como: *chronologia*, *chronometro*. Os prefixos devem ter o character de preposição e os antigos grammaticos denominavam-nos *preposições componentês*.

Raiz. — Raiz é o núcleo da palavra, despida de seus affixos.

Em lingua portugueza, são raizes as seguintes formas:

diz—em *contra-DIZ-er*
pre-DIZ-er

sta— *circum-STA-nte*
pre-STA-nte
etc.

D'est'arte, a raiz representa o vocabulo puro, sem as modificações accidentaes que lhe dão os *prefixos*, *suffixos* ou *flexões*.

Dentro dos limites da lingua é este o unico criterio que pôde servir de base ao conceito de *raiz*. É claro, porém, que em sentido mais lato e com referencia, não a uma lingua, mas á totalidade das linguas que constituem uma familia, a palavra *raiz* indica a fórma hypothetica de onde decorreu uma série de vocabulos que têm entre si affinidade material e de sentido, mais ou menos definida e explicita. As *raizes*, neste caso, representam o resultado de induções theoreticas, apoiado na analyse comparativa dos idiomas. A raiz *as*, que significava primitivamente *respirar*, *viver*, explica e justifica as variedades do verbo *ser* nas diversas linguas arianas ou lindo-europeas.

No sentido restricto em que a palavra *raiz* deve ser comprehendida, é sempre possível substituil-a, e com vantagem, pela palavra *radical*.

O sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos nem sempre se prestará á determinação fixa e invariavel.

Nos compostos cujos elementos foram alterados pela evolução phonetica, nenhuma noção existe dos significados e dos termos parciaes que formam o todo. Exemplos: em *marmota* (*murem-montes*, rato dos montes), *devota* (deo-vota — dedi-

cada a Deus), *menino* (*minino* — meu menino), já não existe a consciencia dos elementos parciaes que formam o todo. (1)

Não succede, porém, a mesma cousa em relação aos compostos de juxta-posição separada. Ha perfeita consciencia dos elementos componentes em:

beija-flôr
quebra-nozes
vae-vem
vira-volta

Existem, todavia, alguns exemplos em que um elemento é barbaro ou desconhecido e archaico, e outro completamente vivo e usual na lingua. Exemplos:

Porta-relogio
Porta-pennas
Guarda-napo
Malas-artes

Nestes compostos, o povo apenas tem a consciencia do valor separado de um termo, e ignora o que seja *portar*, *napo* ou *malas*.

Quando, porém, todos os elementos do composto são de origem estrangeira, nenhuma consciencia existe dos sentidos elementares do vocabulo. É o que succede com os termos:

- Redingote — Do inglez: *riding coat*, vestido para montaria.
Charcuteria — Do francez: *chair cuite*, carne cozida.
Biscouto — Do latim: *bis-coctus*, duas vezes cozido.
Panecêa — Do grego: *pan* (*pantos*) e *akos*, todo-remedio. Remedio para tudo. Já formado no grego *panakeia*
Kermesse — Do hollandez: *kerke* e *misse*, igreja-festa.

(1) O exemplo *menino* é de etymo duvidoso. O espanhol diz *nino* que geralmente se attribue a uma origem portugueza — *menino*, e deste não é menos seguida a conjectura que vem de *minimus* com desviação de accentto (desviação tambem observada em *mindinho*, dedo minimo da mão). A palavra é em ultima analyse um diminutivo.

- Narval — Do sueco: *Nar* (*nasc*) e *Val*, nariz-baleia. Especie de cetaceo (Esses etymos são duvidosos e contestados).
- Algebra — Do arabe: *al-djaber*, *alxabr.* a restauração (1). A sciencia das restaurações.
- Janizaro — Do turco: *ieni-tcheri*, joven soldadesca. Milicia creada no seculo XIV.
- Paraiso — Do zend: *pairi-daeza*, ao redor, baluarte. Introduzido no grego por Xenophon-te e aproveitado pelos antigos traductores da Biblia. No persa *faradai-ça*, jardim; no grego *parádeisos*, no latim *paradissus*.
- Chocolate — Do mexicano: *choco-lattl*, cacáo agua.
- Xará — Do tupi-guarani: *xe-hera* (absol. *terà*) meu nome. É um brasileirismo (2).
- Rosicler — Do francez: *rose-clair*.
- Pundonor — Do hesp. *pun-d'onór* (*point d'honneur*).

É claro que na formação d'esta especie os elementos mor-
phicos só têm função de sentido para os eruditos.

Não é de somenos importancia notar que quasi todos es-
ses compostos, excepção feita dos arabes, foram adoptados
mediatamente pelo francez, que é o elemento de maior influ-
xo-depois do latim.

No caso geral dos compostos, podem-se se-
guir as regras seguintes:

1.^a O sentido do vocabulo é determinado pela
palavra principal ou raiz;

2.^a O sentido do vocabulo é modificado pelas
circumstancias expressas pelos prefixos e suffixos.

(1) Para os arabes, algebra era a sciencia das restaurações. Ainda hoje o cirurgião tem o nome de *algebrista*, termo que se vae tornando obsoleto.

(2) Veja a *Lingua Nacional* de João Ribeiro, pag. 92 e ap-
pendice.

Exemplificando, analysemos o vocabulo *perseguir*, que contém tres elementos morpicos: o prefixo *per*, o radical *segu* e o suffixo *ir*. O sentido, pois, d'este vocabulo será determinado pela raiz *segu*, que significa: andar, ir na mesma direcção. O suffixo *ir* denota a acção. O prefixo *per* designa que a acção é continua, longa, perpetua, perfeita. De sorte que *perseguir* designa a acção de andar na mesma direcção, no encaço de outra cousa, continuamente, sem repouso.

Fazendo a applicação pratica d'esses principios, é preciso não esquecer que nos vocabulos juxtapostos e aglutinados, a palavra principal é, na quasi totalidade dos casos, representada pelo segundo elemento, como se póde verificar nos exemplos apontados.

Frequentemente, o sentido novo do vocabulo é produzido pelo que Darmstetter appellidou *a lei do contagio*: um vocabulo adquire a significação de outro a que anda ou andou sempre aggregado. E' o que succede com os adjectivos substantivados:

O rico	—	(o homem)	
O justo	—	(o homem)	
O sereno	—	(o tempo)	(1)
A meia	—	(a calça)	
O jornal	—	(<i>diurnalis</i>)	(2)

— A flexão é um dos factores de sentidos novos dos vocabulos.

O *numero*, v. gr., em:

a honra	—	as honras	} (do francez)
o viver	—	os viveres	
a parte	—	as partes	

(1) *Seranus*. Outra fôrma: *serão*, de *serum*, a tarde.

(2) Velo directamente do francez.

O *genero* tambem modifica o sentido, ainda que em menor gráo:

fólho	—	folha
modo	—	moda
jarro	—	jarra
madeiro	—	madeira
cesto	—	cesta

Ha outros casos que não dependem da estrutura do vocabulo.

Note-se, a proposito de compostos, que em latim não havia a faculdade de compôr com verbos como em portuguez: *lãmbè-pratos*, *córta-páo*, e como tambem se fazia na lingua grega. Os compostos latinos formavam-se taes casos com adjectivos verbaes: *igni-vomus*, *armigerus*. Esse genero de composição tornou-se muito usual na linguagem dos poetas arcades do seculo XVIII, Diniz, Garção, Claudio, Filinto, etc. Desse influxo provêm *flammivomo*, *nubigero*, etc.

II

Flexão. Genero, numero e caso

Flexão é a propriedade que têm os vocabulos de exprimir variações de sentido, por uma modificação da terminação: *Deus, deus-es; louc-o, louc-a*.

Nestes exemplos os vocabulos *Deus* e *louco* variam de sentido, com só variar a *desinencia*. Todas as palavras variaveis são, pois, palavras de *flexão*.

No latim, as palavras exprimem as relações de posse (*genitivo*), de attribuição (*dativo*), de origem (*ablativo*), etc., por meio de casos, cujo conjuncto ou systema se chama declinação. As cinco declinações existentes no latim se reduzem a uma unica, que foi a primitiva.

Este factó comprova-se pelo accusativo em *m*, commum a todas: *horam, servum, arborem, currum, rem*, e pelo ablativo em *ibus* da 3.^a, 4.^a e 5.^a, que não differe do ablativo em *is* das duas primeiras: *is* (de *horis, servis*) é uma fôrma contracta de *ibus*, o que ainda se nota em alguns vestigios de nomes da 1.^a e 2.^a declinações, como *equa* e *Divi*, que fazem no ablativo plural *equabus, divibus*, etc.

Além das *flexões* de casos, possuia o latim, como o portuguez *flexões* que indicavam o genero e o numero.

A noção de *genero* derivou-se naturalmente da noção dos sexos. Mas, com o tempo, esta distincção se obliterou, de sorte que os *generos* nos seres inanimados nada mais indicam, e apenas dão, como diz Egger, elegancia ao estylo. No grego, por exemplo, ha nomes de mulheres que são do genero neutro. Em portuguez, como depois veremos, os *generos* variam com os tempos e com o progresso da lingua. A lingua ingleza é a unica que faz uma distribuição systematica dos generos: todos os ipanimados são neutros, os mais seres têm o genero correspondente ao *sexo*.

Comtudo, a origem dos generos é um problema ideologico que os recursos da linguistica nunca chegaram a esclarecer, de tal modo é intrincado, contradictorio e obscuro.

A interferencia de principios analogicos e phoneticos estabelece verdadeira confusão. Na mesma lingua os generos variam de uma epoca a outra: *fin* era feminino e assim *mar* na lingua antiga; hoje são masculinos, segundo o uso geral.

A **flexão de genero** indica o sexo dos animaes, dos entes suppostos animados e, por extensão, figuradamente, dá sexo a cousas e seres inanimados: o *cavallo*, o *Pegaso*, o *vicio*.

A **flexão de numero** indica pluralidade ou unidade (*singularidade*) dos seres: *a casa*, *as casas*.

Em portuguez existem dous generos, o *masculino* e o *feminino*; e existem dous numeros, o *singular* e o *plural*.

Em todos os casos de flexão, referimo-nos ás alterações da desinencia. Mas as variações de *genero* e *numero* por vezes se fazem com vocabulos diferentes ou produzem a modificação interna dos sons do vocabulo (1), mórmente da vogal tónica. Exemplos: *formôso*, *formôsa*, *formôsos*.

Só assim se explicam os pluraes com a modificação, p. ex., de *ão* para *õe* ou *ãe* (sermões, escrivães).

GENEROS DE SUBSTANTIVOS (2)

“O *genero* representa a distincção dos sexos. Os generos são dous o *masculino* indica os seres

(1) E' o *Umlaut* dos allemães.

(2) Comquanto já esteja a materia explanada no nosso curso elementar 1.º e 2.º anno), aqui damos um extracto da *Gramm.* de J. F. Macedo, que, creio, satisfará aos que não conhecerem devidamente esta parte pratica. Podem consultar-se com igual proveito as *Gramm.* de Epiphanio Dias, de E. Carlos Pereira, Ullyses Machado, F. A. Pereira Junior — onde se deparam indicações de alcance theorico e pratico.

machos, como *homem, leão*; e o *feminino*, as fêmeas, como *mulher, leôa*.

Aos substantivos que com a mesma fôrma significam individuos masculinos e femininos, dá-se a denominação de *epicenos* ou *communis de dous generos*: *lebre, cobra*.

Os generos dos nomes conhecem-se pela *significação* ou pela *terminação*.

DOS GÊNEROS CONHECIDOS PELA SIGNIFICAÇÃO

“I. — São masculinos os substantivos que significam *macho*, ou sejam proprios ou appellativos, quer de homens, como *Pedro, rei*; quer de brutos, como *Bucephalo, cavallo*; já de profissões, ministerios e titulos proprios do homem, como *Bispo, Conde, Marquez, Conselheiro*; já mesmo os que, sendo femininos, quando significam cousas ou acções, passam (precedidos do artigo masculino) a designar officios ou occupações do homem, como *o atalaia, o guarda, o guia, o lingua*.

Por analogia, consideramos ainda masculinos os nomes d'anjos (bons ou máos), deuses falsos, ventos, montes, mares, rios, mezes, porque é na figura de homens que os costuma representar a pintura, esculptura e poesia; ex.: *S. Miguel, Lucifer, Jupiter, Marte, Norte, Atlas, Mediterraneo, Guadiana, Janeiro*.

II. — São femininos os substantivos que significam *femea*, ou sejam proprios ou appellativos, quer de mulheres, como *Elvira, rainha*; quer de brutos, como *Issa* (cadélla de Publio Romano), *cabra*; já d'officios, titulos ou cargos que competem a mulheres, como *Abbadêssa, Freira, Condessa, Marqueza, Avó, Mãe, Costureira*,

Finalmente, são também por analogia femininos os nomes de cousas que a pintura, escultura e poesia costumam personificar em fôrma de mulher; ex.: as deusas fabulosas, como *Minerva*; as musas, como *Clio*; as parcas, como *Clotho*; as furias, como *Tisiphone*; as nymphas, como *Arethusa*; as 5 partes da Terra, como *Europa*, *Asia*, etc.; as sciencias e artes liberaes, como *Theologia*, *Mathematica*, *Pintura*, *Historia*; as virtudes e vicios, como *Fé*, *Temperança*, *Ira*.

III. — São communs de dous ou *epicênos* (1) os substantivos que com uma só terminação podem applicar-se ora a macho, ora a femea, como *infante*, *interprete*, *martyr*; — ou que com uma só terminação e debaixo d'um só genero, ou masculino ou feminino, significam ambos os sexos (e então têm o nome de *epicênos*), como são os nomes masculinos *côrvo*, *javali*; e os femininos *cobra*, *codorniz*.

Com estes nomes especificamos o genero do animal ajuntando-lhe o adjectivo *macho* ou *femea*; ex.: *o corvo macho*, *o javali femea*, *a cobra macho*, *a codorniz femea*.

DOS GENEROS CONHECIDOS PELA TERMINAÇÃO

“Os substantivos portuguezes acabam em alguma vogal ou diphthongo orâes ou nasâes; ou em alguma das consoantes finaes *l*, *r*, *s*, *z*; e em *d* nas

(1) Um estudo da importancia sobre os *epicenos* do portuguez e do hespanhol escreveu Leo Spitzer — em *Beitraege zur rom. Wortbildungslehre* (Archivum romanicum — 1921). A este vem appenso do mesmo autor — *Das Suffix-one-im Romanischen*.

duas palavras *talmúd*, *talúd*, que também se escrevem, e é mais commum, *talmude* e *talude*.

Nem sempre os nossos substantivos têm sido considerados do mesmo genero, que hoje lhes attribuimos; sendo que os nossos classicos se encontram femininos os nomes *cometa*, *echo*, *estrategema*, *extase*, *fim*, *mappa*, *planeta*, *synodo*: e masculinos *alleluia*, *arvore*, *bagagem*, *base*, *coragem*, *gúge*, *homenagem*, *laudes*, *linguagem*, *linhagem*, *origem*, *phrase*, *pyramide*, *villagem*, *visagem*, que o uso faz hoje os 1.^{os} masculinos, e os 2.^{os} femininos.

A alguns substantivos incertos entre os antigos, que ora os faziam masculinos, ora femininos, como *catástrophe*, *diadema*, *metamorphose*, *personagem*, *phantasma*, *scisma*, *torrente* e *tribu*, o uso da nossa lingua ha hoje unicamente conservado o genero que tinham em suas origens, fazendo masculinos os que no Grego eram neutros, como *diadema*, *phantasma*, *scisma*, e femininos os outros, que o são também no Grego e no Latim.

Entram todos, pois, nas regras geraes, que passamos a dar das terminações, que são umas masculinas, outras femininas, outras communs aos dous generos.

I. — São do genero masculino os nomes terminados em:

á, í, ú, agudos, como *alvará* (excepto *pá*, feminino), *bisturí*, *bahú*.

ô grave, como *dardo*.

ô fechado, como *avô*.

im, om, um, como *marfim*, *tom*, *bodúm*.

ái, áo, éo, oi ou óe, como *pai*, *calháo* (excepto *náo*, feminino), *véo*, *mausoléo*, *comboi*, *heróe*.

l, como *poiál*, *tonnel*, *barril*, *paiól*, *consul*, *paúl*.

ar, er, ir, or, ur, como *lar*, *talhér*, *prazêr*, *cutter* (excepto *colhér* e *mulhér*, femininos), *elixir*,

vizir, amor, andor, ardor, favor (excepto *côr, dôr, flôr*, femininos), e *catúr*.

ôz, fechado, como *algôz*.

s, como *atlas, arrâes, jús, ourives* (exceptuando os em as, só usados no plural, como *andas, arrhas, alviçaras, cocegas*; alguns em es, como *preces, ephemerides*, e os gregos, que para o portuguez passam com a terminação *is*, como *dosis, hypothesis*; cuja terminação é hoje substituída geralmente por *e*, como *dose, hypothese*).

e os verbos no infinito, quando fazem a vez de nomes, como *andar, perder, dormir, compôr*.

II.— São do genero feminino os nomes terminados em:

à grave, como *casa, gomma, porta* (excepto *dia*, mascul.).

ã ou am nasal, como *irmã, lâ, maçã, romã*.

ãi e ê fechado, como *mãi, mercê*.

III.— São communs aos nomes masculinos e aos femininos as terminações em:

e agudo e grave, como...	{ M. <i>café, córte, dente, valle.</i> F. <i>fé, libré, ralé, arte, córte.</i>
--------------------------	--

ô agudo, como.	{ M. <i>beilhó, chinó, dó, ilhó, nó.</i> F. <i>avó, enchó, eiró, filhó, mó, teiro.</i>
----------------	--

ão ou am, como...	{ M. <i>caixão, feijão, lodão, melão, orgão, pão.</i> F. <i>acção, dicção, feição, multidão, opinião</i> , e em geral todos os nomes em <i>ão</i> , derivados dos latinos em <i>io</i> .
-------------------	--

em, como	{	M. <i>bem, desdem, págem, trem, vai-vém.</i> F. <i>ordem, vantagem</i> , e os mais substantivos em <i>gem</i> , excepto <i>págem</i> .
ei, como..	{	M. <i>rei, bei</i> ;—F. <i>lei, grei</i> .
az, como..	{	M. <i>anthraz, cabaz, cartaz, gaz.</i> F. <i>paz, tenaz</i> .
ez, como..	{	M. <i>arnêz, convêz, jaêz, pêz, revêz, xadrêz.</i> F. <i>fêz, rêz, têz, torquêz, vêz</i> .
iz, como..	{	M. <i>almofariz, matiz, nariz, paiz, tapiz, verniz.</i> F. <i>cerviz, buiz, matriz, raiz</i> .
oz, como..	{	M. <i>albornoz, aljaroz, coz.</i> F. <i>foz, noz, voz</i> .
uz, como..	{	M. <i>alcaçuz, alcatruz, arcabuz, capuz, obuz.</i> F. <i>Cruz, luz</i> .

Comquanto as precedentes regras habilitem para conhecermos o genero da mór parte dos appellativos portuguezes, poderemos obviar ainda as duvidas, que porventura dar-se possam para com algumas terminações, notando:

1º — Que os nomes femininos em *e* grave têm pela maior parte um *d* por figurativa, como *benignidade, caridade, castidade, probidade, raridade, saudade*.

2º — Que na mór parte dos femininos em *ão* é este precedido da vogal *i* ou da sibilante *s*, ou assim figurada, ou com dous *ss* ou *ç* cedilhado,

como *acção, opinião, pensão, petição, secção, sessão, união*.

3º — Que os femininos em *em* d'ordinario têm *g* por figurativa, como *ferragem, ferrugem, friagem, linhagem*.

4º — Que o geral dos femininos em *ôr* com *ô* fechado são monosyllabos; emquanto os masculinos são de mais d'uma syllaba, como se vê nos exemplos da regra I.

DOS NUMEROS E INFLEXÕES NUMERAES

“O *numero* é a propriedade que têm os substantivos e os adjectivos, de representar a *unidade* ou a *pluralidade*. São dous os numeros na lingua portugueza: — o *singular*, que designa um ser ou objecto só, como *urso, mesa, arvore*; — e o *plural*, que indica mais de um, como *ursos, mesas, arvores*.

Dos substantivos portuguezes, alguns só têm singular, outros só têm plural; os mais têm singular e plural.

Têm só singular:

1.º — Os nomes proprios; ex.: *Antonio, Ernesto, Izabel, Aveiro, Coimbra*.

E, com quanto ás vezes se diga: os *Césares, os Albuquerques, os Almeidas*; e terras haja, cujos nomes são pluraes, como *Abrantes, Alcaçovas, Elvas, Fornos, Silves, Torres, Vendas*; é porque uns de proprios passaram, por synecdoche, a ser communs e outros ao contrario; e assim, sendo singulares, conservam a fôrma do plural.

2.º — Os nomes proprios de cousas incorporeas, mas que costumamos individuar ou personi-

ficar, como as virtudes, artes, sciencias, etc.; ex.: a *Fé*, a *Castidade*, o *Amor*, o *Odio*, o *Pudor*, a *Juventude*, a *Theologia*, a *Milicia*, e todos os infinitos, quando servem de substantivos, como *amar*, *aborrecer*, *preferir*; bem como os nomes dos 4 ventos ou rumos cardeaes e dos seus collateraes e intermedios.

3.º — Os nomes de substancias elementares inorganicas e de suas especies e grupos; ex.: *hydrogeno*, *oxygeno*, *azoto*, *carbono*, *enxofre*, *ouro*, *prata*, *ferro*, *cobre*, *hydrureto*, *oxydo*, *sulfato*, *sulfito*.

E se ás vezes dizemos: *todas as pratas*, — posto a *ferros*, é figuradamente, em vez de: *todas as alfaias de prata*, — carregado de *grilhões de ferro*.

4.º Os nomes de productos animaes e vegetaes considerados especificadamente; ex.: *leite*, *mel*, *cera*, *almiscar*, *sedã*, *espermaceti*, *açafração*, *azeite*, *canella*, *hortelã*, *mostarda*, *pimenta*, *incenso*, *lacca*, *myrrha*.

5.º — Alguns collectivos; ex.: *christandade*, *infanteria*, *cavallaria*, *artilheria*.

No plural só se empregam os nomes de cousas que nunca se consideram individualmente; ex.: *alviçaras*, *amygdalas*, *arredores*, *arrhas*, *bexigas* (doença), *cócegas*, *confins*, *expansões*, *exequias*, *herpes*, *laudes*, *matinas*, *preces*, *trevas*, *vitualhas*, *viveres*.

Os nomes que se empregam em ambos os numeros, — ou têm uma só forma para os exprimir ambos; ex.: *alferes*, *arrães*, *cães*, *ourives*, *simples* (com quanto os nossos antigos dessem a estes nomes a terminação de plural, dizendo *alférezes*, *arráezes*, *cáezes*, *ourivezes* e *simplices*); e os proprios

de homens e patronymicos, como *Carlos, Malachias, Marcos, Mathias*, etc.; *Alvares, Borges, Henriques, Pires, Vasques*; — ou têm fórmulas distintas de singular e plural; e para a formação d'estes passamos a dar as seguintes regras.

I. — Os nomes, em vogal ou diphthongo oraes ou nasáes, formam o plural accrescentando um *s* ao singular; ex.: *fita, fitas; monte, montes; prado, prados; mercê, mercês; javali, javalis; ilhó, ilhós; tribu, tribus; lã, lãs; páe, páes; lei, leis; véo, véos; heróe, heróes; mãe, mães; cidadão, cidadãos.*

Nunca, porém, a nasal, representada com *m* no fim, conservará este no plural, antes do *s*, mas mudal-o-á primeiro em *n* (e é regra orthographica), para que não se escreva *m* antes de *s*; ex.: *ordem, ordens*, fim, *fins*, tom, *tons*, atum, *atuns*.

Exceptuam-se d'esta regra grande parte dos nomes terminados em *ão*, que mudam para o plural o *ão* em *ães* ou *ões*, a saber: (1).

1.º — Seguem a regra geral os nomes em *ão* derivados dos latinos em *anum* ou *anus*; ex.: *irmão, irmãos, mão, mãos, orphão, orphãos, órgão, órgãos*; e os que no espanhol acabam em *ano* e no plural em *anos*; ex.: *cidadão, cidadãos, christão, christãos, cortezão, cortezãos, grão, grãos.*

2.º — Mudam o *ão* em *ões* no plural os derivados dos latinos em *o* com o plural em *ones*; ex.: *doação, doações, nação, nações, paixão, paixões*; — e os que no espanhol terminam em *on* e no

(1) Não são as regras que se seguem as melhores, porque não as ha boas nesta materia. Só a pratica do escrever e da leitura são guias seguros (*Nota de J. R.*).

plural em *ones*, ex.: coração, *corações* (do espanhol, *corazon*), e galardão, *galardões*.

Os nomes *benção*, *cidadão*, *villão*, podem fazer o plural *ãos* ou *ães*.

3.º — Mudam o *ão* em *ães* no plural os nomes que no latim fazem o plural em *anes*; ex.: cão, *cães*, pão, *pães*; — e os que no espanhol acabam em *an* e no plural em *anes*; ex.: allemão, *allemães*, capitão, *capitães*.

Os pluraes latinos em *ones* e *anes*, na passagem para o portuguez *ões* e *ães*, apenas soffrem a metathese do *n* para depois do *e*, conservando todas as letras do latim na ordem *oens* e *aens*, que são prosodicamente diferentes maneiras de figurar o plural dos diphthongos *oens* e *ães*.

4.º — Os augmentativos e demais nomes em *ão*, não comprehendidos nas tres precedentes hypotheses, fazem o plural em *ões*; ex.: roupão, *roupões*, feijão, *feijões*.

Os nomes em *ô* grave, com syllaba accentuada em *ô* fechado, fórnam regularmente a terminação do plural; — mas trocam para *ó* agudo o fechado da syllaba accentuada; ex.: povo, *póvos* (e tambem, *avô*, *avós*); — exceptuando *bolo*, *contorno*, *mono*, *morro*, que no plural conservam o mesmo accentu.

II. — Os nomes terminados em consoante formam o plural accrescentando *es* ao singular; ex.: ar, *ares*, colhér, *colhéres*, emir, *emires*, paz, *pazes*.

Exceptuam-se:

1.º — Os nomes em *s* e em *x*, que, antes de se lhes accrescentar a terminação *es*, mudam, os 1.ºs o *s* em *z* e os 2.ºs o *x* em *c*; ex.: nariz, *narizes*,

obús, *obúzes* (cujos singulares se escrevem mais geralmente com *z*), deus, *deuzes*; calix, *calices*.

2.º — Os nomes em *al*, *ol*, *ul*, que mudam o *l* em *es*; ex.: animal, *animaes*, anzol, *anzóes*, paul, *paúes*.

3.º — Os nomes em *el* e os em *il* (não accentuado), que mudam estas terminações em *eis*; ex.: tonnel, *tonnéis*, fóssil, *fósseis*, ágil, *ágeis*.

4.º — Os nomes em *il* agudo, que mudam o *l* em *s*; ex.: ardil, *ardis*, carril, *carris*.

As palavras compostas de dous nomes tomam geralmente a fôrma respectiva do plural só no ultimo nome; ex.: gran-cruz, *gran-cruzes*, salvo-conducto, *salvo-conductos*; — mas *qualquer* e *gentil-homem* fazem *quaesquer* e *gentis-homens*." (1)

(1) Aqui termina o que tomamos á *Gramm. port.* de J. F. Macedo. Veja-se tambem o *Dicc. grammatical*. Registramos essas regras porque são praticas e podem ter alguma utilidade ao estudo *expositivo* e *ideologico* das materias grammaticaes. No sentido do estudo *historico* e *comparativo* nada aproveitam. E' o que veremos do exame suplementar que vem em seguida.

Observações supplementares. I. Numeros

Os numeros do latim, singular e plural, foram conservados no portuguez em todas as categorias que os tinham no latim, isto é, nos substantivos, adjectivos, pronomes e verbos.

O signal distinctivo do plural portuguez é o *s*. Por isso a palavra *ourives* (de *aurificem*) e as outras terminadas em *s*, rejeitam por euphonia a flexão do plural.

Ha, não obstante, o exemplo do plural de *ourivezes* e *simplices*, por *simples*. Os termos *alferes*, *cács*, tambem por euphonia rejeitam o plural, e aliás não são de origem latina. (Em Camões: *alferезes*),

A lingua grega tinha, além dos dous numeros, um terceiro, o *dual*. O latim possui os vestigios *ambo* e *duo*, que passaram para o portuguez na fórma *ambos*, *dous*, e as fórmas *nós*, *vós*, que etymologicamente representam o *dual*, mas sem o sentimento actual de dualidade.

II. Generos

Os generos, em latim, eram tres: o masculino, o feminino e o neutro.

Os generos masculino e feminino foram conservados na lingua vernacula; o genero neutro desapareceu.

O desaparecimento do genero neutro nas linguas modernas explica-se pela decadencia do genero barbarizado pelos godos e pelo character negativo e distribuição irracional d'esse genero.

Ha, todavia, varios casos em que o portuguez conservou a flexão neutra do latim. A palavra *al*, usada em expressão como "não digas *al*", é um vestigio do neutro latino *aliud*, adjectivo *alius*. *Ello* é um archaismo, e é um vestigio do neutro *illud*. Incidentemente, o neutro se manifesta no portuguez já não pela flexão da desinencia, mas pela variação interna do radical, como nas linguas semiticas: *isso*, *esso* (do neutro, *ipsum*); *isto*, *esto* (do neutro, *istud*); *aquillo* (do neutro

hoc-illud); tudo (do neutro, *totum*); o (*illud*) e *elle*, por *illo*. Este caso chamado de *alternancia vocalica* (Said AH) *metaphonia* (*umlaut* dos alemães) é mais propriamente peculiar aos verbos.

A esta classe pertencem, conforme o uso que d'elles se faz, algo, pouco e muito: "Pouco tenho; muito poderia ter". "Algo tramam por ahi."

Exemplos de fórmulas neutras:

"Vi o jardim; não havia nelle (por *illo*) agua."
"Todos querem ser illustres, mas pouco o são."
"Se esta historia é authentica, como o parece."

Em Portugal o povo diz *elle chove, elle é bom que...* (*bonum est*). (1)

Além d'esses factos, ha neologismos literarios tirados directamente do neutro latino. Taes são: *memofandum*, *ultimatum*, *Corpus Christi*, *mare-magnum*, *fas* e *nejas*.

Ha outra classe de neutros que entraram na lingua portugueza depois de passarem á 1.^a declinação latina, com a flexão em *a* do plural neutro. Taes são:

<i>Folium</i>	plural	<i>folia</i>	—	folha
<i>Erratum</i>	"	<i>errata</i>	—	errata
<i>Armum</i>	"	<i>arma</i>	—	arma
<i>Velum</i>	"	<i>veia</i>	—	veia

O genero feminino dos nomes em *ão* formava-se naturalmente em *oa* pobret^{oa}, abeg^{oa}, allem^{oa}, vill^{oa}, cidad^{oa}.

Essa flexão, hoje da linguagem plebéa, foi substituida pela de *ã* e *ona* valentona, cidad^ã. Tambem é verdade que do periodo ante-classico para o dos quinhentistas data a

(1) Aqui escreve-me Firmino Costa (ainda que me pareça ser o uso antes plebeu que classico): E' de uso classico o emprego do pronome *elle* e tambem do feminino *ella* com fórmulas neutras: "*Elle* é certo que muitos se envergonham de fazer oração e penitencia." Bernardes, Nova Floresta, I, 187. "Escuta cá, Francisco. *Elle* ha um modo de nunca faltarem livros aos que gostam de lêr." Castilho, Colloquios aldeões, 113. "*Ella* é cousa admiravel que os conselheiros de Castella se conformem tanto com os nossos". Vieira, Cartas, I, 358.

transformação da terminação *om* para *ão*. Camões foi um dos que deram maior força e prestígio á pronuncia *ão*.

Eram dos dous generos os nomes em *or*: senhor, pastor, no port. antigo. Adoptaram-se depois as terminações em *ora*, *cira*: pastora, benzedeira. Nos *Cancioneiros* sempre está *senhor*, por *senhora*, e ainda em J. de Barros lêem-se: cidade *dominador*, mulher *merecedor*.

III. Declinação

A declinação latina desapareceu nas línguas romanas por effeito da tendencia *analytica*, já intensa no latim barbaro, a qual foi substituindo as flexões dos casos pelo uso multiplicado de preposições.

As palavras, em geral, corrompem-se mais profundamente pela terminação. Por isso é que se perderam os casos em língua tão corrompida como devia ser o latim falado por estrangeiros barbaros. Nos documentos medievaes encontram-se exemplos: *venit per illo rivo...* veio por equelle rio; *vadit ad illo rivo ou ad illum rivum*, vaê para aquelle rio.

Na degeneração do latim, a 4.^a declinação em *us* confundiu-se com a segunda, *fructus, us* ou *cti*. A 5.^a confundiu-se com a 1.^a; *materies, luxuries* e *materia, luxuria*.

Não são raros, porém, os vestígios que ficaram dos casos latinos; citamos os exemplos mais característicos, além dos que se encontram nos pronomes pessoaes.

Nominativo. — O *nominativo* latino deixou vestígios incontestaveis, especialmente nos nomes proprios: *Dido, Apollo, Juno, Cicero, Cupido, Carthago, Deus, Venus, Nero, Jupiter, Domingos, Marcos, Jesus, Pilatos* (e *Aries, Leo, Virgo*. f. eruditas).

No francez, frequentemente a origem attesta o accusativo *Apollon, Didon, Ciceron, Junon*, etc. As fórmas obliquas também incidentemente apparecem em nossos classicos: *Cicerão*, por *Cicero*; *Varrão* e *Varro*.

O nominativo latino é indicado ás vezes pelo *s*: *Marcos Marco* em Camões, *Lus. III, 41*. *Carlos, Nemesís, Venus, Ulysses, Xerxes, Semiramis, Thetis, Adonis, Apelles, Euphrates, Moysés*; (ha exemplos de *Hydaspe, Gange, Xerxe*, em contrario, e acaso por influxo do italiano.

Muitos nomes proprios vieram do accusativo, como *Marte (Mars, tis)*, *Scipião, Catão*.

Ha alguns nomes que se sabe vieram do nominativo, pela accentuação que conservam:

<i>Gorgulho</i>	de <i>gurgulio</i> ,	<i>onis</i>
<i>Bafo</i>	de <i>vapor</i> ,	<i>oris</i>
<i>Sór e Sórora</i>	de <i>soror</i> ,	<i>oris</i>
<i>Sastre</i>	de <i>sartor</i> ,	<i>oris</i>
<i>Tredice</i>	de <i>traditio</i> ,	<i>onis</i>
<i>Serpe</i>	de <i>serpens</i> ,	<i>entis</i> (erudita)
<i>Preste</i>	de <i>presbyter</i> (do francez)	
<i>Chantre</i>	de <i>cantor</i> (do francez)	

Algumas d'estas fórmãs são francezas, como é a *liz* (flôr de *liz*) antigo plural de *lil*.

Genitivo. — O genitivo deixou alguns vestígios em composição, em termos de origem latina, quasi todos formados naquella lingua.

<i>jus</i>	<i>jurisconsulto</i>	—	<i>jurisconsultus</i>
	<i>jurisprudencia</i>	—	<i>jurisprudencia</i>
<i>navis</i>	<i>naufragio</i>	—	<i>naufragium</i>

Naufragium, *navis-fragium*, quebramento de não. *Xo-frango*, derivado de *ossifraga* — que quebra osso. *Auspicio* deriva de *auspicium* — *avis*, *spectio*, a observação, o agouro da ave. *Freguez* hesp. *feligrez*, de *filius gregis*. Outros opinam pelo etymo *filius ecclesie*.

Ha quem explique a fórmula dos patronymicos como um genitivo basco; F. Diez considera a genitivo gothico (em *is*). Será talvez o ablativo do plural: *Paetz*—*Pelagius*.

Accusativo. — Foi o caso de onde commumente se originaram os nomes. Leão (*leonem*), leões (*leones*); arvore (*arborem*); peito (*pectus*); lado (*latus*).

O imparisyllabismo da 3.^a declinação dos nomes neutros, como *corpus*, *pectus*, prova que foi o accusativo e não o ablativo que nos deu a etymologia dos nomes vernaculos: *corpo* e não *corpre*.

Dous a dous, é util comparar os derivados simultaneos do nominativo e do accusativo, como *serpe* e *serpente*; *honra* e *honór*; *saibo* (*sapor*) e *sabor* (*saporém*).

Ablativo. — O ablativo deixou frequentes e numerosos vestígios, sobre tudo em fórmãs adverbias:

<i>agora</i> — <i>hac hora</i>		como — <i>quomodo</i>
<i>logo</i> — <i>loco</i> (in loco)		<i>car</i> — <i>quare</i> (quã-re (1))

(1) A expressão *car* (porque) é um archaísmo.

·E em todos os adverbios em *mente*: *banamente* (com boa intenção), *certamente* (*certamente*), etc.

Em alguns nomes da geographia: Chaves, Sagres (J. J. Nunes).

Opinam alguns que os nomes portuguezes vêm do ablativo latino. Esta opinião é insustentavel, porque não é admissivel que os pluraes portuguezes venham do ablativo em *is* ou *ibus*. Em segundo lugar, o ablativo não explica a derivação dos imparisyllabos neutros da terceira: *peito*, *lado*, que de certo não podem vir de *pectore* e *latere*, e sim dos accusativos *pectus* e *latus*, etc.; se viessem do ablativo, teriam necessariamente de conter vestigios do incremento (*copre*, *latre*, *peitre*), e é o que succede aos que não são neutros: lebre, de *leporem*. Demais, a grammatica comparada conclue para as linguas romanas a redução dos casos quando muito a dois (nominativo e accusativo, objecto) e afinal a supremacia do accusativo ou caso-objecto.

Dativo. — O dativo só deixou vestigios em alguns casos muito raros. Os pronomes *mim*, *ti*, *si*, *lhe*, derivam dos dativos *mibi*, *tibi*, *sibi*, *illi*. Em alguns compostos nota-se a presença do dativo:

ievoto — (*deo-voto*) — dado a Deus.

IV. O — S — do plural

Como no francez e no hespanhol, o *s* final tornou-se o excoente do plural do portuguez:

casa — *casa-s*; *homem* — *homen-s*.

Explica-se este facto pela theoria que faz derivar os nomes portuguezes do accusativo, na maioria. Dada a tendencia do maior numero, a analogia generalizou a regra, fazendo pospôr o *s* aos nomes que devem exprimir o plural.

Provindo os nomes do accusativo latino, o mais leve exame revela que este caso no plural sempre contém o *s* em todas as declinações.

III

Estado historico da flexão

Genero. — Em geral, os generos latinos foram conservados nos vocabulos portuguezes, quer nos masculinos, quer nos femininos. Os neutros tornaram-se masculinos (tempo, de *tempus*; mar, de *mare*); ou passaram muito poucos pela fórma do plural em *a* a ser femininos, como *animaria* (animalia), *obra* (opera), *folha* (folia).

No entanto, convém notar as seguintes divergencias:

1. Os femininos, latinos em *e* tirados do grego tornaram-se, em grande parte, masculinos: *aloes*, *epítome*. *Catastrophe* é masculino em Vieira.

2. Os nomes em *or*, masculinos em latim, tornaram-se, alguns, femininos em portuguez: *côr* (color), *dôr*, etc; por influencia do suffixo *ura*, feminino, e *ora*.

3. Muitos dos nomes gregos em *os*, que eram femininos no latim, tornaram-se masculinos: atomo (*atomus*), dialecto (*dialectus*, *i*), diametro (*diametrus*, *i*), diphthongo (*diphthongus*, *i*), ermo (*eremus*, *i*), papel (*payrus*, *i*), topazio (*topazius*), e todos os nomes gregos do suffixo — *odos*: *periodo*, *synodo*, etc.; por influencia da terminação — *o* — masculina.

4. Os masculinos *erysipelas*, *paries*, *flos*, *lepus*, *jons*, *ordo*, tornaram-se no portuguez femininos: *erysipela*, *parede*, *flôr*, *lêbre*, *fonte*, *ordem*.

5. Os femininos *dos*, *palus*, tornaram-se masculinos: *dote*, *paul*.

6. Os neutros que se tornaram femininos na fórma do plural, foram da segunda declinação: lenha (*ligna*), folha (*folia*), vela (*vela*), arma (*arma*), fila (*fila*), joia (*gaudia*), testemunha (*testimonia*); ou da terceira declinação: temporas (*tempora*), penhora (*pignora*), obra (*opera*). Alguns femininos derivam de fórmas neutras dos adjectivos: novas (*nova*), maravilha (*mirabilia*), batalha (*batualia*), latim barbaro.

Os neutros monossyllabicos passaram a formas mais desenvolvidas *os*, *osso* (*ossum*, *osso*), *vas* (*vasum*, *vaso*); *os*, *oris*: desapareceu deante de *bucca*, boca).

7. Os nomes em *o*, latim *us*, quando femininos, como os nomes de arvores, ficaram no portuguez, por analogia e força da terminação, masculinos: freixo (*fraxinus*), louro (*laurus*), pinho (*pinus*), figo (*ficus*).

8. A respeito dos neutros, convém observar que se redistribuíram entre masculinos e femininos, conforme a analogia da terminação, mas houve hesitações e ainda as ha, pois contra a analogia popular varias vezes se insurgiram escriptores e eruditos. **A.** Os neutros de origem grega em *ma*, *matris*, ficaram em geral e conforme a boa regra, femininos: *diadema*, *apostema*, *celeuma* e *chusma* (*celeusma*), *asthma*, *feina* ou *fleugma* ou *phlegma*; mas os eruditos sempre quizeram dizer o *thema*, o *aroma*, o *emblemata*, o *poema*, o *symptoma*, o *problema*, o *epigramma*, e assim todos os vocabulos eruditos d'esta especie. **B.** Os neutros em *us* necessariamente se afiguravam pluraes e assim foram entendidos: os tempos (*tempus*), os peitos (*pectus*), os corpos (*corpus*); parece que nestes o singular é de formação tardia como no castelhano, que primeiro conheceu *tempos*, *pechos*, antes do singular *tiempo*, *pecho*. **C.** Os neutros de plural em *a* ficaram femininos por analogia (*arma*, *arma*), e por vezes succedeu originarem se fórmulas duplas do singular e do plural, como: folio e folha (*folium*, no plural *folia*), braço e braça (*bracchium*, plur. *bracchia*) e assim animal, *alimaria*; voto e *hoda*; ovo e *ova*; lenho e *lenha*, véo e *veta*, etc.

Flexões de genero. — Ha algumas terminações que são características do *feminino*:

- A** — *filha*, *casa*, etc. Esta terminação é a da 1.^a declinação latina propria dos femininos.
- ISSA** — A fórmula *issa* do grego passou ao latim, e na lingua portugueza apresenta as fórmulas *iza* (*sacerdotiza*), *essa* (*condessa*), *eza* (*baroneza*), *princeza*, etc.).
- ORA e IZ** — A fórmula *triz* (*imperatriz*, *cantatriz*, *cantarina*), etc., é erudita. A popular é a formação analogica, segundo a regra, em *a*: *cantora*, *oradora*, etc.

São dignos de nota os vocabulos que soffrem encurtamento ou distensão de fórmula nas duas flexões: ladrão — *ladra*; rapaz — *rapariga*; mú — *mula*; cão — *cadella*.

Estes nomes têm diferenças explicáveis. Assim, as formas *cabro*, *ladro*, que correspondem aos femininos *cabra*, *ladra*, são arcaicas; a forma *raparigo*, existiu provavelmente, e ainda hoje existe no gallego. *Mú* ou *muu* é a contracção de *mulo*. *Cadella* (*catella*) é etymologicamente o diminutivo de gato (*catus*).

A formação do feminino, já o vimos, é muitas vezes moldada sobre o diminutivo; *gallo* e *gallinha*; *rei* e *rainha*; *czar* e *czarina*. Assim, em regra, ha tendencia de uniformar os masculinos com os augmentativos, e tendencia de uniformar os femininos com os diminutivos.

Alguns nomes masculinos vieram de femininos mais primitivos: *miolo* (medulla), *bolo* (bulla), *cano* (canna), *cimo*, de çima, *madeiro*, de madeira (materia), *arroz*, (oryza), *bolso* de bolsa (byrsa). Inversamente, ha femininos superfluamente formados de masculinos: *peça*, de poço (puteus), *rata*, de raio (radius), *horta*, de horto (hortus), *cunha*, de cunho (cuneus). Na maior parte, ao menos devem ter-se originado da confusão de generos no latim popular. Essa confusão não é, todavia, tamanha que não deixe transparecer seus cambiantes de significação mais ou menos alterada: *bárco* e *barca*, *sacco* e *sacca*, *jarro* e *jarra*. As fórmãs femininas indicam maior amplitude ou grandeza, e antes largura maior que comprimento nas coisas concretas.

Dentro dos periodos historicos da lingua notam-se variações de genero, em grande numero de exemplos. A analogia tornou femininos no periodo antigo e ainda no classico: *a planeta* apressada (Camões), *a clima* humida (Barros), *a fim* (que sobreexiste na expressão *alafim*), *a paradoxa* (doutrina paradoxa — pois a palavra é adjectiva), *a cometa*, etc.

Encontram-se exemplos de *o linguagem* (masc.), *o tribu*, e ainda hoje se diz arbitrariamente: *o* ou *a personagem*. A palavra *arvore* teve genero masculino, e entre outros exemplos citamos o de Fernam Lopez:

“Como a raposa ao pé do arvore” — Chr. 74.

O adjectivo *commum* era de um só genero no singular, como hoje: voz *commum*, lingua *commum*; podendo-se dizer: voz *commua*, flexão que se foi considerando desagradavel.

No emtanto tinha os dous generos no plural: cousas *communs* aos homens (Barros, II, III, 3, e ainda em II, V, 9), etc.

Os adjectivos em *ez* eram dos dous generos no singular: uma mulher *portuguez*, gente *francez*, etc. O mesmo ainda

heje se nota nos adjectivos *cortez* e *montez*, que são dos dous generos. O facto da invariabilidade generica fica ainda demonstrado pela formação dos adverbios em *mente*, construidos com o feminino: *portuguezmente* e *não portuguezamente*.

Tambem na lingua antiga, como já foi notado, carecia de forma feminina grande numero de nomes em *or*: *a autor*, *nossa defensor*, *minha senhor*; e com esse uso ainda se conformam os comparativos em *or*: *melhor*, *peior*, *superior*, etc. Substantivamente se diz a *superiora*, e em Aragão se diz a *menora*, a mulher de menor idade (Menendez Pidal, *Gram.* 117).

Hoje ha tendencia para criar femininos, como *patroa*, *padroeira* — sem embargo de ter a forma *pater*, *padre* e *pae* seu feminino proprio: *madre* que se usa nos derivados *commadre*, *madrinha*, *matriz*, etc.

Numero. — O facto mais importante relativo ao numero é o plural logico expresso pela flexão *a*; os pluraes logicos *notam-se* nos collectivos, que sob a forma de singular encerram a idéa de pluralidade, *exercito*, em relação a soldado; *povo*, em relação a *individuo*. Ha alguns collectivos que se formam do feminino dos nomes: *moda*, collect. *moda*; *lenha*, collect. *lenha*, etc. Evidentemente o significado de collectividade ou a pluralidade logica derivou do plural morphico dos neutros latinos em *a*:

modum — o modo

moda — a moda (isto é, os modos).

D'ahi, a analogia uniformizou os outros nomes, como *fructus*, que não são neutros. Do plural latino vieram *alimaria* (animalia), *boda*, *arma*, *cabidela*, *braça*, *celha*, *era* (já no latim havia o singular *era*), *feita*, *ferramenta*, *feita*, *folha*, *ova*, *prenda*, *primavera*, *senha*, *sina*, *temporas*, *testemunha*, *tormenta*, *valla*, *vela*, *vestimenta*, *cereja*, *maçã*, *nespera*, *amora*, *pera*, *batalha*, *maravilha*, *nova*, etc. Vide observação acima a respeito do *Genero*.

Ha muitos nomes que só se usam no plural: *confins*, *algemas*, *arredores*, *annaes*, *arrhas*, *calendas*, *nonas*, *idos*, *temporas*, *ephemerides*, *anaguas*, *expensas*, *essequias*, *hemorrhoides*, *matinas*, *manes*, *nupcias*, *pandectas*, *pareas*, *trevas penates*, *veras*, *viveres*, *alviçaras*, etc.

Alguns d'estes ha que, sendo do plural, têm algumas vezes sido usados no singular: *treva*, *aborigine*, *calça*, *céroula*, *pele*, *delícia*, *prece*; estes tres ultimos são usnaes.

Outros ha que variam de sentido com o numero: *lar e lares, honra e honras, côrte e côrtes, letra e letras, bem e bens, parte e partes, etc.* (1).

Flexões de numero. — As excepções que se notam na formação do plural dos nomes são no sentido historico apenas apparentes, como se pôde verificar pela analyse dos factos.

1. *Os nomes que acabam por M mudam o M em N antes de receber a flexão: homem, homens.* Este *m* é um puro signal orthographico analogo ao *n* quando concorre no fim das syllabas. O *m* que se nota no accusativo singular *hominem*, desapparece no plural *homines*.

2. *Os nomes acabados em u e z formam o plural em es: mar, mares; feliz, felizes.* A intercalação do *e* é euphonica e ás vezes euphonica e etymologica (*felices*); a lingua, por indole, rejeita as terminações *rs, zs: mars, felizes.* A presença do *z* e ainda do *x* não tolera o accrescimo de mais de uma sibilante *s*. Os pluraes *mezs, calixs,* por *mezes, calices.* seriam anti-euphonicos. Além d'isto os pluraes latinos contêm o *es: menses, calices.*

Na prosodia hodierna dos poetas portuguezes ha *mars* e *fors* por *mares* e *flores* (prosodia que repugna aos poetas brasileiros).

E' de notar que se encontram nos classicos pluraes que já se não usam: *ourivezes* e *caeses* (J. de Barros). Ainda hoje ha *deuses, simplices.* Em Camões, como já foi dito:

Alferезes volteiam as bandeiras.

Lus. IV, 27.

3. *Os nomes em AL, OL, UL, mudam as terminações em AES, OES, UES: sal, saes; anzol, anzoes; paul, paues.* Estes pluraes resultam da syncope do *l*, da consoante média entre vogaes, como se nota em *paço* (pa-latium). Os pluraes de *moral, sol, paul,* seriam *morales, soles, pauls,* e, pela syncope do *l, voraes, sóes, paues.* Da primeira fôrma ainda existem os exemplos: *males,* de mal; *consules,* de consul.

(1) Nota ainda F. Costa o arbitrio do uso indifferente do singular ou do plural de certos nomes: Mariquinha ou Mariquinhas, bigorriilha ou bigorrilhas, nariz e narizes. Ajuntemos a esses o de — pae de familia ou pae de familias (uso classico). A mesma coisa nota nos generos: caracteristico ou a caracteristica, chinelo e chinela, com sentido algo diverso.

Com os nomes em *el* ha a particularidade da intercalação de um *i*: papel, *papeis*. Seria anti-euphonica a concorrência de dous *ee*: *papees*.

Com os nomes em *il* convém notar os casos de agudos e graves. Os agudos perdem o *l*: arrabil, *arrabis*; funil, *funis*. E' o caso já apontado da syncope: *funiles*, *funies*, *funis*.

Os graves mudam o *il* em *eis*: docil, *doceis* (dociles).

4. Os nomes em *ão* têm tres pluraes diferentes, conforme as classes: *ão* — irmão, *irmãos*; *ões* — acção, *acções*; *ães* — *escrivão*, *escrivães*. No uso de hoje, por motivo de confusões e falsas analogias, é impossivel determinar as classes que correspondem a cada flexão. Serão (*seranus*) deveria fazer o plural *serãos*; entretanto, nos escriptores, *serões*.

a) Os nomes que derivam da terceira declinação latina, têm o plural em *ões*: acção *acções* (actiones), etc.

b) Os nomes que derivam da segunda declinação, têm o plural em *ãos* ou, poucas vezes, em *ães*: irmão, *irmãos* (germanos); *escrivão*, *escrivães* (scribanos).

c) Podendo-se conferir com ás fórmulas castelhanas, notaremos que as castelhanas terminadas em *anes* (*capitanes*) têm no portuguez o plural em *ães*: capitães. Comtudo, essa analogia, como as outras, não é de rigor.

d) Têm sempre o plural *ãos* os graves: *accordão*, *accordãos*; *orgão*, *orgãos*. Esta regra é a unica que não soffre excepção. Donde se conclue que o uso literario é a unica lição pratica aproveitavel.

Seria de todo impossivel nos limites e na indole deste livro consignar a morphologia das flexões nominaes em que o genero, o caso e o numero são interdependentes e já se vieram processando desde o latim classico e o latim vulgar até que se definiram no dominio romanico. Aconselhamos, pois aos estudiosos que mesmo sem se abalancarem ás monographias especiaes, leiam com reservada critica a excellente exposição de Meyer Lübke na *Introduccão ao estudo da philologia romanica*, traducção melhorada (a espanhola, ou a portugueza, de Antonio da Guerra Judice).

IV

Grãos

Os substantivos *communis* ou *appellativos* e os adjectivos *qualificativos* são susceptíveis de grão.

Grão é a maior ou menor intensidade que se póde dar á significação das palavras.

De modo geral, todas as palavras são susceptíveis de grão, desde que não exprimem uma determinação, como os nomes proprios, os pronomes, etc. Os verbos *inchoativos* são phenomenos de grão; basta analysar a formação de *florescer*, de *flo-
rir*, *esmorecer*, de *morrer*, etc.

Os substantivos têm dous grãos: o *augmentativo* e o *diminutivo*. O estado normal do vocabulo chama-se *grão positivo*: *casa*, *sala*, *homem*. O *grão augmentativo* fórma-se com a junção de varios suffixos: *ão*, *anha*, *az*, *azio*, etc.

portão	de	porta
montanha	"	monte
campanha	"	campo (1)
mulheraça	"	mulher
copazio	"	copo, etc.

Ha alguns *augmentativos*, que se formam irregularmente, como *homemzarrão*, *casarão*, etc. Nestes intercalam-se letras e syllabas de realce: *espa-
dagão*, *fradalhão*, *narigão*, *vozeirão*, *bestalhão*.

(1) O suffixo "anha" (*agne*) é mais proprio do francez mas existe tambem no latim barbaro.

E ainda com outros suffixos de emphase: *ladravaz, finorio*.

Alguns autores incluem entre os augmentativos vocabulos que, sem ter maior intensidade, têm maior extensão de idéa. Taes são: *pedraria*, de *pedra*, etc.

Outros são mal formados como *caminhão* (carro auto-movel) brasileirismo, que nada tem que ver com *caminho* mas é o francez *camion*.

O gráo diminutivo exprime a diminuição da idéa, na qualidade e na quantidade: *chuvazinha, homemzinho*.

Fórma-se ordinariamente com os suffixos *inho, eto, ote, ulo, ino, eo, ito*.

Bichinho	bicho
Livreto	livro (<i>ital.</i>)
Camarete	camara
Animalculo	animal
Pequenino	pequeno
Ilhéu	ilha
Mosquito	mosca

Quer os *augmentativos*, quer os *diminutivos*, são *syntheticos*, quando expressos por um só vocabulo: *homemzinho*. São *analyticos*, quando expressos por mais de um vocabulo: *homem pequeno*.

Succede frequentemente que os augmentativos e os diminutivos são, por ironia, tomados em máo sentido: neste caso chamam-se *pejorativos*. Exemplos: *sabichão, homunculo, valentão*.

Ha muitos nomes em portuguez que representam vestigios de diminutivos latinos, sem comtudo despertarem actualmente a idéa de diminuição.

ovelha	<i>ovícula</i>	<i>ovis</i>
abelha	<i>apícula</i>	<i>apis</i>
gaiola	<i>caveola</i>	<i>cavea</i>
rolha	<i>rotula</i>	<i>rota</i>
donzella	<i>dominicella</i>	<i>domina</i>
jamella	<i>janniella</i>	<i>janua</i>

Sobre os *grãos* dos nomes, convém fazer as seguintes reflexões:

1. Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo: do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga* (1); o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gullinha*, desde o latim.

2. O genero do augmentativo dos femininos pôde ser masculino: um *mulherão*, um *carão*; o mesmo pôde succeder aos diminutivos: um *espadim*, um *flautim* (de *espada* e *flauta*).

3. Os diminutivos de nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões diferentes que indicam varias *phases* da vida animal: *pinto*, *frango*, *gallo*; *bezerro*, *boi*; *novilha*, *vitella*, *vacca*; *leitão*, *porco*; *borrego*, *ovelha*; *poldro*, *sendeiro*, *cavallo*; *borracho* é diminutivo de ave de ninho; *caçorro*, diminutivo de animaes quadrupedes, em geral dos felinos.

4. Os diminutivos de nomes proprios ou *hypocoristicos* constituem uma classe arbitraria, de analyse difficil: *Zézé*, *Juca*, *Zé* (de José); *Marocas* (Maria); *Chico* (no Brasil, Francisco), etc. Variam muito de logar a logar.

Normalmente são diminutivos Henriqueta, Marieta, Antonieta, Paulina, Carolina, etc.

5. O diminutivo pode ter apparencia de augmentativo por causa do suffixo: *pontilhão* (ponte pequena).

Os adjectivos, além do caso normal ou *positivo*, têm dous *grãos*: comparativo e superlativo.

Os comparativos e superlativos *syntheticos* irregulares são os seguintes:

Bom (*bonus*) — Melhor (*melior*) — Optimo (*optimus*) — Máo (*malus*) — Peior (*pejor*) — Pessimimo (*pessimus*) — Grande (*grandis*) — Maior (*major*) — Maximo (*maximus*) — Pequeno (2) — Menor (*minor*) — Minimo (*minimus*).

(1) O masculino *raparigo* existe no gallego, segundo notou o Sr. A. Pimentel.

(2) *Pequeno* de etymo obscuro, parece ser um diminutivo de *péco*. Veja Meyer-Lübke, *Rom. Etym. Wort s. v. pteinus*.

Estes comparativos e superlativos são irregulares, e têm radicaes differentes, como succede aos tres grãos do primeiro: *bom, melhor, optimo*.

E' preciso notar que no uso classico nem sempre se depararam esses comparativos syntheticos. As resoluções analyticas *mais grande, mais bom*, já foram de uso. Pôde-se, contudo, dizer e sempre se disse *mais pequeno, mais máo*. Já a lingua antiga depara: *chus (plus) pequena*. (*For*, de Gravão, 375).

Em phrases antitheticas ou dependentes, uma de outra, a forma analytica é a preferida: Vós sois mais justa que boa e convem serdes *mais boa* que justa — Bernardes — *Floresta* II, 213. Duas canastras *mais grandes* que pequenas — *Arte de furtar*, 368 (exemplos colhidos por F. Costa).

Os comparativos latinos formam-se com a flexão *or*; de *justus, justior*. Em portuguez existem alguns vestigios de taes comparativos, e são:

Maior	{	— de <i>major (mag)</i>
Maior		
Prior	— de <i>prior (pra)</i>	
Senhor	— de <i>senior (senis)</i> , etc.	

Outro processo ariano do comparativo existia no latim archaico com a terminação *ter*, como se observa nas particulas *extra, inter, de ex, in*.

Em geral, como já havia no latim, ha esquecimento dos grãos syntheticos nas formas ditas irregulares, mais propriamente etymologicas. Pertencem á linguagem popular os dizeres *mais peor, mais superior, muito pessimo*, etc., sempre evitados pelos mais escrupulosos escriptores. Com o adverbio *muito* o uso está já autorizado em opposição aos comparativos: *muito peor, muito maior, muito menor*.

A graphia portugueza actual manda escrever *pior*, e essa é realmente a prosodia da palavra.

Os substantivos, desde o latim, podiam ter o superlativo em *issimo*: *oculissimus*, de *oculus*; *dominissimus*, de *dominus*. D'ahi a fórmula *abysmo* (*abissimus*, de *abyssus*), e o pronome: *mesmo, metipsimus*. Filinto Elyσιο empregou o plebeismo *ca-*

saquissima, de *casaca*. É vulgar o dito: *coisissima nenhuma*, por encarecer a negação de *coisa*.

Os hebreus davam, aos nomes, superlativos analyticos por duplicação, como se nota no estylo biblico: *rei dos reis*, *cantico dos canticos*, etc. D'elles é do estylo sagrado vem esse uso: *vaidade das vaidades*.

O superlativo *synthetico*, que exprime o gráo summo, apparece desde o seculo XV (*Leal Cons.*, *Canc. geral*), como no latim, com as flexões: *issimo*, *limo*, *emo*:

Justissimo	de justo
Facillimo	" facil
Supremo	" superior.

Entre os superlativos dos terminados em *il* no positivo, alguns têm o superlativo em *illimo*. O caso mais geral é seguido: *utilissimo*, *humildissimo*, *fragilissimo*.

O superlativo *summo* é uma fórmula contracta de *supremo*, e já existia no latim.

Os *superlativos irregulares* são os que se encostam ao typo latino.

Frigidissimo (friissimo)	de frio, <i>frigidus</i> .
Ultimo — do comp.	<i>ulterior</i> .
Christianissimo	de christão, <i>christianus</i> .
Nobilissimo	de nobilis
Pauperrimo	de pauper

Em alguns irregulares apenas ha modificação de orthographia: *riquissimo*, de *rico*. Neste caso a irregularidade origina-se da necessidade de representar por *qu* o som de *c* forte.

Nos nomes em *vel* adopta-se a terminação latina em *bil*: *amabilissimo*. Entretanto, *miseravelissimo* disse Fr. Luis de Souza na *V. do Arceb.* I, 24, e Vieira, *terivelissimo*.

Os superlativos *syntheticos* em *issimo* não existiam no antigo portuguez, a não ser em um ou outro termo consagrado, v. gr.: *Santissimo*. A sua apparição completa data da renascença literaria, do seculo XVI em diante, quando floresceram os quinhentistas e os grandes escriptores.

Camões prefere sempre as fórmulas alatinadas *miserrimo*, *uberrimo*, *asperrimo* e até *superbissimo*; mas tambem d'elle é *asperissimo*:

Nem o Peno, *asperissimo* contrario
Do romano poder...

Lus. III, 116.

Ainda dizia *muito* ou *mui muito*, Gil Vicente, III, 268:

Que dos *mui muito* ciumes
Nasce o *mui muito* amor.

Hoje, diriamos — *multissimo*.

— O comparativo formado com o adverbio *mais* dizia-se de *superioridade*; diz-se de *inferioridade*, quando formado pelo adverbio *menos*; e finalmente é chamado de *igualdade*, quando é formado com o adverbio *tão*. (Veja-se *Gramm.*, curso medio).

O *superlativo analytico* é formado geralmente pela anteposição ao vocabulo dos adverbios *muito*, *nada*, *de todo*, *grandemente*, etc.

muito sabio
nada sabio
grandemente sabio

Os *superlativos* d'este genero são chamados *absolutos*. Quando são formados do comparativo

precedido de artigo definido, chamam-se *relativos*:

O *mais bello*
O *menos bello*

Os escriptores classicos, mas não tanto Camões, contribuíram exageradamente para generalizar os superlativos em *issimo*, ainda quando a fórma regular fosse em *errimo*, etc.

“Rochedo *asperissimo*” em Camões; Ferreira frequentemente emprega a fórma *bonissimo*, por *optimo*.

Diversas causas oppõem-se, em certos casos, á formação de superlativos: a *euphonia* rejeita os superlativos em *issimo* dos esdruxulos *temerario*, *momentaneo*, *aligero*, mas modifica o radical de alguns, de *benevolo*, *benevolentissimo* (benevolente), etc. Algumas excepções parecem toleradas pelo uso: *rapidissimo*, *lepidissimo*, *timidissimo*, quando os termos primitivos não vão além de tres syllabas: *rapido*, *lepido*, *timido*.

A euphonia ainda rejeita a desinencia *issimo* nos nomes em *io*: *tardio*, *sombria*, etc. Entretanto, ha os exemplos: *piissimo*, *friissimo*,

A significação muito precisa de certos vocabulos tambem se oppõe ao augmento expresso pelos superlativos: *primeiro*, *terceiro*, *immortal*, *eterno*, *maritimo*, *terrestre*, *repentino*, etc.

Os superlativos, ainda os que vieram do latim já formados, não admittem o reforço do gráo analytic. E' illogico dizer-se: *muito bellissimo*, *mais superior*, *mais extremo*, etc. No entanto diz-se: *mais* ou *muito intimo*, *muito proximo*; notando-se ainda que ás formas alludidas são susceptiveis do gráo emphatico em *issimo* em alguns casos: *superiorissimo*, *extremissimo*, *mesmissimo* (mesmo, *met-ipsimus*), etc.

— A forma latina *plus*, foi substituída por *magis* nos comparativos analyticos; mas o antigo portuguez conheceu a forma hoje absoluta: *chus*, como no exemplo dos *Ineditos de Alcobaga*: “nem hum *chus* amado que outro” isto é, mais amado. E assim se dizia de Satan: *chus* negro = *mais* negro. *Chus* restou apenas na locução: “não dizer *chus* nem *bas* (Vê *Frases Feitas*, do autor).

E' de facto digno de nota o artigo processo de derivação tomado ao comparativo substantivado: o *prior*, o *senhor*, o *interior*, o *exterior*, o *major*. etc.

V

Flexão dos determinativos e pronomes. — Declinação

1. GENERO

Os nomes *determinativos* têm a flexão dos substantivos. A característica do feminino é a letra *a*, que representa a desinencia dos substantivos da primeira declinação latina:

todo	—	toda	(<i>totus</i>)
algum	—	alguma	(<i>aliquus</i>)
este	—	esta	(<i>iste</i>)

Na mudança para o feminino, a vogal fechada *e = ê* muda-se em *e = é*: ésta, aquélla (êste, aquêlle) (1).

Alguns são invariáveis, como *que*. *Qual*, não têm genero. Alguns formam irregularmente o feminino, como *meu*, que tem a fórma feminina *minha* (antigamente *mia*), por influencia da nasal inicial *m*.

Nesta classe existem vestígios do neutro, por metaphonia, a que já alludimos:

<i>isto</i>	<i>ipsum</i>
<i>isso</i>	<i>istud</i>
<i>tudo</i>	<i>totum</i>

(1) Este phenomeno da alteração da vogal (o *umlaut* dos allemães) occorre igualmente com a vogal *ô* alterada para *ó* na generalidade das flexões do feminino e do plural: formôso, formôsa, formôsos, de igual natureza é a modificação da vogal nos verbos: crêsgo crêsce, fujo fôje, destruo, destrôe. Em lugar proprio, examinamos esta serie de factos prosodicos.

Os nomes de numero não têm genero, excepto *um* e *dous*, que têm os femininos *uma*, *duas*; e também os compostos de *cento* (*trezentas*, *quinhentas*, etc.)

2. NUMERO

Os *pronomes determinativos* têm o mesmo expoente dos nomes para indicar o plural:

uns — *qualquer* — *quaes-quer*
 nenhuns — *alguns* — *meus* — *todos*

São invariaveis: *que*, *quem*, *alguem*, *ninguem*, etc.

3. CASOS. DECLINAÇÃO

Entre os *pronomes*, os *pessoaes* têm casos e declinam-se como no latim; é o que se vê da tabella seguinte:

NUMERO SINGULAR

Nominativo	Eu (<i>ego</i>)	Tu (<i>tu</i>)	Elle (<i>ille</i>)
Genitivo	—	—	—
Dativo	Mim (<i>mihi</i>)	Ti (<i>tibi</i>)	Lhe (<i>illi</i>)
Accusativo	Me (<i>me</i>)	Te (<i>te</i>)	—
Ablativo	Com-migo (<i>mecum</i>)	Comtigo (<i>tecum</i>)	O (<i>illum</i>) lo

NUMERO PLURAL

Nominativo	Nós (<i>nos</i>)	Vós (<i>vos</i>)	Elles
Genitivo	—	—	—
Dativo	{ Nos	{ Vos	Lhes (<i>illis</i>)
Accusativo	{ Nós (<i>nos</i>)	{ Vós (<i>vos</i>)	Os (<i>illos</i>)
Ablativo	Nosco (<i>noscum</i>)	Vosco (<i>voscum</i>)	—

REFLEXIVO

(para ambos os numeros)

Genitivo	— —
Dativo	— si (<i>sibi</i>)
Acc.	— se (<i>se</i>)
Abl.	— sigo (<i>secum</i>)

Observações supplementares

1. O genitivo desapareceu com o latim e não figura na declinação dos pronomes. Nota-se no vestígio do genitivo *sui*, no termo *suicidio* (destruição de si mesmo).

2. O dativo *mim* teve a antiga forma *mi*; a prolação do *m* inicial nasalizou a syllaba inteira, ou outra foi a causa. Cf. *si* e *sim*, *assi* e *assim*. No *Parn. Lus.* lê-se a observação (V. 384): "No tempo em que Ferreira escrevia, dizia-se *si* e não *sim*, como hoje". Archaicas e regionaes são ainda as formas *tim* e *sim* por analogia de *mim*.

O accusativo precede historicamente o nominativo nas linguas arianas.

Identica prolação houve em "*muito*", que se pronuncia *muinto*.

3. O accusativo *o* da terceira pessoa (*illum*), é o que chamamos artigo definido, e tinha outr'ora a forma *lo* (*illum*), de que ainda se encontrava vestígios conservados pela euphonia: *vol-o* deus = *vos-o* deus; *dil-o* = *diz-o*; *amal-o* = *amar-o*. (1). A mesma razão da euphonia levou a dizer: *amam-no*.

Quem o veneno espalha pelas veias.
Curam-no ás vezes asperas triagas.

Lus. IX, 33.

(1) Os que dizem que o *l* é simplesmente euphónico, explicam a permuta *r* — *l* em *ama-o* — *amal-o*. Mas como admittiz permutas como *s* em *l*, em *vol-o*, contra todas as leis da phonetica? Houve, pois, queda da letra precedente *r*, *s*, etc, e conservação do artigo *lo*.

O mesmo com o adverbio não: “Não no vês tinto de ira” (VIII, 28, e “quem não sabe a arte, não na estima” (V. 97). É este exemplo que parece amphibologico:

Occultos os juizos de Deus são!
A's gentes vãs que não nos entenderam.

Lus. X. 38 (2)

E, ainda que não figure na escripta, a ligação euphonica realiza-se com as palavras *bem*, *quem*. Bernardim Ribeiro escreveu:

“A terá *quen* na assi tem.”

Outra forma accusativa, hoje obsoleta, é o *xe* (=se):

Assi *xe* mo fraco eu

Gil Vicente

No caso é expletiva e de puro realce, como nos versos do *Canc. da Ajuda*, apontados por Car. Michaëlis:

querem *xe* viver...
nunca sei que *x'e* prazer.
etc.

4. O *ablativo* derivou do latim com a repetição pleonastica da preposição *com*: *com-migo* ant. *com-mego* = *cum mecum*. As fórmas *noscum*, *voscum*, do latim vulgar, são contracções das fórmas completas *nobiscum*, *vobiscum*.

Não concluimos sem fazer notar que alguns determinativos portuguezes adquiriram no seio da lingua certa *flexão* singularissima, que chamaremos *flexão nominal*. Pelo menos no ponto de vista da semantica, esta flexão caracteriza-se pela suffixação *em*:

algu-*em*
qu-*em*
ningu-*em*

(2) A ed. dos *Lusiãdas* de 1880 do *Gab Port. de Leit.* do Rio, feita quasi que sobre o texto das duas edições de 1572, dá a lição: não os entenderam.

Taes determinativos só se applicam (em geral) a pessoas, e por isso a flexão é puramente *hominal*. O suffixo *em* podia ter provindo de *omen* (*que omen* — que homem), ou, mais provavelmente, de *um*, que na lingua portugueza antiga é equivalente do *on* francez.

Não pode *um* ter que não fale.

Póde, comtudo, empregar-se *quem* com referencia a cousas (V. Syntaxe).

Em qualquer caso, achamos pouco razoavel o etymo, pelo accusativo *quem* de *qui* — recurso que seria inaproveitavel quanto ás outras formas *alguem* e *ninguem*.

O *um* da lingua antiga equivalente a *on* francez, explica-se tanto por *homo* como por *unus*.

A flexão *hominal* é uma opinião singular, naturalmente contestavel.

VI

Conjugação

Tempos primitivos e derivados

Os verbos exprimem diversas condições de modo, tempo, numero e pessoa, por meio de variações da terminação.

A conjugação do verbo é o conjuncto methodico de suas variações.

Methodico, isto é, distribuido por classes de modos, tempos, de numeros e pessoas. As fórmulas verbaes que constituem o systema da conjugação, explicam-se pelas origens latinas ou pela analogia.

Alguns raros latinistas e romanistas allemães preferem distribuir as flexões do *tempo* deixando neste subordinados os *modos*. Assim ao *presente* se ligam as fórmulas do indicativo, imperativo, subjunctivo, etc. A distribuição tradicional evita confusões possíveis. Parece que a denominação allemã *Zeitwort* de algum modo insinuou como principal a idéa de tempo.

1. Os verbos regulares sempre conservam o radical. *Am-ar*, v. gr., em todas as suas fórmulas conserva o thema *am*: *amo*, *amarei*, *amasse*, *amando*.

2. Os verbos regulares são divididos em tres classes: a 1.^a em *ar*, cujo modelo (ou paradigma) é *amar*; a 2.^a em *er*, cujo modelo é *receber*; a 3.^a em *ir*, cujo modelo é *punir*.

Os verbos que se não conjugam exactamente conforme os modelos, embora conservem intacto o radical, são *irregulares*. Ex.: *v-ir*, que conserva o radical *v* em todas as fórmãs.

3. Em grande numero, as fórmãs verbaes são *compostas*, isto é, constituídas por mais de um verbo: *tendo amado*. Os verbos que fazem constantemente parte de tempos compostos, são *auxiliares*, v. gr., os verbos *haver, ser, ter* (*sou amado, hei amado, tenho amado*).

1. Tempos e Modos (1)

1. Os *tempos* da conjugação portugueza, distribuem-se segundo os *modos* indicativo (independente), *subjunctivo* (dependente), *imperativo* (de imposição) e *infinitivo* (de acção indeterminada).

MODO INDICATIVO:

O **presente** — que exprime a affirmação no momento actual ou supposto actual: *canto, rio-me*.

O presente denota o habito ou faculdade do sujeito. *Eu canto* pôde significar *eu sei cantar, eu tenho o habito de cantar*.

Pôde o presente indicar o acto futuro: *eu vou amanhã* = *eu irei amanhã*.

Pôde ainda indicar o *passado* no estylo historico: Entãc Lazaro ouvindo a voz do Senhor, *levanta-se da cova* (Vieira).

O **preterito imperfeito** — indica a acção simultanea em relação a um momento passado: *ria-me quando chegaste*. Foi por isso chamado *co-preterito*.

(1) As derivações das fórmãs verbaes, tempos, pessoas, etc., são tratadas na *Etymologia*.

O **preterito definido ou perfeito** — denota a acção completamente passada e realizada: *vim, vi, venci*.

O **preterito indefinido** — representa a acção passada e que ainda continúa: *tenho visto, tenho lido*. Foi por isso chamado *aoristo* ou *perfeito composto*.

Não se póde usar indifferentemente os dous preteritos, o definido e o indefinido, sem commetter gallicismo. Quem viu uma só vez Paris, deve dizer: *vi Paris*, e nunca, *tenho visto Paris*.

O **preterito mais que perfeito** — representa a acção como anterior a um momento passado: *eu cantára*.

E' hoje de uso raro e muito discreto nas obras literarias. Na linguagem falada já não existe.

O *mais que perfeito* possui a fórma composta: *eu tivera amado*.

O **futuro** — exprime a acção que vae ser realizada: *eu amarei*. Ha no futuro duas *fórmulas compostas* principaes: eu *hei* de amar, eu *tenho* de amar. Uma é formada pelo verbo *haver*, outra pelo verbo *ter*.

O **tempo condicional** — exprime a acção de realização dependente de condições: *amariamos*. Ha do *condicional*, como do *futuro*, duas *fórmulas compostas*, constituídas pelos verbos *haver* e *ter*: *haveria de amar, teria de amar*. (1).

(1) Não nos parece que o condicional seja modo; é um mero tempo como o *imperfeito*, e nem sempre exprime condição. Assim opinam Darmesteter, Ribeiro, Vasconcellos, U. Machado e outros.

O MODO IMPERATIVO — indica a acção que se deseja ou se ordena que se realize no futuro: é um modo que ha de ser igualado a um tempo futuro: *Vae! Perdoa!*

Por um hebraismo introduzido pelo estylo biblico, substituímos o imperativo pelo futuro: *Amarás a Deus. Não matarás*, etc.

2. Os tempos do **MODO SUBJUNCTIVO** têm o mesmo character dos tempos do indicativo, exprimindo todavia a dependencia e a subordinação.

Presente: *ame*.

Preterito. Fôrma simples: *amasse*. Fôrma composta: *livesse amado*.

Futuro: *amares, amardes. Vier, vierdes*. As fôrmas compostas de *ter* e *haver* são: *tiver de amar* e *haver de amar*.

3. Os tempos do **MODO INFINITIVO** são:

O *presente*, que no portuguez, por excepção, é dotado de flexão pessoal: *vir eu, vires tu*, etc., do verbo *vir*.

O infinito pessoal é um facto anomalo, explicavel talvez pela falsa analogia que o fez confundir com o futuro subjunctivo, mas derivado do *imperfeito do subj.* latino, como veremos em lugar opportuno.

O *passado* — que representa uma fôrma composta do presente: *ter amado*.

Ha ainda a considerar o *gerundio* e os *participios* que têm respectivamente o valor de adverbio (*amando*) e adjectivo (*amado*). Veja a syntaxe.

TEMPOS PRIMITIVOS

Examinando os *radicaes* ou *themas*, incrementos e flexões dos tempos, podemos agrupal-os em diversas series, cada uma d'estas dominada por um tempo a que se póde chamar **primitivo**, e aos outros derivados.

1.^a serie. Nesta, as flexões ligam-se ao thema sem incremento. Ex.: **am-o**, **dev-o**, **sirv-o**.

Primitivo:	Am-o.....	— Pres. do indicativo
Derivados	Am-ei.....	— P. perf. do ind.
	Am-e.....	— Pres. do subj.
	Am-a.....	— Imperativo.
	Am-ando. ado..	— Participios.

2.^a serie. Nesta, as flexões ligam-se ao thema augmentado do incremento *ar*, *er*, *ir*, *or*.

Primitivo:	Am-ar	— infinito
Derivados	Am-ar-es	— Inf. pessoal
	Am-ar	— Fut. subj.
	Am-ar-ei	— F. indic.
	Am-ar-ia	— Condicional.
	Am-ar-a	— Mais que perf.

3.^a serie. Aqui as flexões se ajuntam ao thema com o incremento *av* ou *ass* (contr. de *aviss*.)

Primitivo: **Am-av-a** — P. imperf. indic.

Derivado: **Am-ass-e** — P. imp. do subj.

As formações d'esta ultima serie são as menos regulares porque nellas se realizaram contracções (*am-aviss-em*: *amasse*; *deb-eb-am*: *deviam*, etc.).

Na conjugação portugueza existem, pois, tres tempos primitivos: o infinitivo, o presente e o imperfeito do indicativo; todos os demais são derivados.

A essas vozes *primitivas* pode juntar-se o *participio passado* que é elemento das vozes compostas: *tenho lido*.

2. Pessoas

As fórmulas verbaes representam, cada uma, uma *pessoa grammatical*. A 1.^a representa a pessoa principal, a que fala. A 2.^a representa a pessoa secundaria, aquella a quem se fala. A 3.^a representa a pessoa ou cousa relativa, e aquella de quem se fala. Para cada pessoa existe uma flexão, que nem sempre é distincta.

I — A segunda pessoa de ambos os numeros tem a flexão característica — *s*; *amas, amaes, amasses, amavas*, etc.

Exceptuam-se dous casos: o do imperativo *ama tu e amae vós*, e o caso da segunda pessoa do singular do preterito definido ou perfeito: *amaste, recebeste*; excepções que se originam do latim.

II — A terceira pessoa do plural tem como característica a flexão nasal: *amavam, amam, amem, amariam*, etc.

Esta regra não tem excepção. Note-se, no emtanto, que por necessidade de orthographia a nasal *m* é substituida por um *til* nos futuros simples: *amarão, receberão, punirão*. As terminações são *am, em, ão*.

III — A primeira e terceira pessoas do singular têm para a flexão uma vogal: *amo, recebi, puna, amará*.

Ha duas excepções em que a flexão é constituída pelas letras *r* e *z*, no subjunctivo futuro e no infinito presente, *amar eu, reduz, reluz*. Comtudo, nos antigos escriptores en-

contram-se as fórmulas regulares: *quere, require, reluze*, etc. No mesmo infinito, se não se escreve, ao menos sôa uma vogal final quasi nada: *amar* (amarê), *beber* (bebere).

IV — A primeira pessoa do plural tem para flexão característica um *s* final: *amemos, amassemos*.

3. Numeros

As fórmulas da conjugação têm dous numeros determinados pelo sujeito: o *singular* e o *plural*.

As *flexões de numero* são indicadas simultaneamente pelas proprias *flexões de pessoa*, das quaes são inseparaveis.

A primeira conjugação no portuguez corresponde á primeira conjugação franceza, e, como esta, deve ter a denominação de *conjugação dos verbos novos*. Com effeito, na sua quasi totalidade, os verbos novos não vindos do latim, pertencem á primeira conjugação: *dignificar, clarificar, cantarolar, telegraphar, magnetizar*, etc.

E' a conjugação dos *neologismos*.

Alguns *neologismos* ha, todavia, que foram imaginados conforme a typos latinos mais ou menos puros e que pertencem a conjugações diversas, como, v. gr.: *evoluir* (*evoluer*), *flexionar*, ao lado de *evolucionar*; *agir*, segundo o typo de *reagir, coagir*.

— Na *voz passiva*, os tempos compostos são ainda formados com os verbos *ter* e *haver*, que se ajuntam ás fórmulas do verbo *ser*, auxiliar da conjugação passiva: *eu tenho de ser amado, eu hei de ser amado*.

VII

I SERIE

Quadro synoptico das conjugações

Tempos primitivos e derivados. — O *thema* + a *flexão* ligados immediatamente : preterito perfeito, imperativo, presente do subjunctivo, participios, os quaes, todos, derivam do *presente*.

Primitivo :	Presente (ind.)	Am + o	Dev-o	Pun-o
	P. perfeito (ind.)	Am + ei	Dev-i	Pun-i
Derivados	Imperativo	Am + a	Dev-e	Pun-e
	Presente (subj.)	Am + e	Dev-a	Pun-a
	Participios	Am + ando	Dev-endo	Pun-indo
		Am + ado	Dev-ido	Punido

II SERIE

O *thema* + a *flexão* ligados mediatamente com intercalação do incremento **r** (*ar- er- ir*) : futuros do indicativo e subjunctivo, mais que perfeito, condicional, os quaes, todos, derivam do *infinito*.

Primitivo :	Infinito	Am + ar	Dev-er	Pun-ir
	Futuro (ind.)	Am + ar + ei	Dev-er-ei	Pun-ir-ei
Derivados	Mais que perfeito	Am + ar + a	Dev-er-a	Pun-ir-a
	Condicional	Am + ar + ia	Dev-er-ia	Pun-ir-ia
	Fut. (subj.)	Am + ar	Dev-er	Pun-ir

III SERIE

O *thema* + a *flexão* ligados mediatamente por intercalação do incremento *e* ou *ss* (*ava e ia = iva ; ass, ess, iss, por avisse, etc.*) : Imperfeito do subjunctivo, que deriva do imperfeito do indicativo.

Primitivo :	Imp. do ind.	Am+av+a	Dev+i+a(1)	Pun+i+a(1)
Derivado :	Imp. do subj.	Am+ass+e	Dev+ess+e	Pun+iss+e

OBSERVAÇÕES GERAES SOBRE OS VERBOS

1. A terminação *mos* perde o *s* por assimilação quando ligada ao artigo: *amamo-lo* [amamos-lo]. Igual perda soffre o infinito: *amalo* [amar-lo] (2).

2. Nunca são esdruxulas as fórmulas verbaes; é um plebeísmo pronunciar *séjamos*, *suppónhamos*. Mas diz-se: *mingua*, *exágua*, *deságua*, *resfólega*; comtudo, essa prosodia tem contradictores. Castilho manda dizer *mingúa*, *desagóá*, *enzagóá* [Dicc. de rimas]. E é certamente melhor dizer *agóá*, do verbo *agoar*.

3. As variações verbaes obedecem a analogias reciprocas, como o mostra a existencia de tempos primitivos e derivados.

Outras analogias notaveis são: as que se encostam ao presente, *sou* [soo, som], *dou*, *estou*, *vou*; *seja* e *esteja*; *houve*, *jouve trouve* [trouxe], *prouve*; a de *ver* e *vir* em *prover* [provido, próvo, provisto]; a de *peço* sobre *impido*, *despido*; a de *colheito*, *tolheito*, *escorreito*, etc., a flexão *ei* que substitue *io*: *odeio*, *premeio*, *negoceio*, que convém não preferir a *odio*, *premio*, etc., ainda que não faltem exemplos excellentes nos melhores classicos.

(1) Na derivação dos verbos da segunda e da terceira conjugação, na *terceira serie* dos tempos, a irregularidade é apparente. O incremento *i* (*devia*, *punia*) é o mesmo *av* (*de amava*). No latim as fórmulas eram *amabam*, *debebam puniebam*; o *b* (lei da consoante média) desappareceu e restaram as fórmulas *devea* ou *devia* e *punia*; o mesmo não poderia succeder a *amabam*, porque a queda da consoante daria o hiato *amáa*; não caiu, pois, e apenas abrandou-se em *v*: *amabam* = *amava*.

(2) E' perfeitamente justificada a graphia nova: *amá-lo*, *vo-lo* disse, *dizê-lo*. E' evidente que se trata de vestigios da antiga forma do artigo: *lo*, *la*.

Entretanto esta reforma graphica ainda não obteve a sanction do uso geral dos que escrevem, embora tenha sido aconselhada pelos mais competentes.

VIII.
CONJUGAÇÃO REGULAR DOS VERBOS
NOS TEMPOS SIMPLES (1)

1. ^a CONJUGAÇÃO	VOZ ACTIVA	2. ^a CONJUGAÇÃO	3. ^a CONJUGAÇÃO
Indicativo			
PRESENTE			
S. Louv- <i>o</i> " <i>as</i> " <i>a</i> P. " <i>âmos</i> " <i>acs</i> " <i>am</i>		S. Dev- <i>o</i> " <i>es</i> " <i>e</i> P. " <i>emos</i> " <i>eis</i> " <i>em</i>	S. Applaud- <i>o</i> " <i>es</i> " <i>e</i> P. " <i>îmos</i> " <i>is</i> " <i>em</i>
PRETERITO			
S. Louv- <i>ei</i> " <i>aste</i> " <i>ou</i> P. " <i>âmos</i> " <i>astes</i> " <i>âram</i>		S. Dev- <i>i</i> " <i>este</i> " <i>eu</i> P. " <i>emos</i> " <i>estes</i> " <i>êram</i>	S. Applaud- <i>i</i> " <i>iste</i> " <i>iu</i> P. " <i>îmos</i> " <i>istes</i> " <i>îram</i>
FUTURO			
S. Louvar- <i>ei</i> " <i>ás</i> " <i>á</i> P. " <i>emos</i> " <i>eis</i> " <i>ão</i>		S. Dever- <i>ei</i> " <i>ás</i> " <i>á</i> P. " <i>emos</i> " <i>eis</i> " <i>ão</i>	S. Applaudir- <i>ei</i> " <i>ás</i> " <i>á</i> P. " <i>emos</i> " <i>eis</i> " <i>ão</i>

(1) Nas edições anteriores havíamos supprimido os paradigmas da conjugação, por serem materia já estudada nas *Gramm. do 1.^o e do 2.^o anno.* A conselho de professores, aqui incluímos as conjugações regulares e irregulares, como se acham na *Gramm. de B. de Oliveira* (Coimbra, 1900) com as notas da 25.^a edição. Evitamos, d'este modo, reproduzir a materia de que já tratámos e aproveitamos o ensejo de tornar conhecida a excellencia d'aquella nova edição de B. de Oliveira, devida ás notas de A. A. Cortesão, philologo de muito merito. As notas são todas as d'este cap. VIII.

PRETERITO IMPERFEITO

S. Louv- <i>ava</i>	S. Dev- <i>ia</i>	S. Applaud- <i>ia</i>
» <i>avas</i>	» <i>ias</i>	» <i>ias</i>
» <i>ava</i>	» <i>ia</i>	» <i>ia</i>
P. » <i>ávamos</i>	P. » <i>íamos</i>	P. » <i>íamos</i>
» <i>aveis</i>	» <i>ieis</i>	» <i>ieis</i>
» <i>avam</i>	» <i>iam</i>	» <i>iam</i>

CONDICIONAL

S. Louvar- <i>ia</i>	S. Dever- <i>ia</i>	S. Applaudir- <i>ia</i>
» <i>ias</i>	» <i>ias</i>	» <i>ias</i>
» <i>ia</i>	» <i>ia</i>	» <i>ia</i>
P. » <i>íamos</i>	P. » <i>íamos</i>	P. » <i>íamos</i>
» <i>ieis</i>	» <i>ieis</i>	» <i>ieis</i>
» <i>iam</i>	» <i>iam</i>	» <i>iam</i>

ou (1) (*Pret. mais-que-perf.*)

S. Louv- <i>ára</i>	S. Dev- <i>éra</i>	S. Applaud- <i>íra</i>
» <i>áras</i>	» <i>éras</i>	» <i>íras</i>
» <i>ára</i>	» <i>éra</i>	» <i>íra</i>
P. » <i>ávamos</i>	P. » <i>éramos</i>	P. » <i>íramos</i>
» <i>áreis</i>	» <i>éreis</i>	» <i>íreis</i>
» <i>áram</i>	» <i>éram</i>	» <i>íram</i>

Imperativo

PRESENTE

S. Louv- <i>a</i> (<i>tu</i>)	S. Dev- <i>e</i> (<i>tu</i>)	S. Applaud- <i>e</i> (<i>tu</i>)
P. » <i>ae</i> (<i>vós</i>)	P. » <i>ei</i> (<i>vós</i>)	P. » <i>í</i> (<i>vós</i>)

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Louv- <i>e</i>	S. Dev- <i>a</i>	S. Applaud- <i>a</i>
» <i>es</i>	» <i>as</i>	» <i>as</i>
» <i>e</i>	» <i>a</i>	» <i>a</i>
P. » <i>emos</i>	P. » <i>amos</i>	P. » <i>amos</i>
» <i>eis</i>	» <i>aes</i>	» <i>ues</i>
» <i>em</i>	» <i>am</i>	» <i>am</i>

(1) Estas duas formas do *condicional* apenas são identicas na sua significação e emprego; etymologicamente são muito diferentes. Juntamol-as sob a mesma designação com o fim de facilitar a nomenclatura dos tempos.

PRET. MAIS QUE PERF.

S. Louv- <i>asae</i>	S. Dev- <i>esae</i>	S. Applaud- <i>isse</i>
» <i>asses</i>	» <i>esses</i>	» <i>isses</i>
» <i>asse</i>	» <i>esse</i>	» <i>isse</i>
P. » <i>ássemos</i>	P. » <i>éssemos</i>	P. » <i>íssemos</i>
» <i>asseis</i>	» <i>esseis</i>	» <i>isseis</i>
» <i>assem</i>	» <i>essem</i>	» <i>issem</i>

FUTURO (I)

S. Louv- <i>ar</i>	S. Dev- <i>er</i>	S. Applaud- <i>ir</i>
» <i>ares</i>	» <i>eres</i>	» <i>ires</i>
» <i>ar</i>	» <i>er</i>	» <i>ir</i>
P. » <i>armos</i>	P. » <i>ermos</i>	P. » <i>irmos</i>
» <i>ardes</i>	» <i>erdes</i>	» <i>irdes</i>
» <i>arem</i>	» <i>erem</i>	» <i>irem</i>

INFINITIVO

PRESENTE IMPESSOAL

Louv- <i>ar</i>	Dev- <i>er</i>	Applaud- <i>ir</i>
-----------------	----------------	--------------------

PRESENTE PESSOAL

S. Louv- <i>ar</i>	S. Dev- <i>er</i>	S. Applaud- <i>ir</i>
» <i>ares</i>	» <i>eres</i>	» <i>ires</i>
» <i>ar</i>	» <i>er</i>	» <i>ir</i>
P. » <i>armos</i>	P. » <i>ermos</i>	P. » <i>irmos</i>
» <i>ardes</i>	» <i>erdes</i>	» <i>irdes</i>
» <i>arem</i>	» <i>erem</i>	» <i>irem</i>

GERUNDIO

Louv- <i>ando</i>	Dev- <i>endo</i>	Applaud- <i>indo</i>
-------------------	------------------	----------------------

PARTICÍPIO PASSADO

Louv- <i>ado</i>	Dev- <i>ido</i>	Applaud- <i>ido</i>
------------------	-----------------	---------------------

(I) As flexões do futuro do conj. confundem-se, nos verbos regulares, com as do chamado infinitivo pessoal, embora a sua formação ou etymologia sejam muito diferentes. Nos verbos irregulares não se dá essa confusão.

Terminações Geraes dos Verbos

1ª CONJUG. 2ª CONJUG. 3ª CONJUG.

INDICATIVO

PRESENTE.....	$\left\{ \begin{array}{l} o \\ as \\ a \\ \text{âmos} \\ aes \\ am \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} o \\ es \\ e \\ \text{êmos} \\ eis \\ em \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} o \\ es \\ e \\ imos \\ is \\ em \end{array} \right.$
PRETERITO.....	$\left\{ \begin{array}{l} ei \\ aste \\ ou \\ \text{âmos} \\ astes \\ áram \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} i \\ este \\ eu \\ emos \\ estes \\ eram \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} i \\ iste \\ iu \\ imos \\ istes \\ iram \end{array} \right.$
FUTURO (1).....	$\left\{ \begin{array}{l} ei \\ ás \\ á \\ emos \\ eis \\ ão \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} ei \\ ás \\ á \\ emos \\ eis \\ ão \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} ei \\ ás \\ á \\ emos \\ eis \\ ão \end{array} \right.$
IMPERFEITO.....	$\left\{ \begin{array}{l} ava \\ avas \\ ava \\ \text{ávamos} \\ aveis \\ avam \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} ia \\ ias \\ ia \\ iamos \\ ieis \\ iam \end{array} \right.$	$\left\{ \begin{array}{l} ia \\ ias \\ ia \\ íamos \\ ieis \\ iam \end{array} \right.$

(1) Fórmam-se juntando estas terminações ao infinitivo.

CONDICIONAL(1) ...	{	ia	{	ia	{	ia
		ias		ias		ias
		ia		ia		ia
		famos		famos		famos
		ieis		ieis		ieis
	iam		iam		iam	

ou

<i>(Pret. mais-que-perf.)</i>	{	ára	{	ára	{	íra
		áras		éras		íras
		ára		éra		íra
		áramos		éramos		íramos
		áreis		éreis		íreis
	áram		éram		íram	

Imperativo

PRESENTE.....	{	a	{	e	{	e
		ae		ei		i

Conjunctivo

PRESENTE.....	{	e	{	a	{	a
		es		as		as
		e		a		a
		emos		âmos		âmos
		eis		acs		acs
	em		am		am	

PRET. MAIS-QUE-PERF.	{	sse	{	esse	{	isse
		asses		esses		isses
		asse		esse		isse
		ássemos		êssemos		íssemos
		ásseis		esseis		ísseis
	assem		essem		issem	

(1) Fôrma-se juntando estas terminações ao infinitivo.

FUTURO	{ ar	{ er	{ ir
	{ ares	{ eres	{ ires
	{ ar	{ er	{ ir
	{ armos	{ ermos	{ irmos
	{ ardes	{ erdes	{ irdes
	{ arem	{ erem	{ irem

Infinitivo

PRESENTE IMPESSOAL	ar	er	ir
PRESENTE PESSOAL..	{ ar	{ er	{ ir
	{ ares	{ eres	{ ires
	{ ar	{ er	{ ir
	{ armos	{ ermos	{ irmos
	{ ardes	{ erdes	{ irdes
	{ arem	{ erem	{ irem
GERUNDIO.....	ando	endo	indo
PARTICÍPIO PASSADO	ado	ido	ido

Verbos auxiliares

Auxiliares são os verbos que, juntos e conjugados com outro verbo ou particípio, formam tempos compostos. Os principaes verbos auxiliares são: *ter* e *haver*. (1).

OBSERVAÇÃO. Têm o nome de *auxiliares* porque, conjugados com o infinitivo, com o particípio ou com o gerundio d'outros verbos, os ajudam a formar certas *locuções verbaes*, que elles de si não têm, para exprimir os diversos modos de sua significação começada, continuada ou acabada.

Nestas locuções, o ultimo verbo representa a acção, estado ou qualidade que se deseja manifestar; o que ou os que o precedem, exprimem a maneira de ser d'essa acção, a época em que se realizou, e a pessoa que a pratica. Ex.: Vou *estudando*, *ando a estudar*, *tenho estado a escrever*; *estava dormindo*; *ia afflicto*.

Ter e haver — formam duas especies de tempos compostos: tempos preteritos e tempos futuros (2).

(1) Os escriptores antigos empregavam o verbo *ser* por *ter*, *haver* e *estar*. Ex.: *Porque elle não era* (tinha) *allí vindo senão para conservar a antiga amizade dos portuguezes* (D. Couto). — Depois d'el-rei *ser* (estar) *em Evora...* (D. Goes).

(2) Aos tempos compostos (na voz activa) dá-se hoje a denominação generica de — *conjugação periphástica*. A cada tempo simples correspondem dois tempos compostos: um preterito e um futuro, excepto ao imperativo e ao particípio passado.

Os tempos preteritos formam-se com os auxiliares *haver* ou *ter*, conjugados com o particípio passado do verbo auxiliado, como : *haver* ou *ter* louvado, *hei* ou *tenho* louvado, etc.

Os tempos futuros (ou por fazer) (1) formam-se dos mesmos auxiliares *haver* ou *ter*, conjugados com o infinitivo impessoal do verbo auxiliado, regido da preposição *de*, como : *haver* ou *ter de* louvar, *hei* ou *tenho de* louvar, *havia* ou *tinha de* louvar, etc.

OBSERVAÇÃO. Muitos grammaticos consideram tambem o verbo *ser* como *auxiliar*, por isso que fórma os tempos compostos da voz passiva.

Conjugação dos verbos TER, HAVER e SER (2)

Indicativo

PRESENTE

<p>S. Tenho tens tem</p>	<p>S. Hei has ha</p>	<p>S. Sou és é</p>
<p>P. temos tendes têm</p>	<p>P. havemos haveis hão</p>	<p>P. somos sois são</p>

(1) Tambem se lhes chamava *linguagens de significação inicial* ou *projectada*, porque significam um facto começado na intenção e futuro na execução.

(2) Os tempos do verbo *ser* (bem como dos outros verbos) derivam dos respectivos tempos em latim; mas nesta lingua esses provêm das raizes de dous verbos diferentes: da raiz *es* do verbo *esse*, e da raiz *fu* do verbo *fuo*. D'esta raiz deriva o preterito *fui*, o mais-que-perf. *fuera*, etc.

Os nossos classicos até ao principio do seculo XVIII usavam mais do auxiliar *haver* que do auxiliar *ter*, para todos os modos, tanto na conjugação do verbo *ser*, como na dos outros verbos, dizendo : *hei sido*, *hei amado*, *havia sido*, *havia amado*, etc. Actualmente emprega-se mais vezes o verbo *ter* do que *haver*.

PRETERITO (1)

S. Tive	S. Houve	S. Fui
tiveste	houveste	foste
teve	houve	foi
P. tivemos	P. havemos	P. fomos
tivestes	houvestes	fostes
tiveram	houveram	fôram

FUTURO

S. Terei	S. Haverêi	S. Serei
terás	haverás	serás
terá	haverá	será
P. teremos	P. haveremos	P. seremos
tereis	haverêis	serêis
terão	haverão	serão

PRETERITO IMPERFEITO

S. Tinha	S. Havia	S. Era
tinhas	havas	eras
tinha	havia	era
P. tínhamos	P. havíamos	P. éramos
tinheis	haviêis	erêis
tinham	havam	eram

CONDICIONAL

Ŝ. Teria	S. Haveria	S. Seria
terias	haverias	serias
teria	haveria	seria
P. teríamos	P. haveríamos	P. seríamos
terêis	haverêis	serêis
teriam	haveriam	seriam

ou

(*Pret. mais-que-perf.*)

S. Tivera	S. Houvera	S. Fôra
tiveras	houveras	fôras
tivera	houvera	fôra
P. tivéramos	P. houvéramos	P. fôramos
tivereis	houverêis	fôreis
tiveram	houveram	fôram

(1) O verbo *ter*, como transitivo, tem este preterito na significação de *possuir*, como : *tive razão* ; *tive que fazer*. Como auxiliar não a tem.

IMPERATIVO

PRESENTE

S. Tem (*tu*)
P. tende (*vós*)

S. Ha (*tu*)
P. Haver (*vós*)

S. Se (*tu*)
P. sêde (*vós*)

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Tenha
tenhas
tenha
P. tenhamos
tenhaes
tenham

S. Haja
hajas
haja
P. hajamos
hajaes
hajam

S. Seja
sejas
seja
P. sejamos
sejaes
sejam

PRET. MAIS QUE PERF.

S. Tivesse
tivesses
tivesse
P. tivéssemos
tivesseis
tivessem

S. Houvesse
houvesse
houvesse
P. houvéssemos
houvesseis
houvessem

S. Fôsse
fôsses
fôsse
P. fôssemos
fôsseis
fôssem

FUTURO

S. Tiver
tiveres
tiver
P. tivermos
tiverdes
tiverem

S. Houver
houveres
houver
P. houvermos
houverdes
houverem

S. Fôr
fôres
fôr
P. fôrmos
fôrdes
fôrem

INFINITIVO

PRESENTE IMPESSOAL

Ter

Haver

Ser

PRESENTE PESSOAL

S. Ter	S. Haver	S. Ser
teres	haveres	seres
ter	haver	ser
P. termos	P. havermos	P. sermos
terdes	haverdes	serdes
terem	haverem	serem

GERUNDIO

Tendo	Havendo	Sendo
-------	---------	-------

PARTICÍPIO PASSADO

Tido	Havido	Sido
------	--------	------

OBSERVAÇÃO. — Quando os verbos *ter* e *haver* são empregados como auxiliares, não têm *imperativo*, nem *participio passado*, excepto nos tempos compostos quando são verbos transitivos; e o verbo *ser* no mesmo caso só tem este participio junto com outro auxiliar (*tenha sido* louvado, *havia sido* louvado, etc.).

CONJUGAÇÃO D'UM VERBO NA VOZ PASSIVA

Indicativo		CONDICIONAL	
PRESENTE			
S. Sou	} louvado, -a	S. Seria	} louvado, -a
és		series	
é		seria	
P. somos	} louvados, -as	P. seríamos	} louvados, -as
sois		serieis	
são		seriam	
		ou	
PRETERITO		(Pret. mais-que-perf.)	
S. Fui	} louvado, -a	S. Fôra	} louvado, -a
foste		fôras	
foi		fôra	
P. fomos	} louvados, -as	P. fôramos	} louvados, -as
fostes		fôreis	
fôram		fôram	

FUTURO

- S. Seres }
 serás } louvado, -a
 será }
 P. seremos }
 sereis } louvados, -as
 serão }

PRETERITO IMPERFEITO

- S. Era }
 eras } louvado, -a
 era }
 P. éramos }
 ereis } louvados, as
 eram }

PRET. MAIS QUE PERF.

- S. Fosse }
 fôsses } louvado, -a
 fosse }
 P. fôssemos }
 fôsseis } louvados, -as
 fôssem }

FUTURO

- S. Fôr }
 fôres } louvado, -a
 fôr }
 P. formos }
 fordes } louvados, -as
 forem }

Imperativo

PRESENTE

- S. Se louvado, -a
 P. sêde louvados, -as

Conjunctivo

PRESENTE

- S. Seja }
 sejam } louvado, -a
 seja }
 P. sejâmos }
 sejam } louvados, -as
 sejam }

Infinitivo

PRESENTE IMPESSOAL

Ser louvado

PRESENTE PESSOAL

- S. Ser }
 seres } louvado, -a
 ser }
 P. sermos }
 serdes } louvados, -as
 serem }

OBSERVAÇÃO. Pelo modelo da conjugação completa do verbo *louvar*, facil é formar todos os seus tempos compostos na voz passiva: pret. impress.—*haver* ou *ter sido louvado*; pret. pess.—*haver* ou *ter sido louvado, -a, havermos* ou *termos sido louvados, -as, etc.*; futuro impress.—*haver* ou *ter de ser louvado*; futuro pess.—*haver* ou *ter de ser louvado, -a, haveres* ou *teres de ser louvado, -a, etc.*; pret. comp. do gerundio—*havendo* ou *tendo sido louvado, louvada, louvados, louvadas*; futuro comp. do gerundio—*havendo* ou *tendo de ser louvado, -a, -os, -as*; pret. comp. do pres. do indic.—*hei* ou *tenho sido*

louvado, -a, has ou tens sido louvado, -a, etc.; fut. comp. do pres. do indic. — hei ou tenho de ser louvado, -a, havemos ou temos de ser louvados, -as, etc.

CONJUGAÇÃO COMPLETA D'UM VERBO NA VOZ

ACTIVA

Indicativo

PRESENTE

S. Louv-o	P. Louv-âmos
» as	» aes
» a	» am

PRETERITO COMP. DO PRESENTE (1) FUTURO COMP. DO PRESENTE

S. Hei	} <i>ou</i> {	Tenho	} <i>louvado</i> {	S. Hei	} <i>ou</i> {	Tenho	} <i>de louvar</i> {
has		tens		has		tens	
ha		tem		ha		tem	
P. havemos	} <i>ou</i> {	temos	} <i>louvado</i> {	P. havemos	} <i>ou</i> {	temos	} <i>de louvar</i> {
haveis		tendes		haveis		tendes	
hão		têm		hão		têm	

PRETERITO

S. Louv-ei	P. Louv-âmos
» aste	» astes
» ou	» âram

PRETERITO COMP. DO PRETERITO (2) FUTURO COMP. DO PRETERITO

S. houve	} <i>ou</i> {	Tive	} <i>louvado</i> {	S. Houve	} <i>ou</i> {	Tive	} <i>de louvar</i> {
houveste		tiveste		houveste		tiveste	
houve		teve		houve		teve	
P. havemos	} <i>ou</i> {	tivemos	} <i>louvado</i> {	P. havemos	} <i>ou</i> {	tivemos	} <i>de louvar</i> {
houvestes		tivestes		houvestes		tivestes	
houveram		tiveram		houveram		tiveram	

(1) Estas novas denominações dos tempos compostos, que pela sua symetria facilmente se prestam a ser decorados pelos alumnos, não explicam a significação e uso de taes linguagens, mas exprimem unicamente a sua fórma material, os elementos da sua composição. Na *Syntaxe* encontrar-se-á a significação e o emprego d'esses tempos compostos.

(2) Actualmente é raro o emprego d'este tempo, que se encontra aliás em bons classicos. Ex.: *Como teve elegido o logar para a fortaleza, andou buscando alguma pedra.* (J. BARROS).—*Depois que chegou ao logar e houve comido* (FERNÃO LOPES).—*Como El-Rei houve bebido o seu último conforto...* (CAST.).

FUTURO

S. Louvar-*ei*
 " *ás*
 " *á*

P. Louvar-*emos*
 " *eis*
 " *ão*

PRETERITO COMP. DO FUTURO

S. Haver <i>ei</i>	} <i>ou</i> {	Terei	} louvado
haverás		terás	
haverá		terá	
P. haveremos		teremos	
havereis		tereis	
haverão		terão	

FUTURO COMP. DO FUTURO

S. Haver <i>ei</i>	} <i>ou</i> {	Terei	} de louvar
haverás		terás	
haverá		terá	
P. haveremos		teremos	
havereis		tereis	
haverão		terão	

PRETERITO IMPERFEITO

S. Louv-*ava*
 " *avas*
 " *ava*

P. Louv-*ávamos*
 " *aveis*
 " *avam*

PRETERITO COMP. DO IMPERFEITO

S. Havia	} <i>ou</i> {	Tinha	} louvado
havas		tinhas	
havia		tinha	
P. havíamos		tinhamos	
havieis		tinheis	
havam		tinham	

FUTURO COMP. DO IMPERFEITO

S. Havia	} <i>ou</i> {	Tinha	} de louvar
havas		tinhas	
havia		tinha	
P. havíamos		tinhamos	
havieis		tinheis	
havam		tinham	

CONDICIONAL

S. Louvar-*ia*
 " *ias*
 " *ia*

P. Louvar-*íamos*
 " *ieis*
 " *iam*

ou

(*Pret. mais que perf.*)

S. Louv-*ára*
 " *áras*
 " *ára*

P. Louv-*áramos*
 " *áreis*
 " *áram*

PRETERITO COMP. DO CONDICIONAL FUTURO COMP. DO CONDICIONAL

S. Haveria	} ou	Teria	} louvado	S. Haveria	} ou	Teria	} de louvar
haverias		terias		haverias		terias	
haveria		teria		haveria		teria	
P. haveríamos	} ou	teríamos	} louvado	P. haveríamos	} ou	teríamos	} de louvar
haverieis		terieis		haverieis		terieis	
haveriam		teriam		haveriam		teriam	

ou

S. Houvera	} ou	Tivera	} louvado	S. Houvera	} ou	Tivera	} de louvar
houveras		tiveras		houveras		tiveras	
houvera		tivera		houvera		tivera	
P. houveramos	} ou	tiveramos	} louvado	P. houveramos	} ou	tiveramos	} de louvar
houvereis		tivereis		houvereis		tivereis	
houveram		tiveram		houveram		tiveram	

IMPERATIVO

PRESENTE

S. Louv-*a* P. Louv-*ae*

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Louv-*e* P. Louv-*emos*
 " *es* " *eis*
 " *e* " *em*

PRETERITO COMP. DO PRESENTE

S. Haja	} ou	Tenha	} louvado
hajas		tenhas	
haja		tenha	
P. hajâmos	} ou	tenhâmos	} louvado
hajaes		tenhaes	
hajam		tenham	

FUTURO COMP. DO PRESENTE

S. Haja	} ou	Tenha	} de louvar
hajas		tenhas	
haja		tenha	
P. hajâmos	} ou	tenhâmos	} de louvar
hajaes		tenhaes	
hajam		tenham	

PRET. MAIS-QUE-PERF.

S. Louv-*asse* P. Louv-*ássemos*
 " *asses* " *ásseis*
 " *asse* " *ássem*

PRETERITO COMP. DO PRETERITO FUTURO COMP. DO PRETERITO

S. Houvesse	} ou	Tivesse	} louvado	S. Houvesse	} ou	Tivesse	} de louvar
houvesse		tivesse		houvesse		tivesse	
houvesse		tivesse		houvesse		tivesse	
P. houvésemos		tivéssemos		P. houvésemos		tivéssemos	
houvesseis		tivesseis		houvesseis		tivesseis	
houvessem	tivessem	houvessem	tivessem				

FUTURO

S. Louv-ar	P. Louv-armos
» <i>ares</i>	» <i>ardes</i>
» <i>ar</i>	» <i>arem</i>

PRETERITO COMP. DO FUTURO

FUTURO COMP. DO FUTURO

S. Houver	} ou	Tiver	} louvado	S. Houver	} ou	Tiver	} de louvar
houveres		tiveres		houveres		tiveres	
houver		tiver		houver		tiver	
P. houvermos		tivermos		P. houvermos		tivermos	
houverdes		tiverdes		houverdes		tiverdes	
houverem	tiverem	houverem	tiverem				

INFINITIVO

PRESENTE IMPESSOAL

Louv-ar

PRETERITO IMPESSOAL
Haver ou ter louvado

FUTURO IMPESSOAL
Haver ou ter de louvar

PRESENTE PESSOAL

S. Louv-ar	P. Louv-armos
» <i>ares</i>	» <i>ardes</i>
» <i>ar</i>	» <i>arem</i>

PRETERITO PESSOAL

FUTURO PESSOAL

S. Haver	} ou	Ter	} louvado	S. Haver	} ou	Ter	} de louvar
haveres		teres		haveres		teres	
haver		ter		haver		ter	
P. havermos		termos		P. havermos		termos	
haverdes		terdes		haverdes		terdes	
haverem	terem	haverem	terem				

GERUNDIO

Louv-ando

PRETERITO COMP. DO GERUNDIO

Havendo ou tendo louvado

FUTURO COMP. DO GERUNDIO

Havendo ou tendo de louvar

PARTICIPIO PASSADO

Louv-ado

Conjugação d'um verbo pronominal

DIGNAR-SE

INDICATIVO

PRESENTE

- S. Eu *me* digno
tu *te* dignas
elle *se* digna
P. nós *nos* dignâmos
vós *vos* dignaes
elles *se* dignam

PRETERITO

- S. Eu *me* dignei
tu *te* dignaste
elle *se* dignou
P. nós *nos* dignâmos
vós *vos* dignastes
elles *se* dignáram

FUTURO

- S. Eu *me* dignarei
tu *te* dignarás
elle *se* dignará
P. nós *nos* dignaremos
vós *vos* dignareis
elles *se* dignarão

ou

- S. Dignar-*me* ei
dignar-*te* as
dignar-*se* a
P. dignar-*nos* emos
dignar-*vos* eis
dignar-*se* ão

PRETERITO IMPERFEITO

- S. Eu *me* dignava
tu *te* dignavas
elle *se* dignava
P. nós *nos* dignavamos
vós *vos* dignaveis
elles *se* dignavam

CONDICIONAL

- S. Eu *me* dignaria
tu *te* dignarias
elle *se* dignaria
P. nós *nos* dignariamos
vós *vos* dignarieis
elles *se* dignariam

ou

- S. Dignar-*me* ia
dignar-*te* ias
dignar-*se* ia
etc.

ou

- S. Eu *me* dignára
tu *te* dignáras
elle *se* dignára
etc.

IMPERATIVO

PRESENTE

- S. Digna-*te* tu
P. dignae-*vos* vós

CONJUNCTIVO

PRESENTE

- S. Eu *me* digne
tu *te* dignes
elle *se* digne
- P. nós *nos* dignemos
vós *vos* digneis
elles *se* dignem

PRET. MAIS-QUE-PERF.

- S. Eu *me* dignasse
tu *te* dignasses
elle *se* dignasse
etc.

FUTURO

- S. Eu *me* dignar
tu *te* dignares
elle *se* dignar
etc.

INFINITIVO

PRESENTE IMPESSOAL

Dignar-se

PRESENTE PESSOAL

- S. Dignar-me eu
dignares-te tu
dignar-se elle
- P. dignarmo-nos nós
dignardes-vos vós
dignarem-se elles

GERUNDIO

Dignando-se

Observações sobre alguns verbos regulares

A.) Os verbos terminados em :

- a) **oar** — mudam o *o* em *ô* no pres. indicat. e pres. conj., excepto na 1.^a e 2.^a pessoas do plural dos ditos tempos: *coroar*, *corôo*, *corôe*; *voar*, *vôo*, *vôe*; *abençoar*, *abençoô*, *abençoôas*, etc. ;
- b) **car** — mudam o *c* em *qu* antes de *e*: *apptacar*, *apptaque*; *arrancar*, *arranque*, etc. ;
- c) **gar** — mudam o *g* em *gu* antes de *e*: *afogar*, *afogue*; *apagar*, *apague*; *folgar*, *folgue*; *jogar*, *jogue*, etc. ;
- d) **ger, gir** — mudam o *g* em *j* antes de *o*, *a*: *abranger*, *abranjo*, *abranja*; *eleger*, *elejo*, *eleja*; *erigir*, *erijo*, *erija*; *fugir*, *fujo*, *fuja*, etc. ;
- e) **guer, guir** — perdem o *u* antes de *a*, *o*: *erguer*, *êrga*, *êrgo*; *distinguir*, *distingo*, *distinga*, *distingas*, etc. (exceptua-se *arguir*);
- f) **çar** — mudam o *ç* em *c* antes de *e*: *alcançar*, *alcance* ;
- g) **cer** — mudam o *c* em *ç* antes de *a* ou *o*: *adoecer*, *adoêço*, *adoêça*, etc. ;
- h) **ear, iar** — mudam o *e* e o *i* em *ei* no pres. do ind. e pres. do conj., excepto na 1.^a e 2.^a pess. do plural (taes são: *recrear*, *cear*, *grangear*, *prantear*, *vaguear*, *anciar*, *odiar*, *commerciar*,

diligenciar, evidenciar, incendiar, licenciár, mediar, negociar, premiar, presenciár, remediar, sentenciar, etc.). Exceptua-se *crear*, cujo *e* se muda em *i*: *crio, crias, cria, creámos, creaes, criam*; e os verbos—*adiar, afixar, alliar, alumiar, aviár, contrariar, confiar, copiar, fiar, miar, saciar, tosquiar e variar*, cujo *i* se conserva sem alteração.

B). Em alguns verbos da 3.^a conjugação a penultima syllaba do infinitivo soffre as seguintes modificações, influenciada pela vogal immediata:

a) O *e* surdo passa para *i* na 1.^a pess. do sing. do pres. do ind., e em todas as do pres. do conj.: *despir, dispo, despes, despe, dispa, dispas, dispâmos, etc.* E assim os verbos—*vestir, adherir, ferir, advertir, competir, conseguir, seguir, repetir, servir, reflectir e expellir*.

Nos verbos *prevenir, aggreðir, progredir e transgredir*, aquelle *e* passa para *i* sempre que seja accentuado: *previno, prevines, previna, etc.*

b) O *ẽ* (en) nasal, não accentuado, passa para *ĩ* (in) na 1.^a pess. do sing. do pres. do ind. e em todas as do pres. do conj.: *sentir, sinto, sinta, sintâmos; mentir, minto, minta, mintâmos, etc.*

c) O *o* (pronunciado *u*) não accentuado, passa para *u* na 1.^a pess. do sing. do pres. do ind. e em todas as do pres. do conj.: *dormir, durmo, durma, durmas, durmâmos, etc.* E assim os verbos—*cobrir, descobrir e encobrir*.

Nos verbos—*cortir e sortir* o *o* muda-se em *u* quando é accentuado: *cortir, curto, curtes, curte, curtem, curta, curtas, etc.*

d) O *u* não accentuado muda-se em *o* aberto (accentuado) na 2.^a e 3.^a pess. do sing. e 3.^a do pl. do pres. do ind. e no sing. do imperat.: *acudir, acodes, acode; construir, constroes, constroe, etc.* E assim os verbos—*bulir, consumir, cuspir, destruir, engulir, fugir, ascudir, subir, sumir e tussir*.

D'esta alteração exceptuam-se os verbos—*assumir, entupir, instruir, obstruir, nutrir, punir, vir, presumir, reassumir, rugir, zumbir, supprir, etc.*

C). Nos verbos *crer* e *ler*, quando aos themas *cre* e *le* se segue *o* ou *a*, o *e* alarga-se em *ei*: *creio, creia, creias; leio, leia, leias, leíamos, leiaes, leiam*; e semelhantemente no verbo *requerer*, quando ao *r* se segue *o* ou *a*: *requero, requeria, requieras, requeramos, etc.* Em linguagem ant. a 3.^a pess. do sing. do ind. presente era sempre *requere*; actualmente escreve-se *requer*, ainda que, se se lhe seguir o pronome *o, a*, escrevemos *requere-o, requere-a*, como no verbo *querer*.

Egualmente nos verbos da 3.^a conj. cuja vogal themática é precedida de *z* (*adduzir, conduzir, deduzir, reiduzir, luzir, produzir,*

etc.), o *e* da 3.^a pess. do sing. do ind. pres. é apocopado: *adduz, conduz, deduz, reduz, luz*, etc. Finalmente, naquelles cuja vogal temática é precedida de *a* (*-air*), esta vogal alarga-se em *ai* quando não se lhe siga *i*: *saiu, saíes, saia, saias, saímos*, etc.; e assim nos verbos *cair, contrair, distrair, escair*, etc.

Conjugação de alguns verbos irregulares nos tempos onde o são (1)

1.^a CONJUGAÇÃO

D-ar

- INDIC.** PRES.: Dou, dás, dá, dâmos, daes, dão.
PRET.: Dei, déste, deu, démos, déstes, déram.
PRET. MAIS Q.-PERF.: Déra, déras, déramos, etc.
- CONJ.** PRES.: Dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem.
PRET. M.-Q.-P.: Désse, désses, déssemos, etc.
FUT.: Déer, déeres, déer, déeremos, déerdes, déerem.
- OBSERVAÇÃO.** Por este se conjuga *desdar*. *Circundar* é regular.

Est-ar

- INDIC.** PRES.: Estou, estás, está, estâmos, estaes, estão.
PRET.: Estive, estiveste, estive, estivemos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Estivera, estiveras, estivéramos, etc.
- CONJ.** PRES.: Esteja, esteja, esteja, estejam, estejam, estejam.
PRET. M.-Q.-P.: Estivesse, estivesses, estivéssemos, etc.
FUT.: Estiver, estiveres, etc.

(1) Não mencionamos o imperativo por serem as suas pessoas as mesmas do pres. do ind., tirado o *s* final.

OBSERVAÇÃO. Por este se conjuga *sobre-estar*. Os compostos — *constar* (impessoal), *obstar*, *prestar*, *restar* e *sustar* são regulares.

2ª CONJUGAÇÃO

Cab-er

- INDIC.** PRES.: Caibo, cabes, cabe, cabemos, etc.
PRET.: Coube, coubeste, coube, coubemos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Coubera, couberas, etc.
- CONJ.** PRES.: Caiba, caibas, caibâmos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Coubesse, coubesses, etc.
FUT.: Couber, couberes, etc.

Diz-er

- INDIC.** PRES.: Digo, dizes, diz, dizemos, etc.
PRET.: Disse, disseste, dissemos, etc.
FUTURO.: Direi, dirás, dirá, etc. (por — *digerei*, *digerás*, etc.).
COND.: Diria, dirias, etc. (por — *digeria*, *digerias*, etc.).
PRET. M.-Q.-P.: Dissera, disseras, disséramos, etc.
- CONJ.** PRES.: Diga, digas, digâmos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Dissesse, dissesses, disséssemos, etc.
FUT.: Dissér. disséres, etc.
PARTICÍPIO PASS.: Dito.

OBSERVAÇÃO. Por este se conjugam os compostos — *bemdizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer* e *predizer*.

Faz-er

- INDIC.** PRES.: Faço, fazes, faz, fazemos, etc.
PRET.: Fiz, fizeste, fez, fizemos, etc.
FUT.: Farei, farás, fará, etc. (por — *fagerei*, *fagerás*, etc.).
COND.: Faria, farias, fariâmos, etc. (por — *fageria*, etc.).
PRET. M.-Q.-P.: Fizera, fizeras, fizéramos, etc.
- CONJ.** PRES.: Faça, faças, façâmos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Fizesse, fizesses, fizéssemos, etc.
FUT.: Fizer, fizeres, etc.
PART. PASS.: Feito.

OBSERVAÇÃO. Por este se conjugam os compostos — *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *perfazer*, *refazer* e *satisfazer*.

Hav-er

OBSERVAÇÃO. O verbo *reaver* só se emprega nas fórmãs em que entra o *v*.

Perd-er

INDIC. PRES.: Perco, perdes, perde, perdemos, etc.

CONJ. PRES.: Perca, percas, percâmos, etc.

Pod-er

INDIC. PRES.: Posso, podes, pôde, podêmos, etc.

PRET.: Pude, podeste, pôde ou poude, podêmos, etc.

CONJ. PRES.: Possa, possas, possâmos, etc.

PRET. M.-Q.-P.: Podêsse, podêsses, etc.

FUT.: Podér, podéres, etc.

N. B. Não tem imperativo.

P-or (*po-er*)

INDIC. PRES.: Ponho, pões, põe, põmos, ponde, põem.

PRET.: Pus, poseste, pôs, posêmos, posestes, poseram.

FUT.: Porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.

PRET. IMP.: Punha, punhas, púnhamos, punheis, punham.

COND.: Poria, porias, poríamos, etc.

PRET. M.-Q.-P.: Posera, poseras, etc.

CONJ. PRES.: Ponha, ponhas, ponhâmos, etc.

PRET. M.-Q.-P.: Posêsse, posêsses, posêssemos, etc.

FUT.: Posér, poséres, posérmos, etc.

GER.: Pondo.

PART. PASS.: pôsto.

OBSERVAÇÃO. E assim os compostos — *antepôr*, *oppôr*, *compôr*, *contrapôr*, *dispôr*, *impôr*, etc.

Praz-er (*impessoal*)

INDIC. PRES.: Praz.

PRET.: Prouve.

PRET. M.-Q.-P.: Prouvera.

CONJ. PRET. M.-Q.-P.: Prouvesse.

FUT.: Prouver.

OBSERVAÇÃO. Prouve se conjuga — *apraz-er*. *Compraz-er* tem conjugação completa, e só é irregular na 3ª pess. sing. do pres. do ind. — *compraz*. Quasi sempre se emprega na fórmula pronominal — *compraz-er-se*.

Quer-er

- INDIC.** PRES.: Quero, queres, quer, queremos, etc.
PRET.: Quis, quiseste, quis, quisemos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Quisera, quiseras, quiseramos, etc.
- CONJ.** PRES.: Queira, queiras, queirâmos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Quisesse, quisesses, quiséssemos, etc.
FUT.: Quiser, quiseres, quisermos, etc.
- N. B. Não tem imperativo.

Sab-er

- INDIC.** PRES.: Sei, sabes, sabe, sabemos, etc.
PRET.: Soube, soubeste, soube, soubémos, etc.
- CONJ.** PRES.: Saiba, saibas, saibâmos, saibaes, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Soubesse, soubesses, soubessemos, etc.
FUT.: Souber, souberes, etc.

S-er e T-er

OBSERVAÇÃO. Pelo verbo *ter* se conjugam—*abster, ater, conter, deter, entreter, manter, obter, reter e suster.*

Traz-er

- INDIC.** PRES.: Trago, trazes, traz, trazemos, etc.
PRET.: Trouxe, trouxeste, trouxemos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Trouxera, trouxeras, trouxéramos, etc.
FUT.: Trarei, trará, trará, etc. (por—tragerei, tragerás, etc.)
COND.: Traia, trarias, trariamos, etc. (por—trageria, etc.)
- CONJ.** PRES.: Traga, tragas, tragamos, tragaes, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Trouxesse, trouxesses, trouxessemos, etc.
FUT.: Trazer, trazeres, etc.

Val-er

- INDIC.** PRES.: Valho, vales, vale, valemos, etc.
- CONJ.** PRES.: Valha, valhas, valhâmos, valhaes, etc.

V-er

- INDIC.** PRES.: Vejo, vês, vêmos, vêdes, vêem.
PRET.: Vi, viste, viu, vimos, vistas, viram.
- CONJ.** PRES.: Veja, vejaes, vejâmos, vejaes, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Vira, viras, viramos, vireis, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Visse, visses, vissemos, etc.
FUT.: Vir, vires, virmos, etc.
PART. PASS.: Visto.

OBSERVAÇÃO. Do mesmo modo os comp.—*antever, entrever, prever e rever. Prover* conjuga-se como *ver*, mas é regular no pret. simplese e no pret. mais-q.-perf. do ind. (*provi, proveste, etc., provêra, provêras, etc.*), no pret. mais-q.-perf. do conj. (*provêsse, provêsses, etc.*) e no part. pass. (*provido*). E do mesmo modo *desprover*.

3ª CONJUGAÇÃO

Ir (1)

INDIC. PRES.: Vou, vaes, vae, vamos (ou imos), ides, vão.
PRET.: Fui, foste, foi, fômos, fostes, fôram.
FUT.: Irei, irás, irá, iremos, ireis,irão.
PRET. IMP.: Ia, ias, ia, iam, iam, iam.
COND.: Iria, irias, iria, iriamos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Fôra, fôras, fôra, fôramos, etc.
Conj. PRES.: Vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
PRET. M.-Q.-P.: Fôsse, fôsses, fôsse, fôssemos, etc.
FUT.: Fôr, fôres, fôr, etc.
GER.: Indo.
PART. PASS.: Ido.

Ouv-ir

INDIC. PRES. Ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvís, ouvem.
CONJ. PRES. Ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçaes, ouçam.

Ped-ir

INDIC. PRES.: Peço, pedes, pede, pedimos, etc.
CONJ. PRES.: Peça, peças, peçamos, peçaes, peçam.
OBSERVAÇÃO. Do mesmo modo se conjugam os verbos—*despedir e impedir*. Semelhantemente se conjuga—*medir*.

Rem-ir (redimir)

INDIC. PRES.: Redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimam.
CONJ. PRES.: Redima, redimas, redima, redimamos, etc.

R-ir

INDIC. PRES.: Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
CONJ. PRES.: Ria, rias, ria, riâmos, riaes, riam.

(1) Este verbo, rigorosamente falando, é defectivo: completa-se com os tempos e pessoas d'outros verbos. Algumas das suas flexões provêm do verbo lat. *irè*, outras do verbo *vadere*, e outras da raiz *fu*.

V-ir

- INDIC.** PRES.: Venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
 PRET.: Vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
 PRET. IMP.: Vinha, vinhas, vínhamos, vinheis, etc.
 PRET. M.-Q.-P.: Viera, vieras, víramos, vieréis, etc.
- CONJ.** PRES.: Venha, venhas, venhâmos, etc.
 PRET. M.-P.-Q.: Viesses, viesseis, viéssemos, etc.
 FUT.: Vier, vieres, viermos, etc.
 PART. PASS.: Vindo.

OBSERVAÇÃO. Por este se conjugam os comp. — *admir, avir-se, contravir, convir, desavir, intervir e sobrevir.*

Observações sobre os verbos defectivos e impessoaes

Defectivos.— D'entre os *defectivos* carecem de pessoas, cujas terminações comecem por **a** ou **o**, os verbos—*brandir, carpir, discernir, explodir, feder, fruir, fulgir, gannir, latir*; e igualmente aquelles cujas terminações comecem por **a**, **o**, **e**: *abolir, addir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, exaurir, extorquir, fallir, florir, munir, polir, renhir, retorquir, submergir* (1). Os verbos *pre-caver* e *rehaver* não se empregam nas tres pess. do sing. e na 3^a do plural do ind. pres., no imperat. e no conj. pres.

Impessoaes (2).— Verbos *impessoaes*, propriamente di-

(1) Todavia, CASTILHO disse: *Esta amor produz, aquella os bane.* (*Metamorph.*).— *O padre extorque o fato (Fustos).*— *Que lhas extorquam.* (*Idem*); e CAMILLO: *Maneiras que disfarcem e colorem as concessões.*— *A penitencia dele as culpas.*

(2) Os verbos *impessoaes* exprimem factos sem os referir a sujeitos determinados; ao passo que os verbos *pessoaes* apresentam a acção referida á pessoa ou coisa que a produz. Aquelles tambem se lhes costuma dar o nome de *unipessoaes* por se conjugarem só nas 3^{as} pess. do singular; attende-se neste caso apeuas á fórma exterior, ao contrario da denominação de *impessoaes*, que exprime a propria essencia de taes palavras.

O verbo *haver* (transitivo) tambem póde ser empregado impessoalmente, ex.: *ha homens sabios*; — *houve grandes festas*; — *havia lá muito livro*; — *ha de haver exames em outubro*; etc.

Com o pronome indefinido *se* dá-se tambem a alguns verbos a fórma impessoal, ex.: *diz-se que ha de vir*; — *estudava-se muito então*; — *comeu-se e bebeu-se com satisfação*, etc. A indeterminação do agente é algumas vezes representada pela 3^a pess. do plural do verbo (vide *Synt., Emprego dos pron.*); e até na 3^a do singular, ex.: *faz calor*.

Na linguagem popular (e ainda nos classicos) encontram-se ás vezes orações impessoaes, tendo apezar d'isso expresso, por um modo analogo ao dos francezes, um pronome ou sujeito neutro. Ex.: *Pois sempre elle será verdade?* (GARRETT).— *Pois se elle ha dôres como laminas de ferro enterradas no peito...* (CAMILLO.)

tos, são os que em sentido proprio se usam só nas terceiras pessoas do singular, como — *pesar* (ter sentimento), *prazer* e os seguintes: *amanhecer*, *anoitecer*, *chover*, *nevar*, *orvalho*, *trovejar*, *ventar*, *relampejar*, etc., cujos sujeitos podem ser o *dia*, o *tempo*, o *céu*, a *nuvem*, etc., ordinariamente occultos; excepto quando taes verbos se empregam figuradamente. Ex.:

E (Deus) lhes choveu o manná para comer, e lhes deu pão do céu (Ant. Per. Figueiredo). (1)

Conviria substituir a denominação de *defectivos* quando applicada a verbos que sómente a merecem por motivos de euphonia — e não porque lhes faltem as flexões necessarias. O numero desses verbos é assaz grande. (2)

(1) Ainda se consideram impessoaes certos verbos, cujo sujeito é uma oração do modo infinitivo ou finito com a conjunção *que*, como os seguintes *convir* (ser conveniente), *cumprir* (ser necessario), *importar* (ser util ou conveniente, valer, interessar), *acontecer*, *parecer*, *relevar*, etc. Ex.: *Muitas vezes nas orações dos verbos impessoaes concorrem palavras no numero plural, que parece serem os sujeitos d'esses verbos* (L. COELHO, *Encyclop.*) — *A mim convem dar doutrina, a ti releva aprender sciencia, aos homens apraz ter dinheiro, ás mulheres cumprir honestidade, e a todos obedecer aos preceitos da igreja*. (J. BARROS, *Gramm.*).

O verbo *ser* tambem algumas vezes se emprega impessoalmente. Ex.: *Quando foi do terremoto, contava ella cincoenta annos*. (CAM.). — *Foi (aconteceu) uma tarde de abril* (REBELLO).

(2) Taes são os que transcrevo da *Gramm.* de Freitas Costa:

Os verbos, *adir*, *colorir*, *descomedir-se*, *emollir*, *empedernir*, *fallir*, *florir*, *renhir*, *retorquir*, só se usam nas fórmulas que podem, por harmonia, conservar a voz (i) no infinito, como *emolliram*, etc.; *falliu*, etc.; *renhis*, *retorquiu*.

Os verbos, *precaver* e *fremir* só se usam nas fórmulas que podem conservar a voz (i ou e), como *precavi*, *precavemos*, etc.; *fremi*, *fremiram*, *freme*, *fremem*, etc.

O verbo *soer* (pouco usado) só se usa nas fórmulas que podem tomar a voz (i ou e).

O verbo *rehaiver* só se usa nas fórmulas que podem conservar a letra (v), como *rehavemos*, etc.

IX

Observações supplementares (1)

1. Os verbos que contém *c*, *g*, *gu*, *qu*, soffrem pequenas alterações exigidas pela orthographia: *ficar*, *fiquei*; *cegar*, *ceguei*; *julgo*, *julguemos*; *distinguir*, *distingo*; *dirigir*, *dirijo*; *eleger*, *elejo*; *agradecer*, *agradeço*.

2. Na PRIMEIRA CONJUGAÇÃO, os verbos em *ear* e *iar* formam o presente em *eio* ou *io*, e grammaticos e escriptores nesse ponto muito se contradizem (Veja a nota a este capitulo).

A regra por onde é mais facil acertar é seguir-se a desinencia *eio*, *eia* nos verbos em *ear* ou *ear* e a desinencia *io*, *ia* nos verbos em *iar* ainda que esta distincção pareça illusoria na pronuncia geral. Digam-se, comtudo, sempre *odeio* e *premeio* por serem de uso.

Camões escreve *lisonge* em logar de *lisongeia*:

Por que a fama te exalte e te *lisonge*
Lus., IV, 101.

— E *estê* por *esteja* em varios classicos: “Por mais mudo que *estês* (Sá de Miranda).

— Sobre *crear* e *criar*. (Vide a *Syntaxe*, verbos.) Por analogia distincção formam-se de um só dous verbos: *parar* e *pairar*; *pagnar* e *punir* (com o sentido de *pagnar*).

(1) Muitas d'essas observações se acham no capitulo antecedente, mas é sempre util repetil-as no lugar em que entram com outras de igual natureza.

3. Na SEGUNDA CONJUGAÇÃO, o verbo *perder*, ainda nos classicos, apparece com as fórmãs *perdo*, *perda*, por *perco*, *perca*. E *morrer* em Camões com as variantes *mouro*, *moura*:

Mas *moura* emfim nas mãos da bruta gente.

Lus., II, 41.

Naquelle por quem *mouro* criarei

Estas reliquias suas.

Lus., III, 129.

— Eram da *segunda conjugação* no portuguez antigo *poêr* (pôr), *aduzer*, *caer*, *cinger*, *esparger*, *fenzer* e o eram tambem no latim com a terminação *êre*.

4. Na TERCEIRA CONJUGAÇÃO, os verbos que contêm *u* nas syllabas finaes mudam-no para *o* no presente: *consumo*, *consume*; *destruo*, *destruo*; *acude*, *acóde*; *fujo*, *foge*; *cuspo*, *cospe*; *engulo*, *engole*; *tusso*, *tosse*; *bulo*, *bole*; *cubro*, *cobre*; e assim *construir*, *subir*, *sacudir*, *sumir*.

Esta é a regra, mas não o era no tempo dos classicos e dos bons autores. Ha em Ferreira, Bernardes, Vieira, *acude*, *consume*, *cubre*. E em Camões:

Mas seguindo a victoria *estruê* e mata

Lus., I, 90.

Dizendo, *fuge*, *fuge*, lusitano.

Lus., II, 61.

Havia, pois, muitas incertezas, agora reduzidas a raros casos: *construe* e *constroe*.

E ha verbos de identica terminação que não fazem variar a vogal: *presumir*, *resumir*, *ruir*, *derruir* e os em *luir*: *fluir*, *diluir*.

— Irregularidade analogã é a transformação do *o* e *e* nos verbos: *sentir*, *sinto*; *ferir*, *firo*; *dormir*, *durmo*; *servir*, *sirvo*; *seguir*, *sigo*; *impedir*, *impido* (1).

(1) Em algumas edições dos *Lusiadas* e na de J. da Fonseca, encontra-se *signe* (III, 30; III, 68), que se não lê em outras

— No antigo portuguez dizia-se *senço*, *menço* (e, co-
mençar), por *mião* e *meço*; *arço*, por *ardo*, e *ovo* (por *ouço*),
ainda em Gil Vicente.

5. DOS PARTICÍPIOS, conforme o typo latino, em geral de
pouco uso, muitos se tornaram nomes e já não lembram a
origem verbal: *lévedo*, *bébedo*, ou bebado, *quéda*, *colheita*,
tinta, *cinto*.

NOTA AO CAPITULO IX

VERBOS EM *ear* E *iar*

São muito contradictorios os usos literarios quanto á
modificação da vogal (o *umlaut*) das flexões em *iar* e *ear*,
apesar das regras estabelecidas por alguns grammaticos, que
recolheram da observação os factos mais communs. Parece
que a maior parte dos taes verbos conservam a vocalização
do infinito: *copiar*, eu *copio* e não — eu *copeio*. Em *dili-
genciar* tanto se diz — eu *diligencio*, como — eu *diligenceio*.

Os verbos que têm derivação de esdruxulos ou são co-
gnatos com os esdruxulos em geral conservam a flexão
em *i*; dest'arte, temos:

- vário, *adj.* — variar — eu vario.
- calúmnia — calumniar — calumnio.
- carícia — acariciar — acaricio.
- allívio — alliviar — allívio.
- éxtase — extasiar — extasio.
- cópia — copiar — copio.
- socio — associar — associo.
- delícia — deliciar — delicio.
- repúdio — repudiar — repudio.
- notícia — noticiar — noticio.
- glória — gloriar — glorio.
- contrário — contrariar — contrario.
- princípio — principiar — principio.
- annúncio — annunciar — annuncio.
- renúncia — renunciar — renuncio.

melhores. Vide Reinhardtstœtner, *Gram.* 236. e os seus *Lusiadas*.
Quanto á alteração da vogal nos verbos registram-se os casos que
ocorrem nos classicos na minha *Selecta Classica*, em varias
notas, nomeadamente n. 181.

Entretanto ha exemplos de *gloreio* e tambem de *bazofeio* e *philosophoio* em Herculano e Camillo que provavelmente aqui buscaram approximar-se da linguagem do povo.

Mais commum é a flexão *cio, eia*, nos verbos que contêm syllabas nasaes: *penitenceio, diligenceio, anseio*, ao lado de *penitencio, diligencio e ansio*.

Ha exemplos dessa inflexão em *premeio* ou premio, *odeio, negoceio*, fóra dos casos regulares dos verbos em *ear*: *branqueio, receio, passeio*, que tem sempre a flexão *cio, eia*.

— Tambem é util registrar os verbos que não entram nas categorias antecedentes, mas conservam as flexões *iar, io, ia*. Taes são:

adiar	alliar	assoviar	porfiar
afiar	alumiar	apreciar	ampliar
fiar	criar (1)	desconfiar	ciciar
desafiar	espiar	estiar	resabiar
cofiar	miar	piar	avaliar

Em resumo, o povo modifica geralmente a flexão regular nas palavras de uso mais frequente e só a disciplina litteraria e grammatical poderá ao cabo de algum tempo fixar as alterações dessa especie.

A distincção, porém, de *ear* e *iar* no infinito é puramente graphica e por isso mesmo erudita. A pronuncia de *ear* (*re-ear*) e *iar* (*odiar*) é a mesma e pôde só distinguir-se por affectação como em *crear* pronunciado tendenciosamente como differente de *criar*.

(1) Em *criar* ha variedade de flexão originada pela forma graphica *crear* que tende a formar vocabulo independente, com sentido proprio: *Crear*, crêo, crear; e *criar* crio, cria. Em geral, os grammaticos não admittem essa dupla forma.

X

Derivação e composição. Prefixos

Palavras derivadas, em geral, são as que se formam de outras por meio de *suffixos* ou terminações: *amoroso* (de *amor* + suffixo *oso*),

Palavras compostas, em geral, são as que se formam de outras precedidas de um **PREFIXO**, ou são as que se compõem de dous ou mais termos juxtapostos. No primeiro caso, o composto diz-se por *prefixação*, v. gr.: *prever* (do prefixo *pre* e do verbo *ver*); *contradizer* (do prefixo *contra* e do verbo *dizer*), etc. No segundo caso, o vocabulo diz-se *composto por juxtaposição*: *saca-rolhas*, *pedra-pomes*.

1. — Juxtaposição

Na *juxtaposição* é muito de notar a ordem dos elementos componentes do vocabulo. Em regra, o primeiro elemento é geral e o segundo é particular e determinante. Assim, em *couve-flôr*, o elemento *couve* exprime o genero, e *flôr* a especie. Esta regra é essencial á ordem *analytica* da lingua; mas no latim a inversão é *commum* e o primeiro elemento exprime a idéa especifica. D'ahi, as excepções que se encontram nos compostos eruditos, tirados do latim ou formado de ac-

côrdo com os typos latinos de composição: *silvicultura*, *agricultura*, etc., em que os elementos *silvi* (selva) e *agri* (campo) representam o sentido particular, e *cultura* o geral.

Entre os compostos, alguns ha cujos elementos estão de tal fôrma agglutinados que a separação d'elles é de todo impossivel. Taes são: *manobra* (*man+obra*, cf. o espanhol *maniobra* e o francez *manœuvre*), de *magnus+opera*), etc. Esses compostos dizem-se *agglutinados*, por apresentarem perfeita e completa aggregação de seus elementos. Exemplos:

<i>Marmota</i>	— do lat. <i>murem montis</i> (rato montez). Do francez <i>marmotte</i> .
<i>Avestruz</i>	— <i>avis struthia</i> .
<i>Betarda</i>	— <i>avis tarda</i> .
<i>Condestavel</i>	— <i>comite stabuli</i> (intendente de estabaria).
<i>Salitre</i>	— <i>sal nitrum</i> .
<i>Pedra-húme</i>	— <i>petra alumen</i> (pedra alumina).

Ha outros casos d'estes compostos em que os elementos vieram agglutinados do latim; é o que se observa em:

<i>Ourives</i>	— do lat. <i>aurifex</i> , que é um composto de <i>aurum</i> (ouro) e do verbo <i>facere</i> (fazer).
<i>Equinoxio</i>	— do lat. <i>æquinoctium</i> , que é um composto de <i>nox</i> . (noite) e do adjectivo <i>æquus</i> (igual). Noites iguaes.
<i>Privilegio</i>	— do lat. <i>privilegium</i> , que se compõe de <i>privus</i> , particular, e <i>lex</i> , lei.
<i>Registo</i>	— do lat. <i>registum</i> , composto de <i>res+gesta</i> , cousas feitas, obradas.
<i>Trevo</i>	— do lat. <i>trifolium</i> , composto de <i>tres</i> (tres) e <i>folium</i> (folha).
<i>Ouropel</i>	— <i>auripellum</i> ; <i>auri pellis</i> , folha de ouro.
<i>Fidalgo</i>	— <i>fi</i> (filho) d'algo, origem ispanica.
<i>Vinagre</i>	— <i>Vinum acre</i> .
<i>Morcego</i>	— <i>mur</i> (rato) <i>cæcu</i> (cego).

Esses e outros nomes em que a agglutinação dos elementos é completa, sempre recebem a flexão como se fossem

vocabulos simples, pela modificação da desinencia: *registro, registros, etc.*

A essa classe correspondem os nomes de lugares e pessoas: *Monsanto, Fonseca* (monte e fonte), *Santiago* (santo Iago ou Jacob).

Os typos mais frequentes de juxtaposição de diversos elementos são os seguintes:

1. **Substantivo** mais outro substantivo. *Pedrapomes, redactor-chefe, carta-bilhete, banho-maria*. A flexão do plural d'esses nomes é feita pelos dous elementos: *redactores-chefes, cartas-bilhetes*.

2. **Substantivo** mais adjectivo, ou adjectivo mais substantivo. *Pernilongo, meio-dia, boquiaberto, grão-mestre, capitão-mór, passeio-publico, gentil-homem, balança-romana, etc.*

Os dous elementos d'este caso formam a flexão do plural: *gentis-homens, capitães-móres*. Salvo quando uma das fórmulas por natureza ou contracção conserva-se invariavel: *PERNI-longos, GRÃO-mestres, etc.*

3. **Substantivo** mais verbo, ou verbo mais substantivo. *Saca-rolha, fura-paredes, cata-vento* (v. *catar = vêr*), *porta-relogio, porta-pennas, guarda-roupa, puxavante, etc.*

Nesta classe ficam incluídos os adjectivos eruditos, da literatura e poesia, em *fero* (levar), em *gero* (trazer), em *vomo* (vomitar). Exemplos: *aligero, pestifero, flammivomo, etc.*

A flexão do plural, quando existe, só é determinada no ultimo elemento: *porta-relogio, cata-ventos*.

4. **Adjectivo mais adjectivo.** *Agridoce, doce-amargo, verde-gaio* (verde-alegre, no fr. *gai*), *lusco-fusco*. O plural, no ultimo termo: *agridoces*.

Exemplo de um aglutinado: *sestercio*, do lat. *sestercium*, composto de *semis-tertius*, isto é, dous e meio.

5. **Particula com um nome adjectivo ou substantivo.** *Entre-acto, entre-mez, sobre-mesa, contra-maré, ante-olhos, mascavado, semsaboria, bemdizer, maldizer, adeus, recém-nascido, ante-braço, sub-delegado*.

O plural, no ultimo elemento: *sobremesas, adeuses*.

Entre esses aglutinados notam-se: *benzer*, de *benedicere*; *benção*, de *benedictionem*; *biscouto*, de *bis-coctus*, duas vezes cozido; e os propriamente latinos: *Benedicto* (*bene-dictus*); *península* (*pene*=quasi, *insula*=ilha); *sandeu* (*sans dieu, sem Deus*, etymo popular, mas contestado).

São da mesma categoria, *maleficio, beneficio, malevolencia, benevolencia, intervallo, proconsul*.

6. **Compostos introduzidos no idioma por influencia de linguas estrangeiras.** Estes *compostos* são do grego, das linguas germanicas e das americanas e semiticas, na maior parte. Formam o plural como as palavras simples. (1)

a) De linguas germanicas: *high-life, tramway, roast-beef (rosbife), gentleman, sportsman*.

b) Do grego: *philosophia, chiromante, etc.*

c) De linguas semiticas: *cheque-mate, benjoim, masmorra, etc.*

(1) Comtudo, como é ainda insufficiente a disciplina classica no emprego d'estes nomes — ha quem adopte o plural das linguas originarias: *desiderata, gentlemen, etc.* Mas esse uso só se justifica em palavras que se conservaram incorruptas e na sua fórma etymologica.

d) De linguas americanas: *capoeira* (mato), *Catumby*, etc.

Vendaval	— Vent d'aval. Francez.
Gendarme	— Gens d'armes. Francez.
Fidalgo	— Hijo d'algo.
High-life	— Alta vida. Inglez.
Roast-béef	— Tostada carne. Idem.
Philosophia	— Amor da sabedoria. Grego.
Geologia	— Terra-ciencia. Idem.
Orthographia	— Correcta-escriptura. Idem.
Benjoim	— <i>Luban-Jauin</i> , incenso de Java. Arabe.
Masmorra	— <i>Mats-mora</i> , cova subterranea. Idem.
Capoeira	— <i>Oáa-paun-éra</i> , matto redondo que existiu. Tupi.
Lansquenet	— <i>Landknecht</i> , terra servidor. Germanico.
Caparosa	— <i>Kupfer-asche</i> , cobre-cinzas. Germanico.
Huguenotes	— <i>Eid-genossen</i> , a juramento ligados. Germanico. (Etymo contestado.)
Marechal	— <i>Mähre-Schalk</i> , cavallo servo. Germanico
Kermesse	— <i>Ker-misse</i> , igreja missa. Hollandez.
Caróba	— <i>Oáa</i> , matto; <i>roba</i> , amargo; lingua tupi

Com os genitivos latinos temos compostos como terremoto, jurisconsulto, suicidio, etc., de *terra*, *jus* e *se*.

Compostos modernos, a modo de apposição, dispensam por abreviatura a preposição que serve de connectivo:

Collegio Pedro II	Collegio de Pedro II.
Ministerio Saraiva	Ministerio do Snr. Saraiva.
Rapé Meuron	Rapé de Meuron.
Canhão Krupp	Canhão le Krupp.

Este genero de abreviaturas é notavelmente usado quando um dos elementos é nome proprio, ou de titulo e marca distinctiva dos objectos.

II — Prefixos

Chamam-se prefixos as particulas que entram na composição dos vocabulos: *sub*-entender, *pre*-videncia, *archi*-duque.

Os prefixos são em geral *gregos* ou *latinos*, conforme a origem.

E' escusado dizer que pelo caracter de difficuldade na analyse dos vocabulos será indispensavel para o estudioso o auxilio do mestre e dos bons dictionarios etymologicos latinos e gregos.

Os prefixos latinos mais usados são:

Ab — marca separação. *Ab-jurar*, separar-se do juramento. *Abuso*, longe do uso, desviado do uso. *Absorver*, *abdicar*. Forma *a*: amovivel (que pode ser afastada). Com a forma latina *abs* em *abster*. Alteração *au* em *ausente* de *absentem*. A forma *abs* altera-se em *es*: *esconder* de *abscondere*.

Ad — exprime direcção. Toma por assimilação as fórmãs *ac*, *ag*, *af*, *al*, *ap*, *ar*, *as*, *at*: acclamar, agravar, affirmar, apparecer, arrecear-se assentar, attender, admittir, adoptar.

Amb, **am**, **ambi**, ao redor, Ambiente, amplexo, ambidextro, amputar. Com a forma alterada em: embaixador (*ambassatorem*).

Ante — antes. Antediluviano, antepôr. (Corrijam-se os erros: *antidatar*, *anticamara* para *antedatar*, *antecamara*; é preferivel escrever *antecipar*, apesar de *anticipare* (latino). Vide *Anti* na parte dos prefixos gregos.

Bis e **bi** — duas vezes. Biscouto (duas vezes cozido), bipede (de dois pés).

Circum — ao redor. Circum-navegar, circum-polar (ao redor do pólo) circuito.

Cis, do qual é comparativo *citer*. Da parte de cá a quem: Cismotano, cisandino, cisalpino, cisplatino. Citerior, em opposição a *ulterior*.

Cum — companhia. Toma as fórmãs *col*, *co*, *cor*: *collaborar* (trabalhar com outro), *corresponder* (responder com outro), *coevo*, *consorte*, *confiar*.

Contra — contradizer, contra-tempo. Na fórmula *contro*: *controverter*.

De — direcção de cima para baixo. *Demittir* (Aur. Pimentel), *declarar*, *delegar*, *deferir*. Entra em vozes latinas e literarias. No latim pode ter a forma *d* em *d-ebil* (*de habilis*), *dever* (*de habere*, *debere*).

Di e dis — direcção para differentes partes. *Disseminar*, *disputar*, *differir*. Escreva-se *dilapidar* e não *delapidar*; *discorrer* e não *descorrer*, e distinga-se *differir* e *deferir*. Foi de máo uso o haver-se adoptado a orthographia *des* em lugar de *dis* em *desinquietao*, *desencontrado*, *desferir*, etc.

Des — longe de, sem, privação. *Deshonra*, *descobrir*, *desagradavel*. Toma ás vezes a fórmula *dis*: *diffamar*; seria preferivel escrever *defamar*, que era de uso antigamente.

En veja in.

E, ex — extracção, origem. *Excentrico* (fóra do centro). A's vezes têm as fórmãs *ef*, *e*: *efficiente*, *eleito*, *enorme* (fóra do normal), *expôr*, *enumerar*. Por vezes, supprime-se depois de *ex* o *s*: *exangue* por *exsangue*, *exilio* por *exsilio*. Acha-se alterado em *iz*: *izento* (*exempto*).

Tambem, é facil a confusão com o *e* euphónico que evita o *s* impuro: *explendido*, *expontaneo*, que são erros graphicos em lugar de *esplendido*, *espontaneo*.

Entre. Veja-se **Inter**.

Extra — além, fóra de (*comparativo latino de ex*). *Extraordinario*, *extra-legal*.

In — exprime negação. Inactivo, injustiça. Toma as formas *il, im, in, ir*: illegal, immaterial, innocente, irresoluto. Muitas vezes o nome componente não existe isolado, como em im-placavel, in-extinguivel, in-exoravel. (1)

In — exprime inclusão. Irradiar, enterrar. Sofre as assimilações notadas acima e apparece ás vezes com a forma *em*: illuminar, embarcar, implorar.

Infra, infer. De pouco uso: infra-escripto.

Inter ou Entre (*inter, intra* são comparativos latinos de *in*). — posição entre dous objectos. Entremetter-se, intervir, interceder.

Intra e intro — dentro de. Intrometter, intrinseco, intratropical. Entrar — do latim *intr-are* que é a mesma palavra com forma de verbo.

Juxta — [ao pé de.] Juxtapôr.

Male ou mal — Maldizer, malevolente (que deseja o mal). Tambem se nota o opposto *bene*: bem-dizer, benevolente.

Ne, nec — prefixo negativo que apparece em vozes latinas: ninguem (*nec-unus*) neutro (*ne-utar*) negocio (*nec-otium*) nullo (*ne-ullus*) e nas palavras *nefas, nefando, negligente* (*nec-lego*) assim formadas desde o latim.

Ob — por causa de, defronte, contra. Assimilase em *oc, of, ol, op*, etc.: occasião, offender, opposição, observar. A variante *obs* em obscuro, escuro.

Pene — significa quasi. Peninsula, *quasi ilha*; penumbra, *quasi sombra*.

(1) Sobre os prefixos *in* e *des* negativos, leia-se o que escrevi na minha *Selecta Classica*, nota 120

Per — através, por meio de. Perdurar, perverter. Assimila-se unicamente em *pel*: pellucido=penlucido. Embora expressa a amplitude da acção — perfazer, perfeito, perseguir — talvez por isso mesmo é usado por ironia e pejorativamente — perjurar, perfido. *Per* compõe *pelo per o*. A forma vernacula é *por*, pormenor, porfil ao lado de perfil e profil

Post — depois. Pospôr. No compar. lat: posterior, posteridade.

Pre — anteposição. Prever, preexistencia, pre-historico.

Preter — comparativo latino de *pre* significa além. Preterir (ir além, antecipar), preterito, previo, precoce.

Pro — em favor de, adiante. Proseguir, proclamar, propalar. Conviria preferir *promenores* e *profil* às palavras de uso menos etymologico *pormenores* e *porfil* ou *perfil*.

Re — repetição. Reedificar, reeleger, reconsiderar. Na forma *red* (retro) para trás: recuar redimir, remover, reprimir, recordar, resarcir, redarguir.

Retro — para trás, forma comparativa de *re*. Retroceder, retrospecto (vista para trás).

Satis — bastante, satisfazer.

Se — separação, em vozes latinas. Seduzir, sobrio (s-ebrio) secreto, segredo, selecto, secessão. Parece ser o mesmo prefixo de forma *sa* e *sal*: *sacudir*, *salpicar*. Não confundir as formas *se* (*septem*, sete) em semana, e *se* (pronome) em se-movente (que se move por si).

Semi — meio, metade. Semi-circulo, semi-tôma.

Sine — exclusão. Sinecura (sem trabalho). A fôrma vernacula *sem* observa-se em: semsaboria, sem razão.

Sub — debaixo. Submitter, subjugar. Assimila-se em: *suc, suf, sus*: subordinar, succeder, sufficiente, susceptivel, etc. A fôrma italiana é *sotto*: sota-vento (para baixo do soprar do vento), sotopôr (pôr em baixo), sota-piloto ou *sotopiloto*. Ha as formas alteradas: *solevantar, sopesar, soterrar, sorrir, socolor*. De *sub* originam-se os comparativos *subter* (subterfugio) e *super* e *supra* e *sursum*.

Super — em cima. Superfluo. Exprime tambem excesso e affecta as fôrmas *sor* e a vernacula *sobre*: sobre-carga, surprehender, superfino.

Susum — acima. Suspende, sustar, suspisar.

Supra — o mesmo que *super*, em cima, acima, além. Supranumerario, supramencionado.

Trans — com as fôrmas *trans, tres, tra*, exprime excesso. Transferencia, transportar, transatlantico, transmontana (além dos montes, estrella), tresvariar, tressuar, tresler (lêr além dos limites). A fôrma *tres* confunde-se com a de *tri* e *tres*.

Tri, tres — tres vezes ou tres. Triangulo, tricolor, trezentos (tres centos).

Ultra — além de. Ultramar, ultra-liberal (liberal com excesso). Forma *ulter*, ulterior. No superlativo *ultimo*.

Un, uni — uma vez. Unanime (de uma unica vontade), unicornio.

Ve — separação, pejoração, em formas latinas eruditas: *ve-sanía, ve-hemente*.

Vice — em lugar de. Vice-rei, vice-consul. Tem a fôrma *vis* em visconde (vice-conde) e a fôrma *vizô* em *vizo-rei*.

- Ab** — *Ausente* (absente); *vantagem* (*ab+ante* com o suffixo *agem*).
Escuso, de *absconsus*.
- Bis** — *Bigorna*, de *bi-cornus*.
Balança, de *bilanx*.
A palavra *viez*, que se nota melhor nos derivados *enviezar*, etc., deriva de *bifacem* (no francez *biais*).
- Cum** — *Acompanhar*, antigo *compengar*, *cum-paniare*, deriva de *cumpaniare*, ter ou comer o mesmo pão.
Contar, de *com-putare*; *comprar*, de *comparare*.
Custar, de *con-stare*, estar com, valer por.
Conhecer vem de *cognoscere*, isto é, de *cum* e *gnoscere*.
Ainda se compõem de *com*: *comer* (*comedere*), *costume* (*consuetudinem*).
- De** — *Defunto*, de *fungor*, gozar, viver.
- Des** — que é prefixo em geral negativo, póde, entretanto, indicar reforço: *desnudar*, *desalliviar* (em Camões: “De rigorosas leis *desallivaios*”, X, 149.) (Silva Ramos.) Já está indicado no lugar proprio acima.
- Ex** — Frequentemente tem no portuguez a fórma *en*, como se vê em: *ensaio*, *enxame*, etc. (*exagium*, *examen*).
Intus, dentro. Em vozes scientificas — *intus-suscepção*.
- Pro** — *Prompto*, de *promptus*, deriva de *prómere* (A. Pimentel).
- Sed** — Este prefixo, que exprime desvio, separação, só existiu no latim; mas d’ahi nos chegaram muitos vestigios: *selecção* (*legere*), *segredo* (*cernere*), *seduzir* (*ducere*).
- Sub** — *Suspirar* (*sub-spirare*); *sorrir* (*sub-ridere*); *so-papo*, por *sob-papo*. Veja acima *susum*.
- Sine** — *Simples*, de *simplex*, sem dobra. Cf. *singelo*.

Os *prefixos* originados de outras linguas estranhas são raros e representam apenas vestigios conservados em alguns vocabulos esparsos.

O artigo *al*, do arabe, com as assimilações em *ar*, *as*, é o prefixo mais abundante: *alviçaras*, *alcova*, *assude*, *arrabil*, etc.

Da lingua ingleza o prefixo *a* (*aback*, *asside*) permaneceu no verbo *enchorar*, derivado de *a+shore* (pron. *échoér*) com fórma *ch*.

Em geral, por afinidade de sentido, contam-se como *pre-fixos* simples vozes de composição frequente como *semi*, *bis*, *três*, de que tratamos, e ainda outras como *aero* (ar), *equi* (igual), *multi* (muito), que occorrem em *aerostato*, *aeroplano*, *equivalente*, *equanimidade*, *multiforme*, etc. Todos esses são *pseudo-prefixos* sem caracter de preposições. *Aer* tanto pode ser latino como grego.

III — Prefixos gregos

Os Prefixos gregos mais communs são os seguintes:

A, an — exprime negação. — *Atheu*, sem Deus, *anonymo*, sem nome. A fórma *an* usa-se antes da vogal ou *h*: *anemia* (an-hemia) sem sangue. (1)

Amphi (de ambos os lados). — *Amphibio*, o que vive de dous modos. (2)

Ana (de novo, para trás). — *Anachronico*, de tempo atrazado. *Anabaptista*, que se baptiza de novo.

Anti (contra). — *Antipapa*, *antagonista*. (3)

Apo (longe). — *Apogêo*, longe da terra. *Apo* corresponde ao latim *ab*. *Ap-helio*, longe do Sol.

(1) Não obstante, escreve-se *anhydro* (pron. anidro).

(2) O correlativo de *amphi* no latim é *amb*: *ambiente* (ambiente), *amputar* (cortar de um e outro lado)..

(3) Grande numero de palavras modernas da vida social, da medicina, em parte hybridas, foram formadas com este prefixo: anticonstitucional, anti-febril, anti-scorbutico, anti-patriotico, anti-scientifico, etc. Leia-se o que se disse a proposito de *ante* e *anti* na parte dos Prefixos latinos. E quanto a orthographia não ha uso uniforme no que respeita á união dos dous elementos ou separação por um traço.

Arch (superioridade). — *Archanjo*, o anjo superior, *archiduque*, *architecto*.

Auto (o proprio). — *Autographo*, escriptura do proprio. *Autonomo*, o que se governa a si proprio.

Cata (contra, em baixo). — *Catarrho*, que corre para baixo. Escreva-se sem *th*: *categoria*, *catechismo* e não *cathegoria*; mas escreve-se *catholico* porque o *h* não pertence ao prefixo.

Di (duas vezes), tambem *dis*. — *Diphthongo*, dous tons, *dissyllabo*.

Dia (através). — *Diametro*, medida pelo meio. *Diaphano*, que deixa ver através. (1)

Dys (mal). — *Dyspepsia*, má digestão. Escreva-se *dyscolo* e não *discolo*.

Ec (ou *ex* antes de vogal). — *Ecchymose*, *eclipse*, *eclectico*, *eczema*, *exarcha*, *exegese*, *exanthema*.

En ou *em*. — *Energia*, *encyclica*, *energumeno*, *encephalo*, *enthusiasmo*, *emblemata*, *emphase*, *embryão*.

Fôrma mais lata **endo**. — *Endosmose*, *endoderma*. E tambem **ento** — *entozoario*.

Epi (sobre). — *Epidemia*, sobre o povo; *ephemero*, sobre um dia, que dura um dia.

Eu ou *ev* (bem). — *Euphonia*, bom som. *Evangelho*, boa nova.

Hemi (metade). — *Hemispherio*, metade da esphera.

Hyper (em cima, no lat. *super*). — *Hyperboreal*, acima do boreal ou muito boreal, muito ao norte.

(1) Corresponde pelo sentido ao *per latino*, *Diabo*, no grego *diabolos*, no inglez, *devil*.

Hypo (debaixo, no lat. *sub*). — *Hypothese*, de-
baixo da afirmação, suposição.

Meta (mudança). — *Metamorphose*, mudan-
ça de fôrma, *Metaphysica*, além da *physica*; *me-
thodo*.

Micro — (pequeno). — *Microcosmo*, mundo
pequeno, rapido.

Mis, veja-se PHILO.

Mono — (um só). — *Monomania*, loucura ou
mania unica. *Monarchia*, governo de um só.

Palin (em sentido contrario). — *Palinodia*,
canto em sentido contrario, *Palimpsesto*, *palinge-
nesia*.

Pan, panto (tudo, todo). — *Panorama*, vista
de tudo. *Pantomima*, tudo gesto.

Para (ao lado). — *Paragrapho*, escripto ao
lado; *parabola*, *parallelo*, *parasita*.

Neo (novo). — *Neocatholico*, novo catholico.
Neologismo, palavra nova.

Peri (ao redor). — *Periphrase*, locução ao re-
dor, circumlocução. *Pericarpo*, ao redor do fructo
(casca).

Pro (na frente). — Igual ao latino *pro*, mas
usado nos termos gregos: *prothese*, *problema*, *pro-
logo*, *prodromo*.

A fôrma **pros**: *prosodia*, *prothese*, *proselyto*.

Philo (amigo). — *Philantropo*, amigo dos ho-
mens. O opposto é expresso por *mis*: *misantropo*,
inimigo dos homens.

Poly (muitos). — *Polyedro*, muitas faces.

Pseudo (falso). — *Pseudonymo*, nome falso.

Syn (com, lat. *cum*). — Assimila-se em *syl*,
sym, *sy*: *syntaxe*, ordem com, co-ordenação. *Syno-
pse*, vista simultanea, conspecto. *Syllogismo*, *sym-
pathia*, *systema*, etc.

Tele (ao longe). — *Telegraphar*, escrever de longe. *Telescopio*, visão de longe. *Telephone*, voz de longe.

Alguns prefixos gregos soffreram alterações phoneticas na evolução da lingua. *Diamante* (ant. *diamão*) derivou de *adamante* latino, que por sua vez veio do grego; a letra *a* de *adamante* é o prefixo *a* ou *an* negativo; *adamante*, isto é, *c* que se não quebra, se não doma, indomavel. O nome *diamante*, por influxo do francez, que produziu a fórma *iman* (fr. *aimant*). *Diamante* é já uma metathese do baixo latim e do grego.

O prefixo *arch* tem a fórma *arce* em *arcediago* (*archidiaconos*) e *arcebispo*, etc., e tinha a mesma fórma nos escriptos de Barros a palavra *Arcepelago*. (Dec. III, I, 3).

Um caso interessante do methodo de prefixação dá-se quando vem o prefixo com o suffixo, simultaneamente. Certos derivados originam-se de tal processo. *Embarcar* formou-se de *barca* com a junção simultanea do prefixo *em* e do suffixo *ar*; a junção é provadamente simultaneamente, pois nunca existiram os primitivos verbos *barcar* ou o nome *embarca*. De idetica natureza são: *alinhar*, *enfileirar*, *desasnar*, *ennobrecer*, *empobrecer*, *enriquecer*, *depauperar*, etc. Esta é a derivação *parasyntetica* (V. Said Ali — *Gramm.*, sec. 162).

Tambem digna de nota é a derivação *regressiva* quando de verbos se tiram nomes: de *replicar*, *replica*; de *gritar*, *grita*; de *mandar*, *mando*; e assim *recibo* (recebo) de receber.

XI

Derivação das palavras. Suffixos

As palavras derivadas são as que pelo menos aparentemente se formam de outras existentes na lingua: de *pedra*, formam-se as derivadas: *pedraria*, *pedreira*, *pedregulho*, etc.

A derivação denomina-se **propria**, quando as palavras se formam por meio de suffixo:

- aça — populaça,
mulheraça.
- vel — agradável,
applicavel.
- oso — bondoso,
caridoso, etc.

Derivação **impropria** é a que se faz sem suffixos, sem addição de terminações. Não é, pois, uma derivação, é, sim, apenas mudança de categoria ou de classe.

Ha dous casos principaes de derivação *impropria*:

- O ente — part. de *ser*.
- O amante — " amar.
- Tenente — de *ter*.
- Doente — le *doer*.

E tambem os participios passados:

- O feito
- A descoberta
- O achado

Estas palavras são derivadas dos adjectivos *feito*, *amante*, etc.

1. O segundo caso da *derivação impropria* é constituído pelas palavras que derivam de tempos verbaes.

Provarás	do futuro do verbo <i>provar</i> .
Blasphemia	do v. <i>blasphemar</i> .
Appello	do v. <i>appellar</i> .
Recibo	do v. <i>receber</i> .
Combate	do v. <i>combater</i> .
Duvida	do v. <i>duvidar</i> .
Sustento	do v. <i>sustentar</i> .
Equivoco	do v. <i>equivocar</i> .
Rogo	do v. <i>rogar</i> .
Commando	do v. <i>commandar</i> .
Mando	do v. <i>mandar</i> .
Liga	do v. <i>ligar</i> .
Despacho	do v. <i>despachar</i> .
Castigo	do v. <i>castigar</i> .
Adorno	do v. <i>adornar</i> .
Choro	do v. <i>chorar</i> .
Passes	do v. <i>passar</i> .

Todos estes nomes não existiam no latim e foram derivados de maneira dita *impropria*, sem accrescimento de suffixos. Convém notar que na quasi totalidade foram derivados do presente do indicativo. Em ultima analyse, o *derivado improprio* é toda a palavra que mudou de categoria grammatical, passando de verbo, adverbio, etc., para substantivo, etc.: os *porquês*, os *dizeres*, o *como*, o *responso*, (part. archaico de *responder*), etc.

Os derivados *improprios*, em resumo, são constituídos pelas seguintes classes:

Substantivos. — São derivados de qualquer categoria grammatical; de adjectivos — o *bello*, o *po-bre*, a *metralhadora*; de verbos — a *compra*, a *ven-da*, o *saber*, a *corrigenda*, etc.; de particulas — o *como*, os *ais*, o *pro*, o *contra*, etc.

2. **Adjectivos.** — São derivados de substantivos: chapéu *monstro*; actriz *cantora*; vestido *carmesim*, etc.; de verbos: *laxante*, *doente*.

3. **Palavras invariáveis.** — São derivadas de adjectivos: *caro*, *pouco*, etc.; de verbos: *durante*, *não obstante*; de substantivo: *silêncio!* etc.

Varios processos de formação explicam a riqueza progressiva das linguas.

a) a *mudança de significação* vae creando palavras novas: *doente*, *durante*, *rogo*, são apenas significados novos de palavras antigas. Assim aconteceu etymologicamente com *pensar* e *pesar*, *constar* e *custar*, originados de *pensare* e *constare*.

b) a *mudança do accento* tira de uma palavra unica duas fórmãs: *saibo* e *sabôr*; e os artigos *el* e *o* (*lo*) = *ille* e *illum*; *elle* = *o*.

Tem muito pouco primôr esse processo da derivação, o mais archaico de todos e do tempo em que o latim já se havia desnaturado. Comtudo, ainda ha quem queira criar, pelo accento, palavras novas: *estâes* e *éstase*, *genése* e *gênese*. E' de muito máo gosto. Sobre este processo de differenciação de sentido causada pela accentuação, veja-se o que digo na *Selecta Classica* (nota 187), a proposito de *flórido* e *florido*, *válido* e *valido*.

c) a *desaptação*; a flexão serve de origem a palavras novas: véo (*velum*), vela (*vela*).

d) a *composição* é outra fonte: *beija-flôr*, *vae-vem*.

e) a *analogia* de suffixos já conhecidos origina neologismos: *sentimento*.

f) de *onomatopéas* antigas ou modernas: *puff*, *frufru*, *krac*, *bufar*, *miar*, *ciciar*, *bébé*, *nêné*.

g) de *derivação erudita*: *primario* e *primeiro* (1).

Suffixos

Os suffixos constituem uma riqueza de fórmãs consideravel. Não está nos limites d'este trabalho

(1) Hermann Suchier, *apud* Grœber- *Grundriss d. rom. Philologie*, I. Meyer-Lübke, — *Gramm. des l. romanes* II.

fazer a analyse minuciosa de todos os suffixos da lingua portugueza.

Daremos aqui dos suffixos as suas applicações methodicas, e os que se distinguirem por alguma circumstancia notavel.

Os *suffixos* não têm, como succede aos prefixos, significação exacta e positiva; apresentam apenas idéa vaga e pouco definida. (1)

1. SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS

Os substantivos derivam-se de outros substantivos por meio de suffixos.

Suffixos latinos :

Ada — De limão, *limonada*; balaustre, *balausturada*.

Agem — (lat. *aticus*). Homem, *homenagem*; vassallo, *vassallagem*. A fôrma pura é *atico*: *viatico* (transformado em *viagem*).

Ado — (*atus*, jurisdicção). Consul, *consulado* protector, *protectorado*. A fôrma originaria é *ato*: *celibato*, *pariato*, *triumvirato*.

Cida — (o que mata). Compostos latinos: de mãe, *matricida*; de rei, *regicida*. Ha outros modernos: *insecticida*, *formicida*.

Aria — (lat. *aria*). *Cavallaria*, de cavallo; *carpintaria*, de carpenta.

Astro — (lat. *astrus*). *Poetastro*, de poeta; *madrasta*, de mãe, (madre); *padrasto*, de pae; *pilastro*, de pilar. Como se vê pelos exemplos, ha casos

(1) Vide anteriormente as observações feitas sobre a extensão da idéa nos *suffixos*.

de metathese: *madrasta*. E' um suffixo pejorativo.

Ulo — (diminutivo lat. *ulus*). De parte, *particula*; de animal, *animalculo*; de globo, *globulo*.

Ello — (diminutivo lat. *ellus*). De livro, *liber*, *iibello*; *capello*, chapéo, lat. *capellus* (caput).

Ela — significa acção ou effeito. *Corruptela*, *loquella*. Collectividade, *parentela*. O suffixo *ela* é diminutivo: *janella*, *fivela*, *sovela*. (1)

Ades, adas — (patronymicos). De Luso, *Lusiadas*; de Ilio, *Iliada*.

Ario, eiro — (*arius*). De louro, *loureiro*; de engenho, *engenheiro*; de vocabulo, *vocabulario*.

Ense, ez — (lat. *ensis*). De Milão, *milanez*; de França, *francez*; de Brasil, *brasiliense*.

Os suffixos gregos mais usados são:

Kratia — (governo). *Democracia*, governo pelo povo. *Bureaucracia*, governo pelos *bureaux* (2), pelo funcionalismo.

Iskos — (diminutivo). *Asterisco*, *obelisco*.

Ites — *Cosmopolita*, *israelita*, *jesuita*.

Ismo — (dos verbos gregos em *izo*). De despota, *despotismo*. *Materialismo*, *espiritualismo*, *jornalismo*, *absenteismo*.

2. SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE ADJECTIVOS

Iça, Icia — (lat. *itia*). *Justiça*, de justo; de malo, *malicia*. Na fórma *eza*: de rico, *riqueza*; pobre, *pobreza*.

Encia — (do lat. *entia*). De corpulento, *corpulencia*; de virulento, *virulencia*.

Ão e ude — (*tudiem*, lat.). De muito (*multi*),

(1) Nota do Sr. A. Pimentel.

(2) Este vocabulo é um hybridismo. Li, affirmado por um escriptor (o Dr. C. Laet), que com identico sentido, existe no grego moderno a fórma *graphelokratia*.

multidão; de apto, *aptidão*. A forma pura é *ude*; de acto, *attitude* (italiano); de quieto, *quietude*.

Suffixos gregos:

Kratia — *oligarchia*, governo de poucos.

Arch — *monarchia*, governo de um.

3. SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE VERBOS

Os principaes suffixos são:

Or — (*or*, lat.). *Orador*, de orar; *falador*, de falar; *doutor* (docêre); *credor* (credere), etc.

Ma, ismo — (do grego e latim). *Spasmo*, de pasmar. *Baptismo*, *prisma*, etc., que se derivam de verbos.

Mento — *adiamento*, de adiar; *argumento*, de arguir.

ão — (lat. *onem*). São os mais numerosos: *comparação*, de comparar, *traição*, de traír. *Fusão*, *cessão*, *redempção*.

4. ADJECTIVOS DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS

Os suffixos de mais uso são:

Al — (*alis*, lat.) De matéria, *material*; de forma, *formal*.

Forme — (lat. *formis*). De fuso, *fusiforme*. *Biforme*.

Aneo — (lat. *aneus*). De terra, *terraneo*, *subterraneo*; de tempo, *temporaneo*, *contemporaneo*, *temporão*.

Oso — (lat. *osus*). De inveja, *invejoso*; de odio, *odioso*.

Imo — (lat. *imus*). De lei (leg-it-) *legítimo*; de mar (mar-it-) *marítimo*.

5. ADJECTIVOS FORMADOS DE ADJECTIVOS

Al — E' muito commum ajuntar-se este suffixo ao adjectivo em algumas linguas, como no inglez: *canonical*, *historical*. Em portuguez, os exemplos são raros, *angelical*, de an'gelico, sendo de notar que eram frequentes no tempo de Eannez de Zurara. E' mais vulgar aos adjectivos terminados em syllaba nasal: *eternal*, *nocturnal*, *perennial*.

El — (*elis*, lat). De fido, *fiel* (*fidelis*); de cru, *cruel* (*crudelis*).

Engo — E' o suffixo germanico *ing* ou *ling*, indicando posse ou semelhança, igualdade: *verdo-engo*, *realengo*, etc.

6. ADJECTIVOS DERIVADOS DE VERBO

Ado, ido — Representam os participios latinos: de amar, *amado*; de punir, *punido*. Antigamente havia a fôrma *udo* na segunda conjugação, d'onde: *conteudo*, *contido*, de *conter*.

Ante, ente, inte — representam os participios do presente do latim: de amar, *amante*; de defender, *defendente*; de ouvir, *ouvinte*.

Vel — (*bilis*, lat.). De amar, *amavel*; de agradecer, *agradavel*. Aparece com a fôrma *bre* em *nobre* (*nobilis*, do thema *nov*, conhecido, illustre).

Undo — Fôrma gerundial' com sentido particular. Do latim: *moribundo* (*mori*, morrer); segundo (de *sequi*, seguir). *Rubicundo*, *jocundo*, *vagabundo*.

Ivo — (*ivus*, lat.). *Executivo*, de executar; *pensativo*, de pensar. *Captivo* (de *capere*, tomar, prender), etc.

7. — VERBOS DERIVADOS

Os verbos derivados, segundo alguns suffixos:

Izar — *Civilizar, humanizar, catechizar, realizar*. Este suffixo é de origem grega.

Teve a fôrma *izare* no latim.

Ficar — (*ficare*, de *fácere*, lat.). *Clarificar, fortificar, purificar*. Fazer claro, forte, puro.

Escêr — fôrma inchoativa, representa a progressão do acto. *Florir, florescer; dormir, adormecer; ferver, effervescer. Cair, esquecer* (escaecer, *excadescere*). *Morrer, esmorecer*.

Itar — *saltitar*, de saltar; *agitar*, de agir; *palpitar*, de palpar; *pipilar*, de piar. O modo de exprimir a reiteração e frequencia do acto pôde ser feito de duas formas: duplicando o suffixo, *saltitar*, de *saltar*; e tambem duplicando, por onomatopea, o prefixo ou inicio do thema: *tutucar*, de tocar (1).

8. — PARTICULAS

As particulas possuem varios elementos de composição. Dous d'elles podem ser tidos como suffixos, pela frequencia com que occorrem:

Mente — (lat. *mens, tis*). Esta palavra apresenta-se no ablativo latino e serve para a formação dos adverbios em *mente*: *boamente, grandemente, longamente*.

S — Esta letra característica do plural aggregou-se em varias linguas a numero consideravel

(1) Segundo algumas opiniões, *tutucar* é corruptela de *cutucar* (coto). Segundo o Dr. Macedo Soares, vem do verbo guarani, *cotoco*. Pôde, comtudo, haver aquella palavra, seguido o prospecto de outras onomatopeas: *gagueiar, cacarejar, papagaio e papagueiar*.

de particulas como suffixo. O facto parece inexplicavel; Litré considera-o um plural facticio: *antes, alhures, entonces* e os plebeismos *aindas, poréns, etc.*

Convém indicar que o suffixo grego *issa, prophetiza*, toma fórmas differentes no vocabulo, e é o que se nota nos vocabulos *condessa, duqueza, baroneza*, conforme já vimos, tratando do genero dos nomes.

O suffixo gothico *hardus* (all. *art*) tem no portuguez transcripções muito variadas: *baluarTE, bastARDO, covARDE, bombardARDA, espingARDA, estandarTE*.

Mais ou menos foram latinizados na idade média todo o vocabulario germanico de antiga origem.

S Y N T A X E

(Estudo da proposição e das palavras em conjuncto)



Da syntaxe em geral

Na Syntaxe estudamos os vocabulos e os grupos de vocabulos considerados em conjuncto no discurso.

Em rigor toda grammatica existe na syntaxe e, sem esta, o estudo das *fórmãs* e da *classificação*, morphologia e taxionomia, seria impossivel.

Seguimos, todavia, a ordem tradicional de conveniencia e commodidade para o ensino.

O fim da syntaxe é determinar a disposição a que devem obedecer os vocabulos para que exprimam um juízo ou *proposição*; e ainda determinar a disposição a que devem obedecer as proposições para que formem um sentido completo ou periodo.

Em verdade, muitos vocabulos juntos só têm syntaxe quando representam um juízo. Assim o grupo: *feito é barro o homem de*, não é syntactico; porém, *o homem é feito de barro*, é um grupo syntactico, porque os vocabulos estão dispostos com perfeita concordancia e dependencia e ajustados de maneira que representam uma série intelligivel de idéas.

A syntaxe, pois, divide-se em duas partes:

Syntaxe das palavras — é a que expõe as regras para expressões das relações entre as partes da proposição.

Syntaxe das proposições — é a que expõe as regras que determinam as relações entre as proposições.

Em qualquer dos casos, os factos capitaes da syntaxe são a **coordenação** dos elementos do dis-

curso e a subordinação (ou dependencia) que entre esses elementos existe.

Antes de estudar a syntaxe das palavras e dos seus usos e empregos, convém adiantar algumas noções sobre a *proposição* em geral.

Proposição é todo o agrupamento de palavras formando juízo, isto é, alguma afirmação.

A PROPOSIÇÃO contém dous elementos capitaes e indispensaveis: o *sujeito* e o *predicado*. Ha, todavia, proposições *sem sujeito*, caso de que trataremos em outro lugar e adiante.

SUJEITO é o ser de que se affirma alguma cousa.

PREDICADO é aquillo que se affirma do *sujeito*.

<i>Sujeitos</i>	<i>Predicações</i>
Os passaros	<i>voam.</i>
Os peixes	<i>não voam.</i>
A vida em Paris	<i>é dispendiosa.</i>
O tempo	<i>consome as cousas.</i>

Em certos casos, que estudaremos opportunamente, pôde prescindir-se do sujeito, pelo menos do sujeito aparente:

Chove
Troveja
Faz calor
Ha muita gente.

Como explica Leo Spitzer, o sujeito suppõe-se obliterado: *Jupiter tonat* e representa em geral uma força da natureza que não necessita expressão.

No caso do verbo *ser*, a palavra que completa o predicado, (como *dispendiosa* no exemplo acima) chama-se **attributo**.

A proposição é **simples** (Julio Cesar venceu os barbaros) ou **composta** (Veio, viu e venceu), ou **complexa**, quando, além do sentido principal, contém proposições dependentes ou accessorias (Julio Cesar, que foi um grande general romano, venceu os barbaros).

Quando tratarmos da *analyse* das proposições, desenvolveremos todas as questões que se prendem ao estudo da proposição.

II

Concordancia do sujeito e concordancia do attributo (1). Complementos

Os elementos communs da proposição, já o vimos, são o sujeito e o predicado.

Os elementos accessorios são os complementos.

As relações de concordancia dos termos capitães da proposição são de duas especies: relações do sujeito com o verbo; relações do complementivo ou attributo com o sujeito e até com o verbo.

1. — RELAÇÕES DO SUJEITO COM O VERBO

Regra geral. — O *verbo* concorda em *numero* e *pessoa* com o *sujeito*.

As casas são altas.

Os Espartanos *respeitavam* a velhice.

Eu *amo* a virtude.

Nós *iremos* depois.

Nota-se nestes exemplos que a *pessoa* e o *numero* do sujeito são exactamente a *pessoa* e o *numero* do verbo.

Esta regra é, todavia, susceptível de algumas modificações.

(1) Leia-se mais adiante o capitulo sobre as *Difficultades de concordancia*. — E tambem a respeito dos verbos *haver*, *ser*, etc., onde se analysam as questões de concordancia que aqui não têm logar. Do mesmo assumpto me occupo na *Selecta Classica*, notas 145 e 183.

1. **Sujeito colectivo.** — Quando o colectivo é seguido de *um determinativo* do plural, o verbo fica no singular, se o colectivo é geral, e pôde ir para o plural, se o colectivo é partitivo:

O exercito dos Persas invadiu a Grecia.
A maioria dos gregos pedia a paz (ou *pediam...*)

A maior parte dos homens morre antes dos vinte annos (ou *morrem...*).

A concordancia *morre* é a normal e de maior uso; só se tolera a segunda — *morrem* — quando muito distante do sujeito. Quando a acção do verbo só pôde ser attribuida á collecção e não separadamente aos individuos, o verbo preferentemente concorda com o colectivo:

“Um troço de soldados enchia o primeiro pavimento do edificio.”

E' claro que a acção de encher um pavimento não podia ser attribuida individualmente a cada soldado.

E' frequente nos classicos deparar-se o plural com qualquer colectivo:

“Ditosa condição, ditosa *gente*
Que não são de ciumes *offendidos*.”

Exemplo de dous casos diversos:

“Nunca me esquecerá aquelle dito teu — que mais *era* para temer um *exercito de ovelhas*, quando *linham* por capitão um leão, que de *leões*, se os capitaneava ovelha.”

Em geral, o colectivo fica (quando concorda no plural) a alguma distancia da palavra dependente:

Se esta *gente* que busca outro hemispherio
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que *padeçam* vituperio...
Lus., I, 23.

E ainda no *canto* III, 82:

Logo *todo o restante* se partiu,
De Lusitania *postos* em fugida.

E no canto VI:

Mas dos onze a illustrissima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias.

(est. 57)

2. — Sujeitos coordenados e unidos por e —
Quando concorrem muitos sujeitos unidos pela conjunção e ou sem conjunção, o verbo vae para o plural:

“A lua e o sol são astros.”

“Marte, Venus, a Terra, são planetas.”

Cumprê notar que, quando os sujeitos são de pessoas differentes, o verbo no plural concorda com a pessoa que tem prioridade. A segunda pessoa tem prioridade sobre a terceira, e a primeira sobre todas as outras.

— Eu e meu pae *estamos* doentes.

— Tu e Tullia *estaeis* bons.

Estas regras soffrem as seguintes modificações:

a) Embora concorram muitos sujeitos, sempre foi primor e liberdade de estylo deixar o verbo no singular desde que este os preceda na phrase:

Foi grande principio e esperança de saude. *Vida do Arc.*, I, cap. XV.

Bem dita *seja* a paz e a alegria da alma. BERNARDEZ, *Flor.*, I, 23.

Fiz occultamente pelo achar quantas diligencias me *ensinou* a importancia do mesmo caso e a afflicção do meu animo. *Id.*, I, 385.

b) Quando os sujeitos representam a mesma coisa ou pessoa, o verbo fica no singular:

“A dôr, o prazer *envelheceu-o*.”

“Seu filho e successor *subiu* ao throno um anno depois.”

c) Quando os sujeitos representam gradações da mesma idéa, o verbo fica no singular:

“Uma palavra, um olhar, um gesto *basta* para denuncial-o.”

d) Quando a enumeração fica resumida por outra palavra:

“As flôres, as arvores, os rios, tudo se *illuminou* com os raios do sol.”

3. — Sujeitos separados por intercalação. — Quando um sujeito do singular está separado de outros e entre elles o verbo, este igualmente fica no singular:

Assim Deus *quer* e a natureza.

E' construcção propria do verso. Mas ainda na prosa com as intercalações *não só... mas também* (e analogas), o verbo fica (sem rigor) no singular:

“*Não só* a morte, *mas também* a vida é inexplicavel.” (1)

(1) Exemplo colhido por Said Ali.

Não ha rigor quanto a essa regra, e a proposito escreve-me abalisado philologo, o Sr. Firmino Costa:

“Merecem attenção os seguintes exemplos de A. Herculano: “...e em que até certo ponto *estava compromettido, não só* c meu character litterario, *mas também*, o que mais importa, o meu character moral”. (Opusculos, tomo 3.º, 35.) “Com ella. *não só* a aristocracia permanente e hereditaria, *mas também* a individual e moral *seriam* inuteis.” (Ibidem, tomo 4.º, 62.) *Não somente* os hebreus hespanhoes, *mas também* aquella parte da população portugueza que era a mais rica e industriosa, ou *fugira* a occultas ou *padecera* perdas irreparaveis”. (Hist. da orig. da Inquisição, etc. I. 135). “*Não só* a consequencia d'elle impetrante, *mas*

4. — **Sujeitos unidos por nem e ou.** — A respeito de dous sujeitos, o verbó, quando só se refere a um, com exclusão de outro, fica no singular (sem rigor).

“Nem eu, nem elle será nomeado.”

O verbo, quando se refere á totalidade dos sujeitos, vae para o plural (sem rigor).

“Nem Achilles, nem Ulysses estiveram em Lisboa.”

“Nem elle, nem eu temos esperanças de nos vermos.”

“Hortelã, mangerona, ali respiram

Onde nem *frio inverno ou quente estio*

As *murcharam* jámais ou *sêccas viram.*”

5. — **Sujeitos unidos por com.** — O verbo, em geral, concorda com o primeiro:

“Napoleão com os francezes venceu a Europa.”

“O pae com os filhos saiu a passeio.”

Não obstante, quando os sujeitos cooperam todos no mesmo gráo para o fim da acção, o verbo póde ir para o plural: (1)

tambem a do pontifice *eram* interessadas em que a fé se conservasse em toda a sua integridade e pureza”. (Ibidem, I, 174.)”

E em Vieira, segundo aponta Saíd Ali:

“Os que o condemnaram á morte não *foi* só Herodes senão Herodes e mais o demonio. *Sermões*, I, 121.

A proposito do sujeito — *mais de um* — que regularmente pede o verbo no singular, acha Firmino Costa digno de nota o exemplo de Machado de Assis.

“*Mais de um* de nós *poderíamos* dizer com sinceridade como é que... (Relíquias, 146).”

(1) Exemplo colhido pelo Dr. Silva Ramos, em Rodrigues Lobo.

“Mas o velho *com* os de sua companhia lhes *pediram* que passasse ali a sesta. *Primavera*, 265.

“Que eu co' o grão Macedonio e co' o Romano
Demos lugar ao nome lusitano.”

“O tigre com os leão ganhavam dinheiro nas feiras.”

Rodrigues Lobo escreveu na *Côrte da Aldeia*, Dialogo I:

Um curioso em Italia estando com sua mulhier ao fogo
lendo o Ariosto *pranteiaram* a morte de Zerbino....

6. — **Sujeitos da fórma** — “um dos que” — O
verbo da segunda proposição deve estar no plural:

“Eu sou dos que *entendem*...
Sou *um* dos que *pensam*.”

Deve-se, pois, considerar excepçionaes (ainda
que não faltem exemplos entre os antigos) todas
as construcções como a de Julio Diniz (Pup. 3.º):

“O reitor foi *um dos que* mais *se importou* com
a preocupação do homem.” (1)

Exemplos (citados por Firmino Costa):

Um dos homens que mais *logrou* dos bens deste mundo,
foi Salomão.”

Bernardes — *Ex. esp.*, I, 299.

Elle foi *um dos* que mais contradisse el-rei.

Fernão Lopes.

Entretanto, esses exemplos já se não conformam com o
uso moderno mais geral.

7. — **Sujeito da phrase** — *é que*. — O sujeito
do plural não modifica o primeiro verbo:

“*Os moços é que serão* os velhos d'amanhã”.

(1) Trato sobrejamente do assumpto na minha *Selecta Clas-
sica*, nota 151.

2. — RELAÇÕES DO SUJEITO COM O COMPLETIVO

Attributo adjectivo. — Quando o attributo é um qualificativo, varia em genero e numero para concordar com o sujeito:

As rosas são bellas.

O cravo é branco.

Quando existem muitos sujeitos de *diversos generos*, o attributo toma o plural e o genero masculino.

As casas e os palacios são luxuosos.

Esta regra não é de rigor grammatical, mas meramente logico. Existem exemplos classicos em contrario.

“Não ficou na fortaleza *parapeito* nem *ameia* que não fosse *arrazada*.”

“O *qual* (serviço) e a *honra* que V. A. me faz e quer fazer, *ficaria frustrada* e *exposta* a um effeito tão contrario.” (1)

Esta excepção resulta de que o ultimo substantivo em concurrencia é *feminino*. Como no exemplo de Luis de Camões:

Com peitas, ouro e *daivas secretas*
Conciliam da terra os principaes.

Lusiadas, VIII — 53.

Se invertermos as primeiras palavras do primeiro exemplo, poderemos dizer, ainda que pouco elegantemente:

Os palacios e as *casas* são luxuosos.

(1) Ferreira de Andrade Junior. *Gramm.*

O melhor é incluir por ultimo o nome masculino.

Note-se, todavia, que muitas vezes se empregam os pronomes *vós* e *nós* para designar uma pessoa unica. Neste caso o attributo fica no singular:

Estamos *convencido*.
Sois *generoso* e bom.
Trabalhae e sereis *abençoado*.

J. de Barros disse: "Antes sejamos *breve* que *prolixo*", e Fernão Lopez: "Nós não somos *abastante* para compridamente louvar".

Attributo participio. — O participio é variavel quando conjugado com o verbo *ser*:

As flores *são orvalhadas* pelo relento.

Attributo do verbo TER. — O attributo d'este verbo é chamado supino, e é invariavel, segundo o uso da syntaxe moderna, e quando conjugado com o verbo *haver*:

Os classicos tinham *enriquecido* a lingua.

Comtudo, o uso da syntaxe antiga ainda é seguido, embora com certa parcimonia.

Nos *Lusiadas* é frequente a variação do participio:

Da determinação que tens *tomada* (I, 40)
Que tanto mar e terra tem *passadas* (II, 76)
Depois de ter *pisada* longamente
C'os delicados pés a area ardente (V, 47).

E em outros lugares. (1)

(1) Exemplos colhidos no *Dicionario dos Lusiadas* — de Afranio Peixoto e Pedro Pinto — pag. 28.

3. — COMPLEMENTOS

Os elementos secundarios são os complementos dos sujeitos ou dos verbos da proposição. São dispensaveis e nem sempre occorrem no periodo.

O sujeito-substantivo pôde ter duas sortes de complementos: o APPOSITIVO e o DETERMINATIVO.

Complemento appositivo. — Ha quando o substantivo é especificado por outro. Dos dous substantivos um indica o *genero* e o outro a *especie*.

O titulo de *barão*.
A Republica do *Brasil*.
A cidade do *Rio*.
O anno de *1896*.
O mez de *Setembro*.
O nome de *amigo*.

Estes complementos são appositivos e podiam ter, em vez de preposição, a simples apposição dos nomes: o titulo barão, a cidade Rio, o nome amigo. "Pela cidade Roma", diz F. Elysis — *Fab.*, II, 7.

Quando não existe a preposição, existe, não já complemento, mas simples apposição: *Montes Uraes*, *Cabo Non*, *Lago Lemano*.

Em João de Barros é commum a omissão da partícula: cidade Ormuz, cidade Goa, cidade Evora (II, II, 3; II, V, 1; III, I, 6).

E em Camões:

Já na *cidade Beja* vae tomar
Vingança...

Lusiadas, III, 64.

Exemplos familiares de apposição são os da preposição *de*, quando se designam qualidades de pessoas: o *bom* do trade, a *falsa* de sua sogra. (E' uso commum ás linguas romanas, que Vaugelas denotava como *bien étrange*, *mais bien français*).

Complemento determinativo. — E' o que exprime a determinação por outro nome designando objecto differente: *A casa do governador*. *A força do vento*. *A dedicação á patria*. *O recurso contra a calumnia*. *O gosto pelas letras*.

Estes complementos não exprimem limitação de *genero* e *especie*, como os appositivos. Aquí o complemento indica objecto de significação differente, e que não se pôde incluir na primeira. Por isso não se poderia dizer: *dedicação patria*, como se diz *cabo Trafalgar*.

Em João de Barros notam-se apposições syntacticas, como na expressão *a Deus misericordia*.

Partiram-se *a Deus misericordia* sem piloto (*Dec.*, II, I, 7.)

Havendo dous dias que andaram na lingua das ondas *a Deus misericordia*, chegaram á terra (*III*, IV, 5).

Os verbos podem ter varios complementos: *directo*, *attributivo*, *indirecto*, *circumstantial*.

Complemento directo (1) — é o nome do objecto indicado ou produzido pela acção do verbo:

Escrevi *um livro*.
Respeitemos o *uso*.

O complemento directo, quando é substantivo, não vem regido de preposição, excepto quanto aos nomes proprios (ou personificados):

Amo o estudo.
Ama *a Deus*.
Mandou *a Pedro*.
Amo todos ou a todos.

Ainda assim, quando ha dous complementos com *a*, o primeiro não tem a preposição:

Vendeu *a Pedro*.
Recommendou Pedro *a Mathias*
Vendeu José *aos mercadores*.

(1) Objecto directo.

O complemento directo, sendo infinitivo, vem precedido de preposição com alguns verbos.

Com os verbos *começar*, *acabar*, *cessar*, seguidos de infinitivo, ou *travar*, *tomar*, *arrancar*, com substantivo, o complemento directo tem a preposição *de*:

Começar *de* escrever.
Acabou *de* escrever.
Cessou *de* escrever.
Arrancam *das* espadas.

Sendo infinitivo, o complemento directo traz a preposição *a* com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar* (com mais frequencia que com a preposição *de*):

Começou *a* dizer.
Ensinou *a* falar.
Principiou *a* ler.

O complemento directo póde ser uma proposição:

"Dá *que eu possa nesta vida*, etc."
"Não estranheis *se minh'alma endouãce*."

Complemento attributivo. — Ha alguns verbos que admittem, além do complemento directo, outro complemento attributo d'esse ultimo:

Eu o nomeei *general*.
A *Herodoto* chamam o *pae da historia*.
A França declarou a *Alsacia* um *territorio neutro*.

Complemento indirecto (1) — Além do complemento directo, ha o complemento indirecto, que indica a pessoa ou cousa em vista da qual a acção é feita.

(1) Objecto Indirecto.

Em geral, o complemento indirecto representa a ampliação exigida por um verbo de sentido incompleto:

Utilizou-se do *methodo*.
Deu um livro a *João*.
Accusou o réo *de roubo*.
Admirou-se *do espectáculo*.
Emprestei-lhe um livro.

Complemento circumstancial (1). — E' o que indica circumstancia de tempo, modo, lugar, etc.:

Lugar — Passou *pela Italia*.
tempo — Ha chuvas *no verão*.
companhia — Saiu *com outros*.
causa — Desmoronou *com a chuva*, etc.

Os grammaticos e analyistas dividem os verbos em:

a) os de *predicação completa* (sufficiente ao sentido):

Pedro *morreu*.
Chove, ha tres dias.
Elle *estuda* muito.

b) os de *predicação incompleta* os que necessitam qualquer complemento:

Pedro *acabou os seus dias*.
José *estuda arithmetica*.
Choveu pedras.

Esses e outros casos cabem melhor no capitulo da *Analyse logica*.

(1) Adjuncto adverbial, como tambem lhe chamam.

III

Syntaxe do substantivo e do adjectivo

Ordem e collocação. — Os substantivos, em geral, precedem os qualificativos: *Homem trabalhador*.

Póde ser invertida a ordem: *real merito, merito real*.

Ha mister considerar que não existe arbitrariedade nestas inversões, de modo absoluto. A collocação em primeiro lugar é determinada pela emphase e pelo calor da idéa; depois, o uso já consagrou a collocação de certos epithetos que, deslocados, perderiam o significado proprio. Comparem-se os exemplos:

Santissimo Sacramento	— Sacramento Santissimo.
Altos céos	— Céos altos.
Santos padres	— Padres santos.
Amor proprio	— Proprio amor.
Belle homem	— Homem bello.
Todo homem	— Homem todo.
Certa manhã	— Manhã certa.
Máo signal	— Signal máo.
Novos homens	— Homens novos.
Causa primeira	— Primeira causa.
Dias longos	— Longos dias.

Além d'estes casos, que são numerosissimos, ha locuções em que o uso juxtapoz os vocabulos, de modo que é inadmissivel a inversão. Taes são, v. gr., *Deus padre, estrella fixa, mão direita, deputado federal, codigo civil, illustrissimo senhor*, etc., que soam como se fossem palavras compostas.

Em geral, nas chamadas clausulas de participio, este geralmente antecede: *Vistos os autos... Consideradas estas razões... Acabado o trabalho...*, etc.

E', porém, permittida a inversão: *estas razões consideradas... isto posto* ou *posto isto*, etc., mórmente com as palavras *este, esta, isto*.

Os epithetos necessarios ou de uso tradicional, em geral, precedem o substantivo: *o piedoso Eneas* (*Lus.*, II, 45), *o jacundo Ulysses* (*ib.*), *a tenebrosa noute*, *o aspero rochedo*.

Mas não é regra absoluta (*Albuquerque terribil*, *Castro forte*, *Venus bella* (*Lus.*, I, 33), e, ao contrario, é de uso pospôr os epithetos de nomes de reis ou celebridades: *Carlos, o Temerario*; *Plinio, o Moço*.

Genero. — A variação de genero dos substantivos produz frequentemente certo desvio de sentido. O feminino ganha maior extensão na idéa:

Madeiro	—	madeira
Fôlhó	—	folha
Fructo	—	fructa
Quadro	—	quadra (1)

— O nome *masculino* é o que designa a *especie*:

O *leão* é carnívoro. O *lobo* é voraz.

O feminino é usado quando não ha masculino (a avestruz, a rã, a formiga, a abelha), ou quando o feminino nos animaes de criação é o que mais nos interessa: a *gallinha*, a *ovelha*, as *pombas*.

O uso de formar femininos em *enta* dos nomes em *ente* como *presidenta*, *almiranta*, *infanta*, se tem pouco generalizado.

(1) Demos já na morphologia a explicação desses femininos que correspondem a um plural em *a*.

Tambem é digno de nota que os generos no correr do tempo soffreram variações:

A palavra *mar* foi antigamente feminina. e isto ainda se nota em *prea-mar* (*plena-mar*). Cf. o francez *la mer*.

O numero de variações historicas dos generos é bastante consideravel. *Theorema*, *planeta* e *problema* eram femininos, como o eram e são os nomes gregos em *a* desde cedo introduzidos: *freima*, *broma*, *teima*, *almorreima*. A palavra *linhagem* era masculina. Ainda hoje têm genero incerto: *scisma*, *personagem*, *phenix*. Foram outr'ora masculinos: *linguagem*, *arvore*, *tribu*, *linhagem*. Foram femininos: *clima*, *mappa*, *diadema*, *fim*, *planeta* e muitos nomes gregos terminados em *a*. Leia-se o que já escrevemos na primeira parte d'esta grammatica, a este respeito.

Lembremos os exemplos de Camões:

Mas já *a planeta* que no céu primeiro
Habita cinco vezes *apressada*...

Lus., V, 24.

Ou quem o *tribu* illustre destruiu
De Benjamin ?

Lus., III, 140.

Os adjectivos em *cz* não tinham feminino, como ainda hoje *cortez*, *montez*. Ainda no seculo XVIII escreveu Diniz:

A nossa *portuguez* casta *linguagem*.

Hyss., V.

Numero. — As variações de numero tambem denotam variação de sentido. Em regra, o plural dá sentido abstracto á palavra:

Honra — honras
Côrte — côrtes
Parte — partes
Letra — letras

— Por vezes, o numero nas palavras é uma questão de estylo. E' frequente na poesia o emprego do plural: *os céos*, *os véos*, *as maguas*, *as saudades*.

— Por vezes, o singular não envolve unidade precisamente, mas symboliza as differentes partes de igual natureza: o *dedo*, o *braço*, a *orelha*, a *perna*, o *pé*.

— Os nomes proprios, da forma do plural, que indicam unidade de tal modo que não são acompanhados de artigo, exigem a concordancia no singular. Notem-se os exemplos:

Montes-Claros fica na planicie.

Buenos Aires é maior que o Rio de Janeiro.

Comparem-se aos nomes que trazem o artigo:

Os Alpes ficam na Suissa.

Os Estados Unidos fizeram guerra á Espanha.

A imitação da syntaxe franceza occasiona certas divergencias no emprego do singular ou do plural:

Bom dia — por — bons dias.

Agua morta — — aguas mortas.

Dia de pascoas — — dia de pascoa.

Tambem é tendencia de origem franceza supprimir certos epithetos e palavras:

O gosto — por — o bom gosto.

Os costumes — — os bons costumes.

O panico — — o terror panico.

São expressões tão frequentes que parecem justificadas pelo uso actual.

Concordancia do qualificativo. — O adjectivo, em geral, concorda em genero e numero com o substantivo:

Mulher sensata

Homens velhos

Esta regra soffre diversas modificações. Quando concorrem varios substantivos, o qualificativo concorda com o ultimo:

A prudencia, a moderação, sincera. Desejos e virtudes puras.

Com os numeræes é permittida a concordancia do substantivo no plural quando se enumera: *o terceiro e o quinto imperadores.*

Não se trata aqui do caso em que o qualificativo é attributo. (Vide o Cap. antecedente.) (1)

O adjectivo *meio* pôde ser usado adverbialmente; é então invariavel:

Olhos *Meios* abertos

Pôde igualmente fazer a concordancia, como nos exemplos de A. Herculano: *meios nús* (Eur., IX), familias hebreas *meias mortas* (Inquis., I, 217).

Eu te encontrei num alcantil agreste

Meia quebrada, ó cruz.

(Harpa do Crente). (2)

Concordancia dos compostos. — Os nomes compostos tomam o plural em ambos os elementos

(1) Escreve-me Firmino Costa:

“O sr. Freire da Silva (Gramma. Port. pag. 328) acha incorrectos estes dizeres — as litteraturas franceza e italiana, os primeiro e segundo andares — ao passo que Pacheco e Lameira, em sua gramm. á pag. 557, os consideram correctos. Exemplos classicos confirmam este ultimo parecer: “com que a nobreza e povo d’esta villa se oppoz aos *estados ecclesiasticos e secular* da cidade de Braga.” Fr. Luis de Souza, Vida do Arcebispo, I, 6; “sob a relação da educação domestica, e das *affeições conjugal, filial e paternal*”. Castilho, Colloquios, 148; “*as naturezas angelica e humana*”, Bernardez, Ex. Esp. II, 559; “*aristocracias secular e ecclesiastica*”. A. Herculano, o Bobo. 8.”

Tem razão Firmino Costa. o mesmo nome proprio não escapa á concordancia, quando se quer, como fez Camões:

O quarto e o quinto *Affonsos* e o terceiro.

Lus. I. 13

(2) Veja-se a *Selecta Classica*, nota n. 138.

componentes, quando este representam a funcção propria de nomes:

Surdos-mudos
Capitães-tenentes, etc.

Quando um dos elementos tem funcção adverbial ou está atrophiado, o plural só é indicado pelo ultimo:

Sciencias physico-chimicas
Linguas neo-latinas (1)
Crianças recém-nascidas
Jornaes luso-brasileiros
Os gran-cruzes.

Emprego dos numeraes. — Os numeraes podem, como outras palavras, ser empregados substantivamente: *o cinco de ouros; quatro é o dobro de dous, cincoenta e cinco* escreve-se com dous cincos. (2)

Os numeraes cardeaes sempre precedem o nome: *vinte dias*. As excepções notam-se no estylo poetico e em alguns proverbios: "Em abril, aguas *mil*".

Os ordinaes podem ser substituidos por *cardeaes*, especialmente em numeros altos: *pagina vinte e cinco; capitulo quatorze; seculo dezenove*.

(1) Não me parece que se deva substituir *neo-latino* por *novilatin* ou peiormente *novo-latino*. Não ha hybridismo, por que nomes proprios e geographicos são inevitavelmente de todas as linguas. O composto de caracter syntatico *novilatin* é uma imitação do neologismo *novilunio*, que nunca existiu no latim (e nem existiram n'elle palavras formadas com o prefixo *novi*).

(2) Foi já notado na primeira parte que *milhão* equivale a *conto*, e que este é preferido, quando se trata de moeda: um *conto*, dez *contos*. Assim é, no uso commum. Comtudo, uma ou outra vez se deparam, nos classicos, exemplos como este de Manoel Bernardes: "Valentino Gerardo affirma... que sobre o mestre das sentenças tinham composto de commentarios naquella universidade um *conto* e cem mil auctores." *Floresta*, V. 307.

Nos seculos XV e XVI o uso dos cardeaes era frequentissimo e antecedião o substantivo, como se vê em Zurara: “Nos *doze* capitulo ãe Tobias...”.

Nesse tempo não eram de uso os ordinaes eruditos: *undecimo*, *duodecimo*, etc. Deparam-se ainda *onzeno* e *dozeno* nos classicos quinhentistas e seiscentistas.

Os numeros coordenam-se por meio da copulativa *e*: *cento e vinte e cinco*.

Collocam-se *antes* ou *depois* do nome, preferentemente *antes*, quando se designar a parte antes do todo:

Na *primeira* metade do *seculo*
No *quinto* mez do *anno*
No *segundo* canto dos *Lusiadas*
No *segundo* seculo da *era christã*.

O numero *cento* possui a fórma contracta *cem*, que se emprega sómente quando vem só ou quando precede uma unidade superior: *mil*, *milhão*, *cem mil*, *cem milhões*. Nos outros casos emprega-se *cento*, *cento e trinta*, etc.

Comtudo, na linguagem forense emprega-se *cento* por *cem*. Lê-se no *Memorial a D. João IV*, de D. Francisco Manoel:

“Mil cruzados para a parte, duzentos para as despesas da mesa e *cento* para o seu juizo.”

Os numeræes de numero elevado soffrem muitas vezes translações de sentido e perdem a noção mathematica e pura que representam.

Mil vezes obrigado.
Com mil e quatrocentas bombas!

Identica expressão emphatica, consagrada no latim do tempo de Plauto, era *sexcenti*. Na idade média, nos romances, occorre a fórmula *quingenti* (Diez). (1)

(1) Quando um numero de cousas já existe consagrado pelo uso, não é de bom conselho alteral-o sob qualquer fundamento. No 1.º manuscripto (o de Faria de Souza) dos *Lusiadas*, I, 12, estava:

Os onze de Inglaterra e o seu Magriço.

O grande poeta emendou, e excellentemente, na edição impressa.

Os doze de Inglaterra e o seu Magriço.

Por onde se conserva a expressão *doze* de Inglaterra e inclue-se, sem sommar a estes, o Magriço.

Nos numeros compostos de *um* era syntaxe antiga fazer a concordancia com o ultimo; isto é, no singular:

cento e *um* dia
vinte e *um* escudo

Syntaxe hoje fóra de uso.

Grãos. — O portuguez admite a emphase do grão, adaptando adverbios ás formulas do comparativo e do superlativo *muito mais formoso*, *mui formosissimo*, *assaz formosissimo*, etc. (1)

No espanhol, observa Salvá que a inflexão vale mais que a periphrase, e que *doutissimo* diz mais do que *muito douto*. Tambem em francez *rarisime* vale mais que *très-rare*.

(1) Escreve-me Firmino Costa:

“Neves Pereira ensina que, nas phrases — *o mais sabio e o mais constante* dos philosophos ou *o mais sabio e constante* dos philosophos, — é correcta sómente esta ultima. Do estudo, porém, dos classicos se verifica que tanto nos superlativos como nos comparativos, podemos repetir ou não os adverbios, conforme a clareza ou a euphonia da phrase o exigir, parecendo ser mais emphatica a repetição. Para não tornar longa esta nota vejamos apenas exemplos de superlativos.

“Por ser este o melhor e o mais rico porto.” Fernão M. Pinto, Liv. classica, I, 104.

“O maior e mais verdadeiro servidor.” Sem repetição do artigo.) Vieira, Cartas, I, 10.

“Mas tornava de cêra os mais duros e mais emperados corações.” Fr. Luis de Souza, Vida do Arcebispo. I, 451.

“São os mais raros e os mais fascinantes olhos que ha.” Garrett, Viagens na minha terra, I, 116.

“Louvae obras do Senhor e Senhora, porque ella é a mais nobre a mais excellente e perfeita obra do Senhor!” Bernardes. Luz e Calor, 561.

“De quem se conta nas historias a mais incrível e singular fineza.” Latino Coelho, Vasco da Gama, I, 84.”

O mesmo se dá no portuguez, e isto explica a preferencia das fórmulas syntheticas consagradas nos titulos: *illustrissimos, reverendissimos, etc.* (1)

Gráo superlativo, intensidade ou energia maior da expressão pôde ser conferida pelo adverbio *mal*, apposto a certas palavras. Assim, diz Ruy Barbosa:

“E’ muito da nossa boa linguagem, entre os que a tem sabido falar com elegancia, o emprego do adverbio *mal* na excepção de *mamente, de modo máo, muito, iniquamente, gravemente, duramente, asperamente, severamente.*”

“Vejo-me *mal* castigada”. (GIL VICENTE: *Ob.*, II, pagina 485.) (Isto é, *severamente castigada.*)

“Fareis bem de vos tornar,
Porque estou mui *mal sentido.*”

(Isto é, mui *profundamente sentido.*)

“Não somente dá vida aos *mal feridos.*”

(CAM.: *Lus.*, IX, 32.)

“Já o tyranno ia embainhando sem sangue a *mal temida espada.*” (VIEIRA: *Serm.*, v. IV, p. 105.)
Isto é, a *mui temida.*

“Quer em jogo, quer em sanha, sempre o gato *mal arranha.*” JORGE FERREIRA: *Eufros.*, c. II, sc. 4.

“Um adagiozinho, que a mandriões, como eu, regala o papo: “Mais val bem folgar, que *mal trabalhar.*” CASTILHO: *Colloq.*, p. 328. Quer dizer: mais val folgar bem, que trabalhar *muito* ou *asperamente.*”

“Muitas vezes sahia *mal-ferido* d’aquelle combate desigual.” HERCUL.: *O Bôbo*, p. 35.

(1) Talvez por essa razão, em vez de *mais sublime*, empregou Vieira *sublimissimo* na phrase:

“As quaes (cousas) se não podiam entender e penetrar só com a agudeza dos entendimentos, *por sublimes e sublimissimos* que fossem”. *Historia do fut.* Cap. II.

O superlativo relativo pede depois de si o emprego da preposição: *o mais valente DE todos.*

Os comparativos de superioridade e inferioridade pedem o emprego das locuções: *de que, do que, que.*

Mais bella do que a rosa, menos bella do que a violeta ou que a violeta. (1)

Mais e menos repellem sempre as fórmulas contraídas *muitum, quam* (muito mais, tanto menos, etc.).

Note-se que, comquanto *maior, menor, peor, etc.*, exijam a conjunção *que* (*maior que a serra*), os comparativos *superior, inferior, interior, exterior*, por esquecimento etymologico, rejeitam identica syntaxe; seria erro dizer: *superior que aquelle, etc.*

A boa syntaxe consiste em adoptar o caso sujeito depois do regimen: *mais rico que eu; mais pobre do que tu.*

No entanto é commum encontrar nos documentos antigos e algumas vezes (raras) nos livros classicos a syntaxe: *melhor que mim, mais rica que ti.* Este uso não deve ser imitado, ainda que seja analogo ao francez.

Exemplo colhido pelo Dr. Silva Ramos: o emprego de *ti* depois do comparativo:

Tão velhaca é como *ti*?

Camões, *Amphitr.*

(1) E' digno de nota que o segundo membro pôde ter a fórmula *apparentemente negativa*, quando o comparativo é fraco ou tímido na expressão: A ruina de Roma foi *mais causada* das innumeraveis gentes do Norte *que não* da sua destreza militar. (Severim — *Not.* I, 4).

Tambem o comparativo pôde exprimir-se com maior intensidade por meio de circumloquios e expressões adequadas. *Da vantagem* empregou Filinto Elysio e tambem Camões:

Mas eu por *da vantagem* merecel-os
Dei mais a vida e alma por querel-os.

O comparativo de igualdade *tam* exigem o emprego da subordinação pelo adverbio *como* ou *quanto*, *quam*. *Tam modesto, quanto sincero. Tam rapido como o raio.* (1)

Nos comparativos de superioridade e inferioridade, a syntaxe italiana exige o emprego de *de*: *più bella dei fiori*. O antigo portuguez tinha frequentes vezes syntaxe semelhante: *Mais fremosa de outras.* (2)

E ainda na lingua actual usamos, em expressões um pouco differentes, identica syntaxe: *mais de cincoenta leguas* (*mais do que cincoenta leguas*).

O uso do superlativo emphatico é classico e auctorizado. Barros diz: *muy antiquissimo*; os italianos dizem *più doctissimo*, e os latinos diziam: *longè doctissimus*. Na syntaxe antiga do portuguez dizia-se: *mui muito altos* (montes). (3)

— O gráo pôde ser determinado por varios modos. (4)

(1) Os superlativos syntheticos absolutos podem ser usados como relativos, por latinismo: *a formosissima das mulheres*, etc. Este uso é raro, sendo todavia mais frequente com os superlativos *ultimo*, *minimo*, *infimo*: *a ultima das glorias, o minimo dos seres*.

(2) Porque ei medo que alguém dirá...
que vos ameí sempre mays d'outra ren.

C. da Vat., n. 15

(3) *Diccion. de Syn.* por F. de S. Luis, n. 306.

Certos usos de elegancia deparam-nos os exemplos: o maior, o *maiorissimo* empenho (Eça de Queiroz) "*O perfeitoissimo dos homens depois de Christo, o Baptista*". Elle era o *pessimo* de todos os nascidos". Exemplos colhidos e estudados por F. Costa.

(4) Uma das fórmas populares de gráo ou emphase é feita com o prefixo *re*: *velho, revelho*.

Hei de ser *vosso* e *revosso*.

Amphitr

Na mesma *Comedia*, emphase semelhante se depara com o verbo.

Que quando estas damas taes
Me *cacham*, então *recacho*.

1. Possessivos

Os possessivos collocam-se ordinariamente antes do substantivo: *meu pae, vossa senhoria*. (1).

No antigo portuguez, seculos XII e XIII, existiam as fórmas *ma, ta, sa*, contraídas de *mia, tua, seu, sua*. Estas só eram usadas depois, e as outras, antes do substantivo: *Ma senhor (minha senhora), Senhor mia*, etc.

Os possessivos *meu* e *nosso* empregam-se em estylo comico para designar a pessoa de que se trata:

“Festiu-se o nosso deão, e rapido partiu...” Diniz,
Hyssope.

No periodo contemporaneo da lingua já se começa a dizer sem o artigo: *meu chapéo, meu livro*. A syntaxe antiga parece que quasi sempre punha o artigo em evidencia, o que se nota nas phrases consagradas pela religião e pelo estylo official: *venha a nós o teu reino; a tua vontade. A minha real camara*, etc.

O uso dos possessivos não é elegante, e é por isso frequentemente evitado com grandes vantagens no estylo idiomático da lingua.

Cortou-me o braço

(meu braço)

Ouvia-se-lhe a voz

(sua voz)

Dos tres filhos *que tenho*

(meus)

Um rei *que temos* (*Lus.*, II, 80)

A fama das victorias *que tiveram* (I, 3).

Venho *de casa*.

Terra *da patria*.

(1) Ha uma elegancia de expressão, e é recurso da nossa lingua modificar o sentido e a applicação do possessivo, quando este se colloca depois. *Minhas saudades* quer dizer — as saudades que sinto. *Saudades minhas* — as que outrem sente por mim. D’ahi, a propriedade e eloquencia singular d’estes dizeres: re-

Por isso mesmo o uso claro do possessivo é emphatico e excepcional:

Deixa-me com a *minha* dôr.
Estou na *minha* casa.
Custou-me o *meu suor*. (1)

O uso de *Vosso* nas palavras de tratamento não exige o emprego de possessivos correspondentes:

“Conceda-me *Vossa alteza* a sua graça.”
“*Vossa Reverencia* deixou aqui os *seus* livros.”

Vossa Alteza, *V. Magestade*, *V. Ex.*, *V. Senhoria*, *V. Mercê*, *Você*, são todos da terceira pessoa.

ceberás cartas *minhas* (e não *minhas cartas*). Desconfianças *minhas* (partidas de mim). Loucura *minha* (a que me é propria ou de mais ninguém). Por igual, quando a emphase está na pessoa e não na cousa ou objecto de posse, a inversão é de regra:

Formosa filha *minha*, não temaes
Lusiadas, II, 44

(1) Não se approxima d'esta *minha* opinião a de Soares Barbosa. A proposito, escreve-me Firmino Costa:

“Pela regra de Soares Barbosa (*Gramm. Port.* pag. 272) c. adjectivo possessivo se deve repetir a todos os substantivos continuados, e pela regra do sr. Freire da Silva (*Gramm. Por.* pag. 376) o possessivo, uma vez expresso, não deve ser repetido. Para o primeiro, é correcto dizer: *seus vestidos e suas joias*, e não *seus vestidos e joias*; para o segundo, *seu contentamento e espanto*, e não *seu contentamento e seu espanto*. No entanto Soares Barbosa, na propria *Grammatica*, pag. 266, escreve — *seus temores e esperanças*, e a pag. 114 — “*seus usos e propriedades*” — E agora os classicos:

“Olha que te mereço grande amor, porque sou *teu Deus*, *teu Creator e Salvador*”. Bernardes. Luz e Calor, 285.

“Tão amigos de conservarem a fé e de se dilatarem foram sempre *seus paes e avós*.” Fr. Luis de Souza, *Vida do Arcebispo*, I, 311. “Não me deixa o *meu sentimento e o meu temor*.” Vieira, *Cartas*, I, 333.

“Como se gloriam d'elles em *seus escudos e bandeiras*.” Fr. Thomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, XXV.”

2. Demonstrativos

A funcção do *demonstrativo* é algumas vezes expressa pelo artigo *o*: *os de Hespanha* (em fr. *ceux d'Espagne*), *os que admittem*. (1)

Entretanto, com a fórma *o que*, o demonstrativo não envolve sentido de terceira pessoa, como *aquelle que*:

Não sou eu *o que hei* de deixar as minhas raizes, se não vós."

VIEIRA, *Sermões*.

A fórma articular *o* evita a repetição do nome, que seria fastidiosa:

O som da minha voz era o da voz de homem.

(Herc., *Mong.*, II.)

E mesmo frequentemente nem sequer é necessario pol-a clara:

chorando,

Ella males de amor, eu da fortuna.

(*Mal. Conquist.*, III, 92.)

O sentido do demonstrativo *esse* contém o seu significativo etymologico (*ipse*, o mesmo), e que por isso é usado para indicar qualquer cousa já enunciada:

O que acreditar em mim, *esse* será o escolhido.

(1) Já escrevi em outro lugar que os *qualificativos* que por longo habito e emprego antecedem o nome, valem como demonstrativos: O *pio* Eneas, a *bella* Helena. O uso commum no estylo epistolar e na conversação deu a *caro* (*caro* amigo, *caro* snr.) o mesmo valor de mero indicativo. Foi sem duvida por isso que Camões não hesitou escrever:

Cara minha inimiga...

Soneto XVII

em vez de *minha cara inimiga*, que daria outro sentido.

Note-se o uso epistolar de *este* para o lugar donde se escreve e *esse* para o do destino da carta:

Esta cidade... (onde estou)
Partirei para *essa* cidade (a em que estás)

A mesma observação cabe ao uso de *aqui* e *ahi*.

Este, esse e aquelle em composição com *outro* ficam invariáveis: *est'outro, est'outra, est'outros e est'outras*, etc.

3. Relativos (1)

Que resolve-se em *o qual, os quaes*, etc., quando o antecedente fica distante e ha necessidade de clareza.

O livro *que* leste.
O livro da bibliotheca, *o qual* leste.

A razão é que o relativo *qual* serve desde os mais antigos tempos da lingua como recurso para distincção de uma cousa d'entre muitas, e é até *distributivo*.

Tambem serve de nexo da comparação: *feroz qual um tigre*.

Quem com a preposição *sem*, por euphonia, resolve-se em *o qual*: *Sem o qual não debes partir*.

No seculo XVI ha exemplos de syntaxe *sem quem*, e Camões disse:

“Esposo sem quem não quiz amor.”

(*Lus.*, VI, 92.)

Usa-se *com quem, de quem, para quem*.

> *Quem* pôde usar-se com referencia a cousas, comtanto que a estas se empreste idéa elevada:

A terra...

Por *quem* tanto trabalho experimentava (*Lus.*, V, 94).

As lacteas tetas lhe tremiam.

Com *quem* amor brincava (*ib.*, II, 36).

(1) Leia-se adiante a syntaxe das *Conjunções* (Palavras invariáveis).

> Qual também se emprega com a função de distributivo: *qual saiu, qual ficou.*

“Qual do cavallo desce que não vóa,
Qual co’o pennacho do elmo açouta as ancas.”

Cujo representa o genitivo latino de *que* e quem “*O homem cuja casa viste.*”

No antigo portuguez até os tempos na renovação erudita, empregava-se *cujo* como interrogativo: *Cujo é este livro? E’ um latinismo que desapareceu da lingua.*

No seculo XVI ainda *cujo* usava-se como relativo:

“El-Rei de Ormuz *cujo* este logar era.”

(Dec., II, III, 2.) (1)

Que, qual, quantos, são interrogativos *Que homens? Que causa? Que delles?*

“Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor!”

L. Palmeirim.

> A expressão *O que é a vida?* com anteposição do pronome *o*, é provavelmente um brasileirismo. O uso classico não admittte anteposição do *o*. Os bons escriptores contemporaneos confirmam a omissão: *Mulher, que me pedes tu?* (Al. Herculano, *Arrhas*, VIII.) A mesma syntaxe é observada nas linguas romanas. (2)

(1) Este uso está renovado em escriptores modernos.

> (2) O Dr. Carlos de Laet reuniu bom numero de exemplos que documentam a syntaxe do *que* interrogativo na lingua vernacula e em outras linguas romanas (V. *Microcosmo* de 26 de Março de 1888).

Entretanto, é de uso no gallego *o que*, e *il che* no dialecto florentino. nas interrogações, segundo affirma D’Ovidio (*Manual neolat*, II).

Recertemente o Dr. Ruy Barbosa em sua memoravel *Republica* (redacção do Projecto do Codigo Civil) firmou a doutrina classica do assumpto.

Os escriptores modernos portuguezes, porém, empregam geralmente — *O que* — nas frases interrogativas.

Note-se ainda no uso dos relativos:

> a) A equivalencia de *onde*, por *onde*, *em que*, *no qual*, *do qual*, *pelo qual*, etc.

Os valles *onde* (nos *quaes*) nunca soara a voz humana. (Herc., Eur., II.)

No portuguez antigo o uso de *onde* era muito mais extenso, como se vê da edição do Graal:

“Aquelle cavalleiro *onde* me tanto falou (53).

“Era Galvan tal homem *onde* se nam poderia vingar (99).

> b) E' regra geral collocar-se *que* junto ao seu antecedente, e, quando não é possível fazê-lo, como vimos acima, prefere-se o uso de *qual*. Entretanto, pôde-se discretamente e com elegancia evitar o recurso de *qual*, quando o sentido é bastante claro, de modo que facilmente se percebe o antecedente verdadeiro:

“*Muitas cousas* espantam de longe, *que* de perto provocariam riso.”

E o exemplo de Arraes:

“*Aquelle* é proximo a Deus, *que* se move pela razão e não pela ira.”

> c) O uso de *qual* em lugar de *que* é mais auctorizado depois de preposições ou particulas de duas ou mais syllabas. Com quanto se usem — *sem que*, *com que*, *de que* (e tambem *sem o qual*, *com o qual*), o melhor é sempre dizer: *segundo o qual*, *conforme o qual*, *contra o qual*, *até o qual*, etc.

Exemplos:

A razão por *que*...

A razão pela *qual*...

O fim para *que*...

O fim para o *qual*...

A prova, *conforme a qual*...

d) Na lingua archaica, encontramos em sentido adverbial e em outros usos: *canteu* (quanto eu) e *cantés* (quanto é); neste ultimo exemplo *es* está por *é* (como ainda é no castelhano a 3ª pessoa *es*, de ser, no presente indicativo).

4. — Distributivos e indefinidos

Representam função igual a de indefinidos os dizeres: *pessoa alguma, não sei o que, etc.*

Este uso provém da tradição histórica. No latim era frequente o emprego da locução substantiva: *nescio quis* ou *nescio quid*.

A palavra *homem* (*homo*, lat.) algumas vezes representa o equivalente de indefinido: *Não sei de homem que soffra... De memoria de homem, etc.*

Sabe-se que o *on* francez deriva de *homo*; a fôrma vernacula é *um* confundida com o artigo *um* (*unus*). Os exemplos nos seculos XIII e XIV são abundantes: "*Não pôde hum estar que não censure*". (1)

(1) Leia-se, que vem ao caso e a proposito, a nota de Ruy Barbosa (na sua *Replica*):

"O dr. CARNEIRO e, como elle, outros grammaticos têm por "não tolerada hoje" (*Serões*, p. 328-9) a construcção portugueza, em que *homem* entra na accepção indeterminada e vaga do *on* no francez e da particula apassivadora *se* em nossa lingua-gem, donde tem ainda os succedaneos de *um homem, uma pessoa*, ou simplesmente *um*. Mas, classicos de nosso tempo, como CASTILHO e C. CASTELLO BRANCO, ainda usaram d'esta fôrma portugueza, cuja elegancia era pena se deixasse perder:

"Tediada e impolida coisa é falar *homem* de si mesmo".
CASTILHO: *As Metamorph.*, prol., p. XI).

"O que *homem* herda
Só pôde chamar seu, quando o utiliza".
Fausto, p. 46.)

"E' mais facil cortar fundo nos outros do que arranhar *homem* em si proprio". (*Ib.*, p. 414.)

"Deserto é estar *homem* só, como succede a toda pessoa que não tem *aquillo com que mais se accende o engenho*." C. CASTELLO BRANCO: *Noites de Insemmia*, n. 2, p. 41-2.)

"Mas, se ha temeridade sandia, é querer *homem* pôr hombros de supporte ao desabar das velhas coisas." (C. CASTELLO BRANCO: *Prologo dos Combates e Criticas* de SILVA PINTO, 1882, p. XXIII.)

Na antiga lingua existia o indefinido *rem*, hoje archaico: *Non digades rem* (*Rem* = cousa; fr. *rien*).

De, partitivo, com uso analogo ao francez *de*, tem alguns exemplos nos classicos:

"Comerás *do* leite, ouvirás *dos* contos e partirás quando quizeres." Lobo — *Pastor peregr.*, II, Jorn.

"Mandei enforcar a quantas esperanças dera *de* comer." Camões, *Carta I.* (2) (3)

Uma ou outra vez este uso, que é ainda do povo, apparece em escriptores do nosso tempo. Na lingua antiga esse *de* partitivo podia vir ainda acompanhado de outra preposição como nos exemplos de Mestre Giraldo:

— Esfreguem-lhas (queixadas) muito *com do* sal e *com do* farelo (pag. 15).

— Lava o lugar *com do* vinho quente (pag. 39).

Livro de alveitaria (Res. Lus.)

Dos distributivos já vimos o uso de *qual* (a proposito dos *relativos*). Com o mesmo uso acham-se em Camões, *um, quem* e *tal*:

Tal dos mancebos ha (*Lus.*, IX, 73).

Quem se afoga nas ondas,

quem bebe o mar (I, 92).

(2) *Apud* Epiphanio Dias na *Synt. hist.* os dois exemplos ultimos citados.

(3) Outros exemplos colhidos pelo douto philologo Dr. Silva Ramos, foram publicados na edição anterior, e aqui se não incluem, por falta de espaço, mais que os seguintes:

Acido, tens ovelhas e tens cabras
De que tiras *da* lã, tiras *do* leite.

(Camões, *Egloga XIII.*)

Não quero comer *do* pão,
Nem *do* vinho beberei.

(Garrett — *Romanceiro*, T. I. pg. 152.)

Trazem *das* flôres vermelhas,
Das brancas para o enfeitar.

Idem, pg. 163).

Um *môe* o cravo e a canella
Outro *môe do* gerzeli.

(Idem, T. II, pg. 9.)

Os distributivos partitivos e os indefinidos não oferecem dificuldades de uso. Façamos, porém, as seguintes observações:

— Quando a proposição é de sentido *negativo*, prefere-se no rosto da phrase a palavra *algum* posposta ao substantivo, ou *nenhum* anteposto:

Homem *algum* poderá saber.
Nenhum homem poderá saber.

A primeira diz mais e é mais emphatica que a segunda. (1)

A proposição será sempre *negativa*, se *algum* ou *nenhum* (com sentido negativo) não estiverem no rosto da phrase:

Não o saberá homem *algum*.
Não o saberá *nenhum* homem.
Ninguem escutou cousa *alguma*.

Affirmando a *negativa*, diz-se: *não sei nada*. Exclue-se o *não* da interrogativa se esta envolve duvida:

Quem sabe lá *nada* da outra vida?

Herc., *Mong.*, IX.

— *Nenhum* pôde ser usado com sentido affirmativo e equivalente ao de *qualquer* na expressão — *mais que nenhum*: n'este caso, a proposição será sempre de forma affirmativa:

Thetys quer *ferir*, *mais que nenhuma*.

Lus., IX, 48.

(1) Esse acompanhamento da negativa é muito frequente com *al* desde as mais antigas épocas da lingua (Carol. Michaëlis — *Canc. da Ajuda, glossario*):

Ja me non pode en al prestar. 45.
E non por al 2943.

E nos raros empregos de *al* na linguagem moderna “de por *al* não convier”, não dizes *al*”, o sentido de duvida ou negação é o que prevalece.

Um em relação a todos os demais é partitivo:

“Um é o que governa, os outros são os governados.”

Note-se o exemplo seguinte:

Os alifantes seguem a *um*, os groux a *um*, as abelhas a *uma*. Heitor Pinto, *Imagem da vida christã*, I, V, 132.

— *Cada qual* e *cada um* têm proximamente o mesmo sentido; *cada qual* fica proximo do verbo, o que póde não succeder a *cada um*.

Cada um dos soldados trazia lança e espada
(e não cada qual dos soldados)
cada qual trazia lança e espada.
“De idade *cada qual* era mancebo.”

Camões — *Egl.*, IV.

São distributivos *muitos*, *poucos*, *muitos de*, *os mais de* ou *do*, *poucos de*, *poucos dos*, etc.:

Estas *poucas* de lagrimas derramadas. (F. Alvarez do Oriente, *Lus. Transf.*, 171.)

* Nestes *poucos de dias* que Deus lhe dá de trabalho. (Fr. Luis de Souza — *Vida do Arceb.*, I, 208.)

Raras vezes, *todos* se emprega com a funcção de distributivo e equivalente a *cada qual*, *cada um* (onde estes talvez fossem preferiveis):

“E aqui quadra o que disse o Padre Famiano Strada, que quando *muitos* ouvem o que deseja o principe, *todos* fazem por levar a dianteira *aos mais*, para que não pareçam que não queriam, querendo em ultimo lugar.” M. Bernardez, *Floresta*, IV, 226.

Parece que dizendo *todos* não haveria lugar para *os mais*. Quando a idéa de universalidade se torna imprescindivel, é costume mais geral dizer “*todos e cada um*” n'uma unica locução.

— Todo usa-se geralmente com ou sem artigo no singular: *Todo o homem*, ou *todo homem*; *toda a mulher* ou *toda mulher*; *toda a terra*, ou *toda terra*.

No plural, porém, o uso de hoje é fazer seguil-o do artigo:

Todos os homens.

Todas as terras.

Em outro tempo havia o uso de dizer ou escrever: — *todas terras*, *todas partes* — e assim *todos homens*. syntaxe rara em outro tempo e agora inteiramente desusada.

Os archaismos — *todos os dias* — *todas as pessoas* — que o povo ainda repete em varios lugares, demonstram o uso geral do artigo. (1)

(1) Veja C. Goes — *Syntaxe*; Said Ali — *Diff. da l. port. e outros*.

IV

Syntaxe do pronome pessoal

Da collocação do pronome pessoal enclítico trataremos na lição que será consagrada especialmente ao assumpto.

Ordem. — Quando occorrem dous pronomes antes do verbo, o pronome sujeito vae antes do outro: *Mandou que tu lhe entregasse o livro.* Com a primeira pessoa, póde-se todavia dizer: *Que lhe eu entregasse.*

Era esta a syntaxe antiga. Nos bons seculos das letras era uso da lingua collocar por ultimo o pronome sujeito. Eis o que se lê na Regra de S. Bento: "*a qual cousa se a tu ouvires*". Hoje dizemos: *se tu a ouvires.*

Sempre esta syntaxe foi a dos classicos, mórmente quando occorria o pronome *lhe*:

"Em vestir-se de lan que lhe elle desse." (F. Alvarez do Oriente, *Lus. transf.*)

Duplicação. — E' um caso de emphase a duplicação de idéas, constituindo *idiotismo* romanico:

Eu me parece que viverci pouco.

Irmã, já a não tenho.

Que me importa a mim, a gloria? (Eur., VIII.)

Ou se lha dão a ella as bellas flôres (*Lus.*, IX, 61).

— Outro emprego de duplicação se nota, quando depois do possessivo *seu* occorre o complemento pronominal — *d'elles*: “*Contemplavam as montanhas e notavam a sua formosura d'ellas.*”

E cousa analoga encontra-se na ed. do Graal:

“...falou dos *seus* peccados *que fez.*”

Aquella syntaxe é classica e pura. Nesse uso não ha pleonasma. E' um recurso com que a lingua portugueza supre a falta do pronome romantico *loro*, no francez *leur*: *leurs enfants*, os seus filhos *d'elles*. No castelhano antigo existiu a fórma *lures*.

— Uso proprio e idiomatico da lingua portugueza é omitir os pronomes sujeitos:

Oh não te *chamarei* ingrata;
Sou filho teu: meus ossos *cobre* ao menos.
Garrett (*Camões*).

Entretanto, se ha necessidade de emphase e ha collocação indirecta, o pronome deve estar claro.

No dialogo: — “Sim, repliquei *eu*”, é de uso frequente.

Infeliz patria, serves *tu*, princeza,
Tu, senhora dos mares!
Garrett (*ib.*).

Notem-se ainda os seguintes empregos:

a) Na linguagem familiar usa-se de *seu*, *sua* (talvez contracção de *Snr.*, ou confusão com esta palavra), no sentido de *ocê*:

Dê cá um abraço, *seu* diabo,
seu magricela do inferno,
G. d'Amorim. (1)

(1) Gramm. de Meyer-Lübke, III, 95. “E em Machado de Assis: — *Seu* barbeiro, *ocê* é pernóstico — *Quincas Borba.*” (Nota de Firmino Costa).

Em identico estylo, o possessivo *seu* exprime valor ou quantidade incerta, mas approximativa:

“Tem os *seus* vinte contos de reis”, isto é, não muito menos. E por igual: Elle conhece bem a *sua* medicina, fala bem o *seu* inglez”, como se equivallesse: conhece a medicina quanto a *conhece*, etc. Castilho, indicando os personagens das *Sabichonas*, diz: “Gonçalo André — cavalheiro rico, *seus* cincoenta annos”, isto é, cincoenta approximadamente.

b) Com emphase faz-se acompanhar o pronome *eu* do reforço *de mim* (ou *por mim*):

Eu *de mim* não quero coisa alguma.

Da me non venni, disse Dante; no italiano a emphase estende-se a outros casos: *da noi, da te, da per te, da noi me- desimè*, etc.

Casos obliquos — Entre os pessoaes, os accusativos têm a funcção de dativo e accusativo:

Dat. — Elle *me* deu o livro.

Acc. — Elle *me* reprehendeu.

O mesmo se vê com os outros pronomes, excepto com o da terceira pessoa, em que o dativo é expresso por *lhe*; e o accusativo, por *o* ou *a*:

Deu-*lhe* o livro.

Reprehendeu-o.

Ainda aqui convém notar que nos tempos preliminares do periodo classico, no *Palmeirim de Inglaterra*, por exemplo, encontra-se a syntaxe *lhe=o: reprehendeu-lhe*. No castelhano tambem *le* e *lo* são equivalentes em varios casos. Não são poucos os verbos que admittem o regimen *directo* ou *indirecto* (gozar *o*, gozar *de*, usar *de*, usar *o*, etc.).

A syntaxe popular brasileira: *vi-elle, amo-ella*, por *vi-o, amo-a*, era da lingua archaica e ante-classica.

— E', todavia, e até elegante conservar o pronome *elle* como objecto em objectos compostos (dois ou mais), como nos exemplos: El-rei... degradou *elle* e os filhos (Fernão Lopes (*Chron. de D. Pedro*, c. 4). Veja Raul Apocalypse — *L. port.*, *Notas*, pag. 69.

Se e *si*, sendo reflexivos, referem-se naturalmente ao sujeito da proposição. Não é correcto dizer-se: Falei *comsigo* (com V.). Falei de *si* (de V.). O uso correcto manda dizer:

“*Pedro* falou de *si* (d'elle Pedro e não de vós).

“*Você* quer tudo para *si* (isto é, para você).

“Leve o revolver *comsigo* (isto é, com você). (1)

Igualmente, da mesma maneira que *me* e *te*, o pronome *se* pôde ser accusativo ou dativo:

“Deu-se o incommodo de vir.”

“O auctor reserva-se o direito...”

(1) Estes dous ultimos exemplos são tirados dos interessantes *Estudos de portuguez* do Sr. A. R. Nobrega (1900), mas para contradictal-o. E' certo que em Portugal, hoje em dia, o pronome *si* é preferido a *você* ou ao *senhor* (talvez porque estas duas ultimas formulas são, uma muito familiar e a outra muito cerimoniosa), e d'este uso só se encontram exemplos nos dialogos dos romances e do theatro; mas creio que não é cousa que se imite, nem muito menos se aconselhe. A proposito lembra-me Firmino Costa o exame dos seguintes exemplos.

“Tinha este sollicito Prelado guardado em uma grande arca a quantidade de trigo, *que* era necessaria naquelle anno para *si* e seus subditos”. (Bernardez, Nova floresta, III, 376). “Encontrou Jacob um monge, que, reparando no malancolico do seu rosto, o obrigou a vir *comsigo* para a cella.” (Idem, II, 359.) Acho que o segundo exemplo está de conformidade com a regra. e no primeiro é evidente que *si* sendo *pessoal* não se ha de referir a *trigo* ou a *quantidade*.

Muitos para ler é a discussão, critica e copia de exemplos reunidos por João Curioso — *Camillo e as caturricas dos puristas*, pags. 141 e segs.

Comparação. — Depois do termo de uma comparação, usa-se do pronome nominativo: *mais serio que eu; mais vivo que tu.*

A syntaxe franceza adopta o obliquo *moi* em vez de *je*: *plus agé que moi*. Entre os seiscentistas, como já notámos, não é raro vêr identica syntaxe: *mais forte do que ti*. Nos proprios quinhentistas, em Sá de Miranda (ap. Moraes), encontra-se a syntaxe: *Tinha mais experiencia que ti*. E em Camões (*Redondilhas*): "*Por que sois maior que mim*". (1)

(1) A expressão *mais que*, quando ao *mais* não se segue o qualificativo, exprime um grão intermediario entre o *positivo* e o *superlativo*, mas que exclue toda a comparação. Taes são: *mais que perfeito*, *mais que humano* — que significam não *multo perfeito* ou *multo humano* e antes ao contrario, fóra do perfeito, acima do humano.

Co'o nome do mancebo mais que afouto.

F. Elysio. Ode aos novos Gamas.

V

Syntaxe do artigo

O artigo exerce a função de determinativo: *o homem*. Por isso substantiva qualquer palavra: *o bom, o querer*.

Esta função é um tropo; a natureza essencial do artigo (*ille*) fal-o-ia empregar como pronome da terceira pessoa relativa. E' o que já se observa no latim barbaro: *vidit illum*. Data do baixo latim.

O artigo exerce a função de terceira pessoa pronominal: *viu-o, ama-o*.

Esta função representa a syntaxe genuina do latim: *ille, a, ud*. Data do latim culto.

O artigo exerce a função de demonstrativo: *os de Lisboa* (em francez, *ceux de Lisbonne*).

Esta função, que não existia no latim puro, tambem era usual no antigo portuguez e nos tempos classicos: *Escolha qual melhor lhe parecer* (qual = o que). Nos proprios seiscentistas ainda se observa o uso de *o* como demonstrativo separado do seu complemento: *E como os reis são os a quem mais neste mundo se furta*. (Auctor da — *A. de furta*, 67.) Este uso é um primor de linguagem que se deve zelar ainda hoje. "E já pôde ser que alguns dos que aqui estão, que deseja deixar no mundo memoria do seu engenho, saiba nesta occasião, o em que o pôde empregar melhor." Rodr. Loba. (*Côrte na Aldeia*, Dial. I.)

Combinações. — O *artigo* compõe-se com varias fórmãs grammaticaes, de ordinario com a antiga: *lo*. Com os verbos: *amalo*, *fazelo*, *sahemollo*, *dizeilo*, etc.

Com os pronomes *vos*, *nos*: eu *volo* disse, elle *nolo* contou. Com *por* e *per*: pelo, polo (ant.) e ainda com outras palavras, como se prova com os antigos documentos, e com certos plebeismos: *todos* dias, *ambolos* braços, *tralas*, paredes, *Tralos* Montes, eu *mailo* companheiro, *vêdelo*, *disselo*; e com as expressões de uso: *alafim*, *alafé*, *eilo*, *eilos*.

A persistencia da fórmula antiga *lo*, *la* é particularmente notada depois de — *s* — desde a antiga lingua: *poi'lo*, *mai'lotra'lo*, *Deu'la* fez (*Canc. da Ajuda*) e vive ainda no linguajar do povo.

Empregos mais notaveis. 1. — Usa-se antes dos nomes proprios para determinál-os: o *Lopo*, o *Antonio*, o *Camões*, o *Tasso*, etc. A França, o Tejo, etc.

O artigo teria mais adequado uso com os cognomes do que com os nomes; por isso diz-se o *Tasso* (e não o *Torquato*), o *Camões*, etc. Da mesma fórmula, os italianos dizem *il Tasso* e nunca *il Dante* (como por erro dizemos: o Dante). *Dante*, sendo prenome, não tolera entre elles o artigo; dizem simplesmente *Dante*, ou, se preferem o cognome, *l'Alighieri*.

Esta syntaxe tambem é observada com certos limites no portuguez. Dizemos *Jesus* e não o *Jesus*; podemos, todavia, dizer *Christo*, ou o *Christo*, ou o *Christo Jesus*. A palavra *Christo* é um adjectivo e significa o — *ungido*.

Com os nomes de paizes o artigo não era usado na syntaxe antiga. Dizia-se *Terra de França*; *nasceu em Italia*, *em Portugal*, *em Castella*. “As terras viciosas de *Africa* e de *Asia* (*Lus.*, 1, 2). Hoje, o uso do artigo é muito commum. Diz-se: *a França*, *a Allemanha*: comtudo, não se diz *a Cas-*

tella, o Portugal. Os espanhóes dizem: *Republica de Chile, gobierno de Mexico*, etc., sem artigo.

Os nomes de cidade, quando não são appellativos, como *Porto, Bahia, Rio*, nunca trazem o artigo: *Paris, Berlim*, etc. Ha, todavia, algumas cidades que são nomeadas com artigo: *o Cairo, a Méca, a Havana, a Corunha, a Rochella, o Havre, a Haya*. (1)

Ainda que os nomes de cidades, de natureza appellativos, se usem com artigo (*o Porto, a Bahia*), todavia, quando compostos, repellem-n'o: *Villa-nova, Pontes-vedras, Porto-Alegre, Meia-Ponte*.

2. — Usa-se o artigo antes dos nomes de titulos: *o Padre Mathias, o Visconde de Porto Seguro, o Conselheiro Albuquerque*.

Esta regra soffre modificações determinadas pelo uso. As fórmas contractas *frei, dom, são*, não admittem artigo: *Frei José, Dom João, São Pedro*. O titulo *soror* é um puro latinismo e repelle o artigo: *soror Violante*.

No mesmo caso estão as fórmas de tratamento originadas de lingua estrangeira: *Sir Robert, madame X, Lord N*.

Exceptuam-se usos especiaes: *o lord mayor, os lords* do almirantado.

3. E' um pouco arbitrario o uso do artigo nas apparições. Nota-se, porém o seguinte:

a) Nos cognomes de reis e celebridades é de uso geral: *Pedro, o Crú; Affonso, o Sabio*.

b) Usa-se sem artigo o mesmo cognome, quando da geographia: *Paulo Veronez: Scipião Africano* (ou o Africano).

Igualmente com os ordinaes: *Luiz Quinto; Affonso Decimo*. Excepto quando o numeral precede: *o sexto Affonso*. (Vide *Apposição*.) E' uso muito moderno, porque os classicos sempre escreviam: *D. João o terceiro, Affonso o quarto*. D'onde se conclue que este é o uso melhor.

— Convém notar aqui o influxo da syntaxe franceza. E' um gallicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excellencia o deputado, Sua Alteza o principe, Sua Santidade o Papa*. Estes gallicismos foram adoptados geralmente na lingua

(1) E, ainda em espanhol: *La Vera Cruz*; e em francez do sec. VI *Le Liège* (Meyer-Lübke). Fernão Mendes Pinto diz: *o Pequim*.

para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a excellencia do sr. deputado, a alteza do principe*, como mandaria dizer a vernaculidade. (1)

4. Usa-se o artigo antes dos pronomes e adjectivos possessivos: *meu, teu, vosso, seu*, etc.: *o meu chapéo, o teu carro*.

No estylo familiar é mais commum supprimir o artigo: *meu livro*.

Desde os documentos mais antigos nota-se este uso do artigo. Vê-se identica syntaxe nas orações da igreja, de linguagem naturalmente antiga e pura: *Venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade*, etc. Nos antigos papeis officiaes: *a minha real camara, os meus dominios*, etc., conforme já observamos noutro logar.

A presença do artigo modifica o sentido. Um grammatico poderia dizer: *a syntaxe é meu dominio* (uma das cousas que estudo), e *a grammatica é o meu dominio*.

Vê-se que a locução *o meu* abrange o todo; *meu*, apenas uma parte. D'ahi vem a supressão frequente do artigo nos dizeres que exprimem ser unico o objecto possuido: *meu estomago, minha cabeça, meu pae, minha mãe, minh'alma*.

5. O artigo tem muitas vezes um valor pronominal, uma funcção obscura e latente, por effeito de ellipse: "*Deus ás de Villa Diogo*". "*Foi ás do cabo*".

Omissão do artigo. Além das excepções ao emprego do artigo já apontadas, notemos os seguintes usos:

a) Omittese o artigo, quando concorrem estreitamente duas idéas, de modo que apenas re-

(1) Escreve-me o meu douto collaborador, Firmino Costa: "Nã *Chronica da Comp.* do padre S. de Vasconcellos encontra-se a seguinte phrase: "communicou a coisa á *Alteza de el-rei Dom João o III*" pag. 3; "Assim da *Alteza d'El-rei Dom João*, como tambem de seu governador" pag. 18."

O titulo de *alteza* era o que se dava aos reis de Portugal, e que depois passou aos principes. O de *magestade* foi introduzido com o dominio espanhol dos Filipens.

presentam uma idéa unida: *mar e céo; um e outro; mãos e pés; pés e cabeça; alma e corpo.*

b) Omitté-se nas expressões como esta: o homem *mais* competente (e não — o homem o mais competente — o que seria inútil gallicismo). Isto, quando ha repetição do artigo: o homem o mais competente. Quando a não ha, a construcção é portuguezissima: “Escriptores os mais competentes”.

c) Omitté-se o artigo na enumeração de synonymos, e é indispensavel na enumeração de antonymos:

O sol, estrella fixa.

A lua, planeta, astro secundario.

A luz e as trevas. O dia e a noute.

“Surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme.”
(Herc., *Eur.*, IV, 3.)

d) No antigo portuguez, até o seculo XIV, e raramente depois, encontra-se a syntaxe *o um* analoga ao uso francez *l'un*:

“E enlegerom dous, o *hum*, foi Joseph e o outro Mathias. (Act. dos Apost., C. I, v. 23. *Apud.* — Inéditos de Alcobaça.) (1)

e) Omitté-se geralmente nos *latinismos* poeticos: *Noto, Boreas, Austro, Zephyro*, e cousas personificadas: Amor, Fortuna, Natureza ou Natura.

Quem viu *em fortuna* haver firmeza

Lus., IV, 51.

A quem *amor* não dera um só desgosto.

Lus., IX, 75.

(1) Veja-se no *Palmeirim* de F. Moraes, conforme o exemplo que me communicou Firmino Costa: “E saíram d’ella duas donas, a *uma* acompanhada como pessoa de preço, a *outra* só.” I. 220.

f) Omittese no uso commum nas expressões: saber *geographia*, falar *inglez*. O emprego do artigo é preferivel. E' de Diniz, no Hyss. V. 110:

De tanto peso pois é saber o *francez*?

E em Camões:

Quem sabe a *lingua hispana*

Lus., VII, 25.

De indole igual é a expressão *falar verdade* ou *falar a verdade*, sendo que a primeira é de muito a preferida e mais conforme a idéa que exprime. Fr. Luis de Sousa disse *falar verdade*:

“Replicou a rainha que diferentes eram as informações, que d'este tinha e dadas por pessoas que sabia lhe falavam verdade. *Vida do Arceb.*, I, cap. VI.

E tambem Camões nos *Lusiadas*, IX, 45:

Fala verdade, havida por verdade.

g) Omittese o artigo quando as cousas são designadas indeterminadamente (no que hoje por gallicismo é costume empregar-se *um uns*). Leiam e meditem os seguintes exemplos de Camões:

Desejasse *piloto* para a India... (II, 70)

Vereis *amor da patria* não movido. (I, 10)

Busca *mouro*... que lhe mande... (I, 83)

e de Lobo (*Cond.* III):

Achou Nunalvares *casa* nobre e rica,
mulher perfeita e *terras* abundantes.”

h) Omittie-se antes do *que* interrogativo. *Que é isto? Que é sciencia? — e não — o que é isto? o que é a sciencia?*

E' o uso classico, mas não o de hoje em Portugal nem no Brasil.

i) Omittie-se ainda o artigo em expressões usadas em sentido de genero ou especie: *orgulho não é vicio.*

j) A expressão *el-rei*, já contendo o artigo *el*, não admitte outro. Comtudo, e não é para imitar, um ou outro escriptor empregou o artigo.

"Só o *el-rei* podesse julgal-os." (Jorge de Vasconcellos, *Tavola redonda*, Cap. I, 2.)

No antigo uso classico omittia-se geralmente o artigo antes dos nomes de terras: Asia, Africa, Franca, Espanha, salvo quando havia plural para alguns delles (então divididos): *as Italias, as Espanhas, as Allemanhas:*

As terras de Africa
Veiu de França
Viveu em Italia.

E' gallicismo usual empregar o artigo em phrases como estas:

O livro de que sou o autor
A nação de que elle é o embaixador.
Etc.

Onde o artigo é desnecessario.

São francezas ou afrancezadas as construcções seguintes, em que o artigo tambem é dispensavel:

Tenho entre *as* mãos (entre mãos).
Ouvir *a* missa.
E' *a* hora de partir (é hora).

INDEFINIDOS E PARTITIVOS

O artigo indefinido é de uso parcimonioso na lingua pura. Comtudo, por influxo francez, começam a correr phrases e expressões do feitiço:

E' *um* livro digno de leitura.
Deve ser *uma* doutrina perigosa.
Soffreu *um* martyrio terrivel.

Onde este — *um* — seria perfeitamente dispensavel, e sempre se vê omisso nos classicos e nos bons escriptos. O sentido de *um* dá certa emphase á phrase. Quando escrevo:

José é *doutor*,

apenas indico o titulo, que cabe a José; mas se escrever

José é *um* doutor,

o sentido é de que elle é verdadeiramente profissional de merito. D'ahi as expressões: é *um* assassino, é *um* ladrão" — que expressam muito mais que — é assassino ou é ladrão.

— Por outro lado, a indeterminação de *um* na fórma do plural, indica a approximativa:

Dê-me *umas* pennas (algumas).
Tem *uns* quarenta annos (cerca de quarenta).

— Tambem é francezismo dizer *um outro* por *outro*, como se vê frequentemente em designações de objectos:

Quero *um outro* (quero outro).

PARTITIVOS

A respeito dos *partitivos*, *do*, *da*, *dos*, *das*, veja-se o que escrevemos no capitulo dos adjectivos e é escusado aqui repetir.

VI

Syntaxe do verbo e de alguns verbos especiaes

Correlação dos tempos dos verbos

Os verbos transitivos podem ser empregados como intransitivos: *quero e posso; lê e escreve.*

Os intransitivos podem ser empregados, ainda que mais raramente, como transitivos:

Dormimos somnos alheios
Os nossos não os dormimos

Sá de Miranda.

Outros differentes modismos podem substituir o citado.
Ex.:

"*O somno que todos nós dormiremos... A deliciosa vida que naquellas terras se vive.*"

"*A outra vida que d'antes vivi.*"

Garrett — *Folh. cah.*, 149.

Ha alguns casos em que a denegação do intransitivo é um gallicismo: *chove improperios, troveja applausos.* No francez esta syntaxe é admissivel e justificavel pela presença do sujeito apparente: *il.* Em vernaculo, se ha de dizer *chovem improperios, trovejam applausos;* os ultimos elementos d'estes dizeres serão então os sujeitos do verbo.

Andar, em Camões:

...philosophos que *andaram* tantas terras (V, 53).

E' util recordar aqui a função de *andar* diversa de *ir* e *estar* em composição:

Estou *escrevendo* (estado simultaneo)

Ando *viajando* (acção concomitante)

Vae *anotecendo* (acção progressiva).

Estas acções continuativas podem expressar-se por varios verbos: *loca* a escrever, *entrou* a lamentar-se; *poz-se* a chorar, *deitou* a correr — expressões que marcam o inicio de acção que deve prolongar-se.

Passear — frequentativo de *passar*, etymologicamente é transitivo. Póde-se dizer: *passear terras estranhas*, etc.

Entrar, em Camões, Lus. VIII, 37:

Primeiro *entrando* as portas da cidade.

Pensar. Em geral todos os verbos que expressam o pensamento e occupação de espirito, têm regimen indirecto:

Penso em ti.

Cuido de ti.

Meditei em muitas coisas.

Mas, literariamente é possível dizer: cuidei os teus negocios, meditei os teus infortunios.

Não é inutil ajuntar que o verbo *pensar* tinha (e tem ainda) o sentido de tratar, alimentar: *pensar* o cavallo. (Com este sentido ha, como no francez, as palavras *pensão*, *pensionar*, *pensionista*). Nos *Lusiadas*, de Camões, não se emprega o verbo *pensar* vez nenhuma, e sempre disse o poeta *cuidar* (cogitare) e *imaginar*. Foi depois de vulgarizado o vocabulo *pensamento* que se deu a *pensar* o sentido de cogitar, imaginar, crêr.

Calar — também era transitivo e ainda se usa como tal em certas expressões: *calar os motivos, as razões*.

Deparar é também transitivo: Santo Antonio *depara* (faz apparecer) as cousas perdidas. *Deparou-se-me* um livro.

E' incorrecto dizer: *deparei com o livro* — ou — *deparei o livro*, ainda que se encontrem exemplos d'essa incorrecção em Filinto Elysio e outros.

A voz passiva tem complemento adverbial regido de *por*: foi amado *pelos* paes.

A syntaxe latina dava a esse complemento a regencia *de, per* ou *ab*. A regencia *per* predominou no portuguez, porém a regencia *a* — tem alguns exemplos com participios: *morto a pedra, morto a fome*, que aliás se explicam por outra syntaxe. A regencia *de* torna-se necessaria com os participios usados como adjectivos: ornado *de* flôres; crivado *de* settas. Esta regencia nota-se ainda com os verbos *acompanhar, seguir, preceder, cercar*, etc.: cercado *de* soldados; acompanhados *de* homens; precedido *de* crianças. Fr. L. de Souza disse: “feito *de* pincel”.

O character de *passividade* é menos intenso nas fórmulas nominaes do verbo. Ha participios passivos, depoentes, que são usados como activos: homem *lido, viajado, ousado, calado* (v. Participios).

E' digna de nota a passiva em que se suprime o infinito *ser*:

Merece lido (ser lido)... o livro.
Convem estudado (ser estudado)...

Este uso, algo esquecido, tende a resurgir entre os escriptores de hoje.

— Ha infinitos que accumulam a funcção das duas vozes: deixei *comer* o queijo pelo rato. (Julio Ribeiro).

E é o que se observa nas expressões já notadas: é de *suppor* (suppor-se), é de *ver* (ver-se), é de *crêr* (crêr-se), etc. (1).

(1) Escreve-me o douto philologo Firmino Costa:

“Nos classicos antigos é raro vir representado por um verbo no infinito o objecto directo do verbo *pedir* o que é hoje muito usado em phrases como esta — *peço-lhe remetter-me duas peças de renda*, Bernardez, porém, fornece-nos em os Exercicios Espirituaes, parte 2.^a, estes exemplos: “Tu és aquella palavra aspera, de que os tementes a Deus *pedem* com David *ser livres*” pag. 230 “E quando separados *pedem* outra vez unir-se” pag. 333.

O verbo *incorrer* é usado como transitivo e como intransitivo:

“Si peccares, incorrerás todas as miserias.” Bernardez, Ex. Esp., 1,204;

“Incorrer em todos os castigos da ira de Deus” Ibidem, 231;

“Porque não tremem os que incorrem em semelhante culpa, de incorrer semelhante pena?” Ibidem, 245.

Bellegarde, em seu livro *Vocabulos e Locuções*, e com elle quasi todos os grammaticos, consideram incorrecto dar o pronome *o* como objecto directo do verbo *chamar*, quando este se emprega por appellidar — *chamar-lhe audaz* e não *chama-o audaz*. Na verdade, essa anomalia é abonada pelos classicos. A construcção condemnada é hoje, entretanto, muy seguida pelos bons escriptores, e ainda ha pouco, o sr. J. R. escreveu: “porque os reis já não existem mais e são pois naturezas problematicas, como os *chama* o critico.”

Fr. Luis de Souza e Francisco de Moraes usaram em taes casos não só do pronome *lhe* como tambem do pronome *o*, conforme os exemplos d’este ultimo:

“Martyres os *chamavam* os companheiros.” Vida do Arcebispo, 1, 14.”

“Não sabeis si os chameis pilotos, si cocheiros, si cavallos.” Idem, 192.

“E por isso a *chamavam* a Floresta Desastrada.” *Palmeirim*, 1,51.”

Usos especiaes de alguns verbos

Notem-se os empregos seguintes:

a) para significar *existencia* e varios matizes d'essa idéa, o idioma possui, além de *ser* e *estar*, grande numero de verbos:

Acho-me doente.
Sinto-me envelhecido.
Viu-se empobrecido.
Anda alegre.
Quedou-se surprehendido.

b) a fórma verbal é de *mister* (e tambem *ha mister*) é um defectivo e só tem terceiras pessoas:

Eram de mister muitas considerações.
Há mister cumprir a lei."

c) o verbo *fazer* emprega-se frequentemente para evitar a repetição de outro verbo anterior.
Ex.:

O melhor é *rir-se* como o *fazia* Democrito.

— Não é estranho que d'elle zombem, quando é o primeiro a *fazel-o* (a zombar) de si proprio. (1)

(1) No especial sentido em que costumam os francezes empregar o verbo *faire* (*faire le menuisier*), emprega-se *usar de*, como escreveu Camões:

Dae ao demo essa tenção,
Usae antes de *cortez*.

Amphitr. 1, sc. 3.

Tambem é notavel o uso de *fazer* como defectivo, como neste exemplo de Vieira:

"Os nossos proprios vicios *faz* que *sejam* testemunhas da nossa fé. (*Sermões selectos*, vol. 4, pag. 2).

Aqui o verbo *fazer* é impessoal como nas phrases: *faz* cinco annos (e não *fazem*). Veja o estudo do verbo impessoal.

— Ainda é de notar o uso do verbo *fazer* em orações sem sujeito (1):

Faz cinco annos que...
(e não *fazem...*)

Faz agora dois annos que estive em Lisboa
(Camillo)

— A mesma tendência nada recommendavel para o character impessoal observa-se nos verbos: *bastar*, *chegar*, *importar*: *basta cinco* (bastam) (Antonio José). Que me *importa* a mim espiões? (Camillo).

Pertence ao linguajar inculto do povo.

d) Certos verbos, por exprimirem vagamente movimentos ou percepções de si incompletas, de ordinario compõem-se com outros. Taes são os verbos que significam actividade dos sentidos (ver, ouvir), *parecer*, *semelhar*, *afigurar-se*.

Ouço cantar.
Vi sair a lua.
Mandei retirar os moveis.
Fiz transportar o piano.

“*Manda vir cheiros, joias, galas, espelhos.*”

Vieira.

Este modismo pôde ser muito generalizado:

Quero falar e não posso.
Anceio encontrar o amigo.
Espero vencer este combate.
Falta acabar o capitulo.

“*Deem-lhe mais navegar a vela e remos...*
Deem-lhe perder nas aguas o piloto.”

Ius., V, 88.

(1) Veja *Controversias* de Ferreira dos Santos (Ceará, 1920), em que se combate a teima occasional de um professor que, aliás, reconhece a boa doutrina.

Na passiva esses verbos duplos constroem-se como no exemplo:

“Algumas vezes *foi ouvido* cantar em voz baixa e sentida uma letra pouco aparada no metro... (Frei Luis de Souza — *Vida do Arceeb.*, t. I, capitulo 5.)

e) Diz-se *acordar* e não *acordar-se*, no sentido de despertar. *Acordar-se* significa especialmente recordar-se. Ex.:

“Fazei por merecer o appellido que herdastes *acordando-vos* que o nascimento de todos é igual.”
(Jac. Freire, *D. João de Castro*, II, 32.)

f) Do verbo *criar* modernamente querem fazer dous verbos: *crear*, *crêo*, *crêas* no sentido de dar vida, fazer; e *criar* no sentido de educar, nutrir. E diz-se de conformidade com esta regra:

“Deus *creou* o mundo.”
“As difficuldades que elles *crearam*.”
“A mãe *cria* o filhinho.”
“Os sertanejos *criam* o gado.”

Os classicos nunca fizeram essa inutil distincção, e antes sempre diziam *criar*:

Mas falta lhes pincel, faltam-lhes côres,
Honra, premio, favor que as artes *criam*.

Lus., VIII, 36.

O verbo *custar* por um phenomeno de contaminação syntactica adquiriu duas construcções diversas

Custou-me acreditar

é o modo originario, que passou no uso vulgar a

Custei a acreditar.

g) Da mesma fôrma que “*é mister*” (nota b), ha as locuções verbaes neutras: *cae neve, faz calor, é bom, é natural, é simples, é vulgar, é facil, é justo, é bem que*; e da mesma natureza logica é: *praz-me, apraz-me, convém, importa, parece*, que são verdadeiros VERBOS SEM SUJEITO (1) (2).

h) O uso do reflexivo, quando não indica differença de idéa (*ir e ir-se, morrer e morrer-se, parecer e parecer-se*) vae-se tornado obsoleto e hoje é commum dizer: *mudar, vestir, recolher, reunir, retirar, rir, sorrir, casar*, em casos onde o emprego de *se*, exprimindo espontaneidade da acção, seria mais louvavel e correcto.

i) Os chamados *impessoaes* na linguagem popular muitas vezes se empregam com um sujeito indeterminado:

Elle chove? (=chove).
Elle é isto? (=é isto?).
Elle ha coisas que...
Elle ha pessoas que... (3)

MODOS E TEMPOS

O presente emprega-se, no indicativo, para exprimir a realidade da acção no momento: *chove*; os homens *são* mortaes.

(1) V. Carlos Goes — *Syntaxe de regencia*, 125.

(2) V. os excellentes *Estudos de linguistica* de Said Ali na *Rev. Bras.* tomo I (1895).

(3) São formas portuguezas idiomaticas, mas quasi desconhecidas no Brasil. Veja José Rizo *Estudos* ou C. de Figueiredo que escreve: *Elle ha tantos é phrase portuguezissima e genuinamente popular*”.

Para indicar as verdades scientificas e eternas: A somma dos angulos do triangulo é igual a dous rectos. A terra *move-se*.

O *presente historico* é um recurso literario proprio para dar realce e vivacidade ao estylo:

“E Jesus *toma-o* pela mão e *leva-o* até a margem do lago.”

É apenas um effeito pittoresco da narrativa enunciar no presente o facto passado.

Póde-se tambem empregar o presente pelo futuro: *vou* amanhã.

Indica a acção habitual: *pinto* aquarellas; *leio* Platão.

O *perfeito* indica a acção realizada: *partí, sai* do Havre em Junho.

As fórmas compostas: *tenho saído*, etc., exprimem a repetição do acto.

Algumas vezes póde significar a acção consummada inteiramente: *tenho resolvido* (= resolvi definitivamente) *tenho dito* (= disse e nada tenho mais a dizer).

O *imperfeito* indica a acção realizada anteriormente a um momento passado: *dormia quando chegaste*.

É o tempo usado habitualmente no estylo descriptivo:

“Tres formosos oiteiros *se mostravam*.” (Camões.)

O mesmo emprego tem, entre os classicos, o presente.

O *mais que perfeito* — O portuguez é a unica das linguas romanas em que o *mais que perfeito*

simples conserva o sentido primitivo latino. *Amára* (*amaveram*), tinha amado.

Nas demais linguas em que existe o *mais que perfeito*, a sua função é simplesmente de condicional: *amara, teria amado*. Esta função também cumulativamente com a outra existe na lingua vernacula.

O **futuro** indica que a acção do verbo se realizará depois do momento em que se fala: *irei* na proxima semana.

Faz a função do imperativo: *honorarás* pae e mãe.

E também (função importante e delicadissima pela subtilidade da idéa) serve para indicar incerteza, ou simples avaliação approximativa: "*lerá*, mas não entende"; *haverá* cinco annos", isto é, mais ou menos cinco annos. São phrases que differem dest'outras: "*lé*, mas não entende; *ha* cinco annos".

O futuro indica a acção relativamente a qualquer tempo nas fórmulas compostas: *hei de fazer* o que pedes, ou *pedires, pedias, pediste*.

Esta composição pelo verbo *haver* é a propria do futuro simples: *amar-ei* (*amar-hei*).

O *imperativo* não é de uso nas orações negativas. É então substituida pelo *subjunctivo presente*:

Faze — não faças.
Dizei — não digaes.

Vinde logo e não deixeis coisa alguma das vossas alfaias (Vieira), *Apud.* F. Costa.

O **modo indicativo** exprime o facto real; e o **subjunctivo**, o facto contingente.

O emprego do **subjunctivo** vêr-se-á melhor tratando da correlação dos tempos.

A *interrogação* é só possível no indicativo e no condicional:

Quererás morrer ?
Quererias morrer?
Quem o disse?
Quem havia de dize-lo?

O *condicional* por vezes é substituído pelo imperfeito do indicativo nas orações que se compõem com outros condicionaes. (1)

Eu *escrevia* (ou *escreveria*) se tivesse tempo.
Eu *trabalhava* (ou *trabalharia*) não fosse a doença.

CORRESPONDENCIA (2)

Na correlação dos tempos só importa conhecer os casos em que os verbos se correspondem em *modos* differentes.

1. Fica o verbo da proposição subordinada no modo subjunctivo, quando a principal exprime receio, duvida:

Receio que morras.
Não sei se escreva.

Não é de rigor. Póde-se dizer: temo que *morrerás*; não sei si *escreverei*.

2. O verbo da subordinada fica no subjunctivo, quando o verbo da principal é impessoal ou usado impessoalmente: *importa que fiques, basta que chegues á hora.*

(1) Tambem nas orações obrigatorias: Elle disse que *vinha* (ou *viria*) logo que pudesse vir.

(2) A *correlação* dos tempos não me parece capitulo indispensavel, ainda que para corresponder á tradição das grammaticas e do ensino, aqui se incluam algumas observações. Não só as regras são todas lacunosas, como a verdade geral é que só o sentido, positivo ou hypothetico, isto é, o modo e não os tempos, determina o uso. Dizer que quando o sentido é incerto ou hypothetico o verbo vae para o subjunctivo, é nada dizer, pois isso decorre da definição de subjunctivo.

Esta regra tem excepções: com os verbos *acontecer*, *resultar*, *seguir-se* e com as construcções *é certo que*, *é logico que*, etc.:

Acontece que *tens* de vir.

E' certo que *esteve* doente.

3. Quando a subordinada está ligada á principal por um pronome conjunctivo *que*, *qual*, *cujo*, etc., o verbo será do subjunctivo ou do indicativo, conforme o sentido fôr positivo ou incerto:

O caminho que *sei*.

Um caminho que eu *saiba*.

Quero o professor que *sabc*.

Quero professor que *saiba*.

Note-se que a analyse da phrase pôde indicar o modo da subordinação. Com os adjectivos determinativos ou numeraes *este*, *primeiro*, *segundo*, *aquelle*, o verbo será do indicativo: é o primeiro *dia* que passo; é *este* que eu quero. Quando o antecedente do *que* vem determinado pelo artigo definito, em geral o verbo da subordinação fica no indicativo: a doutrina que *sigo*, a mais perfeita que *conheço*.

4. Depois da conjuncção *se*, a clausula subordinada tem o verbo no indicativo, quando exprime factio positivo: *se estudo* pouco, a culpa é minha.

Quando a clausula subordinada exprime duvida ou condição, fica no subjunctivo: se eu *fosse*, tu não irias.

5. As conjuncções *embora*, *quer*, exigem o verbo no subjunctivo:

Farei a viagem, *quer* ella *venha*, quer não.

Embora fique doente, trabalharei.

Tambem ficam incluídas nesta regra as conjuncções compostas de *que*: *comtanto que*, *ainda que*, etc., que pedem, em geral, o subjunctivo.

Com o adverbio *talvez* pode empregar-se o subjunctivo como mais raramente o indicativo:

Homero talvez *errou* (ou talvez *errasse*).

Os demais tempos não offerecem difficuldades de correlação.

O *presente* também é empregado por effeito pittoresco, no estylo historico e em logar do tempo passado:

“Jesus, ao ver os cegos e paralyticos, chega-se para perto e lhes *fala*, etc.”

E no estylo descriptivo:

“Vae esta estrada sempre em voltas por um vale, etc.”
(J. Vasconc., *Tav. Redonda*, 227.)

VII

Syntaxe das fórmãs nominaes do verbo.

Infinitos e participios

As fórmãs *nominaes* do verbo são as que podem exercer a função de nomes, substantivos ou adjectivos.

E são o *infinitivo*, o *gerundio* e os *participios*.

A natureza nominal do infinito era já conhecida de Prisciano: *Vim nominis habet verbum infinitum; dico enim. bonum est legere, ut si dicam bona est lectio.*

1. — INFINITIVO

O infinito portuguez é dotado da flexão pessoal: *amar eu, amares tu*, etc.

Força é confessar que o saber empregar a flexão pessoal é mais da *estylistica* do que da *grammatica*.

Aquella particularidade também se observa num dialecto sardo e constitue um idiotismo da lingua. A flexão do infinito pode applicar-se pela influencia analogica do futuro do subjunctivo, que tem a fórmula identica nos verbos regulares: *quando eu amar, amar eu*, etc., e até na linguagem do povo a confusão é frequente: *quando eu dizer, quando eu disser*; facto que é tanto do Brasil como de Portugal.

Hoje, entretanto, a doutrina mais seguida é fundada em exemplos do portuguez antigo, que se repetiram até o século XVI, entre os quinhentistas, é que o *infinito pessoal* não é senão o subjunctivo imperfeito que se julgava perdido na passagem do latim para o portuguez. Maiores explanações daremos neste livro na parte da *etymologia*.

Emprego do infinito pessoal:

1. Quando tem um sujeito differente do do outro verbo:

“Admiro-me de *gritares* com tão grande força.”

E' apenas um uso em que se recommenda a clareza, qualidade sempre recommendavel. A respeito, porém, d'esta regra, como de outras, ha sempre exemplos em contrario.

2. Quando, tendo sujeito, é sujeito d'outra proposição:

“E' triste *definhares* com tão pequeno pezar. E' facil *defenderem-se.*”

3. Quando ha necessidade de clareza na phrase:

Comprei estes livros, meu filho, para *estudares* (tu).
Comprei estes livros para *estudar* (eu).

4. Em proposição em que o infinito é o unico verbo claro:

“Morrerem todos de surpresa e sem gloria !”
“Saires *sem licença* ?”

5. Quando o sujeito, differente do do verbo principal, é posposto ao infinito:

“Ficou surprehendido de não *estarem os soldados* devidamente em ordem.”

“Ou succeda *topar eu* comvosco, ou vós commigo, sempre ficareis inteira e eu quebrada.” (Bernardez.)

6. Quando, usando verbos compostos, como *ver sair, ouvir cantar*, etc., cada um tem sujeito proprio:

“Vejo erguerem-se no horizonte algumas velas.”
“Vimos as ursas banharem-se nas aguas.”

Lus., V, 15.

É um caso da regra primeira.

7. Os verbos usados pronominalmente, quando trazem no infinitivo anteposto o pronome obliquo, adquirem flexão pessoal:

“E querendo nós haver fala para *nos* informarmos d'elle...” (F. Mendez Pinto, Cap. 3.)

Não é de rigor.

8. Não se emprega o infinito pessoal, quando a fórmula verbal é empregada em sentido passivo, como, p. ex.: é de *crer*, de *suppor*, de *louvar* (em vez de *crer-se*, *louvar-se*, ou digno de *ser crido*, *ser louvado*).

“Parecé-nos para *louvar* suas intenções.” (1)

Por translação, o *infinitivo* é usado como imperativo, e, ás vezes, reduplicado: “*Trabalhar! trabalhar! meus filhos*”.

Este uso tambem se encontra no castelhano (*Gram. da Acad. hesp.*). Tambem o substantivo pôde exercer identica funcção: *trabalho! trabalho! o tempo é breve.* (2)

(1) As regras geraes com que J. Soares Barbosa suppunha resolvida a questão do infinito, são antes considerações desconexas, sem valor theorico nem pratico. Um grammatico de merito (Ferreira de Andrade Junior, *Gramm.* 1850) resume-as no seguinte conceito quasi inintelligivel: — *O infinitivo pessoal é empregado quando a idéa de existencia por elle enunciada é correlata immediatamente ao seu sujeito* — regra que talvez servirá para analysar o exemplo que se tiver de antemão collido.

Leia-se no lugar proprio o *Dicc. gramm.* do autor.

(2) Um dos factos mais notaveis relativos á syntaxe do infinitivo, nas linguas romanicas, é a construcção de proposições com o infinitivo. Semelhante prática em latim só se dá com *interest* (= ha differença) v. g.: *Aristo et Pyrrho inter optime valere et gravissime aegrotare nihil prorsus dicebant interesse* (Cic., *de fin.*, 2, 13; Madv., § 391, obs). (Em nil — *praeter plorare* [Hor., *Sat.*, 2, 5, 69], *praeter* está adverbialmente, por *praeterquam*, do mesmo modo que em *ceterae multitudini* — *praeter* [excepto] *rerum capitalium damnatis* [Sall., *Cat.*, 36]. Em port.

2. — O PARTICÍPIO PASSADO

O *participio passado* é um verdadeiro adjectivo: homem *respeitado*, etc.

1. O participio, como attributo, é variavel, pois concorda com o sujeito: os velhos *são venerados*.

2. Com os verbos *haver, ter*, o participio é invariavel: tenho *recebido* cartas; havia *comprado* casas.

A syntaxe da lingua antiga e do seculo XVI era tímida e indecisa. Alguns classicos diziam: As cartas que eu tinha *escriptas*, etc. Entre os classicos, semelhante concordancia pôde ser explicada como sendo talvez um italianismo.

Nesse periodo, Caminha, que, aliás, adoptava muitas fórmas archaicas, como *são* por *sou* e *non* por *não*, sempre tornava variavel o participio:

“As náos tinha *dadas*.”

Camões, falando de flôres:

“Que ella dos olhos seus *regadas* tinha” (III, 132).

“E do Jordão a tinha *vista*.” (III, 27.)

E Fr. Luis de Souza:

“Tambem nos tinham *mortos* muitos e bons soldados.” (*Ann. de D. João III.*)

as proposições constroem-se não só com o simples infinitivo, senão até com orações infinitivas (v. g.: *por tu saberes*). A construcção de proposições com o infinitivo tornou-se tão familiar, que em portuguez, e em outras linguas románicas (v. M. Lübke, § 340), chegam a antepôr-se a infinitivos que exercitam as funcções de sujeito, facto de que não se deu ainda explicação satisfactoria. Do emprego de proposições com o infinitivo no baixo latim cita Diez (*Gr., Synt., IV, 8. 3*) textos que ascendem ás primeiras décadas do sec. VIII. (Epiphánio Dias — *Syntaxe hist.* 222.

Entre os participios da lingua portugueza notam-se os curiosos casos do sentido depoente, tão communs no latim. Em portuguez muitos participios de fórma passiva possuem o significado activo, conforme já em outro lugar observamos:

Homem lido	que leu.
Corrido	que correu.
Viajado	que viajou.
Ousado	que ousa.
Calado	que cala.

No estylo vulgar é commum dizer-se: estou *almoçado*; já veio *jantado*, etc. São os verdadeiros depoentes da lingua. E' certo que essa dupla e reciproca função de actividade e passividade passou a alguns vocabulos, verbos e substantivos, como: *hospede*, *hospedar*, *esmolar*, *aluguer*, etc. (Mario Barreto).

— A terminação dos participios da segunda conjugação era em *udo*, como já se notou:

<i>Estabelecudo</i>	estabelecido.
<i>Sabudo</i>	sabido.
<i>Conhoçudo</i>	conhecido.
<i>Reteúdo</i>	retido.

D'estas fórmas archaicas temos os vestigios já mencionados, *teúdo*, *conteúdo* e *manteúdo*.

— Fórmas contraídas de flexão forte eram abundantissimas nos primeiros tempos e no seculo XVI e ainda no XVII.

<i>Despezo</i>	despendido.
<i>Defezo</i>	defendido.
<i>Escolheito</i>	escolhido.
<i>Absolto</i>	absolvido.
<i>Coito</i>	cozido.

“O papa Adriano V era já mui velho e achacado quando foi *assumpto* ao throno apostolico e o não logrou mais que trinta e nove dias.”

BERNARDEZ — *Floresta*.

Ha grande numero de fórmas etymologicas semelhantes que ainda estão em uso: *convicto*, convencido; *extenso*, extendido; *perverso*, pervertido; *extracto*, extraído; *frito*, frigidado; *possesso*, possuído; *tinto*, tingido; *surto*, surgido, etc.; algumas, porém, com sentido ou função differente.

O particípio *escorreito*, de *escorrer*, é mais usado na locução: *são e escorreito*.

O uso dos particípios nas expressões (do antigo ablativo latino): *preparadas as malas, partiu*; *feita a despedida*, etc., offerecem algumas particularidades idiomáticas:

A olhos *vistos*.

A olhos *vista*.

A olhos *visto*.

locuções de uso, ainda que de analyse difficil. Em Camillo: "Prosperou a *olhos visto* o commercio" — "a *olhos vistos* as mercancias" = restauravam-se as forças a *olhos vistos*. Exemplos colhidos, estes e outros, por João Curioso com excellente critica no seu livro *Camillo e as caturrices*.

Os nomes em *oso*, antes da disciplina classica, exerciam a função do particípio do futuro em *ando*. Assim, encontram-se exemplos como o seguinte:

Amava muito a *venerosa* castidade.

E. DE ZURARA — 144.

Onde *venerosa* devia ser substituído por *veneranda*.

3. — PARTICÍPIO DO PRESENTE

O particípio do presente tem o valor de adjectivo.

É variavel quanto ao numero:

Flôr *odorante*.

Flôres *odorantes*.

Esta função já era propria do latim culto, e muito desenvolvida no latim barbaro.

A derivação verbal dos nomes em *ante*, *ente*, *inte*, muitas vezes transcorreu para a classe dos substantivos. São sub-

stantivos os nomes: *ente* (de *esse*), *tenente* (de *ter*), *sargento* (de *servientem*), *lente* (de *ler*), *doente* (de *dôer*), *poente* (de *pôr*), *levante* (de *lever*, fr.), *oriente* (de *orior*, nascer), *habitante*, *escrevente*, *ajudante*.

O participio presente tinha a funcção verbal com o complemento equivalente ao do gerundio:

Estabelecente esta regra...

— Estabelecendo esta regra...

Dizente estas cousas...

— Dizendo estas cousas...

Exemplos que occorrem na *Regra* de S. Bento:

Os quaes *temente* Nosso Senhor, e nostro senhor *complinte* todas estas cousas, etc. (*Apud* D. Vieira. *Dicc. Chrest.*)

Este uso começou a desaparecer desde o seculo XV. Camões ainda escreveu: "As perlas imitantes côr da aurora" Encontram-se ainda hoje alguns vestigios nos dizeres:

Tirante este defeito...

Durante as férias...

Homem *temente* a Deus...

Que equivalem á syntaxe trivial:

Tirando este defeito...

Em quanto duram as férias...

Homem que teme a Deus.

A's vezes a funcção do participio presente exige o complemento com preposição, como se vê em Fernão Lopez:

"Era muito amigo e *conhecente* d'aquelle Judeo, Dom David Negros". Chr. — 140.

E no mesmo Fernão Lopez não era rara a confusão de emprego do participio passado:

"Ayres Gomes havia formoso e bem *parecente* corpo."

E nas fórmãs de datas:

Dante em Lisboa, março...

— *Dada* em Lisboa...

4. — GERUNDIO

Tem o valor adverbial.

Amanhecendo, irei vel-o...

— Quando amanhecer...

Exemplo que exprime o *meio* ou *causa*:

Estudando, é facil aprender.

— Por meio do estudo...

— E' digna de nota a funcção do *imperativo* na linguagem viva, no dialogo:

— *Correndo*, vá buscar o chapéo.

(Veja Leo Spitzer — Das Gerundium als Imperativum — *Z. f. rom. Phil.*, XLII, 207. A observação feita quanto ao espanhol é applicavel igualmente ao portuguez.) (1)

(1) Escreve-me Firmino Costa:

"E' muito commum dizer-se *agua fervendo* em vez de *agua fervente*. S. de Vasconcellos, em seu livro citado, prefere esta fórma — "e as mesmas folhas pisadas, lançadas em *agua fervente*." pag. CXXXIII; Bernardez, em igual caso, usou de *fervendo* — "E quizera que a torrente *fervendo* do fogo infernal me estivera entrando pelos ouvidos." *Luz e Calor*, 374."

E' excessivo condemnar expressões como: um livro *contendo* orações. No francez, gerundio e participio presente confundem-se na mesma forma. Em portuguez a funcção do participio presente (ante, ente) desappareceu em proveito do gerundio que o substitue na linguagem vulgar.

— Traço differenciar entre o portuguez do Brasil e o de Portugal:

Está chorando

está *a chorar*

Ficou escrevendo

ficou *a escrever*

Ambas as construcções são portuguezas, mas a primeira syntaxe é a mais frequente e preferida no Brasil.

5. — PARTICÍPIOS DO FUTURO

Os participios do futuro são hoje usados como simples adjectivos ou substantivos, e são das seguintes classes:

1. Os participios em *ouro*: *vindouro*, *immorredouro*, o que ha de vir, o que não ha de morrer.

Estes participios desappareceram no portuguez, deixando apenas os vestigios citados, *vindouro*, *immorredouro*, e mais alguns vestigios em *eiro*:

Carta *mandadeira* (qué se ha de mandar).

Moça *casadeira* (que se ha de casar).

Na lingua antiga, porém, existiam em abundancia:

estabelecedouro

recebedouro, etc.

juras mentideiras. (*Ined. Alc.*, 1. 175.)

Podem ainda ser considerados como participios do futuro os nomes que, hoje, aliás, têm a funcção de substantivos: *logradouro*, *matadouro*, *bebedouro*, *escoadouro*, *suadouro*, *future* (do verbo *esse*), etc.

2. Os participios em *undo*: *furibundo*, *iracundo*, etc.

Estes participios são, todos, neologismos importados do latim e do italiano pelos classicos e muito notavelmente por Camões. Citemos: *oriundo*, *sitibundo*, *puðibundo*, *tremebundo*, *iracundo*, etc.

3. Os participios em *ndo*: *reverendo*, *execrando*.

São participios da voz passiva latina; representam neologismos classicos: *nefando*, *miserando*, *horrendo*, *estupendo*. Muitos d'elles foram introduzidos na lingua igualmente por Camões.

Filinto Elysio escreveu na *Ode XVIII A Liberdade*:

Mellificas abelhas,

Entre as azas do zephyro amparadas,

Vão demandar com vôo desejoso

As remotas devezas,

Que hão de adoçar c'os *fabricandos* favos.

Convém notar que a translação do sentido desviou de categoria a muitos d'estes participios que passaram a ser substantivos: *prebenda, prenda, vivenda, fazenda, addendo*, etc.

A este proposito é excellente a illustração que nos communica Mario Barreto, philologo de grande tomo.

Eis o que elle escreve:

“O participio latino de futuro passivo em *ndus, ndo*, de que há restos na lingua culta (*graduando, doutorando, elegendo, minuendo, subtraendo, venerando, reverendo*, etc., os quaes inda conservam a idea de passividade que tinham em latim) foi substituído por diversas perifrases, entre as quaes a de *para* com o participio passado: “Não é *para* dito o que ali aconteceu”. Dos exemplos que desta construção há nos bons autores, agora me contento com citar alguns, notáveis. Do padre Manuel Bernardes tomo os seguintes trechos: “Homem que não teme a morte, de todos é *para temido*”. (*N. Flor.*, I, 267.) — “E’ curta e pouco vistosa, mas nem por isso menos *para respeitada*, como ali diz o santo”. (*Ibid.*, 365.) — “E, ainda prescindindo do beneficio da ressurreição do corpo, que mais adiante se espera, e atendendo só à glorificação da alma, que antes disso se recebe, vem a ser a morte muito *para desejada*”. (*Ibid.*, II, 124.) — “Eis aqui, pois, como mais são *para temidas* as lágrimas dos pobres do que as armas dos inimigos”. (*Ibid.*, III, 89.) — Camilo, nos *Amores do diabo*, p. 6, edição de 1872, escreveu: “Tôda a dedicação profunda a um principio, quimérico ou positivo, espirital ou materialíssimo, é devoção *para muito respeitada*”. — Rui Barbosa, no discurso magistralmente clássico da Faculdade de Direito de S. Paulo (29 de março último) disse: “Dirão que tais trivialidades, cediças e corriqueiras, não são *para contempladas* num discurso académico, nem *para escutadas* entre doutores, lentes e sábios”.

No segundo dos trechos que acima trasladei da *Nova Floresta*, traduz o padre oratoriano por *menos para respeitada* um participio fut. passivo (*despiciendus, a, um, de despicio*) contido no seguinte trecho latino: “*Quod si brevis et informis videtur gladius ille, non est propterea despiciendus*”.

Camilo e Rui Barbosa empregam *despiciendo*, digno de ser desprezado, desprezível: “Dona Paula tinha uns dezóito contos, e nascimento ilustre, e graças não *despiciendas*. Lembrou-se o menestrel de fazer-se marido dela”. (*Cam.*, *Vinte horas de liteira*, p. 203.) — “Os rapazes de trinta anos não sabem o que são rivais de cinquenta e cinco; e às vezes

cumpria que o soubessem, porque nem sempre são *despiciendos*". (Id., *A filha do doutor Negro*, cap. VIII, p. 88.) — "Já nos não queremos deter em outro aspecto da questão, aliás, não *despiciendo* num estudo onde se quisesse apurar sèriamente a gravidade real da febre amarela no Brasil, co-tejada com a das outras regiões a ela ocasionadas". (Rui Barbosa, Editorial d-*A Imprensa* de 16-XI-1899.)

Dêmos exemplos do modo participio passivo, acompanhado da preposição *para* com elipse do verbo *ser* e de sentido idêntico, quer ao gerundio latino ou participio do futuro passivo, como outros lhe chamam, quer aos adjectivos em *vel*, como *amável*, *crível*, etc. Digamos ainda que o participio pode ser substituído pelo infinitivo e a preposição *para* ou *de*: *é de supor, era de crer, será de ver*; — *tal diagnóstico não é para afastar; os crocodilos não são para temer*, etc. O infinitivo activo com *de* e sentido passivo é muito clássico também depois de substantivos e adjectivos: *Fugir é facil de dizer, mas difficil de executar*".

VIII

Syntaxe das palavras invariáveis. Adverbio, preposição e conjuncção

As palavras invariáveis são os adverbios, as preposições, as conjuncções e as interjeições. (1)

A função do *adverbio* pôde ser exercida pelo *adjectivo*: comprou *caro*.

D'essa possibilidade originam-se usos especiaes, que convém notar.

a) Esses *adjectivos-adverbios* podem modificar outros nomes, ainda que tal uso não seja muito commum. E' de Barros o exemplo:

“As fustas andavam *melhor* remeiras.”

b) *Meio* pôde ser usado adverbialmente. O seu uso como *adjectivo* é, porém, mais auctorizado. (V. exemplos na Lexilogia.)

c) Igualmente os classicos preferiram o uso de *mesmo* como *adjectivo*: “O *mesmo* Deus desceu á terra”. Mas nunca hesitaram dizer: “agora mesmo, hoje mesmo”.

“Ora eu com esta roupeta remendada espero em Deus que *hoje mesmo* hei de dar a V. M. toda esta quantia.” A. Vieira. (2)

(1) Seria materia para um volume consignar individualmente os usos de todas as particulas. Notamos os casos mais importantes que offerecem margem á analyse da syntaxe historica, ou indicam qualquer uso notavel. Leiam o que se encontra a proposito na *Selecta Classica* e no *Dicc. gramm.* do autor.

(2) Confirmando essa doutrina, annota o douto philologo Firmino Costa, a respeito da repetição de *mesmo*:

“Segundo a regra que dá o Sr. Freire da Silva, á pag. 361 da sua *Grammatica*, o *adjectivo mesmo* não se repete, se estiver determinando mas de um substantivo consecutivo, ainda

1. — QUANTIDADE

A quantidade pôde ser expressa pelo adverbio: comeu *muito*; *assaz* se divertiu; foi *só*.

Junto ao nome, o adverbio de quantidade torna-se um simples adjectivo variavel:

Tem *poucas* cousas.
Houve *muitas* delongas.
Fomos nós *sós*.

No seculo XVI, segundo affirma João de Barros na sua *Grammatica*, existia esta construcção adverbial:

Pouco de proveito.
Assaz de dinheiro.

E ainda hoje dizemos *uma pouca de agua*; *muito de tudo*. A syntaxe quinhentista anda já olvidada e diz-se vulgarmente: *pouco proveito*, *bastante dinheiro*, etc.

Na lingua antiga usava-se o adjectivo *melhor* como simples adverbio de quantidade. Eis a syntaxe que ocorre no Livro de Linh. do Coll. dos Nobres — Cap. *Batalha de Salado*:

“E’ d’hu elle era a tá hu era El-Rei Aboacem ha *melhor* de quatrocentas leguas.”

E’ do seculo XV. (1)

que de generos differentes. Esta regra não se baseia nos bons escriptos da lingua, e entre outros bastam para contestal-a os exemplos seguintes: “Christo Jesus, que é a mesma santidade, a mesma mansidão e o mesmo amor”. Bernardez, Ex. Esp., II, 231. “Tinha nas instituições lacedemonias o mesmo logar e a mesma significação moral.” Lat. Coelho, *Oração da Corôa*, introd.”

(1) “E d’onde elle estava até o logar onde estava El-rei havia *mais* de 400 leguas.” Compare-se com o exemplo de Barros, já citado: “*melhor* remeira.” E’ uso tambem, recordado embora raras vezes, na syntaxe de quinhentistas e seiscentistas, conforme annota aqui Firmino Costa: “Andou esta gente ao longo do rio, que sae da alagôa, *melhor* de trinta leguas.” *Chronica da Comp. de Jesus*, de S. Vasconcellos, L. “Uma machina que custa da nossa moeda o *melhor* de doze mil cruzados.” Vieira, *Cartas*, I, 357.

2. — COMPARAÇÃO

O uso comparativo exige os complementos *de*, *do que*, *que*: mais bello *do que* prudente; maior *de* todos, *tão* rico *quam* poderoso ou *quanto* poderoso, etc. (1)

— Usa-se o comparativo quando o epitheto é insufficiente: *mais que* criminoso, *mais que* ignorante.

— A correlação de *tão* faz-se com *que* ou *qual* antes da proposição:

“*Tão cheirosa que* rescendia em toda a floresta.”

“*Tão suave, domestica, benina.*”

“*Qual ferida lh'a tinha já Erycina.*” (2)

Não pôde ser aconselhado o uso que nos depara a *Vida do Arcebispo*, quando nella se lê:

“Proposição é essa prejudicial; não a poderia ap-
provar senão quem fôr tão desatinado que com
pertinacia queira defender outra *tão* falsa e er-
rada *tão* como ella.”

Em *tão-como*, da mesma sorte que com o comparativo de *mais* podia-se usar na linguagem antiga o caso obliquo do pronome no segundo termo:

Por que *tal* fui como a *ti*.

Mais que mim, melhor que ti, era syntaxe antiga, hoje obsoleita: — *mais que eu, melhor que tu* — é como dizemos agora.

(1) A respeito dos comparativos *melhor* e *peior* como ad-
verbios, escreve-me Firmino Costa:

“As grammaticas dos Srs. Freire da Silva (6.^a edição, pag. 390), Ribeiro de Vasconcellos (pag 213) e Maximino Maciel (3.^a ed., pag. 152) ensinam que ás fórmulas *melhor* e *peior* se devem substituir pelas expressões *mais bem* e *mais mal*, antes dos participios passados. A leitura dos classicos nos mostra, porém, que não é errado em taes casos o emprego de *peior* e *melhor*.”

“O cavalleiro Triste estava *peor ferido* e trazia as armas mais desfeitas.” Palmeirim, I, 377. “Disse entre dentes certas palavras mal pronunciadas e *peor entendidas*.” *Chronica da Comp. de Jesus*, Cl. Outro biographo, *peor informado*, diz du-que.” Castello Branco, *Suicida*, pag. 7. “Mal mantido, mal albergado e *peior recebido*.” Castilho, *Colloquios*, 212.”

(2) Apud — Ferr. Jun, *Gramm.*, 1850, pag, 120.

— São fórmulas comparativas — *tal qual, tal e qual, tal qualmente* — de uso autorizado nos bons escriptores.

A comparação, quando é feita pelo superlativo, exige o artigo:

“O mais bello dos caracteres.”

Em alguns casos, raros no portuguez e no castelhano, é de notar-se o superlativo de fôrma synthetica:

O prudentissimo dos homens.

E' um latinismo (*maximus oratorum*) que se acha admitido em varias expressões: *a infima das classes; o minimo dos seres.*

— Exemplos de gráo emphatico pela reduplicação das particulas encontram-se nos escriptores do seculo XV, nomeadamente em Fernão Lopez:

“Gente de pé mui muita.” — Chron. 199.

E tambem em Gil Vicente:

Dos mui muito ciumes
Nasce o mui muito amor.

Como notou Julio Moreira.

Facto importante da syntaxe historica era a construcção do comparativo de *tão*, analogo ao processo usual do francez *si... que*:

“E era *assi* alcantilado o logar do baluarte, *que* as náos tinham alli seu proiz.” (Barros, II, VII, 8.)

3. — FORMAS CONTRACTAS

Mui exprime o gráo, e *muito* exprime o gráo e tambem a quantidade: *muitas e mui distinctas pessoas.*

Tam e quam exprimem qualidade: *tam* formoso; *quam* varias são as flôres! *Tão bella quanto* merece.

Tanto, quanto, exprimem de ordinario quantidade: *tanto possui, quanto cobiça.* Na comparação precedem, as mais das vezes, proposições.

As fórmulas contractas sempre precedem adjectivos; as fórmulas completas tornam-se adjectivos e precedem ou podem preceder os substantivos.

Recentemente contrae-se em *recem* (algumas vezes e antes de adjectivos). (1)

4. — NEGAÇÃO E DUVIDA

Em portuguez ha duas maneiras de *negação*.

Negação simples. — Indica apenas o contrario da affirmacão: *não amo; não estudei a lição*.

Negação reforçada. — Indica a negação com termos accessorios que a tornam emphatica:

Não vi cousa alguma.

Não vi nada.

Cousa nenhuma eu vi.

Não quero, não.

Não queria nunca.

Nunca jámais o saberá.

O francez possui os accessorios *pas, point, rien*, etc.

Em portuguez, o accessorio mais curioso da negativa é o adjectivo *nada*, do latim *natus* (nascido).

Usava-se primitivamente a fórmula *rem nada* (*rem natam* = cousa nascida).

Esta phrase era usada de varias fórmulas: *cousa nada, rem nada e homem nado*.

Homem nado não viu isto.

= Nenhum homem...

No antigo portuguez, empregava-se isoladamente o termo *rem*:

Não digas *rem*

= Não digas cousa.

Eis um exemplo do seculo XVI, do Livro de Linhagens do Coll. dos Nobres, na descripção da *Batalha de Salado*: "Mays todo esto nom lhe valia *ren*".

(1) *Apenas* (fr. *à peine*) representa talvez uma fórmula elliptica. O castelhano possui: *a malas penas, a duras penas*, sempre usado por Cervantes.

No francez antigo, notam-se os dous termos:

Il n'avait vu rien née
(*rem natam*)

O notavel destino d'esta periphraise fixou a ultima parte *nada* no portuguez e a primeira *rien* no francez.

Reforços analogos apparecem nas phrases: *Não vi boia* e no antigo *nemmigalha*.

Notem-se os seguintes usos:

a) Exprime-se a negação por *sem* com o infinito:

Foi *sem* se despedir.

Este uso é de certo puro e vernaculo. Nos seculos XIV e XV essa syntaxe era mais geral. A preposição *sem* pedia servir de negativa ao gerundio.

E isso anda exemplificado largamente na *Chronica* de Fernão Lopez:

"De guisa que fugiram todos, *sem curando*, de levar coisa alguma." — 296.

"Responderam todos dos que presentes eram, dizendo que de todo e que lhe dissera lhes aprazia muito e que assi o entendiam de fazer *sem* lhe declarando, porém, o Conde, que terra haviam de leva." (11, pag. 45.)

b) *Nunca* e *jámais*, *nada*, não só formam a negativa com o verbo, mas com os nomes:

mares *nunca* d'antes navegados...
segredos *nunca* sabidos
historias *nada* edificantes
jámais segredos.
uma choça, *nunca* uma casa.

c) E' tão da indole da negativa o reforço, que ella não deve ser enfraquecida pela omissão d'aquelle. Per isso, concorrendo muitos verbos ou nomes, estes repetem a negativa:

Sem talento e *sem* gloria.
Sem querer *nem* poder.
Não quero, *não* devo, *não* posso.

d) Para exprimir a negativa dos nomes, se não cabe o uso de prefixos usuaes (*in, an, des, etc.*), forma-se a negativa com *sem* ou *não*. São de uso os seguintes:

Não conformismo.
Sem razão.
Sem sabôr.

O uso de *não* é o unico de emprego natural, mas é sempre preferivel qualquer prefixo. *Inverdade, desamor, acatholico.*

e) A negativa serve para exprimir com modestia qualquer epitheto: "Este livro, *não indigno* do favor publico". Aqui, *não indigno* vale menos que *digno*.

Neste exemplo ha duas negativas, *não* e *in* (prefixo), que, entretanto, não equivalem exactamente ao positivo, mas d'elle se approximam.

A mesma maneira de exprimir affirmação com modestia depara-se no uso de *sem* e *não* conjunctamente, ou *que não* entre substantivos:

"Vivo, *não sem* difficuldade."

"A *riqueza, que não a* miseria, poderia offendel-o.

f) Como no exemplo precedente, duas negativas das quaes uma *indirecta* (isto é, não expressa por não ou nada, nunca, etc.) formam de facto uma affirmativa, embora fraca:

Não deve *deixar* de ir (=deve ir).

Não ignora (=sabe).

Não é *desfavor* (=é favor).

Assim, na locução *nem todos*, não se nega *todos*, mas excluem-se *alguns*.

g) *Tão pouco* é correlato de *não* e *nem* e tem sentido negativo:

Não falou, *tão pouco* escreveu.

..... *nem tão pouco* escreveu.

h) Com o verbo *negar*, no portuguez (como no espanhol), deve repetir-se em segunda proposição a negativa:

No niego que *no pudiese* hacerlo.

Não nego que *não* podesse fazel-o.

Não nego que *não* estivesse (e não: — *não nego* que *estivesse*, como por ali se encontra escripto).

i) Uso elegantissimo da negativa é o de exprimir-se por ella um facto desejado e agradavel á alma:

“*Que doce não era a vida
No roseo albor da existencia.*”

f) Ajunte-se que ainda é possível exprimir a *negativa* por uma phrase affirmativa, que se constróe com o verbo no futuro:

Bem por nascer está quem vos mereça.

Camões — Son. 27.

Tanto assim é que, quando se indica o lapso de tempo discorrido, com o *presente* se exprime o periodo exacto; e com o *futuro*, periodo approximativo ou incerto. Vieira, nas suas *Cartas* (2^a do tomo II), escreveu:

“*Haverá* quatorze mezes que continúa a
missão pelo corpo e braços d'aquelles rios...”

Haverá e não *ha*, porque não determina periodo exacto e apenas approximativo. Recorde-se o que já dissemos a proposito da syntaxe dos *tempos* e *modos* dos verbos. O futuro indica uma cousa problematica e por isso inferior ou menos segura. Assim, disse Castilho nas *Sabichonas*, pag. 6: “*Será* melhor, *será*; eu gosto do peor”.

k) A duvida expressa-se geralmente pelas palavras: *acaso*, *porventura*, *talvez* e estas podem reclamar o subjunctivo ou o indicativo do verbo:

Talvez *está* doente.
Talvez *esteja* doente.
Talvez *queria* ausentar-se
(ou *quizesse*...)

Percebe-se um matiz de sentido que é mais affirmativo no primeiro caso, porque o subjunctivo sendo hypothetico torna a duvida mais forte ou intensa:

l) A negativa como resposta e assim tambem affirmativa expressam-se pelas palavras *não* e *sim*; comtudo se é resposta a pessoa de consideração ou respeito, seria indelicadeza não ajuntar o tratamento:

Sim, *senhor*; *senhor*, sim; sim, *meu senhor*.

Não, *senhor*, etc.

Não, meu amigo; sim, capitão.

m) "N'alguns casos (communica-me o autorizado Mario Barreto), especialmente na lingua antiga, proposições substantivas ou subordinadas podem ter uma negação redundante. Isto acontece, por exemplo, em proposições objectivas, dependentes de expressões de temor, dúvida, suspeita, impedimento:

Olhai cá, anjo de bem,
Eu como cousa perdida,
Nunca me tolhe ninguém
Que não ganhe minha vida,
Como quem vida não tem.

(GIL VICENTE, *Obras*, t. 1º, pág. 157, edição de 1852.)

Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

(Cam., *Lus.*, II, 19.)"

5. — MODO, QUALIDADE E TEMPO

Os adverbios em *mente*, quando occorrem juntos, perdem, excepto o ultimo, aquella terminação. Ex.: Discorreu larga e *profundamente*.

E' esse uso classico. No emtanto, hoje em dia se vae generalizando, talvez por influencia franceza, o uso de conservar as terminações: Discorreu *sabiamente*, *largamente*, *profundamente*. (1)

— Nos escriptores modernos occorre por vezes a extranha inversão — *de quando em vez* — contra o uso antigo e moderno de — *de vez em quando*:

(1) A proposito dessa classe de adverbios, escreve-nos Firmino Costa, nosso precioso collaborador:

"O adverbio *boamente* é usado já sem preposição, já com ella: "Não pedem aos mercadores mais que aquillo que elles *boamente* lhes querem dar." Fernão Mendez Pinto, *Livraria classica*, II, 80. "Padece de *boamente*, e padecerás menos." Bernardes, *Exercícios Espirituaes*, II, 622. "Outro tanto digo das demarcações feitas á *boamente*." Castilho, *Colloquios ardeões* 385."

“Apenas de *quando em vez* se contava que elle vendera mais um campo.”

“Serás fiel á tua mulher, leval-a-ás ao circo de *quando em vez*.”

São esses exemplos do linguajar popular contemporaneo reproduzido em romances de Camillo. (1)

6. — PREPOSIÇÕES

As preposições muitas vezes derivam de participios que se tornam momentaneamente invariaveis: *salvo*, *excepto*, *durante*, etc. Póde-se, comtudo, dizer: *salvos* os motivos, *exceptas* as razões. (2)

(1) Os exemplos citados foram colhidos por P. A. Pinto Nota de *Advocacia grammatical* — 203

(2) Exemplos classicos que transcrevo do eruditissimo Ruy Barbosa, na sua *Replica*:

“Tudo chegou a salvamento, *exceptas* as partes liquidas.”
VIEIRA: *Cartas*, I, p. 167.)

“Todos os portuguezes fazem o mesmo, *exceptos* os mais ricos” *Ib.*, pag. 245.)

“Vossa senhoria se sirva de me restituir estes papeis, porque tenho promettido a communicação d’elles a algum amigo, *exceptas* as cartas do marquez de Marialva.” (*Ib.*, II, pag. 36.)

“*Excepta* a carta de sua alteza, esta é a unica que escrevo a Portugal.” (*Ib.*, III, p. 1.)

“Com senhorio absoluto de todas as coisas creadas, *excepta* sómente uma arvore.” (VIEIRA: *Sermões*, I, p. 73.)

“Tudo o que o seu odio, sua astucia e maldade julgasse conveniente para o vencer, *excepta* sómente a vida do mesmo Job.” (*Ib.*, p. 198.)

“Na grande provincia de Hollanda, *excepta* Dorth, por isso chamada virgem, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada.” (*Ib.*, p. 154.)

“*Exceptas* algumas auctoridades.” (BERNARDEZ: *N. Flor.*, II, p. 3.)

“*Excepta* uma, que estava á porta de um cidadão.” (*Ib.*, p. 91.)

Não me parece, pois, que tenha razão o illustre sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO em recusar foros de portuguez ao adjectivo *excepto*. (*Lições*, v. I, p. 97-8.) Os latinos tinham o adjectivo *exceptus*, e a auctoridade de escriptores como VIEIRA e BERNARDEZ lhe legitima de sobra a adopção portugueza.)

a) Alguns permanecem variáveis por não estarem assim consagrados pelo uso. Por exemplo: *visto*, *posto*, *supposto*, etc.

Vistos os autos.
Postas as razões, etc.

A locução *haja vista* deve normalmente construir-se com preposição *a*:

Haja vista aos antigos livros,

mas já se tem generalizado o costume de considerar *visto* como adjectivo, dizendo-se:

Haja vistos os livros,

o que só se pôde explicar pela confusão de *vista* (*subst.* e *vista* ou *visto* (*participio*)).

b) Dos participios em *ante* que se tornaram preposições, notemos que eram muito frequentes na lingua antiga e classica:

O rei *embargante*, etc.
Isto *não obstante*.

Vinha nestes casos posposto. O castelhano diz: Dios *mediante*, por meio de Deus, com a ajuda de Deus.

c) Cumpre notar que as preposições compostas de *de* em geral pedem depois de si nova preposição, ao contrario do que succede com as preposições não compostas d'esse elemento:

Ante Deus.
Diante *de* Deus.
Após a chuva.
Depois *da* chuva.
Tras o bando.
Detras *do* bando.

“*Traz* este vem Noronha.” (*Lus.*, X, 62.)

A disciplina d'esse uso tornou-o indispensavel nos escriptos classicos de maior pureza. Mas, no periodo antigo da lingua ha exemplos viciosos:

“Aquelle que empuxou diante a presença de seu coração o diabo malicioso.” R. de S. Bento.

E' do seculo XIII.

No Livro de Linhagens do Coll. dos Nobres (*Port. Mon. Hist.*) é frequente o uso de *depois* sem a preposição *de*:

Os Reys que depois *el* veeram.

E no mesmo documento:

Maria foy virgem *ante* parto e *depos* parto.

d) A preposição vem sempre seguida do complemento: de *casa*; para *casa*.

No seculo XIX, em portuguez, como já se notou tambem no castelhano, alguns escriptores buscaram introduzir o anglicismo do emprego da preposição sem complemento immediato: viver *para* e *pela* patria; vindo *da* e mandado *pela* França.

Esta syntaxe parece não se conformar com a indole da lingua. Encontram-se, todavia, alguns exemplos, sem demasia e acaso elegantes.

e) *Per* e *por* eram preposições distinctas entre os antigos, e assim *pelo* e *polo*; uma significava o instrumento (*per*); outra, o proveito ou occasião (*pro*, lat.). Por isso a phrase: “*Polo* peccado do homem veio o filho de Deus ao mundo”. Isto é, por ter peccado o homem, por occasião d'isso — é phrase orthodoxa e intelligivel. Ao passo que “*Pelo* peccado (por meio do peccado) do homem veio Deus ao mundo” — é phrase heretica e absurda.

As vantagens d'essa subtiliza perderam-se com a confusão de *pro* e *per* na fórmula unica *por*. (1)

(1) Vide Ferreira Junior, *Gramm.* 102.

e) **Sobre** tem uso determinado desde o antigo portuguez. Deixou de existir a fórma *sabolo* por *sobre lo* (sobre o) que por muito harmoniosa quiz perpetua-a Camões:

Sabolos rios que vão
Por *Babylonia* me achei.

Com o sentido de vizinhança, approximação ou tendencia nota-se em: *sobre* a noite (ao anoitecer), *sobre* azul (tirante a azul).

— Não é raro a confusão de *sob* e *sobre* ainda que as particulas tenham sentido opposto. Em expressão, aliás de origem franceza, ha as variantes: *sobre* o ponto de vista e *sob* o ponto de vista. O melhor é dizer: *no* ponto de vista.

f) **Des** (*de-ex*), como composta de *de*, deve ter o complemento:

Des de Roma até Paris.

Apezar d'isto, usa-se a fórma contracta frequentemente sem preposição, quando se segue *que*: *des* que o vi ou *desde* que o vi:

"Coitado do velho *desque* o souber." Ant. Ferreira,
Bristo, sc. II.

g) **De** — exprime frequentes vezes relação de modo e de maneira: *de* manhoso, *de* geitoso, *de* preguiçoso; *de* pé, *de* joelhos, *de* côcoras.

Antigamente dizia-se *em joelhos* (Barros, I, IV, 4), *em côcoras* (II, V, 2), *em calças* (II, I, 6), *em gibão* (id.). Ainda hoje dizemos: *em* camisa, *em* ceroulas, *em* pé.

— Note-se o uso actual: *cem de* ti = *cem* como tu:

"Nem *cem* de ti os romperiam." Castilho, *Excav.* 138.

E' digno de nota o *dê* accentuado por desviação da tonica na phrase interrogativa:

"*Que dê* o homem?"

locução que se decompõe em — *que é feito do homem* = *que é do homem* = *quêde o homem*; ou com deslocação da tonica: *quêde o homem?*

h) **A**. — Indica relação de muitas especies: *a* Roma; *morrer a* fome; *util á* sociedade.

— E' syntaxe autorizada, e ainda hoje popular, a do por exemplo:

Se eu fosse *a elle* (fosse elle)
(entende-se: igual a elle).

Curar-me-ia s'a vós fosse
(se fosse vós)

Chiado — *Auto das Regateiras* — (apud.
Epiphanio).

— Na syntaxe archaica apparece a preposição *a* em precedencia de varias outras: *a conforme*, *a segundo*; como hoje em *acerca*, *acima*, etc.

A *proximidade* expressa por *a* pôde confundir-se com o logar exacto e definido:

mera é rua Aurea!

A razão é que *rua*, *praça*, não são pontos exactos, mas extensões indeterminadas. Assim diz-se: *ao norte*; *a léste*.

Apoiar-se, arrimar-se *á parede*.

A preposição *a* do seculo XVI em muitos empregos foi substituida por *para com*. Eis a regencia de alguns adjectivos, como se vê da *Grammatica* de João de Barros:

Manso *aos humildes*.

Cruel *aos fortes*.

Irascivel *aos timidos*.

Hoje se diz: *manso para com os humildes*, etc. Ainda alguns adjectivos verbaes conservam a regencia: *inutil ao homem*, etc.

i) **Para** (per+*a*) indica direcção mais remota e definitiva que *a*. Comparem-se:

Ir *a Europa*. Ir *para a Europa*.

Pelo mesmo motivo diz-se: "Guardei *para a velhice*" exprimindo o maximo do tempo; e com sentido de indeterminação: *para vinte pessoas*; quinze *para vinte annos*. (1)

(1) A prosodia é *p'ra* de *pera*, forma antiga e etymologica de *para* (*per-ad*). A proposito do verso dos *Lusiadas*:

As (armas) que elle *pera si na Cruz tomou*. (I. est. 7.)

Diz Candido de Figueiredo: "Não é ocioso advertir que a preposição antiga *pera*, e a moderna *para*, são proclíticas, isto é.

j) **Contra**, no sentido originario de *de frente*, em *directão*, é muito usual na lingua. Eis a syntaxe antiga:

“E tornou o rosto contra hu vinham os christãos.”

“El-rei Almofadem disse muyta alta voz, os olhos *contra* o céu.” *Livro de Linh. do Coll. dos Nobres.*

Ainda exemplos similares se encontrãem nos classicos:

Começou a dizer vindo contra mim.

B. Ribeiro, *Menina e moça*, Cap. II.

k) **Sómente**, no século XVI, era preposição e equivalia a *excepto*, como se vê constantemente em Barros:

“Salvaram-se todos os malabares, *sómente* tres ou quatro.” (III, I, 4.)

“Vendo que nenhuma cousa havia para a cal, *sómente* a ostra.” (III, II, 2.)

l) **Senão** tinha a equivalencia de *excepto*:

Sossobrou o esquite e todos se salvaram, *senão* elles. Barros (II, VIII, 6).

não têm acentuação própria e, com a palavra que antecedem, parecem formar uma só palavra: *para-nós, para-ti, para-tudo*, etc. E, assim, nem o *e* da preposição *pera* é fechado, como na *pêra* (fruta), mas surdo, como na última sílaba de *cidade*; nem o primeiro *a* da preposição *para* é aberto, como no verbo *pára*; de maneira que, na pronúncia vulgar, chega a desaparecer o *e* de *pera* e o primeiro *a* de *para*, formando-se a sinalefa *p'ra*: “veio *p'ra* Portugal.”

A elisão do *e* de *pera* tem toda a analogia com a elisão corrente do segundo *e* de *esperança*, que geralmente pronunciamos *esprança*, e tão correntes são essas elisões, que eu, do melhor grado, escreveria *pra* e *esprança*, sem apóstrofo, que em grafia portugueza, é uma das mais inúteis invenções modernas, copiada dos figurinos franceses.” (C. Figueiredo — *Lingu. de Camões*).

m) Em antigamente servia ao logar para *onde* como em francez. Exemplos classicos são:

Passou em Italia (Barros). Se determinou do sahir em terra (F. Mendez Pinto).

Este uso persiste ainda nas expressões: de logar em logar; de cidade em cidade.

➤ n) Dentro de e dentro em são de igual uso, ainda que a segunda expressão seja mais frequente nos antigos:

Vasa dentro na pansa. — Diniz, *Hyss.*, 1, 246.

Compaixão dentro n'alma sente. — Mal. Conquist., I, 19.

E' mais vulgar dizer-se hoje *dentro de*; entretanto se diz — dentro em breve.

o) Com. Omittte-se ás vezes elegantemente, como o fez Camões:

Não acabava quando uma figura
Se nos mostra no ar...
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados e a postura
Medonha e má.

Outras vezes, com a intenção de emphase, ha repetição:

“Vedes aqui como se gastam muitas vezes os bens da Igreja, as commendas da cavalleria com alcoviteiros, com chocarreiros, com cães, com doidos.”
Ferreira, *Bristo*, sc. I. (Acto II.)

p) As preposições regem obviamente as formas obliquas dos pronomes: ante *mim*, contra *ti*, de *mim*, sem *ti*, etc.

Notem-se os exemplos classicos (registrados na *Gramm.* de Moraes):

Vereis um eu (*Ulispo*, 5, sc. 6).

O que com outro eu somente ousara (Ferreira, *Carta* 4).

Após mi não ha (tem) outro mi (*Menina e Moça*, I, c. 18).

Notamos já nos comparativos: melhor que *ti*, etc.

q) Até é preposição: *até o fim, até o cabo ou até ao cabo.* Entretanto usa-se como *advérbio* nos casos semelhante a esse:

Até os animaes teem sentimento.

r) São de Mario Barreto as seguintes e sabias reflexões: “Pode um adjectivo ser termo de uma preposição?”

Satisfaremos a esta pergunta, devendo dar naturalmente por descontados os casos em que o adjectivo perdeu o seu carácter próprio pela substantivação. As frases: *Contam-no entre os sábios. A casa da minha vizinha não têm nada extraordinário. Sofia veste-se de branco* corresponde à substantivação dos adjectivos de cores. Neutro substantivo há igualmente em *por certo, de-certo, e naturalmente em por tanto, por que?*, etc.

A combinação de um adjectivo com uma preposição é em si anormal e os casos em que se acha em português um verdadeiro adjectivo variável depois de preposição, explicam-se geralmente pela omissão de um verbo attributivo (*ser, estar, etc.*), ou pela fusão da construcção do adjectivo com a de substantivos no mesmo lugar. *O pai castigou a filha por ser preguiçosa* é construcção que se deve à mesclia de “*por ela ser preguiçosa*” com “*pela sua preguiça*”. Aqui estão outros exemplos de *por* com um adjectivo para indicar o motivo em virtude do qual uma acção acontece ou não se realiza: “Vingaremos rëgiamente nos Moiros de Santarém essas injúrias, e a nossa vingança lembrará, *por espantosa*, até ao fim dos tempos”. (Castilho, *Quadros Hist.*, vol. II, n. 102.) — “...que semelhante vida lhe desagradava *por monótona*.” (Camillo, *O regicida*, cap. I, p. 11.) — E’ uma das melhores composições neste género. *Por extensa* a não traslado. (In., *O judeu*, vol. II, 4.^a parte, cap. IV, p. 168.) — Íramos da mesma idade, estudávamos medicina, com a diferença que eu repetia o terceiro ano, que perdera, *por vadio*.” (Machado de Assis, *Páginas recolhidas*, p. 58.)

Construcções parecidas são *acusar de negligente, acusei-a de altiva, acusaram-na de ingrata, acusa-me de aleivoso, jactar-se de valente, presumir de formosa, capitularam-na de douda, repreendiam-no de pródigo, etc.* — *Depois de morto, antes de nascido* estão debaixo da pressão de *depois da morte, depois de ser morto, depois de morrer.* — *Depois de declarada a guerra = depois da declaração*, e a cláusula absoluta *declarada a guerra.* — *Estas histórias não são para con-*

tadas = para serem contadas, para se contarem. Esta perífrase de *para* com o particípio passado, substituindo o particípio de futuro passivo, é usualíssima no português clássico. Nos *Lusiadas*, cant. X, est. 152, temos *pera mandados*, abreviação de *para serem mandados*:

Fazei, senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Itálos e Ingleses
Possam dizer que, são pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueses.

“A verdadeira qualidade expressa por adjectivo não admite o regime de uma preposição; o termo normal é sempre um conceito substantivo.

A preposição vai sempre com um substantivo ou palavra substantivada, porque o termo da relação é a substância.

E' certo que muitos advérbios podem levar preposição; mas neste caso a preposição não modifica o advérbio, mas o substantivo. Ponhamos exemplos. O advérbio *ali* significa *naquele lugar*; *quando* é *em que tempo*; *agora* vale *nesta hora*. Juntemos-lhe uma preposição: *Por ali* é *por aquele lugar*; *até quando* vale *até que tempo*; *desde agora* resolve-se em *desde esta hora*.”

r) Acerca das conjunções, releia-se a primeira parte. (1)

(1) A conjunção *mas* tomou o sentido de adversativa, mas originariamente era reiterativa: *magis* accrescentava, sem contradizer. Por isso mesmo, nas expressões *não só... mas também* e outras, equivale exactamente a *mais*, e talvez assim é que se devera nesses casos orthographal-a.

Não sendo de todo *adversativa*, é fácil que a deparemos conjunctamente com *porém*, nos escriptores da idade classica:

Mas porém quando as gentes mauritanas

Dizia Camões, nos *Lus*, III 99.

Mas porém vou dar a Alcmena

Estas novas que me destes.

Auto dos Amph. I, sc. V.

Senhor, grande: *mas porém*

Se a tal é virtuosa.

Auto d'el-rei Seleuco, I.

E Castilho (Sonho de uma noite de S. João, pag. 21) e quasi todos d'entre os antigos.

Observações esparsas

As particulas e palavras invariaveis offerecem usos especiaes, idiomaticos de interesse no estudo da syntaxe.

Como que — inclue o pensamento de que o facto não é de todo certo, mas plausivel:

Como que te rias naquelle momento.

Esteve *como que humilhado* ao ouvir tão cruas palavras.

Os francezes traduzem expressão tal com a phrase — *on dirait que...* E', pois, de natureza affirmativa, mas sem decisão.

Que — A difficuldade do — *que* — seja pronome, adjectivo ou particula, comquanto apreciavel, não obsta a que se supprima em varios casos:

Desejo estejas com saúde
ou — *que* estejas com saúde.

Com o sentido de optativo ou imperativo, tambem é de elegancia supprimil-a:

(Que) Deus se compadeça do desgraçado!
(Que) venha o perdão!

— Tambem se entende, por analyse, em phrases que se constroem com o *infinito pessoal*:

Creio *seres* o unico que o sabe
(= *que és* o unico).

Isso deriva do *infinito pessoal*, que era de facto um tempo do subjunctivo nas suas origens.

— Expressa vagamente a disjunctiva nas locuções:

Elle conhece *uma que outra* pessoa
(*uma* ou *outra*).

Com a negativa a phrase corresponde affirmativa absoluta:

Deus *que não* o homem é todo poderoso.

— E' que, em phrase intercalada, constitue não pequena difficuldade de analyse:

Os homens *é que* devem fazer certos misteres.
As mulheres *é que* queriam o direito do voto.

Este — *é que* — é uma oração sem sujeito ou com o sujeito indeterminado *elle* (*elle é que*) e se se quer iniciar a phrase ha de construir de modo inteiramente diverso:

São os homens que devem fazer...
Eram as mulheres que queriam... (1)

(1) Não concordamos com os que mandam em analyse, supprimir este — *é que* nem com os que a substituem para *é certo que*, pois que em ambos os casos haveria offensa ao verdadeiro sentido da expressão, que é essencialmente synthetica e indecomponivel.

IX

Difficuldades de concordancia

As grandes difficuldades que realmente existem na syntaxe de concordancia, resultam de que nem sempre os factos observados se acham de accôrdo com os principios geraes da logica commum. E até se deve ajuntar que a secca e rispida *concordancia logica* não offerece a elegancia, a euphonia e a variedade dos usos e estylos da linguagem viva.

Os principios logicos *meramente de grammatica geral*, que se referem á concordancia do verbo com o sujeito, e do adjectivo com o substantivo, são os tres seguintes e bem conhecidos:

1.º *Dous ou mais sujeitos equivalem a um sujeito do plural.* Pedro e Antonio estão doentes.

2.º *Dous ou mais substantivos de diferentes generos equivalem a um substantivo masculino do plural.* A gloria e o saber são cobigados.

3.º *Em concurrencia de varias pessoas, a segunda é preferida á terceira e a primeira a todas ás outras.* Tu e Pedro não dormistes. Pedro e eu não dormimos.

Já tratamos d'esses casos e das principaes excepções na syntaxe das partes da Proposição. Cuidadosamente as deve reler o leitor. A excepção maior para aquellas regras logicas é a de que os classicos, por evitar a monotonia d'ellas, frequentes vezes fizeram o verbo concordar apenas com o primeiro de muitos sujeitos, quando estes se pospõem ao mesmo verbo. Seria escusado dar exemplos que são innumerados entre todos os escriptores de nota.

As tres regras logicas de *grammatica geral*, applicaveis a todas as linguas cultas, servem de recurso pratico ao principiante ou ao novel escriptor. A vernaculidade, porém, e o bom

estilo dos classicos mostram que são illusorias e não raro contrarias ao genio da lingua viva, falada ou escripta. (1)

A. Quando duas idéas formam collectivamente uma noção unica, os nomes que as exprimem equivalem a um substantivo singular. Taes são os casos de idéas gêmeas, como *fluxo e refluxo, um e outro, etc.* Ex.:

O bem e o mal conhece-se nas cousas em que consiste.
(J. Vasc., *Eufros.*, fol. 2.) (2)

(1) A respeito de *concordancia*, leia-se a annotação 160 da minha *Selecta Classica*. Grande subsídio para este capitulo devemos á *Gramm. Castelhana* de Andres Bello, annotada por R. Cuervo. Ajuntamos algumas illustrações do latim, lingua em que ha identicas occurrencias.

(2) Exemplos que resalta melhor na expressão *um e outro*. A respeito de *um e outro* communica-me Firmino Costa os exemplos de Castilho, *Fastos*, III, 19:

“Porque *um e outro* as portas nos *defendem*
A seu dono *um e outro* e *guarda e ama*.

.....
Um e outro é sagaz e presentido;
Um e outro aos ladrões *declararam guerra*.”

Nos exemplos acima registrados e nos que se seguem, sem embargo de exemplificações classicas portuguezas, tomamos por norma e modelo a *Grammatica castelhana* de Andres Bello, como já foi indicado nas primeiras edições deste livro.

Outras *idéas-gêmeas* se apresentam, que se podem offerecer com identica syntaxe, como *mar e céu, dia e noite, verso e rima*. (*Lus.* V. 97).

Ainda Camões escreveu no XLV Soneto (que começa *Por os raros extremos...*)

A vós seu resplendor *deu* sol e lua,
A vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, fogo, terra e agua nos *serviu*.

Certo é que para taes ousadias só quando se tem auctoridade.

Nos casos em que se indicar a *unidade* é mais uma fracção, parece melhor conservar a *concordancia* no singular:

“*Um e meio* basta.” Esta é a regra mais geralmente seguida.

B. Quando se usam etymologicamente fórmulas neutras como sujeitos, é admissível a concordância no singular:

Isto é o que vejo depois, trouxe esperança aos naufragos.

C. Os infinitos, substantivamente como sujeitos, representam fórmulas neutras, e por isso seguem a regra antecedente:

Comer, andar e dormir é proveitoso á saúde.

Peccar e emmudecer e cair na enfermidade. (Vieira, Sermões, I, 125.)

Inquirir... e ordenar toca a quem governa. (Floresta, V, 153.) (ap. F. Costa.)

“E assi os feitos heroicos d’este rei incomparavel (Alfonso Henriques) e o destroçar tantos reis mouros com poucos christãos, não se deve attribuir a forças humanas.”

Usando do artigo, é preferível a concordância logica:

O comer, o andar e o dormir são proveitosos á saúde. (1)

D. As proposições subordinadas pelo annunciativo *que* concordam em singular:

Não é admissível que o crime seja commettido e que o criminoso viva impune.

Que Socrates nada escreveu, e que Platão expoz as doutrinas de Socrates, é sabido.

(1) Em Camões ha uma concordância notavel de um só infinitivo sujeito com o verbo no plural:

Viam-se em derredor ferver as praias.

Lus. II, 98

E’ evidente que o nome *praias* determinou o plural do verbo. Confirma a regra maior a concordância no singular com dous infinitivos, como se encontra na Carta I do mesmo poeta:

“Salvam-se com dizer que se não podem fazer tamanhas duas cousas, como é prometer e dar”.

Era assim que se dizia no latim classico: *Et monere et moneri proprium est veræ amicitiae* (é proprio de amizade verdadeira avisar e ser ávisado — Cicero).

E. As excepções ou regras B. C. D. são violadas quando o attributo da proposição exprime reciprocidade:

Isto e o que Victor escreveu, não estão de accordo.

Dormir e aprender são cousas incompatíveis.

Que o homem seja livre e que seja igualmente escravo, repugnam.

F. O verbo, quando precede a varios sujeitos do singular — pôde, com parco e discreto uso, ficar no singular:

Veio a chuva, o trovão e a tempestade.

Excepto quando os sujeitos são pessoas:

Vieram Julio e Antonio.

Pôde-se usar, todavia, a concordancia do singular, intercalando algumas palavras que designam qualquer circumstancia:

Veio Julio e logo depois Antonio. (1)

G. Quando o verbo está collocado entre varios sujeitos, o que é raro, a concordancia se faz com o sujeito com o qual se expressa o verbo. Ex.:

A causa da religião nos leva, e a do nosso rei, a conquistar regiões desconhecidas.

H. O adjectivo que especifica a varios substantivos singulares precedentes, todos do mesmo genero, deve ir para o plural: *Ambição e ousadia imperdoáveis.* Quando os substantivos são de generos differentes, ha concordancia logica ou concorda com o ultimo:

talento e habilidade raros;

talento e habilidade rara.

(1) Era uso tambem no latim como em C. Nepos: *Thrasibulus contemptus est tyrannis, atque ejus solitudo* (Thrasibulo e o seu isolamento eram odiados pelos tyrannos.)

A concordancia logica é preferivel, collocando proxima ao adjectivo uma palayra masculina:

habilidade e talento *raros*. (2)

Se, porém, os substantivos são do plural, o adjectivo sempre concorda com o ultimo substantivo:

talentos e habilidades *raras*,
e não: *raros*.

De modo que a melhor concordancia é aquella que se realiza com as ultimas palavras:

(*habilidade rara; habilidades raras*)

I. Quando os nomes de titulos são femininos, é de rigor a concordancia por syllepse. Ex.:

V. Excellencia está *enganado*. S. Majestade estava *enfermo*.

Exceptua-se o caso em que o adjectivo faça parte do titulo:

S. Majestade *Catholica, S. M. Fidelissima*.

J. Quando occorrer um colectivo do singular modificado por um complemento regido de *de*, o verbo vae para o plural:

Nasceram-lhe pelo corpo uma *especie de* ulceras.
Parte dos prisioneiros *foram* massacrados.
Um *numero* consideravel de indios *pereceram*.

E' a melhor concordancia e a mais seguida. Com *cada um* o verbo fica no singular, mas ha muitos exemplos classicos em contrario:

"*Tiraram* dos surrões *cada um* uma carta da pastora." (Rodr. Lobo — *Pastor peregrino*, Jornada II, pag. 21.)

(2) Assim o fazia o latim: *Viri, foeminae, mancipia bello capti* (Homens, mulheres e escravos, aprisionados na guerra — Tito Livio).

K. Ha um caso notavel de syllepse em que se reproduz no plural uma idéa que foi exposta no singular. Ex.:

Luis escreveu uma *ode* admiravel como sabia escrevel-as.

Antonio saiu e comprou um pão onde os vendiam.

Não compres *livro* sómente pelo titulo: ainda que *pareçam bons*, são muitas vezes *pessimos*. (1)

L. O verbo *ser* constitue predicado só quando vem com o attributo: *é bom*, *é preciso*, etc. Por isso, muitas vezes o verbo concorda com o predicado:

Tudo *eram flôres*.

O *que* elle tinha *eram febres*.

“As *nymphas* do oceano tão formosas...

Outra cousa não é que as deleitosas

Honras que a vida fazem sublimada.”

Lus., IX, 89.

Alguns grammaticos sophismam o facto da attracção do predicado sobre o verbo *ser*, dizendo que na proposição: *O dinheiro é um bem fugitivo* — o sujeito é o *dinheiro*; e logo depois, na proposição — *O dinheiro são bens fugitivos* — o sujeito é *bens*. A verdade, porém, é outra, e resulta de que a predicacão nos verbos completos *amar*, *receber*, é constituida por esses proprios verbos: *Pedro ama*. Com o verbo *ser*, a predicacão só existe quando occorre um attributo: *Pedro — é amante*. O attributo é por assim dizer uma immannencia do verbo substantivo, e, em geral, lhe é subordinado. (2)

No conflicto entre a regra logica e a do uso, muitas vezes se encontra dupla syntaxe, como nestes curiosos exemplos de Vieira e Bernardes. Diz Vieira, *Sermão da Nativ.*, pag. 296:

“As *riquezas* sem luz são pobreza, e a *pobreza* com luz são as maiores riquezas.”

(1) Em Fr. Luis de Souza — *Vida do Arceb.* t. I, cap. IV: “Mas não nos constou em que *anno* começou nem *quantos* esteve com elle.”

(2) Por isso são correctas as phrases: *Quem bate? Sou eu. São 18 do mez. São onze horas da noute*, etc.

Na obra *Luz e Calor*, pag. 29, diz Bernardez:

“E assim como o espelho é todos os objectos representativamente; assim este entendimento é todas as cousas intencionalmente.” (1)

M. Ha certos casos em que a phrase pôde ter dous sujeitos de diversos numeros, e então a concordancia é arbitraria. Ex.: *Deve-se promulgar as leis*, ou *devem-se promulgar as leis*. No primeiro caso, o sujeito é *promulgar*; no segundo, *as leis*.

Quando, porém, o sentido determinar exactamente o sujeito verdadeiro, a concordancia não pôde ser arbitraria. Ex.: *Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o unico sujeito possivel é *inverter*.

Da mesma fôrma deve-se dizer: *Intenta-se demolir aquelles mórros*; e não, *intentam-se*.

N. Os nomes geographicos do plural, quando significam uma unidade, rio, cabo, monte ou povoação, figuram como no singular:

Campos é proximo do Rio.

Buenos-Ayres *está* na embocadura do Prata.

O fertil *Amazonas*.

Ha excepção quando os nomes exprimem collectividade de montanha, paizes, e são, por isso, precedidos do artigo:

Os *Estados-Unidos* de novo *fizeram* a paz.

Os *Andes* de sul a norte *marginam* o littoral do Oceano Pacifico.

Os *Alpes* nevam.

O. Syntaxe de QUE e QUEM sujeitos. A regra logica é que QUEM leva a terceira pessoa e QUE pôde ser de qualquer pessoa. Ex.:

Eu sou *quem* o diz — ou sou eu *que* o digo.

(1) Comm. por Firmino Costa. Acrescento que essa hesitação foi sempre de todos os periodos da historia da lingua. Camillo Castello Branco é na materia um dos mais hesitantes. V. o seu pamphleto *Vaidades*.

Entretanto, nos classicos ha exemplos de vario uso. João de Barros escreveu:

“Eu sou a *que ando* nas mexericadas.”

“Eu sou a *que maior bem quer*”, usos contradictorios.

Nas proposições de existencia (verbo *ser*), QUEM usa-se com qualquer pessoa: *Quem és? Quem sois?* Não seria correcto dizer: *Quem falas?* mas o é dizer com Bernardim Ribeiro:

“*Quem és a que me falas?*”

Nota-se o emprego do *que* com qualquer pessoa:

“*Eu sou o que te chamo e que te obrigo.*” Lobo (*Condest.*, I.)

E's alma que este peito animas (*Malaca conquist.*, V. 28).

O' tu *que passas*, homem Cyrineu (*Camões, Eleg.*, VI.)

Quem te disse que eu era o *que te sigo?* (*Lus.*, IX, 77).

Cousas *que* juntas se *acham* raramente (*Lus.*, X, 154).

Eu *que* cair não *pude* n'este engano (*Lus.*, V, 54).

P. Ainda que na concurrencia da segunda e terceira pessoas (segundo a regra da grammatica geral) deva predominar a segunda (Tu e Tullia *estae* bons), o habito de usarmos continuamente a terceira pessoa (Você, V. Excellencia), na conversação, torna possivel o predominio da mesma terceira pessoa na concordancia. (1)

(1) Os seguintes exemplos foram-me communicados por Firmino Costa:

“E assim tu agora sacrificas, para que nós e os *Deuses* te honrem.” Bernardez, *Estimulo Practico*, 89. “O inferno, Deus e mais tu o fizeram, elle como justo, tu como o condemnado.” Idem. *Ex. Esp.*, I, 195. “E cuidam elles; ou nós, que dizem o contrario. Ibidem, 366. “Diz-lhe que não ha sobre a terra um lo-

Q. *Um e outro.* Póde exigir concordancia no singular ou no plural:

Não eram bem despedidos de *um e outro* arcebispo.
Fr. L. de Sousa — *Vida do Arc.*, II, 138.

Um e outro *gemem*.

Feira de Annexins, 84.

Uma e outra coisa lhe *desagrada*.

Floresta, II, 260.

Um e outro mau effeito o *cegaram*.

Estim. pratico, 311.

Exemplos esses colhidos por Firmino Costa. Na era archaica dizia: *o um e o outro* (Cf. o francez — *l'un e l'autre*), esta syntaxe ainda se depara em alguns quinhentistas.

R. Os sujeitos por vezes são precedidos de preposição e nesse caso a concordancia é feita com o substantivo regido:

Cerca de duzentos soldados *morreram* em combate e *para mais* quinhentos *ficaram* feridos.

S. Por uma referencia occulta, póde, não sem elegancia, concordar o singular com o plural, como neste exemplo de Damião de Góes:

El-rei estava lançado num *catre* que *são* leitões de campo.

(*Ap. C. Figueiredo — Lingu. do Camões*, 31*)

T. Do eminente philologo Mario Barreto é a nota seguinte:

“Na carta que Rui Barbosa dirigiu, em 19 de maio de 1909, aos srs. F. Glicério e A. Azeredo acerca da candidatura

gar onde caibam elle, eu e o meu odio.” A. Herculano, *O Bobo*, 179. “A ver si tu e outros se convencem e se fazem tambem prégadores.” Castilho, *Colloquios*, 193.

Communicados pelo Dr. Silva Ramos:

“Mas tu nem os teus ulemas e cacizes *entendem* estas cousas”. Alex. Herc. *M. de Cister*, I, 86.

“A viscondessa, tu e quanta mulher ha *vão-se* com Belzebuth.”

Castilho, *Avar.*, acto V, sc. VI.

Hermes, e que teve entre nós a publicidade mais ampla, lê-se: "...e s. exc.^a respondera, declarando aceitaria, sob a condição de *anuirem* o barão do Rio Branco e eu".

"E" regra geral, ditada pelos gramáticos, que quando o verbo se refere a dois ou mais sujeitos, em concorrência de várias pessoas, a segunda é preferida à terceira, e a primeira a todas as outras: *Meu pai e eu iremos* — *Tu e tua irmã ireis*. Segundo este princípio bem conhecido, devia dizer Rui Barbosa: "...sob a condição de *anuirmos* o barão do Rio Branco e eu". Falhou, neste caso, a regra lógica de gramática geral, ainda que isto nada tenha de estranho; pois, como diz um autor ilustre, "esta matéria de concordâncias é das mais difíceis para quem se proponha reduzir o uso a cânones precisos, que se limitem a representá-lo fielmente". O exemplo de Rui Barbosa é mais um que se vai ajuntar aos já numerosos de liberdades, ou antes, licenças, tomadas caprichosamente por penas mui castiças em matéria de concordância do verbo com o sujeito.

"No caso da carta de 19 de maio de 1909, bastou que na oração antecedesse o sujeito de terceira pessoa ao da primeira (e pôs-se a primeira pessoa depois por modéstia) para que Rui Barbosa, escritor de correção esmeradíssima, fizesse reger o verbo em terceira também, dentro da pluralidade que lhes competia. Pelo menos, é a única explicação grammatical que me occorre para tão anómalo caso. Anómalo sim, porém não singular. Também Alexandre Herculano, no seguinte exemplo, em que concorre a 1.^a com a 3.^a, pôs o vb. na 3.^a pessoa do plural: "Dize-lhe que não há sobre a terra um lugar onde *caibam* êle, eu e o meu ódio". (*O Bobo*, cap. X, p. 179, edig. de 1878.) Cervantes, no *Coloquio de los perros*, escreveu: "Admiradas *quedaron* tu madre y yo..." Francisco Rodríguez Marín, que tem feito notáveis e preciosas reedições de Cervantes, corrigiu: "Admiradas *quedamos* tu madre y yo...", mas reconhece que a edição príncipe e a de 1614 trazem *quedaron*.

"Quer se diga *eu e meu irmão*, quer *meu irmão e eu*, como ordinariamente fazem os Franceses e os Espanhóis, os quais colocam a primeira depois das outras por cortesia (1),

(1) *Ma sœur et moi, parlons français* — *Mi hermana y yo hablamos francés*. Em português, porém, dizemos indiferentemente *eu e tu*, ou *tu e eu*, *eu e êle* ou *êle e eu*: *Eu e a minha irmã fomos francês*. — *Ficámos sós eu e aquela mulher* (*nous restâmes seuls, cette femme et moi*).

o verbo vai para a 1ª do plural: *Meu irmão e eu andávamos mal vestidos e mal alimentados*. Menos raras se topam as infracções da outra regra da gramática geral, de que deve predominar a segunda na concorrência da segunda e terceira pessoas (*Tu e êle partireis juntos*), porque não costumamos empregar na conversação a segunda pessoa do plural, mas sim a terceira. Veja Epifânio Dias, *Gram. portug. elementar*, § 116, *obs.*, e § 187, fim; A. A. Cortesão, *Gram.*, pág. 115, nota, e João Ribeiro, *Gram.*, curso superior, pág. 215. Eis o que torna possível o predomínio da terceira pessoa na concordância, como se vê nos exemplos que abaixo transcrevo: “De que me serve a minha inocência de que Deus e tu são testemunhas, se tu atiras assim com a minha fama, com a minha honra às esfaimadas bôcas da calúnia!” (Almeida Garrett, *O alfageme de Santarém*, p. 102, edição da Imp. Nacional, Lisboa, 1872.) — “O que eu continuamente peço a Deus é que êle e tu sejam meus amigos para se não enfadarem de me ter em sua companhia, e me darem o abrigo que meus pais me não deixaram.” (Camilo, *Memórias do cárcere*, vol. II, p. 144, edição de 1864.) — “Tu e os leitores da tua laia é que afogam os embriões dos escritores aforismáticos em Portugal.” (Id., *Vinte horas de liteira*, p. 149, 2ª edição.)

— “Matar-me-ia ainda assim, se tu e os outros me não chamassem cobarde.” (Id., *A Mulher fatal*, p. 154, 2ª edição.)

“Se os sujeitos se pospõem ao verbo, pode êste concordar com um só sujeito, o mais próximo, suprindo-se com os outros. E é o sujeito mais vizinho do verbo que atrai a concordância da pessoa: “Dei-me por doente, e por tal me creu no dia seguinte vossa mãe e vós”. (Filinto, *Obras compl.*, XX, 278.)

— “Quão diversamente que êle, me acolheu meu tio e vós! vós cheios de ternura, e êle humilhando-me.” (Id., *ibid.*, XXI, 77.)

— “Se vos vamos à mão, pondo em dúvida a existência sublunar de “mulheres que salvam”, aí vens tu e os teus colaboradores da mentira, gritando em estilo freudoso que há mulheres portadoras de bálsamos celestiais, colhidos nas colmeias dos anjos”. (Camilo, *Vinte horas de liteira*, introd., p. 17.) — “A história que eu vou referir, só a sabe em Portugal minha mulher e eu”. (Id., *O olho de vidro*, capítulo XII, p. 118.)”

X

Usos especiaes

Do verbo “haver” e uso do “se”

A syntaxe do verbo *haver*, usado não como auxiliar mas impessoalmente, constitue o que se poderia chamar *idiotismo* da lingua. Mas a syntaxe d'esse verbo, por mais anomala que pareça, acha-se sufficientemente explicada.

Nas phrases:

Ha homens
Houve occasiões
Haverá votos

Para os que sustentam a doutrina de que o verbo *haver* significa *existir*, aquellas sentenças interpretam-se do seguinte modo:

Existem homens
Existiram occasiões
Existirão votos.

Neste caso seria forçoso admittir que *homens*, *occasiões*, *votos*, são verdadeiramente sujeitos, que escapam á concordancia grammatical, constituindo d'esta arte vicioso solecismo. Mas é inadmissivel essa interpretação, e a prova é que ha necessidade de collocar o pronome no accusativo nas phrases como esta e outras analogas: “Festas não

as houve” onde evidentemente não poderia *as* ser sujeito do verbo.

A etymologia do verbo *haver*, porém, indica a fôrma primitiva no latim, que era *habere* e significa *ter*:

Copias habet
(*Tem exercitos*).

A comparação demonstra que o equivalente de *haver* no francez é *avoir*:

Il y a des hommes.
Ha homens.

E no periodo classico é commum encontrar *ahi houve*, *ahi ha*, analogos ás fôrmas de *y avoir*.

Que geração tão dura *ha hi* de gente? (*Lus.*, II, 81.)

No proprio portuguez antigo, *haver* ou concorre com *hi* ou com qualquer adjuncto adverbial equivalente, como na canção de Affonso, o Sabio:

Tantas son as mercês,
Senor, que *en ti á*.

Em Heitor Pinto sempre concorrem as duas palavras *hahi*, *hiha*:

“Não *hahi* cousa tam encuberta (I, 11) nem *hahi* razão para dizerdes (I, 27) mas taes *hahi* que folgam (I, 72, ed. Rollandiana. 1843).

O verbo *avoir* é derivado de *habere*; como *devoir*, de *debere*. D’ahi se conclue que se ha de interpretar o verbo *haver* com a significação de *ter*:

Ha homens = *tem* homens.
Houve dias = *teve* dias.
Haverá votos = *terá* votos.

Assim entendida, desaparece a discordancia, e os termos *homens, dias, votos*, serão considerados complementos directos do verbo *haver* = *ter*, cujo sujeito é elliptico:

O mundo tem homens.
O tempo teve dias.
A sociedade haverá votos.

Essa interpretação não é um sophisma, é a dedução de actos observados na lingua em diversos periodos, em que *haver* conserva o valor etymologico da significação:

E elle havia nome Antão.

C. Mon. 702 v.

“O instante se *ha* com o tempo da maneira que se *ha* o ponto com a linha.”

Heitor Pinto.

O facto do sujeito occulto é analogo ao do sujeito *apparente* que se nota no francez: *il pleut, ce semble, il y a*, etc. Tambem certo e innegavel é que actualmente, fóra da litteratura, o verbo *haver* significa *existir* e não *ter*, e isso explica os numerosos solecismos que hoje se nos deparam: “*Haviam occasiões*”, etc.

Essa translação de sentido é real e acha justificação no proprio verbo *ter*, que entre o povo já significa tambem *haver*: *tem dias* que... = *ha dias* que, etc. (Em outras linguas, como no francez, o verbo *être* tem o valor de *ser* e *estar* cumulativamente.

Ha phrases na lingua usual que conservam nitidamente o significado etymologico de *haver*. Ex.:

Haviada por verdade (*Lus.*, IX, 45) — (*tida* por...)

Bem haja o pobre (Deus tenha...)

A expressão *haver filhos* é consagrada; o substantivo *haveres* (teres, posses) indica claramente a etymologia.

Os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar*, frequentemente usados e de sentido quasi vago quando auxiliam verbos principaes, naturalmente soffreram a influencia que poderiam exercer uns sobre os outros.

O sentido de *ter* é evidente entre os quinhentistas em muitos exemplos:

Que outra ilha *tem* perto cuja gente
Eram christãos...

Lusiadas, I, 101.

— Certo grammatico chileno, J. J. de Mora, não sem agudeza, crê que nessas phrases do verbo *haver* impessoal, o sujeito é o adverbio — pronome *hi*, *y* (de *hic*, *illic*, lat.), que, ao menos na lingua antiga, acompanhava o verbo. Para comproval-o basta notar as phrases modernas em que *hi* é substituido por locuções adverbias (na *America* ha grandes florestas), as quaes locuções são os sujeitos, ao menos ideologicamente (*a America tem* grandes florestas). Comparem-se as phrases: *Aqui ha* (este lugar tem) palmeiras. "*Na Suecia ha* (A Suecia tem) pinheiros."

E' certo que o francez appõe o *il* com *il y a*, mas esse sujeito apparente é proprio de todos os impessoaes francezes: *il pleut*, *llueve*, chove. (1)

Pronome — SE

A lingua portugueza possui uma voz MÉDIA passiva com o pronome *se*:

Fizeram-se casas.
Preparou-se a terra.
Escreviam-se cartas.

(1) Muito digno de lêr-se é o estudo do Prof. Saïd All na *Rev. Bras.* (1895 — tom. I, fasc. I e II) sobre *Verbos sem sujeito*. O estudo é excellent e contém observações originaes e interessantes.

Este systema representa uma voz passiva da terceira pessoa, que seguiu a tradição do processo latino: *amor* = amo-se (o que aliás não está averiguado e é mera hypothese).

Ainda na lingua antiga nota-se a syntaxe pura da passiva com o *se* e o complemento causal:

As cartas *escreveram-se* por elle.
(Foram escriptas por elle.)

Não são muito raros os exemplos em Camões:

...o mar remoto navegamos
Que só dos feitos phocas *se navega*

Lus., I, 52.

Olha essa terra toda *que se habita*
D'essa gente sem lei, quasi infinita

Lus., X, 92.

Em Barros, *Decada III*, encontra-se o exemplo seguinte:

...*Se nota pelos mareantes os perigos do mar.*

Houve erro, se o é, de concordancia, e o escriptor deveria dizer *se notam* (*notam-se*). Mas o que é claro, é o uso da voz passiva com o complemento *pelos mareantes*.

São notados pelos mareantes os perigos.

Entretanto, o uso mais auctorizado é adoptar a passiva de *se* — salvo se ha sujeitos que possam ser representados por pessoas capazes de acção — o que faria naturalmente obscuro ou equivoco o sentido. Seria, pois, erro dizer: — “Na peleja, muitos soldados já *se estendem* mortos por terra”.

Esta construcção indicaria a espontaneidade da acção, o que é absurdo. Deve-se dizer: "Muitos *são estendidos* mortos no chão". (1)

Por influencia da lingua franceza, pela analogia ideologica que existe entre *on dit* e *diz-se*, o modismo francez introduziu-se na lingua, e ha escriptores que empregam a syntaxe: *diz-se* cousas (dizem-se cousas). Os defensores d'esse gallicismo syntactico procuram explicar a difficuldade considerando como sujeito o pronome *se*.

Esta explicação não é destituída de senso, embora contraria á historia da lingua até ao latim, onde o *se*, caso obliquo, não poderia ser sujeito do verbo finito.

No francez, *on dit*, o vocabulo *on* (*homo*) é um nominativo e pôde ser, como é effectivamente, o sujeito; doutrina, porém, que não pôde ser applicada á lingua portugueza no que respeita a particula — *se*. Tinhamos antigamente o uso equivalente de *homem* e *um*:

"Não pode *um* estar que não diga" "Não pode *homem* guardar segredo" etc. (2).

E mesmo *homem* sujeito podia ser usado na linguagem de mulher, como o fez Camões nos *Amphitriões*:

Ha os homens trazeres
si mornos nos amores.

I, sc. 2.

(1) *Gramm.* de Ferreira de Andrade J., Lisboa, 1850, pag. 65.

(2) E' interessante o que diz Leo Spitzer (*Aufsätze*, 161) sobre os modismos da especie: "*São* vaidades! *são* historias; *são* coisas, etc." para indicar a normalidade dos factos que soem acontecer. "*São ricos*, lá se entendam" é phrase que se approxima daquelle teór, embora mais clara no sentido da analyse.

Entretanto, a literatura contemporanea, tão approximada das fontes francezas, acabará talvez por fixar o uso de *se* como sujeito, apesar da resistencia que a isso oppõem os grammaticos.

Não é pequena a difficuldade de analyse da *passiva* com *se*. E' demasiada subtileza dizer que na phrase "Louva-se a Deus" a palavra Deus não é complemento objectivo, e affirmar que *a Deus* é sujeito (com preposição *l*). Além disso, "*Louva-se a Deus*" não significa que "Deus é louvado", e apenas que "Deus é para ser louvado, é digno de louvor", da mesma fórma "*Vende-se casas*", não significa "casas são vendidas", mas "casas são para vender ou vendaveis. (1)

Do mesmo modo analyssem-se fórmulas como "Aqui *bebe-se* vinho puro". — "Em Roma *vive-se* com pouco". — "A que horas *se* come?" (2).

Alguns empregos do — SE

Não é só o sentido de voz *passiva* que na phrase define o pronome *se*. Ha outros usos importantes que convém conhecer mais minuciosamente:

1. O emprego do pronome *se* e das variações de outras pessoas (*me-te-vos-nos*) ajunta ao do verbo o sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção:

(1) A fórma *vendavel* é a mais usada; contudo, *vendível* seria mais conforme á derivação dos adjectivos analogos que se tiram dos verbos em *er* e *ir*: *crível*, *attendível*, etc. Veja-se a nota 143 da minha *Selecta Classica*.

(2) Julio Pires Ferreira em suas *Consultas* (pag. 49) classifica os varios empregos de *se*: 1) voz passiva: gazophilacios onde *se lançavam* as esmolas (Bernardo); b) formação de reflexivos: retrou-se; c) *expletivos*, que indicam espontaneidade de acção: Alegrementemente *se* partia. Elle *se foi* á cidade. d) sujeito indeterminado: Conta-se de um monge que...

Esta ultima classe é a mesma da voz passiva.

“Elle se partiu; elle se foi embora” (isto é, por vontade própria e espontanea). “Alegremente se partia”, diz Camões.

Se a acção é necessitada e independente do sujeito, já não cabe o uso do pronome. Esse sentido deriva naturalmente do uso dos verbos chamados pronominaes, em que a acção do sujeito refere-se ao proprio sujeito e fica, portanto, na sua dependencia. D’ahi resulta que essa funcção, generalizando-se além dos pronominaes, empresta a espontaneidade da acção a outros verbos.

B. O uso de *SER-SE* é uma consequencia do anterior e por elle se explica cabalmente. “Quando se é rico”; “se se é pobre” — toda a existencia expressa pelo verbo vae e volta ao sujeito ou nelle se cifra e limita. Parece que na expressão “Quando se é mulher” a existencia exprime a necessidade; ao contrario, o sentido da phrase é exprimir a contingencia e hypothese, para tirar-se qualquer illação.

c. O uso de *se* exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente, serve para designar phenomenos naturaes; a agua evapora-se, — o que differe de — a agua é evaporada (podendo ser-o, nesse caso, artificial e propositadamente por outro agente). (1)

(1) Sobre a passiva formada com o pronome *se* e a respeito dos casos em que *se* parece ser o sujeito, leia-se a nota 138 da minha *Selecta Classica*.

XI

Da ordem e collocação das palavras em geral

O discurso coordena-se de duas maneiras: pela *ordem directa* e pela *ordem inversa*.

A *ordem directa*, tambem denominada *analytica*, consiste na collocação dos termos da proposição, de modo que venha em primeiro logar o sujeito, depois o verbo e afinal o attributo.

Exemplos:

— *Deus é omnipotente.*

— *A luz que se nota no brilho dos planetas, provém do sol, centro do systema planetario.*

A *ordem inversa*, tambem denominada *ordem synthetica*, consiste em uma disposição differente da que se nota na *ordem directa*.

Exemplos:

— *Omnipotente é Deus.*

— *Provém do sol, centro do systema planetario, a luz que se nota no brilho dos planetas.*

Como se vê do exemplo, o sujeito *LUZ* vem depois do verbo.

Ambas as construcções são peculiares ao portuguez, convido notar que o respectivo uso não é de todo arbitrario, quer quanto á distribuição dos vocabulos, quer quanto á distribuição das clausulas no periodo.

A *ordem directa* representa a analyse, serve para a linguagem intellectual, philosophica e scientifica. Tem mais clareza e fala mais á razão do que aos sentidos e á imaginação.

A *ordem inversa* representa a synthese, serve para a linguagem do sentimento, da arte e da poesia e finalmente da paixão; é linguagem dos poetas, oradores e historiadores.

A *ordem directa* é propria do estylo scientifico ou pratico. Na historia da lingua veremos que a *inversa* predominou no periodo dos grandes poetas e escriptores do seculo XVI. Nos seculos seguintes, a *ordem directa* vae predominando gradualmente por effeito da decadencia classica, do progresso da cultura scientifica e notavelmente por causa da influencia da literatura franceza.

Nas linguas primitivas, a ordem é sempre *inversa*, por isso que o periodo inicial é caracterizado pela intensidade do sentimento e vida affectiva e da poesia e imaginação.

A *ordem inversa* é, portanto, a mais antiga e a mais natural, salvo em seus excessos licenciosos e arbitrarios, que são intencionalmente produzidos pelos escriptores. Todas as phrases que encerram alguma sentimentalidade, são dictadas na *ordem inversa*, taes como as phrases optativas, exclamativas, imperativas, etc.

1 — DA ORDEM DAS PALAVRAS NA ORAÇÃO SIMPLES

Os termos da proposição, *essenciaes*, são o sujeito, o verbo e o attributo.

Os termos *secundarios* são os complementos.

Não é de todo arbitraria a collocação d'esses termos.

Ha algumas regras, das quaes as mais notaveis são as seguintes, nas proposições simples:

1. O sujeito colloca-se depois do verbo nas phrases interrogativas, exclamativas, optativas e imperativas:

Queres *tu* almoçar ?
Queira *Deus* protegê-lo !
Possam *elles* viver !
Dize *tu*; dizei *vós*.

“Cale-se de Alexandre, e de Trajano
A fama das victorias que tiveram.

Por emphase, pôde ser alterada a collocação n'este como nos outros casos.

2. Quando ha citação de um trecho ou quando um interlocutor toma a palavra, os sujeitos dos verbos que occorrem, como *dizer, replicar, responder, interroper*, etc., vêm sempre depois:

Creio, dizia *elle*, que...

Creio, replicou *Antonio*, que, ...

Creio, respondemos *nós*, que... etc.

A vida, dizia *Socrates*...

3. Colloca-se por harmonia e belleza do estylo o sujeito depois do verbo, quando é de grande extensão relativamente ao resto da phrase:

E' triste a *necessidade de corrigir com a lei abusos que deveriam já não existir*.

4. As proposições que começam por adverbio, de ordinario são construidas na ordem inversa:

Aqui esteve *elle* dous annos.

Em vão procurou *Cesar* convencel-o.

Apenas levantaram *elles* a cortina...

Então levantou-se o *rei* e disse.

Hontem desmoronou-se *uma casa*, etc.

5. Qualquer que seja a ordem da proposição, os complementos são inseparaveis das partes que os regem, ou os exigem:

Ardeu a casa *de Pedro*.

Ponha agua *com sal*.

O *hómem que é justo*, é feliz.

A palavra *Pedro* sempre ficará junto á preposição — *de* — qualquer que seja a inversão que se opere no primeiro exemplo, e o mesmo se pôde affirmar dos outros casos. Quando, porém, o complemento é uma proposição, como succede no ultimo exemplo, a ordem pôde ser invertida, por licença, na poesia:

O *homem é feliz, que é justo*.

Tambem disse elegantemente o nosso poeta Varella:

Ah! nenhum mago da Chaldeia sábia
A dôr abrandará que me devora!

A inversão em um unico talho da phrase pôde tornar-se abusiva, como o é a de Filinto Elysis nos *Martyres*:

Em *pesada* caiu *melancolia*.

6. Ha palavras que têm posição definida no discurso. O artigo, os demonstrativos, os possessivos, os indefinidos, os determinativos, vão sempre antes do substantivo

O homem.
As mulheres.
Este livro.
Meu livro.
Alguns homens.
Qualquer homem.
Todo homem.

Do artigo nunca se faz inversão, nunca se diz em prosa nem em verso: *homem o*. Dos outros determinativos são naturaes as inversões na poesia e na propria prosa, em orações exclamativas: Que homem *este*! (1)

A inversão pôde dar-se, mas em qualquer caso tambem se opêra a differenciação dos sentidos em maior ou menor gráo.

(1) "Homem *este* que viera de longes terras". Repare-se que nesta phrase exprime-se referencia e accrescimento a assumpto já começado ou tratado. Com analogo sentido, é costume empregar a expressão: disse *isto*, *isto* disse, etc., para indicar o que já foi dito e não o que se vae dizer. Depois de reproduzir varios discursos, ajunta Camões: *Isto dizendo* (II, 106). *Isto disse* (II, 89), ou intercala:

Eu só com meus vassallos e com esta
(E dizendo *isto*, arranca meia espada)

Lus. IV, 19.

Muitos escrevem *isso*, provavelmente por uma reminiscencia de *voilà* francez.

Por exemplo:

Homem *algum*.
Um *simples* criado.
Um criado *simples*.
Homem *qualquer*.
Qualquer homem.
A tarde *toda*.
Toda a tarde.

Com os relativos e conjunctivos *que*, *qual*, *cujo*, é inadmissível a inversão:

As *quaes* cousas.
Que *cousa*.
Cuja regra.

E' completamente impossível, nestes exemplos, inverter a ordem, dizendo: *regra cuja*, *as cousas quaes*, etc.

Na lingua antiga era admissível a syntaxe de collocação que separa o *adjectivo* cujo de seu referente: — aquelle homem *cuja* era a mulher.

— O *adjectivo* *meio* antepõe-se: *meia arroba*, *meio litro*. Depois da expressão de unidades, *pospõe-se*: *duas arrobas e meia*, *litro e meio*.

No emtanto, o symbolo correspondente a *meio* vae sempre reunido ao das unidades: 2 1/2 *arrobas*, 1 1/2 *litro*.

— *adjectivo* *mero* sempre se antepõe: *mero soldado*.

Alguma rara vez pôde vir posposto, no verso:

Isso é um segredo *mero*
A que o amor nos obriga.

Camões — Auto do amph. I, V.

7. As palavras em juxtaposição separada, os compostos e as locuções têm a ordem de construção já consagrada pelo uso, e que não pôde ser invertida:

Ajudante general.
Por onde.
Pouco mais ou menos.
Afim de que.
Desde logo.
Mão grado.
Onde quer que.

8. Quando ha emphase ou necessidade de pôr em relevo qualquer idéa ou expressão, esta deve ir em primeiro logar:

"A sua historia ouviste-a." (Herc., Eur., XVI.)

"Pilotos lhe pedia o Capitão." (Camões, Lus., I, 70.)

"Qual a materia seja, não se enxerga" (Camões, Lus., X, 78).

2. — ORDEM DAS PROPOSIÇÕES NO PERIODO

1. As proposições subordinadas de qualquer especie collocam-se conforme a dependencia em que estão da principal.

A *subordinada substantiva*, quando serve de *sujeito*, de ordinario vae depois do verbo:

Era justo que *se retirasse*.

E' lamentavel que *assim procedas*.

A *subordinada substantiva* que serve de *complemento*, ordinariamente vae depois do verbo:

Quero que *estudes*.

Receio que *venham*.

Vi que *se divertiam*.

A *subordinada adjectiva* que se aggrega ao *sujeito* ou ao *complemento*, vae sempre junto do *sujeito* no primeiro caso e do *predicado* no segundo.

O livro que *li*, é bom.

Recebi o livro que *escreveste*.

A *subordinada adverbial* não tem collocação definida. Colloque-se no rosto da phrase a que fôr

mais emphatica, conforme a intenção do que a diz:

Elle morrerá, *se persistir*.
Se persistir, morrerá.
Logo que sai, choveu.
Choveu, *logo que sai*.
Antes de partir, chorou.
Chorou, *antes de partir*.

2. A proposição absoluta fica intercalada, quando marca uma citação ou fala de qualquer interlocutor:

A riqueza, *disse Socrates*, é ephemera.
Quero, *exclamou elle*, quero viver.

3. As orações coordenadas são dispostas conforme o sentido e a successão veridica dos factos:

a) *Deus fez a luz; depois creou a natureza; e finalmente formou o homem.*

b) *Entrou em combate, luctou heroicamente e morreu.*

A idéa obriga a collocação em circumstancias como estas, de sorte que seria impossivel dizer: *morreu, entrou em combate e luctou heroicamente*. Não menos absurdo seria inverter a ordem do primeiro exemplo dizendo: *Deus finalmente formou o homem, depois creou a natureza*, etc. Assim, todas as vezes que os factos têm ordem historica, a narração deve tambem seguir em logares successivos os momentos successivos do tempo.

A conclusão de uma premissa deve ir tambem em ultimo logar. *Penso, logo existo*; é phrase que se não pôde inverter.

A inversão tem, todavia, logar, quando, sem offensa da ordem veridica e historica dos factos, a coordenação é feita por conjuncções disjunctivas:

Quer venha, quer não venha.
Quer não venha, quer venha.

Neste caso existe exclusão de um dos dous factos, e a ordem historica não soffre injuria alguma.

Mas, quando na successão e gradação de proposições ha necessidade de oppôr uns a outros, a successão deve entender-se para cada grupo de proposições. Ex.: "O dia aciara os ob-

jectos, a noute os obscurece; um é o momento do trabalho; a outra, o do descanso”.

Sem embargo d'estas regras, que são mais da logica do que do uso commum, nota-se em muitos passos dos *Lusiadas* certo desalinho na enumeração de acções verbaes. Ponho os exemplos:

Derriba, fere, *mata* e põe por terra.

Lusiadas, I, 88.

Fere, *mata*, derriba, denodado.

III, 67.

Rompe, corta, *desfaz*, abala e talha.

III, 51.

Aventurar-me a *ferro*, a *fogo* e a *neve*.

IV, 79.

E ainda outros, bastantes para que se supponha que em verdade é intencional. Descrevendo combates e pelejas, nota o poeta acções multiplas, simultaneas e confusas, exercendo-se sobre multiplos sujeitos; pôde então dizer: *Fere* (a uns), *mata* (a outros) e *põe por terra* (a outros).

XII

Da collocação dos pronomes (1)

Definições. Os pronomes obliquos *me, te, se, lhe, nos, vos, o*, chamam-se *enclíticos*, quando são collocados depois do verbo, e sempre foram assim chamados por ser essa collocação normal:

Arrependi-*me*.

Diga-*me*.

Chamam-se *proclíticos* quando vêm antes do verbo:

Para que *lhe* diga.

Disse que *se* arrependera.

Ao phenomeno de anteposição dá-se o nome de *próclise*; ao phenomeno de posposição, o de *enclise*.

Ainda ha o caso em que os pronomes ficam intercalados no vocabulo. E' o que se dá no futuro:

Dir-*te-ei*.

Far-*vos-ei*.

(1) Aconselhamos a leitura do livro — *Língua portugueza* (1922) de Affonso Costa que em varios capitulos sobre a próclise e enclise illustra a materia, e faz critica de seus predecessores. — De interesse retrospectivo são os *Rascunhos grammaticaes* de B. C. (Baptista Caetano) 1881. A primeira grammatica portugueza (e uma das rarissimas) que se occupou da questão foi a de Francisco Ferreira de Andrade Junior — *Grammatica das Grammaticas* que dedica a esta materia paginas numerosas. — Recentemente e por influxo do Brasil a materia mereceu a attenção de Candido de Figueiredo que escreveu conhecido livro sobre o "assumpto e a de Epiphanyo Dias (um pouco desordenadamente) na sua postuma *Syntaxe historica*".

É um caso especial da posposição, porque, se não é de uso dizer *farei-te, dirá-te*, a anteposição é sempre de bom uso: *te direi, te fará*. *Verás-me* havia em um manuscrito dos *Lusiadas* entre as estrophes que foram depois omitidas e ha exemplos, ainda que raros, em outros classicos.

REGRAS DE COLLOCAÇÃO

A questão da collocação dos pronomes obliquos tem sido entre nós objecto de vivas questões, menos pelos erros no emprego d'esses pronomes do que em razão de regras falsas, arbitrariamente imaginadas e impostas com tyrannico e absurdo despotismo por varios grammaticos de hoje. A verdade é que os casos de *collocação determinada* se reduzem a *quatro*, como veremos; fóra d'ahi tudo fica ao capricho e arbitrio do rhythmo, euphonia, ou emphase, não havendo para estes casos regra de absoluto rigor.

- ⊕ 1. Sempre que a oração é *negativa* ou *subordinada*, as encliticas pronominaes, *em geral*, precedem o verbo:

“Pedi *que* lh'o mostrassem, perguntou cujo era; respondeu o official que era um filho de Sua Senhoria *que se* embarcava para a India.”

Bernardez. *Floresta*.

“Ao falador, calo-me; ao doudo, não *lhe* atalho a furia; ao pobre, não *lhe* devo; ao rico, não *lhe* peço; ao vão, *nem o* gabo *nem o* reprehendo; ao lisongeiro, não *o* creio.”

Lobo. *Pastor peregrino*.

“No fim da carta de *que* V. M. me fez mercê, me manda V. M. diga o meu parecer sobre a conveniência de haver neste Estado ou dous capitães-móres ou um só governador. Eu, Senhor, razões politicas nunca *as* soube, e hoje *as* sei muito menos.”

Vieira. *Cartas*.

Em vista d'esta regra, quando a subordinação de uma proposição fica expressada pela proposição principal, a anteposição das particulas é obrigatoria. Notem-se:

“Aquillo que amaveis não era o corpo, era a alma; apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde ver.”

Vieira. *Sermões*.

Ha umas poucas de excepções quanto a essa 1ª regra, no que respeita á subordinação quando esta é expressada por *que*, conjuncção, ou *porque*, *pois que*. Os exemplos não são em grande numero, mas encontram-se nos bons escriptores. “*Porque* sobre os damnos referidos começava-se a sentir outro mais temeroso”. (Fr. L. de Souza.)

Nos casos de negativa, não ha excepção; isto é, nesses sempre anteposição dos pronomes obliquos.

2. Nunca se dá posposição depois do participio preterito. Ex.: *tenho-me aperfeiçoado*; e não, *tenho aperfeiçoado-me*.

E' regra sem excepção, sem embargo de que o não é na lingua italiana, cuja literatura tanto influiu na era classica.

3. Nunca se dá a posposição nos futuros simples: *direi-lhe*, *amarei-o*. Nesses casos ha tinese ou intercalação: *dir-lhe-ei*, *amal-o-ei*.

4. Nunca se começa phrase ou periodo com o pronome obliquo. “*Me dê*”, “*me faça*”, etc., são brasileirismos que devem ser evitados.

5. Nas phrases do gerundio ha anteposição; nas de fórma imperfeita, posposição:

Em se levantando
Levantando-se.

6. Com algumas particulas, como *aqui, ahí, d'onde, onde, já, cá, só, sómente, lá, sempre, conforme, assim, nunca, não, bem, mais, muito, etc.*, ha tendencia para a anteposição, quando os adverbios ficam antepostos:

“*Ahí se veem as murtas circumstantes.*”

Cam., *Ecl.*, 7.

“*Ahí lhe mostra o campo varias côres.*”

Cam., *Bleg.*, 3.

“*Esta guerra só a sabem fazer os moradores.*”

Vieira, *Cartas*.

“*E em tanto se guardava que tendo um tempo guerra com Philippe.*”

Diogo do Couto, *Sold. pr.*

“*Muito me apraz dizel-o.*”

Vieira, *Cartas*.

“*Onde se encontra ou se vende?*”

Esta regra na parte que se refere a *não, nunca*, é consequencia da regra 1^a da proposição negativa. Fóra d'esse caso, não é difficil respigar exemplos, embora não muito frequentes, em contrario. É', todavia, preferivel construil-os com a anteposição:

Bem te avisei.

Ainda vos será util saber.

Sempre se faz assim.

Conforme se offereceu a occasião.

7. Ha anteposição em algumas orações optativas, de uso vulgar, quando o sujeito antecede o verbo da proposição; em virtude da regra 1^a, não inclue, portanto, caso novo:

Deus me livre.

O diabo te leve.

Mal' raio te parta.

Bons ventos o levem.

Em resumo, ha uma certa attracção do sujeito ou do adverbio de negação, quantidade e tempo, para com o pronome obliquo. A anteposição dos primeiros torna elegante a anteposição dos ultimos. Provam os exemplos: *Deus me livre, livre-me Deus; muito se discutiu, discutiu-se muito, etc.*

8. Com os adjectivos *todo, nada, ninguém, nenhum, cada, qualquer*, e com os quantitativos *tanto, quanto, muito, pouco*, etc., quando precedem o verbo, também precederão ao verbo os pronomes:

Ninguém *lhe* falou.
Todos *lhe* falaram.
Poucos *se* abstiveram.

E' em parte esta regra consequencia da 1ª e da 6ª.

9. Em toda a proposição que começa pelo vocabulo *que* (conjunção ou pronome) e pelas variantes *qual, quem, cujo*, etc., ha *próclise*, isto é, anteposição do pronome. E' consequencia da regra primeira, porque taes proposições são subordinadas.

Quem o chamou.
Lei, cujo texto *se* comprehende.

10. Com os complementos de *logar onde, d'onde*, o pronome antepõe-se com mais frequencia de exemplos e elegancia de estylo:

Em Roma *se* vê o Papa.
Onde *se* bebe ?

E' consequencia da regra 6ª, já exposta.

Esta regra tem exemplos em contrario. E pôde-se affirmar que a questão de collocação dos pronomes ainda não ficou resolvida, ou porque o phenomeno não fosse observado perfeitamente, ou porque não é susceptivel de disciplina exacta e positiva.

Do que ficou exposto resulta que só ha tres regras em que a anteposição é obrigatoria:

1. Nas negativas.

2. Nas subordinadas de *que, qual, cujo*. Comtudo, com a conjunção *que, porque, pois que*, já a regra não tem mais rigor e é muito exceptuada. (1)

(1) Com a conjunção *que* e compostos de *que* ha numerosos exemplos colhidos por Pedro Pinto — *Notas de linguagem portugueza* — pags. 143 e seguintes: De sorte que Christo defendeu-se do diabo (Vieira V. I. p. 272), *Porque* os paços de Lamentor acabaram-se (B. Ribeiro — *Menina e moça*, c. 28) e entre os modernos, varios exemplos de Camillo: Entregue vocemecê o seu arranjo a alguem que eu dou-*lhe* meia moeda (*Onde está a felicidade*, 96).

3. No gerundio (*em se levantando*).

Só ha uma regra em que a **posposição** é obrigatoria:

No começo da phrase (Não se entenda no começo da oração principal, que nem sempre inicia a phrase).

Todas as demais regras se derivam immediatamente d'estas, e são simples amplificações ou não têm valor pratico, porque exemplos classicos desmentem a toda hora. (1)

COMBINAÇÕES

1. As encliticas *me, te, se, nos, vos, o*, sendo complemento objectivo, não toleram outra enclitica.

Recommendou-me a vós e não recommendou-me-vós.

(1) Os ultimos trabalhos de valor sobre a collocação de pronomes são os de Said Ali na *Rev. bras.* 1895; os *Estudos de portuguez* de Raggio Nobrega (lidos com muita reserva) e os de um rio-grandense, F. Dutra. Um velho grammatico do Funchal, Ferreira Junior, foi, creio, o primeiro a tratar do assumpto; a sua *Gramm.* que merece ser reimpressa, data de 1850. A proposito da collocação de pronomes, faz-me notar o Dr. Silva Ramos em que Felinto Elysió se encontram exemplos (?) de pronomes obliquos no começo da phrase, *verbi gratia*, na trad. das *Fabulas* de Lafontaine.

Nen sei que intento é esse;

Não deixarás este ermo solitario?

—M'o deparas mais brando? Dares musica

A brutos! Quando muito a algum camponio.

L. 1—57.

Vem-me beijar, vem, mano,

Me offende o teu receio.

L. III — 39.

Não é exactamente o caso de começo de phrase. São expressões continuadas, talhos de periodos differentes. Ha, comtudo, certas expressões populares proverbias, que começam pelo pronome: *Me mellem! T'arrenego!* Em um dos numeros da *Renascença*, 1904, publicou o Dr. Silva Ramos um estudo a todos os respeitos notavel sobre a questão dos pronomes, dando nova interpretação ao phenomeno; a collocação para o Dr. S. Ramos é sempre enclitica; ha sempre posposição; e essa

2. As enclíticas *me, te, nos, vos, lhes*, quando são objecto indirecto, pospõem-se a *se* e antepõem-se a *o*:

Fez-se-me.
Deram-se-lhes.
Contei-lh'o.
Disse-m'o.
Que m'o censure.
Para que lh'o diria?
O que se vos fez.

3. As combinações *vol-o, nol-o* são mais usadas antes dos verbos: *quem vol-o disse?*

4. Alguns escriptores usam a combinação ternaria de tres enclíticas: *Dê-se-lh'a, a esmola*.

Pecca por falta de harmonia e de elegancia, quando faz recuar o accentto para a quarta syllaba, o que não é lá muito da indole da lingua: "Faça-se-lhe a vontade".

posposição se faz sempre em relação á *palavra de emphase*, que póde ser o verbo ou não:

Elle-o disse
Elle disse-o
Deus-me livre
Livre-me Deus, etc.

E' como se vê, muito original e interessante esse modo de vêr a questão. No exemplo citado, se a questão importante é o haver dito, a phrase é

Elle disse-o

Mas, se o que importa é a pessoa, então será a phrase:

Elle-o disse.

XIII

Figuras de syntaxe. Particulas de realce

Figuras de syntaxe. — São as modificações de qualquer ordem da syntaxe regular, feitas espontaneamente ou com o intuito de ennobrecer o discurso.

As figuras de *syntaxe* são numerosissimas, se levarmos a analyse até ao estylo, ao rhythmo da linguagem. Isto, porém, ao nosso parecer é mais do dominio da rhetorica do que da grammatica.

Estudaremos apenas as principaes figuras.

Ellipse — é a que indica a supressão necessaria de um ou mais vocabulos na phrase:

O ouro pesa mais do que o ferro (pesa).
Silencio! (fazei silencio).

Ha certas *ellipses* que devem ser aconselhadas por elegantes ou por evitar os francezismos do estylo actual.

A ellipse do indefinido *um*:

A vida do philosopho é calma
A vida d'*um* philosopho...

A ellipse de *algum*:

Ter pratica
ter (alguma) pratica.

Salvos os casos do emprego justificado de *um* e *algum*. Eis exemplos excellentes:

“Se alguém deseja *alguns* dictames para escolher e adquirir amigos, póde arrimar-se aos seguintes.”

Bernardes. *Floresta*.

Que não é premio vil ser conhecido
Por *um* pregão do ninho meu paterno.

Camões, *Lus.*, I. 10.

Zeugma — é um caso particular da ellipse, indica a suppressão do sujeito. (1) É muito da indole da lingua.

Vou (eu vou).

Luis foi e voltou (Luis voltou).

Asyndeton — é outro caso particular da ellipse. Indica a suppressão de particulas:

Sobre o mar e a terra

(Sobre o mar e sobre a terra).

Os casos mais notaveis da ellipse são aquelles em que de dous vocabulos que primitivamente andaram juntos, um desaparece e o outro que resta, ganha a funcção dupla de ambos. Foi o que succedeu a alguns adjectivos que hoje têm o valor dos substantivos: *meia* (calça meia), *sereno* (*tempus seranum*), *figado* (*jecur ficatum*, lat.), *javali* (porco javali-montez), e, em geral, todos os adjectivos usados como substantivos: *o rapto*, *o direito*, *o pobre*, *o rico*, *a presa*, etc.

Syllepse — é a figura pela qual a concordancia se faz, não com o termo grammatical, mas com a idéa que se tinha em mente:

(1) Divergem os grammaticos quanto á definição de *Zeugma* e de *Ellipse*.

Syllepse de numero:

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade.

Camões, *Lus.*, III, 9.

De genero (apud F. Costa):

✓ Eram mais de dois milhões de pessoas grandes e pequenos.

Vieira — V, 31.

Não é digna de imitação a syllepse depois de *um e outro*, como no exemplo de Fr. Luis de Souza: Um e outro *arcebispos*.

Um e outro não varia de genero. “A morte e o inferno *um e outro* (e não *uma e outro*) são temíveis”. E a syntaxe melhor e mais bem auctorizada.

Eis um exemplo mais, que me communica Firmino Costa:

“Porque assim como a alma e o corpo, quando unidos, vae *um* para onde vae o *outro*.” (Bernardez — *Exerc. espir.*, II, 333.)

Ruy Parbosa não seguia esta syntaxe (*Cartas da Ingl.*, pag. 71, pag. 77), mas seguiu melhor conselho na sua famosa *Replica*. No muito interessante opusculo de José A. Corrêa (*Estudinhos da lingua portugueza*, Maranhão, 1883) depara-se-me o exemplo de Vieira:

“Dei-te *um* corpo com minhas mãos, o mais perfeito; dei-te *uma* alma tirada das minhas entranhas e feita á minha imagem e semelhança, ornei e habitei *um e outro*...”

Syllepse de pessoa: Tu e *Tulia estaes* bons.

Neste exemplo o verbo *estaes* concorda com o termo mental occulto: *vós*.

Syllepse de genero:

“Já o nosso desterro tem no céu esta victima de sua innocencia; queira Deus que com ella se acabem de desenganar os homens, e que por desconto d'esta desgraça vejamos a *Vossa Excellencia restituído* ao descanso de sua casa.”

Vieira — *Cartas*.

— E no celebre exemplo de Camões:

Mas já a planeta que no céu primeiro
Habita cinco vezes *apressada*...

O adjectivo *apressada* concorda com *planeta*, que era nos seculos XV e XVI do genero feminino, e não com o nome occulto *lua*, como diziam alguns grammaticos. Não houve, pois, syllepse neste caso.

Syllepse de tempos verbaes. Quando a correlação não é verdadeira, dizendo-se *trazia* em vez de *trago*, como o fez Camões, obrigado talvez pela difficuldade de rimas de *trago*:

D'este Deus-Homem, alto e infinito
Os livros que tu pedes não *trazia*.

Lus., I, 66.

e assim no resto da estancia.

Comtudo, o uso do *imperfeito* é o mais proprio da poesia narrativa e o segundo nos romances, chacaras, balladas e solaus.

Dizendo aquestas palavras
N'um cavallo se *assubia*.
Fanfarrão e corpulento
Alvo, de gran bizzarria;
Deu de espóras, largou redeas,
Logo *desapparecia*.

Castilho, *Outono*, 249.

Hyperbaton — indica a transposição da ordem nas sentenças e nos grupos de palavras. É uma das bellezas que o portuguez conserva por herança latina.

“Talhas lhe punham d’uma e d’outra parte
Sem proveitar dos homens força e arte.”

Lus., VI, 73.

Em Filinto Elysio, grande cultor, embora, da vernaculidade e propriedade da linguagem, mas pobre de habilidade no versificar, ha verdadeiro abuso do hyperbaton. São d’elle versos como estes:

“Em pesada, caiu, melancolia.”

“No Ithomeo cume,
E dorio perystilo da Ara homerea,
Se estendia uma faixa de verdura,
De *estadios* ampla em roda, *centos oito*.”

Pleonasmo — é a repetição de palavras e idéas para tornar clara ou emphatica a affirmação: *vi* com estes *olhos*, *ouvi* com estes ouvidos, etc.

O exemplo de Camões: “*Vi claramente visto o lume vivo*” não é propriamente pleonasmo, como o não é o emprego emphatico de *nunca jámais*, *não — nada*, *não — nenhum*, etc., nas phrases negativas; nem o é o emprego de *acaso*, *talvez*, *por ventura*, em phrases dubitativas e interrogativas. A considerar taes exemplos como pleonasticos, não haveria belleza maior que a d’essa figura.

Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Verdadeiro pleonasma e pouco digno de imitação é o de João de Barros:

“Ao qual recado *elle Hidalção* não respondera; e que como os príncipes ás vezes se *indignavam indignamente* de seus capitães...”

Não faltam, porém, escriptores que o justifiquem e passem o exemplo para o canhenho das costumadas imitações.

EXPLETIVAS

(Particulas de realce)

Expletivas. — São quaesquer partes do discurso usadas como simples efeitos decorativos da phrase.

Pronomes. — Alguns pronomes pessoases são usados apenas com a função de *emphase* em logares onde seriam em certos casos dispensaveis:

Lembra-me a mim.

Deu-me a mim.

Veio-lhe, *nelle*, uma inchação. (1)

Sim. — O adverbio *sim* emprega-se muitas vezes com efeito de realce:

E' morta Roma, *sim*, morta de todo.

(Garrett — *Catão*.)

O que repetido sem ser grammaticalmente necessario no mesmo periodo. No exemplo geralmente citado:

...E *que* o regente

Que esta terra governa, *que* vos veja.

Lusiadas, I, 27.

(1) Vide o exemplo de João de Barros (onde se encontra — *elle Hidalção*) nesta pagina.

De. — A particula *de* é algumas vezes simples elemento de realce:

E' muito *do* meu.
O pobre *do* homem.
Deu-lhe o nome *de* João.

Ainda o é nas phrases comparativas:

Mais sabio *do* que justo.
E' mais bella *do* que a violeta.

A. — A preposição *a* é notada excepcionalmente nas relações de objecto directo com os nomes proprios:

Pedro matou *a* Julio.

As. — O artigo *as* em phrases idiomáticas e annexins é muitas vezes complemento directo em concordancia com um nome occulto, e nesse caso subsistiu como expletivo:

Deu *as* de Villa Diogo.
Sabe fazel-*as*.
Disse-*as* bem loas.

XIV

Anacoluthia

Anacoluthia, chama-se a interrupção e mudança de construcção já começada por outra de nexo diferente.

Em geral, essa interrupção, não raras vezes elegantissima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação logica, por si mesma despida de sentimento.

*Eu que cair não pude n'este engano
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças...
O peito de desejos e esperanças.*

Camões, *Lus.*, V, 54 (1)

(1) Communica-nos o Dr. Silva Ramos, nosso illustrado collaborador, os exemplos seguintes:

Da *Ulysippo*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos:

"Quem muitas estacas tancha, alguma lhe ha de quebrar."

"Quem te não roga, não lhes vás á voda."

"Quem Deus quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha."

"Quem se bem estreia, bom anno lhe venha."

"Bezerrinho que soe mamar, prue-lhe o paladar."

Aproveitando a tendencia popular, o auctor da *Ulysippo* põe na bocca de um dos interlocutores a seguinte phrase:

"Eu por bem farão de mim tudo, e por mal nada."

Sem sair do seculo XVI **Bernardim Ribeiro**, na *Menina e Moça*, assim se exprime:

"...por onde corre um pequeno ribeiro de agua de todo o anno que nas noites caladas o rugido d'elle faz no mais alto d'este monte um saudoso tom."

E **Diogo do Couto**, no *Dialogo do Soldado Practico*:

"O rendeiro da Alfandega que no cabo do seu arrendamento

E o seguinte de Fr. Luis de Souza:

Os brincos, os jogos, os passatempos traz que aquella idade corre sem peso, e ainda sem malicia,

ficou devendo dez mil cruzados são seus fiadores levados pelos ares”.

E na *Decada*:

“Manoel de Souza de Sepulveda, vendo sua amada esposa naquella estado e os filhinhos no chão chorando, parece que a magua e a dôr lhe resuscitou o entendimento.”

Passando ao seculo XVII, Francisco Rodrigues Lobo, que com tão elevada eloquencia pelejou sempre em favor da vernaculidade, foi o escriptor que mais amou aquella fórma de construcção. Leio na *Côrte da Aldeia*:

“Veio occasião em que o bom soldado invejoso e animado do que ouvia ler, lhe pareceu ensejo de mostrar o seu valor.”

“Eu que não perdia com os olhos um só movimento dos que os seus faziam, me pareceu tudo o que tinha visto sombra de graça e brandura.”

“Outro estudante do meu tempo (proseguiu Pindaro) passando parte de uma noite de inverno em casa de um amigo que morava perto do rio, choveu tanta agua e cresceu com tanta furia o Mondego, que lançou por fóra e fez ilha das casas do estudante.”

“E de então todos os que por fio de geração não succederam, as armas lhes deram titulo, corôa, sceptro e senhorio.”

“O outro Plafon andava o seu nome no bico dos passaros.”

E no *Desenganado*:

“Leontino que conheceu a letra e que abrindo-a (a carta) viu o signal de Marisbea, começaram-lhe a correr as lagrimas.”

São do elegantissimo D. Francisco Manoel de Mello, na *Carta de guia de casados*, estes dizeres:

“...que verdadeiramente as que se enfrascam nestes negocios caseiros não lhe lembram outros.

“A mulher principal basta-lhe que sua rainha a conheça.”

No nosso seculo, Garrett, a quem não escapavam bellezas d'estas, offerece-nos nas *Viagens na minha terra* um periodo construído por este feito:

“Assim o povo que tem sempre, melhor gosto e mais puro do que essa escuma decorada que anda ao de cima das populações e que se chama a si mesma por excellencia *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre de Deus e o Beato e Xabregas e Marvilla e as hortas do Chellas.”

E *Castillo*, que não descuidava nunca limar a phrase e polir o verso, faz dizer a um rapazola no *Fausto*:

parecia que a natureza o criaria isento da inclinação d'elles. (*Vida do Arc.*, II, cap. 2.)

“Lá a mãsinha, essa, coitada,
E' que lhe custou muito eu vir-me embora.”

Por ultimo, dois exemplos muito curiosos colhidos por **Latino Coelho**, que nos transmite no *Elógio de Frei Francisco de S. Luiz*. Um, de **Vieira**, no sermão do Rosario.

“Os tres reis orientaes que vieram adorar o filho de Deus recém-nascido em Belém é tradição da igreja que um era preto.”

O outro, de **João de Barros**:

“Martim Affonso de Mello, como o navio vinha dirigido a elle... ficou o navio com elle.”

Agora, a prova terminante de que **Camões** não usou d'aquella fórma de construcção por descuido, como se afigura a um grammatico, mas de proposito firme para um effeito intencional, está na reincidencia comprovada nas seguintes estancias dos *Lusiadas*:

“Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando
Tremar d'elle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.”

(Cant. II, Est. XLVII).

“Este depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes
Fazendo o que o seu peito forte deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve
Um filho...”

(Canto III, Est. XXVI).

“Este povo que é meu, por que derramo,
As lagrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo,
Sendo tu tanto contra o meu desejo!
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra a minha dita emfim pejo.”

(Cant. II, Est. XL).

“Mas o rei vendo a estranha lealdade
Mas pôde emfim que a ira a piedade.”

E na Egloga 1.ª:

“Como diz Homero: *quem* ha de ser Pastoral de seu povo
cumpre-lhe ser limpo e afastado de todo o vicio.”

J. de Barros, *Paney.*, 9.

“Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia
A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo
Se me vai de tristeza enrouquecendo.”

E ainda do grande poeta:

“Assim vós, rei, que fostes segurança
Da nossa liberdade e que nos dais
De grandes bens certissima esperança
Nos costumes e aspectos que mostrais,
Concebemos segura confiança
Que Deus a quem servis e venerais
Vós fará vingador dos seus reveis
E os premios vos dará que merecis.”

XV

Dos vícios da linguagem

Chamam-se *vícios de linguagem* as irregularidades da lingua, produzidas pelo linguajar do vulgo ou por ignorancia, distracção ou máo gosto de éscriptores pouco escrupulosos.

Os principaes *vícios* commettidos na linguagem falada e escripta são o *solecismo*, o *barbarismo*, a *cacophonia* e a *ambiguidade*; mas, em verdade, o numero é infinito.

1. — SOLECISMO

O *solecismo* é um vicio syntactico commettido quando se não observa a concordancia ou a collocação grammatical dos vocabulos. Não é muito raro, até em bons autores, achar construcções como estas:

"Tu e o teu amigo são pessoas de bem" (sois pessoas)
"As fazendas e o dinheiro eram muitas."

E' tambem frequente empregar viciosa e promiscuamente *tu* e *você* no uso epistolar, e *the* em vez de *thes*, como se fazia antigamente; ha, com referencia ao plural, em Camões:

Promettido *the* está do Fado eterno.

Lus., I, 28.

Ha solecismos historicos que estejam approvados pelo uso?

Querem muitos que na expressão *ha homens* exista um puro solecismo consagrado pelo uso, e apoiam-se no facto incontestavel de que, em taes casos, o verbo *haver* tem hoje o sentido anti-etymologico de *existir*. Tem-n'o decerto, mas não o teve em outros tempos. (Vide Syntaxe dos verbos.)

Mas, que são as *syllapses* senão solecismos que o bom uso ennobreceu ?

2. — BARBARISMOS

Chamam-se *barbarismos* as expressões tiradas de outras linguas e que constituem vicio quando os vocabulos estranhos não são indispensaveis.

Os mais que occorrem são naturalmente *latinismos*, *anglicismos* e *gallicismos*.

Os latinismos podem ser de vocabulos, como:

LUDOS por — divertimentos publicos (*ludum*).

Empregado por O. Mendes.

CESPEDE por — torrão, terra. Empregado por Diniz: O patrio cespede (*cespes, lat.*).

Os *latinismos* tambem podem ser de construcção. E' o que se nota em certas inversões ousadas, pouco proprias da indole da lingua.

Eis um exemplo:

*Entre todos com o dedo eras notado
Lindos moços de Arzilla em galhardia.*

(Quevedo Mousinho.)

Em vez de: em *galhardia eras notado entre todos os lindos moços*, etc.

No seculo XVI, na época em que a lingua soffreu a mais intensa approximação do latim, por influencia do renascimento classico, usou-se um pouco descomedidamente da ordem

inversa. João de Barros condemna a seguinte construcção, como exaggerada, e da auctoria de um letrado:

“Dá-nos, Senhor, aquella a qual o mundo não póde dar paz.”

E' o vicio que Barros denomina, conforme a rhetorica, *caco-syntheton*.

Alguns dos latinismos são puros hebraismos transmittidos pela Biblia, como os de gráo nas expressões *vaidade das vaidades*, *seculo dos seculos* e a locução *quanto mais*: “Adhuc vivente me... semper contentiore egistis contra Dominum, quantum magis cum mortuus fuero”.

Anglicismos são palavras tomadas inutilmente da lingua ingleza: *water-proof*, *rail*, *sleeping-car*, etc.

Galicismos são as expressões e modos de dizer da lingua franceza introduzidos no idioma. Por terem importancia maior, d'elles trataremos em capitulo especial.

Cacophonia é um vicio resultante do encontro de vocabulos que no conjuncto se prestam á formação de termo inconveniente ou desagradavel.

Alma minha gentil que te partiste.

(Camões)

Todo o som desagradavel é *cacophonico*. Entretanto, muitos são os pedantes que esmiuçam nos autores *cacophonias* inevitaveis ou sem importancia. O exemplo de Camões é uma dellas.

O **echo** é a cacophonia que resulta da repetição das mesmas syllabas ou letras:

Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

Lus., III, 3.

Uma das especies de echo é a rima na prosa: O grande mal desta capital... A consideração que todos dão a esta *questão*... etc.

A *collisão* resulta da repetição das letras surdas *rr* e *ss*.

De modo que d'alli, *se só se achara,*
Outro novo Codigo se gerara.

Lusiadas, II, 42.

O *hiato* resulta da successão de vogaes que formam *syllabas* distinctas:

Foi o aio á aula...

Outros vicios existem, numerosos, como a construcção de phrases por *monosyllabos* ou, ao contrario, por palavras longas, *sesquipedaes*, etc. Tambem de *vicios* se convertem em qualidades, quando se ajeitam em *onomatopéas* e em outros *effeitos oratorios* e *poeticos*.

XVI

Gallicismos

Gallicismos são expressões e modos de dizer tomados da lingua franceza.

Muitos e varios foram necessitados pelo desenvolvimento do progresso universal, ou pelo incremento das relações entre os povos latinos que a França espiritualmente domina; outros, porém, foram introduzidos por descuido, ignorancia das fontes classicas, pelo máo gosto dos escriptores ou ainda pelo capricho da moda.

Gallicismos de palavras. — São numerosissimos e, dir-se-ia, hoje inevitaveis. Citemos alguns exemplos que mais occorrem e são de uso commum:

- | | |
|-----------------------|--|
| <i>Banal</i> | — em logar de <i>trivial, vulgar, etc.</i> |
| <i>Audacioso</i> | — por <i>ousado</i> . |
| <i>Bem-estar</i> | — por <i>prosperidade</i> . |
| <i>Bom tom</i> | — por <i>a moda, o uso das pessoas educadas</i> . |
| <i>Bonhomia</i> | — por <i>bondade, tolerancia</i> . |
| <i>Chicana</i> | — por <i>trapaça, etc.</i> |
| <i>Comprometter</i> | — é gallicismo nō sentido de <i>arriscar, deixar a qualquer em má posição</i> . |
| <i>Esquecer</i> | — é gallicismo, usado como verbo transitivo. <i>Esquecer o chapéo</i> por <i>esquecer-se do</i> . Mas é de bom quilate: <i>esqueceu-me o chapéo</i> (ou <i>esqueci-me do chapéo</i>). |
| <i>Fazer</i> | — por <i>consistir</i> . Isto <i>faz a sua alegria e fará o assumpto do romance</i> . |
| <i>Voluptuosidade</i> | — é gallicismo. Bluteau propoz a palavra de certo mais bella: <i>voluptade</i> . |

<i>Brusco</i>	— é gallicismo, quando empregado com o sentido de <i>rápido, ligeiro</i> . Brusco significa propriamente <i>escuro</i> .
<i>Debutar</i>	— por <i>estrear</i> .
<i>Confeccionar</i>	— quando empregado no sentido de <i>elaborar</i> um trabalho artístico ou literário.
<i>Trem</i>	— é gallicismo, no sentido de <i>maneira de viver</i> <i>conducta</i> .
<i>Comportamento</i>	— no sentido de <i>procedimento</i> .
<i>Bouquet</i>	— em vez de <i>ramalhete</i> .
<i>Coalição</i>	— em vez de <i>colligação, liga</i> .
<i>Deboche</i>	— por <i>devassidão, corrupção</i> .
<i>Picar</i>	— em vez de <i>presumir-se</i> .
<i>Pretencioso</i>	— por <i>presumpçoso</i> .
<i>Gallimatias</i>	— por <i>palanfrorio, confusão de palavras</i> .
<i>Susceptível</i>	— por <i>irritadiço, etc.</i>
<i>Felicitação</i>	— em vez de <i>parabens, congratulações</i> .

Note-se que muitos gallicismos estão adoptados pelo uso geral: *felicitação, banal, fatigante, complacente, installar, conducta, ponto de vista, bandido, descoberta, genio, inabalavel, garantia, audacioso*.

De muitos dos gallicismos só se encontram exemplos de uso em Portugal: *pressante, travezes, portamantô, entestar, gare*.

No castelhano notam-se gallicismos, como *remarcable, acaparar, rango* (GRAM. DA ACAD., 1883).

> Os gallicismos de construcção mais notaveis são os seguintes:

1. O uso da preposição *por* com os verbos *tremmer, receiar*. Receio *por* elle, temo *por* elle. Felizmente *por* ou para elle, em vez de: por felicidade *sua*, etc.

2. O uso da preposição *a* por *de* nas expressões: caminho *a* bitola estreita (*de* bitola estreita).

Equação a duas incognitas (por *de* duas incognitas). Geralmente accèito.

3. O vezo de repetir a conjunção *que* das proposições subordinadas: Disse que saia, *que* tinha muito que fazer, *que* voltaria á noute.

Comtudo, ha exemplos nos classicos, mas com sobriedade.

4. O uso da preposição *a* em vez de *que*: tenho *a* dizer, em vez de: tenho *que* dizer; tenho *a* relatar, em vez de: tenho *que* relatar. E' muito admittido.

5. O uso das construcções seguintes:

Sem vós, morreria.

Sem ti, chegaria mais cedo.

Em vernacula, seria melhor dizer:

Se vós não fosseis, morreria.

Se tu não fosses, etc.

ou tambem

Sem a vossa ajuda, etc.

Sem o vosso auxilio...

Está, comtudo, admittido pelo uso geral.

6. O habito de empregar sempre claros os pronomes sujeitos é um gallicismo vicioso:

Eu parti; tu não devias estranhar que elles ficassem.

Seria mais elegante dizer-se:

Parti; não devias estranhar que ficassem...

Por emphase, póde-se admittir o uso dos pronomes, sem incorrer em gallicismo.

7. O uso da preposição *sobre* depois do verbo *descer* é um gallicismo:

Jesus desceu *sobre* a terra. (1)

— E o uso de *sobre* em lugar de *conforme*, *segundo*: *sobre* o modelo — conforme o modelo.

O uso da preposição *sobre* é ainda gallicismo admittido nas seguintes expressões:

Ganhou terreno *sobre* o inimigo.
=ao inimigo.

8. O uso da preposição *em* como signal de opposição:

Redactor *em* chefe.

Em Portugal já se escreveram os gallicismos: *falar em philosopho* = *falar como philosopho*, etc.

Outros gallicismos de *em*, justificaveis e bem acceitos: *o facto em discussão*, em vez de: *o facto que se discute*; *estrada em construcção*, por: *estrada que se está construindo*; o objecto *em questão*, etc.

Estes gallicismos quasi todos, como se vê, estão admittidos no uso vulgar.

9. São ainda gallicismos de uso constante as construcções: estar *ao facto*, estar *ao corrente*. Em vernaculo diz-se: estar em dia, sciente.

10. É gallicismo a expressão: *Conto contigo*, *conto com elle*.

11. O uso indevido de proposições affirmativas, como: estou muito cansado para andar. De-

(1) Apesar disso, com o verbo *descender*, faz-me notar Jacques Raimundo, a syntaxe camoniana:

Isto dizendo irado e quasi insano
Sobre a terra africana descendeu.

ve-se dizer: estou *tão* cansado que *não* posso andar.

12. Certas inversões são gallicismos e contrarias ao bom uso classico: *foi* assim que viveu, *foi* com esta idéa que partiu. Deve-se dizer: assim foi que viveu; com esta idéa foi que partiu.

13. A falta de simultaneidade de tempos nas proposições: E' isto que *incommodou* (*Foi* isto). E' Jesus quem *dizia*. (Era Jesus...) etc. Este, foi sempre repellido do bom uso.

Existem gallicismos curiosos, determinados pela leitura de livros francezes. A orthographia *Montes Ouraes* deve ser substituída por M. Uraes; os nomes latinos *Bruto*, *Junio*, ás vezes por gallicismo têm apparecido na lingua com as transcripções *Brutus*, *Junius*, etc. Mas é tambem vernaculo.

Muitas das fórmulas de nomes proprios são usadas hoje em dia com a transcripção franceza ou ingleza: *Mayença*, por *Moguncia*; *Canterbury*, por *Cantuarria*; *Bordeaux*, por *Bordéos*; *Anvers*, por *Antuerpia*; *Bale*, por *Basiléa*. E' baldada a tentativa de restaurar os antigos nomes.

São transcripções francezas: *pachá*, *kandjar*, *alcazar*, por *bachá*, *alfange*, *alcacer*.

Os erros d'essa ordem abundam maiormente nos termos geographicos: *Timboctou* por *Timboctú*; *Esquimó* por *Esquimó*, etc.

Força é confessar que, apezar da reacção dos grammaticos, os gallicismos vão sendo adoptados na lingua escripta e em grande numero já correm na linguagem popular.

O gallicismo é, além d'isso, um facto justificavel. A renovação litteraria do seculo XVI teve por base a imitação da *arte classica* antiga; os latinismos foram as mais notaveis consequencias d'essa phase e d'essa escola litteraria. Os nossos classicos latinizaram (é italianizaram) a lingua de tal fórma que um seculo foi apenas o sufficiente para que o portuguez se afastasse da lingua antiga e se tornasse lingua inteiramente nova.

A renovação litteraria e scientifica dos seculos XVIII e XIX devia igualmente produzir analogos resultados. No seculo actual o movimento *romantico*, opposto ao classico, veiu da França, pelo menos para as populações do sul da Europa.

E' a França a patria dos modelos em letras e em sciencias para os paizes latinos secundarios, que não têm movimento literario original.

E' facil ver, pois, que o *gallicismo* é no seculo XIX o resultado da educação do povo pelo espirito francez, do mesmo modo que o *latinismo* foi a educação dos letrados nos seculos XV e XVI, pela literatura latina.

Pouco valerá a razão de que a lingua se acha constituida; não é bem exacto, o character mesmo de todas as linguas é ser um super-organismo em progresso ou em decadencia, e sempre em movimento.

Outra razão que alguns philologos oppõem contra o gallicismo é que muitos d'elles são escusados e inuteis.

Mas que utilidade houve no seculo XV para substituir o vernaculo *segre* pelo latinismo *seculo*? o vernaculo *cheio* por *pleno*? Essas as contribuições, apodadas de barbaras.

Não se tenham as palavras anteriores como incitamento e animação.

Dever de todos que falam e escrevem é zelar a pureza do nosso idioma; ainda melhor é o exaggero do que a criminosa negligencia.

Comtudo, muitas expressões são classicas que têm soffrido o apodo de francezias, e em qualquer maneira, o peor nesta materia não é o emprego dos vocabulos peregrinos, mas a imitação da syntaxe estrangeira, o phrasear improprio e contrario á construcção e indole da lingua. (Leia-se a nota 162 da minha *Selecta Classica*.) (1)

(1) Os *gallicismos* continuam sempre a ser um thema predilecto de grammaticos e puristas — Um dos trabalhos mais completos é o de Laudelino Freire a quem não faltam contradictores.

A verdade é que os escriptores modernos, todos elles, commettent gallicismos de vocabulos, de syntaxe e de estylo. Comtudo é sempre de utilidade conhecer esse fugidio terreno. Veja José Rizo — *Estudos*, pags. 75, 93 e 141.

XVII

Da ambiguidade

A ambiguidade ou confusão de sentido, ainda á primeira vista, é grande inconveniencia que se deve evitar com todo o cuidado.

O meio de corrigil-a é construir a phrase differentemente e deixar de empregar os pronomes relativos, possessivos ou pessoas que forem causa (como costumam ser) da amphibologia.

Nótem-se os seguintes casos:

A. "O povo achou-se irritado contra o rei por causa de influencias perniciosas que o dominavam". *Dominavam* ao povo ? ao rei ? A ambiguidade é evidente.

B. "Se a nação não ama ao rei é porque deixa levar-se por influencias perniciosas". Ainda é ambiguo, e não se sabe quem *se deixava levar*, se o rei, se a nação; evitar-se-ia a confusão dizendo "porque *este* deixa levar-se...

C. "A mãe da menina Rosa *a quem* eu procurava".

Não se sabe se procurava a mãe ou a filha.

D. Do relativo *que* frequentes vezes não se sabe se é objecto ou sujeito: "O poder *que* lhe grangeara a victoria". Não se sabe *se o poder grangeou a victoria* ou *se foi a victoria que grangeou o poder*. Bastaria dizer, supprimindo o artigo do primeiro nome: "Poder *que* lhe grangeou a victoria".

A *victoria* é o sujeito, mas ainda assim a clareza não é perfeita, e o melhor é escrever: *O poder que a victoria lhe grangeara.*

E. Possessivos *seu, seus*; já vimos no logar devido o uso das fórmulas emphaticas, como a *sua formosura d'ella*, etc., que evitam a ambiguidade dos possessivos e incrementam a força da expressão. “E *elle* concedeu-lhe permissão de levar consigo alguns dos *seus* escravos”. *Seus*, de quem? do que concedia permissão ou de quem a obtivera? (1).

A regra mais seguida pelos bons escriptores é referir *seu* ao sujeito do verbo. Sempre o faz Camões (*Lus.* I, 27 e 41; II, 5 e 25; VI., 5 e innumerous outros). E em Fr. Luis de Souza: “Era requerido pelo sagrado Collegio dos cardeaes que abreviasse quanto fosse possível *sua* partida” (entende-se de Adriano, bispo).

Os melhores escriptores procuraram sempre evitar a confusão, como Bernardez, *Floresta*, com o pronome claro; neste exemplo refere-se a mulheres:

“Os Romanos, antigamente, vendo que por opulentos que fossem os paes e maridos, não havia panno para tão largo cortar, porque *nellas* o *seu* giz e tesoura é seu appetite e teima, saíram com a lei Opia.”

Ha, porém, excepções, e então a ambiguidade só pôde ser desfeita pela intelligencia do texto, como em Vieira, *Sermões*: “Querendo David oppôr-se ao poder de Absalão, tratou sobretudo de lhe metter um confidente no *seu* conselho.” O sentido indica

(1) Cf. a *Gramm.* castelhana de Andres Bello.

que *seu* se refere a Absalão, no que em verdade a comprehensão é auxiliada pelo uso do *Ihe*.

Deve-se acceitar como regra que a boa intelligencia do texto basta para desfazer qualquer ambiguidade. Tal é o caso de Camões:

*Entre a zona que o campo senhoreia,
Meta septentrional do sol luzente,
E aquella que por fria se arreccia
Tanto como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa...*

A' primeira vista pareceria que a *zona do meio* (a equatorial) ficaria situada entre a temperada e a frigida, quando se diz do *meio* em relação, não a essas duas, mas ao planeta.

Outra ambiguidade, que é antes um primor, se encontra nos *Lusiadas*, IX, 75:

Leonardo, soldado bem disposto,
A quem amor não dera um só desgosto
Mas sempre fôra d'elle maltratado.

Não é raro que o emprego de uma ou outra palavra possa produzir, ao primeiro lanço, alguma obscuridade, como nesta passagem de João de Barros:

"As perdas que em guerra tão justa se sentiram,
todavia *fizeram* ao Reino *tanta falta* e foram
causa de tantas lagrimas e desamparo."

Panegyricos, 33.

Fazer falta, quer aqui dizer, originar mortes ou causar perdas, damnos, etc.

Muito da doutrina e dos exemplos d'este capitulo foi tomado da grammatica castelhana de Andres Bello.

XVIII

Archaismos syntacticos (1)

(LEITURA)

“Locuções, maneiras de escrever que hoje se têm a mal, e passariam até por erros chapados, tiveram sua época entre os melhores exemplares do nosso idioma.

Na *Menina e Moça* abundam expressões como estas: “Não passou muito, *que* por aquelle logar *não veo*”. (P. 123.) “E tardou nada que uns pastores... vieram alli ter.” (P. 128.) “Teve aquella noite maneira *como... arribou á fresta*.” (P. 177.) E’ o perfeito do indicativo representando o imperfeito do conjunctivo. Quem se afoitaria hoje a imitar BERNARDIM RIBEIRO nesta substituição?

Entre os antigos o gerundio era precedido ás vezes de *em*, ás vezes de *sem*: “O sentir demanda cousas ligeiras de passar com prazer, com toda deleitação da vontade, *sem re-guardando* ser bem feito”. (D. DUARTE: *Leal Conselheiro*, p. 142-3.) Deste uso a cada passo encontramos vestígios em FERNÃO LOPES, em BERNARDIM, em DAMIÃO DE GÓES e muitos outros. Não incorreria, comtudo, em erro quem, de presente, escrevera *sem querendo, sem amando, sem sentindo, em vez de sem sentir, sem amar, sem querer?*

Não ha classico, dos anteriores ao seculo passado, onde não se depare amiude esta fórma: “Quebrar as treguas que tinha *feitas*. Contra os pactos que tinham *feitos*”. (D. NU-

(1) Todo este capitulo, que é uma como revisão da syntaxe historica no que diz respeito ao *archaismo*, é uma pagina da famosa *Republica do Senador RUY BARBOSA ás defezas da redacção do Projecto do Código Civil*. Damol-a como leitura substancial e util a todos quantos se deleitam no estudo da nossa lingua. (Nota de J. R.)

NES: *Cron.*, v. I, p. 362.) “Tirando os cabellos, que já tinha dados”. (*Ib.*, p. 365.) “A jurisdicção que naquellas partes tinha perdida”. (BARROS: *Dec.*, I, l. 1, c. 1, v. I, p. 11.) “D. Jorge leva a capitania de Maluco, por lha ter dada o governador”. (COUTO: *Dec.*, IV, l. 1, c. 6, p. 41.) “Outras muitas que tinha ouvidas”. (BERNARDIM: *Men.*, c. 14, p. 120.) “Tanto que os pãdres... os tivessem acabados”. (SOUSA, V. *do Arceb.*, I, II, c. 13.)

“E do Jordão a areia tinha vista.” (CAM.: *Lus.*, III, 20.) “Votos que em adversidades e doença TINHA FEITOS para remissão de quantas culpas tinham commettidas.” (FERNÃO MENDES PINTO: *Peregrinação*, v. II, p. 347. Ed. de 1829.) Hoje erraria quem, reproduzindo esses modelos, fizesse concordar com o objecto do verbo o particípio passado ou aoristo, empregado como elemento de formação de tempo composto. (1)

Usou-se, entre autores antigos, empregar, depois do *que*, ou do *como*, na formação de comparativos, o pronome pessoal com a flexão dos casos obliquos: “As cousas mais fortes *que ty* não buscaras”. (D. DUARTE: *Leal Cons.*, p. 63.) “Porque sois maior *que mim*?” (CAMÕES: *Obr.*, v. V, p. 129.) “Mais temida e presada *que ti*”. (AZURARA: *Chron. d’El-Rei Dom João I*, c. 1.) “Para o que ellas prestariam se fossem *como ti*?” (FERREIRA: *Com. de Bristo*, a. II, sc. 4.) “Quem tinha mais experiência do mundo *que ti*?” (*Id.*, a. III, sc. I.) “Não poderá elle mais *que ti*?” (*Id.*, a. IV, sc. 1.) De presente, bem que desse remoto fallar ainda se rastreiem vestígios na linguagem do povo portuguez, sob a fôrma: “Tem mais dinheiro *ca mim*”, “Sou mais velho *ca ti*”, não evitaria a nota de solecismo o escriptor, que ousasse destas phrases: “*Tão bom como ti*”, “*Melhor que mim*”. (2)

Aos verbos *prohibir*, *defender* (no mesmo sentido) e *impedir* juntaram os classicos muitas vezes a negativa, nesta fôrma: “*Prohibiu-lhes que não tivessem oiro*”. (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 248.) “Pois se a fazenda comprada vos *impede que não vades ao ceu*”. (*Id.*, v. III, p. 190.) (“Dei-

(1) Não me parece que sempre incorram em erro os escriptores archaizantes. Ainda quando se despenham em excessos e demasias, fazem ao menos o beneficio de lembrar as riquezas esquecidas e não raro mal esquecidas do nosso idioma. (J. R.)

(2) *Presente mim*, disse AZURARA, *Cron. de El-rei D. João I*, c. 37: “Que vos façaes vossos filhos cavalleiros, *presente mi.*”

xando-se estar nos bateis para *defender que não* apagassem os inimigos o fogo das naos". (Gons: *Chron. d'El-Rei D. Emmanuel*, p. II, c. IV, f. 91 v.) Actualmente esta redacção imprimiria á linguagem sentido precisamente contrario ao que então exprimia.

No escrever classico nem sempre se discernem, consoante aos significados especiaes de cada um, os adverbios *onde*, *aonde* e *donde*. Escreve-se muita vez *donde* por *onde*: "Como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens occasionam as maiores ausencias, dahi vem que *donde* se acha muito amor, e ausencia larga, as saudades sejam mais certas". (D. FRANCISCO MANUEL: *Epanaphoras de Yria Historia Portug.*, p. 286.) "E os annexistas *donde* irão que está o ponto?" (*Id.*: *Feira de Annexins*, p. 183.) "A perguntar-lhe *de onde* o sabia." (BERNARDES RIBEIRO: *Men.*, c. 15, p. 126.) "Em uma casa palhoça, detraz de outras, *d'onde* elle estava." (*Id.*, c. 27, p. 199.) "Sobre a cabeceira *d'onde* pobremente estava encostado." *Id.* p. 200.) "Lembrou-se logo do lugar *d'onde* ella estivera assentada." (*Id.*, c. 28, p. 209.) "A bolsa *donde* as levava mettidas estava fechada." (VIEIRA: *Inedit.*, v. II, p. 158.) *De onde* forçosamente se seguiria a total ruina de seus estados." (*Ib.*, v. I, p. 206.)

Algumas vezes *donde* faz de *aonde*, ou *para onde*: "Não tenho *donde* fugir." (*Id.*, c. 18, p. 150.) "Já inclinada para aquella parte *donde* o esposo ia." (*Id.*, c. 30, p. 219.) Mais frequentemente, porém, a troca é de *aonde*, por *onde*, ou de *onde* por *aonde*: "D'alli se foi logo *onde* estava o arcebispo." (SOUSA: *Vida do Arc.*, I, II, c. 20.) "A sahida das Lombas, *aonde* se deteve grande espaço." (SOUSA: *Ann.*, p. 187.) "E vós *aonde* a vistes?" (JORGE FERREIRA: *Eufros.*, a. I, sc. I.) "Deus meu, *onde* me mandaes?" (VIEIRA: *Serm.*, v. II, pagina 253.) "A poucos passos haviam de achar o Messias. *E aonde*?" (*Id.*, v. V, p. 119.) "Que te vi já, não me lembra *aonde*." (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 386.) "Que *aonde* a gente põe sua esperanza." (CAM.: *Lus.*, I, 105.) (1) Mas actual-

(1) SOUSA: *Annaes de D. João I*, p. 38, 281, 333. BRITO: *Monarchia Lusitana*, v. I, p. 7. D. FRANCISCO MANUEL: *Feira de Annex.*, p. 109, 116. VIEIRA: *Serm.*, v. IX, p. 82. *Obr. Ineditas*, v. II, p. 106, 107, 130, 154, 157, 168, 180. FERREIRA: *Obras*, v. II, p. 466, 481. BARROS: *Dec. I*, v. I, 31; CAMÕES: *Lus.* II, 59, VIII, 94, IX, 3.

mente, apesar de alguns exemplos, bem raros, em classicos do seculo dezanove, como GARRETT, CASTILHO e LATINO COELHO (1), não escreveria correcto quem não discriminasse nitidamente, no uso d'esse adverbio, o logar *donde*, o logar *onde*, o logar *aonde* ou *para onde* (2), como AL. HERCULANO os discriminou neste passo: "Lá no céu, *aonde* ella subiu, e *onde* nosso pae acolheu no seio a sua infeliz filha". (*Monasticon*, v. III, p. 206).

Na tradição classica o pronome *quem* alludia assim a *coisas* como a *pessoas*: "Um tiro de fogo, contra *quem* não valem forças, nem esforço". (SOUSA: *Annacs*, p. 90.) "Não posso cuidar *quem* seja essa cousa." (JORGE FERR.: *Eufros.*, a. II, s. 19.) "Este galeão deu á vela meado março, e foi seguindo sua viagem, *a quem* tornaremos." (COUTO, *Dec.*, IV, c. 6, v. I, p. 37.) "Esta Braga, por *quem* este servo de Deus fez extremos." (SOUSA: *Vida do Arc.*, I, II, c. I.) "*Reino e corôa*, por *quem* tantos annos tão valorosamente batalhou." (*Ib.*, I, V, c. 1.) "Aquelles poderosissimos *vasos* de primeira navegação do Oriente, *a quem* os estrangeiros... chamaram carrácas." (VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 254.) "A soberba Europa, *a quem* rodeia... o Oceano." (CAM.: *Lus.*, III, 6.)

FILINTO ELYSIO ainda escreveu de modo semelhante, servindo-se do relativo *quem* allusivamente a *emporios* e *navios*. Mas hoje, a não ser que as *coisas*, por certa liberdade de rhetorica, recebam do escriptor uma personificação (3), erraria quem, referindo-se a ellas, usasse d'esse pronome.

(1) GARRETT: *Obr.*, v. XXII, p. 86, 212, 389. CASTILHO: *Colloq.*, pag. 61, 113. *Amor e Melancol.*, p. 307. LATINO COELHO: *Humboldt*, p. 265.

(2) C. DE FIGUEIREDO: *Lições Prat.*, v. I, p. 113; v. III, p. 111, 116, 129.

(3) Como nestas passagens de CASTILHO:

"E, em nau mudado, o pinheiro

Foi *quem* ensinou primeiro

Por sobre attonitas ondas

Funesto caminho abrir."

(*Amores*, v. II, p. 59).

O diuheiro é *quem* vivifica a agricultura".

Semelhantemente na *Arte de Amar*, v. I, p. 104, e nas *Georgicas*, p. 81.

De maneira analoga A. HERCULANO: *Eurico*, p. 244; *O Bôbo*, p. 46, 137; *Monge de Cister*, p. 357.

No escrever de outr'ora o conjunctivo *quem* podia levar ao plural o verbo, que regia, se representava um nome no plural, claro, ou occulto: "O aposentador da rainha, com outros d'el-rei de Castella, repartiam bairro a cada um, segundo *quem eram*". (FERNÃO LOPES: *D. João I*, p. I, c. 67.) Em nossos dias, porém, certo que não escaparia á censura dos grammaticos esse phrasear. (1).

Como varios outros bons autores de outra éra escrevia aquelle, a quem A. HERCULANO chamou "o pae da historia portugueza" e classificou entre os maiores poetas a par de HOMERO: "Viu... como todos andavam alevantados, que se poderia seguir *mais peor*". (FERNÃO LOPES: *D. João I*, p. I, c. 26.) Hoje seria erro ignobil cumular, a esse geito, as duas expressões comparativas. (2).

Os nossos classicos usavam indiscriminadamente *lhe* ou *lhes* em relação aos nomes no plural: "E' bem que vindo taes *embaixadores* a vós, que *lhe* faças muita honra." (FERN. LOPES: *D. João I*, p. I, c. 57.) "Muito mais o *serão* depois vendo que *lhe* houvestes medo." (*Id.*, p. II, c. 36.) "Se o

(1) C. DE FIGUEIREDO: *Liq. Prat.*, v. I, p. 263 — 4.

(2) Entre ás fórmãs classicas ha muito envelhecidas e extinctas, uma houve que não sei porque, passou despercebida até hoje aos estudiosos e aos scientes. Costumam todos designar por brasileirismo (e eu em tal conta sempre e tive, até não ha muito) o uso do pronome pessoal *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, como objecto do verbo: "*Eu vi elle*, *Eu deixei elle*". Dessa pratica, entretanto, bastantes caços se me deparam nos classicos mais antigos. Ex.:

"E el-rei sabendo isto, houve mui grande pezar, e deitou-o logo fóra de sua mercê e *degradou ELLE* e os filhos a dez leguas de onde quer que *elle fosse*." FERN. LOPES: *D. Pedro I*, c. 4.)

"Deu os bens d'alguns áquelles que lh'os pediam, os quaes se houveram por mui aggravados, dizendo que *culpava ELLES*, porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos." (FERN. LOPES: *D. Fernando*, c. 36.)

"El-rei mandou-o logo prender, e *levaram ELLE* e Matheus Fernandes a Sevilha." (*Ib.*, c. 46.)

"Rogando-lhe" (el-rei), "por suas cartas ao cardeal que *absolvesse ELLE* e seu reino d'algum caso d'excommunhão ou interdicto." (*Ib.*, c. 84).

"E ás horas que o infante velu foi recebido por uma mu-

rei houvesse mister das suas *gentes*, que el-rei *Ihe* dêsse licença e bom geito de ficarem." (*Id.*, c. 93.)

Extrema é a frequencia nos exemplos dessa confusão.

.....

Não era, portanto, erro, anomalia, caso fortuito, que escapasse aos bons. Não. O uso, arbitro de fallar, dera a essa flexão pronominal, um a par do outro, os caracteres de variavel e invariavel. Variavel, assignalava ella o plural, terminando em *s*. Invariavel, representava, sem se alterar, nomes no singular ou no plural. Com o tempo, a razão entrou a allumiar a pratica, infiel á razão e á clareza. Começaram-se de sentir a immutabilidade da fórma invariavel os seus inconvenientes, obscuridade nas referencias, as suas amphibologias, as suas confusões; e, pouco e pouco, inutil, inintelligivel desvantajosa, essa fórma descaiu para o esquecimento e o abandono".

lher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e elle, quando entrou, viu *ELLA* e seus corregimentos assim dispostos a receber por hospede." (*Ib.*, c. 100.)

"Os cardeaes, outrosim, *privaram ELLE* d'algum direito, se o no papado tinha." (*Ib.*, c. 108.)

"Traziam quatro honrados senhores um panno d'ouro tendido em hastes, que *cobria elle* e o cavallo." (*Ib.*, c. 167.)

"Que em tal caso *houvessem ella* por sua rainha e senhora." (*Ib.*, c. 158.)

"El-rei de Castella não vinha senão por passar seu caminho, e não por *cercar ELLES* nem outros." (FERN. LOPES: *D. João I*, parte 1.^a, c. 60.)

"Martim Annes veiu alli olhar como ia a hoste, trazendo já comsigo muitos mais do que d'antes trouxera, e *nomeamos ELLE* mais que nenhum dos outros, porque elle principalmente era o que fazia fazer estas esperadas". (*Ib.*, p. II, c. 65.)

"Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui pera desastres foi, e não mais. Mas, assi de longe *os ordena ELLES* a ventura, que, logo ao começo, se não podem conhecer." (BERNARDIM: *Men. e Moça*, c. 23, p. 179.)

XIX

Analyse logica. — Relações (1)

Proposição é todo o agrupamento de palavras formando juízo.

A PROPOSIÇÃO contém dous elementos capitaes e indispensaveis: o *sujeito* e o *predicado*.

SUJEITO é o ser de que se affirma alguma cousa.

PREDICADO é aquillo que se affirma do *sujeito*.
Exemplos:

<i>Sujeitos</i>	<i>Predicados</i>
Os passaros	<i>voam</i>
A vida em Paris	<i>é cara</i>
O tempo	<i>consome as cousas</i>

Tanto o sujeito como o predicado dizem-se *logicos* quando vêm acompanhados das palavras que os completam.

Sujeito logico: *A vida em Paris.*

Suj. grammatical: *vida.*

Predicado logico: *consome as cousas.*

Pred. grammatical: *consome.*

(1) Nesfield, a meu vêr, reduz a analyse a muito pouco, classificando as phrases em *substantivas, adjectivas, adverbias, proposicionaes, conjuncionaes e interjeccionaes*. Só o *verbo* (finito) não tem equivalente em phrase e é por isso a palavra mais importante do vocabulario e indispensavel em todas as phrases anteriores.

Os nossos analyistas não se contentariam com essa parcimonia.

RELAÇÕES

As relações notadas entre phrases e palavras são de tres classes:

1. RELAÇÃO PREDICATIVA.
2. RELAÇÃO ATTRIBUTIVA:
3. RELAÇÃO ADVERBIAL.

I. **Relação predicativa** é a que existe entre os dous elementos cardcaes de uma proposição — o sujeito e o predicado. Exemplos:

<i>Sujeito</i>	<i>Predicado</i>
Deus	existe
O homem	é mortal
Pedro e João	amam o estudo
A lingua dos brasileiros	é a portugueza

II. **Relação attributiva** é a que modifica o substantivo e póde ser representada por uma ou mais palavras. Exemplos:

O homem.
Todas as plantas.
Agua de beber.
Este chapéo.
A phrase: *o amor tudo vence.*
O homem *que é justo.*
O livro *que escreveste.*
Socrates, *philosopho grego.*

III. **Relação adverbial** é a que modifica, limita o verbo e o adjectivo por meio de uma ou mais palavras.

Exemplos:

Jantou *como um gastronomo*.
Saiu *ás pressas*.
Julia é *perfeitamente* educada.
Educado *com apuro*.
Voltarei *ás dez horas*.

Ha um caso especial, digno de nota, entre as relações adverbias. E' a **RELAÇÃO OBJECTIVA**, que tambem modifica o verbo. Ex.:

Pedro ama a *virtude*.

O *objecto* é a palavra em que se emprega a acção do verbo, e pôde ser *directo* ou *indirecto*.

a) **OBJECTO DIRECTO** exprime a coisa *passiva* (que recebe a acção):

Antonio matou *um faisão*.

E exprime tambem uma coisa *factitiva* (producto da acção):

Escreveu *uma carta*.

b) **OBJECTO INDIRECTO** exprime a coisa em vista da qual a acção se realiza. Exemplos:

Deu um livro *a Pedro*.
Escreveu-*me*.

ADJUNCTOS

Os elementos secundarios que modificam os elementos principaes da phrase, chamam-se *adjunctos*, e são de varias especies.

1. Os adjunctos attributivos modificam o substantivo. Podem servir de attributo ao substantivo:

a) Um adjectivo. Ex.: Um soldado *crivado de settas*. Livro *util*.

b) Uma palavra ou grupo de palavras em apposição. Ex.: A vida, *este sonho que precede a morte*. Garrett, o *dramaturgo*.

c) Um substantivo com preposição. Ex.: Um cento *de lapis*. O lago *de Constança*. O dia *de juizo*. A dedicação *pela patria*. Um chapéo *para baile*.

d) Uma proposição adjectiva. Ex.: A infancia *que passou*. O homem *que vimos* (passada, visto).

2. ADJUNCTOS ADVERBIAES

Os adjunctos adverbiaes modificam o verbo e adjectivo, e são os seguintes:

a) O adverbio. Ex.: Luctou *heroicamente*. Partirei *amanhã*. *Grandemente* sabio.

b) Uma locução ou proposição adverbial. Ex.: Partirei *no dia seguinte*. Partirei *quando chegares*. Não irei, *se ficares*.

c) Um substantivo precedido de preposição clara ou subentendida. Ex.: Trabalha *para o progresso*. Caminhou *duas leguas*. Morreu *tres dias depois*. Escreve *toda a noite*. Estava *para morrer*.

d) O substantivo acompanhado de attributo e empregado no sentido absoluto. Ex.: *Feita a oração*, adormeceu. *Tendo-se occultado o sol*, acampamos.

SUJEITO

O *sujeito* pôde ser *simples*, *composto* ou *complexo*.

1. **Sujeito simples** é representado por um substantivo, pronome, infinitivo ou palavra substantivada.

Exemplos:

A vida é breve.
Viver é necessario.
Eu estudo.
Assaz é um adverbio.

2. **Sujeito composto** é o que consta de dous nomes ou palavras substantivas:

O nascimento e a morte são dous termos da vida.
Eu e tu estamos bons.
Ser e não ser são cousas oppostas.

3. **Sujeito complexo** é representado por uma proposição ou citação:

Que o trabalho dá saúde é cousa certa.
Viver sem peccado é a ambição do justo.

PREDICADO

O *predicado* pôde ser *simples* ou *complexo*.

1. **Predicado simples** é o que é expresso por um simples verbo finito:

O mineral *crece*.
O homem *pensa*.
Eu *leio*.

2. **Predicado complexo** é o que se compõe de um verbo de predicação incompleta com o seu completivo necessario.

Os verbos *ser, tornar-se, parecer, poder*, não exprimem predicado completo, e por isso seriam obscuras as proposições: Pedro *tornou-se*. Elle *parece*. Nós *podíamos*. A clareza exige um completivo: Pedro *tornou-se rico*. Elle *parece francez*. Nós *podíamos estudar*, etc.

Taes verbos de predicação incompleta juntos com os completivos (*rico, doente, estudar*, etc.) constituem o **PREDICADO COMPLEXO**.

O *completivo* é *subjectivo* quando se refere ao sujeito, o que se dá ás vezes em orações passivas:

A Austria foi proclamada *nação livre*.

Quando o *completivo* refere-se ao objecto, chama-se *objectivo*:

Eu tornei o livro *mais volumoso*.

Muitos verbos accidentalmente se apresentam como de predicação incompleta, como: *ficar, fazer-se, sentir, achar-se, suppôr, considerar, ter-se, estar*, etc.

OBJECTO (1)

O *objecto* póde ser *simples, composto* ou *complexo*, e as distincções são as mesmas que já estabelecemos para o caso do **SUJEITO**.

(1) O *objecto*, como já vimos, é um caso de *relação adverbial*.

Exemplos:

Objecto simples	{	Amo a <i>justiça</i> . Amo o <i>justo</i> . Desejo <i>viajar</i> .
Objecto composto	{	Amo a <i>justiça e a clemencia</i> . Amo os <i>justos e os clementes</i> . Quizera <i>ler e escrever</i> .
Objecto complexo	{	Sei <i>como estudas</i> . Creio <i>que estás zombando</i> . Vi <i>chover pedras</i> .

CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO SENTIDO

As proposições simples classificam-se também, quanto ao sentido, em:

Positivas — aquellas que affirmam a realidade de um facto: *Carlos morreu*.

Negativas — aquellas que affirmam não ser o facto real: *Carlos não morreu*.

O termo *positivo* é preferível a *affirmativo*, diz Rorsch, porque este ultimo convém á negação logica.

Dividem-se ainda as proposições simples, quanto ao sentido, em:

Enunciativas — quando apenas indicam o facto: *Carlos morreu*. *Carlos não morrerá*.

Interrogativas — quando interrogam: *Morrerá Carlos?*

Optativas — quando exprimem desejo da realização do facto: *Viva Carlos!*

Imperativas — quando exprimem uma ordem da pessoa que fala: *Ide; voltae o mais depressa possível*.

Exclamativas — quando encerram uma *exclamação*, um sentimento de entusiasmo, de admiração ou respeito: *Sublime! Como é sublime!*

Analyse logica — Proposições

As proposições são de tres especies: *simples*, *compostas* e *complexas*.

1. PROPOSIÇÃO SIMPLES

Proposição simples é a que se compõe unicamente do sujeito e do predicado. Exemplos:

Deus é omnipotente.

O poder de Deus é illimitado.

Alguns animaes vivem á custa dos outros.

Os peixes respiram.

Julio Cesar venceu os barbaros.

2. PROPOSIÇÃO COMPLEXA

Proposição complexa é a que, além de possuir o sujeito e predicado, contém outras proposições que lhes são subordinadas.

A *proposição complexa* contém, pois, uma proposição principal e outras dependentes. Exemplo:

O homem de que falaste, é um francez.

Decompõe-se em duas proposições, a saber:

A principal — *O homem é um francez.*

A subordinada — *de que falaste.*

As **subordinadas**, que também se denominam **clausulas**, dividem-se em tres classes: subordinadas **substantivas**, subordinadas **adjectivas**, subordinadas **adverbiaes**.

I. **Clausula substantiva** é a que tem funcção equivalente á de um substantivo. Exemplos:

Notou *que estava pallido*
(Notou a sua pallidez).
Assegurou *que eu viria*
(Assegurou a minha vinda).
Quando eu vá, é cousa incerta
(O tempo da minha ida é cousa incerta).

II. **Clausula adjectiva** é a que tem a funcção de um adjectivo, isto é, modifica o substantivo. Exemplos:

Vi o livro *que tu escreveste*
(Escrepto por ti).
Os dedos, *que são cinco*, são os orgãos mais delicados do tacto.
As palavras *que elle pronuncia* são sempre agradaveis.

III. **Clausulas adverbiaes** são as que representam uma relação equivalente á do adverbio.

Exemplos:

Ficou *onde o deixaram*.
Sairei *quando todos saírem*.

As *clausulas* podem exprimir circumstancias diversas, as mesmas que constituem as classes de adverbios:

a) de tempo — Nunca mais recobrou a saude,
depois que teve a febre amarella.

- Chorei até que se esgotaram as lagrimas.
- b) de logar — Seguil-o-ei onde quer que vá.
— Conheci-o na casa em que viveu nos ultimos tempos.
- c) de gráo — E' mais instruido do que parecia (ser instruido).
— A rosa é mais bella do que a violeta (é bella).
— Quanto mais leio, mais aprendo.
- d) de causa — Quero, porque posso.
— Adoro-o, porque é Deus.
- e) de fim — Trabalhou tanto, que enriqueceu.
- f) de condição — Se commetter o crime, merecé punição.
- g) de modo — Praticou, conforme preceitúa a lei.
— Pensou como devia.

3. PROPOSIÇÃO COMPOSTA

Proposição composta é a que se compõe de varias proposições que têm a mesma funcção na phrase.

As *proposições*, n'este caso, chamam-se *coordenadas* e ligam-se entre si pela simples successão ou por conjuncções chamadas de *coordenação*.

São conjuncções ordinariamente usadas na *coordenação* as seguintes:

A copulativa <i>e</i>	}	Deus creou o homem e creou o mundo.
A adversativa <i>mas</i>		Elle estuda, <i>mas</i> não aprende.
A disjunctiva <i>ou</i>		Venha <i>ou</i> mande.
A conclusiva <i>logo</i>		Penso, <i>logo</i> existo.

As proposições coordenadas que não possuem termos de ligação, chamam-se *collateraes* ou coordenadas por juxtaposição. Exemplos:

Chegou, viu, venceu.
Amo a virtude. Detesto o vicio.

Usam-se tambem as denominações de *asyndeticas* para as coordenadas juxtapostas, e *syndeticas* para as coordenadas que possuem connectivos. Essas denominações novas nada esclarecem e nenhuma vantagem têm sobre as outras.

4. PROPOSIÇÕES CONTRACTAS

Tanto as subordinadas como as coordenadas podem ter em commum o mesmo objecto, o mesmo predicado ou sujeito, etc. São chamadas nesse caso PROPOSIÇÕES CONTRACTAS. Exemplos:

Os francezes e os russos são brancos.

{ Os francezes são brancos.
Os russos são brancos.

O livro que imaginaste e escreveste.

{ O livro que imaginaste.
O livro que escreveste.

5. PROPOSIÇÕES ELLIPTICAS

As proposições *ellipticas* são as que deixam subentender-se uma parte da phrase, que não é identicamente a mesma já expressa:

{ *Elle é mais sabio do que eu.*
Elle é mais sabio.
Que eu sou sabio.

Como se vê, a parte *eu sou sabio* subentendida é diferente da parte *é sabio* expressa.

Convém notar que não são *proposições contractas* as proposições irreductíveis á analyse. Ha casos em que, por exemplo, a predicação só é applicavel ao sujeito composto: *Pedro e Paulo são irmãos*. Esta proposição não é contracta, por isso que é indivisivel. Não se poderia decompô-la nas duas: *Pedro é irmão, Paulo é irmão*.

SCHEMA GERAL DAS PROPOSIÇÕES

I. Proposição simples

1. Sujeito: PEDRO ama.
2. Predicado: Pedro AMA.
3. Objecto: Pedro ama o ESTUDO.
4. Adjuncto: Pedro ama o estudo COM ARDOR.

O sujeito pôde ser *simples, composto, complexo*. O predicado pôde ser *simples* ou *complexo*. O objecto pôde ser *simples, composto, complexo*. Os adjunctos podem ser *attributivos* ou *adverbiaes*.

II. Proposição complexa (subordinadas)

1. Principal. O HOMEM que viste, NOTOU que estavas tremulo quando escrevias.
2. Subordinadas — clausulas:
 - a) Substantiva: que estavas tremulo.
 - b) Adjectiva: que viste.
 - c) Adverbial: quando escrevias.

III. Proposição composta (coordenadas)

1. Syndetica: Chegou e falou (conjugada).
2. Asyndetica: Chegou, falou (collateral ou juxtaposta).

— Na elaboração dos capitulos que se referem á analyse das proposições, servi-me da *English Gramm.* de Mason e do excellente trabalho do Prof. A. Alexander — *Analyse de relações.* Em alguns logares copiei-os textualmente.

Um escriptor que se occulta sob o pseudonymo de FERONIO THIAGO escreveu, em uma gazeta do Norte, alguns artigos acerca d'estes principios de analyse. Como são de interesse, aqui os transcrevemos. Em todo e qualquer systema e methodo de analyse ha sempre questões que se não resolvem, por isso que nem todas as fórmulas da linguagem podem soffrer aquella dissecção, que é apenas um recurso logico meramente util aos que aprendem. A linguagem compõe-se ás mais das vezes de illogismos, que são a sua graça idiomatica e propria. Comtudo, as observações do critico são excellentes e bem fundadas, como se vae vêr:

1. "*Conjunções de coordenação* são aquellas que indicam relações que têm a mesma funcção na phrase: Vae ou volta; nem sae,*nem entra; soffre, logo está doente; quero, porque tenho dinheiro.

A' pagina 267, exemplificando *clausulas adverbias de causa*, diz o illustrado philologo: *de causa* — QUERO, porque posso.

Confrontando estes dois exemplos, com franqueza confesso minha duvida em classificar as clausulas precedidas de *porque*, como *coordenadas* ou *adverbias de causa*.

No exemplo QUERO, porque TENHO DINHEIRO, se ha razões para se considerar como *coordenada* a clausula *porque tenho dinheiro*, eu as desconheço; e, ainda mais, não sendo um caso commum *porque* como *coordenativa* (se é que o possa ser), porque o auctor não frizou em seguida este caso excepcional quando tratou das *conjunções de coordenação*, e só considerou nesta classe, gozando d'estas funcções as *copulativas, disjunctivas, adversativas e conclusivas*?

Já que deu *porque* como *coordenativa* na parte da *Classificação*, devia, quando citou estas *de coordenação*, ter incluido as *causaes*, se é que ellas podem exercer a funcção de *coordenativas*.

Ainda mais: deixou duvidas o auctor, como vimos á pagina 267, chamando *porque* de *subordinação*, e dando como *causal* a clausula *porque posso*.

Porque exprime causa, não coordena, subordina; logo, não ha razões para no exemplo QUERO, *porque* TENHO DINHEIRO, chamar-se de coordenada esta — *porque* tenho dinheiro.

A boa logica nos manda classificar-a como causal.

2. "A" pag. 267 (d'esta edição) tratando de *clausulas adverbias*, cita o Auctor como *clausula de fim*: *Trabalhou tanto* QUE ENRIQUECEU.

Passos, em seu "Dicionario Grammatical", tratando das *comparativas de modo*, diz á pag. 287:

"A conjunção *comparativa de modo* é precedida de *tal*, ou *taes*, *tão*, *tanto*, *tanta*, *tantos*, ou *tantas*; e *que*, representando-a, equivale á locução *de sorte que* (conjunção que corresponde a *ut* latina). Ex.: *O rio encheu tanto* QUE ALAGOU OS CAMPOS.

O verão foi tão forte QUE AS PLANTAS SECCARAM, e outros:

Por esta doutrina, são *comparativas de modo* as *clausulas*: *que alagou os campos*, no 1º ex.; *que as plantas seccaram*, 2º ex.; entretanto, nos parece mais acertada a denominação de *correlativas subsequentes* ou *adverbias de subsequencia*, exprimindo um resultado. Não achamos, pois, cabível a denominação de *fim*.

Ainda mais: Pacheco da Silva Junior (grammatico modernissimo), tratando de *clausulas adverbias*, diz á pag. 653 de sua *grammatica*, 2ª edição:

As *finaes* ligam-se á principal com as conjunções *que*, *afim de*, *afim de que*, etc. O modo é sempre o *conjunctivo*.

As *consecutivas* unem-se á principal pela conjunção *que* e o modo indicativo (correspondente ao lat. *ut* com o *conjunctivo*). Ex.: *Elle é tão sabio* QUE NÃO TEM PAR; *esta idéa é tão abstracta* QUE SE NÃO PÔDE REVESTIL-A DE IMAGENS.

Ora, as *finaes*, portanto, não são a mesma cousa que as *consecutivas*: aquellas tomam o verbo no *conjunctivo*, e são ligadas pelas conjunções *que*, *afim de*, *afim de que* e *para que*; estas são ligadas pela conjunção *que*, significando *de sorte que*, e servindo-se do verbo no *indicativo*. Assim, torna-se discutível a denominação da *clausula* no ex.: QUE ENRIQUECEU, que, segundo o illustrado philologo, é *adverbial de fim*; segundo Passos, *comparativa de modo*; segundo Pacheco, *consecutiva*, e, segundo outros, *correlativa subsequente* ou *adverbial de subsequencia*, pelo methodo moderno, exprimindo um resultado.

Fim e resultado não são a mesma cousa, segundo *Bournouf*, que, á pag. 336, diz:

“*Ut* muitas vezes não exprime um *fim*, mas sim um *resultado*, correspondendo então ao francez, *en sorte que*, de sorte que: *Arboribus consita Italia est, ut tota pomarium videatur.* (*L'Italie est toute plantée d'arbres, de sorte qu'elle ressemble à un grand verger.*)

Portanto, no caso em questão — *trabalhou tanto que enriqueceu*, — parece-me que a *clausula* — *que enriqueceu*, não exprime um *fim intencional* (como se dissessemos — *trabalhou tanto para enriquecer* —), mas sim um *resultado* ou *consequencia de tanto ter trabalhado*.

3. “A pags. 166 e 167 (10ª edição; pag. 267 da 11ª):

Tratando o Auctor de *clausulas adverbias*, cita como *adverbial de logar*: *Conheci-o na casa EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS.*”

Pacheco da Silva Junior, á pag. 526 de sua *grammatica*, diz:

“A *clausula adjectiva* acha-se em relação attributiva para com um substantivo e prende-se a elle por um pronome relativo ou *adverbio relativo* (equivalente a um pronome relativo precedido de preposição). — *Leia esta carta QUE EU ESCREVI; é esta a casa ONDE EU RESIDO (onde está por na qual).*”

Vamos á theoria do Auctor:

“*Clausula adjectiva* é a que tem a função de um adjectivo, isto é, modifica um substantivo.”

Ora, no exemplo — *conheci-o na casa EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS*, parece-me que o Auctor sacrificou sua doutrina sobre *clausulas adjectivas*, porque supponho que seu exemplo de *adverbial de logar*, devia ser citado, quando tratou de *adjectivas*.

Vejamos:

— *Conheci-o na casa EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS.*

Dando a função adjectiva á *clausula* — *EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS* — temos:

Conheci-o na casa vivida (OU HABITADA) POR ELLE NOS ULTIMOS TEMPOS.

Onde a idéa de *adverbial de logar*?

Não resta duvida que esta idéa é attributiva, pois está qualificando o substantivo *casa*.

No exemplo de Pacheco, *onde* é um relativo e elle mesmo affirma estar empregado por *na qual*.

Onde exprime uma circumstancia de logar em outros casos como diz o mesmo Pacheco — *Onde estás que não respondes?*

Ou ainda nestes outros:

Onde ha lavoura, ha muito trabalho. Fale onde falar, não tem quem o ouça; onde ha instrucção, ha progresso.

Aqui não ha antecedente a *onde*, para que possa elle ser um relativo; mas, no caso em questão, que tambem se pôde dizer — *conheci-o na casa ONDE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS, onde* aqui é relativo, pois tem o antecedente *casa*.

Logo, como toda *clausula adjectiva* é precedida de relativos, a clausula — *em que viveu nos ultimos tempos* não é *adverbial de logar*, e sim, o penso com muita razão, *adjectiva*.

Outra apreciação:

Se o Auctor considera a clausula em questão como *adverbial*, *em que* tem força *adverbial* e está modificando o substantivo *casa* (ó que vae de encontro a seus principios, pois não admite modificar o adverbio a um substantivo, si bem que esta doutrina encontre apoio em Soares Barbosa, Bastin, Bournouf e Julio Ribeiro (em sua primeira edição, 1881).

Assim, pois, para que fiquem salvas suas doutrinas sobre *adjectivas* e *adverbiaes*, acho que a clausula em questão é *adjectiva* e não *adverbial*.

“A’ pag. 240 (10ª edição) diz o auctor em uma nota, depois de ter tratado de *proposições contractas e ellipticas*:

“Convém observar que não são *proposições contractas* as proposições irreductiveis á analyse.

Ha casos em que, por exemplo, a predicação só é applicavel ao sujeito composto: *Pedro e Paulo são irmãos*. Esta proposição não é *contracta*, por isso que é indivisivel. Não se poderia decompô-la nas duas: *Pedro é irmão, Paulo é irmão*.”

Aqui dá o Auctor a entender que não é *contracta* a proposição, quando não se pôde reduzi-la.

A’ pag. 39 (da mesma edição), tratando o Auctor de *Conjunções*, diz:

“Comquanto a *conjunção* ligue sempre proposições, estas nem sempre são susceptiveis de resolução por meio da analyse logica. Assim, a *proposição contracta*: *Paris está entre*

Bruxellas e Marselha, não soffre divisão analytica em duas orações: *Paris está entre Bruxellas* e *Paris está entre Marselha*. Estas locuções só têm valor como phrase composta: são abreviaturas irresolueis.”

Orá, afinal não podemos saber qual a verdadeira *proposição contracta*, de accôrdo com os preceitos do Auctor.

Esclareçamos a questão.

Do illustrado philologo, á pag. 240, que no ex.: *Pedro e Paulo são irmãos*, esta proposição não é *contracta*, por ser irreductivel á analyse; entretanto, á pag. 39 chama de *contracta* esta: *Paris está entre Bruxellas e Marselha* (que por sua vez tambem é irreductivel á analyse).

Assim, pois, se a proposição — *Paris está entre Bruxellas e Marselha* é *contracta*, sendo irreductivel á analyse, *Pedro e Paulo são irmãos* tambem o é; d'onde se conclue que as proposições que têm em commum o mesmo objecto, o mesmo predicado, o mesmo sujeito ou a mesma relação adverbial são *contractas*, sendo umas *reductiveis á analyse*, e outras não.

E' o que nos parece pelas doutrinas do Auctor, citadas ás pags. 240 e 39 de sua *grammatica*, como ficou esclarecido.”

As observações do Sr. Febronio Thiago são fundadas, e já com pequenas alterações me foram feitas por outros abalizados professores da materia. Sei bem que todos os systemas de analyses suscitam difficuldades e são proverbias as questões dessa natureza. a proposito de Camões e de outros classicos torturados, não rara vez, pelos que querem tudo reduzir ao $a+b$.

I. Respeito a phrase: *Quero, porque tenho dinheiro*, não pôde acceitar o critico a theoria de que as duas proposições d'aquelle exemplo sejam *coordenadas*; primeiramente porque não classifico entre as conjunções de subordinação — *porque* — ou outra palavra semelhante; segundamente, porque o sentido é causal: “*exprime causa; não coordena, subordina*”.

A questão é meramente subtil. Porquanto naquelle exemplo o *dinheiro*, bem se vê, não é causa do *querer*, mas simples concomitancia, e d'alli se infere que o *querer* sem *dinheiro* seria um *querer inutil*, mas enfim um *querer*, pois se não supprime uma faculdade d'alma só com o haver ou o necessitar o dinheiro.

Se ha proposições cuja apparencia é de subordinação, na substancia são equivalentes, conjunctas e coordenadas. Esta apparencia é ás vezes dada pelas fórmãs grammaticaes em que entra o elemento *que*, o qual embarça, torna intrincada a analyse. Quando digo: *Existo porque me alimento*, aqui ha subordinação, porque quero indicar que a *minha existencia depende do alimentar-me*; ha, pois, nexo de causa e dependencia. Mas quando digo: *Alimento-me porque existo*, já a idéa é completamente outra, pois ninguem representaria a alimentação a depender da existencia, o que seria disparate. Apenas ahí indicam-se as duas acções conjunctas *alimentar-se e existir*, sendo a primeira o signal da outra, mas não producto d'ella. Considero, pois, coordenadas, sem embargo da molesta particula *que*, todas as phrases, como a do exemplo: *Quero, porque tenho dinheiro. Deus porque é Deus, perdoa. O fogo, pois que queima, tambem cura. Pois que já sabeis a minha vida, andae e vinde commigo, etc.*

A regra logica, em summa, é que na subordinação, a *subordinada* é sempre um pensamento SECUNDARIO e que não pôde subsistir sem o principal. Se isto se não dá, a subordinação é apenas apparente, ou, se se preferer, é meramente grammatical, mas não logica. Assim era no latim com *enim, nam, namque*, W. Botsch — *Grundriss der lateinischen Sprachlehre*, 65. Já fui censurado por incluir *porque* entre os nexos de coordenação; para não fazer de argueiro um cavalleiro, dei-me por vencido, mas não convencido. Abra-se a grammatica classica de HEYSE (pouco importa o tratar-se da lingua allemã; a questão é de logica e, portanto, de grammatica geral). *Es muss kalt sein, denn di Bäume erfrieren*, etc.; poder-se-á dizer que a geada que está nas arvores é a causa de haver frio?, quando digo: *Dorme porque não se move*, não indico que a immobilidade é causa do somno, apresento dous factos que costumam andar juntos ou coordenados. No allemão o nexo será *denn* e não *weil*; em portuguez será *porque* ou *pois que* ou *visto como*, etc.; em uma, como na outra lingua, são proposições *coordenadas*, segundo ensina Heyse.

II. Com respeito ao exemplo: *Trabalhou tanto que enriqueceu*. A subordinação é tanto de *fim* como é *comparativa de modo* (Passos), ou *consecutiva*, que é o mesmo que *fim* (Pacheco Junior). As classificações não se excluem, salvo quando encontradas. Tanto *fim* como *resultado*, ainda que os distinga Bournouf, convergem para o mesmo sentido logico. E a prova é que se poderá construir outras phrases syno-

nymicas d'aquella d'estes modos: *Trabalhou tanto que por fim enriqueceu*, ou *afinal* ou *finalmente enriqueceu* ou *que o fim de tanto trabalhar foi enriquecer*; pouco importa, houvesse ou não intenção no sujeito, e não é d'esta intenção supposta ou real que havemos de tirar razões para classificar as phrases, sendo que muitas vezes o sujeito pôde ser coisa incapaz de intenção.

Comtudo, a classificação de *comparativa de modo* é accetavel e tambem o é a de *resultado e consequencia* (como quer o critico, e que, ao meu ver, é a mesma cousa ou pouco se afastará da minha, que é a de *fim*) igualmente bem arra-zoada.

III. Quanto á nota 3 (clausulas adverbias) as reflexões do auctor são subteis, mas inacceptaveis. Na phrase: *Conheci-o na casa em que viveu nos ultimos annos*, a segunda proposição exprime logar onde, e é, pois, *adverbial de logar*.

Se estivesse escripto: *Conheci-o na casa que habitou*, etc., então poder-se-ia analysar: *casa habitada por elle*, etc., e dar-se a segunda proposição como meramente adjectiva. Mas, em logar de *que habitou*, está *em que habitou* ou *viveu* — e já a analyse differe. *Casa que elle habitou* não exprime logar, embora a palavra *casa* nos leve a essa illusão, por isso que indica uma posição ou local determinado. Se assim fosse, o *rio* que elle navegou; o *céo* que as aves percorrem — seriam proposições *adverbias* de logar.

E', pois, um sophisma pouco digno do talento do critico, confundir as proposições: o *céo que* as aves percorrem — com — o *céo em que* as aves adejam. O *rio que* elle navega — e — o *rio em que* elle navega. A *casa em que* viveu — e — a *casa que* habitou.

IV. A nota n. 4 censura com razão uma incoherencia que escapou em dous logares differentes d'esta grammatica, a respeito de *proposições contractas*.

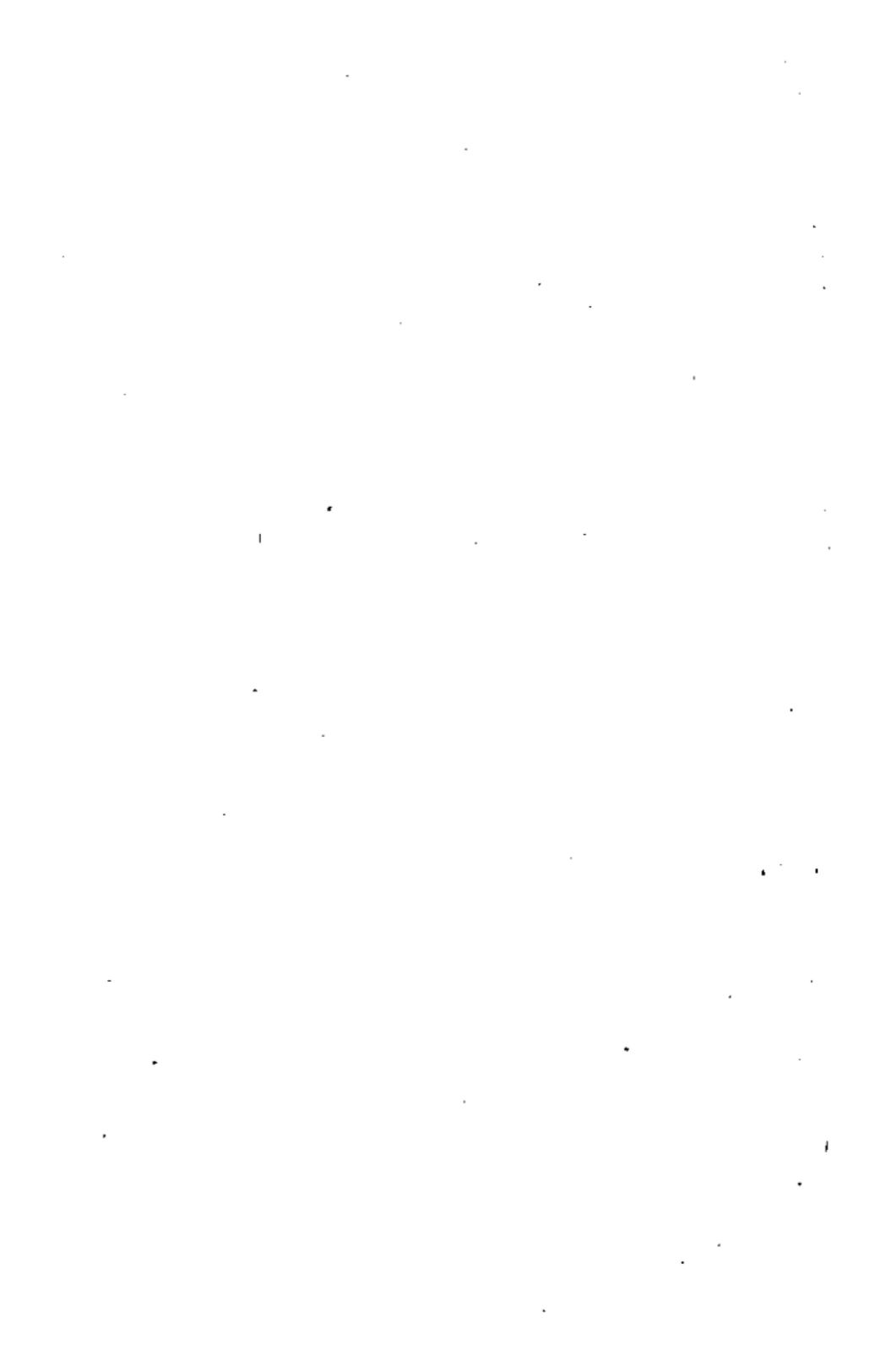
A opinião que deve prevalecer é a que está em ultimo logar, e ao demais está no capitulo que trata especialmente do assumpto. A outra foi uma referencia apenas, fóra do logar devido e do capitulo da *Analyse*.

ESTUDOS COMPLEMENTARES

HISTORIA E ETYMOLOGIA.

SEMANTICA.

O conjuncto grammatical é indecomponivel. Não é possível estudar a etymologia sem a historia e semantica, nem a syntaxe sem a morphologia. A propria *phonetica* necessita a consideração de outras partes. Apenas, a conveniencia do estudo faz essas divisões de natureza duvidosa.



XXI

A formação do lexico

Em rigor, poderíamos começar o estudo historico do portuguez com o latim vulgar. Entretanto, as terras que os romanos colonizaram eram habitadas por povos barbaros, que já possuíam costumes e lingua propria que não devemos esquecer: iberos e celtas e a gente phenicia e grega, que se entregavam ao commercio.

Reconhecido esse primitivo *stratum* de que restam fugitivas e escassas sobrevivencias, podemos já com mais seguro passo estudar o dominio romano.

Quando foram depois romanizados os iberos, uma estirpe ao menos desenvolveu a cultura propria, a dos Turdetanos: os quaes (fala Strabão) cultivavam a poesia e a historia, e se regiam por leis escriptas em versos.

Quasi dous seculos antes de Christo (no anno 197) foi a Espanha conquistada e feita provincia; antes d'ella apenas a Sicilia, a Corsega e a Sardenha eram provincias romanas. Conforme o systema de Roma, colonias e guarnições militares occuparam o paiz que novas estradas rasgaram ao trafego das legiões e do commercio.

A lingua latina, na sua fôrma popular, o *sermo quotidianus, proletarius, rusticus, vulgaris*, dentro em breve ahi se propagou como nas terras conquistadas.

Para a Roma imperial, Espanha não era só a rica região dos metaes; legiões de recrutas de lá vinham para o exercito romano (Mommsen, *Hist.*, V), e no tempo de Vespasiano estendeu-se a todas as populações ispanicas a cidadania e o direito civil. Desde a idade de Cicero ha escriptores latinos, de nascimento iberos, e mais tarde um d'elles e notavel é Quintiliano.

A conquista romana foi de certo difficil e penosa, como incomparavel foi a reacção de Viriato e de Sertorio. Mas a

submissão, quando feita, foi completa e decisiva, e ao cabo, os espanboes acceitaram com facilidade e alegria o antigo imperio.

No que respeita a Portugal o nucleo primitivo de romanização foi provavelmente o norte onde se gerou mais tarde o nucleo da nacionalidade independente; talvez dessa circumstancia resultem as differenças que ainda hoje se observam nos quasi dialectos continentaes do portuguez: o *interamnense* (entre Douro e Minho), o *trasmontano*, o *beirão* e o *algarvio*, que representam por assim dizer a marcha historica da expansão nacional no extremo occidente da peninsula.

O latim que então se diffundia pelas provincias não era o que conhecemos dos monumentos literarios antigos. O latim viço, do povo, differia consideravelmente da lingua literaria; e foi, qual o sabemos pela referencia dos escriptores e pelas inscrições populares, o verdadeiro germen d'onde se evolveram as linguas romanas de hoje.

Fórmãs plebeias transparecem na mesma linguagem dos eruditos, como a variação do accento, *abiète* em Ennio, *mulierem*, *tenebra*, *colóbra*; os procliticos *ille* e *iste* atonos em Plauto. Muitas das fórmãs vulgares hoje conferidas com as nossas, d'estas pouco differem: *fomes*, por *fames*; *peius*, *pejus*; *plóvere*, *jovenis*, *boem* (bovem), *caldus*, *viridis*, *postus*. As conjugações perdem, conforme os logares, os seus antigos paradigmas; confundem-se os infinitivos em *ere* e *ere*, ou alguns d'elles adoptam a desinencia *ire* (*sequire*, *petire*, *morire*). Varios radicaes agrupam-se num só sentido: *ser* (*esse*, *sedere*); *ir* (*vadere*, *ire*); *potere* diz-se na Iberia. A declinação successivamente vae minguando, se uniformiza ou desaparece. (1) O primeiro caso que desaparece é o genitivo, já entre o I e II seculo da era christã (excepto nos compostos, como *luna dies*); o accusativo é o unico que resiste a todas as vicissitudes e dá o modelo das fórmãs actuaes. Redistribuem-se os neutros pelos masculinos ou femininos. O comparativo fica com as duas fórmãs de *plus* (em Sidonio Apoll. *Avitus* — e no ital. e fr.) e de *magis* (já em Orosius — e no port. e esp.). Nos livros sagrados occorre o *kata* grego, que substitue *quisque*; e desde o tempo de Cesar *totus* con-

(1) O latim vulgar conserva 3 declinações, em *a*, *rosa*. *o*, *caballus* em *e* (*mons*, *montis*). Veja A. Zauner — *Rom-Spr*, I, e Savy-Lopez — *Le Origini neolitine*.

corre com *omnis* e o supplanta. Verbos novos formam-se dos particípios dos antigos, como *ausare* (audere), *cantare* (canere); e expande-se o uso então restricto de alguns suffixos, como *ale*, já em Ovidio (*crinale*) e em Plínio (*brachiale*). Em geral as palavras curtas são substituídas por outras mais longas (*bucca* e não *os*).

A importancia do latim ainda mais augmentou com a victoria do christianismo e com o prestigio dos doutores da igreja, que, com escandalo dos grammaticos, fazem questão de ser entendidos pela plebe, e honraram a lingua vulgar em que falavam e escreviam. Aos grammaticos dizia S. Jeronymo: *Melius in barbarismo nostro nos intelligitis quam in nostra disertudine deserti eritis* (Psalm. 36). (1)

O dominio latino é definitivo para a civilização da Espanha. Tudo quanto vier depois será accidental e não lançará raizes; o trabalho de seis seculos da cultura romana ainda continuou latente sob a egide dos godos, que tudo haviam a aprender dos vencidos e do imperio anniquilado.

A conquista germanica data do tempo das grandes invasões dos barbaros, do seculo V, e, posto não conseguisse annullar os effeitos do longo dominio romano, deixou na lingua numerosos vestigios. Propriamente, o genio da lingua conserva-se intacto, e d'ahi por diante todo o influxo dos povos conquistadores limita-se ao vocabulario. Ainda assim, é difficil distinguir, não raras vezes, o vocabulo germanico do latino, attenta a natureza congenita das duas linguas (como nas palavras *ratto*, *kattu*, *flaska*, etc., e ainda em *vadum* e *wado*; *vae!* e *guai!*).

Das varias estirpes germanicas, suevas, vandalas (2), etc., é a dos visigodos a que predomina na Espanha; monumentos

(1) Veja-se o que dissemos a proposito do latim da igreja primitiva na nossa *Selecta Classica*, nota. E ainda mais na larga parte que nos são applicaveis as reflexões de Fr. Kluge no capitulo — *Unser æltestes Christentum* — do seu livro *Wortforschung und Wortgeschichte*, 134 e seg.

Tambem de interesse — *Isidore of Seville* by. E. Behant — New-York, pgs. 89-104.

(2) Os *Alanos* são scythas e não germanos, e o dominio d'elles foi rapido e precario. O influxo dos *Suevos* é mais do que qualquer outro notavel na Galliza.

que nos legaram directamente não existem, a não se contarem os nomes próprios e as legendas de algumas moedas; a sua antiga lei, *Lex visigothorum*, possuímos-a em latim.

As palavras germanicas do portuguez são communs ás linguas romanas; algumas, porém, são exclusivas da península: *fato, fona, tasca, sitio*.

O principal resultado dos influxos barbaros, posteriores ao latim, foi a *deturpação dos antigos casos e flexões*, o que determinou grande extensão da *analogia* e a necessidade da ordem chamada *directa*, processo já iniciado no latim vulgar.

Durava já quatro seculos o dominio vesigothico quando um guerreiro arabe, Tarik, transpondo o estreito que separa a península da Africa (*Gebel-al-Tarik*), anniquilou o exercito godo do rei Rodrigo. A conquista arabe manteve-se desde o seculo VIII até a propria dissolução que por toda a parte se consummou, já no rosiclér da idade moderna.

Tambem a lingua arabe, como o germanico, apenas contribuiu para o lexico, e nem de leve affectara a syntaxe do idioma. Portugal mais cedo que a Espanha se libertara do jugo dos islamitas.

Assim, conservando o character e o genio da lingua latina em todos os accidentes que soffreu a historia da Europa na transição do mundo antigo para a civilização moderna, apresenta-se já no seculo XIII com as feições essenciaes que conservará para sempre. D'ahi por diante a evolução do portuguez começa a ser trabalhada e disciplinada pela literatura, cujo periodo aureo no seculo XVI coincide com o apogeo politico da nacionalidade.

Não temos ainda, infelizmente, a chronologia exacta ou sequer approximada, dos velhos monumentos da lingua portugueza antiga; falta-nos a edição diplomatica, e ainda menos temos a edição revista do maior numero d'elles.

"Os primeiros textos de lingua portugueza passam por ser a *Noticia de Torto...* e a *Noticia de partiçon*, do seculo XII. e os *Foraes* de Castello Rodrigo, do seculo XIII, em prosa. Varios monumentos literarios em verso existem dos seculos XIII e XIV, que representam a feição da antiga lingua; taes são: o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Canc. da Vaticana*, publ. em duas edições, a de Monacci e a de Th. Braga; e o *Canc. Colocci*.

"A cultura grammatical começou no seculo XVI com as grammaticas de F. Lopez e de João de Barros. Sobre a lingua antiga, a obra excellente de Viterbo (*Elucidario*, de

Lisboa, 1798) é ainda hoje o monumento mais consideravel levantado ao estudo do portuguez archaico...

"Póde-se fixar nos começos do seculo XIII o pleno desenvolvimento da lingua portugueza antiga ou *romance*, quando já o povo pouco ou quasi nada entendia do latim barbaço, ainda usado nos documentos de origem official e da praxe dos cartorios. Já desde muito tempo o latim dos documentos era completamente facticio, e é o que se vê pela introdução naquelles papeis de fórmãs vulgares do romance, que não podiam ser traduzidas, e é facil verificá-lo nas cartas de doações e nas proprias leis municipaes. Os documentos que devemos dar como excerptos caracteristicos da lingua d'esse tempo, abrangem o periodo dos seculos XIII e XIV, e são de duas naturezas bem distinctas. Os documentos em verso, na maioria, representam a phase da escola provençal portugueza. Foram escriptos e fazem parte do cyclo d'essa poesia no occidente da península, e acham-se colleccionados nos poucos cancioneiros do tempo. Os documentos em prosa são anonymos, e constam principalmente de titulos, ordenações e leis do tempo, e o mais que se considera como textos authenticos e mais puros da lingua da epoca a que se referem. Encontram-se manuscriptos em varios archivos do reino de Portugal, e acham-se publicados em parte na colleccanea *Portugalia Monumenta Historica*, editada em Lisboa pela Academia das Sciencias. Alguns actos publicos, geraes, leis, etc., como monumentos legislativos, datam do sec. XIII, mas como documentos philologicos datam dos fins do seculo XIV, pois representam claramente versões de textos originaes, redigidos em latim, e que já não existem. D'essas versões ha variantes e diversos codices de importancia para o estudo da lingua.

"Depois da disciplina classica realizada pelos fins do seculo XV e em todo o seculo XVI, a evolução do portuguez tornou-se lenta e quasi toda promovida pela irresistibilidade ao progresso de outras literaturas, nomeadamente da franceza. Assim, pois, continuam intensas as alterações syntacticas, mas as phoneticas são realmente pouco notaveis." (1)

(1) *Dicc. Grammatical* (2.^a ed.) — Do A. Leia-se a pequena chrestomathia do portuguez antigo, que serve de introdução á minha *Selecta Classica*.

Na sua *Gramm. historica portugueza*, José Joaquim Nunes adopta, sem prejuizo do que aqui apontamos, a denomina-

Resumidamente, podemos assim fixar os periodos historicos da lingua, tendo em vista sua historia literaria:

Periodo archaico. — A Iberia e a Lusitania. Estabelecimentos phenicios e gregos nas costas do occidente. Conquista da Lusitania pelos romanos. Invasão dos barbaros germanos. Invasão dos semitas, arabes (periodo prehistorico).

A — *Periodo de origens.* — Seculos XII a XIV. Epoca de formação do portuguez antigo. Lingua dos Trovadores.

B — *Periodo de transição.* — Sec. XV. Modificação do portuguez antigo, por influencia dos prosadores.

C — *Periodo classico.* — Sec. XVI—XIX. Apogeo e fixação da lingua grammatical e literaria.

a) Sec. XVI—XVII. Lingua classica.

b) Sec. XVIII. As Academias. Influxo francez.

c) Sec. XIX. Renovação romantica.

No resumido registro de vocabulos que vamos adiante fazer e prenunciam grandes riquezas do lexico, é preciso notar que a chronologia d'elles é bastante varia e difficil de determinar. Ha vocabulos latinos (e gregos) e germanicos que nos vieram por meio do francez e em differentes momentos da historia. Relações commerciaes e outras necessidades, ao par da literatura e da sciencia, produzem efeitos identicos aos da conquista politica. As colonias portuguezas no antigo e no novo mundo, na Asia, na Africa e na America, em contacto com as populações d'esses recantos, trazem novo subsidio ao vocabulario da lingua da metropole.

O germanico. — Os vocabulos germanicos do portuguez foram introduzidos pelas nações gothicas que dominaram por seculos a peninsula. Naturalmente latinizaram-se e accommodaram-se, quanto possivel era, ás condições da phonetica latina. Em geral, são esses vocabulos dicções de differentes es-

ção de *phase prehistorica* que a formação plausivel da lingua anterior aos documentos que possuímos e a *phase proto-historica* do seculo IX ao XII em que o portuguez apenas transparece nos documentos redigidos em latim barbaro.

pecies, predominando, todavia, e como convinha á raça dos conquistadores, os termos da vida e da arte militar, os títulos de nobreza e mais tarde os vocabulos da arte da navegação.

Exemplos: *elmo, arauto, guerra, baluarte, bordo, norte, sul, léste, oeste, brandir, droga, albergue, rossim, rato, tregua, trapo, tocar, marchar, brida, abandonar, bandeira, bando, braga, banhos (matrimoniaes), brasa, tira, roubar, franco, feudo, feudal, orgulho, quilha, guisa, bruno, etc.*

Os termos germanicos nos documentos coevos da dominação goda apparecem latinizados: *mariscalus* (marechal), *quilha, robare, abandonare, bandaria, arautus, etc.* (1)

O arabe. — Depois dos godos vieram os arabes, que dominaram tambem durante seculos. Muitos vocabulos d'essa origem foram implantados no portuguez e são nomes de cousas, da industria, commercio e artes. Muitos dos nomes, conforme a indole da lingua, vieram prefixados com o artigo *al*: *alviçaras, alfandega, algebra, alfelôa, algalia, almo-creve, alfenim, fouveiro, zero, zenith, nadir, xarope, laranja, assucar, auge, cifra, enxaqueca, xadrez, xeque, azougue, etc.*

Varias dicções que vieram de fórmulas arabicas têm origens differentes, como *xadrez, julepo, azul*; termos persas; *alchimia* é termo grego (*chémeia*), adoptado pelos arabes. Sem contar os archaismos, haverá uns 600 vocabulos arabes no portuguez, na maior parte substantivos. São arabes a interjeição *oxaló* (*insh-Allah!*, queira Deus) e o adverbio *debalde* (ar. *batila*, coisa inutil).

Alguns termos d'essa origem foram tomados do grego: *abenus*, de ebenos; *adarme* e *adaramé*, de drachmé; *alcaparra*, de kápparis; *quilate*, de karation; *alambique*, de ambiko; e muitos outros termos da cultura grega conhecida dos arabes. Notem-se as fórmulas divergentes: *alarve, alarabe, arabe*; *alcouce* e *alcoceifa*; *alcool* e *alcofor* (antimonio); *arraes* e *rez*; *zenith* e *azimuth*; *almoravidas* e *maravedis*. Notem-se as mudanças de sentido: *ceifa* (de *açorçayfa*), o estio ou verão; *alcool*, que significava pó subtil e fino; *cafre* (de cáfiz), o infiel; *tomim*, de *thomn*, a oitava parte. Arroba (de *ar-rub*), a quarta parte (Conf. *Dozy* e *Engelmann* e *Devic*). (2)

(1) Meyer-Lübke — *Introd. a glottol. romanica* — trad. A. G. Judice. Em melhor ed. a de Americo Castro.

(2) *Id.* e Eyguilas Yangas — *Glossario*.

O arabe e o germanico com o latim são, por assim dizer os elementos fundamentaes que presidiram á gestação da lingua.

Do seculo XIII por diante, depois de constituida a lingua portugueza, em diversos periodos do seu desenvolvimento, a influencia de linguas estranhas fez-se sentir em todo o vocabulario.

Francez. — Desde os primeiros tempos tem o francez fornecido cópia extraordinaria de vocabulos: *chapéo, chaminé, chefe, petipé* (petit-pied), *honor, oboé* (haut-bois), *vasculho* (bas-cull), *tiragem, brochura, golpe de estado, espirito* (no sentido de *chiste*), *obra-chefe* (chef-d'œuvre), *etiqueta, sangue-frio* (sang-froid), *blusa, bonné, paletot, rosiclér*, etc.

Muitos dos vocabulos, em primeira linha os recentes, conservam a fôrma orthographica pura: *crayon, bouquet, mise-en-scène, blasé, boudoir, élite, soirée, vis-à-vis, tête-à-tête*, etc. O elemento francez é, sem contestação, nos ultimos tempos, o maior factor barbaro da grammatica e do vocabulario. Por influxo do francez, o portuguez é hoje mais analytic do que nos tempos classicos; a phrase vernacula vae perdendo o habito das inversões; os vocabulos têm soffrido continuamente modificações de sentido, com mais desprimôres que beneficios.

Já desde os tempos do portuguez antigo se nota a influencia do francez em vocabulos hoje archaicos, ou pouco usados: *mesnada, mesnée; meison, maison; oeta, guéta, ouate; loba, l'aube; buere, cabellos, boucle; bojar, boyer; marchante, marchand.*

E', em geral, por intermedio do francez que hoje importamos os neologismos inglezes, gregos, allemães e até italianos; é tão grande e profunda a influencia do francez que quasi ella só explica a differença do estylo, composição e vocabulario entre a lingua classica e a linguagem corrente.

Italiano. — Os classicos do seculo XVI, os *quinhentistas*, tinham grande cultivo do italiano, e introduziram modismos e termos d'essa lingua. Mas onde a influencia do italiano é principal, é no vocabulario das bellas artes.

São de origem italiana: *pagina, pasquim, concerto, allegro, soneto, duetto, terceto, saltimbanco, tramontana, casamata, soprano, contralto, tenor, caricatura, aquarella, burlesco, arlequim, bravo, adagio, piano, banquete, allerta, allarma, carnaval, charlatão, grotesco, regala, terra-cotta, madrigal, diletante, gondola, gazeta, paladino, fanfreluche*, etc.

Muitos d'esses vocabulos datam do seculo XVI, como *soneto*, *madrigal*, *terceto*, etc. Alguns ainda são anteriores, taes como os termos de marinha: *tramontana* (estrella), *caravela*, *sotavento*, *julavento*, *all'erta*, *all'arme*, etc. Note-se o diminutivo *casino*, de *casa*, habitação de recreio ou de campo. F. Diez approva a etymologia *marsapão*, de *Marzapane*, do nome do inventor *Marzo*, fôrma a que se confundiu com a de *massa*.

Ha italianismos de orthographia portugueza e prosodia etymologica, *polichinello* (pulcinello). Ha casos de prosodia portugueza com orthographia italiana, *imbroglio*, que não é uso pronunciar *imbrolhio*.

Do velho italico ou greco-italico não podemos tratar neste logar, pois se confunde com o latim. Citemos, p. ex., *Bronze de Brindisi*. (1)

Inglez. -- As dicções inglezas, em geral, são termos de industrias, de arte naval, de jogos, etc. Na maior parte foram adoptadas com a orthographia propria: *tunnel*, *tramway*, *sport*, *club*, *meeting*, *lord*, *roast-beef*, *fashionable*, *water-proof*, *water-closet*, *high-life*, *great attraction*, *rail*, *tender*, *gentleman*, *jury*, etc.

Alguns termos, principalmente os antigos, foram adoptados com a fôrma vernacula, como confortavel (*comfortable*, de origem latina), enchorar (de *a shore*), redingote (*riding-coat*), moção (*motion*, de origem latina), boiar (*buoy*). Com a fôrma vernacula notam-se os anglicismos, termos de marinha: *gurupés*, *bowsprit* (*bug*.); *bolina*, *bow-line*; *hiate*, *yacht*; alguns são originariamente portuguezes.

Muitos vocabulos inglezes representam estados alterados do elemento francez, como: *fashion*, de *façon*; *commodore*, de *commandeur*, que veio provavelmente do portuguez *comendador*; *jockey*, diminutivo de *Jacquet*, de *Jacques*. Segundo Peggés, *pamphlet* é uma corruptela anomala de *palme-feuillet*.

Allemao. — O elemento allemão moderno é pouco intenso; alguns vocabulos foram introduzidos pelo francez. Exemplos mais notaveis, *cobalto*, *bismutho*, *gaz*, *nickel*, *quartz*, *escravo* (*slavo*), *talco*, *zinco*, *walsa*, *wagon*, *talweg*, etc.

Tanto o inglez, como o allemão, podem figurar como partes do elemento germanico da 2ª época, isto é, do que influíu depois de constituída a lingua. A palavra *esthetica* é

(1) E' ainda um problema. Leia-se como excurso o que escreveu W. W. Skeat — *Notes on etymol.* 18-20.

grega, porém foi formada por um philosopho allemão, Baumgarten. O termo *gaz* foi inventado por Van Helmont.

Espanhol. — Os elementos espanhóes que penetraram na lingua, fundiram-se com os elementos vernaculos pela extrema semelhança que conservavam entre si, de sorte que só relativamente em poucos casos se pôde affirmar a origem espanhola de um vocabulo. São castelhanos: *palomita*, *hediondo*, *trecho*, *seguidilha*, *cachucha*, *castanhola*, *bolero*, *habanera*, *savana*, *el-dorado*, etc.

Algumas vezes pôde determinar-se a origem espanhola do vocabulo pela analyse phonetica. O *f* latino transcripto pelo *h* espanhol: *filius*, *hijo*; *facere*, *hacer*. Por essa razão *hediondo* é termo espanhol, derivado de *fastidundus*; a fórma portugueza seria *fetibundo*. Semelhantemente, o grupo *ct* latino é representado por *ch*, *lacte*, *leche*; *octavo*, *ochavo*; por conseguinte, *tractus* só no espanhol produziria *trecho*. Ainda a phonetica revela que o *pl* latino no espanhol é *ll*: *plorare*, *llorar*; *plicare*, *llegar*. Dest'arte o termo portuguez *lhano*, de *planus* (*ll=lh*) é de origem espanhola; a fórma portugueza seria, como é, *chão*, analogo a *chorar*, *chegar*.

São esses elementos os que maior quinhão offereceram á constituição do lexico portuguez; mas seja-nos licito recordar alguns casos secundarios de outros elementos, aliás importantes.

O **celtico** foi a lingua primitiva da peninsula. Os vestigios do celtico não são abundantes, mas são caracteristicos: *abra* (no francez *havre*); *penha*, que tambem apparece com a fórma *pena*: *Pen'alva*, *Penafiel*; a palavra *dur* (rio) nota-se em *Douro*; *dun* (montanha), em *duna*. A palavra *bala*, lago ou remanso fluvial, nota-se em *Setubal*. A palavra *branco* provavelmente origina-se do radical celtico *ban*, branco, adoptado pelos godos.

Mas, para alguns desses nomes ha duvidas sérias quanto ás origens.

O **hebraico** influíu principalmente por intermerdio da Biblia. São termos hebraicos: *abbae*, *amen*, *gehenna*, *alleluia*, *hosannah*. *Cherubim*, plural de *cherub*; *seraphim*, plural de *seraph*. *Jeovah*, *jubileu*: *Leviathan*, *samão*, sino *samão* = sino *Salomão*, *manná*, *sabbado* e *sabbatah*, *saphira*, etc. A palavra *alleluia*, consta de dous elementos: *allelu* (louvae com alegria), *lah* (o que será: — Deus).

Russo. — *Caleche*, *steppe*, *versta* (medida linear).

Hungaro. — *Coche, cocheiro* (de *Kotezy*, all. *kutscher*), *sutache* (fr. *soutache*, de *szuszak*), e o termo *hussard*, de *hussar*, que significa *vigesimo*, derivado do arrolamento militar de camponeses, fundado por Mathias da Hungria em 1457. (V. *Stappers*.)

Turco. — São vocabulos turcos: *janizaro, odalisca, khan, divan, caftan, bey, pachá, padichá*, etc. Do turco notem-se o composto *bergamota* (de *bey*, rei ou rainha; *armud*, pêra) e *odalisca*, derivado de *oda*, camara.

Persa. — Grande parte dos vocabulos persicos vieram por intermedio do arabe. Exemplos de termos persicos: *azul, julepo, ponche, bazar, caravana, balcão, esmeralda, jasmim, musgo, sarabanda, satrapa, turbante, tulipa, tafetá*, etc. O termo *paraíso* (*pairidez*) é persico e foi introduzido no grego por Xenophonte, e depois aproveitado pelos traductores da biblia hebraica para verter a expressão *Eden*, que tambem foi adoptada.

Asiaticismos. — Notam-se numerosos, da India: *columin, saraça, pagode, fakir, rajah, culi* ou *coolie* (através do inglez), *junco, lascarin, nababo, palanque, cachemira, corja, madrasta, madapolão, musselina, pariah*, etc. Da lingua chinesa: *nankin, chá* (*tsé*), *hyson, setim*.

Americanismos. — Das republicas espanholas: *pampas, cochilas, jalapa e chocolate* (ambos do mexicano); *alpaca, condor, caimão*.

Do tupi-guarani: *jaguar, taba, tapera, pipóca, coivara, ca-poeira, jararacussú, ipueras, mandioca, mingão*, etc.

Lingua antiga

O mesmo contacto de povos e de idéas novas, por um lado, enriquece o lexico e, por outro, d'elle desterra locuções e palavras antigas que caem em desuso ou são literalmente esquecidas. Embalde para revocal-as á vida esforçam-se os eruditos, os letrados e os grammaticos; quasi sempre sem exito. E' da propria indole das linguas essas perdas e re-novações constantes, que são como o signal da sua nutrição e vida.

Em geral, o ARCHAISMO representa cousas que não existem, expressões que foram substituidas, necessidades de civiliza-ções e de edades que já desapareceram, ou matizes de idéas

que outros vocabulos representam com maior precisão. A's vezes estão entre os archaismos certas fôrmas grammaticaes que a analogia ou outra tendencia logica destruiu em proveito da uniformidade, e da euphonia.

Não se pôde dar vida a palavras que não correm na linguagem presente; é facto, porém, que um ou outro vocabulo que ainda tem curso nas provincias ou nas colonias, pôde por natural expansão readquirir a intensidade de vida que d'antes possuia.

São exemplos de archaismos:

Substantivos e adjectivos. — *Hostes*, inimigos; *heréo*, herdeiro; *incréo*, incredulo; *communal*, commum; *lidimo*, legitimo; *ucha*, arca; *infançon*, moço fidalgo; *avença*, concordia; *fazenda*, negocio ou sentimento; *manceba*, mulher joven; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *primente*, primeiramente; *visindade*, vizinhança; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, seculo; *malo*, mão. D'estes citados alguns são ainda usados com discrição.

Entre esses archaismos, convém notar os participios em *udo*: *recebudo*, *estabelegudo*, da 2ª conjugação. D'estes participios ha tres vestigios ainda usados: *teúdo*, *manteúdo* e *conteúdo* (tido, mantido, contido). Notem-se os archaismos resultantes da incerteza de suffixos na derivação: *soffrença* e *soffrimento*; *livridõe* e *liberdade*; ainda possuímos *nascença* e *nascimento*, que não se archaizaram.

O archaismo *avença* (concordia) deixou um vestigio em *desavença*. O archaismo *heréo* ocorre na expressão *terra d'heréo*. *Ucha* sobrevive em *ucharia*, etc. *Malo* sobrevive na expressão: *Pedro das malas artes*.

Verbos. — *Jeitar*, lançar; *endurentar*, endurecer, soffrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, encher; *chantar*, plantar; *catar*, olhar; *trebelhar*, brincar, etc.

Entre esses archaismos, notemos algumas fôrmas verbaes, como: *andades*, *recebedes*, por *andais*, *recebeis*, e do que temos vestigios nos verbos monosyllabicos: *lêdes*, *tendes*, *vindes*, etc.; as fôrmas do subjunctivo *mettir*, por *metter*; note-se igual flexão, ainda viva, no futuro *vir*, de *vér*.

Notemos que alguns verbos deixaram vestigios. *Jeitar* (fr. *jeter*) sobrevive nos compostos *rejeitar*, *deitar*, *sujeitar*. *Catar* observa-se em *cata-cégo*, *cata-vento*. — *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*, etc.

Particulas. — *Aður*, apenas; *assuso*, acima; *ajuso*, abaixo; *acasuso* e *ajuso*; *hogano*, este anno; *enxano* (*ex-anno*), cada

anno; *ooyte*, ontem; *acaron*, na frente; *trementes* (dum interim), emquanto; *entonces*, então; *de vegada*, de uma só vez; *aramá*, em má hora; *por ende*, porém; *ende*, ainda; *samicas*, por ventura; *ca e car*, porque; *macar*, máo grado; *teste*, cedo.

Estas particulas são curiosas, sob o aspecto da etymologia: *aramá* (hora mala), opposto a *embora* (boa hora). *Hogano*=hoc+anno. *Car e ca*, de *quare*, latino.

A particula *ende*, deixou um vestigio em *porém*, de *por ende*, e mais a fórma *em* nas locuções:

Em que peze a...

(*Ende que péze a...*)

Ha, ainda, *archaismos de idéa* nos vocabulos e dizeres: uma *peça* de tempo, e outros semelhantes, como: *tanger* (referir-se); *torto*, no sentido de injustiça ou damno; *guardar*, no sentido de considerar; *conversação*, no sentido de conversão; *demanda*, no sentido de *pergunta*; *botica*, no sentido de loja ou venda qualquer. Mas nem sempre as palavras antigas são substituídas por outras novas que trazem tal ou qual identidade de sentido. As que têm maior vitalidade, persistem, porque basta a mais leve differença entre umas e outras para que se impenha a necessidade de ambas. Por isso, quando os escriptores do seculo XV e XVI, por influxo da cultura classica, tiraram do latim novas expressões, as antigas não desappareceram, porque com o tempo já tinham adquirido sentidos novos, que no antigo latim não possuíam. Algumas, e poucas, se perderam (como *segre* ao lado de *seculo*), porque não haviam modificado a significação.

Allotropismo

Esses vocabulos antigos e os novos que concorrem na linguagem, e têm derivação commum, chamam-se FÓRMAS DUPLAS OU FÓRMAS DIVERGENTES. E' o phenomeno tambem chamado de *allotropia*.

Taes são *magoar*, antigo, e *macular*, moderno, ambos oriundos do termo latino *maculare*.

E' digno de nota que um d'elles é formado espontaneamente na lingua pelo povo, e é o mais alterado: *magoar*; e outro, formado pelos eruditos, conserva com maior exactidão a fórma primitiva: *macular*.

O caracter differencial entre as fórmãs eruditas e as populares consiste, pois, em que estas apresentam maior alteração e desvio do typo primitivo, do que aquellas. Comparando as fórmãs divergentes: decimo e dizimo, de *decimus*; primario e primeiro, de *primarius*; recitar e rezar, de *recitare*; legal e leal, de *legalis*; é facil concluir que as fórmãs eruditas, *decimo*, *primario*, *legal*, *recitar*, são as mais fieis aos seus etymos; e, ao contrario, as fórmãs populares, *dizimo*, *primeiro*, *rezar*, *leal*, são as mais corrompidas.

As fórmãs divergentes receberam o nome de duplas (*doublés*), porque, em geral, apresentam-se duas, uma popular, outra erudita: *operar* e *obrar* (de *operare*). Ha, porém, exemplos de tres ou mais fórmãs divergentes: magoa, mancha, macula (de *macula*); as duas primeiras são populares; a ultima, erudita.

Fórmãs duplas ou allotropicas

POPULARES	ERUDITAS	ORIGENS LATINAS
Sarar	sanar	<i>sanare.</i>
Sello	sigillo	<i>sigillum.</i>
Gruta	crypta	<i>crypta.</i>
Coalhar	coagular	<i>coagulare.</i>
Feito	facto	<i>factum.</i>
Rezar	recitar	<i>recitare.</i>
Arela	arena	<i>arenam.</i>
Conceição	concepção	<i>conceptionem.</i>
Mezinha	medicina	<i>medicinam.</i>
Prenda	prebenda	<i>præbendam.</i>
Bexiga	vesicula	<i>vesiculam.</i>
Pardo	pallido	<i>pallidus.</i>
Deão	decão	<i>decanus.</i>
Cabido	capitulo	<i>capitulum.</i>
Chão	plano	<i>planus.</i>
Quaresma	quadragesima	<i>quadragesima.</i>
Auto	acto	<i>actum.</i>
Atrever	attribuir	<i>attribuere.</i>
Gozo	gaudio	<i>gaudium.</i>
Desenhar	designar	<i>designare.</i>

Contam-se por milhares, mas esses exemplos são suficientes para mostrar com toda a clareza o phenomeno.

Essas divergencias lexicas offerecem casos especiaes, dignos de analyse.

1. Muitas vezes as fórmas divergentes resultam de uma palavra archaica e de outra vigente, *segre* e *seculo*, de *seculum*; *segre* é hoje archaico. *Geolho* e *joelho*, de *genuculum*; a fórma *geolho* desapareceu, sem embargo de ser a mais perfeita.

2. As fórmas divergentes, em certos casos, são produzidas pela deslocação do accento: *polpa* e *polypo*, de *polypus*; *Isidro* e *Isidoro*, de *Isidorus*; *guitarra* e *cythara* (antigo *cedra* e *citola*), de *cythara*; *Tiago* e *Jacob*, de *Iacobus*. O *t* inicial de *Tiago* provém de outra palavra: Sant'Iago.

3. As fórmas divergentes, algumas vezes, resultam de derivações simultaneas do nominativo e accusativo dos imparissyllabos: *serpe*, de *serpens*, e *serpente*, de *serpentem*; *sabio*, de *sapiens* (*sapius*) e *sapiente*, de *sapientem*.

Este facto é largamente exemplificado em muitos vocabulos. Podemos observalo de varios modos. Além dos exemplos citados, convém notar os seguintes, mais ou menos contestaveis. *Honra* e *honor*, *sabio* e *sabente* (*sapiens*); *sũbo* e *sabor* (sapor); *pavo* e *pavão*; *erro* e *error* (error); *Felix* e *feliz* (feliz); *tredo* e *traidor* (traditor); *travó* e *travor*; *chantre* (do francez) e *cantor* (cantor); *fêssô* (pop.) e *fedor* (fæctor); *ração*, *razão* e *raso* (Vit. *Eluc.* ratio); *ladro* e *ladrão* (latro). Estes exemplos devem ser ainda convenientemente criticados. Exemplos innegaveis são *iman*, do nominativo *adamas*, e *diamante*; *ezypa* (pop.) e *erysipela*; e alguns nomes do zodiaco, *Léo* e *Leão*; *virgo* e *virgem*; *scorpio* e *scorpião*, etc. Note-se ainda que pôde um termo germanico latinizado dar fórmas duplas, *palç*, *palco* e *balcão* (talvez augmentativo).

4. As palavras divergentes são produzidas, embora em raros casos, pela introdução de uma fórma estrangeira de origem identica á da fórma vernacula. A fórma espanhola *lhano*, a italiana *piano* e a portugueza *chão* derivam da mesma origem latina, *planus*. A fórma italiana *soprano* e a portugueza *soberano* derivam de identica fonte, *superaneus* (lat. barbaro). A fórma franceza *chefe* e a portugueza *cabo*, derivam de *caput*.

Convém notar, por fim, que as fórmas divergentes não se referem sómente ao elemento latino, embora as fórmas latinas sejam mais numerosas e tenham servido de exemplares aos classicos. Tambem se observam fórmas divergentes no

elemento arabe: *rez* e *arraiz*, de *ar-raz*; *zero* e *cifra*, de *zifr*; *auje* e *apsides*, de *audj*; *azimut* e *zenit*, de *assemi*. Como se vê, a divergencia aqui resulta ás vezes da presença ou omissão do artigo *al*: *raz* e *ar-raz*; *sem*, *as-sem*.

A fôrma *zifr* foi alatinada na fôrma *zephyrus*, que produziu *zero*.

Observam-se igualmente algumas divergencias entre vocabulos de origem germanica: *léste* e *este*; *espuma* e *escuma*; *baluarte* e *boulevard*. A fôrma *léste* (l'este) formou-se pela anteposição do antigo artigo *lo*. A fôrma *boulevard* é franchezza e recente.

Não estão apenas entre as fôrmas *allotropicas* as criações literarias de vocabulos novos; o lexico ainda enriqueceu-se, afóra a synonymia d'aquellas, com a introdução de locuções e expressões novas, a que chamamos **neologismos**.

Duas épocas principaes de criação tiveram as palavras novas.

A primeira época foi a dos fins do seculo XV ao seculo XVI, a idade na qual floresceram os nossos maiores classicos, á maneira italiana chamados *quinhentistas* ou do seculo de quinhentos: Camões, Barros, Sá de Miranda, Ferreira, etc. Estes escriptores approximaram a lingua do latim, criando vocabulos, corrigindo as fôrmas que lhes pareciam defeituosas, e organizando a grammatica.

Os quinhentistas reformaram o vocabulario, adoptando as fôrmas alatinadas: *livramento* ou *liberdade*, pelo antigo *livridõe*; *irado*, por *sanhudo*; *legitimo*, pelo ant. *lidimo*; *imaginar*, pelo ant. *maginar*, etc. Criaram os superlativos **em issimo**, como no latim: *rigorosissimo*, *estranhissimo*, etc. Esses superlativos até o seculo XV não existiam como faculdade da lingua. Occorriam apenas as fôrmas: *santissimo*, *christianissimo*, *grandissimo*, e ainda assim sómente applicaveis aos reis ou a autoridades supremas. Proscreveram quasi totalmente as abundantes *negativas* emphaticas, caracteristicas do periodo anterior: *nenhum nom* morreu (F. Lopez). Approximaram a syntaxe portugueza da latina augmentando as inversões e antitheses. Não só isto. Proscreveram os classicos o uso de qualquer syntaxe contraria á do latim. Assim, condemnaram o uso do participio presente pelo passado, que se encontra em Zurara e Lopez. "Havia rosto formoso e *parecente* corpo".

Essa latinização foi realizada, é também verdade, por influencia das letras italianas, que governavam a literatura portugueza.

Damos aqui uma lista de palavras reformadas ou criadas pelos quinhentistas. (1)

Palavras que não existiam antes do reinado D. Manoel

SUBSTANTIVOS:

Afflicção	Conjectura	Milhão
Allivio	Crueldade	Motivo
Angustia	Desculpa	Obstaculo
Architecto	Desordem	Official
Audacia	Escriptor	Ponderação
Aurora	Ignominia	Sagacidade
Auxilio	Investigação	Transacção
Ciume	Maledicencia	

ADJECTIVOS:

Affavel	Incredulo	Postumo
Alienado	Iracundo	Rebelde
Colerico	Magnanimo	Resplandecente
Continuo	Negligente	Superno
Desejoso	Nescio	Ultrajado
Difficil	Necessitado	Valoroso
Esplendido	Penoso	
Imaginario	Proprio	

VERBOS:

Arguir	Criticar	Fulminar
Castigar	Discorrer	Restituir, etc.

Esta lista merece exame e critica; é pouco abundante, mas serve para dar idéa da pobreza da lingua, antes dos quinhentistas.

O trabalho dos *classicos* foi continuado, e mal, na poesia, pelos *Arcades*, poetas do seculo XVIII, que criaram varios

(1) *Mem. litt. port.* (da Acad., t. IV-36-62).

termos compostos: *aurilavrado*, *levipede*, *capribarbicornipede*, *ignivomo*, *flammiifero*, etc., em geral de máo gosto.

Os escriptores brasileiros tambem têm contribuido para a riqueza da lingua. Odorico Mendes aportuguezou ou criou fórmas como: *olhicerulea* Deusa (de olhos azues); *galeato* Achilles, etc.; José de Alencar formou varios vocabulos: *garular*; *inhale* (adjectivo); *afflar* o leque; *elancar* (do francez), etc. (1)

A segunda época da criação de palavras novas é caracterizada nos tempos modernos pela organização das sciencias e pela solidariedade e interesses communs dos povos.

A tecnologia scientifica foi toda formada do grego: *photographia*, *telephone*, *chiroptero*, etc.

Estes *neologismos* não foram directamente formados por escriptores da lingua vernacula. Foram introduzidos por influxo do francez, do inglez ou do allemão; comtudo, *necroterio* foi criado no Brasil.

Geodesia	-- <i>Gê</i> , terra+ <i>daíó</i> , eu divido. Sciencia de medir a superficie.
Physionomia	-- <i>Physis</i> , natureza+ <i>gnomon</i> , indicador.
Heterodoxo	-- <i>Heteros</i> , differente+ <i>doxa</i> , opinião.
Pantographo	-- <i>Pas</i> (pantos), todo+ <i>graphô</i> , eu escrevo.
Pathologia	-- <i>Pathos</i> , molestia+ <i>logos</i> , sciencia.
Thermometro	-- <i>Thermos</i> , calor+ <i>metron</i> , medida.
Telegramma	-- <i>Tele</i> , longe+ <i>gramma</i> , escriptura, caracteres.
Chrestomathia	-- <i>Chrestos</i> , bom+ <i>mathein</i> , instruir-se, aprender.

Dos termos gregos convém notar que muitos não são de formação moderna, e existiam já no grego classico, taes são: *pedagogo* (*paidagôgos*), *automato* (*automatos*), *apocalypse* (*apokalupsis*), *mathematica* (*matématikos*), etc.

Por isso não deixam de ser *neologismos*; mas não são criações modernas.

O maior defeito das criações vocabulares modernas e que provém da ignorancia dos que as introduzem, é o hybridismo. Chama-se *hybridismo* o vocabulo composto de elementos tirados de linguas diversas. Quando o hybridismo é popular e de uso vulgar, força é admittil-o. Os eruditos, porém, devem formar as palavras de elementos homogeneos, tirados do

(1) *Afflar* já se encontrou em M. Bernardez — *Nova Floresta*.

mesmo idioma. Por isso são os *hybridismos* scientificos condemnados pelos puristas e grammaticos.

- Heliogravura* — Formado do grego *helios*, sol, e do latino *gravura*. A fórma mais correcta seria *heliographia*. Do mesmo modo *photogravura* é hybridismo por conter um elemento grego e outro latino.
- Burocracia* — Formado do francez *bureau* (l. *burelum*) e do grego *kratos*, poder. A fórma correcta seria talvez *synedriocracia*.
- Sociologia* — Hybridismo criado por Augusto Comte. O primeiro elemento é latino, o segundo é grego.
- Zincographia* — O primeiro elemento *zinco* é allemão, o segundo é grego.
- Monoculo* — De *monos* (isolado, grego) e *oculos* (olho, latim). D'esse typo são *deci-metro*, *milli-metro*, etc.

Por esse modo, como rapidamente descrevemos, formou-se a lingua portugueza, enriquecendo, o dictionario de termos estranhos ou de criações novas, ora esquecendo, ora chamando á vida locuções e dizeres que o povo guardou intactos ou a literatura ennobreceu e poliu; no meio, porém, de todas as vicissitudes e tyrannias da conquista, da moda e do ultraje do tempo, conservou até hoje a physionomia latina, á qual a fortuna da America reservará uma nova e duradoura juven-dade.

Effectivamente, todos os processos idiomáticos do portuguez continuam com intensa actividade no Brasil, em cuja linguagem os termos regionaes de multipla origem, as importações exóticas e os neologismos compõem um vocabu-lario consideravel.

Accresce que a literatura brasileira reclama a independencia de expressão e hoje pouco ou quasi nada deve ás cor-rentes portuguezas, em materia de criação ou de vernaculi-tude.

XXII

Palavras variaveis formadas no seio da lingua

Sendo a lingua romanica dotada de todos os processos de derivação, abundantemente rica de suffixos, não admira que, em seu proprio seio, se formasse numero grande de vocabulos de todas as categorias grammaticaes. De facto, mais de um terço do lexico de qualquer lingua romana consta de formações originaes modernas, embora se baseiem em elementos já existentes no latim ou no grego.

1. — SUBSTANTIVOS E QUALIFICATIVOS

Grande numero de substantivos *communis* foram derivados de verbos. Taes foram: *choro*, de chorar; *chama*, de chamar; *tempera*, de temperar; *esmo*, de *esmar* (archaismo derivado de *æstimare*), etc.

Os nomes em *ença*, *ancia*, em grande numero formaram-se na lingua. Já no latim existiam *temperantia*, *prudentia*, etc.; no portuguez formaram-se *bonança*, *bemquerença*, *nascença*, *cuidança*, etc.

Os nomes em *ade* do latim, vontade (*voluntatem*), liberdade (*libertatem*), etc., serviram de typo a outras fórmulas originaes e proprias: *leviandade*, *mortandade*, *ruindade*, *irmandade*, etc.

Os nomes em *mento* do latim, fragmento (*fragmentum*), etc., serviram de norma aos neologismos: *pensamento*, *andamento*, *conhecimento*, *sentimento*, etc.

Os nomes em *agem* do latim, viagem (*viaticus*), selvagem (*silvaticus*), etc., serviram de modelo a creações novas: *linguagem*, *coragem*, *hospedagem*, *vantagem*, *paysagem*, *linhagem*, *ultrage*, etc.

Os nomes em *ão* do typo latino, mansidão (*mansuetudinem*), deram origem a formações numerosissimas e proprias do idioma: *escravidão*, *negridão*, *escuridão*.

Não é cousa assentada que os nomes em *ão* decorram directamente do suffixo *udinem*: aptidão, *aptitudinem*. Ha exemplos archaicos que parecem antes indicar a preexistencia do suffixo — *atem*. Exemplos: firmidõe (*firmitatem*), limpidão (*limpiditatem*), livridõe (*libertatem*). Houve, pois, confusão na etymologia de taes suffixos: firmeza (*firmitiam*), firmeza (*firmitatem*), firmidõe (*firmitudinem?*) e a etymologia é mais explicavel por analogia do que pelas fórmulas originarias do latim classico.

Accrescentemos ainda que os diminutivos em *inho* e os augmentativos em *ão* são vocabulos que começaram a existir depois das origens da lingua.

Os *qualificativos* em *oso* de typo latino (*laboriosus*), glorioso (*gloriosus*), crearam na lingua a aptidão para a formação de vocabulos novos: *cavalhetoso*, *amargoso*, *teimoso*, *esperançoso*, *piadoso*, etc.

Os nomes do grego em *ismos*, como *baptismos*, *solecismos*, serviram de modelo ás creações modernas: *jornalismo*, *gongorismo*, *abolicionismo*, *germanismo*, *francezismo*, etc.

2. — PRONOMES E DETERMINATIVOS

Os *numeraes* tambem possuem exemplos de formação moderna: de *mil* formaram-se *milhão*, *bilhão*, etc.; de *oitavo* originaram-se os dizeres: *dozeavos*, *trintavos*, etc.

Entre os *demonstrativos*: *aquelle*, formado de *ecc' + ille*. O archaico *aquest*, de *ecc' + iste*. Outros opinam que a derivação é *hic-ille*, *hic-iste*; mas é etymologia pouco provavel, porque no latim vulgar já existia o uso de *eccum* (por *ecce eum*) e d'ahi o reforço *eccu'iste*, *eccu'ille*.

Entre os indefinidos ha varias creações modernas: *algu* (*aliquis*); *algum*, *aliquunus*; *nenhum*, *nequunus*.

Os *quantitativos* *tam-manho* (*tam-magnus*), e *quam-manho*, arch. (*quam-magnus*), não occorrem senão nos ultimos tempos, nos documentos barbaros.

3. — VERBOS

Os verbos do typo latino *icare*, como *julgar* (*judicare*), *vingar* (*vindicare*), deram o exemplo dos neologismos: *madrugar*, *cavalgar*, *manejar*, *dardejar*, *gracejar*, *branquejar*, etc.

Os verbos do typo latino inchoativo *ascere, escere, iscere*, forneceram á lingua a tendencia para creações analogicas: *offerere* (offerre), *favorecer, envelhecer, acontecer*, etc.

As fórmãs do particípio presente produziram derivados verbaes: *adormentar, alevantar, apoquentar, apparentar*, etc., de *dormente, levante*, etc.

Os verbos do typo grego *philippitizo*, como *moralizar*, etc., deram a tendencia hoje riquissima das formações: *terrorizar, suavizar, auctorizar, aromatizar, evangelizar, vulgarizar*, etc. Aos verbos já mencionados devem-se ajuntar todos os que se originam de formações modernas: *afrancezar* (ou melhor, *afrancizar*), *italianizar*, etc.

Ha um grupo restricto de verbos derivados de locuções, que são por isso interessantes. Ex.; *apear*, de *a pé*; *acabar*, de *a cabo*; *encimar*, de *em cima*.

Devem-se enumerar as fórmãs de participios regulares, que são modernas: *absolvido*, por *absolto* e *absoluto*; *comprimido*, por *compresso*; *escondido*, por *escuso*; *tingido*, por *tinto*; e são quasi os unicos de uso como participios. Os classicos preferiam a fórmula irregular (*acceito, despezo, assumpto*) nos casos em que hoje empregamos a fórmula regular: *assumido, despendido*, etc. Em Camões, *Soneto 11*

Tanto do bem humano estou *diviso*.

E em Bernardez, *Floresta*, I, 41:

D'estes *illusos* que se alegram com o seu mal,
disse sabiamente Salviano...

E o mesmo disse: *assumpto, acceito, leso, absolto*, etc.

Palavras invariáveis formadas no seio da lingua

As palavras *invariáveis* formadas no dominio historico da nossa lingua representam a juxtaposição corrompida dos varios elementos que a compozeram.

1. O portuguez formou *adverbios* numerosos com a junção de *mente* a adjectivos femininos: *clara+mente*, *docil+mente*, *boa+mente*. Esta faculdade já existia com pequena extensão no latim classico. O composto *bona mente* com valor adverbial encontra-se em Quintiliano. Mas no portuguez e nas linguas romanas o facto tornou-se em habitualismo. Nesses compostos os nomes em *ez* conservam-se invariáveis, como eram outr'ora: "Cuido que escrevi clara e *portuguezmente* a minha idéa". (Camillo.)

2. Os adverbios latinos em *o* do ablativo, como *modo*, deram o typo de formações originaes: vendeu *caro*; falou *baixo*; fala *continuo*, *rijo*. Custou *barato*; anda apressado, etc. Tendo adquirido o adjectivo a aptidão adverbial, tornou-se inutil a derivação mais lata de *fortiter*, *breviter*, etc., que foram substituidas por *breve*, *forte*. Apesar d'isto, parece permaneceu *agiliter* na expressão: *azinha* (depressa), que se explica por uma fôrma hypothetica *agina* (Meyer-Lübke — *Rom. etym. W.* — s. v. *agina*).

Alguns adverbios, na fôrma adjectiva, como *caro*, foram creados pelos classicos, conforme diz Filinto Elysio, para evitar o uso repetido dos adverbios em *mente*. O facto, porém, é que taes adverbios já tinham antiquissimos modelos, como *cedo* (cito), *loco* (loco).

3. Os adverbios em *e* originaram-se de typos latinos em *e*: longe (*longe*), tarde (*tarde*), maxime, bem (*bene*), mal (*male*). Segundo esta tendencia, em nosso idioma apparecem outros adverbios: *a miúdo*, *ascinte* (*a sciente*), etc. Esse typo de adverbios corresponde aos adjectivos latinos de uma e duas fôrmas, como *gravis* e *constans*. Ex.: *bastante*. Para

ascinte não é admissível a etymologia *scienter*. *Sciente*, synonymo do já archaico *ás sabendas*, representa o participio puro de *scire*, saber. *Ascinte*=elle o sabendo, affrontando-o. Precede-o a preposição *a*, como foi uso entre os antigos: *a segundo* (Camões), por *segundo* (*seguinto*). (1) Tambem ficaram moldados sobre o typo da desinencia em *e* os adverbios de origem arabe provavel: em balde, de balde.

4. São do uso de Barros, seculo XVI, os adverbios: *ás cegas*, *ás escuras*, *ás rebatinhas*, *ás vessas*. (2)

São, na maioria, adverbios novos as locuções e equivalentes adverbias: *ás caladas*, *ás apalpadelas*, *ás sabendas*, *ás tontas*, etc.

Este typo adverbial offerece um repositorio de exemplos da flexão *s* do plural, occorrente nas particulas: *ante-s*, *sammica-s*, etc., e cuja explicação parece difficil, conforme já o notamos.

5. São adverbios formados na lingua os que derivam segundo o latim de locuções analyticas: *agora* (*hac+hora*), *hontem* (*hanc+noctem*, ou *ad noctem*, no esp. *anoche*) (3), *embora* (em boa hora=*in bona hora*), *assaz* (*ad+satis*), *talvez* (*tal-vez*, *tali-vici*), *jámais* (*já-mais*, *jam-magis*), etc. Estes adverbios não existiam no latim, mas eram mais ou menos communs aos romances medievaes; assim, muitos d'elles existem simultaneamente no francez, no italiano e no espanhol. A lingua antiga era mais rica e tinha um numero consideravel d'estes adverbios: *acajuso*, *asuso*, *julavento*, *cramá* (hora má), *hogano* (hoc-anno), *cadano* (cada anno, *cata anno*), etc. Muitos d'estes ainda existem no dialecto gallego.

A fórma *quicá* é provavelmente a italiana *chi sa?*, quem sabe? (ou talvez do lat. *qui sapit?*, como quer J. J. Nunes). O adverbio *como* (*quomodo*), influenciado por *quum*, tinha a fórma *cume*.

6. Muitas das *preposições* representam o typo anteriormente citado; são palavras novas compostas desde o periodo

(1) O etymo de *acinte*, *sciente*, offerece muitas duvidas.

(2) *Mem. de litt. da Academia portugueza*, III, 113. E as notas 65, 70, 72, 73 na minha *Selecta Classica*.

(3) Etymologias propostas: *ante*, *ante noctem*, *ad noctem*, *nocte*, *hodie ante*. O etymo *ad noctem* parece ser o mais plausivel.

antigo da lingua sobre elementos latinos: dentro (*de+intro*), após (*ad+post*), depois (*de+post*), desde (*de+ex+de*), avante (*ab+ante*), diante (*de+ab+ante*), adiante (*a+de+ab+ante*), etc.

Estas composições foram naturalmente morosas e em parte deviam ser iniciadas pelo latim barbaro, desde que se manifestou a tendencia analytica, creada pela desappareição dos casos.

7. As *conjuncções* formadas por locuções são todas novas: *porque*, *supposto que*, *contanto que*, *por consequencia*, *todavia* (*tota vice*), *por isso*, *senão* (*si non=nisi*), *outrosim*, etc.

Nota-se a preeminencia da idéa na creação d'estes vocabulos. O latino *vel*, de *velle*, querer, transformou-se no equivalente de outra origem: *quer*.

Si non substituiu *ni si*, de radicaes invertidos (*ni-nec+si*).

A fórma *porém*, antigo *porente* (*por+ende*), origina-se de *pro+inde*. *Logo*, de *loco*, em vez de *ergo* ou *igitur*.

8. As *interjeições* formadas de outras palavras, verbos, adjectivos, etc., representam creações novas da lingua: *caluda!* *safa!* *bravo!* *ak d'El-Rei!*, etc. (Vide *Sel. Class.*, nota 167.)

Caluda faz conjecturar a existencia de um verbo *caler*. A interjectiva *ak d'El-Rei!* parece conter o elemento imprecativo *ak*, que se encontra no celtico (*Zeuss*).

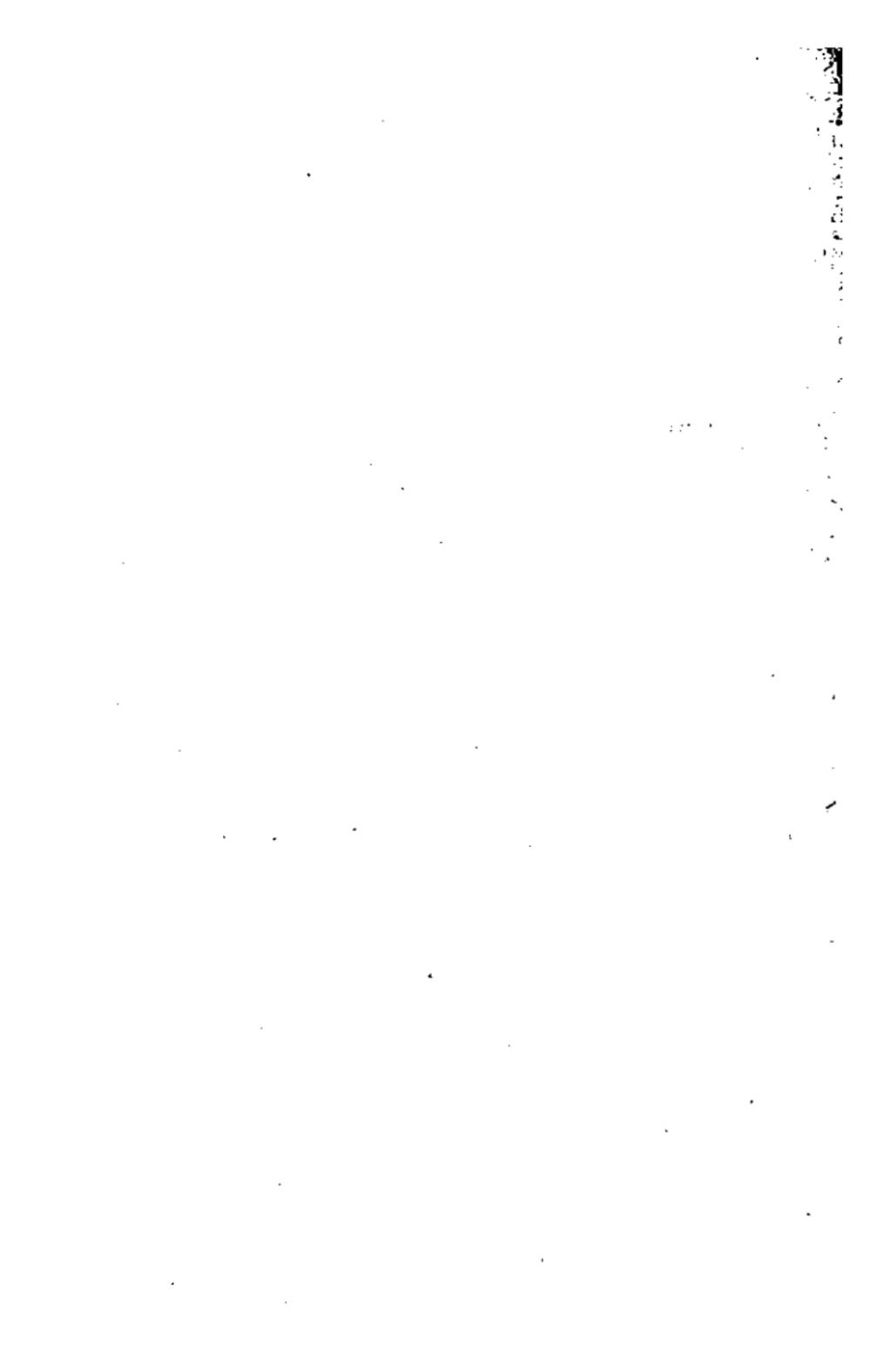
No portuguez antigo havia a preposição *guiza*, que tambem se ajuntava aos nomes (como em castelhano antigo: *lloraron muy fiera guiza*) com a mesma função de *mente*: *feramente*. A palavra *guiza* é germanica, e com essa função conservou-se no inglez (*otherwise*) e no allemão (*gleicherweise*), ainda que com alguma differença de sentido.



ETYMOLOGIA



(ORIGENS, HISTORIA E DERIVAÇÃO)



ETYMOLOGIA

I

Etymologia portugueza; principios em que se baseia a etymologia

Etymologia é o estudo que consiste em determinar a significação e a fôrma primitiva dos vocabulos.

Pela *etymologia* sabemos que a palavra *ignobil* veio da fôrma primitiva *ignobilis*, do latim. Sabemos ainda que o sentido primitivo de *ignobilis* foi "obscuro, desconhecido", por isso que se compõe de *in*, prefixo negativo, e do termo *nobilis* (de *gnoscere*, conhecer).

A palavra *etymologia* vem de *etymos* (verdadeiro) e *logos* (discurso). Cicero traduziu-a litteralmente com a palavra *veriloquium*.

A etymologia até o seculo XVIII foi sciencia impossivel; um mixto de discordancias e de inverosimeis hypotheses. Em geral, pouco se attendia á historia da lingua, e dava-se excessiva importancia ás *onomatopéas* ou a palavras de formação imitativa, como *ulular*, *trovejar*, etc. Uma das antigas theorias mais extravagantes era a que dava valor *onomatopáico* a cada letra, e estabelecia que o *l* exprime fluidez; o *r*, aspereza, etc. Eram estes os principios sobre os quaes se baseava a etymologia. Verifica-se que, entretanto, não merecem absoluto descredito.

Outros etymologistas davam exaggerada importancia ao sentido, de modo que derivavam, v. gr., *ter* do verbo *habere*, e explicavam arbitrariamente as transformações que *habere* deveria soffrer para apresentar a fôrma *ter*.

Sem principios scientificos e fixos, a etymologia nunca pôde constituir-se como sciencia positiva; por isso sempre foi tida á conta de pretexto para divagações eruditas e iuteis. Logo, porém, que se constituiu no seculo XIX a grammatica

das linguas européas, com Bopp, e das linguas neolatinas com Fred. Diez, o estudo da etymologia ganhou precisão e certeza nos seus resultados mais geraes.

A **Etymologia** de um vocabulo determina-se pela observancia dos dous principios geraes: a *filiação* e a *comparação*.

A *filiação* quer dizer a historia do vocabulo, a referencia e ligação da fórma actual para com a fórma primitiva, através das fórmas médias que expliquem a differença entre os dous termos extremos. O methodo historico comparativo, como se vê da denominação, consiste nesta investigação através do tempo (historia), e através do espaço e dos logares (comparação). Dentro de uma lingua ou de um grupo de linguas, o vocabulo primitivo va-se alterando com as épocas e com os logares para onde emigra; determinada a *filiação* do vocabulo, procura-se o termo comparado ou de lingua congenere que o comprova; se este termo existe, pôde por sua fórma corrigir uma *filiação* erronea, que acaso se imaginára.

Mas, como a *filiação* abrange a historia do vocabulo e os principios que regulam a sua evolução material (phonologia), os principios da etymologia são precisamente tres: a *historia*, a *phonetica* e a *comparação*.

1. — A *historia* dos vocabulos consiste na averiguação das fórmas de transição que ligam o vocabulo primitivo ao vocabulo actual. (1) As phases mais notaveis na historia do vocabulo portuguez são representadas pelo latim barbaro e pelo portuguez antigo, que precederam a lingua vigente. Dest'arte, os nomes *fortaleza*, *arribar*, explicam-se pela fórma do latim barbaro *fortalitia*, *adripare*, etc. O adjectivo *coitado* explica-se pelo portuguez antigo, que o possuia, como participio de *coitar* (magoar). O latim *lazare* deu no portuguez antigo *leixar*; e no moderno, *deixar*.

Como se vê, todas essas fórmas *intermediarias* do latim barbaro e do portuguez antigo esclarecem a etymologia dos vocabulos.

(1) A historia da lingua é representada por quatro phases: 1.^a, a do latim; 2.^a, a do latim barbaro; 3.^a a dos *romances* ou linguas que succederam ao latim barbaro, como o portuguez antigo, o francez antigo, etc.; 4.^a, a da lingua moderna.

Esta evolução é commum ás linguas neo-latinas: o francez, o portuguez, o espanhol, o italiano, o provençal, o valachio, etc. e aos seus dialectos.

Como a palavra é dotada, não só de *fôrma*, mas de *sentido*, é preciso não esquecer que a *idêa* ou *sentido* também tem sua historia e suas phases intermedias. A palavra *rostrum* tinha o significado de *bico*. O numero de translações de sentido é infinito: *presbytero* (velho), *conde* (comes, companheiro, ajudante), *marchal* (do gathico, intendente da cavallariça, etc.).

O estudo do *sentido* é o que se chama *Semantica*. E' um estudo particularmente difficil pela sua complexidade.

2. — As letras, os sons, não se transformam arbitrariamente, obedecem a principios certos e leis determinadas. O grupo latino *pl*, por exemplo, transformou-se em dadas condições em *ch*: *pluvia*, chuva; *planus*, chão; *plicare*, chegar.

A *phonetica* determina que a *accentuação* latina persiste nos vocabulos (*cabido*, *capitulum*); as permutas são feitas entre letras *homorganicas*, isto é, entre uma guttural e outra guttural, entre uma labial e outra labial, etc.; e, finalmente, a *phonetica* determina que as permutas se fazem no sentido do *menor esforço*, isto é, do surdo para o sonoro, do som forte para o som brando, da guttural forte para a guttural branda: (*cattus*, gato); da dental forte para a dental branda (*cito*, cedo); da labial forte para a labial branda: (*ripa*, riba), etc.

Seria a *phonetica* de extrema simplicidade, se sobre o elemento material dos sons não reconhecesse a preeminencia do espirito. Assim, contra a força material da degeneração e alteração *physiologica* do vocabulo, oppõem-se a força *psychologica* reconstructora da analogia. A analogia contraria as tendencias de alteração. Assim, o diphthongo *eu*, que ocorre nos vocabulos *teu*, *seu* (*tuus*, *suus*), é devido á analogia que o creou sobre o typo de *meu* (*meus*).

A literatura é também uma força opposta á degeneração *phonetica*: as fórmãs *segre*, *calonha*, da linha antiga, foram reconstruidas nos typos *seculos*, *calumnia*, mais proximos do latim.

Ha outras interferencias que se oppõem á acção *phonetica*, tal é o facto da influencia de uma lingua estrangeira. O *c forte* (=k) sempre se conservou na inicial: cantar, *cantare*; cousa, *causam*; no emtanto, vindos do francez, adoptamos termos em que *c forte* abrandou em *ch*: chapéo (*chapeau*, *cappellus*), chaminé (*cheminée*, *camminata*), *bacharel*, de *baccalarius*; *chambre*, de *camara*; *broche*, de *brocca*, etc.

A **comparação** é um methodo que consiste em notar a uniformidade ou dissimelhança de processos e de factos em certo grupo de linguas.

Para o portuguez os elementos naturaes de comparação são as linguas romanas: italiana, espanhola, franceza, etc. Como estas linguas têm origem commum, também têm processos communs. Por exemplo, todas conservam o accento latino: *pallidus* produziu no francez *pâle*; no italiano, *pâllido*; no portuguez, *párido*. *Anima* produziu no francez *âme*; no portuguez, *alma*; no italiano, *ánima*. Sendo, porém, todas estas linguas diferentes, também têm processos diferentes. O grupo *ct* latino é representado em portuguez por *it*: *noite* (*noctem*), *oito* (*octo*); e o mesmo grupo é representado por *ch* no espanhol: *noche*, *leche*, *ocho*; o mesmo grupo é representado por *tt* no italiano: *notte*, *otto*; o mesmo grupo é representado por *ui* no francez: *nuit*, *huit*.

A palavra *viagem* deriva do latim *viaticus*, que, pela quêda da vogal breve, transformou-se em *viat'cus*, *viatcus*. (1)

Se houvesse duvida do resultado obtido — *viagem* — por não conter o *t* da palavra primitiva, o esclarecimento poderia ser ministrado pela comparação de outras linguas. O provençal possui este vocabulo com a fôrma *viatge*, onde o *t* foi conservado. A **comparação** não se entende exclusivamente com a fôrma, mas também com a idéa ou sentido dos vocabulos. A **semantica** comparativa é difficillima, mas existem factos caracteristicos que affirmam a possibilidade d'esse estudo. Sabemos que os godos na idade média usavam fôrmas

(1) O grupo *te* transformou-se regularmente em *dg*, pois *t* dental forte transformou-se na branda *d*; e *c* guttural forte transformou-se em a guttural branda *g*, de sorte que o grupo *tc* torna-se no grupo *dg*; ora *dg* ou *dj* é a prosodia de *gê*: *selvadgem* ou *selvagem*. E' possivel que estas fôrmas em *agem* fossem tomadas do francez e do provençal.

Neste livro, fazemos sempre referencia ao *latim escripto* — mas já muitas das alterações aqui notadas, quasi todas, apparecem no *latim vulgar*, que deve ser objecto de estudo nas grammaticas historicas. São, pois, raras as referencias do *latim vulgar*, desconhecido ao geral dos que fazem o curso secundario ou de humanidades.

A **grammatica historica** de preferencia attenderá ao *latim vulgar* onde apparece por exemplo a desviação do accento antes de muta e liquida: *tonitrum*, *tenébras*, etc.

latinas, mas conservando no vocabulo a idéa germanica. Isto deu origem a sentidos novos, só explicaveis pela comparação. A ave que em portuguez se chama *carrica* ou *reizinha*, de rei, em francez é *roitelet*, diminutivo de *roi*; em latim, *regulus*, diminutivo de *rex*; em grego, *Basiliskos*, diminutivo de *Basileus* (rei). Os romanos, que tinham a cultura helle-nica, traduziam a idéa grega com as fórmulas latinas: *circumloquium* (periphraze); *coordinatio* (syntaxe); *translatio* (metaphora). Em portuguez, os factos não são raros. A nossa educação scientifica e litteraria é puramente bebida na litteratura franceza. D'ahi se têm originado as variações de sentidos de certos vocabulos: *brusco*, em portuguez significa *escuro*, *sombrio*; por gallicismo, damos a *brusco* o sentido de *violento*, *rapido*. Por gallicismo, damos a *comprehender* o sentido de *abranger*, a *contestar*, a accepção de *impugnar*, etc. Como observa Brachet, a comparação de sentidos muitas vezes elucida uma etymologia. A palavra *contrée* (região) deriva de *contra* (*contratum*, o que está em frente). Os godos formaram este vocabulo sêguindo a idéa germanica *gegend* (região), de *gegen* (contra). O fundo é germanico, mas a fórmula é latina.

O lexico portuguez constituiu-se, em geral, de vocabulos que obedecem aos principios da phonetica. Outras forças concorreram para a formação do lexico: a introdução de elementos estrangeiros, a formação erudita de muitos vocabulos e a derivação realizada no proprio seio da lingua.

a) a DERIVAÇÃO, como já vimos, realiza-se dentro do dominio da lingua por meio de *suffizações*.

b) as FORMAÇÕES ERUDITAS tambem se realizaram no seio da lingua, tendo por agentes os seus escriptores e sabios. As *formações eruditas* foram, em geral, tiradas do latim (*ignobil*, *contumacia*, etc.), ou do grego (*anthropologia*, *psychographia*, *telegrapho*, etc.).

c) OS ELEMENTOS ESTRANGEIROS representam os vocabulos introduzidos de diversas linguas, como o arabe, o germanico, o francez, etc.

II

Etymologia dos substantivos

Os substantivos constituem a maior riqueza dos lexicos. A difficuldade de determinar previamente a etymologia do substantivo depende de que as outras categorias grammaticaes raras exemplos possuem de palavras estrangeiras primitivas. Entre os substantivos, porém, existem quasi todos os termos germanicós, arabes e estrangeiros que entraram para o idioma.

Todos os prónomes determinativos e particulas são latinos, excepto *oxalá!* Quasi todos os verbos primitivos são latinos; exceptuam-se alguns germanicos: *tirar, britar, brandir, chocar, singrar, ganhar, guardar, tocar* e poucos mais; alguns arabes: *matar*, etc., e ainda sujeitos a verificação.

A quasi totalidade dos vocabulos estrangeiros existe entre os substantivos.

Substantivos proprios — Os nomes de pessoas têm etymologia muito diversas. Em regra geral, porém, os christãos adoptaram os nomes de mártires romanos e gregos dos primeiros tempos da religião.

Nomes proprios hebraicos ou biblicos: *Manoel, José, João, Sara, Esther, Jeremias, David, Moysés, Anna, Maria, Juías, Pedro*, etc. Nomes gregos: *Eugenio, Euphrosina, Theodoro, Philippe* etc. Latinos: *Deodato, Deusdedit, Antonio, Mário*, etc. Com a invasão dos barbaros, foram adoptados nomes de origem germanica: *Luis, Carlos, Eduardo* ou *Duarte, Afonso, Clotilde, Elvira, Rodolpho, Adolpho*, etc.

Em todas as linguas os nomes proprios foram significativos e representavam anteriormente qualquer qualificação. E' o que se vê do grego: *Theodoro*, dádiva de Deus, e o latino *Adeodato*; *Eutychio*, feliz, e o latino *Felix*. Em Portuguez: *Boaventura, Branca, Clara*, são qualificativos evidentes. Os nomes proprios também têm fórmulas duplas: *Duarte* e *Eduardo*; *Luis* e *Ludovico*; *Adolpho* e *Ataulpho*; *Raul* e *Rodolpho*, como já vimos no logar proprio.

Alguns cognomes, hoje portuguezes, originaram-se de familias estrangeiras que emigraram para o reino; taes são os *Accioli*, que vieram de Florença e se estabeleceram na ilha da Madeira; os *Brandões*, que são de origem germanica, e que os nobiliarios dão como vindos de Inglaterra; os *Cavalcanti*, familia italiana; os *Espinola*, familia genoveza, emigradas as duas ultimas no seculo XVI, como consta dos nobiliarios portuguezes. Muito frequentes foram os appellidos tomados á flora e fauna: Carvalho, Oliveira, Mattos, Raposo, Lobo, Coelho, etc.

Patronymicos. — Derivam de origens diversas, porém immediatamente da fórma plural do ablativo: Paes (de *PeLAGIIS*); Antunes, de Antão. Os semitas formam os *patronymicos* analyticamente pela anteposição de *ben* (filho); Ben-jamin, Ben-alcanfôr.

Os bons escriptores latinos da idade média indicam á filiação, ora pelo genitivo em *i* (Gomes *Fernandi*), ás vezes pelo suffixo peninsular em *iz* (G. *Fernandiz*), outras vezes pelo genitivo latino (G. *Fernandici*), derivado do antecedente. — (*Carol. Michaëlis.*)

Appellativos. — Os nomes abstractos, em geral, derivam do latim: *virtude*, *vicio*, *avareza*, etc. Os nomes technicos de sciencias mathematicas e physicas, muitos são formados do grego ou de lá vieram: *polygono*, *geographia*, *geologia*, *thermometro*, *epiderme*, etc. Os nomes de arte e bellas artes, em grande parte, vieram das linguas modernas: notando-se que os termos de musica são na quasi totalidade italianos: *gualche*, *pastel*, *allegro*, *adagio*, *duetto*, etc.

III

Etymologia do artigo e determinativos

As etymologias do artigo, dos determinativos, dos indefinidos e pronomes encontram-se no elemento latino.

Os artigos dividem-se em *definito* e *indefinito*.

O artigo *indefinito* é o que junto ao nome não lhe determina a posição: *um homem*.

O artigo *definito* é o que determina a especie ou individuo. Exemplos:

Determinando a especie: *o homem é animal*.

Determinando o individuo: *o homem que vimos*.

Quanto á flexão, notemos que o artigo se agglutina com a preposição: *ao, do, pelo, no*. A contracção *a+a* dá o producto *á*, com um accento agudo. A contracção *a+o* produziu até o seculo XVII a fórma *ó*, hoje desusada na escripta, mas perceptivel no falar do povo: *ó depois=ao depois*.

O artigo *definito* *o, a*, deriva do accusativo latino *illum, illam*:

dedit illam — deu-a

Convém notar que já no latim não existia a accentuação da primeira syllaba de *ille* (tal se vê em Plauto).

As fórmulas antigas foram *lo, la*, que na lingua, por causa dos dialectos, perderam conjunctamente com *o, a*.

As fórmulas *lo, la*, ainda se conservam nos dizeres: *alamar, ala-fem, vol-o digo, ama-o, disel-o, punil-o*.

A etymologia do artigo *illum* foi certo tempo combatida por alguns grammaticos portuguezes, que sustentam que o artigo portuguez se originou do artigo *ho* grego, e, por outros, que derivam *o, a*, de *hoc, hac*, etc. Não é admissivel a origem

grega. O grego pouco influe na lingua popular, e a pouca influencia que d'elle provém, nos veiu por intermedio do latim. Ora, o latim nunca adoptou o artigo grego. A etymologia *hoc, hac*, é inadmissivel tambem, por isso que não explica a quêda da terminação forte *c*, tão conservada em agora (*hac+hora*), etc. O *e* final, quando desaparece, é compensado pela nasalização ou accento: nem (*nec*), sim (*sic*), lá (*illac*). A etymologia de *hoc* é, além d'isto, contraria ás origens dos artigos das linguas romanas, italiano *lo*, francez *le*, espanhol *el, lo*, etc. A etymologia de *hoc*, finalmente, deriva o artigo, no singular, do ablativo (*hoc, hac*); e no plural do accusativo (*hos, has*). Os antigos escriptores portuguezes escreviam frequentemente *ho, ha*, mas sempre foi isso mero erro orthographico que adoptavam em todos os monosyllabos: *hum, he, hu* (ubi), etc.

O portuguez possui o artigo *el* existente na lingua: *el gaão*. Hoje a fórma *el* só é usada na expressão: *El-Rei*.

El origina-se do nominativo *ille*.

Tambem possui o portuguez o artigo arabe *al*, que vem prefixado a vocabulos d'essa lingua: *al-mocreve, al-cova*.

No portuguez o *al* arabe não tem função de artigo, é apenas elemento compositivo do vocabulo.

O artigo indefinito *um, uma, uns, umas*, deriva do latim:

Um — *unum*.

A troca de *n* em *m* (una-uma) é um vicio graphico que se generalizou, dando *m* como letra de terminação. O regular era, como foi, escrever *ũ, ùa*.

Possessivos. — Os possessivos vieram do latim:

Meu — *meum*.

Teu — *tuum*.

Seu — *suum*.

Por analogia da fórma *meu*, o mesmo diphthongo predominou nas outras pessoas: *teu, seu*; mas os femininos conservaram a fórma latina: *tua, sua*.

O feminino da primeira pessoa *minha* (antigo *mia* de *meam*) tomou a nasal da segunda syllaba por influencia do *m* inicial.

O mesmo succedeu nos vocabulos *mancha* (*mac'lam*), muito (*multum*).

As fórmãs do plural são:

Nosso — *nostrum*.

Vosso — *vostrum* (*vestrum*).

Onde o *st* foi por assimilação reduzido a *ss*. A fórmula *nostro* na antiga língua só se empregava na expressão: *nostro' Senhor*, com referencia a Deus.

No antigo portuguez existiam fórmãs contractas: *ma*, *sa*, *ta*, que precediam os nomes:

— *Sa* vida.

 Vida *sua*.

— *Ma* ventura

 Ventura *nia*, etc.

Demonstrativos. — Os demonstrativos têm as suas etymologias no latim:

Este — *iste*.

Esse — *ipse*.

Aquélle — *ecce illum*.

 — *ecc' illum*.

E' razoavel e admissivel a fórmula *accu* por *eccu* composta de *atque*.

O portuguez tambem conserva as fórmãs neutras *isto* (antigo *esto*, de *istud*), *isso* (antigo *esso*, de *ipsum*), *aquillo* (antigo *aquello*, de *ecc'illud*). A lingua antiga possuia outras fórmãs que desappareceram. Taes foram: *aquesto* (*ecc'istum*), com a fórmula neutra *aquistô*. Ainda se lê em Bernardim Ribeiro:

E *n'aquistô* triste chorando...

Relativos. — São todos derivados do latim. Exemplos:

Que — *qui*.

Qual — *qualis*.

Cujo — *cujus*.

As fórmãs *quem* e a archaica *qui* foram, respectivamente, o accusativo e o dativo latino. Hoje, porém, *quem* pôde ser nominativo. O etymo de *quem* (*qui*) explica-se pela analogia de *alguem*, *ninguem*.

Os interrogativos *que?* *qual?* têm as mesmas etymologias dos relativos.

Indefinidos. — Os indefinidos têm suas origens no latim, no grego e no arabe.

Latinos:

Algum	— <i>aliqu'unum.</i>
Nenhum	— <i>nec-unum (nem-um).</i>
Outro	— <i>alterum.</i>
Certo	— <i>certum.</i>
Algo	— <i>aliquis.</i>
Alguem	— <i>aliquem</i> e <i>aliqu'unum.</i>
Ninguem	— <i>nec-quem.</i>
Al	— <i>aliud.</i>

Arabe: Fulano — *fólan.*

E, por analogia: *Sicrano, Beltrano.*

Grego: Cada — *kata.*

A fôrma grega *kata* foi usada no latim das biblias medievas (*kata matina*), e d'ahi vulgarizada nas linguas romanas.

A opinião de Diez, que a faz derivar de *quisque*, não é hoje sustentavel, depois de verificada a fôrma *kata* do latim medieval, occorrente em varias traducções latinas da Biblia.

Convém notar entre os *indefinidos* o archaismo *ren*, que desapareceu:

Disse-lhe *ren* (*aliquid*).

Ren deriva de *rem* (*res=cousa*).

Outros indefinidos são *homem* ou *um*, a que já nos referimos:

Deixar *homem* liberdade.

E o termo *gente*, usado no mesmo sentido:

Deixar a *gente de viver.*

IV

Pronomes

Os pronomes pessoaes derivam-se do latim.

Eu — *ego.*
Tu — *tu.*
Elle — *ille..*

Variações..... {
me — *me.*
mim — *mihi*
te — *te.*
ti — *tibi.*
se — *se.*
si — *sibi.*
migo — *mecum.*
tigo — *tecum.*
sigo — *secum.*

As fórmãs do plural são:

Nós — *nos.*
Vós — *vos.*
Elles — *illi.*

Variações..... {
Nosco — *noscum* (lat. b.)
Vosco — *voscum* (lat. b.)
Os — *illos.*
As — *illas.*

As observações sobre as variantes pronominaes foram já exactadas sufficientemente na lição respectiva.

V

Fórmias verbaes Comparação da conjugação latina com a portugueza

Antes de apontar o etymo das fórmias de *conjugação presente* cumpre relacionar as perdas da conjugação latina: o futuro foi substituído por períphrase; perdeu-se o imperativo em *to*; as fórmias pessoaes empobreceram em variedade; o *imperfeito do subjunctivo* só persistiu em portuguez (e em raros dialectos) sob a fórmia que conhecemos com o nome de *infinito pessoal*.

A etymologia das fórmias verbaes portuguezas encontra-se no latim, excepto em alguns casos, em que houve formação original no seio da propria lingua. Consideraremos as conjugações regulares em *are*, *ere* e *ire*. A conjugação em *ar* provém dos verbos latinos em *are*: amar (*amare*), estar (*stare*). A conjugação em *er* provém de duas fontes da conjugação latina em *ere* longo: fazer (*facere*), e em maior numero de verbos em *ere* breve: fazer (*facere*), dizer (*dicere*). A conjugação em *ir* provém de verbos em *ire*: vir (*venire*), e de alguns verbos em *ere* breve: conduzir (*conducere*), cair (*cadere*).

Cumpre notar que estas divergencias de origens só se fazem sentir comparando o portuguez actual com o latim classico. No latim barbaro, porém, já apparecem confusamente as fórmias *immergere* e *immergire*, *conducere* e *conducire*. A quarta conjugação tornou-se mais numerosa pela affluencia de verbos em *ire*. Por outra parte, *fazer*, *dizer*, derivam, não de *facere*, *dicere*, mas de *facere*, *dicere*; ao mesmo tempo note-se que os vestigios *far*, *dir* (em *far-ei*, *dir-ei*) derivam do infinito forte *facere*, *dicere*. (1)

(1) São raras as analogias em *ere* de verbo de outros typos: *mejare* por *mejera* (mijar). Na linguaagem moderna e litteraria: entretanto, os neologismos são todos ou quasi todos da primeira conjugação, como os verbos em *izar* e outros.

O presente representa os typos originarios com sensivel fidelidade: Eis as fórmias comparadas do latim e portuguez:

PRIMEIRA CON- JUGAÇÃO (1. ^a latina)		SEGUNDA CON- JUGAÇÃO (2. ^a e 3. ^a latinas)		TERCEIRA CON- JUGAÇÃO (4. ^a latina)	
Am-o	<i>Am-o</i>	Dev-o	<i>Deb-eo</i>	Sint-o	<i>Sent-io</i>
Am-as	<i>Am-as</i>	Dev-es	<i>Deb-es</i>	Sent-es	<i>Sent-is</i>
Am-a	<i>Am-at</i>	Dev-e	<i>Deb-et</i>	Sent-e	<i>Sent-it</i>
Am-amos	<i>Am-ámus</i>	Dev-emos	<i>Deb-émus</i>	Sent-imos	<i>Sent-ímus</i>
Am-ais	<i>Am-átis</i>	Dev-eis	<i>Deb-étis</i>	Sent-is	<i>Sent-ítis</i>
Am-am	<i>Am-ant</i>	Dev-em	<i>Deb-ent</i>	Sent-em	<i>Sent-íunt</i>

Na terceira pessoa de ambos os numeros cae o *t* final: *ama* (*amat*), *amam* (*amant*). Esta apócope explica-se, por isso que a lingua, por indole propria, repelliu as terminações em consoantes que não sejam *l*, *r*, *s*, ou nasal.

Na segunda pessoa do plural houve syncope do *t*: *amais* (*ama-tis*). Esta quédia foi precedida por simples abrandamento em *d* no portuguez antigo: *amades*, *devedes*, *sentides*. A transição do latim para o portuguez foi gradual: *amatis* (latim); *amades* (portuguez antigo); *amaes* (lingua actual).

D'este *d* existem vestigios nos verbos de pequena extensão: *vindes*, *ledes*, *tendes*, etc.

Do presente são dignas de nota as fórmias archaicas: *soio* (*soleo*), *senço* (*de sentio*), *dormio* (*dormio*).

O imperfeito tambem se origina do latim: *amava*, de *amabam*; *devia*, de *debebam*; *sentia*, de *sentiebam*. A quédia do *b* (*sentia*, de *sentie-b-am*) é uma syncope vulgar, como se vê em *cubitus*, côbo; não se realizou em *amava* (de *amabam*), porque o resultado seria um hiato: *amá-a*.

Convém notar que no imperfeito houve deslocação do accento nas pessoas do plural: amavamos (de *amabamus*), sentiamos (de *sentiebamus*).

No espanhol não houve deslocação do accento: *amabamos*. O italiano conserva mais fielmente as fórmas do imperfeito: *temeva* (temia).

O perfeito, onde houve maiores alterações, origina-se das fórmas: amei, de *amavi*; devi, de *debivi* (por *debui*); e senti, de *sentivi* (por *sensi*). As fórmas foram-se modificando gradualmente:

<i>Amavi</i>	<i>amaui</i>	amei
<i>Debivi</i>	<i>debivi</i>	devi
<i>Sentivi</i>	<i>Sentiii</i>	senti

Estas fórmas são regulares. Em certos casos, na formação do perfeito, succedeu a metathese: houve, de *habui*, depois *haubi*; jouve, de *javi*, depois *jauvi*; teve, de *tenui*, depois *teue*.

No plural, a desinencia representada por *am* (*pediram*) teve diversos valores phoneticos e orthographicos: foro, forum, foram; chamaro, chamarom, chamaram.

O perfeito do typo *dedi* formou no romanico uma corrente analogica (*ostendedit*, *spondedit*) que não teve importancia especial no portuguez.

O mais-que-perfeito origina-se igualmente de fórmas latinas: amára, de *amaveram*; devêra, de *debeveram* (*debueram*); sentira, de *sentiveram* (*sensiveram*).

Houve deslocação de accento no plural: amáramos, de *amaveramus*.

O futuro tem etymologia puramente romanica. O futuro é um composto do verbo *haver* e do verbo principal:

Amar-ei	amar+hei	<i>amare habeo</i>
Amar-ás	amar+has	<i>amare habes</i>
Amar-á	amar+ha	<i>amara habet</i> , etc.

O futuro simples latino perdeu-se e deu origem ás ditas fórmas em varias linguas romanas: *amero* (italiano), *aimerai* (francez), etc. (1)

(1) O futuro do typo *amare-habeo* ao parecer de Meyer-Lübke foi uma creação de ordem literaria, embora muito antiga. Leo Spitzer não é deste parecer. E' facto, porém, que o povo ainda hoje não se accommoda ao uso do futuro e prefere o pre-

O subjunctivo do presente seguiu o typo latino nas fôrmas e na accentuação: ame, amemos (*amem, amemus*); deva, devamos (*debem, debeamus*); sinta, sintamos (*sentiam, sentiamus*).

O subjunctivo do imperfeito não deriva do mesmo tempo latino (*amarem, deberem*), nem ainda do perfeito (*amaverim, debuissim*), mas origina-se do mais que perfeito: amasse, de amavissem; devesse, de debevissem (*debuissim*); sentisse, de sentivissim (*sensissim*).

Houve deslocação do accento no plural: amássemos, de amavissemus.

O subjunctivo do futuro ameaçou confundir-se com o infinito portuguez: amar, dever, sentir. Em alguns casos nota-se differença evidente:

Futuro —	<i>Vier</i>	Infinito —	<i>Vir</i>
	<i>Trouxer</i>		<i>Trazer</i>
	<i>Der</i>		<i>Dar</i>
	<i>Vir</i>		<i>Vér</i>

Essas divergencias resultam da derivação do perfeito *vim, trouxe, dei*; de sorte que o futuro, no subjunctivo, deve ser explicado pelo futuro anterior, indicativo do latim.

Recapitulando, veremos que se perderam o futuro simples (*amabo*) do indicativo; o imperfeito (*amarem*, que passou a infinito pessoal), e o perfeito (*amaverim*) do subjunctivo, e as terceiras pessoas do imperativo (*amato, amanto*). Em compensação, a lingua adquiriu grande numero de fôrmas analyticas ou compostas (*tenho, tinha, tivera, tivesse amado*, etc.) e creou duas flexões originaes: o futuro (*amarei*, de *amar-hei*) e o condicional (*amaria*, de *amar-hia* ou *havia*). (2)

sente: *saio* ou *vou sair*, *digo* ou *vou dizer*. Não é menos certo que a antiguidade das formas em *ei, ás* (*cantarei, cantarás*) *querrei* (*quererei*) etc. é talvez a unica razão dessa contenda.

“O romanico esqueceu completamente o futuro latino, não certamente por motivos de forma, visto que pelo menos o futuro em *-bo* não coincidia com nenhum outro tempo, mas porque a maneira de pensar do povo refere a acção futura á actualidade...” M.-Lübke — *Introd.*

Leia-se o substancioso commentario que a este proposito fez Leo Sptitzer — *Aufsaetze z. rom. Syntax.*, 173.

(2) Para maior conhecimento da materia, leia-se a memoria de J. Cornu na *Encyclopedia* de Groeber e a *Gramm. hist.* de J. J. Nunes, a *Introd. ao estudo da glott.* de Meyer-Lübke (trad. port).

FORMAS NOMINAES

O **infinitivo** portuguez deriva do infinitivo latino. O infinitivo em *ar* deriva do latim *are*: amar, *amare*; quebrar, *crepare*.

O infinitivo em *er* deriva, não só dos verbos em *ere longo*, mas tambem dos verbos em *ere breve*: *jazer*, de *jacere*; *dever*, de *debere*; *fazer*, de *facere*; *dizer*, de *dicere*. O infinito em *ir* deriva de verbos em *ire* e em *ere* latinos: *arguir*, de *arguere*; *atribuir*, de *attribuere*; *cair*, de *cadere*; *parir*, de *parere*; *vir*, de *venire*; *vestir*, de *vestire*. Vimos já essas varias affluencias analogicas.

O **infinito pessoal**, tão difficil de explicar, foi uma appropriação do imperfeito do subjunctivo latino: *amarem*, *debere*, *vestirem*, que, de facto, desappareceu nas linguas romanas, excepto no portuguez (e no dialecto sardo), onde se conservou até o seculo XVI.

Na *Decada* I (1. 7. 2) de João de Barros:

Leixaram-se estar até *que*, a custa de seu dano,
verem que os mouros lhe diziam verdade.

Em Fernão Lopes:

Non minguava quem *responder* (respondesse)
faltava quem lho *contradizer*.

No latim barbaro do portuguez ha os exemplos dignos de nota:

placuit ut *venderem*
placuit ut *venderemus*

Ainda é phrase corrente — não sabia *que fazer* = que fizesse. (1)

(1) Substancia e exemplos da materia foram tomados á notavel carta de Carol Michaëlis ao dr. José Maria Rodrigues a quem se deve a solução do problema do *infinito pessoal*. *Acad. das Sciencias de Lisboa*, *Boletim da 2.^a Classe*, vol. XII pg. 312.

O gerundio representa o typo do gerundiô latino em ablativo: amando, de amando; devendo, de debendo, etc.

O participio latino do presente foi conservado como simples adjectivo: amante. O participio do futuro desapareceu, deixando alguns vestigios; morredouro (*muriturus*); vindouro, casadeira (*casadura*), mandadeira (*mandadura*).

O supino desapareceu.

Os participios preteritos da 2ª conjugação em *er* tinham antigamente a desinencia *udo*: estabelecudo, escondudo, entendudo, mettudo, perdudo, vendudo, devudo, desfallecudo, creudo, conoçudo, cognoçudo. Entre essas fórm. convém notar que hoje pertencem á 3ª conjugação ou á 1ª: entendudo, espantudo, adduzudo, addudo (*additus*), onjudo (*ungido*), etc. Todas essas fórm. se acham no *El.* de Viterbo. Os vestigios actuaes são teúdo, conteúdo, manteúdo.

VOZ PASSIVA

A voz passiva portugueza formou-se analyticamente da conjugação composta do verbo *ser* e do participio preterito do verbo principal: *ser amado, serás amado*, etc.

As fórm. passivas simples do latim perderam-se no portuguez, excepto duas: o participio perfeito, amado (*amatus*), devido (*debitus*), etc., que é um verdadeiro adjectivo, e o participio do futuro, que foi adoptado na lingua litteraria como substantivo: *examinando* (o que ha de ser examinado), *doutorando* (o que ha de ser doutorado).

Esta funcção de participio passivo do futuro ainda se nota em palavras de terminação *enda*: *fazenda, agenda, adenda, corrigenda*, etc.

VI

Verbos irregulares

Os verbos que de ordinario se chamam *irregulares*, são os que obedeceram ao principio etymologico da filiação historica ou soffreram as transformações phoneticas de que eram susceptiveis como quaesquer vocabulos.

Ha diversas classes de irregularidades verbaes, que analysaremos individualmente. Mas, tanto nos regulares como nos irregulares, o grande factor é a *analogia*, que buscou uniformizar as conjugações.

1.^a CLASSE — VERBOS DE FLEXÃO FORTE

Alguns verbos portuguezes conservam a *flexão forte* do latim, e por isso tornaram-se irregulares em relação aos paradigmas.

As flexões fortes latinas principalmente conservadas foram:

a) O infinito. — As fórmulas da terceira conjugação em *ere* conservaram em alguns casos, como foi dito, a accentuação primitiva: *far* (facere), *dir* (dicere), *trar* (trahere), *quer* (querere), *por* (ponere); estas formas observam-se no futuro simples e condicional:

far-ei	far-ia
dir-ei	dir-ia
trar-ei	trar-ia
por-ei	por-ia
arch. querr-ei	querr-ia

b) O preterito perfeito. — O preterito perfeito latino deu formações irregulares do portuguez, por quéda ou assimilação:

disse, dixé	<i>dixi</i> — <i>diche</i> — disse
fiz	<i>feci</i> — <i>fiji</i> —
trouxe, troussé	<i>traxi</i> — <i>troxi</i> (<i>pron. troussé</i>)
vi	<i>vidi</i> — <i>vii</i> —
vim	<i>veni</i> (<i>venivi</i>) — <i>vêi</i> , <i>veï</i> .

Ou, por metathese:

houve (<i>haube</i>)	<i>habui</i>
poude (<i>pude</i>)	<i>potui</i>
soube (<i>sube</i>)	<i>sapui</i>
puz (<i>ant. puge</i>)	<i>posui</i>

Existem outras fórmãs que estão archaicas, como *jouve* (de *jazer*), *resposse* (de *responder*), *addusse* (de *adduzir*).

c) Presente. — Os tempos do presente deixaram vestígios dos numeros de suas flexões:

digo	<i>dico</i> .
diga	<i>dicam</i> .
faço	<i>facio</i> .
jazo	<i>jacco</i> .
trago (<i>hesp. trajo</i>)	<i>traho</i> .
vejo (<i>vêo</i>)	<i>video</i> .
venho	<i>venio</i> .
penho	<i>pono</i> (<i>poneo</i>).
valho	<i>valeo</i> .

Note-se a presença do som ç nas transformações analogicas derivadas de *tio*, *dio*, etc.

meço, *metior* (*metio*), mido.
peço, *petio* (de *petire*, por *petere*), pido.
ouço, *audio*.

2.^a CLASSE — VERBOS DE FLEXÕES MULTIPLAS

Existem verbos que possuem mais de um radical, e são na lingua portugueza: SABER, SER, PODER e IR.

1. **SABER.** — O verbo *saber* deriva com todos os seus tempos de *sapere*. No presente do indicativo, porém, a primeira pessoa *sei* é derivada de *scio*, do verbo *SCIRE*.

2. **SER.** — O verbo *ser* já no latim tem dous radicaes diferentes, nas duas raizes *AS* (*esse*) e *FU*. D'ahi as fórmas:

√*AS* — *sou* — *sum*, etc. (*som*, *soo*, *sou*)

√*FU* — *fôra* — *fuera*.

No portuguez, a estas fórmas juntou-se um novo radical, *sedere* (estar sentado), que deu origem a varias flexões:

<i>seja</i>	—	<i>sedeam</i> .
<i>seret</i>	—	<i>sedere</i> — <i>habeo</i> .
<i>ser</i> (<i>seer</i>)	—	<i>sedere</i> .

São derivadas de *sedere* as fórmas antigas ou populares *sêdes* e *sodes* (*sedetis*, por *estis*), *sente* (*sedentem*), *seia* (*sedebam*, por *eram*), etc. (1)

3. **PODER**, como sendo em latim um derivado de *ESSE* (*posse=potis-esse*, *ser* poderoso), contém naturalmente as duas raizes *AS* e *FU*:

√*AS* — *posso* (*pos-sum*).

√*FU* — *pude* (*pot-ui*).

4. **IR.** — O verbo *ir* em portuguez contém tres radicaes, o do verbo *ire*:

<i>Ir</i>	—	<i>ire</i>
<i>Ia</i>	—	<i>ibam</i>

O radical *fu*, que é o mesmo do verbo *ser*:

<i>fui</i>	—	<i>fui</i>
<i>fôra</i>	—	<i>fuera</i>

(1) J. J. Nunes notou exemplos antigos de *eras* (por *és*) natural influxo do castelhano *eres*: “O’ frei Mausen tu *eras* mui soberboso” “Se *eras* morto vai e quebranta-o.” Da *Chronica dos frades menores*.

O radical do verbo *vado*, que apparece em varias fórmãs:

Vou	—	<i>vado</i>
Vá (vaia)	—	<i>vadam</i>

Cumpre notar que o subjunctivo latino *eam, eat*, deixou vestigio na expressão interjectiva *eia=vá*.

Tambem é de bom uso no indicativo presente a fórmula *imos* por *vamos*.

3.^a CLASSE — IRREGULARIDADES PHONETICAS

“Os valores prosodicos, especialmente no que diz respeito á accentuação, soffrem differentes modificações dignas de analyse.

I. — Não ha flexão verbal *proparoxytona* (*esdruxula*); *prepare, preparei, magôa, maguaes, matricule*, etc.

As fórmulas *esdruxulas* latinas ou desviaram o accento (*invóco*, de *invoco*), ou soffreram transformações que encurtaram o vocabulo: *valho*, de *valeo*; *venho*, de *venio*; e os arch. *considro*, de *considero*; *arço*, de *ardeo*. (Gil Vicente.)

II. — A vogal ou diphthongo da penultima syllaba do presente impessoal infinito dos verbos polysyllabos, quando recebe o accento tonico (a saber: nas tres pessoas do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e conjunctivo, e no singular do imperativo), está sujeita ás seguintes modificações:

Na primeira conjugação:

1) *a* oral fechado, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *a* aberto: *lavar, lavo*.

Quando é seguido d'aquellas consoantes, conserva-se: *chamar, chamo; sanar, sano; apanhar, apángo*.

2) *e* surdo, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *e* aberto: *encetar, encéto; concertar, concérto*.

Quando, porém, é seguido d'aquellas consoantes, e tambem nos verbos terminados em *ejar, echar* ou *elhar*, bem como no verbo *chegar* e seus compostos, e no verbo *pezar*, na accepção de desprazer, passa para *e* fechado: *algemar, algêmo; ordenar, ordêno; empenhar, empênho; desejar, desêjo; fechar, fécho; ajoelhar, ajoélho; chegar, chêgo; conchegar, conchêgo; pezar, pezame*. (Exceptua-se o verbo *invejar*, em que passa para *e* aberto *invêjo*.)

Nos verbos terminados em *ear* passa para *ei*: *nômear*, *nomeio*. Em *crear*, porém, passa para *i*: *crio*; mas nos compostos passa para *ei*: *procrear*, *procreio*; exceptuando *recrear* (na accepção de tornar a crear).

3) o surdo, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para o aberto: *tocar*, *tóco*.

Quando, porém, é seguido d'aquellas consoantes, e tambem nos verbos terminados em *oar*, passa para o fechado: *assomar*, *assômo*; *abonar*, *abôno*; *sonhar*, *sônho*; *perdoar*, *perdôo*. Exceptuam-se os verbos *tomar* e *domar* e os seus compostos, nos quaes passa para o aberto: *tómo*, *dómo*.

4) o oral fechado passa para o aberto: *soltar*, *sólto*.

5) *ai* com a fechado passa para *ai* com a aberto: *desmaiar*, *desmaio*.

6) Nos verbos em *iar*, o *i* conserva-se tanto na pronuncia como na escripta: *copiar*, *copio*.

Todavia, em um pequeno numero de verbos, é permitido passar o *i* para *ei*. Taes são os verbos *diligenciar*, *negociar*, *odiar*, *premiar*. (1)

III. — Na segunda conjugação:

1) *a* oral fechado passa para *a* aberto: *abater*, *abato*.

2) *e* surdo passa para *e* fechado na primeira pessoa do singular do presente indicativo e nas tres do singular e terceira do plural do presente conjunctivo: *gemer*, *gemo*. *gema*, *gemas*, *gemam*; e para *e* aberto na segunda pessoa e na terceira do singular e na terceira do plural do presente indicativo e no singular do imperativo: *gemes*, *geme*, *gemem*.

(1) Em particulas não se faz esta mudança em *adiar*, *afiar*, *alliar*, *alumiari*, *aviar*, *contrariar*, *confiar*, *copiar*, *fiar*, *miar*, *piar*, *saciar*, *tosquiar*, *variari*. "E" questão de uso, porque seria melhor dizer e ainda se diz: *negacio*, *diligencio*.

Em qualquer caso, as terminações *ear* e *iar* criaram diversas analogias em *ia* e *eia*, que reclamam detido exame. Parece que o influxo da nasal se faz no sentido da terminação *eia*: *penitencia*, *reverencia*, *diligencia* de que ha exemplos nos classicos. Os monosyllabos indicam a terminação *ia*: *fia*, *lia* (de *liar*), *pia*.

A razão que presuppõe a terminação *ear* para as *desinencias* em *eia* é completamente inutil, pois que *ear* e *iar* soam identicamente: *passear* e *copiar*.

3) o surdo passa para o fechado nas mesmas pessoas em que e surdo passa para e fechado: *comer, como, coma, comas, comam*; e para o aberto nas mesmas pessoas em que e surdo passa para e aberto: *come, comes, comem*.

4) o oral fechado passa para o aberto nas mesmas pessoas em que e surdo passa para e aberto: *volve, volve,olvem*.

IV. — Na terceira conjugação:

1) a oral fechado, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para a aberto: *abrir, abro*.

Quando, porém, é seguido d'aquellas consoantes, conserva-se fechado: *ganir, gano*.

2) e surdo passa para *i* na primeira pessoa do singular do presente indicativo e nas tres do singular e terceira do plural do presente conjunctivo: *despir, dispo, dispa, dispas, dispam*; e para e aberto na segunda pessoa, na terceira do singular e na terceira do plural do presente indicativo e no singular do imperativo: *despes, despe, despem*.

Nos verbos *aggređir, denegrir, prevenir, progredir, remir, transgredir*, a vogal da penultima syllaba do presente do infinito impessoal passa para *i* todas as vezes que é accentuada: *aggrido, aggrides, aggride, aggridem*.

3) e fechado (oral ou nasal) passa para *i* nas mesmas pessoas em que e surdo passa para *i*: *sentir, sinto, sinta, sintas, sintam*. (Nas outras pessoas conserva-se: *sentes, sente, sentem*.)

4) o surdo passa para *u* nas mesmas pessoas em que e surdo passa para *i*: *dormir, durmo, durma, durmas, durmam*; e para o aberto nas mesmas pessoas em que e surdo passa para o aberto: *dormes, dorme, dormem*.

Nos verbos *sortir, ordir* e *cortir*, o *o* passa para *u* em todas as pessoas em que é accentuado.

5) *u* oral passa para o aberto na segunda pessoa, na terceira do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e no singular do imperativo dos seguintes verbos: *acudir, bullir, consumir, cubrir*, ou antes, *cobrir* e *descobrir*, *cuspír, destruir, engulir, fugir* e *refugir, sacudir, subir, sumir, tussir*.

Em *construir* (e *reconstruir*) alguns fazem esta mudança e dizem *constross, constroe, constroem*; é melhor, porém, conservar o *u* e dizer *construes, construe, construem*.

6) Na terceira conjugação, a vogal da penultima syllaba do presente impessoal infinitivo, sendo e fechado, *e* ou *o* surdos, experimenta tambem na primeira pessoa e na segunda

do plural do presente do conjunctivo a mesma modificação a que está sujeita nas tres pessoas do singular e na terceira do plural d'esse tempo: *ferir, fira, firas, fira, firamos, firaes, firam.*" (1)

4.^a CLASSE — IRREGULARIDADES ORTHOGRAPHICAS

A necessidade de conservar a mesma prosodia nas varias flexões do verbo modifica a orthographia. Assim, os verbos que possuem os sons fortes *gar* e *car* da terminação, tomam a orthographia *gue*, *que* quando é necessario: *peccar, pequei, peque; ficar, fiquei.*

Os verbos que têm a terminação branda em *ger*, *gir* e *cer* mudam nos casos necessarios o *g* em *j* e o *c* em *ç*:

fallecer — *falleça.*

reger — *rêjo.*

dirigir — *dirija.*

(1) Estas observações extrahimol-as *ipsis-verbis* da excellente *Gramm.* de Epiphanio Silva, que por ser portugueza consigna a prosodia européa ou verdadeira da lingua. A prosodia brasileira só em parte obedece a essas regras, e quasi de todo se não observam aqui no que respeita aos valores de *á* e *ó* antes de nasal.

VII

Palavras invariáveis

A etymologia das palavras invariáveis é, em geral, latina. Muitas d'ellas são de formação romana, posterior ao latim culto. Algumas derivam de elementos estranhos.

Dos adverbios :

De logar. *Alhures*, do lat. *aliorsum* (pronunciado *aliorum*); a fôrma *algures* soffreu a influencia de *algo* (*aliquis*).

A fôrma *hic* latina produziu *hi*, e com a junção de outras: *ahi* (ad+*hic*), *aqui* (fr. ant. *iqui*, *hic+hic*).

A fôrma *ahi* corresponde ao francez *y*; de *hic*, *hoc*, *hac* repetidos, formaram *aqui*, *acó*, *acá*. A fôrma *aquó* archaizou-se, persiste em *acoli* e *acá*; existiu em *acajuso* (abaixo) e *acásuso* (em cima). Da fôrma *acá* existe o segundo elemento *cá*.

Alli provém de *ad+allic*.

Allá (archaico) de *ad+illac*. A fôrma *lá* ainda existe.

Arriba vem do latim *ad+ripan*, para a praia.

Foi formado com o francez *aval* (*advallem*).

Além, de *alli+ende*, esp. *allende* (L. Vasconcellos).

Adverbios de tempo. — Agora, de *hac+hora*; hoje, de *hodie* (*hoc die*); logo, de *loco*; hontem, de *ad+noctem* (no espanhol *anoche*, no portuguez antigo *ooyte*) (1); sempre, de *semper*; nunca, de *nunquam*.

Muitas fôrmas são de criação vernacula: *outr'ora* (*outr'ora*); *ante-hontem*; *d'ora em diante*; *depois de amanhã*; *ainda ha pouco*, etc.

Adverbios de modo. — Os adverbios em *mente* derivam de adjectivos femininos em concordancia com o substantivo

(1) A etymologia de *hontem* não está averiguada. Tem sido propostas as origens *hanc-noctem*, *hodie-ante*, ou sómente *ante*.

mente, e representam o ablativo latino: boamente, de *bonamente*; *obscuramente*, *precisamente*.

Assim, de *ad+sic*; bem, de *bene*; mal, de *male*.

Os adjectivos da fôrma neutra no latim e no grego podiam servir muitas vezes de adverbio. D'ahi a tradição mantida na nossa lingua de adverbial adjectivos: *baixo*, *alto*, *serio*, comprar *caro*, etc.

Adverbios de quantidade. — Cerca, do lat. *circa*; quasi, do lat. *quasi*; assaz, do lat *ad+satis*; pouco, do lat. *paucio*; *muito*, do lat. *multo*.

O adverbio *nada* deriva do adjectivo feminino *nata*. Res *nata*, cousa nascida, creação. O francez antigo possuia *rien* e *née*, e depois *rien* exclusivamente. O portuguez perdeu o elemento *ren* e conservou o adjectivo *nada*, que, por contagio, ganhou a funcção do antigo elemento a que vinha junto.

Adverbios de affirmativa. — Sim, do lat. *sic*; não, do lat. *non*; talvez, do portuguez *tal+vez* (*talvice*); jámais, do portuguez *já+mais* (*jam+magis*).

A fôrma *quicá* talvez provenha do italiano *chi sa*. A fôrma antiga era *quicais*.

Entre os adverbios de tempo convém recordar, por interessantes, os archaismos: *hogano* (*hoc+ano*), *entano* (*ant+ano*); hoje ainda *antanho*, só usado por literatos archaizantes.

O adverbio *debalde* é de origem desconhecida ou obscura.

Os adverbios em *mente* formam-se do adjectivo feminino: de *bello*, *bellamente*, etc. Acontece, porém, que muitas vezes se usa da fôrma feminina archaica. Assim, não se diz de *mão*, mámente, porém, *malmente*; o elemento *mal*, contracto *mala=amá*.

O adverbio affirmativo *amen*, usado nas orações religiosas, deriva do hebraico *aman*, no passivo *amen*, ser verdadeiro ou constante.

Preposições.

As etymologias das preposições ou são latinas ou formaram-se no dominio romano, depois da dissolução do latim.

Latinas: de, de *de*. Com, de *cum*. Entre, de *inter*. Em, de *in*. Por, de *per*. Sem, de *sine*. Sobre, de *super*. Sob, de *sub*. Contra, de *contra*. Antes, de *ante*.

Romanas: acerca, de *ad+circa*; após, de *ad+post*; depois, de *de+post*; adiante, de *ad+de+ante*; des, dês, de *de+ex*;

desde, de *de+ex+de*; dentro, de *de+intra*; para, de *por a, per+ad* (antigo port. *pera*).

Aquem foi por analogia formado á maneira de *além* (aliunde, a-li-ende).

A preposição *até* é composta de *a* (*ad*)+*té*, (*tenus*), no antigo portuguez *atém* (Viterbo).

Atras deriva de *ad-trans*.

Ha preposições que se originam de adjectivos: *excepto, salvo*. Ha outras que se originam de verbos: *durante, não obstante, mediante, tocante, etc.*

No latim a fórma *secundum* deriva de *sequor*, e é preposição e nome de numero.

Perto é talvez um adjectivo antigo.

As conjunções foram originadas do latim:

E, de *et*; mas, de *magis*; nem, de *nec*; ora, do substantivo *hora*; pois, de *post*; logo, do substantivo *loco*; já, de *jam*; porém, de *per-inde* ou *pro+inde* (antigo *por+ende*); quando, de *quando*; como, de *quomodo*; que, de *qui* (em logar de *quam*), etc.

Ha outras conjunções formadas por composição vernacula: logo que, supposto que, porque, afim de que, por consequencia, todavia (*tota-via*), pois que, etc.

O archaismo *car* (porque) deriva do latim *quare* (qua+re). A fórma *ende* (ainda, *inde*) permanece na lingua com fórma *em* nas seguintes expressões:

em que péze a F.

— ende que péze a F.

— ainda que péze a F.

Em rigor as interjeições deveriam escapar a analyse etymologica, pois que representam gritos espontaneos.

E isto é o que succede, quando se busca a etymologia de interjeições simples, communs a quasi todas as linguas — ah! eh! ui! oh! ih! olá!

As interjeições improprias acham sua origem em varios vocabulos que se perderam ou se desviaram de sua categoria grammatical:

Verbos: Safa! viva! salve! basta!

Particulas: Avante! acima! fóra!

Nomes: Adeus! silencio! coragem!

Entre as interjeições, notemos *guai!* que parece o celtico *guai!* ou a transcripção gothica do *væ!* latino.

Em *ák-d'El-Rei!* (e não *aqui-d'El-Rei!*), a interjectiva senão latina, é provavelmente a imprecativa celtica: *ák*.

A interjeição *oxalá!* é arabe e deriva de *insh'allah!* queira Deus! (1)

São numerosissimas as particulas que se archaizaram. Citemos aqui: *ante*, *perdante*, *en* e *ende*, *alende*, *aquende*, *foras*, *apar*, *aprés*, *preto* (perto), *ieri*, *eire*, *cras*, *cóte*, *cótio* (cada dia), *pós*, *ensembra*, *aduras*, *azinha*, *chus* (mais), *avondo* (bastante), *hu* (onde), *hulo?* (onde o), *nega* ou *nego* (senão), *anvidos* (contra a vontade), *juso*, *suso* (abaixo e acima), *i* e *hi* (ahi), *alquando*, etc. Extr. da *Gramm. histor.* de J. J. Nunes, que, citando o archaismo *sicaes* ou *se quaes*, occorrente em Gil Vicente, lhe dá o etymò por metathese de *quigá* ou *quigaes* (*quid sapit* ou *sapis*).

(1) Diez e Littré notaram que as formas do plural de alguns adjectivos (*nimis gratis*) crearam nas linguas romanas a tendencia de dar fórma pluralizada aos adverbios. E' o que se nota no italiano *volontiere*; no francez *certes*, *hors*, *jusques*; no espanhol *entonces*, etc.

A mesma tendencia encontra-se no portuguez da plebe: *aindas*, *porens*, mesmo até nos adverbios em *mente*: *seguramentes*, *certamentes*.

A respeito de *Ak*, veja-se o que escrevi na minha *Selecta Classica*, nota 167, onde reformo e corrijo este modo de vêr.

SEMANTICA

SEMANTICA

I

Semantica é o estudo do *sentido* e de suas variações no curso dos tempos. O *sentido* do vocabulo progride e altera-se do mesmo modo que os seus elementos phoneticos, e essas alterações fazem-se segundo tendencias ainda pouco estudadas, mas ao certo bem apreciaveis. (1)

No que respeita ao dominio literario, ha as *alterações eruditas* effectuadas pelos grandes escriptores para realizar certos efeitos de estylo; essas alterações já se achavam estudadas sob o nome de *tropos e figuras* pelos grammaticos e rhetores da antiguidade. Assim, o sentido do vocabulo podia augmentar-se, contrair-se, ou inverter-se a *parte pelo todo* ou o *todo pela parte*, o *possuidor pelo objecto possuido*, etc. Esses processos literarios já eram exemplificados na linguagem popular que se compõe de tropos e imagens.

A expressão *semasiologia* é criação de Reisig e data de 1839; posteriormente o termo *semantica* foi sendo usado parallelamente ao primeiro. Sobre esses assumptos os estudos que existem são fragmentarios e não dão materia sufficiente para synthese definitiva.

Comquanto nova, a *semantica* é por sua natureza antiga. Em outro tempo era a consideração do *sentido* do vocabulo

(1) Adoptamos a denominação de *Semantica* ou *Semasiologia* por isso mesmo que estão vulgarizadas mas reconhecemos que não expressam exactamente o seu objecto que é o das transformações do sentido dos vocabulos.

Para fixação do seu objectivo leia-se o capitulo *Changes of meaning* do livro de Henry Bradley — *The making of English*, pgs. 160-214.

a fonte de *etymologias*, o que dava lugar a erros deploráveis. Depois, a *phonctica* estabeleceu regras da derivação normal, mas seria, frequentes vezes, como observa Schuchardt, incapaz de resolver os seus problemas, sem o auxilio da historia, isto é, do sentido e variações de sentido das palavras.

São varias as theorias e systemas de explicação da variabilidade do sentido das palavras. Tantos são os systemas quantos os autores que se têm occupado do assumpto.

Pensa Whitney que todas as variações de significado explicam-se, em ultima analyse, por dous processos antitheticos.

1. *Especialização das idéas geraes*. Um termo geral passa a ter uma accepção restricta. Exemplo: *stella* (estrella) já não se applica aos planetas e seus satellites e asteriscos. Em *homo* (homem) a tendencia é limitar o vocabulo ao sexo masculino, ao *varão*.

2. *Generalização das idéas especiaes*. Este processo opposto é tambem muito frequente. *Perna* (perna de porco) é hoje de todos os mammiferos e até de aves e insectos. *Rostro* (bico de ave ou de náó) generalizou-se, e sob a fórma *rosto* applica-se á face humana. A palavra *sol* ou *soes* generalizou-se para todas as estrellas chamadas fixas.

As duas categorias de Whitney são demasiado largas e por isso mesmo obscuras. E' difficil incluir nellas grande numero de variações que se não caracterizam pela *especialização*, nem pela *generalização*; por ex.: a variação do concreto para o abstracto (*ligare* e *religio*), etc.

Pott no seu *Wurzel-Wörterbuch* indicou sete classes de mudanças de sentido. E aqui damos, segundo Reinach, um resumo:

1. Extensão ou restricção do sentido (*halogon* em grego moderno=cavallo; *emere*, primit. tomar=comprar, em latim classico).

2. Metaphora. Preposições de *logar* que se tomam pelas de *tempo*. V. gr.: *em* Roma; *em* vinte dias.

3. Applicação simultanea de um termo ao bem e mal, a pessoa e cousa. Exemplos: *imbecillus*; ingl. *silly*; latim, *fortuna*.

4. Emprego das palavras, activa ou passivamente, como sujeitos ou objectos: *Dea veneranda, venerandus deam.*

5. Expressão de uma só idéa por palavras simples ou compostas.

6. Emprego da mesma palavra com sentidos diversos.

7. Palavras que se perdendo necessitam a introdução de outras. Introdução de palavras estranhas modificando o sentido de palavras indígenas. Exemplo: as fórmulas divergentes.

Pelo que acima acaba de ser exposto, vê-se que a classificação de Pott, feita accidentalmente no seu livro, está longe de constituir uma historia geral da *Semantica*. Mais completa e individuada é a de Whitney, porém menos pratica que ella, e ambas são, ao certo, assaz deficientes.

Bréal pensa que nesta materia os phenomenos principaes podem reduzir-se a cinco, da seguinte maneira:

I. O sentido material torna-se moral. *Insultare* (saltar sobre) de offensa material ganhou o sentido de offensa moral, e por palavras. Cf. os sentidos novos de *queimar, liquidar, quebrar* (fallir), etc.

II. O sentido abstracto torna-se concreto. Exemplo: *gelosia, bellezas* (disposição do cabello).

III. O sentido geral torna-se restricto. Exemplo: no latim *aquor* (superficie plana) significa *mar*. Outros: *céo* da bocca, *véo* do paladar; *coma*, por cabelleira.

IV. O sentido restricto torna-se geral ou se desenvolve. Exemplos: *cabeça*, por individuo; *fogo*, por casas; *almas*, por habitantes. *Ouro*, em vez de riqueza em qualquer especie.

V. A palavra muda de classe ou de categoria. Exemplos: os diminutivos *abelha, rolha, ovelha*, que são positivos. Os comparativos *prior, mestre* (magister), etc., que são igualmente positivos. Os adjectivos que passam a substantivos: *justo, pobre*, etc.

Todas as classificações semanticas são imperfeitas porque a evolução do vocabulo póde participar simultaneamente de duas ou mais categorias e classes estabelecidas, tal é o numero e complexidade do thesouro vocabular.

Tambem é necessario não esquecer a *comparação* entre as linguas antigas e modernas, a *cultur-historia*, a *ethno-*

graphia e *folk lore* que explicam numerosos factos da especie e influem na formação e aquisição de sentidos novos.

Não temos em lingua portugueza senão observações fragmentarias. (1)

II

Como illustração a este capitulo da *Semantica*, aqui incluímos algumas reflexões que, ha tempos, nos enviara o nosso antigo collaborador, Firmino Costa:

“Poderá servir de subsidio para o estudo da semantica o exame dos seguintes termos. A palavra *proeza* perdeu o sentido appreciativo, que outrora possuia, e hoje não se pôde usar como nesta frase de Amador Arraiz, *Dialogos*, 421: “Assi nós não podemos deixar de louvar os Santos, e sermos admiradores de suas *proezas*”. E ainda em Manoel Bernardes, *Estimulo Pratico*, 120: “Os mysterios da vida de Christo e de sua Mãe Santissima, e as *proezas* dos Santos”.

“*Tratante*, que se tornou pejorativo, era em outros tempos synonymo de commerciante: “Todo o mercador, ou *tratante*, que anda mettido em algum negocio de fazenda, vae ao encerramento das contas, etc.”. M. Bernardes, *Os ultimos fins*, 87. Note-se que não tem sentido depreciativo o composto *contratante*.

“*Manha*, que-se toma hoje á má parte, significava habilidade ou prenda, conforme se vê em Garcia de Rezende, *Liv. Classica*, 218: “A cobiça bem lembrada, Nobreza bem esquecida, *Manhas* não valeram nada, Devoção desbaratada”.

“Não evitou Diogo Fernandes, *Arte de caça*, pag. 43, servir-se da palavra *pessoa* com referencia á ave: “O que purgar a ave considere a *pessoa* della”. Não menos curioso é o emprego de *pessoa* neste exemplo de Fr. Luis de Sousa, *Vida de D. Frei Bartholomeu*, I, 88: “Apresentou-se um dia diante della um homem *de boa pessoa* e bem entrajado”. Hoje se diz *homem apessoado* ou antes *bem apessoado*.

“O termo *retrato* se acha empregado de modo improprio para o nosso tempo nesta frase de Amador Arraiz, *Dialogos*,

(1) Proponho-me, se tiver tempo, escrever sobre o assumpto um breve livro de vulgarização o que suppunho ter conseguido com as *Curiosidades verbaes* até certo ponto.

300: "E os retratos das batalhas que se deram naquella guerra".

"O adjectivo *insigne* hoje em dia serve de qualificar palavras de elevada significação, ao envez destes usos de Bernardes: "Entre dous *insignes* malfeitores". *Luz e Calor*, 539. "Tanto que os sentiam pelo faro (que é *insigne* no Brasil a espezteza deste sentido". *Os ultimos fins*, 28).

"*Quantia* é vocabulo, cujo significado tende a especialisar-se a alguma somma de dinheiro. Frases, como "quantia de meia noz", da *Arte de caça*, 54, já quasi não se ouvem entre o povo.

Hospicio passou a ser hospital de alienados, tornando-se obsoleto nas outras accepções. Nos *Lusiadas*, canto X, 96, ainda se encontra aquella palavra significando hospedagem: "onde te deu Melinde *hospicio* gazaloso e caro".

"*Historico*, presentemente empregado apenas como adjectivo, se acha como synonymo de historiador em Arraiz, *ob. cit.*, 286: "Quanto ao nascimento deste Henrique não concordam os *historicos*".

"Actualmente se emprega o qualificativo *enxuto* com respeito ao gado bovino para dizer que a rez está meio gorda ou *lisa*. Neste sentido se encontra o mesmo adjectivo referindo-se á pessoa: "Este tal mantimento faz os homens *enxutos*, rijos, de gentil aspecto". Amador Arraiz, *ob. cit.*, 51.

"*Terceira*, que desceu á accepção de alcoviteira, era tida em bom sentido, segundo se vê do *Casamento perfeito*, pag. 300: "E a opinião da mesma virtude é grande *terceira* de amizades".

"Parece-me que *ponto* significa minuto neste passo de Amador Arraiz. *ob. cit.*, 393: "Que razão darei dos annos, mezes, dias, horas e *pontos* da minha vida"? Como vestigio dessa accepção de *ponto*, ahí temos o derivado *ponteiro*, que marca *pontos* ou *minutos* no relógio. O referido Arraiz, na mesma obra, pag. 746, assim se exprime: "No *ponto* da *meia-noite* vem um novo resplendor". Hoje dizemos á *meia-noite em ponto*, ao *meio-dia em ponto*. Cabe aqui lembrar que em alguns logares do sul do Brasil usam da expressão *meia-tarde*, conforme se vê do seguinte trecho de Virgilio Varzea, *Mares e Campos*, 129: "A gente das proximidades, essa, desde *meia-tarde*, a bem dizer, *enxameava* a casa".

"*Mulato* antigamente queria dizer mulo: "Porque o *mulato* depois que se farta do leite da mãe, tira-lhe couces".

Hector Pinto, *Imagem da vida christã*, II, 346. "Um deste endividados não trata só de viver elle, e seus filhos: sinão elle, e os seus *mulatos*, os seus cães, os seus cavallos, os seus passaros". Bernardes, *Estimulo Pratico*, 170.

"Para indicar cada uma das camadas de tinta, que se dá em algum lugar, usamos da palavra *mão*, e menos vezes do vocabulo *demão*. Assim, dizemos *esta parede já levou duas mãos de tinta*. Para este fim empregava-se antigamente o substantivo *capa*, conforme se encontra na *Direcção para os Exercícios*, do padre Manoel Bernardes, pg. 454: "Ou como pintor, que lança segunda *capa* de tinta sobre a primeira, para que a obra fique de maior dura".

"De *convite*, na accepção de banquete, aqui se offerem os seguintes exemplos: Ensinou aos Lusitanos fazer cerveja de cevada que antigamente se bebia nos *convites*". Arraiz, *Dialogos*, 254. "Evite a pessoa quanto fôr possível ir a *convites*; porque nestas solemnidades rijas do Deus Ventre, padece grandes dispendios, ou ao menos perigos, a Castidade, e Pudicicia". Bernardes, *Armas da Castidade*, 363. (1)

"Archaizou-se o adjectivo *manho*, grande, empregado ainda por Hector Pinto, *ob. cit.*, II, 134: "O *manho* Alexandre". Delle subsiste, porém, o composto *tamanho*, tendo-se perdido o composto *quamanho*.

"*Lapso* é hoje desusado como adjectivo, ao passo que seu composto *relapso* não caiu no esquecimento. Uso do primeiro se apresenta na pag. 310 da obra *Luz e Calor*, de Bernardes: "Natureza *lapsa*".

"Em o mesmo classico, *Armas da Castidade*, pag. 384, apparece o adjectivo *leso*: "Quem é *leso* de um pé, estriba sobre o bordão". Tal adjectivo, póde-se dizer, tornou-se archaico, menos como verbo componente da expressão *crime de lesa-majestade* e de outras mais. O composto *illeso* é todavia muito usado.

É de uso geral a palavra *guisado* como denominação de certa iguaria, enquanto o verbo *guisar* raras vezes se ouve. Nestê logar Diogo de Paiva, *ob. cit.*, 44, elle se nos depara: "Tinha-lhe a Rainha mandado *guisar* uma tão refinada peçonha".

(1) Temos, todavia *conviva* para o que faz parte do *convite* ou *banquete*.

"Cabeça era o mesmo que capital, cidade onde está sede do governo; "Caragoça cabeça do Reino de Aragão". *Vida do Arcebispo*, I, 370. Ainda hoje costumam dizer *cabeça da comarca* por *sede da comarca*.

"Rematando o presente artigo, transcrevo os seguintes dizeres classicos, que se têm obliterado e que talvez conviesse imitar com certo commedimento: "Se o *amor da amizade* não faz estremos, não ha que fiar delle". Arraiz, *Dialogos*, 4. "Alvorogava-se para o remate da vida com *jubilos de prazer*". Bernardes, *Exercicios Espirituaes*, I, 149. "Deus Nosso Senhor costuma castigar os *orgulhos da soberba* com quedas da *luzuária*". Bernardes, *Estimulo Pratico*, 66". (1)

(1) Recommendamos, além do livro classico de M. Breal, as obras accessiveis á leitura elementar: Marty-Spranchphilos, *Darmsterter-La vie des mots*. Erdmann-die *Bedeutung des Wortes*, e o livro de vulgarização de Margarete Hamburger — *Vom Organismes der Sprache* (1920).

Do interesse, E. Weekley — *The romance of words*, 4 ed. 1922.



APPENDICE

A PONTUAÇÃO



ACCENTOS GRAPHICOS E PONTUAÇÃO

I

Signaes diacriticos

Notações lexicás são os signaes que indicam os diversos valores phoneticos de qualquer letra.

As mais importantes são:

O til (˘) que indica o som nasal: *irmão, coração*. O til pôde ser substituído por *m* ou *n*, em alguns casos: *irman*. Em portuguez, o til só se emprega, para indicar a nasalidade das letras *a* e *o*, nas abreviaturas e nas terminações dos vocabulos.

Nas abreviaturas é já pouco usado: *Sñr, Glz^a* (Gonçalves) e *q̃ = que*, nos manuscriptos. São vestígios archaicos que tendem a desaparecer.

O accento agudo (´) serve para indicar os sons intensos: *espé, mó*.

O accento *agudo* muitas vezes serve para distinguir categorias grammaticaes de vocabulos: *bota* (subs.) e *bóta* (verbo). Em *pégada*, que se pronuncia *pegáda*, para designar o elemento de composição *pé*. Em *prégar* (*prædicare*), *córar*.

O accento circumflexo (^) serve para indicar os sons graves: *dôr, mercê*. Sempre usado com a letra final *ê*, já se usa muito pouco sobre a vogal *o*: *flor, dor, amor*, que é da escripta usual.

A cedilha (,) serve para indicar o som brando do *c* antes de *a, o, u*: *caça, poço, açude*.

A cedilha (*zediglia*), como o nome indica, era um pequeno *z*, que no italiano e francez antigo exercia função identica: *faczon, leczon* = *façon, leçon*.

A cedilha desapareceu totalmente do *c* inicial: çanefa, çapato, hoje sanefa, sapato.

II

Pontuação (notações syntacticas). Emprego das letras maiusculas

Notações syntacticas são os signaes ou symbolos que auxiliam a comprehensão do discurso escripto. (1)

Estas notações são determinadas pelo sentido e pela necessidade de respirar, como diz Rœrsch. Por isso, estão um pouco ao arbitrio do escriptor, e nem se submettem a regras rigorosas, a não ser em alguns casos.

Entre as notações syntacticas convém distinguir tres classes: uma constituida pelos signaes proprios da pontuação, e que determinam as divisões da parte do discurso: a *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto e a alinea*. A segunda classe abrange os signaes que exprimem commoção, ou um movimento d'alma, e são os *pontos de reticencia*, o *ponto interrogativo* e o *exclamativo*. A terceira classe é constituida por signaes destinados á clareza dos manuscritos; taes são o *hyphen*, as *aspas*, o *parenthese*, o *grypho*, etc.

PRIMEIRA CLASSE

A *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto final* e a *alinea* são signaes da mesma familia e correspondem na leitura a repousos progressivamente mais demorados.

Virgula — Serve para separar os termos de uma serie, ainda quando são ligados por conjuncção, excepto e:

Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.

(1) Esta lição foi escripta (exceptuando o commentario historico), segundo a *Gramm.* de Delbœuf e Roersch. (141-148).

Serve para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é extenso:

O poder que tem o rei de dissolver o Parlamento, é poucas vezes applicado.

Esta regra não é absoluta. Por motivo identico podem ser separados os complementos não essenciaes:

O notavel tragico nasceu em Roma, a 20 de agosto de 1850, em uma terça-feira.

— Emprega-se a virgula nas inversões:

*Dos homens de má fé, não quero occupar-me.
Das ruinas de Herculanium, a mais notavel é o templo de Jupiter.*

— Emprega-se a virgula, quando a proposição é elliptica:

A verdade é clara; a mentira escura.

-- Collocam-se entre duas virgulas a apostrophe, a invocação e as incidentes absolutas:

*Tu, ó Catilina, conjuraste...
Vinde, Senhor, soccorrer aos pobres.
A vida, disse Bias, é um fardo.*

— As proposições incidentes ou intercaladas ficam entre virgulas quando são *explicativas*, mas levam apenas uma virgula no fim, quando são *restrictivas*:

*Napoleão, o primeiro, venceu a Europa.
O sol, que tudo alumia, tambem alumia as choupanas.*

Exemplos do segundo caso:

*O maior segredo que me disseres, será fielmente guardado.
O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

Tambem não é regra que se tenha seguido com rigor.

E' costume empregar, entre virgulas, as expressões: todavia, comtudo, pois, porém:

Era, pois, um verdadeiro poeta.

Emprega-se com palavras repetidas ou em invocação:

- Não, não, respondeu elle.
- Vaidade, tola vaidade, é o que é.
- Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?

A *virgula* corresponde á denominação *comma*, que se encontra nos velhos grammaticos portuguezes Nunes de Lião e outros. O termo *comma* denota a fracção de tom vocal, cujo symbolo material é a virgula; este vocabulo ainda subsiste na arte musical, em relação ás variações intertonicas da voz humana ou dos instrumentos de corda. A *virgula*, desconhecida dos gregos e dos romanos, generalizou-se do seculo VI em diante, e, na escripta, tomava fórmãs e posições diversas. No Virgilio de Medicis (manuscripto do seculo V) encontra-se a virgula esporadicamente com a função do ponto final.

Ponto e virgula. — O ponto e virgula, como a virgula, serve para marcar series de series e opposição de idéas:

Amor, indifferença, odio, respeito; veneração e culto; sobriedade, abstinencia e moderação.

A riqueza que se herda, dura pouco; a riqueza que se adquire, é mais estavel.

— Serve o ponto e virgula para separar proposições coordenadas extensas:

O jornal é um producto da civilização moderna; dá as noticias de todos os pontos do globo; guia e fortalece a opinião publica.

Dons pontos. — Empregam-se antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento:

As virtudes theologaes são tres: Fé, Esperança e Caridade.

Ponto final ou ponto. — Emprega-se no fim do periodo, para indicar o sentido concluido.

O ponto era o elemento exclusivo da pontuação grega. Na declamação, os gregos distinguiram a pausa pequena (*comma*) e pausa grande (*colon*). O ponto indicava essas pausas, collocado em baixo (*comma*) ou a meia altura dos caracteres (*colon*). O ponto no alto da linha denotava interrupção ou sentido completo, tendo a função do nosso *ponto final*. Até o seculo XVII sempre se usou do ponto depois dos numeraes, e assim se escrevia: "A semana tem VII. dias; o mez tem 30. dias". Note-se que este uso só era permittido quando os numeraes eram expressos por symbolos arabicos e romanos, e não por palavras.

Em Camões, Vieira e em todos os classicos tanto vale usar os *dois pontos* como o *ponto e virgula*. A disciplina da pontuação deriva do influxo da literatura franceza, parece-nos.

Alinea. — Emprega-se para distinguir os diversos grupos de idéas do assumpto. Consiste em mudar a escripta para linhas novas quando os factos são distinctos:

Trataremos de tres estudos:

1. Da psychologia.
2. Da logica.
3. Da moral.

A palavra *alinea* deriva-se do latim *a+linea*, isto é, *passa a outra linha*. Impropriamente tem sido varias vezes denominada *paragrapho*, cujo symbolo é §, e indicava quota á margem.

O *paragrapho*, muito commum nos manuscriptos e impressos antigos, hoje apenas se usa na redacção de leis ou é notificado por algarismos no texto dos impressos.

SEGUNDA E TERCEIRA CLASSES

A' *segunda classe* pertencem os signaes que exprimem não só pausa, mas um movimento da alma.

Reticencias. — Empregam-se quando o pensamento interrompido em meio da phrase:

Mas morra enfim nas mãos das brutas gentes
Que pois eu fui... E n'isto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes.

Ponto interrogativo. — Colloca-se no fim de uma interrogação (excepto no discurso indirecto):

Queres ir ?

"Perguntado *quem era*, respondeu que era o prelado."

Ponto admirativo. — Colloca-se no fim de uma exclamação:

O' gloria de mandar! ó vã cobiça
D'esta vaidade a quem chamamos fama!

Ambos os pontos, de interrogação e exclamação, costumavam vir invertidos no começo da phrase, nos livros antigos:

¿ Que cousa é a gloria ?

Este uso ainda persiste no castelhano e serve para dar o tom da declamação na leitura.

Hyphen. — E' um traço horizontal, empregado para separar syllabas, vocabulos juxtapostos e quaesquer grupos de palavras:

A-mi-za-de
Contra-mestre
Dir-te-ei.

A velhice — periodo de desengano — tem a sabedoria da experiencia.

Serve com maiores dimensões para indicar a phrase de um interlocutor:

— *Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.*

Parenthese. — Tem por fim separar uma proposição intercalada que não mantém relações syntacticas com a phrase:

Eu só com meus vassallos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca d'outrem sojugada.

Aspas. — Servem para indicar um trecho citado, quando é textual:

Os *Lusitadas* começam por este verso:

“As armas e os barões assignalados”

O *grypho* ou *italico* (nos manuscritos, palavras sublinhadas) consiste na diversidade da letra para o fim de distinguir qualquer expressão ou indicar um estrangeirismo:

- Estou lendo o *Genio do Christianismo*.
- Jogavam o *foot-ball*.
- Isto é o *nec plus ultra*.

Historia. — A pontuação dos documentos da antiguidade é deficiente e obscura, pelo pouco que se pôde concluir das inscripções mais completas. Sabe-se que o ponto (*colon*) era indicado em baixo ou em cima e ainda no meio da lingua graphica, para indicar repousos diversos. O mesmo succedia com o *comma* (virgula); depois vieram as combinações d'estes signaes: *dous pontos*, *ponto e virgula*. Nos modernos textos gregos o *ponto e virgula* substitue o ponto interrogativo. A combinação *duas virgulas* desappareceu.

Entre os gregos, o *hyphen* consistia em uma figura semelhante a pequeno arco de circulo, posto acima e no fim da palavra para indicar estreita ligação com o vocabulo seguinte:

Na divisão das palavras, um grammatico do seculo XVI (Nunez de Lião) ordena que as *consoantes compatíveis de se ajuntarem* devem ser postas na syllaba seguinte: *ho-spede*, *ca-sto*, etc.

A divisão das palavras torna-se complicado estudo quando se attende a fórmãs de origem estranha, para a divisão das quaes melhor fóra não cogitar da *etymologia* e sim da pronuncia. Máo effeito produzem as divisões, aliás correctas: *hip-her*, *ap-helio* (grego). Damos, todavia, aqui uma pequena lista de divisões de palavras estrangeiras, que não são para ser seguidas, mas não têm, não obstante, a vantagem de recordar a etymologia dos vocabulos:

Elemento grego:

Phil-adelpho.
Phil-adelphia.
Mete-oro.

Cir-urgia.
Dramat-urgo.
Phil-armonica.

Arch-anjo.	Ap-helio.
Ev-angelhos.	Ep-hemero.
Syn-agoga.	Per-helio.
Dem-agogo.	Eph-merides.
Ped-agogo.	Ec-lipse.
Nevr-algia.	Palin-odia.
Mis-anthropo.	Rhaps-odia.
Log-arithmo.	An-onymo.
My-ope.	Syn-onymo.
Aut-opsia.	Patr-onymico.
Cycl-ope.	Aero-stato.
Syn-optico.	Apo-stata.
Tele-scopio.	Systema.

Peri-stylo, etc.

Elemento germanico:

Land-grave.	Esping-arda.
Lans-quené.	Thal-weg.
Skat-ing.	Guind-aste.
Cant-erbury.	Tram-way, etc.

Elemento americano (tupí):

Aba-eté.
Man-iba.
Bara-una.
Parahyb-una.

Ninguém segue esse systema de divisão etymologica.

Nos outros tempos era a pontuação imperfeitissima quasi só consistia em um unico elemento: o *ponto*. A escripturação nos manuscriptos e a gravura das taboas e inscripções não deixavam em geral intervallos entre as palavras.

Entretanto, já os gregos usavam a separação das phrases, escrevendo-as uma em cada linha, á maneira de versiculos (*stichos*).

Esse systema foi adoptado por S. Jeronymo na traducção grega da Biblia, que ainda hoje conserva os antigos versiculos. Os etruscos separavam as palavras por um ponto; os romanos, por dois e frequentemente por tres, segundo o methodo dos gregos. Mas o uso de separar as palavras, como

actualmente se faz, por intervallos em branco, sómente se verifica nos manuscritos posteriores ao seculo XII. (1)

A pontuação definiu-se e tornou-se positiva com a invenção da imprensa e com os progressos da arte de imprimir. Foi um impressor (*Guillemin*) que inventou os symbolos conhecidos pelo nome de *aspas* (*Guillemets*, fr.). Outros impressores crearam o *grypho* ou *italico*, e a diversidade de caracteres que auxiliam a clareza do discurso.

Toda a pontuação da lingua vernacula, segundo o testemunho de Barros, no seculo XVI, consistia no uso de signaes de denominações erroneas: *comma* (dous pontos), *colo* (ponto), *vergas* e *virgulas*.

O uso do *apostropho*, que D. Nunez de Lião só justificava pela *synalepha*, nem sempre foi observado. Os quinhentistas escreviam *Pedrafonso*, *Daguiar*, em vez de *Pedr'Affonso*, *d'Aguiar*.

III. — DO MAIUSCULO

O maiusculo emprega-se no começo do periodo e em começo de phrase que se segue a um ponto:

A luz vem do sol. O sol é uma estrella fixa.

O maiusculo emprega-se com os nomes proprios, nomes de titulos nobiliarchicos, de obras literarias, de mezes, de cousas personificadas, de adjectivos consagrados aos deuses e aos reis:

Manoel
O Conde de Porto Alegre
Os Lusíadas
em Agosto
a Iaveja, a Arte
Rainha Fidelissima.

As composições artisticas de qualquer especie levam o maiusculo:

Leia a Cigarra e a Formiga.
Já viu a Primeira Missa no Brasil?

(1) Natalis — *Palcographia*.

Quando os nomes próprios são compostos de nome *commun* e de adjectivo, é o adjectivo que toma o maiusculo:

a rua *Larga*
o mar *Vermelho*
o lago *Asphaltite*
o monte *Branco*.

A's vezes o nome *commun* tem valor de próprio, e, neste caso, traz sempre o maiusculo inicial:

o *Reino Unido*
os *Estados-Unidos*.

Emprega-se a inicial maiuscula no principio dos versos:

As armas e os barões assignalados
Que da occidental praia lusitana, etc.

Os espanhões não estão por esta regra, e, entre portuguezes, Castilho, Th. Ribeiro e outros adoptaram o systema castelhano, isto é, de só empregar o maiusculo como na prosa.

Os antigos não conheciam caracteres *minusculos*, e nos manuscritos de maior antiguidade até os seculos V e VI só occorrem as letras maiusculas. O habito crescente e cada vez mais disseminado de manuscreever foi que originou o *minusculo*. As pennas dos amanuenses difficilmente sujeitavam-se aos contornos angulares do *maiusculo*, e insensivelmente foram substituindo-os pelas ligações curvilineas que caracterizam o *minusculo*.

Os caracteres gothicos (ulphilianos) perduraram na Espanha até o Concilio de Leão, no qual o cardeal Raynel propoz a adopção dos caracteres italianos, já vulgarizados em França. D'ahi data a decadencia e consequente desaparição da escriptura gothica em toda a peninsula iberica..

- No antigo portuguez, na mesma época classica, os collectivos em geral começavam por letras maiusculas: o *Reyno*, o *Tribunal*, etc., e assim tambem se escreviam com maiuscula os nomes dos mezes (Junho, Agosto) e os nomes gentilios, os *Francczes*, os *Italianos*, conforme ainda é uso na lingua ingleza.

— Nos impressos do seculo XVI frequentes vezes os cognomes e appellidos figuram com caracteres minusculos: *Pedro alvares, Men de sá, etc.*

Tambem era de uso o R maiusculo para indicar o som rr e, assim, escrevia-se — *Razão e teRa* (terra).

A regra do maiusculo inicial dos nomes proprios, deixa de ser observada, quando esses nomes se tornam appellativos. Exemplo: um gole de *cognac*; uma taça de *champagne*, etc.

Nas linguas romanás, o uso das letras minusculas é quasi uniforme. No inglez o pronome I (eu) e no allemão todos os substantivos, escrevem-se com a inicial maiuscula.

No latim barbaro usava-se o i maiusculo para evitar o *id* dobrado: *frumentariI* = *frumentarii*.



NOTAS FINAES

Incluo nesta ultima secção varias observações esparsas e correções ou ainda additamentos e exposição de duvidas que me occorreram ou me foram apresentadas por alguns dos meus mais escolhidos leitores. Já desde muitos annos se acha estereotypada esta *Grammatica*, e por isso não foram feitas as correções apontadas no *Zeitschr. f. rom. Phil.*, por H. LANG, e por LEITE DE VASCONCELLOS (em carta intima), como por exemplo da forma *geu* (=já eu em *nam-já-eu*), e principalmente do segundo dos dous philologos as observações avulsas: *te* é tambem dativo (*dei-te*) e assim *me*, *nos*, *vos*, e por isso se emprega *Ihe* como accusativo em *chamei-Ihe santo*"; os nominativos *Dido*, *Jupiter* (*Juppiter*), *Nero*, etc., são literarios, e não podem estar a par de *Deus*, *Domínigos*. A par de *Marcos* ha em portuguez antigo *Matheu*. Os

nominativos precisam de discussão. *Muu* (*muo*) paralelo a *mua*, *cadella* e *rapariga* são palavras diversas de cão e *rapaz*, não amplamente. Era bom ter posto os prefixos propriamente portuguezes; *ausente* não é formado dentro da nossa lingua; vem do latim já prompto, e assim muitos outros. Tambem era bom ter indicado a funcção de cada suffixo. Na syntaxe acho observações boas".

Certas modificações propostas por LEITE DE VASCONCELLOS foram incluidas nos lugares proprios do texto; algumas, porém, não podem, todavia, ser acceitas.

Esta *Grammatica*, foi escripta para os Gymnasios, onde se não ensina estriictamente a *grammatica* historica, e seguiu as linhas geraes do programma adoptado; por essa razão nunca fiz cabedal de dizer explicitamente

tratando, p. ex., da flexão de genero, que *pae*, *rapaz* são palavras diferentes de *mãe*, *rapariga*, segundo a etymologia de cada uma d'ellas; permiti-me a dizer que umas, em portuguez, como succede em outras linguas, são femininas das outras, e entende-se não na *fôrma*, mas no *sentido*, até porque a differença de fôrma é patente e não permite engano. Quando falei na "*distensão de fôrma*", de *rapaz*, *raparigo* e *cão*, *cadella*, não fui de certo exacto, mas logo no paragraho seguinte da mesma pagina corrijo o defeituoso da expressão, notando as fôrmas antigas ou etymologicas *raparigo*, que existiu, e *catella* (ou talvez *câtella*, como registra Kœrting), diminutivo, o que significa que não attribuindo a mesma origem para o feminino, considero palavras diferentes as duas fôrmas. *cão* e *cadella*, etc.

A reflexão de L. DE VASCONCELLOS acima exposta, de que na phrase "*chamei-the santo*" o *the* é accusativo, é, a muitos respeito, interessante; na linguagem popular do Brasil *the* pôde ser sempre accusativo: *vi-the* (vi-o) e na lingua portugueza archaica deparam-se exemplos d'este uso. O facto de existirem dous accusativos (*chamei-the santo*) tem outros exemplos seguros nos seculos XVI e XVII, se-

gundo observação minha, na phrase "*o ter mão*" (=deter, obstar), "*tenha-o mão*", que occorre uma vez ou outra nos classicos. || Desde a 12ª ed. que a parte pormenorizada da phonologia (*permutas* de letras) que estava estereotypada na da 2ª ed. (1888) e reproduzida nas seguintes, foi de todo supprimida, por inutil ensino; desde muito necessitava mais accurada revisão, e de tal ordem que equivaleria a trabalho inteiramente novo.

INTRODUÇÃO — Pôde ser contestado, por ser materia ainda de duvidas, o pouco que propositadamente ahí dissemos dos celtas, iberos e populações primitivas da peninsula. O melhor para os leitores brasileiros e portuguezes seria ler o livro de critica de SILVIO ROMÉRO — *A Patria portugueza*, onde essas questões ethnographicas são expostas com grande clareza e elevação. || As *etymologias* como são indicadas merecem exame pormenorizado; basta dizer que são na quasi totalidade tomadas de *segunda mão* ou pelo francez ou ainda pelo espanhol, ou pela literatura; se exceptuarmos as antigas fôrmas *arabicas* e *germanicas* e as *indianas* e *americanas*. poucos serão os vocabulos que de sua origem estranha foram

directamente tomados. || *Boné e paletot*. Entre outras observações do illustre mestre CANDIDO DE FIGUEIREDO, as quaes por muito bem cabidas aceitei, como se vê do texto, todavia aportuguezei a fôrma *bonet*, sem fazer o mesmo a *paletot*, porque uns pronunciam *paletô* e outros *paletó*, o que parece indicar que a fôrma exotica ainda se não adaptou á indole prosodica da lingua.

CLASSIFICAÇÃO — Na *classificação* inclúo, por ser cousa inevitavel, muitos factos de syntaxe. Ao meu ver, a grammatica deve ser toda ella syntaxe ou estudo da phrase, sendo as demais partes divisões subsidiarias e até meras definições, ainda que uteis ou indispensaveis. || O *emprego de e* no corpo dos nomes numeraes deveria merecer a attenção dos grammaticos; os numeros que multiplicam não trazem a conjuncção (quatro centos = 4×100 ; tres mil = 3×1.000); os numeros que se sommam trazem-n'a (mil e quatro $1.000 + 4$; vinte e sete, $20 + 7$); por isso fôra preferivel dizer *mil e novecentos* e não *mil novecentos*. || Ha quem não aceite a classificação de *logo* como conjuncção de coordenação. || A observação de que *a* equivale a *e* (dezeseis e dezaseis) não tem lugar; por um hellenismo, se o quizerem, que se acha no latim e nas linguas romanas, e equivale a *mas* e *mais*.

MORPHOLOGIA — Deve estar corrigida. ahi e em outros lugares a etymologia de *menino*, que é fôrma germanica. || *Nominativos*; veja-se a observação de LEITE DE VASCONCELLOS, no começo d'estas notas. || Occorre, por vezes, na exposição da materia a palavra *expresso* (em vez de *expressado*), que ficou da primeira redacção d'este livro; prefiro hoje dizer *expressar* e *expressado* no logar em que escrevia *exprimir* e *expresso*, que são, ao meu parecer, vozes improprias. || *Pequeno* deriva mediatamente de *picca*, pèga. || Etymologia de *averiguar*; leia-se o que excellentemente escreveu GONÇALVES VIANA, nas suas *Apostilas*, tom. I, loco. || *Sandeu* formou-se do feminino *sandica* (melancia), em espanhol) palavra que passou a designar a estupidez (ir. *courge*, *melon*, com a mesma metaphora). E' o que diz SAINÉAN LAZARE — *Zeitschr.* 1907. || *Vendaval* já está em PANTALEÃO D'AVEIRO e talvez seja formação peninsular, extranha ao francez. || *Ausente*; não vejo como seja de mister, como diz VASCONCELLOS, admittir que tenha já vindo formado do latim; da mesma formação temos o archaismo *ausia* (absis,-ida), *ousia* e *au-*

sidia, registrados em Viterbo. || De origem analoga é *apaniguada*, ant. *apaniguado* (*pan* e *agua*); GONÇ. VIANA, *Apostilas*, I, 75. || *Bem*, adverbio ás vezes tido, sem razão, como gallicismo. Que o não é, demonstrou-o HERACLITO GRAÇA, que escreve nos *Factos da linguagem*, com o grande conhecimento dos classicos: “Ha mister outros exemplos de portuguez? Apon-temos alguns, mas exclusivamente de classicos quinhentistas e seiscentistas, quando a literatura portugueza recebia o influxo da espanhola e da italiana, e ainda não predominava o da literatura franceza. “Cavando anda baccello, *bem* cansado e *bem* suado”. Gil Vicente, t. 3, pagina 216. *Farça dos Almo-creves*. “Eu que *bem* mal cuidava que em effeito. Se possesse o que o peito me pedia”. Camões, *Lus.*, c. 4, e. 77. “*Bem* mais cousas e avisos que palavras”. Lobo, *Côrte na Aldeia*, Dial. 3, p. 52. “Feito insigne e *bem* afortunado”. Brandão, *Mon. Lusit.*, t. 1, p. 401. “De algumas çacinas de que ellas estavam *bem* largamente providas”. Mendes Pinto, *Peregrinações*, t. 3, c. 171. “*Bem* continuadamente”. Bernardes, *Paraíso dos Contemplativos*, pag. 230. “*Bem* maior trabalho”. D. F. M. de Mello, *Carta de guia de Casados*, c. 2. “Estando as

cousas neste *bem* ruim estado”. Couto, *Dec.* 6, l. 3, c. 2. “Isso era *bem* mal feito”. Jorge Ferreira, *Ulysippo*, pagina 264. “Quem é aquelle outro de borzeguins amarelos? D’aqui é terrantez, filho de um siseiro e *bem* rico, que dizem que elle é”. Idem, *Eufrosina*, t. 4, sc. 5. “Aquelles que alcançam o officio, ham-se por *bem* ditosos”. Idem, act. 2, sc. 5; “*bem* acondicionado fim.” Ibidem, sc. 6; “*cumpra-a* quem a de tratar, se *bem* acreditado”. Ibidem, sc. 7. Pags. 99—80.” Heraclito Graça, *Factos da linguagem*.

Syntaxe

INFINITO PESSOAL — As regras expostas no texto da *Grammatica* devem ser meditadas *cum grano salis*. Ainda ha muita incerteza na materia e basta apontar os varios pareceres e opinões que foram compiladas no *Diccionario Grammatical*. A estes convém ajuntar as instructivas paginas que escreveu o abalizado mestre DR. CARNEIRO RIBEIRO (*A redacção do projecto doCodigo Civil — Bahia*, 1905, pags. 240 *sequ.*).

A regra n. 5 do texto mereceu a seguinte censura, e *bem* merecida, de CANDIDO FIGUETREDO, na resposta que deu a uma consulta que do Brasil lhe fôra feita. Seguem-se á

resposta outros ensinamentos uteis:

“A proposito do infinito pessoal, vejo numa *Gramática* muito bem conceituada, e que V. conhece, a regra de que se deve empregar o infinito pessoal quando o sujeito, differente do sujeito do verbo principal, é posposto ao infinito como em — *Suceda topares tu com êle*... — “Então, se neste exemplo o sujeito *tu* fôr anteposto ao verbo, não poderá este têr a fórmula pessoal?” Póde (responde C. F.): “*Suceda topares tu*...” — “*Suceda tu topares*...” *Tu topares* não é eufónico, mas é gramaticál. E’ judiciosa a observação de *Um Mineiro* e inclino-me a crêr que a suposta e aludida regra foi redigida num momento de precipitação ou inadvertencia do referido gramático, justamente apreciado entre os melhores. — “Por que é que V., em um dos seus últimos artigos, empregou sob a fórmula de impessoal o verbo *parecêr*, que entra na seguinte frase: A etimologia e a pratica *parece* justificarem... —! *Parecêr* não é empregado ali sob a acepção de *têr a apparencia*? E, nesse caso, não deve ir para o plural, concordando com os dois sujeitos da oração?” Há nesta pergunta de *Um Mineiro* equívocos varios: 1º, *Parece* não é impessoal: é a terceira pessoa,

singular, do indicativo... 2º, *Etimologia* e *prática*, não são nem podiam ser o sujeito de *parece*. Mas eu sei o que *Um Mineiro* quer dizer. Se eu escrevêsse: — A etimologia e a pratica *parecem* justificar, — *Um Mineiro* nada objectaria, porque realmente nada haveria que dizer. Mas, como eu transformei a construcção, tornando *etimologia* e *prática* o sujeito de *justificarem*, e servindo-me da oração infinitiva como sujeito de *parece*, *Um Mineiro* hesitou sobre a gramaticalidade daquilo. Mas não ha razão para hesitar: o verbo principal é *parece*; o sujeito é o *justificarem*, que, por isso mesmo que póde sêr precedido do artigo *o*, não póde sêr sujeito de um verbo no plural: — *O justificarem parece*... São correntes e vernaculissimas as duas fórmulas: — *Parecem têr* juizo os meus amigos. Ou: — *Parece terem* juizo os meus amigos que é o mesmo que: — *Parece* que elles têm juizo. Como a oração integrante e a oração infinitiva podem ser sujeito de um verbo principal, *uma só* acção secundária ou subordinada não póde pluralizar o verbo, de que é sujeito. Em summa: o plural, que *Um Mineiro* procurava inutilmente em *parece*, encontra-o em *justificarem*. Se eu dissesse *parecem*, não teria dito *justificarem*, o que seria descon-

chave de grande marca; mas diria *justificar: parecem justificar...* Ainda terá dúvida *Um Mineiro? Não me parece.*"

COLLOCAÇÃO E COMBINAÇÃO DE PRONOMES — Ao que ficou escripto ajuntem-se os seguintes trechos tomados de artigos avulsos de CANDIDO DE FIGUEIREDO, a cerca da collocação dos pronomes: I. Interrogando, *em portuguez*, nunca se diz: — "Em que os homens encontram mais prazer? — Em que os versos valem mais do que a prosa? — Em que o dinheiro pôde substituir o talento?" O senhor Paulino de Brito terá ouvido e lido phrases taes na sua terra; em Portugal nunca as ouvirá, nem se lhe depararão em bons escriptores portuguezes. O que se diz cá e o que os mestres dizem é isto: — "Em que pôde o dinheiro substituir o talento?" — "Em que valem os versos mais do que a prosa?" — "Em que encontram os homens mais prazer?" Ou isto, se bem que menos euphónico: — "Em que é que os homens encontram mais prazer?" — "Em que é que os versos valem mais do que a prosa?" — "Em que é que o dinheiro pôde substituir o talento?" — "Em que é que a collocação dos pronomes pôde ferir, etc.?" II. Os vocabulos portuguezes, como os italianos e os espanhóis, formam tres

categorias, com referencia ao acento tónico: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos, ou, — como se dizia dantes, — *agudos, graves e esdrúxulos*. Mas não confundamos. A enclise, bem como a proclise, não envolve um dos elementos constitutivos dos vocabulos que a subordinam. Quando nós dizemos: *eu lhe dei*, servimo-nos de tres vocabulos; e, portanto, se dissermos *eu dei-lhe*, ficaram os mesmos tres vocabulos. No primeiro caso, o *lhe* é proclítico; e, no segundo, enclítico. Se *lhe dei* não é nem pôde ser uma palavra só, também *dei-lhe* o não será. O híphen não põe nem tira nada á essência vocabular da phrase. Ora, se em *dei-lhe* temos dous vocabulos, embora um subordinado ao outro, parece claro que em *amassemo-lo* temos igualmente dous vocabulos: um é o pronome proclítico *lo*; e outro é o verbo *amassemos*; aquelle não tem accentuação propria, como a não tem qualquer particula enclítica ou proclítica; e este é um vocabulo proparoxítono, pertencendo, portanto, a uma das tres categorias dos nossos vocabulos. Não vejo por isso fundamento na affirmação do Sr. Paulino de Brito: que *amassemo-lo* é inadmissivel na lingua portugueza. Fórmulas identicas são vulgares na linguagem corrente, por

exemplo : — “ *Afigurasse-me que não é verdade.* ” — “ *Contavam-se-lhe os amigos aos centos.* ” — “ *Esquivassemo-nos nós ás suas instancias, e não nos arrependeriamos.* ” E depois, a não ser á conta da euphonia, creio bem que os mais escrupulosos escriptores nunca hesitaram no emprego daquellas fórmas; e comprova-lo-hei, quando para tanto me sóbre pachorra e tempo. Por agora, apenas lembrarei que taes expressões são tão antigas na lingua, que as tenho aqui exemplificadas em documento do seculo XVI. Numa carta de D. João III (Torre do Tombo, Chancellaria, *Doações*, livro 40, folhas 215), lê-se: — “ *Notifico-volo asy...* ” Aqui está, pois, uma expressão que o Sr. Brito considera uma só palavra, e, portanto, inadmissível na lingua portugueza... Dos escriptores modernos poderei citar-lhe o respeitado Camillo, o qual, no prologo das suas *Estrellas Funestas*, escreveu isto: — “ *Estiveram os apontamentos a *obvidarem-se-me* na escuridade...* ” Não aceito a doutrina, mas é digna de registro.

A PARTICULA PRONOMINAL — SE. — A questão do pronome SE considerado como *sujeito* ou *objecto*, tem attrahido ultimamente a attenção de muitos grammaticos. São dignas de leitura as instructivas mo-

nographias escriptas nestes dous annos passados pelo CONEGO BRAGA (do Paraná), por Americo Brasiliense ANTUNES DE MOURA (de S. Paulo) e o *Ensaio linguistico* de OTHONIEL MOTTA (Jahú — S. Paulo), além de outros de que não tenho conhecimento directo. Para o CONEGO BRAGA e A. DE MOURA, o pronome *se* pôde ser e é effectivamente o sujeito em varias proposições de sentido geral. No texto d'esta *Grammatica*, como na *Selecta Classica*, digo que, pelo menos na linguagem de hoje, o *se* deve ser analysado como sujeito, quando corresponde ao *on* dos francezes, a *um* e *homem* da linguagem classica, nos casos identicos aos do emprego actual do *se*. Ainda a respeito da funcção do pronome SE, leia-se o comunicado de ALVES AMORIM, que vae transcripto adiante na parte da *Analyse logica*. || AMBIGUIDADE OU AMPHIBOLOGIA. — Não está bem explicado que os primeiros exemplos ahi apontados, tomei-os da *Gramm. castelhana* de ANTONES BELLO, aliás citado em nota.

Analyse logica

ANALYSE. — Para perfeita intelligencia do assumpto é muito de lêr-se o moderno *Manual de Analyse*, do professor Oiticica, livro em que ha muito que aprender e

aproveitar. Comtudo, sou pessoalmente infenso ás doutrinas geraes de analyse logica, não porque sejam erroneas ou inadptaveis ao ensino, mas porque não ensinam coisa alguma do idioma. As questões de analyse logica são as que mais excitam o interesse dos professores brasileiros. Creio que haverá excesso nesta paixão e que resulta do proposito de explicar *analytically* muitas das palavras, idéas e phrases que são pensadas e só valem como actos syntheticos. Nas minhas lições de portuguez, feitas no *Pedagogium* do Rio de Janeiro, a *Analyse logica* foi completamente eliminada por inutil ou insignificante. Sempre me pareceu que conhecidos os termos essenciaes da proposição, todo estudo ulterior e pormenorizado de divisões, subdivisões e classificações de phrase e talhos de phrase, nada ou quasi nada aproveita a quem quer estudar a lingua vernacula, e faz parte do que antigamente se chamava a *Grammatica geral filosofica* ou *systema* mais ou menos logico applicavel a todas as linguas. Tenho visto que muitos alumnos de portuguez sabem talvez *analyse*; mas não sabem ler, nem entender o que lêem, e ainda menos escrever correctamente, sem falar aqui do que ignoram da historia da lin-

gua. O methodo que adoptei nas minhas aulas foi o da *analyse dos vocabulos*, isto é, a sua formação historica, a dos elementos morphologicos e prosodicos, a boa pronuncia, a certa significação, o emprego syntactico, a synonymia, a collocação, as flexões e variações, isto é, em uma palavra, o sentido e a fórma, que só se comprehendem cabalmente na phrase ou no discurso.

O assumpto, entretanto, da *analyse logica* é e continúa a ser objecto de predilecção de quasi todos os mestres e por isso aqui incluo as observações, algumas excellentes, que me foram feitas por distinctos professores, as quaes envolvem reflexões sobre outras materias congeneres:

ANALYSE. DIVISÃO DA PROPOSIÇÃO. I. "Diversos grammaticos que tenho lido dividem a proposição composta em composta por coordenação e por subordinação. Não me satisfaz esta divisão ou eu não a entendo, porque "a proposição composta é a reunião de varios sentidos absolutos coordenados entre si." Ora, na proposição composta por subordinação dá-se justamente o contrario do que expõe a regra citada, como facilmente verificaremos. Na proposição composta por subordinação ha uma principal e subordinadas que lhe são comple-

mentares. A oração principal é por si só um sentido absoluto, mas a subordinação não. Logo, ellas podem estar coordenadas entre si e não com a principal, porque são completamente independentes e a subordinada não tem, como se sabe, a função da principal. Penso que se aceitando a composta por subordinação, admite-se a equiparação da subordinada á principal, o que não se verifica diante das leis do raciocínio, não podendo haver, portanto, proposição composta por subordinação, que é simples e unicamente a proposição complexa ou ampliada. No caso da composta por coordenação, nada tenho que me deixe em dúvida, porque as coordenadas são sentidos absolutos, são proposições simples ou complexas reunidas e ligadas pelo sentido para a organização do período. Se separarmos as coordenadas, cada uma de per si fará sentido perfeito; e, se separarmos as subordinadas, nem uma d'ellas fará sentido perfeito. Este facto mais uma vez demonstra que não pôde existir proposição composta por subordinação. Vejamos claramente pelos exemplos: *Julio Cesar, que foi um grande general romano, venceu os barbaros*. Este exemplo é da sua grammatica do 3º anno e lá figura como proposição complexa e nisso estamos ple-

namente de accôrdo. Outros grammaticos, porém, vêem ahi a proposição composta por subordinação, como tambem nest'outro exemplo que me occorre: *Vem á minha casa, quando voltares, porque desejo á tua presença que é muito cara*. Agora a proposição composta por coordenação: *Chegou, viu e venceu*. (Três coordenadas simples.) *Eu leio as minhas lições e espero que faças o mesmo*. (Duas coordenadas: uma simples e uma complexa.) *Quando se estuda com vontade, muito se lucra; mas quando não ha força de vontade, de nada vale o livro que se procura sempre com desamor*. (Duas coordenadas complexas.) Haverá, portanto, igualdade entre estas e aquellas proposições, ou haverá mesmo proposições compostas por subordinação?

“O segundo ponto d'esta carta com que estou a aborrecel-o, versa sobre uma questão velha que está por isso condemnada pelos competentes, que, no emtanto, já deviam tel-a resolvido. Falo d'esse pomposo adjectivo com que os nossos colonisadores chrismaram-nos, chamando-nos por desfastio ou por desprezo natural ou colonizador ao colonizado de *brasileiros*. Toda gente sabe que o suffixo *eiro* não designa nacionalidade, salvo se, applicado

a nós, elle tomou esta significação. Quando os senhores donatarios nos deram este titulo ou este rotulo, não queriam dizer certamente com isso que nós eramos nascidos no Brasil e sim meros cortadores de páu brasil, da mesma fórmula que chamaram ao filho de Minas-Geraes *mineiro*, querendo significar que elle era, não o nato d'esse Estado do Brasil, mas o trabalhador de minas. Não haverá um meio de tirarmos de sobre nós esta pecha desairosa e offensiva ás leis da grammatica? Facilmente, me parece, resolver-se-ia este caso, abrindo em toda a imprensa uma propaganda tenaz que se reproduzisse nas Escolas, nos Clubs literarios, nas Revistas e nos Livros. Convém ensinar ao povo a significação da palavra *brasileiro*, de maneira a convencel-o á luz da razão de que a palavra com que designamos o filho do Brasil é *brasiliense* ou *brasiliano*. Por esta razão deve dizer-se *mineirense*. Farei uma tentativa infructifera?" — THEODORO RODRIGUES.

II. 1.^a O compendio, ao mesmo tempo que expõe o methodo de "analyse de relações", traz, o antigo methodo, em que os elementos secundarios se denominam "complementos". Em uma obra didactica parece-ser ser isso um defeito. Já assistí a um exame,

aliás em bom collegio, onde os alumnos julgavam, como coisas muito differentes entre si o adjuncto attributivo e o complemento appositivo e o determinativo. Como convém simplificar o mais possível a analyse, evitando sobrecarregar a memoria do alumno de termos dispensaveis, eu me animo a lembrar-lhe a supressão do cap. "Complementos", adaptando aos termos da "analyse de relações" a que ahi se encontra sobre syntaxe de regencia. 2.^a O compendio define "proposição simples" a que se compõe unicamente de sujeito e de predicado. A ser assim, deve-se considerar "simples" a proposição "convém ir ao Rio", que consta sómente do sujeito "ir ao Rio" e do predicado "convém", quando é ella "complexa". Figura-se-me, pois, inexacta a definição. Não seria conveniente restabelecer o uso do termo "periodo" para exprimir a proposição completa por si ou o conjuncto de proposições terminadas em ponto final? "Periodo simples", definir-se-ia, então, o que é formado de uma proposição; "complexo", o que contém duas ou mais proposições, etc.; "composto", o que consta de proposições, que têm a mesma funcção. Ao contrario de Julio Ribeiro e outros, acho o termo "periodo" preferivel á "senten-

ça”, que é propriamente uma maxima, etc. 3.^a O compendio, diz que as de nominações “asyndeticas e syndeticas” nenhuma vantagem têm sobre as outras. Quaes outras? Elle apenas dá a denominação “collateral”, correspondente á “asyndetica”, esquecendo-se de mencionar o termo equivalente á “syndetica”. 4.^a O compendio adopta para os equivalentes — adverbias as expressões “locução adverbial”, adjuncto adverbial”, “clausula adverbial”, e para os equivalentes — adjectivos as denominações “locução adjectiva”, “clausula adjectiva” e “adjuncto... attributivo”. Não fôra melhor uniformar tambem esta ultima nomenclatura, dizendo “adjuncto adjectivo” e não “attributivo”? Além de que é este termo usado por alguns grammaticos (Bento de Oliveira e outros) como synonymo de “qualificativo”, ao passo que o “determinativo” serve igualmente de “adjuncto attributivo”. 5.^a A regra de concordancia do sujeito colectivo, á pag. 147, não se me figura claramente enunciada: Quando o colectivo é seguido de *um determinativo do plural*, etc. Por esta ultima expressão se entende communmente “adjectivo determinativo do plural” e não “complemento determinativo do plural”, e assim mais claro talvez ficára formular a

regra por esta fórma — Se o sujeito é um colectivo partitivo singular, seguido de um substantivo do plural ligado pela preposição “de”, o verbo vae geralmente para o plural. 6.^a Como as proposições coordenadas, que formam o periodo composto, consideradas em si equivalem a periodos simples ou complexos, costume dividil-as em coordenadas simples e complexas, analysando então cada uma dellas como se fôra periodo simples ou complexo. Não conviria dar essa divisão ás coordenadas? 7.^a O compendio refere-se a connectivos, cuja explicação se esqueceu de dar. Parece-me conveniente dar a definição de “connectivo” e de elemento emocional”, termos necessarios á analyse e empregados pelo prof. Alexander.” FIRMINO COSTA.

III. “Sou dos que se interessam pela pureza do seu idioma. Julgo um dos maiores e mais fortes attestados que se deve procurar da grandeza de um povo, a maior ou menor pureza observada na lingua do mesmo. Quando um paiz tem a lingua corrompida, é porque o seu povo está perdendo ou perdeu o character nacional. No Brasil, e mais ainda em Portugal, este phenomeno largamente se observa. Para mim, como para Edmundo de Amicis, “sono una cosa,

patria e lingua, pensiero e parola, parôla e vita". "Si dice che l'uomo vale per quello che sa; — diz o mesmo escriptor — ma vale anche in gran parte per come sa dire quello che sa".

"E' já tempo de cuidar das questões supra-alludidas.

"Foi mesmo o Mestre que me fez saber é o estudo comparado das linguas providas de um só tronco, a maneira preferivel para se obter o acerto das expressões na lingua vernacula. Isso a proposito de *se* sujeito — *gallicismo*. O mestre cita — *on parle*, — *on dit*. Em seguida lembra não haver na declinação do *se* latino, o caso sujeito. Tornei-me apostolo intransigente do *se* sujeito-*gallicismo*, combatendo em prol das opiniões do Mestre em discussões e em lições a que fiz parte. Este anno iniciêi o estudo do italiano. Esta lingua, como o portuguez, deriva do latim, e mais do que a nossa do latim se aproxima. Com extraordinario espanto meu, deparou-se-me no italiano, se não ha engano de minha parte, o *se* como sujeito. Senão, vejamos. Alighieri Dante começa assim a terrivel inscripção que diz ter lido, em sua visão, gravada á porta do Inferno: — "*Per me si va nella città dolente*". Lendo a traducção deste verso feita pelo Barão

da Villa da Barra, traducção feliz, no dizer do Sr. Araripe Junior, deparou-se-me isto: — "*Por mim se chega ao reino doloroso*", muito semelhante á traducção de Littré, citada tambem pelo Sr. Araripe: — "*Par mois l'on va dans la cité dolente*". Ora, confrontados o original e as duas traducções, nenhuma d'ellas apresenta, na parte referente ao caso em questão, differença alguma. E o sujeito das tres é — *si* — *se* — *on* (ou *l'on*, como requerem a euphonia franceza), em resumo, o pronome *se*. Portanto, *si* o *se*, *on*, foi sujeito no francez, foi-o tambem no italiano (*si*), como o foi no portuguez do Barão da Villa da Barra, portuguez feliz para Araripe Junior. Concluindo, penso — e desejava o illustre Mestre me dissesse *si* vou em erro assim pensando — que o *se* sujeito em portuguez não é lá quanto isso condemnavel: e assim como é *gallicismo* pôde tambem ser *italianismo* e para mim é mais isto que aquillo. Expliquemo-nos: Dante (é, creio, não ha corrupção no italiano de Alighiere) escreveu — *si va* — e *si va* mais se aproxima de *se chega* — ou *se vae*, que de *on va*. — Digo assim, porque, para mim, o equivalente em portuguez do *on* francez não é positivamente *se*, como geralmente dizem,

mas esse como idiotismo comum que nós temos na expressão — *a gente*, por *nós*. Ora, o *on* francez é uma corrupção de *homo* latino; por conseguinte, phrases como *on va*, *on dit*, *on parle*, etc. — (que, requerendo-o a euphonia, precedem do artigo *le*, para melhor semelhar-se ao nosso *a gente*) têm o valor positivo de — *o homem diz*, *vae*, etc., que em melhor traducção diríamos como familiarmente dizemos: — *a gente vae*, *a gente diz*, *a gente fala*, etc. El deante d'esses raciocínios que hei feito, que julgo hoje o *se* sujeito, apenas uma expressão feia na maioria dos casos, e como que sem logica, porém não tão condemnavel em portuquez, visto ser, no meu entender, mais *italianismo* que — *gallicismo*. Póde dar-se tambem o caso de que o meu pouco estudo do italiano, não consinta veja eu bem a analyse que se deve dar ao citado verso de Dante. Certo é, porém, que por mais que investigue, não descubro alli a possibilidade de outro sujeito que não o *si*.

“Ha poucos dias o meu amigo Paulino Santiago, tambem dado a essas investiga-

ções, narrou-me o seguinte, que tambem já lhe havia sido narrado: Ha uma grammatica portugueza de um padre que tratando de *se* sujeito, apresenta esta questão: “mulheres se tratam com delicadeza”, significando que “mulheres devem ser tratadas, etc.”; neste exemplo, diz o padre, si dissessemos — *mulheres se trata*, etc. — fôra erro — e dizendo como lemos acima dá-se a *ambibologia*: isto é, não sabemos se “as mulheres devem ser tratadas com delicadeza” — ou se alli se dá a voz reflexa. Dos exemplos que se me têm apresentado, como *um becco sem saída* de *se* sujeito — o do padre é o mais razoavel. Mas ha ainda que perguntar: — porque em vez de aquillo não diremos mesmo: “as mulheres devem ser tratadas com delicadeza”; ou melhor: — “nós devemos tratar as mulheres com delicadeza”; ou ainda melhor: — “tratemos as mulheres com delicadeza”?... Em todo o caso, o padre apresenta uma questão mais digna de attenção do que muitas que se me têm apresentado, como, por exemplo — *só no céu se vive*.” — ALVES DE AMORIM.



INDICE

Grammatica portugueza	3
Expressões da lingua portugueza.....	4
Advertencia	5
Prolegomenos	9
Phonetica	17
Consoantes	22
Transformações phoneticas	29
Accento e quantidade	40
Origem das letras. Leis.....	48
Alterações phonicas especiaes.....	54
Metaplasmos	54
Elisão	61
<i>O vocabulo</i>	65
Classificação	67
Substantivos	69
Qualificativos	77
Determinativos	80
Pronomes	88
Verbos	93
Palavras invariaveis	100
Familias de palavras. Raizes.....	106
<i>Morphologia</i>	113
Raiz e affixos.....	116
Genero, numero, caso.....	124
Numero (observações), genero.....	136

Declinação	138
Estudo historico da flexão.....	141
Grão	147
Flexão dos determinativos.....	154
Conjugação. Tempos etc.....	159
Quadro synoptico	166
Conj. regular	168
Terminação dos verbos.....	171
Conj. de auxiliares.....	174
Conj. completa	179
Conj. dos v. irregulares.....	186
Observações supplementares	193
Derivação — composição	197
Prefixos	201
Suffixos	212
<i>Syntaxe</i>	221
Concordância	225
Syntaxe do subst. e do aljectivo.....	237
Synt. possessivos etc.....	248
Synt. pronome pessoal.....	259
Synt. do artigo.....	264
Indef. e partitivos.....	271
Synt. dos verbos.....	272
Synt. do infinitivo e participio.....	285
Syntaxe das palavras invariaveis	296
Diffituldades de concordancia	316
Usos de <i>haver</i> e de <i>se</i>	327
Ordem e collocação das palavras.....	335
Collocação dos pronomes.....	343
Figuras de Syntaxe.....	350
Anacholuto	357
Vicios de linguagem.....	361
Gallicismos	366
Ambiguidade	371
Archaismos syntacticos	374

Analyse logica	380
<i>Idem.</i> Proposições	387
<i>Estudos complementares</i>	399
Formação do lexico	401
Allotropismo	418
P. variaveis formadas na lingua.....	420
P. invariaveis formadas na lingua.....	423
<i>Etymologia</i>	427
Principios geraes	429
Etymol. de substantivos	434
Etymol. de artigos e determinativos.....	436
<i>Id.</i> Pronomes	440
<i>Id.</i> Verbos. <i>Conjugação</i>	441
<i>Id.</i> Verbos irregulares	447
<i>Id.</i> Palavras invariaveis.....	454
<i>Semantica</i>	459
Noções de semantica.....	461
<i>Appendice</i>	469
Accentos graphicos, pontuação.....	471
Notas finaes	483